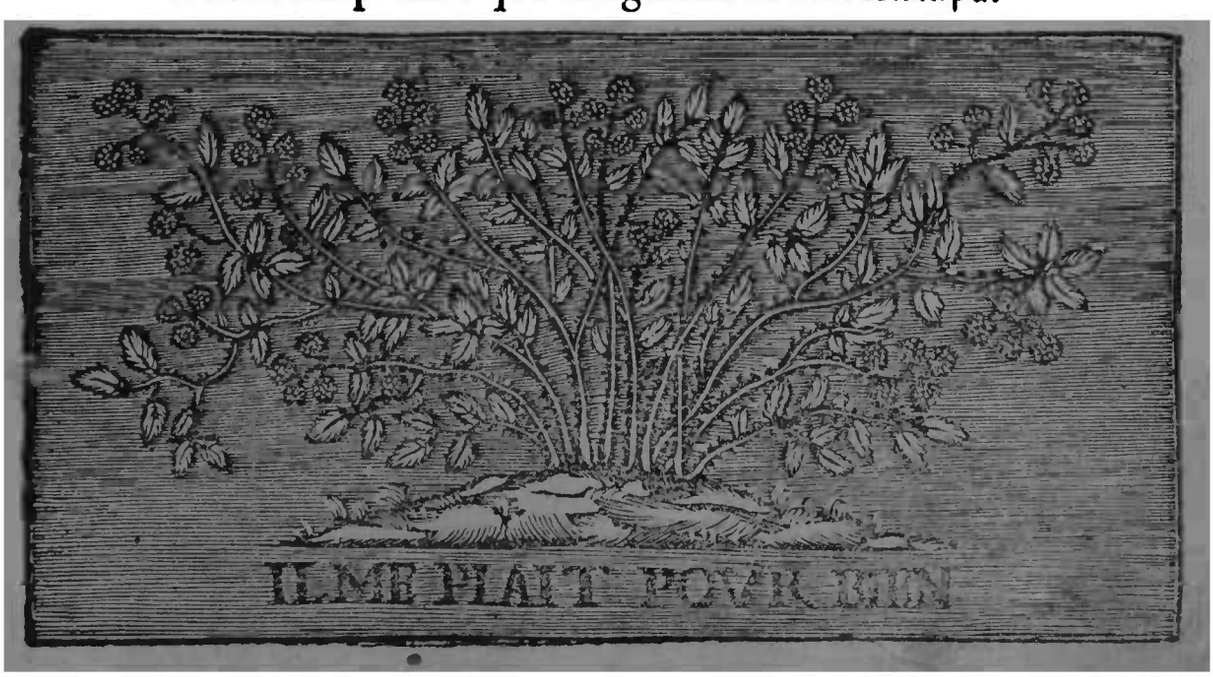
Ie ne fay rien
sans

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris
José Mindlin




Fué ſu Empreſa la que va figurada en eſta eſtampa.



# CHRONICA
# DEL REY D. IOAM. I.
## DE BOA MEMORIA,
E DOS REYS DE PORTVGAL O DECIMO.

PRIMEIRA PARTE.

*EM QVE SE CONTEM A DEFENSA M*
*do Reyno atè ſer eleito Rey.*

OFFERECIDA A MAGESTADE DELREY
D. IOAM O IV N. SENHOR
DE MIRACVLOSA MEMORIA.

*COMPOSTA POR FERNAM LOPEZ.*



Anno de 1644.

*EM LISBOA. Com todas as licenças neceſſarias.*
A cuſta de Antonio Aluarez Impreſſor DelRey N. S.

# LICENÇAS.

POR mandado do Concelho Geral do S. Officio vi esta Primeira parte da Chronica Del Rey DOM IOAM o Primeiro de gloriosa memoria, cõposta por Fernão Lopez Escriuão da Puridade do Infante D. Fernando, & não tẽ cousa, q̃ encõtre nossa S. Fé, ou bons costumes, antes será muy proueitosa para animar os Portugueses deste nosso tẽpo, a q̃ cõ maior feruor defendaõ o seu Reyno imitãdo taõ glorioſos antepassados. Lisboa no Cõuẽto da Ss. Trindade, em 27 de Outubro de 1642. *O D. Fr. Adrião Pedro.*

VI por ordem dos Senhores do Concelho Géral do Sancto Officio esta Primeira parte da Chronica Del Rey DOM IOAM o Primeiro de glorioſa memoria, composta por Fernam Lopez Escriuão da Puridade do Infante Dom Fernando filho do mesmo Rey DOM IOAM, & naõ achey nella cousa algũa contra nossa Sancta Fé, ou bons costumes, antes em toda esta historia se mostra com singello, & naõ affectado estylo o zelo da honra de Deos, & amor da patria, que nos Portugueses daquelle tempo ardia, para louuor dos quaes tam merecido por seus excellentes feitos, quando não teueramos deste liuro outros proueitos, era bem, que se imprimisse; quanto mais que os exemplos, que nos deraõ saõ poderosos para efficazmente nos obrigar aos imitar. E assi me parece esta Chronica dignissima de sahir a luz. São Domingos de Lisboa 14. de Nouẽbro de 1642. *O M. Fr. Ignacio Galuão.*

*VISTAS as informãçoens, pode se imprimir a Primeira parte da Chronica Del Rey DOM IOAM o Primeiro de glorioſa memoria, Autor Fernão Lopez, & despois de impressa tornarà ao Concelho para se conferir com o Original, & se dar licença para correr, & sem ella naõ correra. Lisboa quatorze de Nouembro de 1642.*

Fr. Icão de Vasconcellos. Pedro da Sylua.

Francisco Cardoso de Torneo. ✠ 2 Diogo de Sousa

POdeſe imprimir. Lisboa 27. de Nouèmbro de 1642.

*O Biſpo de Targa.*

NA M achey neſta Chronica DelRey DOM IOAMo Primeiro de glorioſa memoria couſa, por onde ſe poſſa negar a licença, que pedem para ſe imprimir. Lisboa 31. de Dezembro de 1642.

*Diogo de Payua de Andrada.*

QVE ſe poſſa imprimir eſta Chronica, viſto as licenças do Sancto Officio, & Ordinario, que offerece, & deſpois de impreſſa torne para ſe taxar, & ſem iſſo não correrà. Lisboa 13. de Ianeiro de 1643.

*Ioão Sanches de Baena.* *Ioão Pinheiro.*

*Dom Rodrigo de Meneſes.*

ESta Primeira, Segunda, & Terceira parte da Chronica DelRey Dom Ioão o Primeiro, eſtão conforme com o ſeu original. Lisboa em 18. de Agoſto de 1644. *OD. Fr. Adrião Pedro.*

VIſto eſtar conforme com o original podem correr eſtes liuros. Lisboa 19. de Agoſto de 1644.

*P. da Sylua. Franciſ. Cardoſo de Torn. Pantal. Rõrz Pacheco.*

TAixão eſtes tres liuros da Chronica DelRey D. Ioão o Primeiro de Boa Memoria em dous mil reis em papel. Lisboa 27. de Agoſto de 1644.

*I. Pinheiro. M. A. Coelho. Ribeiro. Cazado.*

# SENHOR.



M A CHRONICA, QVE O anno de 1642. q̃ imprimi dos Sereniſſimos Reys de Portugal DOM IOAM o Primeiro, Dom Duarte ſeu filho, & Dõ Affonſo Quinto ſeu neto, ſe referiraõ em breue compendio ſuas virtudes, & prozezas na forma, que o Licenciado Duarte Nunez de Leão as tinha já com licença recopiladas: para auiuar de nouo a lembrança, com que ſe conſeruão ſempre viuas eſtas memorias, & ſe vencer com a publicação dellas, o impedimento, que com a inuaſam neſtes Reynos DelRey Catholico DomFelippe de Caſtella ſe occaſionou para ſe ocultarem em cuidadoſo ſilencio as victorias, & glorioſas empreſas, porque o Sereniſſimo Rey DOM IOAM o primeiro mereceo ſer acclamado, & eleito por Rey, ſendo nouo Reſtaurador, & em certo modo Fundador do Reyno, & com que o ſoube ſegurar com a celebre batalha de Aljubarrota, conſerualo com as de Valuerde, Trancoſo, & outras, & vltimamente augmẽtalo, & engrandecelo com a glorioſiſſima conquiſta de Ceita, em que ſe lhe offerecerão ao meſmo paſſo das difficuldades, & riſcos, victorias, & glorias, em q̃ ſe vê tanto de verdadeiras, quanto de impoſſiueis. E porq̃ era juſto, q̃ a Chronica deſte Sereniſſimo Rey ſe imprimiſſe mais por extenſo, como ſe achou eſcrita em tres partes, por os Chroniſtas Fernão Lopez, &

GomezEannes D'Azurara, em o tẽpo, q̃ já Voſſa Mageſtade tam felicemente, em conſeruaçaõ de ſeu direito, recobrou os Reynos, que a violencia injuſtamente lhe tinha vſurpados, reſtituindo os a ſua linha, defendendo os, & conſeruádo os á imitação do nome, valor, prudencia, magnanidade, & fortuna de tam glorioſo Principe, me deliberey, mouido do zelo da patria, & do ſeruiço de Voſſa Mageſtade a dar á impreſſaõ eſta Chronica do Sereniſsimo Rey D. IOAM o Primeiro de quem Voſſa Mageſtade glorioſamente deſcende, não ſó por ſer pay do Senhor Dom Affonſo primeiro Duque da Sereniſſima Caſa de Bragança, que caſou com a Excellentiſsima Senhora Dona Briatiz filha vnica do grande Condeſtable Dõ Nuno Aluarez Pereira progenitores de Voſſa Mageſtade, mas ainda pela deſcendencia Del Rey Dom Duarte, de quem Voſſa Mageſtade traz a ſucceſſaõ direita da Caſa Real, & herança deſtes Reynos, & de ſuas Conquiſtas, Eſtados, & Senhorios. O zelo da patria moſtro em publicar as virtudes de hum Rey Pay delle, & o deſeruiço de Voſſa Mageſtade em o reconhecer, neſta offerta, por herdeiro dellas no direito do ſangue, ſucceſſaõ, & imitação. Cuja Real peſſoa noſſo Senhor guarde, &c.

*Antonio Aluarez.*

# A IOAM RODRIGVEZ DE SÂ, E MENESES CONDE DE Penaguião, Camareiro mòr de Sua Mageſtade, &c.



*ANDARAM SEMPRE EM competencia Letras, & Armas, mas em voſſa Senhoria ſe acham tam vnidas, que ſe pode bem dizer tal vez armado Apolo, tal vez gendando Marte, pois deixando no anno paſſado tam crito o ſeu nome, nas glorioſas empreſas, em que ſe [illegible] nas entradas, que fez o noſſo exercito nos Reynos de Caſtella & tomada de ſuas forças, agora tanto que ſoube voſſa Senhoria da memoranda batalha dos Campos de Montijo, foi o primeiro, que deixando ſua caſa, & regalo, & ainda aſsiſtencia peſſoal, que por razão do cargo tẽ junto á peſſoa Real (por ſeruir mais calificada, & arriſcadamente) ſe partio para Campo Mayor offerecido aos perigos, que ſe offereceſſem, donde reconhecendo, que a reſpeito da victoria alcançada pelas armas de Sua Mageſtade, nam era neceſſaria ſua preſença naquella praça, voltou voſſa Senhoria ao exercicio do Paço, em que he exemplar tam continuo, em beneficio do Reyno, que ſendo digno de ſer imitado, o nam pode ſer de muitos. Eſtes motiuos me incitaram, a imprimir eſtas Chronicas, ſabendo que voſſa Senhoria deſejaua, que ellas ſahiſſe á luz, confiado em que voſſa Senhoria álem de a eſtimar, a poderia melhor offerecer em meu nome a Sua Mageſtade. Hũa, & outra couſa eſpero de voſſa Senhoria, a quem Deos dé largos annos de vida com felice augmento de proſperidades.*

*Antonio Aluarez.*




# AQVI COMEÇA A CORONICA DELREY DOM IOHAM DE BOA MEMORIA O Primeiro deſte nome, & dos Reys de Portugal o decimo.

*CAPITVLADA, E COMPOSTA POR FERnão Lopez Eſcriuão da Puridade do Infante Dom Fernando, filho do meſmo Rey Dom Ichão.*

A QVAL CORONICA O DITO FERNAM IOPEZ fez por mandado DelRey Dom Duarte, ſendo Principe.

## CAPITVLO PRIMEIRO,

*REZOENS EM PROLOGO DO AVTOR deſta obra, ante que fale dos feitos do Meſtre.*

GRANDE LIcença deu a afeiçaõ a muitos, q̃ tiueraõ cargo de ordenar hiſtorias, mórmente dos Senhores, em cuja merce, e terra viuiaõ, e onde forão nados ſeus antigos auôs, ſendolhe muyto fauoraueis no recontamento de ſeus feitos. E tal fauoreza, como eſta, nace de mũdanal afeição, a qual não he, ſaluo conformidade de algũa couſa ao entendimento do homem. Aſſi que a terra, em que os homens, por longo coſtume, & tempo, forão criados, gèra hũa tal conformidade antre o entendimento, & ella: q̃ auendo de julgar algũa ſua cou

ſa aſſi em louuor, como por cõ trairo, nunca por elles he direitamente recontada, porque louuãdoa, dizem ſempre mais daquello, & ſe doutro modo naõ eſcreuerem ſuas perdas tão minguadamente, como acontecerem, outra ccuſa gera ainda eſta conformidade, & natural inclinaçāo, ſegundo ſentença de alguns, que o pregoeiro da vida he a fame, recebendo refeição, para o corpo, o ſangue, & eſpiritos gerados de tãtas viandas, tẽ hũa tal ſemelhança antre os que cauſa eſta conformidade. Alguns outros tiueraõ q iſto decia na ſemente, no tempo de geraçaõ, a qual diſpoem por tal guiſa aquello, q della he grado, que lhe fica eſta conformidade, tambem acerca da terra, como de ſeus diuidos, & ao que parece que o ſentio Tulio, quando veio a dizer. *Nós não ſomos nados a nós meſmos, porque hũa parte de nôs tem a terra, & a outra os parentes:* & porém o juizo do homem acerca de tal terra, ou peſſoas recontando ſeus feitos, ſempre copega. Eſta mundanal affeiçaõ fez alguns hiſtoriadores, que os feitos de Caſtella, com os de Portugal, eſcreuerão, poſto que homens de boa authoridade foſſem, deſuiar da verdadeira eſtrada, & colher por ſemideiros eſcuſos, por as mingoas das terras de que eraõ em certos paſſos claramente não ſerem viſtas, eſpecialmente no grande deſuairo, que o muy virtuoſo Rey da boa memoria Dom Iohão, cujo regimento, e reynado ſe ſegue, ouue com o nobre, & poderoſo Rey Dõ Iohão de Caſtella, poendo parte de ſeus bons feitos fora do louuor, que merecia, & enadindo em alguns outros da guiſa, que não aconteceraõ, atreuendoſe a pobricar eſto em vida de taes, que lhe forão companheiros, bem veedores de todo o contrario. Nós certamente leuando outro modo, poſta a departe toda affeição, que por azo das ditas rezoens auer podiamos, noſſo deſejo foi em eſta obra eſcreuer verdade, ſem outra meſtura leixando nos bons aquecimentos todo fingido louuor, e mormente moſtrar ao peuo, quaeſquer contrairas couſas da guiſa que auierem. E ſe o Senhor Deos a nôs outorgaſſe o que a algũs eſcreuendo naõ negou, conuem a ſaber, em ſuas obras clara certidão da verdade, ſem duuida não ſómente mentir do que ſabemos, mas ainda errãdo falſo não queriamos dizer, como aſſi ſeja, que outra couſa não he deerrar, ſaluo cuidar que he verdade aquello q̃ he falſo, & nos enganados por ignoran-

norancia de velhas eſcrituras, & deſuairados authores, bem podia mos ditando errar; porém que eſ creuendo homem do que não he certo, ou contar mais curto do que foi, ou falar a mais largo do que deuemos, mentirá, & eſte co ſtume he muito afaſtado de noſ-ſa vontade. E com quanto cuidado, & diligencia vimos grandes volumes de liuros, & deſuairadas lingoagens, & terras, & iſſo meſmo publicas eſcripturas de muitos cartorios, & outros lugares, nas quaes, deſpois de longas vigilias, & grandes trabalhos, mais certidão auer nãopodemos do conteudo em eſta obra. E ſendo achado em algũs liuros o cõtrairo do que em ella falla, cuidai que não ſabedormente, mas errando muito ſerão taes couſas. Se outros por ventura em eſta coronica buſcão fermoſura, & nouidade de palauras, & não acertidão das hiſtorias, deſprazerlhe ha de noſſo rezoado, muito ligeiro a elle de ouuir, & não ſem gram trabalho em nos de o ordenar. Mas nós não curando deſeu juizo, leixando os cõpoſtos, & enfeitados rezoamentos, que muito deleixaõ aquelles que ouuem antepoemos a ſimpres verdade, q̃ afermoſentando falſidade. Nem entendaes que certificamos couſa, ſaluo o de muitos aprouado, & por eſcripturas veſtidas de fè. Doutra guiza ante nos calariamos, que eſcreuer couſas falſas, que logar nos ficaria para a fermoſura, & afeitamento das palauras, pois todo noſſo cuidado he iſto deſpezo naõ abaſta para ordenar a mà verdade; porem apeguandonos em ella firme os claros feitos dignos de grande relembrança do mui famoſo Rey Dom Iohão ſendo Meſtre; de q̃ guiſa matou o Conde Iohão Fernandez; & como o pouo de Lisboa o tomou primeiro por ſeu Regedor, & defenſor, & depois outros alguns do Reyno; & deſhi em diante como reynou, & em que tempo, breue, & ſaãmente contados poemos em praça na ſeguinte obra.

## CAP. 2. *Como o Conde ouuera, de ſer morto por vezes, & nenhũa ouue azo de ſe acabar.*

FALANDO algũs da morte do Conde Iohão Fernandez, onde ſe começão os feitos do Meſtre allegaõ hum dito, de que nos naõ praz, dizendo que fortuna muitas vezes por longo tẽpo eſcuſa amor a alguns homens por lhe depois

ázar mais deshonrada fim, assi como fez a este Conde Iohão Fernández, que muitas vezes lhe desuiou a morte, que alguns tiueraõ cuidado de lhe dar, porque depois o leixasse nas maõs do Mestre para o matar mais deshõradamẽte. Enos deste dito naõ so nos cõtente; & assi por razaõ do q̃ o matou, como da morte, que por elle, nenhũ dos outros o matar podera, q̃ lhe muito mor deshõra não fora, mas temos que o muito alto Deus, q̃ em sua prouidencia nenhũa cousa falece, q̃ tinha despoſto de o Mestre ser Rey ordenou q̃ onão matasse outrẽ, se não elle; E esto em tẽpo assinado & com certos azos, posto q̃ poderoso fosse de o doutra guisa fazer cà certo he que vzando o Conde por tempo daquella grão maldade, q̃ dissemos dormindo com a molher de seu senhor, de q̃ tantas merces, & acrecentamentos auia recebidos. Não sohou isto assi simpresmẽte nas orelhas dos grãdes senhores, e fidalgos, q̃ lhe naõ gèrasse grande, & assinado desejo de vingãça da deshonra Del Rey D. Fernando; mas o poer esto em obra embargauão muyto duas cousas. A primeira ser o Conde guardado de muitos, & bõs fidalgos, q̃ o sẽpre acompanhauão de dia, & de noite: A segunda q̃ quẽ se a tal feito pozesse, auenturaua a vida, & perdiase de todo, que os mais dos homẽs muyto arrecea-uão de fazer. Outros lhe enadião ainda, q̃ por tal cousa seria El Rey muyto mais infamado, & seu linagem della em mayor deshonra que erão os Condes, & outros Grandes do Reyno, però falando em ello por vezes todos outorgauão de ser em tal feito, mas nenhum não se atreuia de ser o primeiro. E o Conde bem entendia, que de taes pessoas não era bem seguro, não dando porem a entender nada, mas seu grande estado, & guardamentos, que por azo delle auião grãdes desembargos Del Rey, & da Rainha, o fazia seguiar. Però foy assi que o Conde Dom Iohão Affonso irmão da Rainha, quando veo de Castella, que foy là prezo na de Saltes, chegou a Lisboa, & achando a fama de sua irmaã muyto peor do que a leixara, com este Conde, que dissemos, houue dello grande queixume, & determinou de o matar, & falou esta cousa com alguns dos milhores, que na Cidade hauia, assi como Affonseanes Nogueira, & outros, que erão todos seus vassallos, & encaminhou por hir ver El Rey a Rio mayor, onde

estonce

eſſonce eſtaua, quando veo de Elvas, que ouuera dauer a batalha acompanhado o Cõde de muitos, q̃ ſe com elle foraõ. E como hy toy, ſegũdo algũs contaõ, hũa noite ſe fez preſtes, & aguardou muito eſcuſamente com os ſeus para o matar. E indo o Conde alta noite deſacompanhado, ſaluo cõhũa tocha, trigaraõſe os outros mais do que diueraõ, como uiraõ o ar da candea, & elle que os ſentia, & em ſabendo quem era, recolheuſe muito, & tornou atraz, & guardando aquella hora paſſou, aſſi que ſenão fez por entam mais. Outros eſcreuem por outra maneira dizendo, que a Rainha como era molher auiſada, já por onde quer que foy, ante que ſeu irmão chegaſſe, ſoube a tençaõ, q̃ contra o Conde leuaua, & quãdo pediraõ pouſadas pera elle mãdou ella correger hũa camara nos Paços, onde pouſaua, dizendo que queria que pouzaſſe com ella, & recebeoo muy bem, & fezlhe graõ gazalhado, & preſumiaõ que lhe dera a Rainha algũa grãde dadiua, & q̃ o deſanojara, & odeſuiara de em eſto poer maõ, porque o Conde nunqua ſe dello mais trabalhou, & que aſſi eſcapara o Conde Iohaõ Fernandez daquella vez.

CAP. 3, *Como algũs ordenaram de o Conde ſer morto, & porque azo ſe nam fez.*

PASSOV aquella hora, que ſe não fez mais, & partio ElRey daly, & veoſe pera Santarem, & em eſto morreo a ElRey de Caſtella a Rainha Dona Leanor ſua molher, & foy là enuiado por Embaixador o Cõde Iohaõ Fernãdez como ouuiſtes, & naõ ceſſãdo a deſhoneſta fama da Rainha cõ elle, falauaſe eſto largamente antre algũs ſenhores do Reyno, & eſpecialmente antre aquelles, q̃ por priuança, & acrecentamẽto dehonroſo eſtado eraõ chegados com ElRey, pezandolhe muito da deſhonra, que a ſeu ſenhor era feita por tal modo, & antre aquelles, a que deſto muito pezaua, era eſte Conde D. Iohaõ Affonſo irmão da Rainha, q̃ diſſemos, ſendo graõ priuado DelRey, & muyto de ſeu conſelho, a que ElRey moſtraua graõ boa võtade, a Rainha por contrario poſtoq̃ ſua irmaã foſſe, naõ era tanto em ſua priuança, & amor, ſentindo ella que elle não auia bom deſejo ao Conde Iohaõ Fernandez por a fama, que ambos auiam. Eſte Cõde de Barcellos ſeu irmão doẽdoſe muito da deſhõra DelRey, e

vendo como ſua irmaã em quanto o Cõde Iohaõ Fernandez foſſe viuo, não auia de ceſſar do fazimento, que cõ ella auia, cuidou de ordenar outra vez, como foſſe morto, & falou eſto com o Meſtre Dauis, & com Dom Pedral-ueres Priol do Eſprital, & cõ Gõçalo Vaſques de Azeuedo; & acordaraõ todos que era bem de fazer hum homem de pequena cõta para qualquer couſa, q̃ ſe dello ſeguiſſe, porque melhor era perderſe hũ homem ligeiro, que hũ de grande honra, & mayor eſtado, & falaraõ primeiro com Fernandaluarez de Queirós criado DelRey, & para muito, homem, a que acompanhauão decote quatro de bèſta, & elle ſe eſcuſou por muitas rezoẽs dizendo, que por nenhũa guiſa faria couſa, em que fizeſſe deſprazer á Raynha, mormente tal como eſta, de que era certo que ella aueria aſſinado no jo. Então o vieraõ falar com Rodriguoeanes de Barcos eſcudeiro de ſemelhante conta de Fernandaluerez, oqual acompanhaua cõtinuadamente Gonçalo Vaſquez de Azeuedo, & era todo ſeu. A eſte aprougue de tomar eſte encarrego, & acordaraõ como o Conde Iohão Fernandez vieſſe da embaixada de Caſtella, & entraſſe em Portugal, que lhe ſahiſſe Rodrigoeanes ao caminho com cinco, ou ſeis de caualo, & o mataſſe, & ſe pozeſſe em ſaluo atá que lhe depois elles houueſſem remedio. Eſte acordo hauido, ſouberaõ como o Cõde Iohaõ Fernãdez era partido de Caſtella & vinha já por Portugal, & Rodrigoeanes ſe partio logo, & foi pera Alcobaça caminho de Leiria, por onde dizião q̃ o Cõde Iohaõ Fernãdez vinha, & elle trouue o caminho do Eſprital, & aſſi o errou daquella vez, & eſcapou da morte.

## CAP. 4. *Como ElRey mandaua matar o Conde Iohaõ Fernandez, & porque ſe leixou de fazer.*

NA M parece couſa indigna ſe algum quer ler, ou ouuir eſta iſtori a fizer pergũta, pois que tanto tempo hauia que era fama largamente pobricada antre a Raynha, & o Conde Iohaõ Fernandez, ſe tinha ElRey dello algũa ſoſpeita, ou ſabia de tal fama parte? ás quaes ſe reſponde deſta guiſa. Certo he que antre as condiçoẽs, que do amor eſcreuem os que delle compridamente falaram, & foram criados em ſua Corte, aſſi he, que por muito que encobrir

cobrir queirão o que ama; não se pode tanto ter, porque alguns sinaes, & falas, & outros demõstradores geitos, não de a entender a quelle ardente desejo, q̃ em sua vontade continuadamente mora, & quando os homẽs vem de tacostumadas affeiçoẽs, & priuãças, onde não ha tal deuido, q̃ma tama embargar possa, ligeiramẽte vem a presunçaõ do erro, em que taes pessoas podem cair. E por tanto ElRey Dom Fernando vendo os muitos modos; per que a Raynha mostraua desordenada affeçáo, & bemquerença ao Conde Iohão Fernandez, & grande acrecentamento, que lhe procuraua por qualquer guisa que podia, bem certificou em seu pensamento ser verdade o q̃ as gentes presumião, postoque da pubrica voz, & fama, que a Raynha hauia com o Conde, elle nenhũa parte soubesse, naõ era algum ouzado de lhe tal cousa dizer, postoque se de sua desonra com bom desejo doese receando pena por galardam, & mortal odio por amizade, como jaà a algũs aconteceo por taes nouas recontarem, mormente aos Reys, & grandes Senhores. Assi que ElRey Dom Fernãdo bẽ entendia o que era, mas nenhũa cousa dãua a entender, receando nouamente descobrir cõ duuida aquello, que a pubrica voz, & fama muito tẽpo hauia que affirmaua, & quãdo a Raynha leuou sua filha a Eluas por lhe fazer vodas cõ ElRey de Castella, & se ElRey D. Fernando mandou trazer de Saluaterra para Almada, cuidou de o matar por esta guisa. Mandou ao seu escriuão da Puridade q̃ fizesse hũa carta pera o Mestre Dauiz seu irmão, em q̃ lhe mandaua, & encomendaua, q̃ vista aquella carta, tiuesse geito de matar o Conde Iohão Fernandez, não dizendo porem a rezão porq̃ & por ella mandaua a Gonçalo Mendez de Vascogoncellos Alcayde mòr de Coimbra, q̃ ordenasse de guisa, q̃ o Mestre seu irmão fosse recebido na Cidade, & lhe entregasse a fortalezado castello, & q̃ lhe quitaua amenagẽ hũa & duas, & tres vezes. O escriuaõ fez a carta; & entẽdeo bẽ porq̃ era, & dizẽ algũs, q̃ foy Iohaõ Fernandez. E como foy feita tornou a ElRey, & disse. *Senhor, vos me mandais fazer esta carta*; resumindolhe q̃ janda era: *porem, senhor*, disse elle, *Se vôs esta cousa bem esguardar quizerdes, vossa mercepo de entender que por nenhuma guisa a deueis de mandar, pelo gram dano, que se dello seguir pode. Vos, Senhor, bem vedes como o Mestre*

*gre voſſo irmaõ he bem quiſto de todolos do Reyno,& ſe elle tiueſſe Coimbra falecẽdo vos, o que Deos nao mande,juntarſehiaõ a elle todalas gentes,& ficaria por Rey de ſta terra,& voſſa filha aſſi deſherdada de guiſa,que ella, nem filho que de ſeu marido cuueſſe, ſeria graõ marauilha de nunca em elle mais poder cobrar E porem me parece ſe voſſa mercee for que tal mãdado deueis eſcuſar por hora. E ſe do Conde Iohaõ Fernandez aueis tal queixume,porque vos eſta terra merecido,bem tereis depois tẽpo pera o mandar matar, cada vez que quizerdes por outra maneira & naõ deſta guiſa.* E ElRey cuidou neſte feito, & pareceolhe as rezoẽs boas,& rompeo a carta,& naõ foi enuiada, & aſſi eſcapou o Conde Iohaõ Fernandez de naõ ſer morto. E deſpois deſto ſendo ElRey Dom Fernando doente,& muito aficado daquella doẽça,que morreo,ao ſeraõ na noite,que ſe finou, eſtaua hi o Conde Iohaõ Fernandez com aquelles,que eraõ preſentes,& quando vio que não auia em elle outro remedio,ſenaõ morte, receandoſe muyto do que feito tinha lhe ſer acoimado por algum áquella hora,ouue taõ graõ temor,que aquelle medo lhe foi aſſi como degredo, que o fez logo ſahir da Camará,por ſe hir à preſſa para ſeu Condado, & em ſaindo pella porta hum eſcudeiro doCõde Iohaõ Affonſo chamado por nome Pedroanes Lobato,ſabendo como o elle quizera matar em Riomayor,como diſſemos, diſſe ao Conde,ſe queria que o mataſſe eſtonce,pois auia tempo azado para o fazer a ſeu ſaluo? & o Conde de Barcellos,ainda que o deſejaſſe muito de ver morto, defendeolho,que o não fizeſſe, & aſſi eſcapou o Conde Iohaõ Fernandez aquelle ſeraõ,porque parece que naõ viera a hora.

## CAP. 5. *Como o Conde Iohaõ Fernandez ouuera de ſer morto, & porque azo ſe deſuiou ſua morte.*

OVVERA ainda o Conde de ſer morto por outra vez, & vede de que guiſa ſe ázaua de ſer. Aſſi he que eſcreuendo a Raynha,atodolos do Reyno,que vieſſem ao ſahimento do mes, que ſe auia de fazer por ElRey Dom Fernando mandou ſeu recado a Nuno Alueres,que eſtaua antre Douro,& Minho coim ſua molher,que vieſſe àquelle ſahimento. Nuno Alueres muy anojado pola morte DelRey

DelRey, ſem poer mais tardança ſe fez logo preſtes com trinta eſcudeiros bem corregidos de ſuas armas,& certos homẽs de pè cõ elles,& nenhum outro veo ao trintayro corregido com gentes ſenaõ elle, & aſſi chegou a Lisboa onde o ſahimento auia de ſer,& feitas ſuas exequias,& acabado tudo,foi hum dia Nuno Aluerez ver o Priol Dom Pedraluerez ſeu irmaõ,& depois que elle fallou,& eſpaçou hum pouco cõ algũs fidalgos,que hi eſtauaõ, apartouſe pello Paço ſó a cuidar que hauia de ſer do Reyno, & q̃ aſſi ficaua deſerto,& quem o auia de defender de algũs,ſe contra elle quizeſſem vir, mormente que ſe dizia, que ElRey de Caſtella prenderia o Iffante Dom Ichaõ, & o Conde Dom Affonſo ſeu irmaõ, como ſoubera, que ElRey Dom Fernando era morto, & q̃ juntaua gentes para entrar poderoſamente no Reyno. E cuidando eſto,certificou em ſeu penſamento,que naõ auia outro, que mais razaõ tiueſſe de ſe por em defenſa do Reyno,que o Meſtre Dauiz filho DelRey Dom Pedro, oqual elle ſabia,que era boõ caualleiro, de que auia graõ conhecimento tempo auia. E logo veo a cuidar, que o começo de tal obra hauia de ſer o Conde Iohaõ Fernãdez Dandeiro ſer morto, no qual a Rainha auia grande eſperança. E andando aſſi ſô em eſto cuidando, olhou pello Paço, & vio Ruy Pereira ſeu tio, que hi eſtaua, & chegouſe a elle, & contoulhe tudo o que auia pẽſado em rezão da defenſa doReyno, & quem deuia delle de tomar cargo, & ſobre a morte de Iohaõ Fernandez,declarandolhe certamente que em eſto ſeria elle de boa vontade,querendo o Meſtre em ello poer mão. Ruy Pereira, que já eſto trazia em grande cuidado, foy muito ledo do que lhe Nuno Aluarez dezia; & tanto lhe prouue, que naõ ſe pode mais ter, & foyſe logo ao Meſtre fazerlhe recontamento de todo. O Meſtre ſendo ledo mandou logo chamar Nuno Aluarez agardecendolhe muyto o que com Ruy Pereira falára;perô diſſe o Meſtre contra Ruy Pereira. *Ami parece que não ouço agora murmurar as gentes tanto dos feitos da Rainha, nem falar em eſto còmo ſohião.* O *ſenhor*, diſſe Ruy Pereira, *vos não ſabeis como iſto he, quando eu andaua para caſar com minha molher,todos falauão como eu queria caſar cõ Violante Lopez, & depois que fomos caſados, nunca ninguem mais falou em noſſo caſamento, E eſtes Senhores*

*nhores assi agora taes sao, & vsarão tanto de suas maldades, & por isso naõ falam jà em elles como da primeira.* O Mestre começou de rir desto,& encomendou a Nuno Aluarez,que logo trabalhasse dauer da sua parte mais gentes,que podesse,para em outro dia ser morto o Conde Iohaõ Fernandez,daqual cousa Nuno Aluarez muyto aprouue, & logo se partio do Mestre para sua pousada,pera se auiar, & concertar do que pera tal feito compria. E corregendose para ello com grã de aguça, mandoulhe o Mestre dizer,que cessasse do que lhe dissera,porque senão podia por então fazer.Nuno Aluarez foy desto muy anojado por se poer mor espaço em tal ira,& tornouse ao Mestre falandolhe sobre esto muitas,& boas rezoes pello reduzir a se fazer logo, & vendo que não podia,espediose delle,& foyse pera o Priol seu irmão,que jaa era partido caminho de Santarem,& encalcou em Pontevel,onde esteue mui poucos dias E desta guisa se desuiou a morte do Conde Iohão Fernandez desta vez & das outras, porque como jaà dissemos, parece que ainda naõ viera sua hora.

CAP 6. *Como se âzeu a morte do Conde Iohão Fernandez: & quem falou em ello primeiro.*

SOHEM às vezes os altos feytos auer começo por taes pessoas, cujo azo nenhum comum pouo podia cuidar, que por elles viesse,onde assi aueo:que em Lisboa auia hum Cidadaõ chamado por nome Aluoro Paez homẽ honrado,& de boa fazenda, & foy Chançarel mòr DelRey D. Pedro,& depois DelRey D. Fernando.Este viuendo em casaDel Rey,& sendo muito doente de gota,veyo pedir aElRey por mercee fosse,& o aposentasse em Lisboa,onde tinha suas casas, & assentamento.Sua dor porem naõ era tamanha,quanto foy o gram nojo,q̃ por azo da deshonra Del Rey,segundo a má fama,q̃ a Raynha auia,se géraua ẽ seucoração, & foy assi q̃ ElRey aposentouho honradamente em Lisboa, & a seu requerimento mandou aos Vreadores daCidade,que nenhũa cousa fizessem sem acordo delle Pella qual rezão algumas vezes hião a sua casa ter cõselho sobre o que hauião de fazer, quando elle por azo de sua infirmidade

na

na Camara, onde fazião seu concelho, não podia ser presente. Natureza, que força os homẽs vzar das condiçoẽs, que com elles naceraõ, constrangeo tanto este Aluoro Paez, de guisa, que não perdendo rancor, & odio da deshõra, que a ElRey seu senhor fora feita, nenhũa couſa entaõ mais desejaua, que ver o Conde Iohaõ Fernandez morto, pois que onão fora em vida DelRey Dom Fernando. E parecendolhe tempo azado pera arrezoar em esto, falou secretamente com o Conde de Barcellos Dom Iohão Affonso irmão da Raynha, que sabia bem que queria mal ao Conde Iohaõ Fernandez por esta rezão, & disse. *Senhor, vos sabeis bem como eu sãa criado DelRey Dom Fernando, cuja alma Deos aja, & a honra, & acrecentamento, que em mim fez; pella qual causa eu, & todos quaesquer seus criados se deuiam doer muito de sua deshonra, & vingala por onde quer que poder ser, posloque elle morto seja, mormente aquelles, q̃ tẽ tal honra, & estado, que ligeiramente o podem fazer. Ora, senhor, vos sabeis bem, quanto ha que as gentes falão da màfama, q̃ a Raynha vossa irmaã ha com o Conde Iohaõ Fernandez, & isto naõ sòmente em vida DelRey, mas ainda agora sua màfama naõ ceßa, nem ceßarà em quanto este homem for viuo, & sendo morto, ceßarà por tempo, & esqueceram as couſas. Pella qual rezaõ todolos homẽs boõs se deuiam doer de tal couſa, mormente vos, q̃ sois seu irmaõ: a hũa pellas grandes merces, & grandes acrecentamentos, que ElRey em vos fez. A outra por ser voßa irmaam, & deshonrando assi deshonra a vos, & toda sua linagem. Eposloque eu sabia que vos isso entendeis, & que jaà em ello quizereis por maõ, cuidey porem de volo dizer, que vos podeis a ello tornar, como voßa merce for, mas de mim vos digo, q̃ sendo eu quem vos sois, & podendoo fazer como vos, que muito ha que eu nam leixára passar tal couſa, poendome à ventura, que me Deos dar quizera.* O Conde disse que bem sabia todo, que lhe agardecia sua boa vontade, & que jaà tempo fora, que houuera talente deo poer em obra, mas que por entonce naõ auia geito ázado de o poder fazer. E falando em esto muyto, disse o Cõde a Aluoro Paez. *Sabeis com quem me parece que he bem que faleis esta couſa, falayo com Dom Ioham Mestre Dauiz, que ha tamanha rezam de se doer da deshonra DelRey como eu, & nam vejo aqui homem mais ázado para fazer isto. & pera tra-*

*ra trauar em qualquer ardideza que lhe à mão vier, como elle. Muito me praz* (diſſe Aluoro Paez) *de o cõ elle tratar, e cõ qualquer outro, que eu entendeſe que o poria em obra: mas quando o vos fazer não quereis, que tantos azos tendes mais que outro nenhum, douido muyto de oelle, nem outro querer fazer. Eu direy ao Meſtre*, diſſe o Cõde, *como lhe vos quereis falar hũa couſa de ſua honra, & que por quãto vos ſois embargado de dor, & não podereis alâ ir, que quando caualgar por a Villa, que venha por aqui, & vos fale, & bem creo delle que o queira fazer.* Ficaraõ neſte acordo, & eſpedioſe o Conde & quedou Aluoro Paez com nouo cuidado para falar ao Meſtre.

CAP 7. *Como Aluoro Paez falou com o Meſtre ſobre a morte do Conde Iohaõ Fernandez, & do acordo, em que ambos ficaraõ.*

TALOV o Conde ao Meſtre Dauiz dizendo como Aluoro Paez auia de falar com elle algũas couſas de ſua honra, & ſeruiço, & que o foſſe ver quando caualgaſſe pella Villa, por quanto por azo de ſua doença naõ podia ir onde elle pouſaua. O Meſtre, por ſaber que era, não tardou muyto em ir alaà, & foilhe falar a ſua pouſada, ſendo ambos em lugar apartado, começou Aluoro Paez de arrezoar todo o que diſſera ao Conde de Barcellos, & a repoſta de eſcuza, que em elle achara, & que depois viera a cuidar que nenhum outro auia no Reyno, que mais rezoẽs trueſſe pera o fazer que elle. *Primeiramente* diſſe Aluoro Paez, *por vos ſerdes irmaõ Del Rey que ſe a de honra mais de ue doer, que outro nenhum. A ſegunda porque ſoſſes por azo delle, & da Rainha, poſto em tal perigo & prezo, como todos ſabem. E que por al não foſſe, ſenaõ por ſegurar voſſa vida, que nunqua ha de ſer ſegura, em quanto o Conde Iohan Fernandez for viuo, por iſſo ſomente o deueis fazer, ca pois El Rey agora he morto, vzaraõ mais de ſua maldade, & receandoſe de vos, q̃ bem ſabem, que diſſo deueis ter mor ſentido, que outra peſſoa, ſempre vos buſcaram azo & caminho por onde voſſa vida ſeja cedo finda. E pois que a vingança deſte feito a nenhum mais pertence que a vos fazendo da guiſa, que vos eu digo, moſtrareis em ello grande façanha, & muito dalembrar aos q̃ depois vierem, em tanto que nenhũa couſa de louuor ante os homẽs*

*mẽs ſerá agora achada, que foſſe igual, nem parelha deſta.* O Meſtre ouuindo ſuas boas, & muytas rezoẽs, com grande vontade, que dello auia, bem outorgaua de o fazer, mas eraõlhe preſentes taes, & tão grandes duuidas, q̃ todos os caminhos pera o poer em obra, eraõ a elle eſcuſos com grandes empachos, eſpecialmente dizendo o Meſtre, que quem ſe a tal feito houueſſe dauenturar, mormente dentro na Cidade, cõpria ter algũa ajuda de pouo, por azo docajão, que ſe crecer podia. Aluoro Paez co deſejo, que auia moſtraua ao Meſtre ſerem todalas razoẽs tão ligeiras pera o acabar, como ſe foſſe hum pequeno feito: Equanto à ajuda do pouo, ẽ que o Meſtre falou muito, reſpõdeo elle, & diſſe, que ſe o elle fazer quizeſſe, que elle lhe offereceria a Cidade, & ſua ajuda entendendo de o fazer aſſi. O Meſtre cobiçoſo donra por ſua ardente natureza, & grande coraçaõ, mouido por os ditos delle determinou de o poer em obra. O homem bom quando lhe ouuio dizer, que todauia queria poer mão em tal feito, foy taõ ledo, que mais ſer não pode, & aſſi como chorando com prazer, ſe afaſtou delle hum pouco olhando, & diſſe. *E he iſto verdade, filho, ſenhor, que vos tam boa couſa quereis fazer? Certamẽte*, diſſe o Meſtre: *Sy, & não leixaria de a acabar por couſa, q̃ avir podeſſe.* Então ſe chegou a elle Aluoro Paez, & beijouho no roſto dizendo. *Ora vejo eu, filho, ſenhor, a differença, que ha dos filhos dos Reys aos outros homens.* Começaraõ eſtonce a falar muito como ſe poderia fazer, & milhor azar ſua morte, & porq̃ guiſas, depois de grande eſpaço, que em eſto ouueraõ falando eſpedio ſe o Meſtre, & foyſe para ſua pouſada.

## CAP. 8. *Como o Conde Iohaõ Fernandez veo ao ſaymento Del-Rey, & o Meſtre foy ordenado por Fronteiro em Riba d'Odiana.*

POR quanto diſſemos do Conde Iohaõ Fernandez, que na noite, q̃ ſe El Rey finou, partio muy trigoſo para ſeu Condado receandoſe âquella hora de receber dano por oque feito tinha. Bem podem algũs dizer neſte ponto, como foy depois ouzado vir ao ſaymento, onde foraõ jũtos muitos mais Senhores, & fidalgos, dos que eraõ preſentes, quando El Rey morreo, pois ſe dalgũs tanto receaua

receaua,cá muy poucos eraõ em Lisboa a aquella ſezão,que ſe elle ſinou,porque comovieraõ das vodas com a Rainha, cada hum ſe foraõ pera ſuas terras,& Alcaydarias, aſſi como Gonçalo Vaſques de Azeuedo para Santarem donde era Alcayde,& tinha ſeus bẽs,& aſſi outros muitos. Aonde ſabey que aſſi aconteceo que elle receandoſe,&com temor veo, & quando a Rainha eſcreueo a todolos fidalgos, que vieſſem ao ſaymento, & chegou a carta ao Conde IohãoFernandez,ſua molher lhe contradiſſe muito talvinda,pedindolhe por merce que ſe eſcuzaſſe cá o entendia por ſeu proueito,& elle não curando de ſeu conſelho, partio pera Lisboa & chegou a Santarem,& foi pouſar com Gonçalo Vaſques de Azeuedo muito ſeu amigo, ſegundo moſtrança de fora,oqual o recebeo mui bem, & começou de o prazmar, porque trazia preto, & naõ burel,como os outros, & fezlho então veſtir. O Conde lhe perguntou ſe hauia de ir ao ſaymento, & elle reſpondeo q̃ não dando ſuas coloradas eſcuſas; mas a verdadeira,que elle ſoſpeitaua o que depois aconteceo, & naõ ſe queria ver em tal aluoroço,por naõ ſaber o que ſe auia de ſeguir, porem conſelhoulhe que não foſſe lá.O Conde p̃erô ſe tãto receaſſe dalgũas peſſoas, de nenhum ſe tanto temia em ſua võtade,como do Meſtre Dauiz irmão DelRey,mas eſte receo delle,& dos outros, não era porem priuança de fala,mas de leda cõuerſaçaõ, & moſtrança de bem querença,& ſe algũa couſa ſe receaua em vida DelRey Dom Fernando,& muito mais quando elle morreo,agora hia já cobrando mais ſegura vontade entendendo que cada hum de tal feito perderia ſentido por os muytos cuydados,que ſe a todos recreciam cobrando mundo nouo. E com eſta fouteza partio eſtonce de Sãtarem ſem crendo nenhum contrairo,que lhe auir podeſſe, deshi a fortuna lho fazia mais largo entender, que tinha ordenado de o cedo offerecer á morte, & chegou a Lisboa, aonde já achou muitos,que vinhaõ ao ſaymento. E bem recebido de todos foy em graõ priuança agazalhado da Rainha, deſembargando com elle todolos deſembargos do Reyno.E como o ſaymẽto foy feito, entreu logo a Rainha em conſelho com eſſes Senhores por falar nos trautos,que antre os Reys hauião, os quaes dizião,que ElRey deCaſtella quebrara,& juntaua gentes para

ra entrar no Reyno. E foy acordado por a Rainha,& por todolos,que hi eraõ, que o Reyno ſe defendeſſe,querẽdo el Rey de Caſtella vir a elle,& não lhe obedeceſſem em outra couſa,ſaluo naquellas,que nos trautos era conteudo,& que pois todos ali eraõ juntos, que ordenaſſem logo as frontarias,& quaes eſtiueſſem em ellas,& cada hum com quantas lanças,& foy aſſi defeito, que foraõ logo partidas as Comarcas, & ordenado ao Meſtre as terras do Meſtrado,& certas Villas, & Caſtellos darredor,dandolhe logo em eſcrito todolos que com elle hauiaõ de guardar, & o deſẽbargo do ſoldo,pera elles.

CAP. 9. *Como foy ordenada a morte do Conde Iohaõ Fernandez,& como o Meſtre partio de Lisboa,ſem leuando entenção de o matar.*

BVSCADAS rezons dos que liuros fizeraõ deſta eſtorea, por teſtemunho daquelles, que preſentes foraõ,ſegundo todos pela mayor parte dizem,o Meſtre, como teue acordado com Aluoro Paez de matar o Conde Iohaõ Fernandez,logo falou eſte ſegredo com o Conde de Barcellos Dom Iohaõ Affonſo,& com Ruy Pereira,& outros,os quais lhe certificaraõ que ſeriaõ preſentes com elle,quando em ello pozeſſe, & quizeſſe poer mão. E em quanto a Rainha ordenaua ſuas couſas ſobre regimento, & percebimento do Reyno, em que o Meſtre porem ſempre eſtaua, & hia elle muitas vezes a caſa de Aluoro Paez algũas horas com o Conde,& outras a departe falar com elle ſobre a morte do Conde Iohaõ Fernandez,& eſpecialmente como ſe poderia auer ajuda do pouo por ſua parte. Aluoro Paez muito talentoſo de ver tal feito acabado, todauia lhe certificaua que ſy,& naõ que elle deſcobriſſe a nenhum tal ſegredo, mas entendia,como era certo,que a naõ boa vontade, q̃ as gentes tinhaõ á Rainha,& ao Conde, o faria todos de mouer contra elles como viſſem lugar,& tempo azado, & acordaraõ que pera ſe todo melhor fazer,que tanto que o Meſtre chegaſſe aos paços, & começaſſe em eſto de poer mão, que logo Gomes Freyre ſeu page,enſima do cauallo,em que andaua começaſſe de vir rijo pera a Villa bradando ataà caſa de Aluoro Paez dizendo a altas vozes: *que acorreſſem ao Meſtre Dauiz que o mata-*

*o matauão*, & que então ſe ſairia elle com os ſeus, em maneira de acorro, chamando quantos achaſſe pelas ruas, os quaes ſe iriaõ cõ elle de boamente, como ouueſſe tal appellido, & que deſta guiſa juntaria toda a Cidade em ſua ajuda. Falando deſta maneira, & acertando de ſe fazer aſſi foy o Meſtre deſembargado de todo, & dadas cartas quejandas cõpriaõ, & elle eſpedido da Rainha pera partir. Ora aqui deſuairaõ alguns Autores ſobre a partida do Meſtre, & dizem aſſi. Huns contaõ q̃ elle fingio que ſe partio aquelle dia, como defeito partio por o Conde Iohaõ Fernandez ſegurar mais delle, ſe algum receo tinha co Meſtre tornar em outro dia, & o achar mais deſpercebido, & naõ tam acompanhado, & que Aluoro Paez ſe auizaſſe em tanto de ſua parte. Outros affirmaõ ſua partida por outro modo, & deſte nos praz mais, dizendo, que não embargando que o Meſtre ficaſſe com Aluoro Paez de poer em tal feito mão daguiſa, que ouuiſſes, que elle ſe receou muyto depois de o fazer por eſtas ſeguintes rezoẽs. A primeira, porq̃ taes hi ouue, com que elle falou, que ſe eſcuzaraõ dello, quando o ouue de poer em obra, temendoſe da Rainha, que tinha ElRey de Caſtella por ſua pàrte, que lhe pq dia depois azar ſua deshonra, & morte; ſaluo ſe foy Ruy Pereira, & algũs ſeus do Meſtre, a que elle iſſo deſcobria, deshi douidandõ muito o Meſtre da ajuda do pouo ſenão ſeguir, como dezia Aluoro Paez, ou a tempo, que não preſtaſſe, era poſto em grande pẽſamento, Porem principal ſobre todas era o graõ aguardamento de muitos, & boõs fidalgos, que ſempre acompanhauão com o Conde Iohão Fernandez, tal como Martim Gonçaluez de Ataide, & Iohaõ Affonſo Pimentel, & Pedro Rodriguez da Fonſeca, & Fernam Affonſo de Miranda, & outros, & bem trinta eſcudeiros ſeus de cote. Aſſi que cuidadas bẽ taes rezoẽs, não embargando ſeu ardido coraçaõ, & boa vontade foylhe muy douidoſo de o começar, & partio da Cidade depois de comer, & foy partir a Sancto Antonio Aldea, que ſaõ dahi a tres legoas, ſem leuando jaá nenhũa tençaõ de matar o Conde, & elle ahi tornou a cuidar como eſta couſa ſora falada com tantos, q̃ por ventura eſtonce, ou depois alguns por cobrar graça da Rainha & iſſo meſmo do Conde Iohaõ Fernandez, o podiaõ dizer a cada hum delles, daqual couſa deſcuberta ſe ſeguia a elle, & aos ſeus

graõ

grão cujão, & perda, & por essa guisa a todolos que foraõ em tal conselho, & cuidando bem isso começou de crecer em elle hum esforçado desejo, com firme preposito de em outro dia matar o Conde poendose a qualquer auẽtura, que aquècer pòdesse, & por tirar sospeita de sua tornada, chamou logo Fernam Daluarez de Almeida hum Caualeiro da ordem, & Veador de sua casa, & disse. *Tornaiuos logo dormir a Lisboa, & fazeime de manham prestes de jantar, & dizey á Rainha que eu entendo là de tornar, porque me parece que não vou bem desembargado, como compre.* E el le partio logo, & chegou alto seraõ áCidade, porem ainda falou à Rainha, & ao Conde o porque vinha, & como outro dia o Mestre auia de tornar, porque lhe parecia que não hia desembargado, como compria. A Rainha, & o Conde responderaõ: que tornasse muito embora, que elle aueria desembargo, como chegasse.

.?.

CAP. 10. *Como o Mestrè tornou a Lisboa, & de que guisa matou ao Conde Iohaõ Fernãdez.*

EM o outro dia pella manham partio o Mestre daquella, Aldea hu dormira, & começou dandar seu caminho sem trigança algũa desàcostumada. E no caminho dizem que descobrio o Mestre Dauiz esta cousa a alguns dos seus. s. ao Commendador de Iurumenha, & Fernaõ Daluarez, & a Lourenço Martins de Leirea, & a Vasco Lourenço Meyrinho, & a Lopo Vasquez, que depois foy Commendador môr, & a Ruy Pereira, que o foy receber, & disse a hum delles: *Hiuos diante quanto poderdes, & dizei a Aluoro Paèz, que se faça prestes, ca eu vou pera fazer aquello, que elle sabe.* E o escudeiro andou á pressa, & deulhe o recado, & tornouse pera o Mestre onde vinha, & elle trazia hũa cota vestida, & ataa vinte consigo com cotas, & braçaes, & espadas cintas, como homens caminheiros, & chegou ao Paço a hora de terça, ou pouco mais, sem deter porẽ em outra parte. E quãdo descaualgou, & começaram de sobir

bir assima ; differam huns aos outros muy manso. *Sede todos prestes , ca o Mestre quer matar ao Conde Ioham Fernandez.* A Rainha estaua em sua Camara, & Donas algumas assentadas no estrado, & o Conde de Barcellos seu irmam , & o Conde Dom Aluoro Perez Fernam Affonso de Camora , & Vasco Perez , outros estauam em hum banco , & o Conde Ioham Fernandez , que dante estaua á cabeceira delles, estaua estonce de giolhos ante ella , & começaua de lhe falar passamente , & em lhe sendo assi falando , bateram à porta, & o Porteiro , como entrou o Mestre , quiz cerrar a porta por não entrarem nenhum dos seus , & disse que o perguntaria á Raynha , não por delles auer nenhuma sospeita , mas porque a Rainha estaua com dó & em semelhante tempo a este, por respeito deuido a sua pessoa & Real estado , não era costume de nenhum entrar , saluo es ses senhores , sem lhe primeiro fazer saber. E o Mestre respondeo ao Porteiro. *Quê has tu assi de dizer?* & em esto entrou de guisa que entraram todolos seus com elle , & elle moueo passamente contra onde estaua a Rainha , & ella se leuantou , & todolos outros , que eram presentes. E depois que o Mestre fez reuerencia à Rainha , & mesura a todos , & elles a elle recebimento,com toda a cortezia,que pera com taes pessoas,& em taes tempos se costumaua de ordinario no Paço,disse a Rainha, *que se assentasse,* & falou ao Mestre dizendo. *E pois,irmão,que he isso?a que tornastes de vosso caminho ? Torney,Senhora,* disse elle, *porque me pareceo que não hia desembargado , como compria. Vos me ordenastes que tiuesse cargo da Comarca dantre Tejo,& Odiana,se por ventura El Rey de Castella quizesse vir ao Reyno,& quebrantar os trautos dantre nos,& elle,& porque aquella frontaria he grossa , & de grandes Senhores,assi como do Mestre de Alcantara , & doutros senhores fidalgos.& aquelles , q̃ vos assinastes pera aguardarem commigo,me parecem poucos,por ende torney pera me dardes mais vassallos pera vos eu bem poder seruir, segundo compre a minha honra,& a vosso seruiço* A Rainha disse q̃ era muy bem,& mãdou logo chamar Ioham Gõçalues seu escriuão da Fundade,que visse o liuro dos vassallos,& daquella Comarca,e que lhe desse fè quãtos,&quaes o Mestre quizesse, & que fosse logo

de

desembargado de todo: Ioham Gonçalues foy logo chamado depressa; & foyse assentar com seus Escriuaens a prouer o liuro pera desembargar o Mestre, & em esto começaram de o conuidar os Condes cada hum por sy, & isso mesmo o Conde Iohaõ Fernandez se afficaua mais que comese com elle, que os outros. O Mestre não quiz tomar o conuite de nenhum escuzandose, por suas palauras dizendo: que jaá tinha prestes de comer, que mandara fazer ao seu Veador. Porem dizem que disse muy escusamente ao Conde de Barcellos, q̃ o não sentio nenhum. *Conde, hiuos daqui, que logo quero matar o Conde Iohaõ Fernandez.* E respondeo que senão hiria, mas que estaria ally com elle pera o ajudar. *Naõ sejaes*, disse o Mestre, *mas rogouos todauia que vos vades daqui, & me aguardeis pera o jentar, ca eu Deus querendo, tanto que esto for feito, logo irey comer conuosco.* A ventura pera melhor àzar a morte do Conde Iohaõ Fernandez começou de lhe fazer arrecear a vinda do Mestre por tal guisa, que lhe poz em vontade que mandasse todolos seus que se fossem armar, & se viessem pera elle. E de qualquer geito que foy, partiraõse os seus todos do Paço, assi fidalgos, que o acompanhauão, como os outros, & foraõse armar pera se virem pera elle. Esta foy a rezão, porque elle ficou só de todos elles, & nenhum estaua ahi quando elle morreo. A Rainha esso mesmo por femença nos do Mestre vendoos assi todos armados, não lhe aprouue em seu coração, & disse falando contra todos. *Sancta Maria val! como os Ingrezes haõ muy bom costume, que quando sam no tempo da paz, não trazem armas, nem vsaõ dandar armados, mas boas roupas aluas nas mãos como donzellas, & quando sam na guerra entam costumam as armas, & vzam dellas, como todo o mundo sabe.* Senhora, disse o Mestre, *he muy grão verdade, porem esso fazem elles, porque ham muy a miude guerras, & poucas vezes paz, & podemno muy bem fazer, mas a nos he pello contrairo, ca auemos pello miudo paz, & poucas vezes guerra, & se no tempo da paz, não vzamos das armas, quando viesse a guerra, naõ as poderiamos soportar.* E falãdo esto, & em outras cousas, chega-

raõſe as horas de comer, eſpedioſe o Conde de Barcellos, & deshi os outros, ca aos mais delles daua a vontade aquello que ſe depois fez. Ficando aſſi o Conde Iohaõ Fernandez agaſtauaſelhe o coraçaõ, & tornou a dizer ao Meſtre. *Vos, ſenhor, todauia de comer heis commigo. Não comerey*, diſſe o Meſtre, *ca tenho feyto de comer. Sy comereis*, diſſe elle, *& em quanto vos falais, irey eu mandar fazer preſtes. Não vades*, diſſe o Meſtre, *Eu vos hey de falar hũa couſa, ante que me vá, & logo me quero ir, ca he jâ horas de comer.* Eſtonce ſe eſpedio da Rainha, & tomou o Conde pel la mão, & ſahiram ambos da Camara a hũa grande caſa, que era dante, & os do Meſtre todos com elle, & Ruy Pereira, & Lourenço Martins mais acerqua. E chegandoſe o Meſtre com o Conde acerca de huma freſta, ſentiram os ſeus que o Meſtre lhe começaua de falar paſſo, & eſtiueram todos quedos, & as palauras foraõ antre elles tam poucas, & tam baixo ditas, que nenhum por eſtonce entendeo quejandas eram, porem affirmão que fora deſta guiſa. *Conde, eu me marauilho muyto de vos ſerdes homem, que eu bem queria, & trabalhardes vos de minha deshonra, & morte. Eu, ſenhor?* diſſe elle, *quem vos tal couſa diſſe mentiouos muy graõ mentira.* O Meſtre, que mais tinha em vontade de o matar, que de eſtar com elle em rezoẽs, tirou logo hum cutello compri do, & enuioulhe hum golpe á cabeça, porem não foy a ferida tamanhã, que della morrera, ſe mais não ouuera. Os outros todos, que eſtauão darredor, quando eſto viram, lança ram logo as eſpadas fora pera lhe dar, & elle mouendo pera ſe acolher á Camara da Rainha com aquella ferida, & Ruy Pereira, que era mais acerca, meteo eſtonce hum eſtoque de armas por elle, de que logo cahio em terra morto. Os outros quizeraõlhe dar mais feridas, & o Meſtre diſſe, que eſtiueſſem quedos, & nenhum foy ouzado de lhe mais dar. E mandou logo Fernam Daluerez, & Lourenço Martins, que foſſem cerrar as portas, que não entraſſe ninguem, & diſſeſſem ao ſeu pagem que foſſe à preſſa pella Villa bradando: *Que matauaõ o Meſtre*, & elles fizeramno aſſi, & era o Meſtre quando ma-

matou o Conde em idade de vinte, & sinco annos, & andaua em vinte & seis, & foy morto a seis dias de Dezembro, era jaâ escrita de quatrocentos & vinte & hum,

CAP. 11. *Do que a Rainha disse por a morte do Conde, & doutras cousas, que hi auieram.*

DEIXEMOS o pagem hir hu lhe mãdaram, & vejamos em tanto que se fez no Paço da Rainha, onde assi foy que os estrupos, & voltas, que todos fizeram, quando o Conde foy morto, soaram rijamente na Camara, onde ella estaua, que era muyto perto, & taes hi ouue, que pensaram, que eram alguns, que não vieraõ cõ tẽpo ao sahimento, & chegaraõ estonce, & fazião doô. A Rainha espantada da volta, leuantouse em pè não sabendo que cuidar, & disse que vissem que era aquello, os outros apressa oulharam por antre as portas, & disseraõ, que o Conde Iohaõ Fernandez era morto. A Rainha quando esto ouuio, ouue gram temor, peró disse. *O Sancta Maria val! me matarão em elle hum bom seruidor! & sem no merecer, ca o mataram bem sey porque. Mas eu prometo a Deus que me va de manhaam a Sam Francisco, & que mande hi fazer huma fogueira, & hi farey taes saluas, quaes nunca molher fez por estas cousas.* O que ella tinha muy pouco em vontade de fazer. Os outros que hi estauão assi homens, como molheres, quando esto ouuiram: cuidaram àquella hora ser todos mortos, que não ouzauam de fugir pellas portas, mas fugiam pellas janellas, & delles pellos telhados, outros por degraos naõ contados, & assi cada hũ por hu melhor podia. Iohaõ Gonçalues Escriuão da Rainha, q̃ estaua vendo o liuro dos vassallos, quando esto vio, começaraõ de fugir, elle, & os seus cada hum por hu melhor azado achaua. O Mestre mouco dally para hum grande cirado muito acerca, & a Rainha começou de dizer. *Vão perguntar ao Mestre se hey eu de morrer?* E foraõllo a perguntar a graõ medo. E elle respondeo muyto mansamente. *Dizey laá à Rainha minha senhora, que Deus me guarde de mal, & q̃ assessegue em sua camara, & naõ aja nenhũ temor ca eu naõ vim aqui por empècer a ella, mas por fazer isto a este homem, que mo tinha bem merecido.*

E forãolhe com eſta repoſta, & ella diſſe, *pois aſſi he dizeylhe que me deſembargue meus Paços*, ca ella não via hora que ſe o Meſtre partiſſe, porque não era ſegura de ſua vida em quanto elle ally eſteue, & em tornando Lourenço Martins donde fora acerrar as portas, vio eſtar hũa ſoma de prata ante a cozinha em hũa meſa, & tomoua toda, & lançoua na aba, & leuoua ao Meſtre, & diſſe. *Digo, ſenhor, já vos aqui tendes pera a deſpeza d'hoje.* O Meſtre lhe reſpondeo aſperamente: que tornaſſe a prata onde a acharа, ca elle não viera ally por aquello, mas por fazer o q̃ tinha feito, & Lourenço Martins fezeo aſſi. Os fidalgos, que acompanhauão o Conde, & os q̃ com elle vinhão, não ſabendo parte do q̃ o Meſtre tinha feito, vinhaõ jaa todos armados pera o Paço da Rainha, & vindo muyto acerca delles a volta da gente, que começaua jaa de feruer pella rua, & algũs, que ſahiraõ de dentro, & lhe diſſerão, q̃ não foſſem laa, que o Conde era jaa morto, & as portas cerradas, & que as gentes eraõ tantas, que vinhão contra os Paços, ſegundo dezião, q̃ ſe laa foſſẽ q̃ não eſcaparia nenhũ delles, & verião deſy mao pezar. Tornaraõ ſe entonce pera hu vierão, & cada hum trabalhou de ſe poer em ſaluo receandoſe que todos os q̃ erão dá parte da Rainha, & do Conde foſſem mortos aquella hora.

## CAP 12. *Do aluoroço, que foy nà Cidade, cuidando que matauaõ o Meſtre, & como alaá foy Aluoro Paez, & muitas gentes com elle.*

PAGEM do Meſtre, q̃ eſtaua à porta como lhe diſſeraõ q̃ foſſe pella Villa, ſegundo jà era percebido, começou de ir rijamente, & ao galope encima do caualo, em que eſtaua dizendo a altas vozes bradando pella rua. *Mataõ o Meſtre, matão o Meſtre nos Paços da Rainha, acorrey ao Meſtre, q̃ o matão.* E aſſi chegou a caſa de Aluoro Paez, q̃ era daly hũ grande eſpaço. As gẽtes, q̃ eſto ouuirão, ſahião à rua ver q̃ couſa era, & começãdo de falar hũs cõ os outros, aluoraçaraõſe nas vontades, & começauão de tomar armas cada hũ como milhor, & mais azinha podião. Aluoro Paez, q̃ eſtaua jà preſtes, & armado cõ hũa coifa na cabeça, ſegundo vzança daquelle tempo, caualgou logo à preſſa encima de hum cauallo, que annos

annos hauia que não caualgara, & todolos ſeus criados com elle bradando a quaeſquer,que achaua, dizendo. *Acorramos ao Meſtre,amigos, acorramos ao Meſtre,ca filho he DelRey Dom Pedro.* E aſſi bradauão elle, & o pagem indo pella rua:ſoaraõ as vozes do arroido pella Cidade ouuindo todos bradar que matauão o Meſtre, & aſſi como viua, que Rey não tinha, & como ſe lhe eſte ficaſſe em logo de marido, ſe moueram todos com mão armada, correndo apreſſa para hum dezião que ſe eſto fazia para lhe dar vida,& eſcuzar morte. Aluoro Paez não quedaua de hir pera alaa bradando a todos. *Acorramos ao Meſtre, amigos, acorramos ao Meſtre, que o matão ſem porque.* A'gente começou de ſe ajuntar a elle, & era tanta, que era eſtranha couſa de ver, não cabião pellas ruas principaes, & atrauéſſauão lugares, eſcuſos ,. deſejando cada hum de ſer o primeiro, & perguntando huns aos outros, *quem matou ao Meſtre* ? não mingoaua quem reſponder : que o matauа o Conde Ioſrão Fernandez por mandado da Rainha. E por vontade de Deus todos feitos de hum coração com talante de o vingar, como forão ás portas dos Paços, que eram jaa cerradas, ante que chegaſſem com eſpantoſas palauras começaõ de dizer *Hu matão o Meſtre ? que he do Meſtre? quem cerrou eſtas portas?* Ally eram ouuidos brados de deſuairadas maneiras. Taes auiaõ, que certificauão que o Meſtre era morto, pois as portas eſtauão cerradas dizendo, que as britaſſem para entrar dentro, & veriam que era do Meſtre, ou que couſa era aquella. Delles bradauam por lenha, & que vieſſe lume pera porem fogo ás portas, & queimarem o tredor, & a aleiuoſa. Outros aficauão pedindo eſcadas pera ſobir acima pera verem que era do Meſtre, & em todo eſto era o arroido tam grande, que ſenão entendião huns aos outros, nem determinauam nenhuma couſa. E não ſomente era iſto à porta dos Paços, mas ainda a redor delles por hu homens, & molheres podião eſtar. Huns vinhaõ com feixes de lenha, outros traziam carque ja para acender o fogo, cuidando queimar o muro dos Paços com ella, dizendo muytos doeſtos contra a Rainha. De cima naõ faltaua quem bradar que o

Meſtre era viuo; & o Conde lohaõ Fernandez morto, mas eſto naõ queria nenhum crer, dizendo: *Pois ſe viuo he moſtraynolo.* Entaõ os do Meſtre vendo taõ grande aluoroço, como eſte, & que cada vez ſe acendia mais, diſſeram que foſſe ſua merce de ſe moſtrar àquellas gentes, doutra maneira poderiaõ quebrar as portas ou lhe poer fogo, & entrando aſſi dentro por força, não lhe poderião depois tolher de fazer o que quizeſſem. Ally ſe moſtrou o Meſtre a hũa grande janella, que vinha ſobre a rua, onde eſtaua Aluoro Paez: & a mais força da gẽte, & diſſe. *Amigos, apacificayuos cà eu viuo, & ſaõ ſou a Deos graças.* E tanta era a toruação delles & aſſi tinhaõ já em crença que o Meſtre era morto, que taes auia hy, que aporfiauão que não era aquelle, porem conhecendoo todos claramente ouueraõ graõ prazer quando o viraõ, & diziaõ hũs contra outros. O *que malfez, pois que matou o treedor do Conde, q̃ não matou logo a aleiuoſa com elle. Credes em Deus inda lhe ha de vir algum malpor ella, olhay, olhay & vede que maldade tam grande, mandarẽo chamar onde hiajà de ſeu caminho pera o matarẽ aqui por treição.* O *aleiuoſa jaâ nos matou hum ſenhor, & agora queria matar outro, leixaya, que ainda hũ de acabar mal por eſtas couſas, q̃ faz,* & ſem duuida, ſe elles entraraõ dentro, naõ ſe eſcuſara a Rainha de morte, & fora marauilha quantos eraõ da ſua parte, & do Conde poderem eſcapar. O Meſtre eſtaua á janella, & todos olhauão contra elle dizendo. O, *Senhor, como vos queriaõ matar por treição, bento ſeja Deus, que vos guardou deſſetrẽdor, vindeuos, day ao demo eſſes Paços, naõ ſejais laà mais.* E em dizendo eſto muitos chorauão com prazer de o ver viuo. Vendo elle eſtonce que nenhũa duuida tinha em ſua ſegurança, deceo a fundo, & caualgou com os ſeus acompanhado de todolos outros, que era marauilha de ver. Os quaes muy ledos ao derrador delle bradauão dizendo. *Que nos mandais fazer ſenhor? que quereis que façamos?* E elle lhes reſpondia adur podendo ſer ouuido: que o agardecia muyto, & que por eſtonce não auia mais miſter delles, & aſſi encaminhou pera os Paços do Almirante, hu pouſaua o Conde lohaõ Affonſo irmão da Rainha, com que auia de comer. As Donas da Cidade por a rua, por onde elle hia, ſahiaõ todas às janellas com prazer, dizendo a altas vozes. *Mã tenhauos Deus, ſenhor, bento ſeja*

*Deus*

*Deus, que vos guardou de tamanha treiçaõ, qual vos tinhaõ baſtecida*, ca nenhum por eſtonce podia outra couſa cuidar, & indo aſſi atè â entrada do Rocio, & o Cõde vinha com todolos ſeus, & outros boõs da Cidade, que o guardauão; aſſi como Affonſoeanes Nogueira, & Martim Affonſo Valente, & Eſteuão Vaſquez Felippe, & Aluoro do Rego, & outros fidalgos, & quando vio o Meſtre ir daquella guiſa, foyho abraçar com prazer, & diſſe. *Mãtenhauos Deus ſenhor; ſey que vos tiraſtes de grande cuidado, mas vos mereceis eſta honra melhor, q̃ nos, anday vamos logo comer.* E aſſi foraõ pera os Paços, hu pouſaua o Conde. E eſtando elles para ſe aſſentar á meza, diſſeraõ ao Meſtre como os da Cidade queriaõ matar o Biſpo, & que faria bem de lhe ir acorrer, & o Meſtre quizera alaá ir. Diſſe eſtonce o Conde *Naõ cureis diſſo, ſenhor, ſe o matarem, quer o matem, quer naõ mingoará outro Biſpo Portuguez, que vos ſirua melhor, que elle?* Ao dito do Conde ceſſou o Meſtre de ſua boa võtade, & o Biſpo foy morto de ſta guiſa, que ſe ſegue.

CAP. 13. *Como o Biſpo de Lisboa, & outros foraõ mortos, & lançados da torre da Seê a fundo.*

SENDO toda a Cidade ocupada cõ eſte aluoroço, & vindo commũmente por junto com a Sé foraõ alguns lembrados q̃ indo por ally com Aluoro Paez, q̃ bradarão aos decima que repicaſſem & que repiquando em Sam Martinho, & nas outras Igrejas, que na Sè não quiſerão repicar, & ſouberão que o Biſpo era encima, & que mandara cerrar as portas ſobreſi, & porque era Caſtellão diſſeraõ logo que era da parte da Rainha, & do Conde, & que elle fora ſabedor da treição, & morte, q̃ quizerão dar ao Meſtre, & que por aquello não repicarão, aſſacã do cõtra elle eſtas, & outras màs ſoſpeitas, que não mingoauaquẽ as affirmar, & ficou logo ally graõ parte do pouo á Seè com braua ſanha, por auer à preſſa entrada na Seè, & filharem logo do Biſpo vingança. O Biſpo era natural de Coimbra, & auia nome Dom Martinho, & ſendo Biſpo do Algarue, ouuera o Biſpado de Lisboa, por Gonçalo Vaſques licenciado

ciado em degredos, & lho ganhou do Papa Clemente por auer o Priorado de Guimaraẽs. Eſte Biſpo era grande leterado, & boõ Eccleſiaſtico, & regia muy bem ſua Igreja, morando encima da craſta della por continuadamente ver as horas, & diuinos officios, & ally tinha em vontade de mandar fazer caſas pera morarem todos os Conegos, pera auer azo de milhor ſeruir. E ſendo elle comendo aquelle dia o Prior de Guimaraẽs com elle, que auia hum anno, & mais, que o não vira, ſenaõ então, ouuiraõ graõ volta no Paço da Rainha, que era hi acerca, & carpinha de molheres com grandes vozes de gentes pellas ruas de rador bradando todos, *que mataõ o Meſtre*. O Biſpo ouuindo tamanha volta, & cada vez era mais, bem cuidou que não era feito leue, & por ſeguança de qualquer couſa, que avir podeſſe, leixou a meſa, a que eſtaua, & deceoſe por hũa eſcada afũdo á craſta, elle, & o Priol de Guimaraẽs, & hum taballiaõ de Sylues, que eſſe dia chegara por recadar com elle. Com eſſes dous cõuidados, & com alguns ſeus, com elles, ſe foy o Biſpo á mais alta torre da Sé, onde eſtauão os ſinos mandando primeiro fechar a de dentro todalas portas da Igreja. E quando Aluoro Paez por ally paſſou á ida, bradaraõ aos de cima, como diſſemos, que repicaſſem, & o homem boõ naõ ſabia que volta era aquella. Deshy por que o dar da campaam em tal Igreja era azo de grande aluoroço da Cidade, douidou muyto de o fazer, & elles quando virão que não repicaraõ na Seè, & que o Biſpo daquella guiſa eſtaua na torre, & as portas da Igreja fortemente cerradas, que as não podiaõ taõ azinha quebrar, ouueraõ eſcadas, & entraraõ por hũa freſta, & foraõ mui apreſſa abertas, & entrarão eſtõce quãtos quizeraõ, ſẽdo muyto poucos, em reſpeito dos que eſtauaõ fora, & a commum voz de todos era que foſſem acima ver quem eſtaua na torre, & porque naõ repicara, como nas outras Igrejas, & ſe foſſe o Biſpo, que o deitaſſem a fundo Sylueſtre Eſteuẽs homem honrado, Procurador dá Cidade, & Alcayde pequeno della, & outros ſobiraõ por hũa eſtreita eſcada, q̃ anda aderrador, porque naõ hia mais que hum antre outro, nem podia ninguem entrar atorre em quãto a de cima defender quizeſſem. O Biſpo, vendo como era Caſtellão, & de nação aelles contraira, receauão muito em tal oniaõ E todo ſeſudo deue recear, & naõ

& todo

lhe dauão lugar que entrassem, porem vendose sem culpa, deshi tal pessoa Ecclesiastica, segurandoo elles porem primeiro, & os que com elle estauão, ouueraõ entrada acima, & perguntandolhe porque não mandara dar á campana, pois aquellas gentes bradauaõ, que repicassem? elle se escusou per suas mansas, & boas rezoẽs, de geito que todos forão contentes. A seca sanha, que em taes feitos nenhũa rezão esguarda, começou tanto de dar nos entendimentos do pouo, q̃ à porta principal da Igreja estaua que começarão de bradar, altas vozes, aos de cima: que estauaõ fazendo que não deitauão o Bispo a fundo? dizendo *Guardayuos, naõ vamos nos là, ca se nos himos, todos vôs aueis de ir a fundo com elle.* Os de cima, que vontade não tinhaõ de lhe fazer mal, nem nojo, eralhe muyto graue de fazer, a hũa por ser Bispo, & mais seu Prelado, deshi, por a segurança, que lhe auião feita, naõ sabião que fizessem, a sanha trigaua os coraçoens, & com menco ria começaraõ de bradar oulhando todos pera cima dizẽdo. *Que tardada he essa, que vos là fazeis, que naõ deitais esse tredor a fundo? jà vos tornastes Castellaos como elle? de mais se vos peitou que o não deitasseis, & sois já todos de hum acordo?* Entao começaraõ todos de jurar que se o naõ deitassem, & hiaõ acima, que todos viessem a fundo com elle. E por quanto todo o temor he justo, porque homempode vir à morte, ou acerca dello, ouueraõ desto taõ gram receo, que logo o Bispo foy morto com feridas, & lançado á pressa a fundo, onde lhe toraõ dadas outras muitas, como se ganhassẽ perdoança, que sua carne jà pouco sentia. Alli o desarmaraõ de toda a vestidura, dandolhe pedradas com muytos, & feos doestos ataá que se enfadaraõ delles os homens, & os cachopos, & foy roubado de quanto auia. Semelhantemente foy lançado a fundo aquelle Priol de Guimaraens seu conuidado por hum escudeiro, que lhe mal queria, sobindo a cima com os do conselho, & vio tempo azado pera o matar, & buscandoo pela torre, & achouo escondido, & matouo, & naõ tendo ninguem sentido da morte delle, porque estauão com o Bispo, nem o tendo com oleuar da lli, deitaraõ da torre a fundo o coitado dotaballiaõ, que taõ pouca culpa auia, como os outros, começaraõ de o trazer afundo, & de o doestar, & empuxar, dizẽdo q̃ com o Bispo estaua, bem sabia

parte

parte daquella treição,& tãtas lhe derão de punhadas,ataá q̃ lhe começarão de dar feridas, & matarão no,& assi mataram todos tres & outros fogirão, & jouueram alli aquelle dia, & à noite, o Priol,& o tabalião,&em esse dia algũas pessoas refeces lançaram ao Bispo,onde jazia nú,hũ baraço naspernas,&chamãdo muitos cachopos,que o arrastassem, & hia hum rustico bradando diante. *Iustiça, que manda fazer noſſo Senhor o Papa Urbano Sexto este trèdor ſciſmatico,Caſtellão, porque naõ tinha com a Sancta Madre Igreja.* E assi o arrastaram pella Cidade com as vergonhosas partes descubertas, & o leuaram ao Rocio,onde o começarão de comer os cães,que o naõ ousauã nenhum soterrar, & sendo jà delle muito comesto o soterraram em outro dia alli no rocio; & os outros dous foram depois soterrados,por tirarem fedor dante sua vista,& posto que àlgũas pessoas taes cousas parecessem mal, & deshonestamente feitas,nenhum era ouzado de dizer o contrario.

CAP 14. *Como o Mestre depois que comeo, foy pedir perdam á Rainha, & das rezoẽs, que forão faladas.*

DEPOIS que o Conde,& o Mestre ouueram comido, segundo dissemos no capitulo antes deste, veyose pera elles o Conde Dom Aluoro Perez de Castro, & Ruy Pereira, & outros bons fidalgos, & o Mestre falou com os Condes dizendo,que elle entendia,q̃ fizera graõ desprazer á Raynha em matar o Conde em seus Paços,& que lhe parecia que era bẽ de lhe hir pedir perdaõ, se o elles por bem ouuessem, & acordado por todos que era bem, caualgaram àtarde pella Villa, & foraõse ao Paço da Rainha,& ella estaua em sua Camara cuberta de doó segundo auia em costume,& entrando elles pella porta fizeraõlhe sua reuerencia, & ella alçousse a elles,& os do Mestre, como osCondes entraram, assi foraõ elles todos dentro de volta armados,como andauam. A Rainha quando os assi vio entrar disse cõtra elles,como queixosa. *Ah Sancta Maria vallque deſmeſura he hora eſſa,ou que entrada de Camara? E como? todos nos hauemos de ſer em conſelho?* E elles calaramse, & não dixeraõ nada, leyxandose estar quedos,& ella quando isso vio, disse. *Andar,pois hom a Deus aſſi apraz, eſtay em boa hora.* E tornaraõse

tornaõſe a aſſentar em ſeu eſtrado, & diſſe aos Condes, que ſe aſſentaſſem; & o Meſtre ſe aſſẽtou eſtonce, & os Condes ambos, cada hum de ſua parte, & ſendo elles aſſi aſſentados, diſſe o Conde Dom Aluoro Perez ao Meſtre. *Senhor, dizey à Raynha ò porque aqui vieſtes, & deshi falaremos em al.* E entãoſe alçou o Meſtre, & pozſe em giolhos ante a Rainha, & o Meſtre começou de dizer, *Senhora, aquelle, que naõ erra naõ tem de que pedir perdão, & eu, pois vos errey, he rezaõ que vo lo peça, como quer que Deus ſabe, que minha entenção naõ foy de vos errar, nem fazer nojo, nem deſprazer, mas porque eſta couſa, que eu fiz, ſe me ázou de ſer feita em voſſos Paços, porem vos peço por merce, que me perdoeis, ca eſte homem que matey, naõ o fiz por vos fazer nojo, nem deshonra, mas fizeo por ſegurança de minha vida, ca entendia, que em quanto elle viueſſe, que a minha vida naõ ſeria ſegura & polo eu matar em voſſos Paços deſto vos peço eu perdão, & nam de outra couſa, ca a morte, que lhe eu dey, Deus he ſabedor de todas as couſas, ſabe bem, que muito ha que ma elle tinha merecida de lha eu dar, mas matalo em voſſos Paços, iſſo não diuera eu de fazer. E porem, ſenhora, ſeja voſſa merce de me perdoar, & ſe me eſta couſa perdoardes, inda me chegarâ Deus a tempo, que volo pague naquellas, q̃ vos mandardes, & que eu entender por voſſo ſeruiço.* A Rainha em quanto o Meſtre falou, naõ fez nenhum ſinal, que lhe aprazia de ſuas rezoẽs, ante calando moſtraua triſte geito, & os outros olhando como era rezão eſperando ſua boa reſpoſta, vendo como a não daua, falou o Conde Dom Aluoro Perez de Caſtro dizendo contra a Rainha. *Que he iſſo, ſenhora? não reſpondeis vos ao que vos diz o Meſtre? & naõ lhe perdoaes? Pareceme que vos diz bẽ, ca naõ he homẽ mais theudo ainda que foſſe a Deus, que ſe lhe erra, pedirlhe perdão. E pois que volo elle pede, vos lhe deueis de perdoar, mormente filho Del Rey, & deshi q̃ erro naõ foy hora tam anho nem feyto por tam màguiſa, que vos elle mores ſeruiços não poſſa fazer.* A Rainha naõ reſpondeo nada a iſto. Diſſe então o Condẽ de Barcellos ſeu irmaõ. *Que couſa he eſta ſenhora? porque não perdoaes ao Meſtre? ca bem vos diz o Conde ca nam he homem mais theudo, ainda q̃ ſeja a Deus ca lhe pedir perdam, quando erra: & pois volo elle pede, & he filho de Rey, ſempre em todo o tẽpo volo ſeruirâ com boons merecimentos*

*mentos. E porem todauia perdoay lhe, pois ſe tambem conhece, ca em tempo eſtais de lhe perdoar.* E ella quando eſta palaura ouuio, foy forçado de reſponder, & diſſe como em ſom de eſcarnio. *Pera q̃ he hora tal pedir perdam? ou para que ſam eſſas rezões? perdoado he elle de ſeu, mas dizeime hora, q̃ lho acoime, vos, que ſois meu irmaõ pareceme que ſobejo he pedir homem o que tem, & elle, pois que he perdoado, não ha por q̃ pedir mais perdam: & porem deixemos hora iſſo, & falemos em outras couſas, q̃ vos mais cumprem de falar.* Então reſpondeo o Meſtre, & diſſe. *Senhora ſe vos avós iſſo anoja, naõ falemos em ello mais, & daqui em diante falemos o que voſſa merce for Falemos hora*, diſſe ella, *em como dizem todauia cõmo ElRey de Caſtella queria vir a eſte Reyno antes do tempo, que he poſto nos trautos. E iſſo, Senhora, boa couſa he de ſe jalar*, diſſe o Meſtre. *poſtoque aſſàz jâ falado foſſe em ello quanto a mi parece o que jaá dito hey, que vos lhe deueis inuiar voſſo recado, & frontardeslhe que o naõ faça, & elle homem de rezam he, & creo que o não fara, quando lho vos aſſi mandardes requerer. E ponhamos*, diſſe ella, *que lho enuio requerer, & elle diz que o naõ quer fazer. Certamente*, diſſe o Meſtre, *ſe lho vos enuiaſſeis requerer, & elle fazer naõ quizeſſe, entam deueis vôs dajuntar voſſas gentes, & embargarlhe ſua vinda a todo voſſo poder.* A Rainha começou então de ſe ſurrir por modo deſcarnio, & diſſe, *O que boa rezão eſſa! & hy era ElRey meu ſenhor viuo & vos outros todos com elle, & naõ o podiees fazer, quanto mais agora, que elle he morto, & toda voſſa eſperança ſoterrada com elle.* Quando eſtas rezoẽs ouuio o Cõde Dom Aluoro Perez leuantouſe em pè, & diſſe *Alçaiuos, ſenhor, & vamonos, ca me parece q̃ nam praz aqui com quanto nos dizemos.* Então ſe leuantou o Meſtre & os Condes, & eſpediraõſe della, & foraõſe. Em ſaindo elles pella porta da Camara, oulhou ella & vio ainda jazer o Conde Iohan Fernandez morto ally onde ficara, ally onde o Meſtre omatou, & diſſe contra elles. *Ah Santa Maria valla que crueldade tamanha! E naõ haueis hora dó deſſe homem, que ahi jàz aſſi morto, tam deshonradamente? & ſe quer por ſer homem fidalgo como vos? Auey hora delle dô, & fazeyo ſoterrar, & não jaça ahi deſſa guiſa.* E elles não curaraõ diſto, & foraõſe pera ſuas pouſadas. O Conde IohaõFernandez jouue ally morto, & cuberto com hum tapete, velho

velho, que nenhum não ouzaua poer em ello mão pera o soterrar E elle jazia vestido, & ataquado, & hum gibão vermelho, & hũa atabarda de fino panno preto cõ alhetos & mangas muy bem feyto corpo de homem ataà idade de corenta annos, & depois que foy bem noite, mandouo a Rainha soterrar mais escusamente, q̃ ser pode, na Igreja de Sam Martinho, que he logo junto, & partiose essa noite dally, & foyse pera Alcaceua pera outros paços, que alaà tinha.

CAP 15. *Como os da Cidade quizeram roubar os Iudeus: & o Mestre os defendeo, que lhe não foy feito.*

PASSADO aquelle gram arroido, cõ que as gentes da Cidade chegaraõ ao Paço da Rainha, & que o Bispo foy morto da guisa, que ouuistes, gérouse antre elles hũa onião de mortal odio contra quaesquer, que sua entenção nam tinhaõ, & tanto que nenhum lugar era seguro a aquelles, que não seguião sua opinião. Cada hũ daua folgança a seu officio, & toda sua occupação era juntaremse em mogotes a falar na morte do Conde, & cousas, que auião acontecido deshi, pois ElRey de Castella dezião que vinha ao Reyno, que maneira se teria na defensão delle. E hũs nomeauão o Infante Dom Iohaõ dizendo que a elle pertencia o Reyno de direito. Outros dezião que não podia ser, ca era jà preso em Castella, & que nunca hauia de ser solto, ou que por ventura o matarião por este azo, & porque esto assi acontecera, que compria mais outro Infante no Reyno, saluo o Mestre Dauiz, que era filho DelRey D. Pedro, como o outro? & que este tomassem por seu Rey, & Senhor Gastado aquelle dia em taes falamentos, na seguinte manham tornaraõ a semelhantes rezoẽs, & cõtando cada hum o que lhe parecia de taes feitos, naceo antre elles hum nouo acordo, dizendo que era bem de roubar algũs Iudeus riquos da Iudaria, assi como Dom Iudas, que fora Thesoureiro mór DelRey Dom Fernando, & Dom Dauid Negro, que era grande seu priuado, & outros, & que destes poderia o Mestre auer muy grande riqueza, pera soportamento de sua honra. E falando huns com outros pera o poer em obra começouse daluoraçat, & juntar muitõ pouo. Os Iudeus, como esto sentiram, não curaram

dis

dir a Rainha, mas foraõſe ápreſſa alguns delles ás Caſas de Iohan Miguel junto com a See, onde o Meſtre aquella noute dormira, & diſſeraõ ao Meſtre, que os da Cidade ſe aluoraçauaõ pera os hirem roubar, & matar todos, & que lhe pediaõ por merce que lhe accorreſſe àpreſſa, & ſenão, q̃ todos eraõ mortos. O Meſtre dezia que ſe foſſem à Rainha, que elle naõ tinha hora com aquello de fazer, & elles ſe afficauam cada vez mais pedindo trigoſamente acorro. Os Condes Dom Iohaõ Affonſo, & Dom Aluoro Perez, que eſtauão com o Meſtre quando viraõ que elle ſe eſcuzaua, diſſeraõ com doo que delles ouuerão. *O, Senhor, por merce, hi alaa, & ante que comecem, & naõ lho leixareis fazer, ca depois q̃ começarẽ ſeruoshaõ muy maos de deſviar de tal feito* Caualgou eſtõce o Meſtre, & os Condes com elle & foyſe logo laa, & quando chegou á Iudaria achou graõ parte dos da Cidade, que ſe juntauam quante podião, & todos aluoraçados pera entrarem dentro, & a roubarem, & diſſe eſtonce o Meſtre contra elles. *Que he iſto, amigos? que obra he eſta, que quereis fazer? Senhor*, diſſerão elles, *eſtes trèdores deſtes Iudeos Dom Iudas & Dom Dauid Negro, que ſaõ da parte da Rainha, tem grandes theſouros eſcondidos, & queremolos tomar, & dalos a vôs, que queremos por noſſo Senhor. Amigos*, (diſſe elle) *naõ queiraes eſta couſa fazer, mas leyxay vos a mim eſſe cuidado, & eu ſobre ello porey remedio, Senhor*, diſſeram elles, *Nam aſſi, mas nos iremos buſcar os trèdores, onde jazem eſcondidos, & trazelosemos a vos, & auereis todo quanto elles tem.* O Meſtre dizendo que naõ curaſſem daquello, & elles todos a profiando que ſy. Eralhe graue couſa deſuialos deſta vontade. Diſſeraõ então os Condes ao Meſtre. *Quereys bem fazer? partiuos daqui, & irſeha eſta gente toda comvoſco, & naõ curaram mais deſto, que fazer quérem.* E o Meſtre fezeo aſſi, & foraõſe todos com elle pella rua noua, & ficando poucos a poucos, desfezeſſe gram parte daquella aſſuada, & alli diſſe o Meſtre a Antão Vaſquez, que era Iuiz do Crime na Cidade, que mandaſſe apregoar da parte da Rainha, ſob certa pena, que não foſſe nenhum tão ouzado de hir á Iudaria por fazer mal aos Iudeos elle diſſe que o mandaria apregoar de ſua parte, mas naõ já da Rainha; & o Meſtre lhe defendeo, que o não fizeſſe, & elle não cu-

rou

rou em eſto de ſua defeſa, & mandouo apregoar de ſua parte. As gentes todas, quando ouuiraõ eſte pregaõ, muito em ſuas vontades, & diziam huns contra os outros. *Que fazemos eſtando? tomemos eſte homem por Senhor, & alcemolo por Rey.* E elle ouuia eſtas couſas, & fechauaſe a ſorrir louuando muito a Deus em ſeu coração, que tal deſejo punha no pouo contra elle. Entaõ ſe tornaraõ a elle, & os Condes pera a See, & ally deſcaualgaraõ pera ouuir miſſa.

CAP. 16. *Que maneira tinha a Rainha Dona Lianor com o Meſtre, & alguns outros a que nam tinha bom deſejo.*

OS ANTIGOS, que louuaraõ as nobres molheres, que viueraõ notempo daRainha Dona Lianor, muyto erraram em ſeu eſcreuer, ſe a não pozeraõ na conta das muy famoſas, porque ſe o dom da fermoſura de todos muy prezado fez a algumas ganhar perpetual nome, deſte houue ella taõ grande parte acompanhada de a praziuel graça, que aquelle, que o mais deſejar podeſſe, ſeria aſſaz deſcontente de ſua natureza. A ella proueo deshi com eſto coſtumes de grande auiſamento: de nenhũa couſa, que a prudente molher pertencia, era ignorante. Foy molher muy inteira, & de coração caualeiroſo buſcador de marauilhoſas artes por firmeza de ſeu eſtado. Deſque ella reynou a prenderaõ as molheres ter nouos geitos com ſeus maridos, & as moſtráças de hũa couſa por outra mais perfeitamente do que ſe acha nos ancianos tempos, que outra Rainha de Portugal fizeſſe. E ella auia grandes fundamentos pera quem tinha mà võtade, nunqua lho poder conhecer, & onde entendia fazer gram dano, àzaua mortaes empècimẽtos, com moſtrança de todo o cõtrairo. Aſſi q̃ poſtoq̃ ella tiueſſe ao Meſtre hũ taõ mortal odio por a morte do Conde Ioham Fernandez, em guiſa que de nenhũ mal lhe podia então vir taõ grão parte, que a ella fora abaſtada vingança, perô com tudo iſſo ella pode tanto com ſeu grande coraçam, a muy poucos ligeiro de fazer, que nenhuns ſinaes de malquerença moſtraua ao Meſtre de fora, como ſe lhe nũ qua houueſſe feito nenhum deſprazer, mas eſtes poucos dias, q̃

lhe ella de pois falou, eſtando ella na Cidade, ſempre ſuas falas, & repoſtas eraõ contra elle boas, ſem moſtrança de mao deſejo. Ella aos dous dias depois da morte do Conde Iohaõ Fernandez, quitou a Fernão Lopez eſcudeiro do Meſtre, a ſeu rogo, cem dobras, que lhe demandou a que pagaſſe por Lourençoeanes ſeu ſogro, que fora Almoxarife DelRey Dom Affonſo, & nam ſómente ao Meſtre, mas ainda a alguns outros, que ella por tal rezam mà vontade tinha, nenhuma couſa daua a entender de rancor, que tiueſſe contra elles, mas ſuas falas, & deſembargos, todo era feito lédamente com bom geito, até que viſſe tempo azado de ſe poder vingar, ſegundo ſeu deſejo.

CAP 17 *Como a Rainha partio de Lisboa pera Alanquer & que maneira teue em ſua partida.*

MOVIDA tal diſcordia, como diſſemos, & trabalhandoſe os ſeguidores della por leuar adiante ſua opiniaõ, foi a Rainha poſta em grandes penſamentos, com meſtura de temor, ca ella era certa da maneira, quẽ o Meſtre queria ter com ella; doutra parte temiaſe dos moradores da Cidade. Aſſi que não ſabia que geito tiueſſe por ſegurança de ſua vida, & hõra, & cuidando ſobre eſto muytas, & mui deſuairadas couſas, entendeo q̃ a milhor, & mais ſegura, q̀ por preſente podia fazer, era partirſe daquella Cidade, & hirſe pera outro lugar mais ſeguro: então ordenou deſe hir pera hũa ſua Villa oito legoas da Cidade, a q̃ chamão Alanquer, & partio a Rainha grande manhaã, ſendo já eſpaço do dia andado, com Donas, & Donzellas, quantas auia em ſua caſa, & todolos ſeus com ella. ſ. o Conde Dom Iohaõ Affonſo ſeu irmão, & o Meſtre de Sãctiago D. Fernão Affonſo, & o Almirante Mice Lançarote, & Gonçalo Mendez de Vaſcogoncellos tio da Rainha, & Martim Gonçaluez de Atayde, & Pero Lourenço de Tauora, & Iohaõ Affonſo Pimentel, & Vaſco Perez de Camoens, & Ayres Vaſquez de Alualade, & Ioham Gonçalues Anadel mór, & Lourençoeanes Fogaça, & todolos do Dezembargo DelRey Dom Fernando aſſi como Aluoro Gonçalues, Veador da fazenda, & Gyleanes Corregedor, & outros muytos criados da Rainha, & DelRey Dom

Dom Fernando, & Dom Iudas Theſoureiro môr que fora Del Rey Dom Fernando, & ſeu Veador da fazenda, com temor dos grandes agrauos, que fazia ao pouo com os officios, que tinha, & nam ouzou hir de praça, aſſi como os outros, mas com huma funda de barrete na cabeça, com lança na mam, aſſi como page por ſer conhecido, Bernaldim, & Martim Paulo Garces, que ficaram no Reyno do tempo Del Rey Dom Fernando, hiam de traz com certas lanças, por guarda das azemalas com temor dos de Lisboa, receando que foſſem depos elles. A Rainha chegou a Aluerqua com trigoſo andar, & dally partio, & foy dormir a Alanquer, & quando entrou pella porta da Villa, diſſe Gonçalo Mendez: *Minha Senhora, agora entendo eu bem que vos eſtais ſegura, camnam em Lisboa.* A Rainha nam reſpondeo a eſtas palauras, nem diſſe couſa alguma, mas nam mingoaua, dos da ſua companhia quem pello caminho oulhando por detraz diſſe contra Lisboa: *que mao fogo a queimaſſe, & que ainda a viſſe deſtroida, & arada toda a boes.* Ally eſteue a Rainha por dias, pouzando os ſeus fora, & dentro na Villa, a qual ſe naõ velaua, nem tinha outra guarda, ſe nam as portas abertas de dia & de noite.

CAP 18. *Como ó Meſtre guiſaua pera ſe hir pera Ingraterra, & como pedio perdaõ a Vaſco Porcalho.*

DOIS que os humanaes, & eſpritaes feitos ſe julgam ſegundo a entençam, que ſe delles ſegue, nenhum tenha ſentido de prazmar o Meſtre, vendo as couſas, que ſe depois ſeguiram, dizendo que elle com deſordenadá cobiça de reynar, ou hauer outro ſenhorio no Reyno, & naõ por outra couſa, ſe moueo a matar o Conde Ioham Fernandez, ca ſua vontade nunqua eſta foy, nem mà; ſomente por vzar de honroſa façanha vingando a deſhonra de ſeu irmão; antes poz a vida, & honra em grande aventura, temendo de ſe fazer tal obra, deſpoendo de leyxar o Reyno, & o Meſtrado por eſto como defeito quizera fazer, porque tanto que a Raynha partio pera Alanquer, & elle ficou

na Cidade, ouue o Meſtre conſelho por ſegurança de ſua vida ſe hir pera Ingraterra, vendo que lhe não conuinha ficar no Reyno, & mandou fazer preſtes todo o que compria pera ſua ida em duas naos, que jaziam ante o porto da Cidade, carregadas de mercadorias dos mercadores. E como aquelle, que era diſcreto, & comprido de toda bondade, eſguardou o tempo, em que auia de partir, & como he forçaſo de paſſar por lugar, onde taes perigos coſtumam de ſer, a que artificios, nem reſiſtencia humanal preſtaua, ſem humanal ajuda daquelle Senhor, que todas as couſas, tem em gouernança, & por alimpamento de ſua conſciencia, antre as couſas, que primeiro fez, mandou chamar a Vaſco Porcalho Commendador môr de ſua Ordem, & contoulhe por ameude, como lhe a Rainha diſſera, quando fora preſo, que lhe fizera entender a ElRey Dom Fernando, que elle ſe queria hir pera Caſtella pera o Infante Dom Ioham em deſeruiço do Reyno, & que por tanto o mandara ElRey prender, & não por outra couſa. *Por a qual rezão*, diſſe o Meſtre, *eu vos tiue tão mâ vontade, que minha tençam foy de vos matar, & depois cuidey que a mim não vinha grande honra de o fazer, poſtoque vos o diſſeſſeis, & perdide vos toda a mà vontade, & queixume, de guiſa, que nunqua volo dey a entender deſentam atè agora, que commigo andais.* Entam lhe contou muitas rezoens, porque o leyxara de fazer, & diſſe. *Nam embargando, que eu theudo nam ſeja de vos pedir perdam tal, como eſte, por mor avondamento, vos rogo, que aquella maa vontade, que eu vos entam tiue, vos praza de me perdoar.* O Commendador môr ficou eſpantado, & marauilhandoſe muyto de tal couſa diſſe. *Oh maa molher aleiuoſa, comprida de toda maldade, Eu, Senhor, vos tenho em merce, por vos de mim auerdes taõ grande cauſa, & naõ me quererdes matar, nem fazerdes outro nojo, & agardeço muyto a Deus, & lhe ſou muito theudo por vos dar tam boõ entendimento, pera vos cuidardes a verdade da guiſa, que foy, & não doutro geito, que vos juro, Senhor, em minhalma, que nunqua lhe tal couſa diſſe, nem me paſſou por maginaçam.* Então lhe começou de jurar, que nunqua tal cou-

ſa

la dissera, nem sabia dello parte, & disselhe que fizera muy mal, que lho nam dissera depois que delle perdera aquelle queixume. *Que sede certo Senhor*, disse elle, *que se o eu soubera, quando vos matastes o Conde Iohão Fernandez, que eu nunqua me podera ter que a não matára.* O Mestre disse, que não curasse daquello, cà bem cria que elle dezia verdade, & cessando esto, falaraõ em outras cousas mais necessarias.

CAP. 20. *Porquaes rezoens os da Cidade disseram ao Mestre, que ficasse no Reyno, & o tomarião por Senhor.*

FAZENDOSE O Mestre prestes, pera se partir, & posto nos naujos todalas bitalhas, & feitas as mangedouras para as bestas, eram todos os da Cidade, assim os grandes, como os pequenos, abalados com medrosos pensamentos. Muytas cousas lhe mostrauão claros sinaes de noua guerra, & nenhuns podiam cuidar certamente, onde taes feitos auiam de hir ter. Era inda em este tempo gram dano nos pouos do Reyno, especialmente no de Lisboa vendo taes cousas muito douidosas, & postas sob esperança de gram destroição da terra: Nem os da Cidade estonce ser taõ seguro, que sempre não fosse muito acompanhado de temor, vendo como a Rainha partira tam queixosa de todos elles, por em tal guisa terem com o Mestre na morte do Conde Iohão Fernandez Demais que dezião que escreuera a ElRey de Castella, que logo trigosamente viesse ao Reyno, o qual vindo bem entendião todos, que não era, saluo por se asenhorear delles, & por destroição dos que contra a Rainha foraõ, & o mesmo na morte do Bispo. O coraçaõ de quantos hi auia, era dado a grandes pensamentos, poendo desuairadas fins, & mal, que se de taes feito seguir podia. Hum cuidado era verse ficar sem firmeza de paz por morte DelRey Dom Fernando, pois ElRey de Castella não queria guardar os trautos, segundo era contheudo, & vinha contra o Reyno por tomar posse delle: E segundo a sogeição grande, em que esperauam de ser postos sob o poder de Castellaõs, temendose ser delles sobgigados, como de seus mortaes imigos. Doutra parte grande temor,

que da Rainha auiam, ſendo lembrados do grande mal, que ante deſto auião recebido dos que contradiſſeram o caſamento DelRey Dom Fernando com ella. Demais eſtonce, que nam ſómente foraõ contra a Rainha, em ajuda do Meſtre, na morte do Conde Iohão Fernandez, mas ainda em alçandoſe em dei honeſtas palauras, & doeſtos; que a ella foram muy graues de ſoportar. Aſſim que ficando à merce da Rainha, que conhecia por muy vingador de vontade, eralhe aſſas forte couſa eſperar ſua execução. Alem deſto entendiaõ que vindo ElRey de Caſtella ao Reyno, entrando ſanhoſo dentro na Cidade, aſſim por rezão do pendão, que não conſentiraõ leuar pela Cidade, tomando voz por a Rainha ſua molher, como por ounião, que aleuantaram contra ſua ſogra, que era por força receberem dano nos corpos, & bens, a que contradizer nam podiaõ. Que a quizeſſem leyxar cerquar, & defenderſe DelRey de Caſtella, iſſo era couſa, que longamente manter naõ podiaõ, & em fim era por força ſer a Cidade tomada, & o Reyno todo ſogeito a Caſtella, cà todos eſperauam, que como Lisboa paſſaſſe, que aſſim paſſariam todolos outros. Outra couſa, que muyto afficaua o pouo meudo, era auer na Cidade gram parte de Gallegos, & Caſtellaõs, & muytos criados da Rainha, aſſim por criaçaõ como por bemfeitoria, & officios, que lhe derão. Os quaes auendo tal caſo, que ſe defender quizeſſem, temiam de ſer da ſua parte, & de todo ponto eſtorno contra elles E poſtas todas couſas ante ſeus olhos, nenhum era ſabedor do que auia de fazer.

## CAP. 21. *Das rezoens, que os da Cidade dezião ao Meſtre, porque ſenam deuia de partir.*

ANDANDO o pouo aſſim aleuantado poſto em trabalho de falar em taõ grandes duuidas, & vendo no Meſtre tanta authoridade, que pera os defender era pertencente, ardião todos com cobiça de o ver por Senhor. E falando huns com os outros deziaõ *Que eſtamos fazendo? Tomemos eſte homem por Defenſor, cá ſua diſcrição, & fortaleza he tanta, que baſtarà pera empu-*

*empuxar todolos perigos, que nos auir podem*. Eſtonce chegaram a elle pedindolhe por merce que os nam quizeſſe deſemparar, leyxando a elles, & ao Reyno todo, que com tanto trabalho fora ganhado pellos Reys, donde elle vinha, em poder de Caſtellaõs, cà elles bem certos erão, que ElRey de Caſtella era àpreſſa chamado da parte da Rainha, & vindo ao Reyno poderoſamente era por força de ſe aſenhorear delle, ſenão tiueſſe quem o defender, & elles todos poſtos em mezquinha, & refeçe ſugeição. E que porem lhe pedião por merce que ſe não quizeſſe partir, mas que fiquaſſe na Cidade, cà elles o querião tomar por Senhor, que os regeſe, & mandaſſe em toda couſa. E ſe por ventũra o Infante Dom Iohão vieſſe, & lheo Reyno pertenceſſe por direito, que o tomarião Rey, doutra guiſa não; E ſe era aſſi, como todos cuidauam, que elles o tomariam por ſeu Rey, & Senhor, & que ſe aſenhoreaſſe logo dos theſouros, & Alfandega, & Almazens, & todos outros direitos, & couſas que pertenciam ao Rey, & que elles o poeriam em poſſe do Caſtello, & fortaleza da Cidade, & que eſcreueſe cartas por todo o Reyno, como ſe eſta couſa fazia, & que elles eram certos, que os mais de todos teriam eſta tençam, por nam cahirem em poder de Caſtellãos. Deshi com eſto deziamlhe como por ſer da ſua parte na morte do Conde Iohan Fernandez, & couſas, que ſe eſtonce aconteceram, eram poſtos em grande homiſio da Rainha, por cujo azo era forçado, nam tendo quem ſe por elles poer, de receber gram dano nos corpos, & nas fazendas. Com taes couſas, & com outras ſemelhantes, ſe trabalhaũam todos demouer o Meſtre a ſe nam partir da Cidade, & ficar no Reyno por ſeu defenſor; mas elle ſe eſcuſaua com boas, & doces razoens, esforçandoos quanto podia com bõas, & doces palauras de conforto, que nenhuns delles receber podiam, nenhuma couſa lhe outorgando do que lhe em tal feito hiam requerer. Elles, nam embargando eſto, quantas vezes o Meſtre caualgaua pela Villa, era aſſi acompanhado do commum, como ſe das mãos delle cahiſſem theſouros, que todos oueſſem de apanhar, & ſeguindoo as gentes com grande prazer, hũs

lhe trauauão pella redea da beſta, & outros das fraldas das veſtiduras, & bradando todos dezião a altas vozes, que os não quizeſſe deſemparar, mas ficaſſe no Reyno por Senhor delles, prometendolhe cada hum das riquezas, & bens que tinhaõ, offerecendolhe os corpos por ſeu ſeruiço. Elle ouluhauaos rindo do que dizião, & aſſi chegauão com elle atá onde o Meſtre pouſaua, & deshi tornauaõ.

CAP 22. *Da maneira, que a Rainha ordenou pera matar o Meſtre, quando ſoube que queria partirſe pera Ingraterra.*

NAM tem o odio menos ſentido dauer vingança daquelle que deſama, que o amor de trigoſos pẽſamentos de cedo. Pouco corre quem muito deſeja, & aſſi como onde ha muito grãde amor, ſeguiraõ muitos deſuairados cuidados por cedo peralcançar afim de ſeu deſejo, aſſi o que tem rancor de algũas peſſoas naõ ceſſa penſar deſuayrados caminhos, com que a pagaõ azinha ſua mortal ſanha: E por tanto a Rainha Dona Lianor, por vontade femenina, que geralmente he muito deſejador de vingança, deshi vzando de hũ grandioſo coraçaõ, de que a natureza lhe não fora eſcaſſa, por eſtonce nenhũa touſa a ſeu entendimento era mais repreſentada, que cuidar a miude todolos modos, porque do Meſtre podeſſe auer toda comprida emmenda, & ſendo certa como ſe elle trigaua pera partir em naos, que já tinha bem abitalhadas, & ſe hir peraIngraterra, & que nenhũs rogos, nẽ prezes do pouo o podiaõ fazer reter, entendendo que a vinda DelRey de Caſtella não podia taõ âpreſſa ſer, que ſe elle muito mais cedo por mar não partiſſe, & leyxado o modo da vindaDel Rey, que determinado tinha pera delle ſer vingada, cuidou de ordenar por outra maneira, porque de morte, ou poſto em priſaõ por nenhũa guiſa podeſſe eſcapar & foy deſte geito. Quando ella foy certa que ſe o Meſtre diſpunha pera partir, penſou que entaõ tinha mais preſtes azo pera o auer a mão preſo, ou morto, & dizem que mandou fallar com os Meſtres daquelles nauios, eſpecialmente com o Meſtre daquella nao, em que elle auia de ir, prometendolhes grandes, & aſſinadas merces, ſe iſto quizeſſem por em obra. ſ. que como as Naos foſſem atrauez da coſta de Atouguia, q̃

ſaõ

saõ quatorze legoas da Cidade, q̃ tiuessem geito os Mestres, & Marinheiros de se todos meter nos bateis, & hir em terra, e leyxadas naos as desemparadas de marean tes, que era por força de virem à costa. E que estonce seria forçado de o Mestre ser morto, ou prezo & tal maginação lhepareceo mui to cõuinhauel pera seu prepósito ser muito mais cedo acabado. E presumese q̃ prouue a aquelles o que foy cometido, porque naõ dando ella tardança a tal pensamento, quando soube que o Mestre trigaua pera embarcar, & naõ queria ficar na Cidade, falou esta cousa com Vasco Paez de Camoens, & tanto afficou esta trigosa vontade, que ante que fosse certa se era partido, ou não, o mandou duas vezes de Alanquer a Atouguia com certos homẽs, que leuaua consigo pera aguardar como se esto puzesse em obra, & lho trouuessem prezo ally onde estaua, ou certo recado, como era morto. E quando a Rainha soube de certo que o Mestre ainda não partira, & que os da Cidade se afficauão de toda guisa de o tomar por Senhor, cessou de mandar saber nouas desto, atà q̃ soubesse se partira ou não.

CAP. 23. *Das rezoens, que Aluoro Vasquez ouue com o Mestre sobre sua partida pera Ingraterra.*

SENDO no pouo cuidado mortal, por sua segurança, & defensaõ da terra da guisa, que tendes ouuido, naõ embargando que se o Mestre escuzasse por suas rezoens á não poder ficquar em o Reyno, as gentes porem não leyxauaõ de o seguir, pedindolho cada dia por merce que os naõ quizesse desemparar. E porque era publica voz, & fama que sẽ elle hia pera Ingraterra, vendo Ruy Pereira tanto pouo ao redor delle bradando todos que o queriaõ por Senhor, disse hũa tal rezão contra o Mestre. *Quereis que vos diga, Senhor, vos dizem, Senhor, que vos his pera Ingraterra, mas a mi parece que boõ Londres he este.* Estonce hum Escudeiro fidalgo, q̃ chamauão Aluoro Vasquez de Goes chamou o Mestre a parte & disse desta guisa: *Vos, Senhor, dizem que ordenaes de vos partir daqui, & vos hir pera outra terra.* O Mestre respondeo, *que sy. Que vos moue*, disse elle, *pera fazerdes tal partida? Moueme*, disse o Mestre,

*ſtre, a vinda Del Rey de Caſtella, que he certo que ſe vem aqui, deſbi os mores do Rey o tem todos da parte da Rainha, aqual me quer muy gram mal, por a morte do Conde Ioham Fernandez, & ſou certo, que me azarà todo o mal, & deſhonra por hu quer que poder. Por aqual parte,* diſſe o Eſcudeiro, *vos entendeis de partir? Entendo,* diſſe o Meſtre, *de me hir pera Ingraterra. Que vida tendes la de fazer?* diſſe Aluoro Vaſquez, *Entendo,* diſſe elle, *ſeruir a ElRey na guerra, que ouuer com ſeus inimigos, & ganhar aquella honra, & fama, que todos boõs deſejão percal çar. He verdade,* diſſe o Eſcudeiro, *Eu não ſey bẽ em eſto voſſa vontade, mas peçouos por merce que me digaes, poſto que vos la andeis quanto tempo quizerdes, & que ſirvaes muy bem a ElRey, como eu entendo que vos ſeruireis, quando entendereis vos là de cobrar outra tão boa Cidade por força de armas como a Cidade de Lisboa, em que vos eſtais, & hu ſe offerecẽ os moradores della a ſeruir, & dar quãto tem atà morrer por vos ajudar? E ſe vos em outra terra entẽdeis de ſeruir por alcãçar hõra, & em feito darmas, hu podeis vos, Senhor, ſeruiço fazer, emque melhor relembrança fique de vos, que a terra, que foy ganhada, por os nobres Reys, de hu vos deſcendeis, & donde ſoes natural? mayormente em gente, que tam de coraçaõ, & vontade natural, vos offerecem ſua ajuda, & ſeruiço? Em verdade, Senhor, vos podeis fazer o que voſſa merce for, mas naõ ſeria em conſelho de vos partirdes daqui pera outra parte, nem o entendo por voſſo ſeruiço.* Quando o Meſtre ouuio taes rezoẽs pareceraõlhe boas, & começou de cuidar em ſua ficada, porque maneira poderia em ſua honra, & proueito.

## CAP. 24. *Como Frey Ioham da Barroca veyo a Lisboa, & da maneira de ſeu viuer.*

AINDA que breue, & mais ſimplezmẽte eſte capitolo podeſſe ſer contado porem ſatisfazendo a noſſo deſejo, & dalguns, aque por ventura pode aprazer dello, ſem nomear outros Autores dizemos, que os modos das reuelaçoẽs ſaõ quatro. ſ. dous corporaes, & dous eſpirituaes da parte dalma. O modo primeiro corporal he quãdo os olhos corporaes ſaõ abertos a ver o Ceo, & a terra & outras taes couſas, & eſta reuelação, ou demoſtração naõ he perfeita, por quanto por ella naõ alcan-

alcançamos às virtudes das couſas,que vemos. O ſegundo, quando vemos a de fora couſa,q̃ tem myſterio de dentro, aſſi como Mouſès,que vio arder o eſpinheiro, per que ſe moſtraua à Encarnaçam do Filho de Deus. Dos outros dous eſpirituaes, hum he quando com os olhos dalma, a lumiamento do Eſprito Santo vimos em conhecimento de al gũa couſa: outro quando por humanal eſprito,a ſutileza de natural engenho, inueſtigamos algũa couſa, a qual verdadeiramente depois ſabemos,aſsi como forão os filoſofos, que ſouberam os naturaes curſos dos planetas,& aſſi doutras couſas. As reuelaçoens outroſy ſam por ſinquo modos. ſ, ſonho,viſam, coraçam,non ſonho,fantaſma: E eſtes dous modos poſtumeiros algũas vezes vẽ por inchamento de eſtamago,outras por mingoa devianda;outras por amor dealguma peſſoa,a que grande bem queremos: outras vezes por gram temor;outras per azo de prefundo penſamento, de humor menencolico, & às vezes por engano de Satanàs,q̃ ſe tranſfigura em Anjo de luz,de guiſa,q̃ eſtes dous modos poſtumeiros, nenhum pode dar interpretaçaõ, que certa ſeja. Ao coração he quãdo a algum homem de boa vida parece o Senhor Deus,ou algum Anjo, & lhe dizem elle, ou outra peſſoa. Viſam he quando homem aquillo q̃ vio em ſonhos, vè deſpois claramente por viſta,aſsi como o ſonho, que vio Faraó das vacas, & das eſpigas, & declarar por ſy nam ſouber, & ha meſter que lho interpetrem, como foy o ſonho do Copeiro Del-Rey Faraô. Ora ſe por algum deſtes modos ſobreditos,ou por outros, que aqui nam pomos,aconteceo a vinda de Frey Ioham, a que deſpois chamáraõ da Barroca,diſto naõ auemos mais conhecimento,ſaluo quanto achamos eſcrito, que contaõ delle algũas hiſtorias dizendo: que ante por tempo que o Meſtre mataſſe ao Cõde,viuia hum bom homem deuoto, em Ieruſalem, erá vida empardeado,& era Caſtellão. A eſte veo em reuelaçam, que ſe vieſſe ao porto de Iafa, & que alli acharia hũa nao preſtes,que vinha pera Portugal á Cidade de Lisboa, & que entraſſe em ella, & aportaria alli. O homem bom ſe ſahio da cella, onde viuia, & chegando a àquelle porto achou hũa nao preſtes, como lhe fora dito, & entrou logo em ella, & encaminhou Deus ſua viagem de guiſa, que chegaraõ à aquella Cidade,onde elle nunqua fora. E como

como foy noyte diſſe que o leuaſſem a hũa alta barroca acerqua do Moſteiro de Sam Franciſco deſſe lugar, onde auia hũa pobre caſa bem pequena, & que lhe cerraſſem a porta, ſaluo hũa muy eſtreita janella, que ficaſſe por viſta, & que Deos o proueria ally do que neceſſario foſſe. Fizeraõno aſſi aquelles, que deſto tomaraõ cuidado, & foy encerrado em aquelle lugar. E viuendo ally o homem boõ em aſpera & apertada vida, começaram as gentes de ver em elle tal deuaçaõ viſitandoo com ſuas eſmolas, de que elle pouco tomaua, q̃ todos o hauiaõ por Santo, & que Deos lhe reuelaua muitas couſas que eraõ por vir, & algũs hiaõ tomar com elle conſelho por ſaude de ſuas almas, & fazenda.

CAP 25. *Como o Meſtre fallou com Frey Iohaõ da Barroca, & da reposta, que lhe elle diſſe.*



PORQVE dos entendidos he requerer conſelho, & os grandes feitos naõ encaminharpor ſeu prepoſito, teue o Meſtre que era bem, não embargando o que lhe diſſera Aluoro Vaſquez, & Ruy Pereira, & outros, de ſe aconſelhar com eſpirituaes peſſoas, pois a tal cargo, que lhe deziaõ que tomaſſe, não ſomente compria auer ajuda das gentes, mas ainda as oraçoẽs, & prezes dos boõs; & ajuda de Deus, & ſua graça. E pella grande nomeada, que pella Cidade auia deſte Frey Iohão da Barroca, aſſi de ſua honeſta vida, como de boõs conſelhos, que daua a algũs que o hiaõ viſitar, foy o Meſtre falar com elle, & eſta fala dizem algũs que foy a requerimento do homem boõ, com o qual falara Aluoro Paez, fazendolhe queixume, como ſe o Meſtre queria ir, & que elle lhe diſſe que todauia conſelhaſſe ao Meſtre, que naõ partiſſe, ca a Deos prazia de elle ſer Regedor deſta terra, & Senhor della. Outros cõtão, que o Meſtre ſe moueo a lhe hir falar por auer delle algũ proueitoſo conſelho em ſeu feito. E hora de qualquer guiſa, que ſeja o Meſtre foy a elle, & contoulhe toda ſua fazenda, & quanto lhe auiera com o pouo da Cidade, dizendocomo ſe todos afficauaõ de o tomar por Senhor, & que ſe não foſſe fora do Reyno; deshi todalas outras rezoẽs, que com muitos elle ouuera, conſelhandolhe todauia q̃ ficaſſe, mas que elle não via nenhum caminho,

como

como ſe eſto podeſſe fazer a ſeu ſaluo, nem do pouo da Cidade, porque ElRey de Caſtella vinha muy poderoſamente ao Reyno, & as mais das Villas, & Lugares tinhaõ jà voz delle: que pera tal defenſaõ, como aquella, compria ajuda de muitas gentes, & graõ ſoma de dinheiros peradeſpeza do ſoldo. Deshi o Caſtello da Cidade, que era contra elle, ſer logo tomado, que ſeria muy graue de fazer tam àpreſſa; Aſſi que eſtas, & todalas outras contrarias rezoens que o Meſtre entendeo que tal feito embargar podiaõ, contou pello miude ao homem boõ, & elle a todas reſpondeo de guiſa, q̃ o Meſtre folgou muito com ſua repoſta, poendolhe grande esforço em elles, dizendolhe todauia, que ſe naõ foſſe do Reyno, & começaſſe de ſeguir ſeu feito com ardideza de coraçaõ, & a Deus prazia de elle ſer Rey, & Senhor delle, & ſeus filhos depois de ſua morte, & que pera tomar o Caſtello da Cidade fizeſſe hum artificio de madeira, que chamão Gata, & que logo ſem muita detença ſeria tomado com mui poucas gentes. O Meſtre, quando eſto ouuio, marauilhandoſe das palauras do homem boõ, & começãdo de cobrar esforço, partioſe entonces dante elle aſſaz cuidadoſo de ſua fazenda.

CAP. 26. *Como foy acordado de enuiar à Rainha cometer caſamento com o Meſtre, & ſegurança pera os da Cidade.*

NAM conuem calar, poſto que poucos liuros deſto façaõ mẽção, a maneira, que o Meſtre teue, depois que falou com Frey Iohaõ aquella vez, & outras algũas em rezão de ſua partida, ou fiçada, porque cuidando elle o proſeguimento de tantos trabalhos, & cuidado como compria a tal feito, mandou chamar Aluoro Paez, & outros alguns da Cidade, que lhe ſobre eſto auião falado, & diſſe: que penſando elle no que lhe por vezes diſſeraõ, em rezão de ſua ficada em o Reyno, duuidou em ello muito, & que via tantos cõtrairos, q̃ eſta couſa não poderia hir auante com ſua honra, & proueito delles, que ſempre duuidara muito de o fazer, porq̃ cuidaſſem bem em ello, que não era couſa pera começar aſſi de ligeiro, & que ſe algũa boa maneira podeſſem achar acerca do que começar queriaõ, que elle preſtes era pera o por em obra, & doutra guiſa, melhor ſeria não começar, & buſcarlhe outro remedio. E falando

lando ſobre eſto perlongados ſer moẽs, vieraõ algũs a cuidar, que por eſquiuarem ſemelhante dano, qual auiera ao Reyno no tempo DelRey Dom Fernando com guerras. Deshy por eſta couſa ſer milhor, & mais proueitoſamente feito, que era bem que o Meſtre cazaſſe com a Rainha Dona Lianor dizendo que ella auia de uer o Regimento do Reyno por certos annos, ſegundo nos trautos era conteudo, & que em tanto poderia ſer que haueria ElRey de Caſtella filho da Rainha Dona Breatiz, oqual auia de ſer trazido ao Reyno, & criado em elle, como nas auenças fora outorgado, & que elle com a Rainha ſeria Regedor todo aquelle tempo & quando vieſſe aquella ſezam que elle ouueſſe de reynar, que ficaria o Meſtre Gouernador Del Rey, & o mór do Reyno, & de ſeu Conſelho, & deſta guiſa ſeria a terra em aſſiecego, & paz, & elles ſeguros de parte da Rainha pella oniaõ, que aleuantaraõ contra ella, & que o Papa vendo quãto bem ſe de tal couſa ſeguia, que ligeiramente diſpenſaria com elles, que podeſſem ambos caſar. Foy eſta couſa dita ao Meſtre, & poſta em conſelho, perante aquelles com que rezão tinha de o fazer, & foy determinado que era proueitoſa por eſtas rezoẽs, que ditas auemos, & outras muytas que alguns aſſinauam, dizendo q era bem de ſer cometido, & veriaõ que repoſta dauão a ello, & ordenando quem lá ouueſſe de ir, acharaõ que era bem enuiar ſobre eſto Aluoro Gonçaluez Camelo, que foy depois Prior do Eſpital, & Aluoro Paez Cidadão, de q̃ enſima he feita menção, os quaes chegando a Alanquer receberaõ della grande, & infindo gazalhado fengido, eſpecialmente Aluoro Paez, a que ella mor mal queria, & falando à Rainha ſobre aquello, a que eraõ inuiados, nam ſe ordenou com elles em feito de caſamento: quanto à ſegurança dos moradores da Cidade pella oniaõ, que leuantaraõ contra ella dizem algũs que teue eſte geito, como era prudente molher, & ſages, vio que não lhe dando ſegurança, que o pouo requeria, que como todos andauão aleuantados, que ſe poderia ſeguir mais pior, & ella eſtonce naõ teria azo de ſe vingar delles, ſegundo deſejaua, & porẽ em elio duuidaua, fingio que comungaua de hũa hoſtia, a qual affirmão que não era ſagrada, & deulhe ſuas cartas de ſeguro pera ſe partirem. Ora aſſi aueo que depoisque a Rainha foy em Alanquer, como diſſemos

come-

começaraõ de falar perante ella eſſes fidalgos,& outros, que preſentes eraõ, ſobre o que a cada hum ficara na Cidade, de que ſe mais dohia, moſtrando os taes quanto lhepezaua de o aſſi perderem. A Rainha ouuindo falar em eſto diſſe contra os outros: *Quãta mim não me peza doutra couſa,que me là ficaſſe,como do barcinete,& da cotta de Aluoro Paez com o ſayaõ.* Diſſeraõ elles. *Que taõ boas armas ſaõ eſſas, que vos naõ podeis auer outras taõ boas por dinheiro?* *Não me dariaõ* diſſe ella, *outras taes por nenhum dinheiro,& ſe me alguem eſtas deſſe á maõ,eu lhe daria por ellas quãto me pediſſe.* E marauilhandoſe todos que armas poderiaõ taes auer,ſouberaõ que o dizia por Aluoro Paez,ca era caluo, & por a cotta da cabeça. Algũs, quẽ lhe eſto ouuiraõ,foraõ dizer a Aluoro Paez,& trabalhou de ſe partir mais à preſſa, & encaminharam pera Lisboa, & antes que ſe partiſſe de Alanquer diſſe o Conde Iohaõ Affonſo a hum eſcudeiro caſado em Lisboa,com quem auia conhecimento, que hia em companhia dos Embaixadores. *que bem via como Caſtella era cõtra Portugal,& Portugal contra ſy meſmo, & que bem deuia entender que tal ſandice,qual leuantaraõ dous çapateiros,& dous alfayates,querendo tomar o Meſtre por Senhor que naõ era couſa pera ir a diante,& que por tanto,ao menos por ſegurança de ſeus bens,que layxaſſe a Cidade, & ſe foſſe pera elles. Nunqua tal viſtes,* diſſe o eſcudeiro,*quãdo cá eſtou, pareceme que he aſſi como vos dizeis, & depois que làſaõ,ſemelhame que todos naõ valeis nada, & que quãto me falais,que tudo he vento.*

## CAP. 27 *Como o Meſtre outorgou deficar por Regedor,& Defenſor do Reyno,& do que foy falado na Camara da Cidade, ſobre ſua ficada delle.*

EM QVANTO Aluoro Gonçalues, & Aluoro Paez foram enuiados a Alãquer, aluoraçaraõſe as gẽtes da Cidade, ſabendo que ElRey de Caſtella ſe vinha chegando ao Reyno,& diſſeraõ huns cõtra os outros *Que temos de fazer com enuiar recado à Rainha,nem poer em eſto mais longa tardança vamos ao Meſtre, & peçamoslhe affincadamente que ſeja ſua merce em toda guiſa tomar carrego deſta Cidade,& Reyno,& nos o ſeruiremos com os corpos, & aueres, & lhe daremos todo quanto temos*

to temos

*to temos; E assi faraõ todolos outros do Reyno, que verdadeiros Portuguezes forem, & não curẽ de mais inuiar recado á Rainha, nem de reposta, que lhe ha de mandar.* Estonce o Commum pouo liure, & não sogeito a algũs, que o contrairo desto sentissem lhe pediraõ por merce que se chamasse Regedor, & Defensor dos Reynos. E elle vendo seus grandes desejos, deshi o conselho de Frey Iohaõ, & dos outros, que lhe sobre esto hauião falado, outorgou de o fazer, com tanto que elles se jũtassem todos aquelle dia no Moesteiro de Sam Domingos, pera auer de falar o q̃ sobre ello entendia de fazer em rezão da sua ficada, por quanto eraõ requeridos, & elles disseraõ que lhe aprazia muito. Iuntos esse dia muito pouo da Cidade em aquelle Moesteiro, propoz o Mestre como se entẽdia partir do Reyno, & as rezoẽs porque, como já dissẽmos; Deshi como lhe fora requerido muytas vezes por elles que todauia ficasse por seu Defensor, & que elle se escuzara dello por certas rezoẽs, que lhe logo assinou; mas pois se elles tanto aficauão, & afirmauaõ que todauia não partisse, & ficasse na Cidade, que elle por seruiço & honra do Reyno determinaua em sua vontade de ficar, com tanto que elle estiuesse em maneira de o seruir, & soportar em aquella honra, & estado, que compria por defẽsaõ do Reyno, elles a hũa mavoz não esperãdo q̃ falasse hũ por todos, mas quantos hi eram juntos, altamente disseraõ que lhe prazia de o seruir, & ajudar com os corpos, & aueres atẽ morrerem todos ante elle. E o Mestre respondeolhe estonce; que pois elles assi dezião de tomar cargo, & ser seu Defensor, & poer o corpo a qualquer auentura, por honra do Reyno, & sua defẽsaõ delles. Quãdo o Mestre outorgou desta guisa ter cuidado, & regimento do Reyno, toda a tristeza foy tora das gẽtes, & seus coraçoẽs não deraõ lugar a nenhũa trespassaçaõ do temor, mas todos ledos tob a boa esperança fundada em bemauenturado fim se esforçaraõ de leuar seu feito a diante, tendo grande fẽ em Deus, que os auia de ajudar & disseraõ logo ao Mestre: por quanto na Cidade hauia muytos honrados Cidadaõs, que alli naõ estauão presentes, que fossem chamados à Camara do Concelho, & que lhe fosse todo rezoado, & preposto, quãto a elles fora dito, de q̃ guisa outorgasse todos, & q̃ elles disseraõ que o querião fazer o Mestre disse que era muy bem, & foraõ em outro dia todos chamados;

mados,& ſendo aſſi juntos em aquella Camara da Cidade,foy rezoado por parte do Meſtre como todo opouo meudo o recebia por ſeu Regedor,& Defenſor, & que ora era a elles requerido ſe lhes prazia outorgar aquello,quetodo o pouo aſſi tinha outorgado.Nenhum não reſpondeo,calandoſe todos juntos falauão muy manſo à orelha com os q̃ ſiaõ acerca delles,aſſique nenhum daua repoſta,&amoſtrauee q̃ conſentia em couſa, que outros diſſeſſem,não por lhes a elles não prazer de a Cidade,& Reyno ſer defeſo dos amigos, mas porque todos aquelles douidauão de tal couſa poder ir a diante,nem hauer depois boa fim. Mas a entẽção do pouo meudo era muito por contrairo.Deshi auião grande receo da Rainha de lhe encoimar eſto com grande tormentos, como feito foy no tempo DelRey Dom Fernando,quando lhe contradiſſeraõ o caſamento daRainha com elle.E douidando eſtes,que eraõ chamados,& não reſpondendo ao q̃lhe dizião,era hi muito pouojũto,antre os quaes eſtaua hum thenoeiro,q̃ chamauão Affonſoeanes Penedo,q̃ fora preſẽte com todolos outros,quando ſe ajũtaraõ em S, Domingos, outorgando de receber por Senhor o Meſtre.E vẽdo q̃ nenhum não falaua dos mais honrados da Cidade,q̃ eraõ preſẽtes,começou de ſepaſſear andãdo & poz a mão em hũa eſpada,q̃ tinha na cinta. *Que eſtais voſoutros aſſi cuidãdo? & q̃ naõ outorgaes oq̃ outorgaraõ quãtos aqui eſtaõ? E como? ainda vos douidaes detomar o Meſtre por Regedor deſtes Reynos & q̃ tome cargo de defẽder eſta Cidade,& avoſoutros todos? Parece q̃ não ſois voſoutros verdadeiros Portuguezes. Digouos q̃ quãto por eſſa guiſa buſcayuos todos ceão em poder de Caſtellaõs.* E em tãto falauãoſe algũas rezoẽs entre elles ſobre eſto, mas nenhũa repoſta ſe daua,qual compria,por quanto eſtesmayores ſe receauão muito das rezoẽs,que jà tendes ouuidas.Eſtonce aquelle thenoeiro encima nomeado poz a mão na eſpada outra vez,e diſſe cõtra aquelles,a que ſe fazia tal requerimento. *Voſoutros que eſtais aſſi fazendo? Quereis vos outorgar o q̃ vos dizem? ou dizei que não quereys, que eu em eſta couſa naõ tenho mais auenturado, que eſta garganta, & quem eſto não quizer outorgar, logo ha meſter que o pague pella ſua, ante que daqui parta.* E todos, que hi eſtauam do pouo meudo, aquella meſma rezam diſſeram. Vendo aquelles, que foram chama-

dos o aluoroço, que todos fazião & que lhes não compria deſto ter outro contrairo geito, outorgaraõ eſſonce quanto os outros tinhão prometido, & foy aſſi eſcrito, & aſſinado por ſuas maõs. E deſta guiſa foy o Meſtre tomado por Regedor, & Defenſor do Reyno, no qual Regimento, & defenſaõ, que fez, bem ſe moſtrou depois ſua virtuoſa ardideza, como adiante podereis ver.

CAP 28. *Como o Meſtre tomou officiaes pera ſua Caſa, & que ditado ordenou de ſe porem nas cartas.*

DEPOIS q̃ o Meſtre por todolos da Cidade eſte outorgamento de o receberẽ por Senhor teue, & ordenou a maneira, q̃ auia de ter por defenſam delle, & de todo o Reyno, & foraõ logo feitos dous ſellos, hũ pẽdente, & outro chaõ, das armas de Portugal ditas enadẽdo entre os Caſtellos a Cruz da Ordem Dauiz da guiſa, q̃ vedes q̃ hora traz. Efez o Meſtre ſeu Chãçarel mór o Doutor Ioaõ das Regras, q̃ era mui grãde letrado. E o ditado, q̃ tomou, q̃ ſe eſcreuia em todalas cartas, dizia deſte modo. *Dom Iohaõ, por graça de Deos, filho do muy nobre Rey D. Pedro, Meſtre da Caualaria da Ordem Dauiz, Regedor, e Defenſor dos Reynos de Portugal, & do Algarue.* E tomou pera ſeu conſelho eſte Doutor, que dizemos, & D. Lourẽço Arcebiſpo de Braga, & Iohaõ Affõſo da Azãbuja, q̃ depois foi Arcebiſpo de Lisboa, & depois Cardeal, & Iohaõ Gyl lecenceado em leys, & Lourẽço Eſteues o moço filho de Lourenço Eſteues, Priuado q̃ foy Del-Rey D. Pedro, & eſtes ambos Dezẽbargadores do Paço, & de ſeu Cõſelho, e Proueadores de ſua fazenda, & Iohãõ Gil, & Martim da Maya. E pera Theſoureiro da moeda hũ Mercador, q̃ hauia nome Mice Perſiual, & foy Corregedor da Cidade outro Mercador, q̃ dizião Lopo Martins, & Almoxarife das Caſas, & tendas Iohaõ Domingues Torrado. Repartio outros officios por taes peſſoas, quaes entẽdeo, q̃ era ſeu ſeruiço, e proueito da terra. E foy logo ordenado na Cidade, q̃ vintequatro homẽs, dous de cada meſter, q̃ tiueſſẽ carrego de eſtar na Camara pera toda a couſa, q̃ ſe ouueſſe de ordenar por bõ regimẽto, & ſeruiço do Meſtre, foſſe cõ ſeu acordo delles. Outros muytos officios foraõ dados a peſſoas, q̃ ſeria lõgo de dizer, como Reyno, q̃ ſe nouamẽte começaua de ordenar. E ẽ fazẽdo eſtas

eſtas couſas, chegaraõ os q̃ foram enuiados a Alanquer, com a repoſta, & cartas da Rainha, e o Meſtre não as quiz ler, & rõpeoas logo; & elles folgaraõ muito quando viraõ, que com puro, & limpo deſejo tomara cargo de reger, & deffẽder aquelles, que o ajudar, & defender querião. Onde ſabey que como o Meſtre tomou voz de Regedor, & Defẽſor do Reyno: muytos, q̃ eraõ criados da Rainha, & feitos por ella, & ſeus familiares, ſe foraõ logo da Cidade pera là partiraõſe de Lisboa, temẽdo eſtar ẽ ella, pello grãde aluoroço q̃ viaõ nas gẽtes, & medo mui forte Del Rey de Caſtella. E anteq̃ partiſſẽ tomauão todos ſeus aueres em arcas, & trouxas, como melhor podião, & punhaõno em guárda em caſa deſeus amigos. E muitos dos q̃ chegauão ao Meſtre por o auer de ſeruir, ſabẽdo parte de taes aueres por algũs, que lho deſcobriaõ pedião que lhe fizeſſe delles merce, & elle ſem mais detẽça, ſem ſabendo ſe era muyto, ſe pouco, outorgaualhe quanto pedião, & muitos aceitauão mui grandes aueres E Aluoro Paez, q̃ fora muito em ajuda dos feitos do Meſtre, ſegũdo encima jà tendes ouuido, vendo tal demanda, q̃ ſe começaua, como algũs dizião ao Meſtre, q̃ não deſſe aſſi aquelles aueres, que muito melhor ſerião pera elle, & lhe diſſe hum dia falando com elle, *Senhor, credeme de conſelho, & daruosha muy grande ajuda pera leuar voſſo feito adiante. Que conſelho he eſſe?* diſſe o Meſtre, *& ſe for boõprazmehia muito. Senhor* diſſe Aluoro Paez, *fazey por eſta guiſa, day aquello q̃ voſſo não he, & prometey o q̃ não tendes, & perdoay aquem vos não errou, ſeruosha muy gram ajuda pera tal negocio em qual ſois poſto.* O Meſtre diſſe que lhe parecia muito bem, & fezeo aſſi, que daua os bens em todolos lugares, que por elle tinhão voz, das peſſoas, q̃ andauam cõ a Rainha, ou que ſe hião pera ElRey de Caſtella, & nas cartas, nas doaçoẽs dezia. *Por quãto anda em noſſo deſeruiço com D. Iohaõ q̃ ſe chama Rey de Caſtella.* E prometia officios, & terras, & outras couſas, que não tinha, das que tinhá eſperança de cobrar adiante & perdoaua as mortes, & maleficios, a quantos lho requeriam, com tanto que não foſſe aleiue, ou à treiçaõ, & ſe foſſem feitos ante do primeiro dia de Dezembro, em q̃ elle matou o Cõde Iohaõ Fernãdez da era de mil quatrocẽtos & vinte & hũ, cõ cõdiçaõ q̃ a certos dias ſevieſſẽ a Lisboa à ſua cuſta, em quanto duraſſe a guerra. Dos aueres, que ficaram

eſcondidos, ouue o Meſtre hum graõ theſouro da Condeſſa molher do Conde Iohaõ Affõſo Tello, irmão da Rainha, o qual leixaua em S. Domingos em guarda, quando ſe a Rainha partio pera Alanquer, & era de muito ouro, & prata, & joyas, & pedras, & outras couſas, & não embargando q̃ ſecretamente foſſe poſto em lugar eſcuſo ſobre a porta principal ade dentro, antre o ſobrearco, & o telhado, não mingou quẽ o deſcobrio, e foy todo leuado ao Meſtre.

CAP 29. *Como o Infante Dom Iohaõ ſoube que o Meſtre ſeu Irmão ſe chamaua Regedor, & Defenſor do Reyno, & a maneira, que em ello teue.*

NA M curando muito de algũas rezoẽs, q̃ eſcritas achamos, em eſte lugar ſómẽte de ſta, q̃ rezoada parece, diremos breuemẽte por nos eſpedir, a qual he q̃ o Meſtre, quãdo tomou cargo de Regedor, e Defẽſor do Reino, naõ embargãdo as rezoẽs, q̃ ouuiſtes, q̃ lhe diſſera Frey Iohaõ da Barroca, ſua tẽção porẽ não foi de reinar, mas por tal q̃ ſua fama creceſe de bem em milhor: deshi doendoſe da terra, de hu era natural, & auẽdo amadioſa piedade do comum pouo, q̃ o tãto aficaua, tomou tal cargo, & não doutra guiſa, eſperãdo q̃ o Infante D. Iohão ſeu irmaõ ouueſſe azo por algũa maneira de ſer liure da priſaõ, & ſolto, & vindo ao Reyno o podeſſe cobrar, & ſer ſenhor delle, como algũs dizião, a qual couſa ſeria a elle grãde hõra, & façanha muito de louuar & q̃ lhe todo o mũdo teria agraõ bẽ. E tendo o Meſtre ordenado de fazer a ſaber na melhor maneira q̃ podeſſe, aueo que hum eſcudeiro dos criados do Infante Dom Iohaõ, que andauão por Caſtella eſpargidos, & delles por Portugal ouuindo dizer que o Meſtre ſeu irmão tomara vos de Regedor, & Defenſor do Reyno, deshi, como outros dizião q̃ não embargãdo iſſo, iria fora da terra, cuidou de o fazer ſaber ao Infãte pera ſer dello em conhecimẽto, & ver q̃ lhe mãdaua fazer em tal feito. E por quãto era defeſo por El Rey de Caſtella q̃ qualquer do Infãte, q̃ foſſe achado no lugar, onde elle jazia, q̃ foſſe retente atà ſua merce, foy alà aquelle eſcudeiro o mais encubertamente q̃ pode, & falou com hũ frade em confiſſão, pelo qual fez ſaber ao Infante aquello, por que era alli vindo, dizendo como ſe affirmaua que ſeu irmaõ aquella tenção, que tomara de Regedor, & Defenſor do Reyno

no,entendia de leuar a diãte atè eſperar ſer cercado DelRey de Caſtella em Lisboa, & outra qualquer couſa,q̃ lhe auir podeſſe. E q̃ porẽ foſſe ſua merce de lhe mandar dizer q̃ lhe rogaua q̃ era o q̃ faria deſy. Ao Infãte prouue muito cõ taes nouas,porq̃ fora preſo daquella guiſa,& mandoulhe dizer,q̃ lhe rogaua quanto podia q̃ elle,& todos quãtos ſeus criados ſe foſſẽ pera o Meſtre,& o ſeruiſſẽ & q̃ eſte era o mor ſeruiço, q̃ lhe por eſtõce podia fazer, & mais q̃ diſſeſſe a ſeu irmão de ſua parte: *que lhe enuiaua rogar,& pedir q̃ em toda guiſa ſe chamaſſe Rey de Portugal,ſe o queria ver ſolto, ca doutra guiſa elle nunqua entendia ſahir de priſão.* E dizem algũs que diſto lhe deu ſua carta de crença aſſinada por elle. O eſcudeiro ſe partio de Toledo,& achou Iohaõ Lourenço da Cunha, marido q̃ fora da Rainha Dona Lianor, & outros ſeus criados do Infante,& contoulhe todo o q̃ lhe auiera cõ elle. Eſtonce ſe partiraõ pera Lisboa aquelles,q̃diſto ſouberaõ parte,& vieraõſe pera o Meſtre,& elle os recebeo muy bẽ, & folgou muyto cõ elles,& quando vio o recado do irmão,ceſſou de lhe eſcreuer o que tinha em vontade, & em rezão da gouernança do Reyno.

CAP. 30. *Do recado, que à Rainha mandou a Gonçalo Vaſques de Azeuedo,anteque partiſſe pera Santarem; & das rezoens, que diſſe aos do lugar.*

CERTO he q̃ quaeſquer hiſtorias muyto milhor ſe entendem,& lembrão, ſe perfeitamente,& bẽ ordenadas,que o ſendo por outra maneira. E poſto q̃ noſſa tençam ſeja deſtas,q̃ eſcreuer queremos, o ſerem em boõ, & claro eſtylo, porẽ tão grandes hiſtorias não podẽ ſer tão preſtes, mayormente em eſte lugar,q̃deſuião muyto de tal ordenança,& noſſo deſejo, & vontade,porq̃ ElRey de Caſtella vem pera entrar em Portugal. Nunaluerez outro ſy vẽ a Lisboa,deſhi o Caſtello de Lisboa trabalhaſe o Meſtre cõ o pouo de o tomarem, & alçarem vellas contra os Alcaydes dos Caſtellos: pello Rey no leuantaraõſe ounioẽs hũs contra os outros,& fazẽſe outras muitas couſas,& hũa cazão de guiſa, q̃ toruão as outras a ſenão poderẽ contar nos dias, q̃ começaraõ, ſegundo noſſo juizo, milhor he de dizer hũas, e depois outras, poſtoq̃ a algũs eſto não apraz,que as

emburilhão confuſamẽte,& ſerẽ piores muito de entẽder. Porẽ leuemos primeiro a Rainha a Santarem, & depois falaremos do muito de louuar Nuno Aluerez, como ſe veyo a Lisboa pera o Meſtre,& depois da tomada do Caſtello,& aſſi doutras couſas,como as melhor podermos encaminhar Onde entendey que como a Rainha ſoube q̃ os da Cidade tomarão o Meſtre por ſeu Regedor,& defẽſor,& q̃ elle em ſuás cartas vzaua jà de tal ditado,q̃ outra noua guerra ſe gérou nas entranhas della cõ mortaes cuidaçoẽsdelhe empecer. Porẽ penſando muitas couſas,& voluẽdo o entẽdimẽto cuidou de ſe partir de Alãquer,& ſe hir pera Sãtarem,& porq̃ as gẽtes deſta Villa ſe leuãtaraõ antes deſto cõtra o Alcayde quãdo por ſeu mandado trouue o pendãope la Villa, ſegũdo haueis ouuido, e não era certo ſelhe tinhão boavõtade,ante douidaua muito peloq̃ aſſi fizeraõ,mayormente eſtonce pelo leuãto de Lisboa, cuidou q̃ era bem de ſaber por algũa guiſa ſuas võtades delles ante q̃ ao lugar chegaſſe eſcreueo a Gonçalo Vaſquez de Azeuedo que eſtaua em Santarẽ por Alcayde,q̃ falaſſe cõ eſſes bõs do lugar na milhor maneira,q̃ entendeſe, & ſoubeſſe de ſuas võtades q̃ taes erão cõtra ella,& o que em elles achaſſe lhe fizeſſe depois a ſaber,& ſegũdo viſſe q̃ compria a ſeu ſeruiço. E Gonçalo Vaſquez mãdou dizer hũ dia a eſſes do lugar q̃ ſe ajũtaſſem todos na Igreja de S. Iohaõ de Alpião por falar com elles algũas couſas:& depois q̃ hi foram jũtos chamouos todos pera hum gram curral fora da Igreja,& diſſe em eſta guiſa. *Homẽs bõs,bem ſabeis como eu ſaõ voſſo viſinho,& natural dèſte Reyno,& tenho aqui em elle meus bẽs & caſas tantas, & mais q̃ ẽ outra parte: pellaqual rezão ſẽpre quiz,& quero bem a eſte lugar,& aos moradores delle, Credeme que todas as couſas,q̃ por voſſa honra,& acrecentamento poſſe fazer,que o farey muy degrado. Ora,amigos,aſſi he que eſta noite jazendo & penſando em algũas couſas de minha fazenda vim a cuidar por voſſa honra, & minha ajuda,& de todos moradores deſte lugar,hũa couſa q̃ tal he, & ſe vos parecer q̃ he bem o q̃ eu diſſer no nome de Deos ſeja, ſe doutra guiſa entenderdes q̃ he milhor, em qualquercouſa,q̃ vos todos acordades,me acordarey eu comuoſco,por que de todo bem que a eſte lugar vieſſe queria eu ſer quinhoeiro ainda do contrario quãdo miſter fizeſſe. E porẽ me demoui a vos dizer iſto Vos ſabeis bẽ o q̃ aconteceo á*

Rainha

*onde elle pousaua. Ià ouuirieis tudo o que sobre isto aconteceo, & como se a Rainha partio dahi, & se veo pera Alanquer, & q̃ os moradores de Lisboa, fizerão este, & outros a leuantamentos, q̃ jà fizerão, segũdo bẽ sabeis. Não he de marauilhar, q̃ saõ gẽtes de muitas misturas, & a leuãtaõ entre sy de suairadas opinioens, & aluoroços. E porq̃ a Rainha està em Alãquer, q̃ he lugar, onde ella por hora naõ está taõ honrada mẽte, como estaua aqui, parece me q̃ era bẽ q̃ lhe inuiasseis pedir por mercê q̃ se viesse pera esta Villa, dizẽdo q̃ vos parecia que naõ era sua honra, nem proueito estar taõ perto de Lisboa, & em tal lugar como aquelle: q̃ pera qualquer cousa, que quizesse, q̃ mais seguramente estaria aqui, q̃ onde està. Ella hora lhe prazerà; hora naõ, teruoloha em seruiço, & vos ficareis por ello louuados. E porq̃ entendi q̃ esto era vossa honra, & minha, cuydei de volo dizer, & vos fazei como por bẽ tiuerdes.* Então respõderaõ todos q̃ dezia muito bem, & q̃ lhes prazia dello, & q̃ assi o mandariaõ dizer por sua carta. E elle disse, q̃ pois assi era, q̃ elle seria o mesageiro dello, & lhe contaria ainda a boa võtade, q̃ em elles sentira em toda cousa, que por sua honra, & seruiço della podesse fazer. Entaõ se partio Gonçalo Vasquez dizẽdo q̃ por isso iria a Alãquer mais cedo do q̃ cuidaua, & quando chegou & contou à Rainha a reposta, q̃ em elles achara, prouue lhe muyto, & ella mandoulhes dizer por sua carta q̃ lhes guardecia muyto a que lhe escreueraõ, & a vontade boa, q̃ tinhaõ de lhe fazer seruiço, & q̃ os hauia por boõs, & leaes, & q̃ fossem certos q̃ lhes faria por ello muytas merces em qualquer cousa, q̃ lhe requeressem.

## CAP 31. *Como a Rainha partio de Alanquer pera Santarem, & das rezões, que disse aos do lugar, ante que partisse.*



RAINHA, como soube por Gonçalo Vasquez, que era estonce Alcayde de Santarem, que os do lugar erão prestes pera seu seruiço, & que lhes prazia muito de sua hida pera là, ordenou de se partir de Alanquer depois da festa do Natal, & leyxou por Alcayde do Castello Vasco Peres de Camoẽs, & por guarda da Villa, Martim Gonçalues de Ataide, & ante que partisse mandou chamar os homẽs boõs da Villa, & disselhes estas palauras. *Amigos, bem sabeis como esta Villa he minha, & vosoutros todos sois meus:*

*desbaratedes bem o aluoroço de Lisboa, com o Meſtre, q̃ não ſey,* diſſe ella, *ſe he Meſtre de Chriſtus, ſede bombardas, & marauilhome qual foy a ſanha ou ſandice, que os fez mouer a tal couſa, porem vos não cureis da ſandice delles, nem do alteuantamento, que fizeram mas ſede boõs, & leaes, como ſempre foſtes, & fareis muyto de voſſa prol, & honra, & a mim ſeruiço, porque vos ſempre farey muytas merces quando me por vos forem requeridas.* Reſponderaõ eſtonce todos, & diſſeraõ: que a Villa, & elles todos eraõ ſeus, & pera ſeu ſeruiço, & que outra voz não tomarião, ſaluo a ſua, nem farião outro mandado, ſe não o ſeu, como ſua Senhora, que era. E ella diſſe que lho agardecia muyto, & partio eſtonces pera Santarem. Hião com ella os Condes ſeus irmãos, & o Almirante Mice Lançarote, & Iohão Affonſo Pimentel, & Iohão Gonçaluez de Obedos, & todolos que eſtauam na Caſa do Dezembargo de Lisboa, & algũs outros Caualeiros, & Eſcudeiros, todos porem pouca gente. E quando chegou a Sãtarem ſahiraõ a receber eſſas molheres do lugar, & os Iudeus com as touras, & ella hia ſobre huma mula de albarda cuberta com hũ muyto grande manto preto, de maneira que lhe não parecia o roſto, & aſſi chegou ao Caſtello, & Gonçalo Vaſquez, que era Alcayde delle, pedio que lhe quitaſſe amenagem, & toylhe quite por eſcritura, & a Rainha ficou apoſẽtada em elle. Gonçalo Vaſquez ſe foy pera ſuas caſas. O Conde Ioham Affonſo foy pouzar na Alcaçoua, que então bem pouoada, & cerrada ſobre ſy era, & não leixauão ſair, nem entrar nenhum, ſe não por recado, velandoſe a Villa cada noite por temor das gentes de Lisboá, que eraõ contra a Rainha. E o Conde Dom Gonçalo ſabendo que ElRey de Caſtella vinha, & não ſendo certo como ſe os feitos auião de ſeguir, a poucos dias ſe partio dahi, & ſe foy pera Coimbra. Mas conuem ceſſar diſto por tornarmos a falar de Nuno Aluarez, aſſi de ſua linagem, & criação, como da vinda, que ſe veo pera o Meſtre a Lisboa.

## CAP 32. *Rezões do Autor deſta obra, anteque fale dẽ Nuno Aluerez.*

ESCREVENDO em eſte paſſo ſẽ conſtranger nenhũa couſa, entendemos dizer nos feitos deſte homem, o modo que

que tem algũs prègadores,q̃ dentro no ſermão enxertão a vida daquelle,de que pregaõ, & na fim delle concludem ſeu thema. E nos,poſtoque já falaſſemos algumas couſas deſteNunaluerez ſeus glorioſos feitos adiante eſcritos, cõuem, que eſpertem perguntar algũs du veo ſeu linagem,& qual foy ſeu começo;porem ceſſando hum pouco de proſeguir noſſa ordenança, até que iſto em breue ponhamos por modo de prologo que elle bem merece. Primeiramente dizemos aſſi,porque experiencia nos enſina,que não ha hi tal,que naça ſem algũas condiçoẽs deſuayradas,&q̃ noſſa natureza não pode eſtar em tãtoaſeſſego q̃ algũas vezes não receba toruação.Deshi,porque eſte diſcreto modo nas vans delectaçoens he couſa muy forte,&graue de fazer por tanto he hauido por bõ qualquer,que por continuada batalha vence aſſi ſeus naturaes deſejos,q̃ nunqua em elle he achada mingoa hu grande lugar haja reprenſão.E ſe tal vontade traz conſigo honra,eſte,de que falar queremos a merece muy grande,pois por peleja,que nunca ceſſa,não ſem grã de torça, & reſiſtencia ſogigou por tal guiſa os vicios carnaes, q̃ cheo de fruito de grande proueito,o não podia nenhũ prazmar do merecimento algum,que notauel foſſe.E podendo nos largamente ordenar ſeus prudentes feitos,iſto ſeria a vos gracioſa relembrança,& couſa mais doce, que ligeira de fazer. Mas quem poderà dignamente contar os louuores deſte virtuoſo barão, cujas obras,& diſcretos autos,ſendo todos poſtos em eſcrito,ocupariaõ gram parte deſte liuro,certamente nos tóra ſingular prazer, ſe em ſua hiſtoria puderamos ſeguir a ordenança dosque ditão as couſas em vida daquelles,aque acontecem,decendendo a louuar cada hũa bondade por ſy,pois cada hũas virtudes ſaõ merecedores de ſeuspregoens,mas hora depois de ſeu paſſamẽto,mortos os mais dos quẽ lhe foraõ companheiros,jà de ſeus bons feitos mais gaſtar não podemos,ſenão as eſcaſſas reliquias delles. Aſſi que ante deſpenderiamos longo tẽpo em ler,&ouuir ſuasproueitoſas obras q̃ breue eſpaço ſermos ocupados em as recontar, & por em ordenança, mayormente pois fugir não podemos aos que em reprender tomão deleitaçaõ, cujo coſtume apropriando ſua reprenſaõ a todo prepoſito,em parte que queremos couſa algũa dizer,não podemos que elles julguem por reprendoira,porque algũs ſem limpo de-

po deſejo podem dizer que nos o louuamos mais do que ſeus feitos merecem, moſtrando ainda, ſegundo diſſemos, que em eſte ſegre não pode auer tal, que de mingoa algũa poſſa carecer, a grauando em elle algumas leues couſas com grande carga de reprenſaõ; Ou taes diraõ que por vẽtura que ſeu louuor he menos do que deue, tendo ſeus feitos em muito maior conta, do que por nos ſerão recontados, prazmandonos de ouzada prezunção de querer por em eſcrito, o q̃ já compridamente fazer não podemos Outros quereraõ dar por conto tantas boas couſas feitas por algũs de menos authoridade, & hõra, dando rezoẽs pera os igualar a eſte de mais grão eſtado. Mas ainda que algũs fizeſſem grandes, & fermoſos feitos, cujas bondades não entendemos de eſquecer. Porem não achamos hi tal, que crecendo de hũa virtude em outra por não canſada firmeza encorreſſem em elle tantas bemauenturanças, dando lugar a eſtes, cujo officio ſempre achaõ em que obrar, pois em vida delle não foi algũa couſa eſcrito nos empenoſos deſejos, & trabalhoſa cuidação. Nos ſob hũa breuidade do curto eſtylo, entendemos de ſeguir ſeus excellentes autos, os quaes, ainda que a algũs não apraza outros, com aguilhoẽs da prouei toſa enueja podem eſpertar a fazer ſemelhantes.

## CAP 33. *De que linagem decendeo eſte Nunaluarez, & quem foy ſeu padre.*

CONSIRAR deuemos, quanto á ordẽ dos mundanaes feitos, que a primeira couſa, que he de ſaber deſte homem, aſſi he começo de ſeu linagem. E porem ante que ſuas bondades comendemos com algum louuor, vejamos quẽ foi ſeu Padre, & Madre, & quaes delles decenderão. Onde aſſi foy que em Portugal ouue hum boõ & grande fidalgo nobre de linagem, & condição, que auia nome Dom Gonçalo Pereira. Eſte era de graõ caſa, & Eſtado, & acompanhado de muitos, & bõs parentes, & criados, muyto grado, & preſtador aſſi aos ſeus, como eſtrãgeiros, em guiſa que de ſua grãdeza ſe acha eſcrito que decendia eſtando em Pereira caualeiros, & fidalgos que eraõ chegados a elle; ſeu linage de que antigamente decende, quem largamente o quizer ver, buſque o liuro da linagem dos fidalgos no titulo 21. no

§. 11.

§. 11. & por ali pode ſaber compridamente. Elle ouue certos filhos, de que dizer não curamos, ſaluo de hum, a q̃ chamaram Gõçalo Pereira, como ſeu Padre, q̃ foy Arcebiſpo de Braga, & hũ dos grandes Prelados, que houue em Portugal. Eſte Arcebiſpo D. Gonçalo Pereira houue hum filho, a que diſſeraõ Dom Frey Aluoro Gonçaluez, que foy Priol do Eſprital, o qual foy muy grande, & honrado, & auondoſo de riquezas, & de boas condiçoẽs. Eſte foy fora deſte Reyno ao Conuento de Rhodes muy grandemente & bem guarnido, aſſi de eſcudeiros, como doutra gente, ca elle paſſou a aquella terra com vinte de caualo, & por galardão de ſeus bons feitos lhe proueo o grande Meſtre daquella Dignidade. Elle fez na ordem, depois que foy Priol muy boas couſas, por acrecentamento della, antre as quaes foy o Caſtello da Amieyra, que he aſſáz forte, & bem famoſo, & os Paços, & Aſſentamento de Bomjardim a par de Santarem, que he boa obra, & gracioſa de ver, & a fortaleza de Frol da roſa, q̃ he acerca do Crato, lugar detenſauel, & bem obrado, no qual edificou huma grande, & deuota Igreja à hõra de Santa Maria. E por ſer mais honrada, ordenou della noua Comenda, com abaſtança de bens q̃ lhe deu por viuer honrado o Comendador della. Eſte foy priuado de tres Reys de Portugal. ſ. ElRey Dom Affonſo, & DelRey D. Pedro, & DelRey Dom Fernando, dos quaes foy bem amado por ſuas bondades, eſpecialmente DelRey Dom Fernando. Oqual Priol Dom Aluoro Gonçalues viueo longamente, & ouue entre filhos, & filhas, trinta, & dous; antre os quaes foy hum Dom Pedral uerez, que depois de ſeu Padre foi Priol do Eſprital, & depois foi Meſtre de Calatraua em Caſtella, & eſte filho de hũa Madre, & Nunal uarez, que era filho de outra Madre, que chamauão Erea Gonçaluez natural de Eluas, oqual naceo no mes de Iulho de mil trezẽtos & quarenta, & oito annos. Eſta foy nobre dona quanto a Deus, & ao mundo, viueo em muita caſtidade, & abſtinencia, & fazendo muitas eſmolas, & grandes jejũs, naõ comendo carne, nem bebendo vinho por eſpaço de quarenta annos.

CAP. 34. *Como Nunaluerez foy trazido â Corte DelRey Dom Fernando, & como tomou aſprimeiras armas da mão da Rainha Dona Lianor.*

ESTE

ESTE Priol Dom Aluoro Gonçaluez Pereira, ſegundo contão algũs em ſeus liuros, como era ſezudo,& entendido,aſſi dizem que era Eſtroligo,& ſabedor, & quando lhe algũs filhos nacião,trabalhauaſe de ver aſua nacẽçadelles, & por ſua ſciencia entendeo,que auia dauer hum filho,oqual ſeria ſempre vencedor em todolos feitos darmas, em que ſe acertaſſe, & que nunca auia de ſer vencido.E dizem que ſempre em ſua vida Dom Aluoro Gõçalues cuidou que eſta virtude hauia dauer Dom Pedralueres ſeu filho, que depois de ſua morte foy Priol,em tal conta o tinha entre ſeus irmãos.Outros eſcreuem eſto por contrairo, & deſta opinião nos praz mais,dizendo, que em caſa deſte Priol Dom Aluoro Gonçalues andaua hum grande letera do,& muy profundo Eſtroligo, que chamauão Meſtre Thomas, por eſte contão que ſoube o Priol que hum de ſeus filhos hauia de ſer vencedor de batalhas,& q̃ eſte era Nuno Aluerez Pereira:E moſtraſe claramente ſer aſſi porque vindo Dom Frey Aluoro Gonçaluez a caſa Del Rey Dom Fernando a derençar ſeus filhos, pedio por merce a ElRey que tomaſſe Nuno Aluerez por ſeu morador, da qual couſa prazendo a ElRey outorgeu de o fazer,& o Priol ſe partio pera ſuas terras,& ordenou de mandar ſeu filho à Corte,& anteque o mandaſſe chamou Martim Gonçalues de Carualhedo tio de Nuno Aluerez, irmão de ſua Madre,& lhe deu juramento,que hũa couſa,que lhe deſcobrir queria,que nunqua a diſſeſſe ao dito Nuno Aluerez,& prometido per elle de guardar em ſegredo,& então lhe diſſe o Priol, como queria mandar ſeu filho à Corte, & elle por ſeu ayo pera o enſinar,porem que lhe rogaua, que tomaſſe cargo de o criar,que lhe fazia certo que aquelle ſeu filho auia dauer tão boas andanças, que em todalas batalhas,que entraſſe, ſẽpre dellas ſeria vencedor, com tãto que ſe chegaſſe a Deus em todas ſuas obras; & nenhũa couſa fizeſſe em ſeu deſeruiço. E ordenado aſſi deſta guiſa,partio o Priol pera a Corte,quando ElRey D. Fernando ouue guerra com ElRey Dom Anrique,& paſſou por Santarem,& leuou certas gentes conſigo,antre os quaes eſte Nuno Aluerez moço de treze annos,que ainda nunqua tomara armas,& paſſando gentes de Caſtella pera Lisboa,onde já cerquo eſtaua,mandou o Priol a Nuno Aluerez

uerez em que foſſe moço, que caualgaſſe, elle, & ſeu irmão Diogo Alverez hum bom caualleiro da Ordem, com algũs de ſua caſa, q̃ mandou ir com elles, pera ver em que maneira leuauão aquellas gẽtes. E indo elles contra aquella parte, por hu dizião que paſſauão os Caſtellãos, & não vendo nenhuns delles, tornaraõſe pera a Villa, & chegando apar do Caſtello, onde ElRey eſtonce com ſua molher pouſauão, eſtando á meſa, mandaraõnos chamar, & perguntandolhe onde foraõ, & que acharaõ là, donde vinhaõ, & elles reſponderaõ em tudo ſegundo as perguntas, que lhe fazião. A Rainha Dona Lianor falando em eſto, como era molher muy paçaã, & de gracioſa palaura, diſſe a ElRey como em ſabor, *que ella queria tomar Nuno Aluerez por ſeu Eſcudeiro*, & ElRey diſſe que era bem feito, & que elle tomaria por ſeu Caualleiro a Diogo Aluerez ſeu Irmão. E então diſſe a Rainha contra Nuno Aluerez: que ella o queria armar de ſua mão como ſeu eſcudeiro, & que não queria que doutra maõ tomaſſe armas, ſaluo das ſuas. Nuno Aluerez perô que foſſe moço, & quando eſto ouuio, diſſe que lho tinha em grande merce, & que prazeria a Deus que ainda lho ſeruiria cõ boõs merecimentos, & beijoulhe as mãos por ello. A Rainha querendo por em obra eſto, que aſſi diſſera, mandou buſcar hum arnez conuinhauel pera Nuno Aluerez, & porque era de pouca idade, não lho podião achar tam pequeno, & então differaõ à Rainha, como o Meſtre Dauiz tinha hum arnez, que ouuera em ſendo moço, que ſeria bom pera Nuno Aluerez, & ella lho mandou pedir, & como lho trouueraõ deu o logo a Nuno Aluerez, & aſſi tomou elle as primeiras armas da mão da Rainha Dona Lianor, & ella deshi em diante ſempre o chamou por ſeu Eſcudeiro.

## CAP. 35. *Como o Priol cometeo à ſeu filho que quizeſſe caſar, & como em ello conſentio, & caſou com Dona Lianor Daluim.*



NDANDO aſſi Nuno Aluerez por morador ẽ Caſa Del Rey ſendo de idade pouco mais de 16. annos, aueoq̃ viuuouhũa dona antre Douro, & Minho, q̃ hauia nome Dona Lianor Daluim, molher q̃ fora de hum bom caualeiro chamado por nome Vaſco Gonçaluez de Barroſo. Eſta dona era fi-

lha

lha dalgo, & comprida de toda bondade, riqua atlaz de bem deſte mundo, aſi de mouens, como raiz. O Priol ſabendo parte deſua fama, & riqueza, mandoulhe cometer caſamento pera Nuno Aluerez ſeu filho, & quando Iohaõ Fernandez Commendador de Flor da roſa lhe foy cometer eſte caſamento por parte do Priol, a dona deu em repoſta, que o fizeſſem ſaber a ElRey, & do q̃ a ſua merce mandaſſe, que ella lhe naõ ſahiria do mandado. Tornou Iohaõ Fernandez com eſte recado, & o Priol fez o ſaber a ElRey pedindolhe por merce, que pozeſſe èm ello mão, & a ElRey prougue delo, & mandoua chamar por ſua carta, & em eſta ſezão, que o Priol eſto trautaua, era Nuno Aluérez em ſua caſa, ſem deſto ſaber nenhũa parte, & hum dia chamou ſeu filho, ſem eſtando hi outrem & diſſelhe em eſta guiſa. *Nuno peró tu ſejas moço, & de noua idade, pareceme que he bem, & ſeruiço de Deus, & tua honra, que tu hajas de caſar & porque antre Douro, & Minho ha hũa mui nobre dona ranceba, & de grande bondade, meu deſejo he, que ſe a Deus aprougueſſe, de tu caſares cõ ella. E porende quero de ti ſaber, q̃ he o que te dello parece.* E não lhe diſſe mais. Nuno Alueres alem de ſer mezurado de ſua natureza, era muyto mais a ſeu pay, & muyto mandado, & obediente, & quando lhe tal rezão ouuio dizer, ficou hum pouco trouado, à hũa por vergonha, que de ſeupay auia a outra por lhe falar em feito de caſamento, do que ſua vontade andaua muyto afaſtado, que elle em eſta ſezão, que era de pequena idade, todo ſeu cuidado não era ſaluo trazerſe bem aſy, & aos ſeus, & deshi caualgar a mõte, & caça, não entendendo damor de nenhũa molher, nem taõ ſómente lhe vinha por maginaçaõ, mas lia a miude por liuros de heſtorias, eſpecialmente da eſtoria de Galàz, que fala da tauola redonda. E porque em ellas acha ua que por virtude de virgindade Galàz acabara grandes, & notaueis feitos, que outros acabar não poderaõ, deſejando muito de o ſe melhar em algũa couſa, & muytas vezes cuidaua emſy de ſer Virgem, ſe o Deos guizaſſe, & por tanto era muyto afaſtado doque lhe ſeu Padre falara em feito de caſamento, peró por lhe obedecer, & dar repoſta a ſua vontade & pregunta, diſſelhe em eſta guiſa. *Senhor, vos me falais em caſamento, couſa, de que eu não era auiſado, porem vos peço por merce q̃ me deis lugar pera cuidar em ello,*

*& aſſi*

*& assi vos poderey reſponder.* O Padre diſſe que era bem feito, como quer que ſe marauilhou muito por lhe aſſi reponder, ſendo homem nouo de dias, & falou com ſua Mãy Erea Gonçalues todo o que lhe com elle auiera, encomẽdandolhe que o demoueſe que conſentiſſe em tal caſamento. Sua Madre falou com elle, & não o podendo reduzir, nem mudar de ſua primeira entenção, falaraõ com Nuno Aluerez Pereira ſeu primo, & Aluoro Gonçaluez de Carualho, com que auia grande afeição, & por ſuas aficadas preces conſentio de o fazer, pois a ſeu Padre parecia. Eem tanto chegou Dona Lianor Daluim a Villa noua da Rainha, onde ElRey, & a Rainha eſtauão, & bem recebida delles, fez logo ElRey ſaber ao Priol, & elle veo com Nuno Aluerez ſeu filho, & logo, como chegaraõ, o caſamento foy feito, & Nuno Aluerez recebido com a dona, ſem mais feſta, por quanto era viuua. E no outro dia partio o Priol com ſeu filho, & nora, pera as terras da Ordem, a hum lugar, que chamão Bomjardim, & ally conheceo Nuno Aluerez Dona Lianor ſua molher, aqual com verdade diſſe. *Que ſenãopodia chamar Dona, porque poſtoque ella per tal modo foſſe ante nomeada, ella verdadeiramente era donzella: ca o ſeu primeiro marido nunqua del la houue tal conhecimento: o que el la ſempre bem encobrio por ſua grande bondade.*

CAP. 36. *Como Nuno Aluerez partio pera ſua caſa, & da maneira do ſeu viuer.*

TOLGOV Nuno Aluerez com ſua molher em caſa de ſeu Padre por algũs dias. Deshi partiraõſe, & foraõſe antre Douro, & Minho, onde ella tinha ſua caſa de morada, & auia ſeus herdamentos, & foy elle bem recebido, & viſitado dos boõs da Comarca, offerecendolhe ſuas amizidades, como he de coſtume. Nuno Aluerez era de pouca, & branda palaura, & ſeu boõ gazalhado, & doces rezoens contentauão muito a todos. E elle era mais monteiro, que caçador, como quer que de tudo vzaua, quando compria. Em ſua caſa hauia de cote doze, & quinze eſcudeiros, & vinte & trinta homẽs de pé, ſegundo a terra requere, & eſtes todos boõs, & bem homẽs pera feito, ca elle nunqua ſe doutros contentaua, nem contentou em ſeus dias. Nenhũa couſa fazia com rancor, nem odio,

dio,mas por grande cuſta, que ti nha,deshi por a terra aſſi ſer áza- da,ás vezes paſſaua álem do re- zoado,como quer que não tan- to,que ſempre em elle não foſſe o temor de Deos , ouuindo ſuas miſſas,& viuendo bem, & hone- ſtamente com ſua molher , da- qual ouue tres filhos. ſ. dous q̃ logo morrerão á nacença,& hũa filha,que ouue nome Dona Brea tiz,que depois foy Condeſſa, & muy nobre Dona,como a dian- te diremos.Em eſta ſezão acabo de hũs tres annos,eſtando o Pri- ol ſeu Padre naAmieyra,faleceo por morte, comprido de longa i- dade,& foraõ juntos a ſeu fina- mento noue filhos , & noue fi- lhas,ſendo hum de elles Nunal- uerez,E feitas naquelle lugar ſu- as exequias honradamente, dalli foy leuado á Igreja da FroldaRo ſa,que elle edificara. Eſtonce foy feito Priol Dom Pedralverez ſeu filho,como quer que Dom Frey Aluoro Gonçaluez Camelo,que então era Comendador de Poya res,tinha direito no Priorado,mas fezeo fazer ElRey Dom Fernan- do. E depois deſto morto El- Rey Dom Anrique, reynando em Caſtella ElRey Dom Iohan ſeu filho,& hauendo guerra com ElRey Dom Fernando,como ou uiſtes,foy chamado Nuno Alue- rez pera eſtar na frõtaria com D. Pedraluerez ſeu irmão.Deshi co mo requeſtaua Iohão deOſores fi lho do Meſtre de Santiago de Ca ſtella,& como eſteue com ſeu ir mão ſendo fronteiro em Lisboa do que lhe hi aueo em hũa eſca- ramuça,& que maneira teue por ſer com ElRey na batalha,q̃ hou uera dauer em Eluas,& como de pois da morte DelRey Dom Fer nando quizera ſer com o Meſtre na morte do Conde Iohão Fer- nandez,& porque ſe então não a zou,ſe eſpedio delle,& ſe foy a- poz ſeu irmão, o qual alcançou no lugar de Ponteuel.E pois que iſto já tendes ouuido,compre tor nar a por em eſcrito o que lhe a- ueo em tempo do Meſtre,depois que partio da Cidade de Lisboa, onde leixamos de falar de ſeus feitos.

## CAP 37. *Como Nuno Aluerez, ſoube que o Conde Iohaõ Fer- nandez era morto, & das re- zoens,que houue com ſeu irmão ſobre ello.*

ASSI foy que partin- do Nuno Aluerez dalli,por ſenão ázar a morte do Conde Iohaõ Fernandez,ſe gundo diſſemos emſeu lugar quá do

ado falou com o Meſtre ſobre el le,& indoſe pera D. Pedraluerez ſeu irmão,foy alcançar em hum lugar,que chamão Ponteuel doze legoas da Cidade, & eſtando alli com elle, chegou Gonçalo Tendeiro da parte da Rainha cõ recado do Priol,*que todauia foſſe em ſeu ſeruiço,& que ella o acrecẽtaria fazẽdolhe muitas merces, e lhas faria fazer a ſeu filho El Rey de Caſtella* Deſte recado foy Nuno Aluerez, & muytos dos outros, que hiaõ com Nuno Aluerez, & com o Priol,mal contentes, eſpecialmente Nuno Aluerez, a que muito deſprougue em guiſa, que ſe não pode ter, que naõ falaſſe ao Priol, dizendo,*que não haueria bom conſelho dar lugar a tal embaxada.* E o Priol, que naõ curou de ſeu rezoar, nem lhe reſpondeo nenhuma couſa,& partioſe dalli,& foiſe a Sãtarem, & elles em aquelle lugar, foy Nuno Aluerez apoſentado em Santa Maria de Palhais, & hum dia àtarde depois de cea, ſahio Nuno Aluerez a folgar pela praya a fundo contra a Igreja de Santa Cruz, & paſſando pela porta de hum Alfageme, violhe ter hũa eſpada muito limpa, & bem corregida, & tomoua na mãõ, & perguntoulhe ſe lhe corregeria aſſi hũa ſua, & elle reſpondeo que ſy, & muito milhor ainda, & Nuno Aluerez fez logo ir por ella; & mandoulha dar q̃ acorregeſſe. Outrodia tornou Nuno Aluerez por alli àtarde, & achoua corregida muito à ſua vontade, & tomouha na mam ſendo com ella ledo, & mandou a hum ſeu eſcudeiro, que lhe pagaſſe bem ſeu trabalho. O Alfageme reſpondeo, & diſſe. *Senhor,eu por hora naõ quero de vos nenhũa paga, mas ireis muyto embora, & tornareis por aqui Conde de Ourem, & então me pagareis o que merecer. Nãõ me chameis Senhor*, diſſe Nuno Aluerez, *que o não ſou, mas todauia quero que vos paguem bem. Senhor eu vos digo verdade, & aſſi ſerà cedo prazendo a Deos.* E alli foy depois, como elle diſſe, ca elle apouco tempo tornou por alli Conde de Ourem, & pagou bem o corregimento da eſpada, como a diante ouuireis. Em eſto chegaraõ nouas a Santarem, como o Meſtre matara o Conde Iohaõ Fernandez, & iſſo meſmo foram mortos o Biſpo de Lisboa; & outros O Nuno Aluerez, como eſto ouuio, foyſe logo ao Priol ſeu irmão contarlhe eſtas nouas, que aſſi ouuira dizendo, *que eſto era obra de Deos, que ſe queria lembrar*

*brar do Reyno de Portugal, pois q os da Cidade queriaõ tomar o Meſtre por ſeu Regedor, & Defenſor pera defender o Reyno, & ElRey de Caſtella, que era fama que vinha pera entrar em elle, & pois q ſe tal couſa começaua, que lhe pedia por merce q todauia ſe tornaſſe pera o Meſtre pera ajudar a defender o Reyno.* E o Priol nam curou de quanto lhe elle ſobre eſto falou dizendo, *q aquella couſa era perigoſa, & mui mão começo pera as gentes, & que ſe ſeguiria delo mui grande dano ao Reyno, & q naõ tinha fizo, quẽ hia pẽ ſar q tal feito hauia de hir a diante, como elle dezia.* Nuno Aluerez diſſe, *q aquello não era mal, & q o Meſtre fizera bem, & oque deuia em vingar adeshonra DelRey ſeu irmão, & ſe poer a defender o Reyno que ſeus auós com grande trabalho ganharaõ, & q Portugal ſẽpre fora Reyno izẽto pera ſy, & não ſogeito a Caſtella, & q hora naõ era rezão de o ſer.* E o Priol torna a dizer, *q tal couſa naõ em pera falar em ella, q Portugal não eſtaua em ponto de ſe defẽder DelRey de Caſtella, q era hũ taõ poderoſo Rey, & de mais cõ a mayor parte de Portugal, q cõ elle teria pelas menagẽs, q lhe auiaõ feitas ſegũdo nos trautos era cõteudo.* Nuno Alueres reſpõdeo dizẽdo, *q taes menagẽs naõ eraõ de guardàr pois q ElRey quebrãtaua os trautos, & q todolos fidalgos podiaõ ſer ẽ ajuda do Meſtre, ſe prazmo, oqual bẽ poderia ajũtar mil homẽs darmas, & muitos homẽs de pè, cõ q poderia por batalha, & q mais valeria por ſe o Meſtre cõ elles todos a pelejar com ElRey de Caſtella, q ficarẽ ſojeitos de Caſtelhanos, & vzarẽ de pois delles a ſeu liure talente.* O Priol diſſe, *q as couſas não eſtauão em tal eſtado pera ſe tal obra poder começar & acabar ſeguramẽte, porem que não falaſſe mais em taes hiſtorias.* Nuno Aluerez vendo q achaua o Priol muito arradado deſua entẽção, falou cõ Diogo Aluerez ſeu irmão, q foſſe todauia pera o Meſtre, & elle outorgou, q lhe prazia & ficarão ambos em eſte acordo.

## CAP 38. *Como Nuno Aluerez deſcobrio aos ſeus, q ſe queria ir a Lisboa pera ſeruir o Meſtre.*

PARTIO o Priol pera ſuas terras caminho da Colegaã, Nuno Aluerez, & Diogo Aluerez ſeus irmãos onde o Meſtre eſtaua, ſegundo ante tinha acordado, & tẽdo arredado atá tres legoas do lugar, Diogo Aluerez ſe arrependeo da partida, que fizera, & diſſe, que ſe queria

queria tornar pera o Priol ſeu Irmaõ. Nuno Aluerez, que o de tal vontade deſuiar não pode, ouueſe de eſpedir delle, & veyo dormir eſſe dia a hũa Aldea, que chamão a Ereya. Ally chamou ade parte a ſeus Eſcudeiros, & diſſe. *Amigos, eu vos quero contar hum ſegrẽdo, & grande feito, que trago cuidado em meu coraçam, o qual he eſte. Aſſi que eu vejo no meu entendimento hum poço muy alto, & mui profundo cheo de grande eſcuridadẽ, & bem me diz a vontade, que nam haho mem, que em ella ſalte, que delle poſſa eſcapar, ſaluo por grande milagre, querendoos Deus liurar dellẽ por a ſua merce, & nam poſſo com meu coraçam, ſenam todauia que ſalte em elle. E porque ha jâ dias que vos ſois meus companheiros, & eu hey prouado voſſo bom deſejo acerca de meus feitos, porem vos faço ſaber eſta couſa taõ grãde por quanto eu todauia quero ſoltar em elle; & aquelles de vos, a q̃ prouguer de comigo ſer em tal ſaltaje, telohey a grande bem, & eſtremado ſeruiço.* Os outros, *a que naõ aprouguer, poderſehaõ hir pera hu quizerẽ, & fazer de ſeus corpos o que por mais ſeu proueito ſentirẽ.* Os eſcudeiros, quando eſto ouuiraõ, ficarão eſpantados, & não ſabião q̃ dizer, porẽ reſponderaõ, & diſſeraõ. *Nuno Aluarez, vos bem ſabeis, que nos ſomos voſſos, & preſtes pera voſſo ſeruiço, mas eſta couſa, que nos falais, he aſſi eſcura, & taõ mà de entender, que nenhum de nos ſabe que vos reſponda, porẽ vos praza de nola declarar por ſabermos o que he, & então vos daremos reposta, ſegundo entendermos.* Nuno Aluerez tornou eſtonce à ſua rezão, & diſſe. *Amigos, o poço muy alto, & eſcuro, que eu vejo ante meus olhos, he a grande demanda, que o Meſtre dizem que quer começar por defenſaõ deſte Reyno contra ElRey de Caſtella, e entendo q̃ cõ elle entrar lhe ſera grande, & muito perigoſo, nem he ainda de cuidar, q̃ della eſcape, ſaluo por graça de Deus. E porque minha tenção he de me hir pera elle, & o ſeruir em ella, porẽ vos diſſe ſe vos prazia de ſerdes em ella meus cõpanheiros?* E elles reſponderaõ eſtonce dizẽdo. *Nuno Aluerez, nos ſomos voſſos, & pera voſſo ſeruiço, & ſomos preſtes pera vos acompanhar em eſta demanda, q̃ ſe guir quereis, & em qualquer outra que vos ſintaes por voſſa honra, & proueito, poſto q̃ graõ perigo ſeja, a taâ deſpendermos os corpos, & vida por voſſo ſeruiço.* Nuno Aluerez lho agardeceo por boas palauras dizẽdo q̃ elle era preſtes pera

lho galardoar em toda couſa, que de ſua honra, & proueito foſſe, como boõs criados, & amigos,

CAP. 39. *Como Nuno Aluerez chegou a Lisboa, & das rezoẽs que diſſe ao Meſtre.*

NVNO Aluerez em outro dia ſeguio ſeu caminho, eſtando então a Rainha em Alanquer, & com ella os Condes ſeus irmãos, & outros muytos, como diſſemos, & quando chegou a Aluerca, determinou de dormir ally. A Rainha ſoube, como ſe elle hia caminho de Lisboa pera o Meſtre, & quizera mandar a elle certas gentes, que o prendeſſem, dizendo contra aquelles que eraõ preſentes. *Viſtes nunqua tal ſandice de Nuno, que eu criey tamanino, que leyxou o Priol ſeu irmão, com que hia, & agora vayſe a Lisboa pera o Meſtre. Senhora*, diſſeraõ algũs, que hi eſtauam, que queriaõ bem a Nuno Aluerez, *não aueis porque o mandar prender, poſto q̃ elle va pera Lisboa, pois nao ſabeis a entençaõ, q̃ leua, que por ventura elle vay com tal vontade & deſejo, q̃ della vos poderà tãbẽ, & melhor ſeruir, q̃ ſe vir aqui pera vos.* Nuno Aluerez foi ſabedor deſto aquella noite, q̃ dormio na Aluerca, & temendoſe muyto de a Rainha o mãdar prender ao caminho, falou cõ ſeus eſcudeiros percebẽdoos, q̃ ſe tal couſa quieſſe, q̃ todauia ante ſe leixaſſẽ morrer, q̃ auerẽ de ſer preſos. E toda a quella noite eſtiueraõ armados, nẽ as beſtas deſſelladas. E outro dia chegou Nunaluerez a Lisboa & foy logo falar ao Meſtre, q̃ o muy bem recebeo, dizendo. *Que ſua vinda lhe prazia muito, & q̃ dias hauia, que o deſejaua de ver.* Os da Cidade iſſo meſmo foram muy ledos cõ elle, & o receberaõ todos muy bẽ. E depois de dous dias, q̃ Nunaluerez chegou a Lisboa, foyſe ao Paço do Meſtre, & falou com elle em eſta guiſa. *Senhor, grandes dias ha, que eu muyto deſejei, & deſejo de vos ſeruire & naõ foi minha ventura de atà a eſte tempo poder faẑer, E por q̃ hora vos ſois em tal ponto, & eſtado, que cuido, que poderey cobrar o que então deſejaua, eu vos ofreço a mi, & a meu proue ſeruiço com muy boa vontade, & vos peço por merce, que daqui por diente me ajais por todo voſſo quite, ſeruindouos de mim em todalas couſas, como de homem, que pera ello ſerey muy preſtes.* O Meſtre lho agradeceo muyto

muyto sua boa vōtade porq̄ dias haura que o conhecia por bom recebendoo por seu, como elle disse,& fezeo do Concelho com os outros,que com ella estauam; & dahi em diante não fazia cousa de que lhe parte não desse.

CAP 40. *Como sua Madre de Nuno Aluerez vinha pera tornar seu filho do seruiço do Mestre,& do que sobre ello auec.*

EIREA Gonçaluez, Madre de Nuno Aluerez estaua a este tempo na Villa de Portalegre, que sāo quatro legoas do Crato, onde o Priol, cō seus irmāos estōce chegara. E quādo soube q̄ seu filho segūdo o Priol disse q̄ficaua em Sātarē,& q̄ esperaua cada dia por elle,& ella respondeo q̄ bē parecia q̄ curaua pouco de seu irmão,& q̄ nūqua lhe bē quizera, & q̄ ágora o mostraua pela obra, pois q̄ vindo em sua cōpánhia não fizera cō ta de o trazer consigo. Ella partio logo caminho de Lisboa, onde soube,q̄ Nuno Aluerez estaua, & falando com elle disse quanto lhe parecia graue cousa, & muy perigosa aquella, que fazer queria em se chegar a seruir o Mestre, & lhe ajudar a defender o Reyno contra toda Castella, & contra a mor parte de Portugal, mostrandolhe muytas,& viuas rezoens, que a entençam, que tomaua, nao podia hir a diante, nem por ella crecer em bem, nem em honra. Nuno Aluerez firme em seu prepósito daualhe outras contrairas rezoēs, ē desfazer quanto ella dizia de guisa que tanto rezoaraō sobre ello, que onde ella vinha pera reduzir seu filho pera o seruiço Del-Rey de Castella. Nuno Aluerez reduse entam a ella pera encaminhar o seruiço do Mestre. E sendo ambos dacordo, que era bem o que elle dezia, tornou ella a dizer a Nuno Aluerez. *Filho, eu vos rogo, & vos encomendo pella minha bençam, que pois vos escolhestes o Mestre pera o seruir, & ficar com elle, que vos o siruaes verdadeiramente, & vos naō avarteis delle em nenhuma guisa, por cousa, que auir possa, E eu farey logo pera vos vir Fernam Pereira vosso irmam, que seja vosso companheiro em seu seruiço.* E elle disse que assi o faria. E o Mestre sabendo por certo auiso como ella era na Cidade, & como vinha pera demouer a seu filho da vontade, que tinha pera o seruir, foy a uer

às casas, onde póusaua, & contoulhe, como sua tenção era de se poer a defẽder o Reyno, & que entendia que ella não viria alli, saluo por demouer seu filho da vontade, que tinha pera o seruir. E que porem lhe rogaua, que em tal cousa se não quizesse entremeter, nem o toruasse, que esto, a que elle se queria opoer, era seruiço de Deus, & honra do Reyno. E que esperaua em Deos que elle lhe encaminharia tambem seus feitos, que seu filho sahiria delles com grande acrecentamento de sua honra. E falando ambos em esto, ella lhe respondeo quanto lhe prazia de seu filho ficar com elle pera o seruir, & que assi lho tinha mandado pella sua bençaõ. E então se partio adu viera, & falou com seu filho Fernam Pereira, & encaminhou de tal guisa com elle, que se partio logo com a sua gente, & se foy a Lisboa pera o Mestre.

CAP. 41. *Como o Mestre falou com os de seu Conselho sobre sua ſuada, ou partida do Reyno.*

TORNANDO a falar nos feitos do Mestre, de que cessamos, por leuar a Rainha a Santarẽ & trazer Nuno Aluerez a seu seruiço, foi alli; q̃ nesta sezão Nuno Aluerez veo pera elle. Era o Mestre em graõ cuidado, & desuairados pẽsamẽtos, porq̃ algũs de seu Conselho lhe dizião q̃ não aguardasse ElRey de Castella cõ seu gram poder no Reyno, mas q̃ se fosse pera Ingraterra, esperãdo muitas rezoẽs, porq̃ o deuia de fazer, & assinando certos proueitos, & seguranças, q̃ se d'ella seguiaõ, dizendo antre outras cousas, q̃ por azo de tal partida elle poderia alà auer tantas ajudas de gentẽs, pera q̃ depois poderia tornar ao Reyno, & o cobrar cõ muito sua hõra, sem perda das gentes, & dano da terra. Outros eraõ de todo cõtra esta opinião, desfazendo os ditos de taes cõ outras cõtrairas rezoẽs; assi como Nuno Aluerez, & Ruy Pereira, e Aluoro Vasquez de Goes, e o Doutor Iohaõ das Regras & Aluoro Paez, & o Doutor Martim Affõso, dizẽdo q̃ a partida do Mestre não era boa, nẽ seruiço de Deos, nẽ seu, porq̃ indose elle fora da terra ficaua o Reyno desẽparado, & sẽ defẽsor, & em tãto cobraria ElRey de Castella a Cidade & outros lugares, q̃ lhe releuauão & daloshia a taes pessoas, & afortaleceria de tal guisa, que se não poderião depois cobrar, senam com grande afam, & espargimen-

mento de ſangue. E q̃ porem lhe pedirão por merce, que aſſeſegaſſe no Reyno, & naõ ſe partiſſe delle, que Deus, q̃ a eſto o chamara, & eſcolhera, encaminharia ſeus feitos com grande acrecentamento de ſua honra, & eſtado. E o Meſtre ouuia as rezoẽs de algũs, e dos outros, & reprouou aquelles, q̃ o aconſelhauão q̃ ſe partiſſe do reino, aſſinandoſe certas, & notaues rezoẽs, porque o deuia de o fazer ſeu grande coraçam deſejador de caualleiroſos feitos o fazia inclinar a todauia fiquar em elle, & ſe poer em qualquer auentura por defenſam da terra. Mas deſta tençam o toruauaõ muyto, os que lhe aconſelhauão o contrairo, em guiſa, que o faziam duuidar, & hum dia depois de comer o Meſtre mandou chamar os de ſeu Conſelho, & Nuno Aluerez com elles. E como todos foraõ juntos, & o Meſtre ſe poz ante elles, dizendo em eſta guiſa. *Amigos, vos vedes bem o grande perigo, em que eſte Reyno eſtà, & como partindome eu delle, ſegundo alguns de voſoutros dizem, elle ſeria de todo perdido, & ſogeito a ElRey de Caſtella de guiſa, que taes hiba, que dizem, que milhor era por defenſam da terra morrer honradamente, q̃ cahir em ſeruidão de ſeus imigos. E demim vos digo, q̃ em tal tẽçam tenho, & ſaõ diſpoſto pera ficar em ella, & nam me partir por nenhũa maneira.* Sobre outroſi acordados os do Conſelho, que eraõ deſte bando, differaõ, que o Meſtre dezia muy bem, & foram muy ledos com ſuas rezoẽs, pedindolhe por merce, que aſſi o fizeſſe, & não curaſſe de outro conſelho, & que elles, & todolos outros ſeruirião bem, & lealmente: & que eſperauam no poderoſo Deos, que elle trazeria ſeus feitos a tam boa fim, que ſeria muyto com ſua honra, & de todo o Reyno. E depois de grandes rezoados, que ſobre eſto ouueraõ falado, foram todos dacordo, que o Meſtre ficaſſe no Reyno, & não ſe partiſſe delle, & começaraõ de falar em outras couſas, & na tomada do Caſtello.

CAP. 42. *Como o Meſtre quizera combater o Caſtello, & como o cobrouſem combate.*



CABADO eſto, q̃ aueis ouuido, diſſe o Meſtre, q̃ hum dos empachos, que tinha neſte feito, era o Caſtello da Cidade, que eſtaua contra elle por parte da Rainha,

cqual compria muito deser filha do por a Cidade não receber dano por elle dalgũas gentes se virquizeſſem contra ella, Nuno Alucrez, & os outros do Conſelho diſſeraõ que o não tiueſſe, nem ſe anojaſſe por ello, q̃ Deus q̃ lhe dera ja a Cidade, lhe daria o Caſtello Ora aſſi aueo que penſando a Rainha nas couſas traspaſſadas, era ſeu coração a meude cercado de gaſtoſos penſamentos, & receando o que ſe depois ſeguio eſtando eſtõce em Alanquer falou com o Conde Dom Iohaõ ſeu irmão, que era Alcayde em Lisboa, & tinha em ella muytos & boõs Vaſſallos, que lhe enuiaſſe dizer, que ſe lançaſſem no Caſtello com ſeus eſcudeiros por ſegurança de qualquer couſa, que auir podeſſe. Outorgado por o Conde que eſto era bem feito, falou com Affonſocanes Nogueila, que alá eſtaua, que era hũ delles que ſe vieſſe à Cidade, & falaſſe com aquelles, que ſeus eraõ, q̃ o fizeſſem aſſi. Affonſocanes chegou a Lisboa, & todos aquelles, com que elle hauia de falar, eraõ já do Meſtre deshi pelos eſcondidos, tendo outra crença muy cõtraira da primeira, ſendo já deſua parte contra a Rainha, quando falou com Eſteuão Vaſquez Felippe, deshi com Affonſo Furtado & com Antão Vaſquez, & outros bons da Cidade, & os achou mudados do que cuidou que tinha em elles, não o quiz dizer a mais, & foyſe pera ſua pouzada, & corregeoſe o milhor que pode & lançouſe no Caſtello pela porta da treiçaõ com hũs dez, ou doze eſcudeiros, & em ſe lançando aſſi, naceo hũa voz publica pella Cidade, *Treição, Treiçaõ accorrey ao Meſtre, que o querem matar.* As gentes, que o ouuiraõ foi mui grande aluoroço em elles, & começaraõ de ſe armar, & correr à preſſa contra o Caſtello, porquãto o Meſtre fora pouzar nos Paços do Biſpo, que ſaõ acerca delle, como ordenou de o matar, & vendo os que alli hiaõ que não era nada o que lhe diſſeraõ, tornaraõſe muy ſanhudos, rezoando muytas palauras de ameaça contra quaeſquer, que ſe tal couſa tremetiaõ de fazer. Martim Affonſo Valente hum dos honrados da Cidade, que era Alcayde do Caſtello por o Conde Iohan Affonſo irmão da Rainha, foy requerido que o deſſe ao Meſtre, & não conſentiſſe que por elle vieſſe mal á Cidade, & a todo o Reyno, pois Portuguez verdadeiro era, dizendo por muytas rezoens porque o deuia fazer. Martim Affonſo ſe eſcuzaua delo, dizendo

queo

que o não faria por nenhũa guiſa por ter delle feita menagem, & cahir em mao caſo com grande ſeu doeſto,& todolos que delle decendeſſem.Ordenou entam de o combater, & mandou fazer hum artificio de madeira, q̃ chamão Gata, que, como hũa baixa caua, que eſtonce o Caſtello tinha,foſſe chea,podeſſe hir por ſima juntar com elle,& deſo ella podeſſe piquar o muro, & entrar dentro , & dizião os de fora aos de dentro: *que o deſſem ao Meſtre ſeu Senhor,ſe não que jurauaõ a Deos que poerião enſima da gata Conſtança Affonſo Madre de Affonſoeanes Nogueira,& irmaã da molher de Martim Affonſo Alcayde do Caſtello , & iſſo meſmo as molheres,& filhos de quantos dentro eraõ,& que entaõ deitaſſem de ſima fogo, & pedras em quaes della quizeſſem.* Alguns de dentro receandoſe diſto dizião ao Alcayde,que antes ſe ſahiriaõ fora,& não ajudarião a defender oCaſtello,que terem azo de matar as molheres, & os filhos. De guiſa que lhe dizião em eſto ante que a gata foſſe feita,nem a caua chea pera hir por ſima. Diſſe Nuno Aluerez aoMeſtre que elle queria hir falar com Martim Affonſo Valente,& com Affonſoeanes Nogueira ſobre o feito do Caſtello,& que entendia que lho daria.O Meſtre diſſe que lhe prazia,& foy Nuno Aluerez ao Caſtello,& diſſe a Martim Affonſo mas rezoẽs, porque o deuia de dar ao Meſtre, dizendo que naõ compria,que por ſeu azo ſe perdeſe a Cidade, & o Reyno foſſe em ventura poſto , a qual couſa, pois verdadeiro Portuguez era, não lhe deuia conſentir o coraçaõ,& fazendoo doutro geito , q̃ todo o mundo lho teria a mal & merecia de o apedrejarem todalas gentes do Reyno por ello.Cõ eſtas,& outras rezoẽs,que lhe Nuno Aluerez diſſe , deshi Martim Affonſo vendo todo o pouo da Cidade aluoraçado por tomar o Caſtello,& o combate, que lhe querião dar,& como os de dentro,que eſtauão com elle, diziaõ, que ſe os daquella guiſa combateſem, que elles não auião dematar as molheres , & os filhos por lho ajudar a defender, que não auia poder de ſe ter muyto tempo.E eſtonce diſſe Martim Affonſo a Nuno Aluerez , que lhe prazia de dar o Caſtello ao Meſtre, mas que o faria primeiro ſaber á Rainha,& ao Conde Dom Iohaõ ao qual delle tinha feita menagem.Nuno Aluerez diſſe, que logo ficaſſe determinado atà aquelle dia ſe ſofrena de o cõbater , & que

que lhe deſſe ſegurança darrefẽs por elle não ſendo acorrido, a aquella ſezão. E entaõ ſe preitejou Martim Affonſo, que não lhevindo acorro atè quarenta horas, q̃ o Caſtello foſſe entregue ao Meſtre, ſem outra contenda. E foy poſto em arrefens em poder de Nuno Alueres, Affonſoeanes Nogueira, & trouueo conſigo pera ſua pouzada. Os da Cidade, como ſouberaõ que o Caſtello era preitejado, corrião todos pelas comarcas, & toda aquella noite foi poſta grande guarda em toda Lisboa dormindo derrador do monte com muitas candeas acezas velando com grande cuidado pera embargar qualquer ajuda, ſe a conteceſe de vir ao Alcayde. Martim Affonſo mandou à preſſa hũ eſcudeiro a Alanquer, fazendo ſaber ao Conde em que ponto era com os da Cidade, & como oque não combater, & de que guiſa. E quando lhe o eſcudeiro contou, os da Cidade dizião, que lhe poerião as molheres, & os filhos a todos enſima da gata, & que mataſſem quaes delles quizeſſem, começou o Conde de ſe ſorrir, & diſſe: *Que em verdade bom ſabroço era eſſe, que vos elles punhão, pera lhe auer de dar o Caſtello; dizei que houueſtes vontade de lho dar, & deſteslho. Parecemẽ q̃ foſtes taes com eſſe medo, que vos pozeraõ por vos eſpantar, como a raposa, que eſtaua ao pè do aruor, & ameaçaua com o rabo o coruo, que eſtaua emſima com o queijo no biquo por lho auer de leixar, & vos outros taes foſtes; tomaſtes medo, vaõ do que não houuereis de tomar, & por terdes azo de lho dar mais cedo, foſteslho aprazar a certas horas por naõ poder ſer acorrido. Eu gentes naõ tenho aqui taes, com que lhe poßa acorrer, ainda q̃ as aqui teueße, o prazo he tam pequeno, que ſómente pera ferrar naõ haueria eſpaço.* O Eſcudeiro reſpondeo, que Martim Affonſo não podera mayor tempo hauer, q̃ ainda àquello lhe deraõde mui màmente. Falou eſtonce o Conde á Rainha, & contoulhe o geito, que os da Cidade querião ter em o combater. E ella diſſe, que pois aſſi era, que lhe mandaſſe dizer, que lho entregaſſem, que quẽ depois ouueſſe a Cidade, aueria o Caſtello. Tornouſe o Eſcudeiro, com eſte recado, & paſſou o prazo, & foy entregue o Caſtello ao Meſtre a tinta dias daquelle mes de Dezembro, & foy pouſar em elle, & mandouo deuaſſar, & tirar as portas da parte da Cidade por conſelho de todo o pouo. Martim Affonſo como deu oCaſtello ao Meſtre veoſe pera ſua merce

mercê com os que dentro eram, & elle, & Affonſo eannes, & outros todos ſe houueraõ depois ſempre bem, & lealmente.

CAP 43. *Como foy tomado o Caſtello de Beja, & morto o Almirante Mice Lançarote.*



RAINHA antedeſto, como o Conde IohaõFernandez foi morto, & o aleuanto de Lisboa feito, hauia mandado por o Reyno ſuas cartas, aſſi aosAlcaydes dosCaſtellos, como aos homens bons, das Villas, & Cidades, fazendolhe queixume do que auia acontecido, & a maneira, que deuiaõ ter em tomar voz por ſua filha. E iſſo meſmo eſcreueo aElRey deCaſtella, que ſe trabalhaſſe de uir á preſſa ao Reyno, o qual neſta ſezão era já na Guarda, ſegundo a diante podereis ver. Aſſi q̃ por azo de ſua vinda, como por todos os mais do Reyno ſerem da parte da Rainha, foy alçado voz, & pendão por ſua filha da guiſa, q̃ lhe eſcreueo em ſuas cartas. Mas eſte tomar de voz, & alçamento de pendaõ, com tal titulo, como ſe apregoauão, era muy grande couſa de ouuir à gente piquena dos lugares. E nao podendo contradizer ás grandes peſſoas, gaſtauaõ ſe em ſi meſmos conſentindo cõ medo, & temor, a que contradizer naõ podiaõ. Aſſi como aconteceo em Eſtremòz a Ioanne Mẽdez de Vaſcogoncellos primo da Rainha Dona Lianor, que a aquelle tempo tinha o Caſtello, quando leuantaraõ voz por a Rainha Dona Breatiz, & o trouueraõ pella Villa Lopo Affonſo, & Lourẽço Dias, com algũs outros do lugar, porque viraõ, que o outro pouo era poſto em trauanca, & malcontente daquelle feito logo diſſeraõ, que meſter hauia na praça cutelho, & açoute pera decepar os que contradiſſeſſem o que elles faziaõ. E durado eſta deuiſaõ nos coraçoẽs dehũs, & dos outros, foi ſabido pello Reyno como o Meſtre tomara carrego de ſe chamar Regedor, & Defenſor do Reyno, & como tomara o Caſtello de Lisboa, & o tinha já em ſeu poder. E algũs do Reyno, que deſto ſouberaõ parte prouguelhe muito, & eſpecialmente aos pouos meudos, & aos outros, que eram da parte da Rainha pezaua aſſaz poſto que entendeſem que todo era vaydade. Ora aſſi aueo q̃ em Beja eſtaua por Alcayde Gonçalo Vaſquez de Mello, & tinha o Caſtello em voz pella Rainha, & em eſto eſcreueo outra vez á Rainha

nha ſua cartas ao Conſelho de Beja, que tiueſſem toda a voz por ella, & que ſe ElRey de Caſtella acontecеſſe de vir por hi, que o a colheſſem na Villa ſem nenhum arreceo, & temor, porque elle os defenderia de quemquer, que lhe nojo quizeſſe fazer, & lhe faria por ello muitas merces. As cartas recebidas pellos principaes do lugar, mandarão deitar pregaõ pella Villa, que todos ao outro dia foſſem ouuir recado das cartas q̃ ſua Senhora a Rainha mandara. No dia ſeguinte juntaraõſe Eſteuão Malfado, & Iohão Affonſo Netto, & Meſtre Iohão, & Ruy Paez Caçoto, & Mendafonſo, & outros honrados do lugar, & apartaraõſe todos á porta piquena de Santa Maria da Feira, & começaraõ de ver aquello, que lhe a Rainha eſcreueo. O pouo era muyto que eſtaua pello adro aguardando que lhe diſſeſſem, que nouas erão aquellas, que a Rainha mandaua dizer, & trigandoſe as vontades de todos, diſſe hum q̃ chamauão Gonçalo Ouelheiro contra os outros. *Não eſta hora aqui nenhum, que va ſaber, que cartas ſaõ eſtas, ou que recado he eſte, que a Rainha manda.* Falou elle eſtõce cõ hum boom eſcudeiro, q̃ chamauão Gonçalo Nunes Daluellos, que era nem dos grandes, nem dos mais pequenos, & diſſe contra Vaſco Rodriguez Carualhal *Quereſme ajudar, tu, & hiremos ſaber que cartas ſaõ eſtas?* E elle diſſe, que lhe prazia, & então ſe juntarão com elles até huns trinta, & chegaraõ hu eſtauão aquelles honrados, & falou Gonçalo Nunez, & diſſe: *Que cartas ſaõ eſtas, que vos ledes, ae que nos não ſabemos parte? Por ventura eſta Villa haſe de manter, & defender por quatro, ou ſinco, que vos aqui ſois?* Certamente não, *mas por noſoutros, que aqui moramos.* Diſſe então Eſteuão Faledo. *Que ouniam he eſta, com que vos aſſi vindes?* Reſpondeo Gonçalo Nunez dizendo. *Iſto não he ounião, mas querémos ſaber que cartas ſam eſtas:* Falou eſtonce Mendafonſo & diſſe *que elle perguntaua bem, & que era bem que as viſſem.* E então ſe meterão todos no Paço do Conſelho, & parte dos outros com elles, & lendo as cartas deraõnas a hum Taballião, que as pubricaſſe aos defora, & elle ſahio a elles, & diſſe. *Amigos, o feito he eſte, eu não vi pera me mais deter em ler. O que aqui vem em concluſam he eſto, ſe quereis ante huma voz dizendo com o Meſtre.* Eſſes mayores quando eſto viraõ partiraõſe logo pera ſuas pouzadas, & não ouzarão de parecer. E elles

em

n eſto ſem mais tardança viraõ
arecer gente darmas no Caſtel-
,então começaraõ todos debra
ar, *Halcacere o Caſtello, Hálcace*
*ao Caſtello.* E Dom Gonçalo
Nunez caualgou à preſſa, & os
utros todos ſe foraõ armar, &
omeçaraõ logo de hir a comba
r. O Alcayde quando eſto vio,
oz fogo a duas torres, em que eſ
ua muyto almazem pera os da
illa ſe não preſtarem delle, acõ
cendo de ſer tomado. E os de
entro defendendoſe rijamente
ferindo algũs de fora. Pozeraõ
s da Villa fogo ás portas do Ca
ello, & como foraõ ardidas en-
araõ dentro, hũa quarta feira, a
oras de comer, & tomarão o Al
yde, & pozerãono em ſaluo al-
is, que lhe bem querião. Gonça
Nunez, & Vaſco Rodriguez
maraõ logo o Caſtello, & alça-
io voz pello Meſtre, roldando,
velando a Villa âs portas fecha
as em nome delle, & velandoſe
ſſi a dita Villa, depois deſto, por
lguns dias, chegoũ ao ſerão enſi
na dehũa egoa hum homem do
Campo de Ourique, & falou aos
a Villa dizendo: *que diſſeſſem*
*o q̃ tinha carrego de reger a Villa*
*ue aquella tarde chegara o Almi*
*ante Mice Lançarote a hũ lugar,*
*ue chamão os Collos, que ſaõ dahi*
*lez legoas, & q̃ ſe hia a Odemira,*
*q̃ he Reyno do Algarue, pera ſe al*
*çar cõ elle, & tomar voz por El Rey*
*de Caſtella.* Gõçalo Nunez como
iſto ſoube, leuou conſigo ſincoen
ta de caualo, & cento antre beſta
rias, & homẽs de pè, & andaram
toda a noite, em guiſa que chega
raõ a elle ante manhaam. E o Al-
mirante tinha jà ſellado pera ca-
ualgar elle, & os ſeus, & aſſi arma
dos, como eſtauão, foraõ todos
preſos, & Mouros, & Mouras, &
azemalas, com quanto auer leua
uão, & aos ſeus tomarão as ar-
mas, & beſtas, & leixarãonos hir.
E o Almirante veo pera a Villa
enſima de hũa mula. E elle no lu
gar, pozerãno na torre da mena-
gem dizendo elle aficadamente,
a todos. *Amigos, mandayme a*
*meu Senhor o Meſtre bem preſo,*
*& arrecadado, & nãome queira*
*es matar ſem porque.* E elles dezi-
am que não ouueſſe medo. Em
quanto Gonçalo Nunez foy le-
uar ao Meſtre todoquanto lhe ha
uia tomado, receãdoſe os da Vil
la, que ſe leuantaſſe o Almirante
com o Caſtello, foraõſe hum dia
todos alaà, & diſſeraõ a Vaſco Ro
driguez, que o lançaſſe fora, & el
le receandoſe delles foyſe pera
ſua caſa, & leyxouo na torre. O Al
mirante, quando eſto vio, come-
çou de ſe defender o milhor que
pode, & elles bradando, que dece

ſe a

se a fundo,& não houuesse medo.Ouueo de fazer cuidando de achar em elles piedade, & compaixão.Mataraõno de mà,& deshonrada morte,& assi acabou seus postumeiros dias.

CAP 44 *Como o Castello de Portalegre,& Estremoz foram tomados.*



ESTA guisa,que aueis ouuido se leuãtaraõ os pouos,&outros muitos lugares sendo grande scisma,& deuisaõ antre os grandes, & os pequenos, o qual ajuntamẽto dos pequenos pouos,que se estonce assi ajuntauão, chamauam naquelle tempo *Arraya meuda*, os grandes escarnecendo dos pequenos chamãdolhe *pouo do Mexias de Lisboa*,que cuidauão,que os hauião de remir da sogeiçam DelRey de Castella.Os pequenos aos grandes,depois que cobraraõ coraçaõ, que se juntauão todos em hum,chamauaõlhe, *Trèdores scismaticos*, que tinhão da parte dos Castellãos por darem o Reyno,a cujo não era. E nenhũ por grande que fosse, era ouzado de contradizer a esto,nem falar por sy nenhũa cousa,porque sabia, q̃ como falasse morte má tinha logo prestes,sem nenhum mais poder ser boom.E era marauilha de ver que tanto esforço daua Deus nellés,& tanta couardice nos outros,que os Castellos, que os antigos Reys por longos tempos, jazendo sobre elles com força de armas, podiaõ tomar, os pouos meudos mal armados,& sem Capitaõ com os ventres ao sol,ante de meo dia os filhauão por força, antre os quaes foy hum o Castello de Portalegre,de que era Alcayde Dom Pedraluerez Priol do Espital , & da sua mão tinha voz por a Rainha, assi como os outros,que se juntaraõ os da Villa, hũa quinta feira pella menhaam, & começaraõ combater, & ante de meo dia com ajuda de Deus, foy filhado. Semelhauelmente os da Villa de Estremoz postos em grande aluoroço cometeraõ ao Alcayde,que leyxasse o Castello & se viesse pera á Villa,que doutra guisa não seriaõ delle seguros Iohane Mendez disse, que o naõ faria por cousa,que fosse , que de o fazer lhe vinha grande deshonra,& prasmo. Vendo elles sua reposta,determinaraõ de o combater,& tomaraõ hum carro,& puzeraõno napraça,&ordenaraõ de poer nelle as molheres , & filhos dos que de dentro estauão com o Alcayde,que eram todos natu-

raes

raes do lugar. Os de dentro quan do esto viraõ, disseraõ a Iohanne Mendez que deixasse o Castello aos da Villa, que doutra guisa o não entendião dajudar. Vendo-se elle em tal apertada, mandou dizer aos defora, que lhe enuiassem pessoa segura, com quem fallasse, & acordarsehia cõ elles. Mãdaraõ estonce Frey Lourenço, Guardião de Sam Francisco, & outros com elle, que fossem ao Castello. E Ioanne Mendez propoz muitas rezoẽs a se escuzar de não ter com Castella, mas ser verdadeiro Portuguez com elles nas suas falas naõ prestando nada foy determinado, que todauia deixasse o Castello, & fosse entregue a hum dos da Villa, que o tiuesse. Outorgou o Alcayde q̃ lhe prazia, porque não pode mais fazer, & foy entregue a hum escudeiro, que chamauão Martim Perez, & o Alcayde foi logo fora do Castello, & depois se foy pera Moura, que tinha Aluoro Gonçaluez por ElRey de Castella. E os do Concelho mandaraõ tirar as portas da torre, & as do Castello contra a Villa, & derribar o seitoril, & ancas daquella parte, & deshi em diante foy o Castello velado, & roldado pello Mestre, & posto em poder do pouo meudo. E não somẽte os homẽs, como dito he, mas as molheres àntre sy tinhaõ bando pelo Mestre contra qualquer, que da sua parte naõ era, em guisa, que hum dia se leuantaraõ Mor Lourenço & Margaridaeanes adella, & outras molheres em rezoẽs contra Maria Esteuẽs Madre de Nuno Rodriguez de Vasconcellos dizendo, que seu filho dissera mal do Mestre, & que era Castellam, & ellas por sy o mataraõ, & foraõ no lançar do muro afundo.

CAP 45. *Como o Alcayde de Euora quizera ter voz por a Rainha, & foy tomado o Castello pellos da Cidade.*



VVINDO esto, q̃ aconteceo emalgũs lugares, Aluoro Mẽdez de Oliueira Alcayde mor da Cidade de Euora, que entaõ tinha o Castello por a Rainha, & vendo que semelhantes saõ do que acõtecia aos outros, podia acontecer a elle, & que não tinha outras gẽtes consigo, com que o defender podesse, saluo alguns seus criados assi como Gonçaloanes Melão, & Martim Brabol, Ruy Gyl, & outros ataá sete, ou oito por todos. Mãdou hũ dia chamar Martim Affõso Carualho, q̃ era então juiz, & assi

& assi era casado com hũa donzella da Rainha D. Lianor, c. Gõçalo Lourẽço Alcayde pequeno, & Vasco Martins Povzado escriuão da Camara do Concelho, & Ruy Gonçaluez Medidor, & Martim Velho, & Aluoro Vasquez Mercador, & outros honrados do lugar, & indo todos a seu chamado lhe prepoz tantas, & taes rezoẽs por parte da Rainha, que elle queria ter, que todos outorgaraõ de se vir pera elle, & lho ajudarem a defender, como se todos lançaram dentro, & foy sabido pella Cidade. Logo em este dia Diogo Lopez Lobo, & Fernão Gonçalues Darqua, & Iohaõ Fernandez seu filho, que eraõ hũs dos grandes, que hi hauia, com todo o pouo da Cidade, se leuantaraõ contra elles, & forão combater o Castello sobindo ensima da Sè, & isso mesmo do açougue, que saõ lugares altos, du lhe podião empecer as bèstas, & dalli tirauaõ muitos virotes aos que estauaõ no Castello, o qual era mui forte de torre, & muro, & sequo de caua, & muy mao de tomar sem graõ trabalho. E pellos fazerem render mais azinha, tomaraõ as molheres, & os filhos dos que dentro eram pera o defender & pozeraõnos emsima de senhos carros todos amarrados em elles que era hum jogo, que os pouos meudos em semelhante caso muito acustumauão de fazer. E chegaraõ áporta do Castello, bradando aos desima, que sahissem fora, & o desemparassem logo, senam que as molheres, & os filhos lhe queimariaõ todos em vista, & presença delles. E em dizendo esto começaram a poer fogo às portas com grande aluoroço, & arroido de muyta gente. O Alcayde, quando esto vio falou com aquelles, que eraõ dentro com elle, receandose de cahir na destẽ perada sanha do pouo acordaráo de lhe dar o Castello ante que se mais fizesse, & foy a preitezia, que os leixassem sahir fora do Castello, & da Cidade em saluo, & fora dahi com sua honra, & lho leixariam desembargadamente. E depois que os seguraram com esta condiçam foram lançados fora pella porta da treiçam, tendo cerradas todas as portas da Cidade, receandose que os nam fossem roubar o pouo meudo depois que saissem. O Castello, que era bem forte, & asito, & que nam fora tomado tam apressa da guisa que o foy, senaõ fora pello medo, que tiueram em poer as molheres, & filhos em carros. E como foy tomado, logo foi roubado de quanto hi acharam, & derri-

bado por muitas partes, & posto fogo dentro em elle, de guisa que queimadas casas, & quanto em elle auia, ficou deuasso, como pardieiro, sem parte defensauel, que em elle ouuesse. A porta da treição foi logo quebrantada, que nenhũ não podia sahir, nem entrar no Castello, o Alcayde se foy pera Fernam Gonçalues de Sousa, que estaua em Portel, & tinha voz por Castella, & dos outros alguns se foram pera Pedro Rodriguez da Fonseca, que era Alcayde de Oliuença, & delles pera Pay Rodriguez, que era Alcayde de Campo Mayor, que tinhaõ ambos voz por Castella. E foy a tomada deste Castello aos 11. dias do mes de Ianeiro da sobre dita era de mil quatrocentos, & vinte & dous annos

CAP. 46. *Como os da Cidade se leuantaram contra a Abbadessa, & do geito, que tiueraõ em a tomar.*

TOMADO o Castello da guisa, que dissemos, ficou o pouo da Cidade cheo de grande aluoroço fora de todo boom costume, começaram de se mouer por braua sanha multiplicando nouos queixumes, contra quem lhe nunqua hauia feito erro. Vzauam de seu liure poder desdanhando que na primeira tomauão Capitaẽs assi como Diogo Lopez Lobaõ, & Fernam Gõçalluez, & outros grandes. E tendo sospeita sobre elles disseraõ, que se amauão seruiço do Mestre, & eraõ de sua parte, que se fossem a Lisboa pera o seruir, & ajudar a defender o Reyno, & elles vendo que lhes não compria entender sobre esto, fizeramno assi, & vieraõse pera o Mestre. Os Mayoraes daquestes aluoroços eraõ Gonçaloeanes Cabreiro, & Vicenteannes alfayate, & seguindo seus feitos, como lhe deu a vontade, & trazião appellido, *abite, abite aqui desdabite.* E como algũs delles dezião, *Vamos a Foaõ matalo, ou roubalo,* logo assi erafeito, sẽ lhe valer nenhũ dos grãdes da Cidade, postoq̃ se por elle quizesse poer. Ora aueo q̃ nesta sezão estauão as freiras, & Abbadessa de Sam Bento em hum seu Moesteiro naõ longe desse logar dentro na Cidade em humas suas casas, que saõ no muro, & os brados corressem, & temor de guerra, que se já estonce começaua descubertamente E andando o pouo em tal aluo-

roço ſem outra occupaçam, com que deſpendeſſe o tempo, naceo hũa voz (ſegundo alguns recontão) dizendo que Gonçaloannes Cabreiro hum dos Capataes daquella onião falou contra aquelle pouo & diſſe: *Vamos matar a aleiuoſa da Abbadeſſa, que he parenta da Rainha, & ſua criada.* Outros dizião doutra maneira. Eſta parece mais rezam. ſ. que a Abbadeſſa ouuindo como elles andauam daquella guiſa, & as couſas, que faziam, que diſſe de geito, que o ſouberaõ elles. *Ex os bebados andão com ſuas bebedices, deixa-y os vos, que ainda ſe elles mal ham de achar por eſtas couſas, que andam fazendo.* Ora por qualquer guiſa, que foſſe, aleuantouſe contra ella, & naõ foy em vão E foramna logo buſcar às caſas, onde aſſi pouzauam, & non a acharam em ellas que ella fora ouuir miſſa cõ ſuas freiras à Igreja Cathedral deſtaCidade, ſegundo hauia em coſtume Hũa ſeruidora de ſua caſa, quando vio q̃ aſſi buſcauão, correo à preſſa, & foyſe dizerlhe como a buſcauão daquella maneira, & ella com graõ medo, q̃ houue delles, a q̃ defenſaõ não eſperaua da uer, leixou de ouuir miſſa, & meteoſe no theſouro, & tomou a copa, em que vão a comungar, & dizèm q̃ eſtaua eſtonce o corpo de Deus conſagrado, & tẽdoo aſſi nas mãos abraçandoſe com elle, os que a não acharaõ em caſa, foraõna trigoſamente buſcar á Seè, & em entrando, todos com grandes brados de ſeu appellido, q̃ traziaõ *abite abite.* E como todos chegaraõ por ella moſtrãdo graõdeſejodea achar, ſahiraõ eſtõce a elles Gonçalo Gonçalues, q̃ era dahi Adayão, & Mem Pirez Chantre, & outros Beneficiados, por os deſuiarẽ da tenção q̃ traziaõ, & nũca tãto poderaõ dizer nẽ prègar da parte de Deus, & de S. Maria, dizendo q̃ lha leixaſſem por então, & a não tiraſſẽ da Igreja, q̃ elles a tirariaõ á preſſa, & bẽ guardada pera ſe fazer della direito. E ſe algũ mal fizera, ou diſſera que nunqua o fazer quizeſſem, nem iſſo meſmo as doridas, prezes della poderem amanſar a braueza daquelle ſanhoſo pouo. Mas ſem nenhuma reuerencia do Senhor, que nas maõs tinha, que os por entam leyxou vzar de ſeu liure poder, por juizo a nos non conhecido lhe tomaraõ o Corpo das maõs, & a tiraram fora do theſouro: & leuandoa aſſi, ante que chegaſſem aporta da eſcada, lançouſe hum delles a ella rijamente & le-

& leuoulhe o manto,&as toucas fora da cabeca ſem outra cobertura. E indo mais diãte, anteq̃ chegaſſe âporta principal,lãçouſe outrohomẽ a ella,&cortoulhe as fraldas de todalas veſtiduras, em tanto q̃ lhe parecião as pernas todas,& parte dos vergonhoſos mẽbros.Eaſſi a tiraraõ fora da Sè deshonradamẽte, & a leuaraõ pela rua deſalli atè a praça.Em aquelle lugar lhe deu hum delles hũa cutilada pela cabeça,de q̃ cahio morta em terra , & deshi os outros começaraõ de a cutilar pela calçada cada hum como lhe aprazia. E eſtonce a leixaraõ aſſi jazer na praça ,& foraõ comer, & buſcar outros deſenfadamentos , & acerqua da noite vieram aquelles , que a mataram , & lançaraõlhe hum baraço nos pés & leuaramna ataá ao Rocio , a cerqua do curral das vacas,& leixando a ſſi aquelle deshonrado corpo , algũs, que diſſo ouueraõ ſentido,o tomaraõ de noite , & a ſoterraraõ na Sè eſcondidamente,que doutra guiſa nãõ eraõ ouzados de o fazer de praça.

CAP 48. *Como foy lançado voz pello Meſtre na Cidade do Porto , & da maneira , que o pouo em ello teue.*

DEVEIS de ſaber, que tanto que o Meſtre tomou cargo de Regedor. , & Defenſor dos Reynos, & ſoube que ElRey de Caſtella vinha com ſeu poder pera entrar em elles , que logo eſcreueo ſuas cartas a algumas Villas, & Cidades , & iſſo meſmo a certas peſſoas notificandolhe em ellas , como bem ſabião da guiſa que eſtes Reynos eſtauam em ponto pera ſe perder , & como ElRey de Caſtella vinha pera os tomar , & meter os pouos delles em ſua ſogeiçãocontra ordenança dos trautos, q̃ prometidos tinha,a qual coũſa deuia ter por tam graue , & tam eſtranha, qee antes ſe todos deuião auintu rar a morrer ſobre tal demanda, q̃ cahir emſeruidão tão odioſa.E q̃ elle por honra,& defenſam do Reyno, & dos naturaes delle ſe deſpozera a tomar carrego de o reger , & defender,o q̃,cõ a graça de Deus,entendia leuar a diante com a ſua boa ajuda delles , & que porem lhe rogaua , que todos de bom coraçam , como verdadeiros Portuguezes , tiueſſem voz por Portugal , & nam curaſſem em nenhumas cartas, que lhe a Rainha , & ElRey de Caſtella em contrairo deſto man-

daſſem. Antre os lugares, a que ſeu recado chegou, foy a Cidade do Porto, onde ſuas cartas não forão ouuidas em vão. Mas como foram viſtas, concordarão muito preſtes, logo ſe ajuntarão todos, eſpecialmente o pouo meudo, & alguns outros deſſa natural gente douidando recea uam muyto de poer em tal feito mam. Entam aquelles, que chamauão arraya meuda, diſſeram a hum por nome chamado Aluoro da Veiga, que leuaſſe a bandeira pella Villa, & voz em nome do Meſtre de Auiz, & elle refuſou leuala, moſtrando que o nam deuia de fazer, o qual logo foy chamado trédor, & que era da parte da Rainha, dandolhe tantas cutiladas, & aſſi de vontade, que era ſobeja couſa de ver eſtar morto. Nam ſe fez mais naquelle dia, mas juntaramſe todos no outro ſeguinte com ſua bandeira tendida na praça, tendo ordenado, q̃ a leuaſſe hũ bõ homem do lugar, q̃ chamauam Affonſoeanes Pateyro, & ſe a leuar não quizeſſe que o mataſſem logo, como o outro. Affonſoeanes como ſoube deſto parte per alguns delles, que eram ſeus amigos, & bem cedo pella menhaam, primeiro que o conuidaſſem pera tal obra, foyſe á praça da Cidade, onde jà todos eram juntos pera atrazer pera o lugar, & anteque lhe nenhum diſſeſſe que a leuaſſe, deitou elle mam da bandeira dizendo, altas vozes, que o ouuirão todos: *Portugal, Portugal, pello Meſtre Dauiz.* Entam caualgou Affonſoeanes em riba de hum grande, & fermoſo caualo, que pera eſto jà alli eſtaua preſtes, trazendoa muy honradamente por toda a Cidade, & acompanhada de muita gẽte, aſſi clerigos, como leigos bradando todos a hũa voz *Real, Real pello Meſtre Dauiz Regedor, & Defenſor dos Reynos de Portugal.* E andando aſſi pella Cidade foraõſe onde grandes tempos hauia, que era poſto entredito, e não ſoterrauão nenhum, & começaraõ de tanger os ſinos, & fazer dizer miſſas, & ſoterrar os mortos, onde jazião enterrados, & trazelos dentro álgreja, & nenhũa peſſoa ouzaua eſto de contradizer Prègou eſtonce hum frade muyto a prepoſito de ſua entençam concludindo, q̃ todos auiaõ de ſer vnidos em huma vontade, & deſejo, & não andar antre elles deſuairos nenhuns, mas ſeruir o Meſtre lealmente, & de boom coraçaõ, como

como verdadeiros Portuguezes, pois que ſe punhaõ a defender o Reyno pera o liurar de ſogeiçaõ DelRey de Caſtella. Muito foraõ todos contentes das rezoẽs, q̃ o frade prègou, & deshi em diante nenhum deſacordo houue antre elles, mas todos de hum talente diſpozeraõ a ter, & ſeguir a tençam do Meſtre, & deſta guiſa; que tendes ouuido, tomaram os pouos meudos muitos caſtellos dos Alcaydes delles, que por naõ alongar leixamos de dizer, alçando voz com pendoẽs pella Villa bradando todos, & dizendo. *Portugal, Portugal, pello Meſtre Dauiz.* E naõ guardauão diuido, nẽ mizidade nenhuma, que ſua tençaõ não tiueſſe mas quantos eraõ da parte daRainha, todos andauão à eſpada. Quãta deſacordança pẽſais q̃ era depois de paes com filhos, & irmãos cõirmaãs, & de molheres cõ os maridos. A nenhũ era ouuida rezão, nẽ eſcuza, q̃ por ſua parte dar quizeſſe, mas como hũ faaua dizẽdo: *q̃ fohaõ he delles;* naõ hauia couſa, q̃ lhe deſſe a vida, nẽ uſtiça, q̃ o liuraſſe de ſuas maõs; & iſſo era eſpecialmente contra os milheres, & mais honrados, q̃ hauia nos lugares, dos quaes muitos foraõ poſtos em grande cajão de morte, roubados de quãto hauiaõ, & delles cõ medo fugiaõ pera as Villas, q̃ tinhaõ voz por ElRey de Caſtella. Outros ſe hiaõ pera fora doReyno, leixados ſeus bẽs, & todo quanto hauiaõ, os quaes logo o Meſtre daua, aquem lhos pedia, & os meudos corriaõ apoz elles, & buſcauãonos, & prẽdiaõnos tão de vontade, que parecia que lidauão pella feè.

## CAP. 48. *Porq̃ rezão enuiou o Meſtre Embaxadores a Ingraterra, & da reposta, q̃ lhe de lá veo.*

PORQVE toda a rezão outorga q̃ milhor, & mais podero ſamente podem os muytos dar fim a hũa graõ couſa quãdo a começar querẽ, q̃ os poucos por muiardidos q̃ ſejão, ordenou o Meſtre cõ os do ſeu Cõcelho, q̃ erabẽ dauer gẽtes em ſua ajuda, & acordaraõ de enuiar pedir a ElRey de Ingraterra, q̃ lhe prouguеſſe dar lugar, & licẽça aos do ſeu Reyno, q̃ por ſoldo, & á ſua võtade, vieſſẽ ajudar cõtra ſeus imigos, & foi ordenado de irem alaà por Embaxadores Lourenço Martins criado do Meſtre, que deſpois foy Alcayde de Leirea, & Thomas Daniel Ingres, os quaes partiram em duas naos dante à

Cidade, & naquelle mes de Dezembro. E depois foy acordado de mandarem Dom Fernam Daffonſo de Albuquerque Meſtre da Ordem de Santiago, & Lourençoeanes Fogaça, Chançarel mór, q̃ fora DelRey D. Fernãdo, oqual entaõ na Seè o Meſtre fez caualeiro anteq̃ partiſſe. Onde ſabey q̃ eſte Dom Fernamdafonſo de Albuquerque eſtando na Villa dePalmella, ſe veo com todas ſuas gentes a Lisboa pera o Meſtre, & o recebeo por Senhor & ficou por ſeu vaſſallo pera oſeruir. Mas porẽ, não embargãdo eſto, por quanto elle fora feito por a Rainha, receandoſe delle, q̃ ſe poderia deitar cõElRey deCaſtella & lhe dar as fortalezas do Meſtrado, diſſeraõ q̃ era bem, q̃ foſſe por embaxador alongado de tal azo. Deshi q̃ era mor honra do Meſtre taes embaixadores, que de mais piquena condiçaõ outor garaõ todos de oenuiar, & embarcaraõ, em dous nauios, o Meſtre em hũa nao, & Lourençoeanes em hũa barca. Foraõ ſua viagem, & chegaraõ daquelle dia a oito dias, que era ſeſta feira, a hũa Villa, que chamão Priamua lugar de Ingraterra, & dalli ouueraõ beſtas, & encaminharaõ pera Lõdres onde ElRey eſtonce eſtaua, & foram delle bem recebidos, & de todoſos ſeus, & fidalgos da Corte, & depois foram falar ao Dalencaſtro. E ordenou ElRey de ter conſelho em huma Cidade Saras, depois que o Duque veyo, & alli prepoſeraõ ſua embaixada, cuja concluſam em breue era eſta. *Que ſendo o Reyno por ſeu azo deſpachado, & liure dos imigos, que toda a ajuda, que lhe os Portuguezes fazer podeſſem aſſi de galès como de ſeus corpos, onde elle por ſeu ſeruiço mais entendeſe, que eram muito preſtes de o fazer. E mais que ſe o Duque Dalencaſtro por ſeu corpo vir quizeſſe ao Reyno de Caſtella, que lhe por azo de ſua molher, de direito pertencia, que tinhao tempo muito preſtes, & todo Portugal em ſua ajuda.* E leuaua o Meſtre, & Lourençoeanes pera firmar eſto, & outras couſas, grandes, & largos poderes pera proceſſaõ do Meſtre, & de Lisboa, & do Porto. ElRey auendo ſobre ello acordo, prougue a elle, & atodolos do Cõcelho, q̃ quaeſquer gentes de armas, que por ſoldo, & em ajuda de Portugal lhes prouguеſſe vir, que liuremente opodeſſem fazer, jurando ElRey, & prometendo que não faria menos pera por em obra toda a boa ajuda, que neſte feito dar po-

deſſe

deſſe, do que faria por defender ſeu Reyno. E por quanto o Duque Dalencaſtro era em Calès a tratar tregoas com ElRey de França, & eſperaua por elle cedo pera lhe ElRey dar o carrego, como ſe eſto milhor fizeſſe, & encaminhaſſe. Trabalhou em tanto o Meſtre, & Lourençoeanes Fogaça de inuiar algumas gentes darmas archeiros, por a neceſſidade, em que o Rey no eſtaua, porem foram poucos, dos quaes eram Capitaens, hum, que chamauam Eleiſabri, & outro Triſinga, & hum Caualleiro Gaſcon, que hauia nome Gilho deMonferro. E elles preſtes pera partir em duas naos, mandou o Meſtre a Lourenço Martins ao dito lugar de Priamua, pera os fazer vir embarcar ally: E elle como ally chegou, meteoſe com elles nos nauios, & veoſe a Portugal, como ao diante diremos, da qual couſa o Meſtre, & Lourençoeanes Fogaça, ouueraõ muito grande queixume por ſe ver daquella guiſa. E tanto prougue aos Ingrezes deſta ajuda, que lhe os Portuguezes requerer inuiaraõ, que muytos hi ouue, que lhe empreſtaraõ dinheiros pera paga de ſoldo das gentes, que logo auiãode auiar aſſi como Moſè Nicol, Moſè de Londres, Anrique Viuembrá Caualleiro, q̃ lhe empreſtaraõ tres mil & quinhentos nobres. E aſſi outros mais, & menos, como cada hũ podia, de guiſa q̃ com eſto, & com as mercadorias dos Portuguezes, q̃ là achauão, que tomaraõ, depois contentarão as gentes por tal modo, q̃ lhes prazia vir com leda vontade. E a repoſta, q̃ ElRey deIngraterra, inuiou ao Meſtre ſobre eſta ajuda, q̃ lhe então foy demandada podeis ver por eſta ſeguinte carta.

## CARTA DELREY DE Ingraterra.

*RICARDO pella graça de Deos Rey de Ingraterra, Senhor de Ibernia ao muy nobre, & grande baraõ Ioanne por eſſa meſma graça Meſtre da Ordem da Cauallaria de Auis, Regedor, & Defenſor dos Reynos de Portugal, & dos Algarues noſſo mui prezado amigo, ſaude, & deſejo de limpa amizade. Pouco ha q̃ recebemos ledamẽte os embaixadores Caualeiros Fernando Meſtre da ordem de Santiago, & Lourenço Fogaça Chançarel môr de Portugal voſſos embaxadores a nôs inuiados, & claramente entendemos todo o que da voſſa parte nos diſſeram.*

E certamẽte, muy prezado amiço, de coração vos agardecemos o bom deſejo, que vos, & os gentis homens deſſa terra a nós por voſſo azo tem, ſegundo por obra, & conhecimento vemos E quanto he ao que por elles nos foy declarado ſobre voſſos offerecimentos, aſſi de ſeruiço de galès, como doutras couſas, que nos deſtes Reynos compridouras foſſem. Iſſo vos agardecemos muito, & antre elles, & os do noſſo Concelho foi ſobre ello feito certo trato, ſegundo eſſe meſmo Loutenço vos mais largamente pode contar, & pera o acorrimento, que a vos, & a noſſos aliados deſſes Reynos compridouro era. Nos outorgamos aos ditos Embaixadores, que da noſſa parte podeſſem tirar homens darmas, & frecheiros por ſeu ſoldo, quantos, & quaes lhe prouguеſſe. O que em verdade conſirando as reuoltas, & guerras, em que pello preſente ſomos preſte, aſſi de ligeiro a outra peſſoa não outorgaramos, & queremos que em hum trauto, que hora com noſſos aduerſarios de França, & de Caſtella, fizemos em Calez que ſe entenda em vos, & voſſos aliados. E bem nos prouguera, que voſſos Embaixadores deraõ a elle conſentimento, mas eſcuzandoſe diſſeram que naõ hauião de vos tal mandado. E porque naõ traziaõ aquelles, que por noſſa parte alli eraõ, nos aficaraõ que vos eſcreueſſemos. E iſſo meſmo os Francezes por ſua parte ao occupador de Caſtella, que as tregoas, que por nos tinhaõ feitas ao primeiro dia de Mayo ſeguinte com os ditos aduerſarios, de hũa parte, & da outra, foſſem guardadas. A qual couſa ſe o noſſo comum aduerſario, não quizeſſe conſentir, nós vos requeremos propria liberdade, pera auerdes guarda, & defenſam das noſſas gentes, E eſto entendemos que era bem eſcreuermos a voſſa nobreza, por fazerdes requerer a eſſe noſſo aduerſario o mais cedo que poderdes, por tal que viſta ſua, reposta, nós com boom, & maduro conſelho poſſamos eſguardar voſſa, & principalmente, noſſa comum defenſam Vos, em tanto ſede forte, tendo boa eſperança em Deus, crendo firmemente que o Rey dos Reys, que he juſto, & não deſempara os que por juſtiça pelejam, nam deſemparará voſſos feitos. mas fazeruos hà glorioſo vencedor, com grande, & honrada vitoria. Nobre, & excellente baram, todas voſſas obras guie o Senhor Deus, & viuaes boõs

&

*& perlongados dias a voſſo prazer. Eſcrita &c.*

CAP 49. *Como a Cidade de Lisboa deu hum ſeruiço ao Meſtre pera ajuda defazer moeda.*



A viſtes no recado DelRey Dom Pedro quanto os Reys de Portugal fizeraõ por ajuntar theſouros,& auer riqueza,por ter largamente que deſpender quando lhe aconteceſſe de defender ſeus Reynos,ou mouer outra guerra ſe viſſem ſe lhe compria.E quanto elles trabalharaõ que aqueſſe theſouro não vieſſe a tal mingoa porque em taes meſteres conuieſſe lançar peita ao pouo,tanto trabalhou ElRey Dom Fernando de o gaſtar ſem neceſſidade peruaans guerras,& ſem proueito, & não ſómente gaſtando todolos theſouros , que lhe dos outros Reys ficaraõ, mas lançou nouamente ſizas, & mudou moedas em grande dano , & deſtroição de todo ſeu pouo,de guiſa que quando o Meſtre tomou cargo de Regedor , & Defenſor dos Reynos, não tinha nenhũa couſa,com que manter a guerra,nem de que fizeſſe bem , & merce a aquelles;Entendendo todos que lhe conuinha,por ſerem liures de tal ſogeição de acorrer a tamanha neceſſidade,como eſta,ordenaraõ de dar ajuda,& fazer ſeruiço ao Meſtre dalgũs dinheiros,& prometeolhe a Cidade cem mil liuras em ſeruiço , q̃ eraõ mil dobras,& que pagauão os Mouros,& os Iudeos moradores em ella,as quaes lhe foraõ pagadas em dinheiros meudos , & moeda branca,& em prata.Moeda branca chamauão eſtonce graues,& barbudas,& pilartes. Eſtes dinheiros tirauão á preſſa certas peſſoas pellas freguesias, & era mandado que qualquer , que leuaſſe moeda da Cidade pera fora , que a perdeſe toda , & ouueſſe o quinto, o que a tomaſſe,& filhauamna a algũs que a leuauão eſcondidamente, & entregauãona ao Meſtre:Alem deſto pedio o Meſtre a algũas peſſoas da Cidade , & de ſeu termo,que entendeo que o podiam fazer,certos dinheiros empreſtados,& todos lhe offereceraõ de boa vontade qualquer couſa, cõ que o ajudar podião. E a Comuna dos Iudeus, afora o que lhe pagaraõ noſeruiço lhe empreſtarão ſetenta marcos de prata. E empreſtoulhe mais a Cleresia em Cruzes,& caliz,& outrós lauores aquel-

quella prata,que eſcuzar podiaõ, em guiſa,que a Igreja Cathedral da Sé, com vinte Igrejas, que ha ná Cidade, lhe preſizeram duzentos,& oitenta,& ſete marcos de prata,de que a Seè deu os oitenta & ſete,& as outras Igrejas,ſegundo que a cada hum tinha eſcuzada.E ordenou o Meſtre pera ſeu theſoureiro da ſua Moeda hum mercador, que cha mauão Perſiual, & a eſte foram entregues todos eſtes dinheiros, & prata,que diſſemos,& mais no uecentos marcos de prata,que o Meſtre tinha em ſua Camara, & muitos dinheiros meudos,& moeda branca,& outras moedas de Caſtella,que dizer não curamos as quaes lhe entregou Affonſo Martins ſeu Eſcriuão da Puridade.

CAP 50. *Como o Meſtre ordenou de fazer moeda, & de q̃ liga,& talho foi feita.*

COMO o Meſtre teue encaminhado perapoder fazer moeda ordenou logo de mandar laurar reaes de prata. Mas primeiro ſabey que ao tempo, que o Meſtre tomou eſta voz de Regedor,& Defenſor do Reyno, corriaõſe em elle moedas,que jà diſſemos. ſ dos Alfonſis,que noue delles valião hum ſoldo,& vinte ſoldos valião hũa liura.E mais Bramidas que valião dous ſoldos,& quatro dinheiros,& Graues,que cadahũ valião quatorze dinheiros, & Pilartes,que valião ſete dinheiros, ſegundo he eſcrito em ſeu lugar, onde falamos do abaixamento, que ElRey Dom Fernando fez nas moedas:Ecorrião mais Reaes de prata de ley de dez dinheiros, & ſincoenta,& ſeis no marco. E a rezão,porque eſtonce foraõ taes nomes poſtos a eſtas moedas queremos aqui dizer.QuandoEl Rey Dom Fernando começou guerra com ElRey Dom Anrique,como ouuiſtes,vieraõ a Caſtella com elle muita gente de Francezes,a que chamauão com panha branca, & vinhão armados em eſta guiſa.Trazião barcinetes com eſtofa,& camal de malha com cara poſta,& chamauão lhe baruudas.E o cunho, de que era acunhada aquella moeda, tinha de hũa parte hũa cruz em aſpa,& em meo della hum eſcudo com ſinco pontos de quinas, & da outra parte bramida com ſua cara,& eſta gente de armas trazião graues,com pendoẽs pequenos enſima,a que agora chamão,lanças darmas, & aos moços,que

Cepta, segundo ao diante ouuirma dos chibaos, chamauão posta graue, & nos chamamos agora às bramidas barcinetes de careal, & aos moços pages, & daquelles nomes das armas leuaraõ nome aquellas moedas, ca o Graue tinha hũa lança no cunho, & hum pendão piqueno emsima, & da outra parte a aspa, & quinas E correndo assi estas moedas jũtamente valia a dobra cruzada sinco liuras, & a nomisqua quatro liuras, & mea, & o Franco douro de França quatro liuras, o marco da prata de ley de onze dinheiros vinte & duas liuras. E o Mestre ordenou de laurar moeda noua de Reaes de prata, & da ley de noue dinheiros, & deshi outros sinco, & por o lauramento, que mandaua fazer de menos de ley, gançaua pera as despezas. E dizem alguns em suas historias que estes Reaes primeiros, que o Mestre mandou laurar, que prestauão pera algumas dores, & algũs os encastoauam em prata, & traziãonos ao collo & depois que o Mestre reynou, mandou laurar reaes de ley de hum dinheiro, que valia cada hũ dez soldos, & depois deste mandou fazer outros Reaes de tres liuras & mea de tres dinheiros de ley. E quando ordenou de tomar ços q̃ trazião as bramidas ensireis, mandou laurar hũa moeda de Reaes, que chamauão, Branco que valia hum dez de tres liuras & mea, & eraõ delles de tres dinheiros, & de sessenta & dous no marco. E durando assi estas moedas, foraõ em ellas feitas tantas mudanças de liga, & talha, que seraõ longas de contar, de guisa que valia hũa, Coroa, cento & sincoenta reis brancos de trinta & sinco liuras & meya, em que montauão seis mil duzentas & sincoenta liuras. Assi que, por quãto achauão no tempo Del Rey Dom Fernando mil cento & setenta & tres dobras, não achauão depois mais de hũa dobra. E estas mudanças lhe fez fazer a necessidade das guerras, que muytas vezes com El Rey de Castella houue, por azo das quaes se lhe recreciaõ grandes despezas, que escuzar não podião. Eporem compre aqui de notar hum grande dito, & muy proueitoso, que cada hum Rey, & Principe deue dauer com seu conselho, quando lhe tal necessidade auier, que o doutra guisa remediar naõ possa, *que mais val terra padecer, que terra se perder*, que por taes mudanças, & lauramento de moedas, cõ ajuda do muy alto Deus o Reyno de Portual foy por elle

le defeſo,& poſto em boa paz cõ ſeus uiſinhos, poſtoque as gentes em ella algũa mingoa, & dano ſentiſſem.

CAP. 51 *Como o Meſtre deu lugar a algũs, que laurasſem moeda, & poz mantimento a muitas peſſoas.*

DEIXADAS as rezoẽs, que abaſtadamente alguns eſcreuem, moſtrãdo quãto he proueitoſo ao Reyno laurarem todos moeda, quaeſquer que o fazer poderem. Do modo, que o Meſtre em iſſo teue digamos,& mais não. Onde ſabey que neſta ſezão, que o Meſtre mandou laurar ſua moeda, ſentindo por ſeu ſeruiço, & proueito, deu licença ao Concelho de Lisboa, que lauraſſe hũa ſoma de prata pera ajuda de ſoportar ſeus encarregos, aſſi de gentes darmas, que a Cidade hauia de pagar, como doutras couſas neceſſarias à ſua defenſaõ, que lhe por iſſo recrecião. E iſſo meſmo deu lugar ao Doutor Iohaõ das Regras, & a outros, ſem leuando ganço do que aſſi laurauão mas quanto rendia lhe era entregue. E como o Meſtre teue feita moeda, ordenou logo ſeus mantimẽtos aos fidalgos, & Officiaes de ſua Caſa, aſſi como ao Doutor Iohão das Regras, & ao Doutor Martim Affonſo, a cada hum cem liuras, & aſſi aos outros, ſegundo que tal era, & a Dom Affonſo filho do Conde Dom Aluoro Perez, & a Dona Lianor Telles molher de Dom Pedro de Caſtro, & a Dona Breatiz ſua irmaam delle que auia cem liuras. E dos mais naõ compre eſcreuer. Mas que diremos deſte virtuoſo Senhor, & de ſua grande bondade? que naõ embargando que ſeu coraçaõ foſſe então partido em tantos, & tam deſuayrados cuidados, como cada hum pode penſar, que tal negocio requeria, não ſe eſqueceo porem dos eſprituaes feitos, & ordenou logo muy honrado ſahimento pella alma Del Rey D. Fernando ſeu irmão, de que teue cargo Antão Rodriguez Priol de Sam Nicolao, em que fez grande, & larga deſpeza, & mais poz mantimento acertas peſſoas de uotas, que rogaſſem a Deus por elle, & por o eſtado do Reyno, aſſi como foy Iohaõ da Barroca, & Margaridaeanes, & a Maria Eſteues empardeãdos, que auião quatro ſoldos por dia. E fez hũa coũſa muito notauel, & de grande louuor antre as gentes, que todos tueraõ por aſſinado bem, que alguns

gũs,que eraõ preſos em poder de Caſtellaõs pela guerra,que era jà muito aceza, & não tinhaõ por onde pagar ſuas rendiçoẽs,que el le os mandaua tirar de catiueiro, pagando por elles todo o que hauiaõ de dar,& a outros fazia groſſas ajudas,pera logo ſerem liures de poder de ſeus imigos.E por eſtas,& ſemelhantes couſas, que o braua,começou de ſer tam amado do pouo, vendo em elle largueza de doẽs com leda, & prazi uel graça de dar : alem deſto o grande ſaber,& auizamento, & gouernança,& regimento,que tomara,que todos ſe tinhaõ por bẽ auenturados de o hauerem por Senhor.

CAP 53. *Como os da Villa de Almada tomaram voz pello Meſtre;& como foy ſobre Alanquer.*

SEGVNDO enſina o longo vſo,& praticar nos faz muyto catos,em nenhuma parte tem a inueja taõ grande morada,como naCorte dos Reys,& dos Senhores, & tendo o Meſtre a meude conſelho com os ſeus pera proſeguir tamanho negocio, falaua às vezes porem a de parte dizendo a Nuno Aluerez algũas couſas, de que os outros não eraõ em conhecimento.Ora aſſi aueo que eſte comum mal,que he inueja, ſe veo tanto a ſenhorear dos coraçoẽs daquelles,que eraõ do conſelho do Meſtre, aſſi como Ruy Pereira,& de Aluoro Vaſquez, & o Doutor Iohaõ das Regras,& de todolos outros ſeus priuados,vẽdo como o Meſtre falaua em eſpecial com Nuno Aluerez algumas couſas,& ſeguia em ellas ſeu conſelho, que vieraõ todos a acordar em ſegredo, auendo deſto grande deſpeito, que ſempre foſſem contra quaeſquer conſelhos,que Nuno Aluerez deſſe ao Meſtre,poſtoque boõs, & rezoados foſſem, & que nunqua ſe tiueſſem a elles,& defeito aſſi o fazião.Nuno Aluerez ſoube parte deſte ſegredo, & nenhũa couſa diſſe a algum delles, & falando hum dia ao Meſtre em ſeu conſelho hũa couſa muito notauel: reſpondeo Nuno Aluerez o que entendeo de guiſa,que aprougue ao Meſtre da ſua repoſta, & acordouſe com elle na ſua tençaõ.Os outros do ſeu Conſelho, porque ſe o Meſtre tinha à rezão de Nuno Aluerez,não foraõ de tal acordo contentes,antes lho contradiſſeraõ muyto moſtrando aſſaz de rezoẽs a ſeu conſelho não ſer bõ

Nuno

Nuno Aluarez vendo eſto começou de rir, ſabendo bẽ parte porq̃ o fazia. O Meſtre quando eſto vio, perguntoulhe porque ſe ria? & elle lho contou todo como era, & porque ſe acordauam do q̃ elle dezia ao Meſtre, ſe marauilhou muyto de tal inueja, & teue com ellegeito em lhe falar de guiſa, que não tiueram depois mais tal tençam, & foraõ dally em diante todos em hum acordo. E antre as couſas, que em aquelle Concelho foram faladas, aſſi foy quanto era neceſſario de Almada ter ſua voz do Meſtre, porque era aſſi como chaue do mar pera qualquer armada, que ElRey de Caſtella quizeſſe fazer ſobre a Cidade. E pois que a Villa não tinha caſtello, nem Alcayde, que della tiueſſe feito menagem, que ligeiramente a poderia auer. O Meſtre ouue eſto por bom conſelho, & foy a ella, & os da Villa o receberam bem, & ficaram por ſeus pera o ſeruirem, & eſto foy o primeiro dia de Ianeiro de mil quatrocentos & vinte dous. E como tornou de Almada pera Lisboa, ordenou logo de hir ſobre Alanquer, hũa Villa cõ ſeu Caſtello, que ſão oito legoas da Cidade, na qual eſteue a Rainha depois da morte DelRey, & do Conde Iohão Fernandez antes que partiſſe pera Santarem, ſegundo já tendes ouuido. Em eſta Villa eſtaua por Alcayde Vaſco Perez de Camoẽs, que a tinha pela Rainha Dona Lianor, & o Meſtre ajuntou atè duzentas lanças & bèſteiros, & homẽs de pé nam muytos, & foy eſte dia á Caſtanheira hũa legoa do lugar. E no outro dia bem cedo, de madrũgada, amanheceo ſobre ella, & pouſou no Moeſteiro de S. Frácíſco, & Nuno Aluerez nas caſas de Vaſco Martins da Tero, que eſtaua caſado cõ ſua irmaã, & logo á tarde foraõ os do Meſtre eſcaramuçar com os da Villa, onde chamão a porta de Soure, & o Meſtre chegou, & felos recolher, porque os ferião do muro as béſtas. E poſtoque hi foſſem feitas por vezes boas eſcaramuças, nenhũa couſa aproueitaua, que preſtaſſe, porque o lugar era muito forte, & elles não leuauaõ artificios de combater. Mas hora conuem ſahir deſto, & deixemos o Meſtre em Alanquer, & a Rainha em Santarem, & vamos ver que fez ElRey de Caſtella em ſeu Reyno, quando lhe chegaram nouas q̃ ElRey D. Fernando era finado.

(?)

CAP.

CAP 53. *Como ElRey de Caſtel la mandou prender o Conde D. Affonſo ſeu irmão.*

ASSI aueo que eſtando ElRey de Caſtella na Pouoa de Mõtaluão, onde ficou quando deixamos de falar em ſeus feitos, chegou-lhe recado como ElRey D. Fernando era morto. E tãtoque o ſoube logo ao outro dia mandou chamar ſeu irmão Dom Affonſo Conde de Gigon de Camora donde eſtaua, & diſſe, *como lhe trouueraõ recado, que ElRey D. Fernando ſeu padre era finado & que porem por delle eſtar ſeguro, porque eſtaua caſado com ſua filha, & ſe temia de ſe lançar em Portugal, & fazer aluoroço no Reyno, que lhe prazia de ſer prezo.* O Conde ficando eſpantado, quãdo lhe eſto ouuio, pediolhe por merce que lhe mantiueſſe o que lhe prometera quando com elle comungàra o corpo de Deus & ElRey diſſe: *que naõ curaua de ſuas rezoẽs, que a elle era certo que depois que o Conde partira de Gigon, & viera pera ſua merce, q̃ elle jà era muito a mandar algũas cartas em Portugal em ſeu deſſeruiço.* O Conde jurando que nunqua tal couſa fizera, & que foſſe ſua merce de lhe ter o que lhe prometera. ElRey não curando de couſa, que diſſeſſe, entregou o prezo a D. Pedro Tenouro Arcebiſpo de Toledo, & trouueo fora do Paço, onde já eſtauão até ſincoenta de caualo, & entregou ho a hum dos mais honrados, q̃ com elle andauão, & foyſe onde o Conde pouſaua, & prendeo a Condeſſa ſua molher, & mãdou a logo a Toledo, que eraõ ſinco legoas, & o Conde iſſo meſmo fora là leuado. Eſendo oCõde preſo por grande tempo, deu ElRey a terra de Norueña a Igreja de Ouedo, & confiſcou pera a Coroa de ſeus Reynos todos os outros bens, que o Conde auia nas Eſturias.

CAP. 54. *Como ElRey de Caſtel la mandou prender o Infante Dom Iohaõ de Portugal.*

IA tendes ouuido da ida do Infante Dom Ioham pera Caſtella, como por azo da Infanta Dona Beatriz ſua irmaam molher do Conde Dom Sancho fora encaminhado de ficar com ElRey & foy aſſi que lhe deu ElRey Alua de Tormes, & Real de Mançanales,

nales,& logares outros, porem não viuia tão abaſtadamente,como compria a ſeu eſtado, & naõ andauão com elle mais que ateè dez,ou doze,que o acompanhauão de cote,mas outros fidalgos, que o amauão muito, por quem elle era,lhe fazião grande honra & gazalhado, acompanhandoo em ſua caſa,& pera o Paço. Aſſi como Dom Iohaõ filho de Dom Tello Irmão DelRey Dom Anrique, que tragia dez tanta caſa mór que o Infante,&iſſo meſmo o Marquez de Vilhena, & Pero Fernandez de Valhaſco,que nũqua erraua cento,& ſincoenta de mulas contigo, & acompanhauaono mais Iohaõ Duque,& Ruy Duque ſeu irmão,& outros bons fidalgos de Caſa DelRey. E como ElRey de Caſtella caſou cõ a Infanta Dona Breatiz,ſabendo que ElRey Dom Fernando era doente muito ameude, logo ſe recearaõ do Infante poder reinar depos ſua morte, & começaram de não ſegurar delle,& ter maneira,que não fizeſſe de ſy couſa, q̃ o ElRey não ſoubeſſe. E alguns dos ſeus, que eſto entendiaõ deziaõno por vezes ao Infante, & elle, como homem afaſtado de toda malicia,não curaua do que lhe diziaõ.E tanto que ElRey fez prender o Conde Dom Affonſo ſeu Irmão, logo mãndou Prender o Infante Dom Iohaõ per Garcia Gonçaluèz de Grijalua nas pouſadas do Infante, & fezlhe dizer que o não prendia por couſa,que delle ſoubeſſe contra ſeu ſeruiço, mas que ſe receaua, pois ElRey Dom Fernando eſtinado,de o terem algũs Portuguezes por Rey,& fazer reboliço no Reyno, contra a ordenança dos trautos,& que atà que todo foſſe aſſeſſegado lhe prazia de ſer reteudo:Outros affirmão ſua prizaõ muito por outra maneira, & dizem que,tanto que ElRey Dõ Fernando ſe finou, que logo algũs do Reyno lhe eſcreueraõ à preſſa como ElRey ſeu Irmaõ era morto,& que viſſe por ſua hõra o que lhe compria fazer em elo:& que elle,como lhe elle recado chegou,que ſe foy a ElRey,& moſtroulhe as cartas.E elle dizẽdo que lho agardecia muito, & que eſtonce o mandou prender. Porem de qualquer guiſa,que foſſe,ElRey mandou poer em elle boom recado,& guarda,& defendeo qualquer dos ſeus, que foſſe achado naquella Cidade,onde o elle mandara leuar,que foſſe prezo atà ſua merce.

CAP.

CAP. 55. *Como ElRey fez em Toledo exequias por ElRey Dom Fernando: & da maneira, que em ellas teue.*

PEREZO assi o Conde Dom Affonso,& o Infante Dõ Iohaõ como ouistes, ordenou ElRey de fazer sahimento por ElRey Dom Fernando na Cidade de Toledo,e mandou la correger das cousas,q̃ lhe compriaõ, & elle atendeo alli até q̃ todo fosse feito. Como lhe trouueraõ recado,q̃ era todo prestes, partio ElRey pera lá,& a Rainha isso mesmo. ElRey leuaua hũ sayo preto, & a Rainha hia em hũas andas vestida dalmafega preta,& as andas cubertas todas de pano preto, q̃ a não via nenhum. O Portuguezes,q̃ cõ ella ádauão leuauão burel branco vestido,& isso mesmo as molheres,& quando chegaraõ era já ora de bespora,& forão descaualgar a hũa Igreja,q̃ he muito perto do lugar,& vieraõse pera ella todalas donas do lugar pera hirẽ em sua cõpanha. Dalli leuarão a Rainha á Sè,onde já estaua hũ grãde estrado feito,& atade encima,postotodo corregido como cõpria. E quádo entraram pela porta da Sè fizeraõ todolos Portuguezes graõ dó,& a Rainha cõ as molheres,q̃ de Portugal foraõ,& depois q̃ ac[illegible] poras era já tarde,& tornaõ[illegible] seus Paços,q̃ era dentro na C[illegible] de,onde a Rainha tinha a sala,& acamara toda armada de panos tintos em preto. E outro dia pela menhaã partio ElRey,e a Rainha pera a Sè,aonde já estaua feito hũ alto corregimẽto pera elles,& como entraraõ pella porta fizeram seu dó,assi como às besporas, & depois q̃se tirarão fora. ElRey dos vestidos panos pretos,q̃ leuaua, e vestio hũ cõprido mantão de pano douro forrado de arminhos aberto por a parte direita chamãdolhe estonce lõbardos. A Rainha outrosi foi vestida daquelle pano muy riquamẽte,& o sobreceo,& assentamẽto,em q̃ alli estauão,todo era cuberto daquelle mesmo pano douro atà o chão, & foyse ElRey;& a Rainha assẽtar naquelle corregimento. Estando elles assi veo hũaporcissão em esta guisa Vinha o Arcebispo deToledo cõ capa bẽ rica,& mitra na cabeça, & todolos Conegos, & Clerezia da Cidade rezãdo,& trazião a bãdeira das armas de Castella,& os sinaes de Portugal,e cõcertos em baixo,& leuauãona com esta porcissão,& pozeraõna ante ElRey, & a Rainha. Fez então ElRey chamar Vasco Martins de Mello que fora de Portugal com a Rainha

nha & elle veo logo preſente, & ElRey diſſe que *a mais honroſa couſa, que em ſeu Reyno auia, q̃ officio foſſe, aſſi era o ſeu Alferez mór, que elle por lhe galardoar ſua vinda, q̃ viera de Portugal com a Rainha ſua molher, deshi polo conhecer por muy bom, & q̃ o fazia ſeu Alferez de Caſtella, & de Portugal, & q̃ tomaſſe logo aquella bãdeira, & aleuantaſſe por elle ſegundo coſtume, quando fazem algum Rey nouamente.* Vaſco Martins diſſe que *lho tinha em grande merce, mas que tal carrego nam filharia por elle ſer vaſſallo DelRey de Portugal, & ſeu Guardamor, & que poderia ſer de ſe receber depois guerra contra o Reyno de que elle era natural, & cahiria em caſo de menos valer.*

CAP. 56. *Do q̃ acõteceo quãdo alçarão pẽdão por ElRey de Caſtella.*

QVANDO ElRey vio que a ſua tenção era não tomar carrego de ſer ſeu Alferez mandou chamar Iohaõ Furtado de Mendoça, & deulhe cargo daquelle officio, & entregoulhe abãdeira. Iohaõ Furtado teuelho em grande merce, & aleuãtoua logo, & começaraõ de dar às trõbetas dizẽdo a grãdes vozes. *Real, Real por ElRey D. Ioaõ de Caſtella, & de Portugal.* E aſſi leuaraõ abãdeira até forada Sé. A porta eſtaua já preſtes hũ cauallo DelRey ſellado pera trazer a bãdeira em elle por toda a Cidade. Eſtaua hy Iohaõ Nunes de Toledo, & outros de cauallo cõ ſenhas lãças, & dardos brãcos nas mãos, & alfagemes ẽ ellas, pera irẽ em ſua cõpanha cavaleirãdo o Alferez, & pozeraõlhe a bãdeira na fũda, q̃ leuaua na ſella, & Ioãne Mẽdes deu grãdes vozes, q̃ todos diſſeſſem *Real, Real, por ElRey D. Iohaõ de Caſtella, & Portugal*, começãdo a correr todos apoz a bãdeira, q̃ hia diante. E correndo aſſi com grande prazer deſcozeo o vento os ſinaes de Portugal, q̃ hiaõ debaixo, & ficaraõ pẽdurados, & o caualo, em q̃ hia o Alferez, foi topar em hũ cãto fora da Sè, e quebroulhe hũa eſpadoa, & cahio com elle. Algũs que eſto viraõ, tiueraõno a mao ſinal dizẽdo antre ſi, q̃ nũqua ElRey de Caſtella hauia de ſer Rey de Portugal, & o diſſeraõ a ElRey de Caſtella q̃ não era bẽ de os ſinaes de Portugal andarẽ aſſi em fundo. E elle mandou logo poer os ſinaes ambos em eſcudo iguaes E os Portuguezes q̃ faziaõ dò por ElRey Dom Fernando, quando viram o que acontecera do deſcozer da bãdeira, & do cahimen-

himento do caualo cõ o Alferes, tiraraõ grande prazer cõ ello dizẽ do hũs aos outros, que nunqua o Deos hauia de fazer ſenhor de Portugal. Em eſto deceo ElRey, & a Rainha do ſahimento, em q̃ eſtauão, e veſtiraõ os panos de dò q̃ ante traziaõ, & reueſtioſe o Arcebiſpo, e diſſe miſſa por ElRey D. Fernãdo. E acabado o dó, & ſuas exequias, foraõ comer, & dahi ſe partiraõ logò pera a Pouoa de Mõtaluão, onde antes pouſauão, & alli eſtiueraõ até dez dias.

CAP. 57 *Como ElRey teue conſelho ſe era bem entrar em Portugal, & como determinou de o fazer.*

ESTANDO ElRey em aquelle lugar teue conſelho ſe era bem entrar logo em Portugal poderoſamẽte por ſe aſſenhorear do reino ou q̃ maneira em ello tenia, porq̃ tanto que elle ſoube, que ElRey Dom Fernando era finado, logo inuiou por companhas & homẽs darmas, pera entrar em Portugal cõ ellas, & ſobre eſto ouue graõ cõſelho, q̃ durou por dias, & era partido ẽ duas vozes. Os mais do Concelho, & q̃ o milhor, & mais ſaã mẽte aconſelhauão, & deziaõ aſſi. *Senhor, vos não deueis, nẽ podeis direitamẽte entrar ẽ Portugal, & por eſta guiſa com gente darmas, ſegundo os trautos, que antre vòs, & El Rey Dom Fernando, foraõ firmados, mas cõpre muyto a voſſo ſeruiço, ſegundo a forma em que heis jurado de os guardar, & comprir em todo inteiramente com as gentes de Portugal de guiſa que não vades por força de gentes entrar no Reyno, & fazendoo aſſi, guardareis voſſa verdade, ſegundo prometeſtes, & nos iſſo meſmo comuſco. Doutro modo entrando em Portugal com voſſo poderio não podeis eſcuzar fazer dano na terra, ſe quer ao menos no tomar das viandas, pella qual rezão creceria grande odio antre os Portuguezes, & os Caſtelhanos, o q̃ não era voſſo ſeruiço. Deshi em querer des entrar cõ pouca gẽte podiaſe ſeguir perigo, & porẽ nos parece, q̃ he bem que vos vades pera Salamãca; que he a cerca de Portugal, & não mandeis em tanto por nenhũa gente darmas, mas daly manday voſſos embaxadores a Portugal notificãdolhe aos Senhores, & podero ſos delle, como ſabeſtes, q̃ el Rey D. Fernando era finado, & q̃ bẽ ſabẽ como ficou por herdeira do Reyno ſua filha a Rainha Dona Beatris voſſa molher, iſſo meſmo os trautos, & auenças, que ſobre*

*iſſo foram feitas, & juradas, que voſſa vontade he de guardar, & comprir todalas couſas nos trautos conteudas ſegundo o tendes jurado, & affirmado, & que ſe elles entendem q̃ ha hi algũa couſa de enadir, ou mingoar em elles, que ſeja proueito, & honra do Reyno, que ſois muito preſtes de o fazer, ſẽdo em ello guardado voſſa honra, & ſeruiço, & que enuiem ſeus embaxadores a aquella Cidade pera ver ſeu recado, & concordar a eleiçaõ em elles todo o que por voſſo ſeruiço ſentirdes. E ainda nos parece que he bem, que vindo taes embaxadores a vos, que lhe façaes muyta honra, & partaes com elles de voſſos dinheiros, & joyas, & q̃ lhes digaes como quereis & vos prazerá muito de ter taes maneiras cõ elles, q̃ foſſe voſſo ſeruiço, & proueito do Reyno, & honra dos moradores delle. Outroſi lhe podeis mais dizer: q̃ bem ſabem como nos trautos jurados antre vos, e El Rey D. Fernando he conteudo que a Rainha Dona Lianor voſſa ſogra haja a gouernança do Reyno atè que vos hajaes filho, que paſſe de quatorze annos, oqual ha de ſer criado em Portugal do dia, que nacer até tres mezes ſob poderio de ſua auò, & que aſſi vos praz de o guardar, & ter: E que ſe elles entendem outra milhor maneira de regimento, que por algum, ou algũs do Reyno, que elles ſejam Regedor, ou Regedores, que por qualquer guiſa, que elles virem que he mais proueito, guardando voſſo ſeruiço, & honra, que vos praz muito delo, & que aſſi o quereis fazer, e aſſi o digaõ os Meſageiros, que a Portugal mandardes, a aquelles fidalgos, & ſenhores, com q̃ houuerẽ de falar, & a elles prazerâ com taes maneiras, como com elles quereis ter, & aſſi aſſeguraraõ ſuas vontades, & auela heys pera voſſo ſeruiço.* ſ. Outros do Conſelho nao verdadeiros conſelheiros vẽdo como ElRey auia grande deſejode entrar em Portugal, ſẽ curãdo dos trautos, & juramẽtos, que elle, & os ſeus hauiaõ feitos por guarda delles, nẽ das penas, & caſo, em q̃ cahiaõ, ondecõtra todos ouparte delles não ſómẽte porvõtade, por cõprazer a ElRey louuauão tudo o q̃ elle rezoaua dizendo q̃ era muito bem de entrar logo poderoſamẽte em Portugal ſẽ curando de nenhũas auenças dizendo elles, que não era teudo de guardar taes trautos, que foraõ feitos cõtra ſua honra, & ainda contra direito. & q̃ porem não deuiam ſer guardados, mas q̃ era muito bem, que antes q̃ os Portuguezes ſobre iſſo houueſſem algũ auizamento, q̃ elle entraſſe com ſuas gentes

gentes no Reyno, por cobrar odireito, q̃ delle tinha. E ſe outra algũa auença hi houueſſe dauer ſobre ello, q̃ mais ſeu ſeruiço era fazerſe dẽtro em Portugal, q̃ não eſtãdo elle em Caſtella. E ElRey, q̃ graõ vontade hauia de cobrar o Reyno por qualquer guiſa, q̃ foſſe, chegouſe a eſta rezão louuãdo o q̃ elles dizião. Os que ſãa mẽte falauão, desfazião eſtas rezoẽs auendo todo por jogo, & não ſõmente entendido dizendo a ElRey *Senhor, quanto voſſo eſtado he maior, tanto vos deueis mais de guardar de em algũa couſa ſerdes prazmado aſſi como nas couſas boas a tardança he couſa fea, aſſi atriganca onde não cõpre he contada por torpeza, nẽ podemos crer q̃ de tal entrada por eſta guiſa ſe ſigua tanto proueito, q̃ muito mais dano não ſeja: ao menos fazeruos fiquar em dobrada mingoa falecendo da prometida verdade, & mais do juramẽto, & menagẽs feitas por ella, como ſe pode dizer por voſſa parte q̃ foſtes enganado nos trautos ſẽdo feitos cõtra voſſa honra, & proueito, como eſtes dizẽ, onde tantos letrados: & aſſi auiſados, & diſcretos homẽs de voſſo Concelho forão juntos, ante q̃ os outorgaſſeis? & vos meſmo no juramento que fizeſtes em Badalhouce aprouando todas as couſas, q̃ por voſſo procurador forão feitas, aſſi em rezão de voſſo caſamẽto, como na ſucceſſão do Reyno depois da morte DelRey D. Fernando, dais de vos teſtimunho q̃ primeiro forão de vos viſtos, & examinados, hauẽdo ſobre todas, e cada hũa dellas, maduro, & largo conſelho, & aſſi he conteudo, & eſcrito nos trautos. Pois como ſe pode dizer agora q̃ foraõ feitos em voſſo prejuizo? dizẽno eſtes por vos ſeguirẽ a vontade, mas não por moſtrarẽ rezão, q̃ o de direito podeis fazer ante quebrãtaes voſſa verdade, e ficamos na fé perjuros, & cahimos em mao caſo.* ElRey deſejando de entrar em Portugal crẽdo que cõ o graõ poderio o obedeceriaõ todos, & cobraria o Reyno, não punha duuida em o fazer, nẽ curaua de conſelho, q̃ lhe nenhũ contra iſſo diſſeſſe.

CAP. 58. *Como o Biſpo da Guarda diſſe a ElRey q̃ lhe daria a Cidade, & como ElRey determinou em toda guiſa de entrar no Reyno.*



ENDO ElRey vontade de entrar deſta guiſa em Portugal, però douidaua ainda hum pouco por azo dos muitos, q̃ lhe desdiziaõ. Andaua hy hũ Biſpo da Guarda Chançarel da Rainha, que fora

com ella de Portugal,quando ca sara,segundo ouuistes; Este disse a ElRey de Castella,que a Cidade da Guarda,dõde elle eraBispo eramui forte,& na frontaria de seu Reyno,& q̃ todos os mais, q̃ em ella viuião,erão seus criados. & farião o que lhe elle mandasse & que se sua merce tosse DelRey lá hir,que elle o acolheria logo em ella.A ElRey prougue muyto do q̃ lhe o Bispo disse, & creceo lhe mais vontade de entrar toda uia emPortugal,& partio logo da Pouoa de Monralião,onde estaua,emuiando por cõpanhas,& gẽ te de armas,q̃ se viessẽ pera elle á pressa,onde quer q̃ elle fosse.Chegou ElRey,& a Rainha à põte,q̃ então o Arcebispo fazia no Tejo & mandoulhe o Arcebispo dar a elles,& aos seus todas as cousas q̃ lhe mester faziã,& estiuerão ahi dous dias,e partirão pera Talaueira,& dahi se forão a Pratẽça. Alli disse ElRey aos do seuCõcelho q̃ o Bispo da Guarda lhe dissera, q̃ lhe daua aquella Cidade,& q̃ era o q̃ lhes delo parecia?E algũs delles lhe disserão *veguadas*,*veguarda*,q̃ fosse sua merce de esguardar os tratos,q̃ antre elle,& os dePortugal hauia,& as juras, & penas, em q̃ os seus cahiaõ ẽ os quebrãtando por qualquer rezão,em nenhũa maneira os deuia passar,e q̃ entrando por tal guisa em aquella Cidade,q̃ os doReyno se temerião delle dizẽdo q̃ cõtra a võtade,& a seu pezar se queria apoderar da terra, & mais que a gouernança do Reyno, segundo os tratos, era da Rainha Dona Lianor sua sogra, & que elle em direito em nenhũa guisa o podia fazer,& os q̃ dauão este cõselho dezião inda mais por desuiar, q̃ elles sabiaõ como na Cidade da Guarda hauia hum castello muy boõ oqual tinha Aluoro Gil de Cabral,q̃ não era da parte do Bispo,& que lhe não compria entrar na Cidade,sẽ cobrar logo aquelle castello:E que por tanto nam se atriguasse ataa q̃ se as cousas milhor encaminhassem por seu seruiço,& outros, que nenhuma cousa curauão, senam falar á võtade DelRey, deziam que era bem que ElRey partisse logo, & cobrasse a Cidade,que era cabeça de toda a Comarca da Beira, que era hũa grão terra,em que auia muy ricos,& muy honrados caualeiros,& escudeiros, q̃ se virião logo pera elle querendo antes ser sob a gouernança, & senhorio seu,que da Rainha Dona Lianor sua sogra. E ElRey todauia por cobrar o Reyno,postas a departe todalas juras, & prometimentos,que ouuistes, disse este

que

eſte era muĩ boõ Conſelho,& mãdou ao Biſpo que ſe foſſe diante pera ter preſtes, & encaminhado como elle foſſe recebido na Cidade.

CAP 59 *Como ElRey de Caſtella entrou em Portugal, & dalgũs fidalgos q̃ ſe vierão pera elle.*



TOISE o Biſpo da Guarda, & chegou ao lugar, ElRey partio de Praſença, & chegou a Perocem junto com Fonte Giraldo,& ally lhe veo recado do Biſpo, que tinha já a Cidade por elle, & que foſſe à preſſa, de guiſa que amanheceſe no lugar,porq̃ os da Villa, & do termo ſabiaõ jà como elle vinha,& q̃ ſe a aquelle tẽpo não foſſe, q̃ era duuida de o auer porque ſahiaõ já todos apercebidos, & elle não poderia paſſar bem. E ElRey como vio ſeu recado,partio de Perocem âtarde,e andou toda aquella noite,&a Rainha cõ elle,& chegou à Guarda em amanhecendo,& naõ hiaõ cõ elle mais que atè trinta homens darmas de ſeus officiaes,dos que andauam com elle de cote.O Biſpo o ſahio a receber com ſua Clerezia,& preciſſaõ mais hõrada mente, q̃ elle pode, & aſſi entrou na Cidade elle,& a Rainha, & os q̃ com elle hiaõ.E foi ElRey pouſar aos Paços do Biſpo. Aluaro Gil naõ ſahio a elle,mas eſteue quedo em ſeu Caſtello,ſem moſtrar porq̃ parte tinha,mas veo Vaſco Martins de Mello,q̃ fora cõ a Rainha,& pouſaua em Fõte Giraldo a q̃ ElRey mãdara dizer,quãdo partio de Perocẽ,q̃ ſe foſſe deſpos elle á Guarda,& Martim Affõſo Rico homem ſeu irmaõ,q̃ tinha Celorico,& Linhares,foi oprimeiro,q̃ ſe veo pera ElRey de Caſtella & ficou por ſeu alli na Guarda,da qual couſa muito deſprougue a ſeu irmão Vaſco Martĩs, porq̃ elle começara de ſe hir pera elle antes q̃ nenhũ outro. A ElRey veo em outro dia algũa gẽte daquella,porq̃ mandara,q̃ ſerião até duzentas lanças.E a cabo de tres dias chegou o Conde de Mayorgas deshi Pero Fernandez de Valaſco & Pero Xarmento, & outros Capitaẽs com quinhentas lanças.ElRey vendo que Aluoro Gil nam lhe vinha falar,nem ſahia fora do Caſtello,diſſe a Martim Affonſo de Mello que houueſſe com elle que lhe falaſſe. Fezeo aſſi Martim Affonſo, & trouueo ſeguro da ida, & vinda, falou com elle ElRey;& tornouſe pera ſeu caſtello,& não lhe falou deſpois mais. Em outro dia Vaſco Martins mã-

dou falar a Aluoro Gil, por Martim Affonſo ſeu filho, dizendo q̃ fizera grã bem de ſenão vir pera ElRey deCaſtella, nem ſe lhe deſſe, que lhe fazia certo que ElRey não faria ſobre elle; ſenão que paſſaua por hi, & hiria ſeu caminho & que ſe tal couſa quieſſe que ElRey quizeſſe fazer, que lhe prometia de ſe lançar com elle com ſeus filhos, & lhe ajudaria a defender o Caſtello. E ElRey ouue menencoria de Aluoro Gil por lhe mais não falar, nem ſe vir para elle; Mas vierãole caualeiros, & eſcudeiros daquella Comarca, em quanto ElRey eſteue naGuarda eſtes aqui nomeados. Martim Affonſo de Mello, que foi o primeiro, Vaſco Martins daCunha, Martim Vaſquez ſeu filho, & bem aſſi com outros ſeus filhos, Fernam Datonſo de Mello, & Aluoro Gil de Carualho, & outros, & ElRey recebiaos muy bem, dizendo que lhe fizeſſem preito, & menagem pellas fortalezas, que tinhaõ, & elles fazião lhe menagem de receber, & hauer por ſua Rainha, & ſenhora Dona Breatiz ſua molher, & elle aſſi como ſeu marido. E iſto todauia com entendimento que os trautos foſſem guardados pella guiſa, que foraõ poſtos antre elle, & ElRey Dom Fernando A ElRey pezaua muyto deſta cõdição, que punhão em taes menagens, porem daua lugar a ello, porque não podia mais fazer por eſtonce. E como quer que ſe eſtes & outros caualeiros, & eſcudeiros vieſſem alli pera ElRey, porque, ſegundo alguns eſcreuem, não ſe contentauão do gaſalhado, & colhimento, que achauam em ElRey Peró, ſegundo alguns eſcreuem, aſſi como ſe vierão pera elle, hindo aſſi concertarão de tratar antre ſi por ſe partir logo. E eſto dizem que foy por duas rezoẽs: A primeira porque ElRey era homem de poucas palauras, & não muito ledo, & elles auião vſado com ElRey Dom Fernando que era de grandes gaſalhados: A outra, porque lhe ElRey logo não daua dinheiros, & q̃ elle não podia eſto fazer, & a taõ ápreſſa entrara no Reyno por cobrar a poſſe delle, que não tiueraſentido de eſperar nenhuns dinheiros.

## CAP. 60, *Das rezoẽs, que Breatiz Gonçaluez diſſe a ſeu filho por não dar os Caſtellos, que tinha a ElRey.*

HVM boom fidalgo daquella Comarca por nome Gonçalo Vaſquez Coutinho era Alcayde de Trã-

coſo

coſo,& Lamego,& outros lugares,eſtando elle em Trancoſo,quãdo ElRey chegou à Guarda,penſou ElRey que ſe vieſſe pera elle, como fizeraõ algũs outros,& elle demouido foy, ſegundo algũs eſcreuem;mas outros aſſinão em ſeus liuros rezoẽs algũas, perque o leixou de fazer. Huns contaõ, que elle enuiou eſtonce hum ſeu eſcudeiro com cartas de crença; hũa a Vaſco Martins de Mello, & outra a Vaſco Martins o moço ſeu filho, que morreo depois da batalha,como ao diante ouureis,perque lhe rogaua que o acõſelhaſſe que maneira teria em eſta entrada,que ElRey fazia no Reyno por eſta guiſa, pois via muytos fidalgos daquella Comarca viremſe pera ElRey de Caſtella,& que elle não faria ſobre iſſo nenhũa couſa,ſem ſeu conſelho,& que elles lhe mandaraõ dizer que ſenaõ vieſſe pera elle, q̃ ElRey de Caſtella naõ vinha, ſenam por paſſar ſeu caminho, & naõ por cercar elles,nem outros, poſtoque ſe pera elle logo naõviceſſem.Outros contam que nam foy por eſta rezão,mas que Breatiz Gonçalues ſua madre, que eſtaua com elle em aquelle logar, & falando com ella que maneira teria em ſeus feitos,poisElRey de Caſtella entraua no Reyno por a aquella guiſa, & ſua Madre lhe reſpondeo,& diſſe. *Filho,com os necios,& com os trigoſos gançam os homẽs,& nas couſas,que ha pera eſguardar ſempre a trigança he danoſa.E os Reys, & os poderoſos muytas vezes cuidão de acabar couſas de que ham grande deſejo, & ás vezes ſe lhe naõ ſegue, como elles penſam.ElRey de Caſtella entra em eſte Reyno quebrantando os tratos,ſegundo vemos, & poſtoque algũs venham pera elle, & fiquem por ſeus,naõ apraz a muytos porem com ſua vinda, ante peza a todos os pouos,tendo que não faz o que deue,como he verdade quebrando as auenças,que antre elle, & ElRey Dom Fernando foram firmadas.Lisboa tomou o Meſtre por ſeu Regedor, & Defenſor como ſouberam que ElRey de Caſtella queria vir.E certas Cidades & Villas outras do Reyno com eſta tençam.Aſſi que já eſtes feitos leuaõ começo,pera ſenam liurarem muito deligeiro,como quer que algũs digam que a voz, que Lisboa,& os outros lugares tomaõ contra ElRey,he hum pouco de vento E porem me parece que he bem, q̃ vos leixeis eſtar aſſi ataa que vejaes que termo deſpoem noſſas couſas.E aſſi podeis encaminhar voſſos feitos,como ſentirdes por mais voſſa honra,& proueito.* A elle pareceo

receo este boõ conselho, & creo sua Madre o que lhe dizia. E esta foy a rezam, porque naõ veo falar a ElRey, & não a primeira, como algũs differam.

CAP 61. *Do recado, que mandou a Rainha Dona Lianor a algũs Concelhos depois da morte do Conde Iohaõ Fernandez.*

NO mes passado acerca deste luto se começou o nouo anno em Castella da Nacença de nosso Senhor IESV CHRISTO, de mil trezentos & oitenta & quatro, & da era de Cesar de mil quatrocentos & vinte dous. Depois da morte do Conde Iohan Fernandez, estando então a Rainha em Alanquer, mandou cartas a algũs Concelhos, em que largamente lhe fez saber quanto ficaua lastimada, & chea de quebranto pela morte DelRey seu marido, & como por seu fi namento os Reynos ficaram à Rainha Dona Breatiz sua filha, & por senam seguir jũtamentos destes Reynos com os de Castella, mas sempre serem Coroa sobre sy, como ataa alli foram, segundo nos trautos era deuisado, & ElRey DomFernando leixara em seu testamento que ella tomasse carrego do regimento delles aquelle tempo, que o hauia de ser posto que em ello sentisse gram trabalho do corpo, & asi çam pera sua alma, mas que o fazia por saluaçam delles todos, & por lhe satisfazer de muyto seruiço, & honra, que delles auia recebido. Que estando ella em Lisboa em seus Paços ordenando o que compria por seruiço de Deos, & proueito dos Reynos, que tornara o Mestre Dauiz, que ella tinha jâ enuiado por poer recado nas Villas da Ordem, & em outras algumas daquella Comarca, & q̃ matara o Conde Iohaõ Fernandez, por cujo azo, & aluoroço da Cidade, se partira della, & se fora para Alanquer, & q̃ se enuiaua querelar delles de taes cousas, por se sentir dello. Asquoaes sua tençaõ não era tomar com vingança de vontade, mas somente por fazer direito, & justiça, & que entendera de enuiar recado a ElRey de Castella, que se sofresse de entrar no Reyno pera todos elles receberem dano, & os Reynos ficarẽ sobre sy, o que seria gram duuida se a Rainha sua filha, & ElRey seu marido cobrassem logo o regimẽto delles. E que isto lhe enuiaua notificar, como a pessoas, de que muito fiaua, & por verem a sua ten-

tençam,aqual era na prol,&hon ra delles todos.

CAP. 62, *Como a Rainha escreueo a ElRey de Castella,que entrasse no Reyno,& a tenção,por que ofez.*

MANDADAS taes cartas pelo Reyno, cuja concluſaõ em breue diſſemos, os enfermos coraçoẽs todos poſtos em gram penſamẽto não ſabião que cuidar em taes feitos.Eralhes mui graue de ouuir,que ElRey de Caſtella vieſſe ao Reyno,vendoo poſto em balança, já de todo ficar comCaſtella, & iſſo a maior parte do pouo meudo , que não era do bando da Rainha. Huns tinham q̃ ElRey ſe ſofrearia da tal entrada,eſcreuendolhe ſuà ſogra daquella maneira;que diſſera, maiormẽte por rezão dos tratos, q̃ com taes menages, & juramentos,erão feitos. Outros de todo perdião eſta eſperança, vendo os aquecimentos de deſuairadas guiſas eſpargidos, pelo Reyno , & como jà ElRey dizião que vinha por ſogo cobrar a poſſe delle. E em eſte comenos entrou ElRey,como ouuiſtes , & eſtando na Guarda,em eſte mes de Janeiro,que diſſemos,chegarão cartas aficadas da Rainha muito em cõtrairo do que ella antes eſcreuera aos Concelhos;ca ella lhes certificaua que entendia de enuiar ſeu recado a ElRey,que ſe ſofreſſe de entrar no Reyno, pera que elles todos naõ recebeſem dano; & neſtas fazia ſaber a ElRey como todas as couſas em Lisboa hauião paſſado,aſſi da morte do Conde de Ourem, que o Meſtre matàra em ſua preſença,& paços como da morte do Biſpo, & dos outros, q̃ aquelle dia forão mortos na See,& que ella com recco & muito nojo ſe partira de Lisboa,& ſe viera a Santarem, onde por eſtonce eſtaua, & que porem lhe rogaua que pozeſſe aguça em ſeu caminho, & chegaſſe alli,ca ella ſe tinha por mui deſhonrada do Meſtre Dauiz,& dos moradores de Lisboa , os quaes entendia,que não querião obedecer a ella,nem auer a Rainha Dona Breatiz ſua molher por ſenhora.E que da diſcordia,& aleuantamento dos da Cidade o Meſtre era Capitão,& cabeça,& poendo ſe Regedor,& Defenſor do Reyno em ſuas cartas, que ſeria azo de ſer grande acrecentamento, & porem què ella tinha irmãos & grandes fidalgos, ſeus diuidos bem poderoſos, que auião aſſáz de

de fortalezas,com que lhe podia fazer boa ajuda em muitas guisas Deshi a Villa de Santarem, em que ella estaua, que era hũa das milhores do Reyno. E que por tanto compria muyto dar trigança a sua vinda pera onde ella estaua.ElRey de Castella vẽdo seu recado prouuelhe muyto com elle,& como aquelle,q̃ hauia grão desejo de entrar no Reyno, não lhe forão menos estas cartas da Rainha,quando assi chegarão,senão enadir esporas, porque auia vontade de correr,& logo ao outro dia ordenou de partir. Onde sabey que a rezão,porque a Rainha escreueo taes cartas,segundo algũs ẽ seus liuros assinaõ, foy o grade que xume, q̃ ella hauia do Mestre Dauiz,& doutros do Reyno,de que sospeitaua; isso mesmo dos pouos de Lisboa,& dalgũs lugares,que tinhão com elles.E entendẽdo ella q̃, depois q̃ ElRey de Castella chegasse, que faria as gentes,com seu grande poder,que lhe obedecessem,& q̃ avingaria de todos,especialmente dos homẽs,& molheres de Lisboa,de que ella dizia,que nunca hauia de ser vingada até que tiuesse hum tonel cheo das lingoas dellas.E sem duuida,se as coutas se seguirão,como ella cuidaua,estranhas forão as justiças,que ella mandara fazer nos moradores daquella Cidade, porque sabia q̃ dizião della prasmadamente na morte do Conde;E depois que desta guisa fosse vingada,& o Reyno todo assessegado,que se tornaria ElRey pera suas terras, & ficaria ella em sua honra,& regimento;assi que nenhum dahi em diãte,por grande,que fosse,& muito menos os pequenos pouos,seriaõ ouzados de lhe contradizer arteceandose de semelhauel vingança,& o Reyno sem aluoroço,que se hiria ElRey pera sua terra, & ficaria ella como desejaua.

## CAP. 63. *Como ElRey de Castella seguio seu caminho, & chegou a Santarem.*

PARTIO logo ElRey da Guarda, & foyse a Santa Maria de Ançores em romaria,& jantou naquelle lugar,& foy dormir a Celorico,que lhe jà Martim Affonso de Mello tinha dado,& esteue ahi quatro dias. Dalli partio, & andou seu caminho, & chegou por Coimbra,que tinha o Conde Dom Gonçalo irmão da Rainha & estaua ahy Gonçalo Mendes de Vascogoncellos seu tio della, & estes não leuerao pera ElRey nem

nem o colherão na Cidade, mostrando que lhe não prazia com elle. Deshi chegou a Miranda, onde estaua o Conde de Viana, o qual veo, & orecebeo, e ficou por poj seu, & esteue ElRey alli hum dia. No outro seguinte partio de madrugada, & foy dormir a Chaõ do Couce Em outro dia foy comer a Ceras, & dormir a Tomar. Alli pensou ElRey que se viesse pera elle o Mestre de Christus sobrinho da Rainha Dona Liânor, filho de sua irmaã: E quando chegou a Thomar, & soube que partira dahi, ouue desto graõ queixume, porque cuidou que ficasse por seu, como os outros. E foy ElRey pouzar às pousadas do Mestre, que estaõ no Rocio. E certamente segundo escreue hum Author em sua historia assi foi de feito, que o Mestre se hia pera ElRey por ficar com elle, & o seruir, & hum Caualeiro de sua ordem, quando o assi vio hir, & a entençaõ, que leuaua, disse ao Mestre em esta guisa. *Senhor a mi parece que vos his a receber ElRey de Castella por ficar com elle, & serdes seu: & vos, Senhor, se isto bem guardaes, isto naõ o deueis assi fazer, até que vejaes a q̃termo estes feitos querem vir. E despois que virdes como se encaminhaõ, então podeis fazer como sentirdes por vossa honra, & proueito sem ficando com nenhum prazmo.* Com estas, & outras rezoẽs, que assi foraõ faladas, foy o Mestre mouido a naõ hir por diante, & tornouse a Pombal. E alli esteue ElRey dormindo em Tomar, foi aquella noite guarda no arrabalde, & foi feita hũa escaramuça, em tal guisa, que mataraõ hum, que hauia nome Anrique Alemão, & hũs sincoenta & seis com elle. ElRey partio dahi á mea noite, e foi amanhecer à Golegaam, & hi comeo, & partio pera Sanctarem, & a Rainha sua molher com elle, & ante duas legoas, que chegasse a Sanctarem, juntaraõse esses, que hiaõ com a Rainha, não porem todos juntos, mas cada hũs como lhe prazia, & sahiraõno a receber beijando as mãos a elle, & à Rainha offerecendose por seus, antre os quaes foy Gonçalo Vasquez de Azeuedo, & Ioaõ Gonçaluez Teixeira, dizendo a ElRey da parte da Rainha Dona Lianor. *Que a Rainha sua madre se enuiaua encomendar a elle, & que fosse muy bem vindo, que tempo hauia que o desejaua ver em Portugal.* A Rainha Dona Breatiz, antes que chegasse às vinhas de Sanctarem, deteuese alli hum pouco para se ornar, como lhe compria, & porque trazia seus con-

concertos de caminho; & mandou ElRey Pero Fernandez de Vaſcogoncellos, & Pero Sarmento, que ſe foſſem diante, & que o aguardaſſem ao chaõ de Figueira q̃ he ante a porta do caſtello, & elles, fizeraõno aſſi, & Gonçalo Vaſquez, & Ioaõ Gonçalues tornaraõ ſe para a Rainha.

CAP 64 *Como ſe o Meſtre tornou de Alanquer pera Lisboa.*

O MESTRE, que leixamos em Alanquer, trazia encuſca com ElRey de Caſtella, depois que lhe diſſeraõ que era na Guarda por ſaber as gentes, que cõ elle vinhaõ & que caminho queria trazer. E ante algũs cias, que chegaſſe a Sãtarem, chegou ao Meſtre recado, como ſe vinha pera alli direitamente, & que trazia ſuas gentes eſpalhadas, & naõ muito acompanhado: Sómente diſſe a Nuno Aluerez como ElRey de Caſtella vinha pelo Reyno, & que ſeria muicedo em Santarem, & que lhe parecia que era bem de ſe tornarem pera a Cidade pera poer guarda, & recado em ella. Nuno Aluerez reſpondeo a iſto dizendo: que poſtoque ſe elles tornauão pera a Cidade, que tambem ſabia ElRey de Caſtella o caminho pera vir ſobre ella, como elles, que a auiaõ de defender, mas que ſeu conſelho era, que em quanto ElRey de Caſtella vinha com pouca gente ante que ſe juntaſſe com elle maior poder, que teueſſe enculca com elle, & quando chegaſſe a termo de Santarem, que lhe ſahiſſem elles de traueſſa ao caminho, & pelejaſſem com elle, & aſſi o poderiaõ desbaratar, por cujo desbarato adiantaria muito em ſua demanda E o Meſtre diſſe q̃ lhe parecia bem ſeu conſelho, mas que iſſo ſenaõ podia fazer a ſeu ſaluo, por quanto eraõ alli muito poucos. E em iſto veolhe outro recado que ElRey de Caſtella hauia de ſer aquelle dia em Santarem, & o Meſtre partio cõ ſuas gentes, & veoſe pera Lisboa.

CAP. 65. *Como ElRey falou á Rainha, & a leuou conſigo ao Moeſteiro, onde pouſaua.*

ANTE algũs dias, q̃ ElRey chegaſſe a Sãtarem, mandou diãte Pero Carrilho ſeu Apozentador mór, pera requerer á Rainha, que lhe mandaſſe dar pouſadas em bairo pera os ſeus, & ella houue conſelho com eſſes fidalgos, & Senho-

res

res,que com ella eſtauão, acordaraõ,que ElRey,nem os que cõ elle vinhaõ não pouzaſſem dentro na Villa,mas que ElRey pouzaſſe em hum dos Moeſteiros, q̃ lhe mais prouueſſe,& os ſeus de fora,como melhor podeſſem. O Apoſentador vendo iſto não ſe tornou porem pera ElRey,mas a guardou alli atè que vieſſe. A Villa começou de ſe velar melhor, que ante não por iſſo, como ſe foſſe em guerra. Ora contão algũs,que não embargando que a Rainha Dona Lianor mandaſſe chamar a ElRey de Caſtella, & lhe prouueſſe muito de ſua vinda,però como era molher ſagaz, & percebida em tudo, não tinha o coração bem ſeguro,que ElRey teria em ſeus feitos aquella maneira,que ella deſejaua, & queria & receando muytas couſas,de nenhũa ſẽdo ſegura, duuidaua muito ſahir do Caſtello,& ſe poer em poder DelRey receando o q̃ lhe depois auco,& não quizera ſair fora a lhe falar,mas que ſe foraEl Rey ẽ tanto pouſar em hũ deſſes Moeſteiros,& depois acordaraõ a maneira, que tiueſſem em ſuas falas. Dizendo Martim Gonçalues de Ataide,& Gonçalo Rodrigues de Souſa,& outros fidalgos, que todauia não ſe puzeſſe em poder delle,porque poderia ſer q̃ a reteria ElRey atè que lhe entregaſſe aquelle lugar, & os outros todos,que por ella eſtauão. E Gõçalo Vaſquez,& Ioão Gonçalues diſſeram á Rainha,que o não fizeſſe por nenhũa guiſa,mas pois ſeus filhos eraõ, & os fizera vir de ſeu Reyno chamados per ſuas cartas,que a ella teria grande deſmeſura; & couſa, de que ElRey teria mà ſoſpeita,& grande queixume em não ſahir logo aos receber,& lhe falar,maiormente que elles entẽderaõ nelle quãdo o foraõ receber, em q̃ lhe tinha boõ deſejo,& vontade de lhe fazer prazer,& honra em toda couſa, que podeſſe. E dizem que em iſto chegou ElRey a Santarem hũa terça feira depois de beſporado ze dias de Ianeiro, & a RainhaD. Breatiz ſua mulher, aqual vinha em huma muſſa de ſella cuberta de dô,& Dona Breatiz de Caſtro & outras Donas,& Donzellas cõ ella. Com ElRey vinhaõ ataa cẽto,& oitenta de cauallo todos armados,& lanças aleuantadas, & trombetas conſigo. Mas logo à tarde vieraõ muitos,& deſcaualgou elle,& ſua molher em hum grande chaõ, que ſe faz ante a porta do Caſtello,& todos os fidalgos,donas,& donzellas, que em ſua companhia vinhão, eſtãdo aſſi a pè,até que o foraõ dizer

à Rai-

á Rainha,então ſahio ella de má mente cuberta de hũ grande mãto preto,que não parecia o reſto trazendoa de braço Vaſco Martins de Camoẽs, & poucos com ella.ElRey como a vio, foya logo receber abraçandoa elle, & ſua filha, & ella choromigando, começou logo dizer a ElRey.*Filho Senhor, façouos queixume do Meſtre Dauiz,que matou o Conde Iohão Fernandez em meus Paços,acerca de minhas fraldas, & me deitou fora de Lisboa,a mi, & a quantos eraõ meus, & tinhaõ da minha parte.* A que ElRey lhe reſpondeo: *que aſſo era elle vindo por lhe fazer todo prazer,& honra & lhe dar vingança,do que lhe aſſi fora feito.* E eſtonce ſe despedio a Rainha DelRey,& de ſua filha,& ſe quizera tornar pera o Caſtello, o que ElRey leixar quitera, ſenaõ fora Pero Fernandes de Valhaſco, que diſſe,que rezoada couſa lhe parecia de a leuar conſigo pois auia tanto tempo, que a não vira elle,nem ſua filha, & que a leuaſſem. Todauia, ſem embargo deſto,a Rainha quizera tornar pera o Caſtello,dizendo a ElRey, q̃ pois ainda não eſtaua apoſentado a leixaſſe hir por em tanto, & que outro dia pella manhaam ſeria pera elle,& pera ſua filha.ElRey diſſe que todauia ſe foſſe cõ elle,& tomouha de braço dehũa parte,& a Rainha da outra, & leuaraõna conſigo pera o Moeſteiro de Sam Domingos, onde ElRey hauia de pouſar. Mas pois do começo deſta obra ſeguimos poer deſuairadas opiniões, pera cada hum reter qual lhe mais prouguer,digamos aqui outro rezoado,que muito em parte diſcorda deſte.Ca hum autor, que dà teſtimunho que eſteue prezente diz,que ſó ella eſtaua na ponte á porta do Caſtello. Diſſerão quãdo ElRey vinha,& que ElRey,& a Rainha ambos chegaraõ juntos &a abraçarão,beijandolhe ſua filha a mão, e que as rezoẽs,que elles ambos ouuerão nenhum as não ouuio; E que então a apartou hum pouco ElRey da ſua filha,& falou muy pouco eſpaço com ella,ſem nenhum ouuindo o que dezião,& então a leuou pera o Moeſteiro de Sam Domingos.E aſſi foi ſua partida da Villa,&doutra guiſa não. Poendo logo guarda eſta noite de duzẽtas lanças com ElRey,e aſſi dahi em diante.

CAP 66. *Como ElRey ordenou de ſe vir pera a Via, & da maneira como entrou no lugar.*

AS

AS falas,& rezoẽs,que ElRey aquella noite houue com a Rainha Dona Lianor ſua ſogra, nenhum claramente as poem em eſcrito, ſaluo quanto dizem,que ElRey lhe diſſe:*que elle lhe nãopodia dar vingãça do Meſtre,nẽ dos outros, q̃ ella queria,nem ſogigar Villa, nẽ Cidade das q̃ tinhão voz contra elle,ſe primeiro nã renunciaſſe a elle,& a ſua filha o Regimento, q̃ ella hauia no Reyno, ſegundo nos tratos era cõteudo.* E elle amudou de todo ſeu propoſito, & võtade,determinou de o fazer;Naõ valeo,ſegundo contaõ algũs autores, o conſelho, que à Rainha deraõ algũs,que deſto ſouberam parte,dizẽdo q̃ naõ podia enalhear o regimento,& ſenhorio,q̃ lhe ficara por morte DelRey Dom Fernando,& indo contra ſua poſſumeira vontade, que por direito era hauida por ley. De mais que tal era contra os tratos, os quaes não podião enader, nẽ mingoar, ſẽm conſentimento dos Prelados,& pouos do Reyno,como em elles fazia menção E ella diſſe que não houia porq̃ poer duuida em tal couſa, que bem ſabião que ElRey era Senhor do Reyno de Portugal, & a Rainha ſua filha: E que em tal feito naõ ſe podia já mais fazer. E logo ao outro dia quarta feira, mandaraõ chamar hum taballiam, & foi feita a eſcritura, em que renunciou todo o direito do Regimento, que hauia dauer em o Reyno, & o poz nelle, & em ſua filha. E quinta feira pella manhaam bem cedo ſe veo a Rainha pera o Caſtello, & quitou a menagem a Gonçalo de Azeuedo, que era dahy Alcayde mór. E mandou chamar a Iohaõ Gomes de Abreu Caualeiro, hum dos honrados moradores do lugar, & diſſe, que quando foſſe a horas de meo dia, que fizeſſe abrir ás portas de Leyria, que eſtauaõ fechadas & guardadas de gentes da Villa & viriaõ com ſua molher,& gẽtes pouſar dentro na Villa. Iohaõ Gomes reſpondeo que foſſe ſua merce de não querer q̃ ElRey de Caſtella,nem ſuas gentes entraſſem no lugar,que melhor pouſarião neſſes moeſteiros,& fora no arrabalde, onde lhe dariaõ mantimentos por ſeus dinheiros. E que lhe poer a Villa em poder,e ſe emburilharem todos, A Rainha houue deſto queixume,e diſſe a Iohaõ Gomes como ſanhuda *E como? não quereis vos, que meus filhos entrem dentro na Villa? Eu vos digo ſe vos não quizerdes, q̃ eu*

*lhe darey entrada pella porta do Caſtello, & ſahirà por eſſoutra porta. A Villa dentro he onde eu tenho ordenado delles irem pouſar nas caſas de Gonçalo Vaſques de Azeuedo, & elle irà pouſar nas voſſas comnoſco.* Reſpondeo então Iohaõ Gomes, & diſſe. *Senhora, eu dizia iſto por bem, & entendoo por voſſo ſeruiço, mas pois a vôs não apraz, eu farey tudo o q̃ vos mandardes.* E logo em eſſe dia depois de jantar, abrio as portas, & ElRey como comeo, veoſe à Villa, & vinha enfima de hũ caualo, & parte dos ſeus de bèſtas armadas, & lãças aleuãtadas, todos diãte, e as ruas do Caſtello até S. Eſteuão, onde ElRey hauia de pouſar, & dalli atè Alcaçoua todas primeiramente foram filhadas, & poſtos muytos homẽs darmas a pé terra em ellas. E mãdou a Rainha aos Iudeos, q̃ foſſem receber ſeus filhos cõ a toura fora da Villa, & fizeraõno aſſi, & quando ElRey chegou à porta do caſtello, que ſahia contra o chão da feira, já ahi eſtaua a Rainha de beſta, & tomoua ElRey de redea, & a Rainha ſua filha tras ella, aqual leuaua o Infante de Nauarra. E elRey hia armado de hũas folhas, & hum ramo de cidreira na maõ, & entrou pella porta de Erea, & leuaraõ a rua toda de longo, até que chegaraõ ás pouſadas de Gonçalo Vaſquez de Azeuedo, onde hauia de pouſar, que era junto com a Igreja de Santo Eſteuão deſſe lugar, & ficou a Rainha dentro nas pouſadas com ElRey E logo em eſſe dia lhe foi entregue o Caſtello, e Alcaçoua, & foi tirado aquelle q̃ o tinha por Gonçalo Vaſquez, & poſto em elle Lopo Fernandes de Padilha, & na Alcaçoua pozeraõ Garcia Odre ambos irmãos cõ oitenta lãças, & auia ElRey ſẽpre em ſeus paços, de dia, & de noite, ſincoenta homẽs darmas.

CAP 67. *Da maneira, que ElRey teue com os Dezembargadores da Iuſtiça, & como miſturou ſuas armas com as de Portugal.*

ESTANDO ElRey aſſi em Santarem, que he hũa das grãdes Villas, que ha no Reyno de Portugal, & mais abaſtada de todos os mantimentos, vinhaõlhe cada dia grandes Capitaens com muitas gentes de ſeus Reynos, & o Apoſentador da Rainha com outros DelRey de Caſtella, repartiraõ bairo a cada hum, ſegundo quem eraõ, dentro na Villa, & pello arrabalde de fora, e naõ eſcuſauão

ſauão nenhum de pouſarem com elle, ſaluo a Iudaria em que nam pouſauaõ por azo de Dom Dauid Negro, & de outros Iudeos de grande eſtado aliados à Rainha, & tinham os Caſtelhanos boa maneira logo no começo com os que pouſauão em o comprar das Viandas. E eſtauão todos os Dezembargadores, & officiaes da Caſa do tempo DelRey Dom Fernando com a Rainha em Santarem, quando ElRey de Caſtella chegou, que ſe vieraõ com ella, quando partio de Lisboa, aſſi como Lourençoeanes Fogaça Chançarel mór, & Gonçalo Pirez ſeu Eſcriuão, & o Doutor Gil Docem, & Ioão Gonçalues, & Fernão Gonçalues, & Lopo Eſteues de Leiria, todos tres licenciados em leys, Rodrigo Eſteues de Lisboa, & Gonçalo Pirez Prior de Ourem, & Gonçaleanes bachareis em direito canonico. E eſtes, & outros liuraraõ todos os feitos de Portugal com grande deliberação, & direito, & quãdo ElRey de Caſtella chegou, não quiz desfazer o modo, como eſtaua, & iſſo meſmo os Eſcriuaẽs, & todos os outros, & fez ſeu procurador Gonçalo Martins bacharel em degredos, & todos receberão delle mantimẽto de dous meſes, & em ſeu nome liurarão os feitos, como aquelles, que entendião que jà tinhaõ o Reyno por ſeu. E anda ua Gileanes Corregedor da Corte com hum alguaſil DelRey pela Villa, que regia no q̃ compria, & ouuirão algũs feitos antre os Caſtellãos, & os Portuguezes. E ElRey de Caſtella poſtoque ſe já ante chameſſe Rey de Caſtella, & de Leão, & de Portugal, & do Algarue, em alli começou de ſe nomear muito mais claramente por azo das ſentenças dos outros Dezembargos do Reyno, alçando pendam de ſuas armas com as quinas poſtas no cabo dellas, já tendes ouuido. E como ElRey alli chegou, diſſe a Lourençoeanes Fogaça, Chançarel mór que fora DelRey Dom Fernando, que lhe leuaſſe os ſellos, que tinha, aſſi chaõs, como pendentes pera os mandar desfazer, & quebrar pera fazer outros com as armas, & ſinaes de Caſtella, & as de Portugal miſcradas com ellas, dizendolhe que tanto que foſſem feitas, que logo lhas entregaria, porque não era ſeu deſejo dauer outro Chançarel no Reyno, ſenam elle. Lourençoeanes com prio ſeu mandado, & entregou lhe os ſellos, com mui pouca

vontade de os auer de receber, nem ser seu Chançarel. E por ter azo de se partir em saluo, elle, & Gonçalo Pirez seu Escriuão disse hum dia a ElRey de Castella. *Senhor, eu, & Gonçalo Pirez Escriuão da vossa Chancellaria não temos aqui nossas molheres, ca eu tenho a minha em Lisboa, & elle tem a sua em Evora, seja vossa merce de nos dar licença para irmos por ellas assi por sua segurança, como por termos azo de vos melher seruir.* A ElRey prouue de tal requerimento pensando que fosse como elle dezia, & elles foraõse pera o Mestre, offerecendolhe seu seruiço, & elle mandou Lourençoeanes a Ingraterra como tendes ouuido, & depois Gonçalo Pirez à Cidade do Porto como adiante contaremos. O miselar das armas fez ElRey por esta guisa. A redondeza do selo partio de todo por meio, & na mètade estauão as armas direitas de Castella, & na outra mètade as direitas de Portugal. 1. a barra de longo com meyo da redondeza, era cerquada de Castellos, & dentro sinco escudos com as quinas As letras, que cercauaõ todo o circolo derredor diziam. *Ioannes Dei Gratia Rex Castellæ, & Leonis, & Portugallia,* E seu ditado nas cartas, & em quaesquer escripturas, era este *Dom Iohão por graça de Deos Rey de Castella, & de Leão, & de Portugal, & de Toledo, & de Galliza, & dos outros lugares que se costumauam nomear.* E taes sellos, & com taes ditados se chamou entao, & depois por tempo. E ordenou o Concelho de Santarem de darem logo hum seruiço a ElRey de Castella, & foraõlhe outorgados pellos homès boõs desse lugar trinta mil liuras, as quaes depois ouue o Mestre, sendo Rey, daquelles que dellas foram recebedores. E teue ElRey conselho de fazer moeda em Santarem, mandou laurar huns reaes de prata de ley de sete dinheiros, & Coroas, & outras moedas de valor pequenas. E dizem que deu a Rainha Dona Lianor a ElRey de Castella muytas joyas das que ficaraõ DelRey Dom Fernando, & lhas aguardeceo, & foraõ logo à primeira muyto dacordo, & bõ amigos.

CAP 68. *Dos fidalgos, & Caualeiros, que estauão com ElRey em Santarem, & do que auen a Gonçalo Vasquez com o soldo, q̃ mandou pagar aos seus.*

ELREY

ELREY em Santarem, como diſſemos, eſtauão hy dos fidalgos doRey no eſtes Senhores, & Capitaẽs com elle ſ. Dom Anrique Manoel Conde de Sea, que tinha Cyntra,&Dom Pedral queres Pereira Priol do Eſprital,& o Conde de Vianna, & Gonçalo Vaſquez de Azeuedo, que tinha Torres Nouas, & Gonçalo Pirez de Camoẽs,que tinha Alanquer, & Iohaõ Gonçalues Texeda,que tinha Obedos,& Diogo Aluerez & Fernam Pereira Irmão do dito Priol do Crato, & Vaſco Martins da Cunha,& Martim Vaſques, & Gyl Vaſques,& Vaſco Martins ſeus filhos, e VaſcoMartins de Mello,& Iohaõ Affonſo Pimentel,e Iohaõ Rodriguez Portocarreiro,& Martim Gonçalues de Taide,& Affonſo Gomes da Sylua,& Martim Affonſo deMello,& Vaſco Martins ſeu irmão,e ſeus filhos deſtes, & Fernão Gyl de Souſa,& Gonçalo Rodriguez de Souſa. E pelo Reyno outros, muitos,& boõs caualleiros,que tinhaõ grandes,& boas fortalezas, com que obedecião a ſeu mandado. E deſtes ſenhores fidalgos, que ally chegaraõ a Santarem, mandou ElRey a algũs que ſe tornaſſem pera ſeus lugares; & outros ficaram em ſua companhia, onde ſabey que todos os ſenhores, & fidalgos, que ally ficaraõ, & os que ſe tornaram pera os Caſtellos, que lhe jà tinham offerecidos, a todos ElRey deſembargaua ſoldo pera certas lanças, com que o ouueſſem de ſeruir. Antre os quaes deſembargou a Gonçalo Vaſquez de Azeuedo ſoldo pera cem lanças. Gonçalo Vaſquez trazia grande caſa, & era acompanhado de muytos, & boons eſcudeiros, que com elle viuiaõ; aſſi como Rodrigueanes de Buarcos, & Vaſco Rodriguez Leitam, & Ioham Rodriguez da Motta, & outros ſemelhantes de boa conta.Hum dia foy elle ao Paço, & deixou dito ao ſeu Veador, que deſſe o ſoldo a todos os ſeus, ſegundo tinha ordenado, & elle poz tres montes de dinheiro enſima de hũa meſa, hum de florins, & outro de Reaes de prata, & outro de moeda corrente, & quando requereo aos eſcudeiros que o tomaſſem, nenhum foy, que o quizeſſe receber, mas tomauão os florins na mão,e tornauãonos a ſeu lugar rindoſe delles.Gonçalo Vaſquez a hora de cea tornou pera a pouſada, & quando

do vio os dinheiros estar daquella guisa, não soube que cuidar, & perguntou ao seu Veador, que porque os não dera, como elle mandara? *Sabey*, disse elle, *que todos conuidey com elles, & não houue nenhum, que os quizesse receber.* Gonçalo Vasquez esteue hum pouco quedo sospeitando porque o fazião, & disse: que os guardassem dally, que lhe pozessem a meia. E então os chamou todos a departe, & disse. *Espantado seu de vos sordes todos homens a que eu tal desejo tenho assi de accrecentar em vossas honras, como de encaminhar vossos feitos com ElRey meu Senhor, por onde quer que eu possa, & não querendes vos tomar seu soldo, pera o auerdes de seruir em minha companhia. Em verdade eu tinha de vos tal entenção, que não digo eu com ElRey de Castella, que he hum Senhor, que todos somos teudos de seruir, mas ainda que eu me tornara Mouro, & me fora perá Grada pera lá viuer pera sempre, que vós vos tornareis Mouros commigo, & seruireis em quaesquer cousas, que de minha honra forão, & hora pareceme que era enganado com vosco, porque desto vejo muyto o contrayro. E pois que assi he, rogouos que me digaes porque o fazeis?* E elles todos calando, respondeo Vasco Rodriguez, & disse. *Digouos, pois estes calão, & nenhum não fala, que eu quero falar por mim, & por elles. Sabey que elles, nem eu, não temos vontade por nenhũa guisa de tomarmos soldo DelRey de Castella, nem vosso pera o auer de seruir, & antes nos partiremos todos de vos, que auermos de tomar seu soldo, nem sermos seus. Mas se vos quizerdes ter a tenção do Mestre, & de Lisboa, digouos que não haueis mister ouro, nem prata, nem outros dinheiros, que nos deis, mas todos, de boa vontade, despenderemos os corpos, & vidas, por vos seruir, & morrer comvosco onde quer que vos fordes. E esta he a nossa final entençam, da qual nos não hemos de desuiar. E se vos algum disser o contrayro, sabey que vos mente, & não o creaes, nem fieis, nem de mim tam pouco, postoque volo diga.* Gonçalo Vasquez quando esto ouuio ficou espantado, & disse que pois assi era, que elle não entendia de os prender, nem forçar, mas que elle encaminharia de geito, que isso não viesse mais à praça. Entam houue com ElRey que se fosse pera Torres Nouas, & ally esteue por guarda do

lugar

logar,& assi se foy: E elles vendo que seu desejo era de seruir à ElRey, & ter sua entençaõ, partiraõse delle poucos,& poucos, & foraõse a Buarcos,pera Aluoro Gõçalues seu filho,que tinha a voz do Mestre,& meteraõse na frota do Porto, quando depois veo a Lisboa, como adiante diremos.

CAP. 69. *Dos Lugares,que tomaraõ voz por Castella em todalas Comarcas do Reyno.*

POIS que dissemos parte dos senhores, & fidalgos,que se viraõ pera ElRey de Castella, conuem que digamos dos lugares,que tomarão sua voz, & lhe obedecerão,por verdes como teue gram parte do Reyno a seu mandar por todas as Comarcas delle,naõ porem que os pouos moradores dos Lugares lhos dessem, nem lhe obedecessem por seu grado, mas os Alcaydes,& os milhores de cada hum lugar lhos offereciaõ,& tomauão sua voz,& a faziaõ tomar aos pequenos por força,assi como fez Lopo Gomes de Lira em Braga,que se chamaua Meyrinho por ElRey de Castella que por prizão, que fez aos moradores do lugar, & as pessoas Ecclesiasticas do Cabido da Seé, lhes fez que fizessem menagem ao Arcebispo de Santiago em nome DelRey de Castella,& que tiuessem sua voz,& lhe obedecessem, como a seu Senhor,porque o dito Lopo Gomes entrou na Cidade contra vontade do Concelho, & do Cabido, & fez assi entrar ao Arcebispo de Santiago & outras companhas de Galliza com elle. Então Lopo Gomes mandou deitar pregaõ pella Cidade que todolos moradores della fossem logo á crasta da Sé,assi Ecclesiasticas,como leygas,pera fazer menagem ao dito Rey de Castella,& a sua molher, que houuessem por senhores, & fizessem por elles paz, & guerra. E aquelles, que o não quizessem fazer, que os degradaua dos senhorios de Portugal, & que perdessem os bens,que tinham. E alem disto eram sugigados do Castello,que estaua sobre a dita Cidade, de que era Alcayde Vasco Lourenço irmão do dito Lopo Gomes, mandaua que seriaõ destroidos, & elles todos com tema, que fizeram estonce o que elle quiz. E por esta guisa, & outras semelhantes, se dauam os pouos a ElRey de Castella, mas nam

de vontade. Onde cuyday q̃ ſendo ſoada ſua partida de Caſtella pera vir a Portugal, que voz de grande eſpanto foi ouuida em todo o Reyno, quando as gẽtes certificadas que ElRey de Caſtella queria entrar em elle, vendo que tal entrada não podia ſer ſem grã de eſcandolo, & diſcordia, aqual punha os humanos entendimentos em opinioẽs de muytas guiſas, & em tanto, que poſto que o amor da terra, & natural afeiçaõ conſtrangeſe a muitos fidalgos, & Alcaides de Caſtellos, a ter por Portugal, antes que por Caſtella, outros porem auia hy taes, que vſando de cobiça meſturada com tençaõ malicioſa, & delles com temor, & arreceo de cada hum perder ſua honra, & por cobrar outra mayor da que tinhão, lhe fez de todo eſcolher o contrairo por tal modo que foy o Reyno diuiſo em ſy, & partido em duas partes, em que poucos Lugares & fidalgos tomaraõ a voz de Caſtella obedecendo a ſeu mandado. Aſſi que pelas Comarcas do Reyno eſtauão por elle eſtas fortalezas. ſ Na Eſtremadura, Santarem, Torres nouas, Ourem, Montemor o velho, Leiria, Caſtello da feira, Penela, Obedos, Torres Vedras, Alanquer, Cyntra. Em antre Tejo, & Odiana. Arronches, Alegrete, Caſtello de Vide, o Cr... Amieyra, Monforte, Campo M... yor, Oliuença, Villa Viçoſa, P... tel, Moura, Noudar, Mertola, A... mada. Antre Douro, & Minho. Lanhoſo, Braga, Guimaraẽs, Valença, Melgaço, Ponte de Lima, Villanoua de Cerueira, Caminha Vianna, o Caſtello de Neiua. Em Tralos mõtes. Bragãça, Vinhaes, Chaues, Monforte de Rio liure, Montalegre, o Mogadouro, Mirandella, Alfandega, Lamas de Orelhaõ, Villa Real de Panoyas. Na Beira. CaſtelRodrigo, Almeida, o Sabugal, Monſanto, Peramanca, a Guarda, Couilhaam, Celorico, Linhares. Eſtes ſincoenta & quatro lugares, & outros mais, que dizer não curamos, teue ElRey a ſeu mandar, quando veyo, & antes que entraſſe no Reyno. E poſto q̃ os ricos, & poderoſos, e aſſi Alcaydes de Caſtellos, como outros fidalgos, tiueſſem voz por ElRey de Caſtella, os pouos porem todos em ſeus coraçoẽs eraõ contra elle, & contra a Rainha, em guiſa, que aſſi como dizemos, ſe aleuantaraõ muytos homens em algũs lugares, & tomaraõ os caſtellos aos Alcaydes delles, & alçauão voz pelo Meſtre Dauiz creuendolhe que queriaõ ſer ſeus & o ajudarem com os corpos, & aueres, aſſi como tomaraõ Euora a Alua-

à Aluoro Mendez de Oliueira,& Eſtremoz a Iohane Mendes de Vaſcogoncellos,e Beja,& outros Lugares,que ouuiſtes. E àquellas Villas,que tinhão voz por Caſtella,mandaua ElRey gentes darmas,quantas auião miſter,de guiſa que o Alcayde com ellas, & com ſeus criados, & amigos as podeſſem defender, como compria, ca dos que morauaõ nos lugares não eraõ os Alcaydes muyto ſeguros por as couſas, q̃ viaõ acontecer.E deſtas fortalezas,que tinhão voz por Caſtella ſahião os Alcaydes Portuguezes a fazer grandes roubos, & caualgadas nos termos das que tinhaõ voz pelo Meſtre,prendẽdo, e roubando,& matando em elles, como ſe lho deueſem por contrairos merecimentos. Aſſi que os q̃ deuião ſer ſeus defenſores, & os liurar das maõs dos inimigos, aquelles matauão, & perſeguiam vzando contra elles de toda crueldade.O que forte couſa,& mortal guerra ver hũs por trigoſos querer deſtroir os outros, & aquelles,que hum ventre gèrou,& hũa terra deu criamento deſejarem de ſe matar de vontade, & eſpargir o ſangue de ſeus diuidos, & parentes.

CAP. 70. *Como foraõ filhados os nauios de peſcado,que vinham de Galiza,*

COMEC,ANDOSE eſta noua guerra antre Portuguezes, & com Portugũezes, alem da que auiam com Caſtelhanos,eſtando o Meſtre em Lisboa, como diſſemos, hũa ſegunda feira pella manhaã primeiro dia de Feuereiro da ſobredita era,pareceo pella foz na entrada do rio hũa galè de Caſtella,& ſinco baxins,& hũa grande nao com tempo contrairo. Pouſaraõ os baxins áquem de Reſtelo mais de hũa legoa,antre Oeiras,& Santa Catherina grande eſpaço os baxins. O Meſtre ſoube parte como algũs deſtes nauios eraõ de Galliza carregados de farinha,& mantimentos,que vinha pera a frota dos Caſtelhanos cuidando que jazia jà ſobre a Cidade.Outros hiaõ carregados de peſcados ſequos pera Aragão,& ſendo certo que todos eraõ de ſeus imigos,fez logo fazer preſtes duas galés,& duas naos,& tres barcas,& forão preſtes fornecidas darmas,& companhas em dous dias.E eſtes nauios,que aſſi pouſaraõ,não penſarão receber dano

no dos da Cidade, tendo que o cuidado de ſe perceberem do cerco, que eſperauão, era tão grande que eſte lhe daua aſſas que cuidar, & não ter doutras couſas ſentido. E foy aſſi que ante manhaã de velarem as naos, & barcas dos Portuguezes contra aquelles nauios. A galè de Caſtella, como vio as galés, & as outras velas hir daquella maneira deixou as ancoras, & fogio, & foyſe, & os nauios foraõ filhados todos, & trazidos ante a Cidade, ſem mais pelejarem que lhe não compria. A nao de duzentos toneis, noua, grande, & bem fornecida de hũ Iudeu, que chamauão Dom Dauid da Cunha, quando vio o que ſe fazia, desferio poſtoque tempo azado não houueſſe, não quis ſahir pella carreira da Alcaçoua, & meteo vela contra vento quanto pode. As galès hiaõ a geito da terra & hũa nao, e duas barcas as ſeguião, ſendo no mar grande leuadia por o vento, que era forçoſo: E porque leuara grande eſpaço ante ellas jà deſeſperauaõ de a alcançar. O Meſtre eſtaua em ſeus Paços, & muitos da Cidade com elle oulhando, & quando vio a grande auantage, que a nao de Galliza leuaua ante as ſuas, diſſe aos que eraõ preſentes *Sairſe aquella?* & elle em dizendo aquellas palauras, o lais da vela que ſão atè tres braças de huma das partes, aconteceo de quebrar por cujo azo lhe foy foiçado a mainar. Edeſtaguiſa acobraraõ os Portuguezes, ſem mais peleja, né ferida, que algum houueſſe. Grande foy o prazer que o Meſtre, & todos ouueraõ por eſte boom aquecimento, mayormente em tẽpo, que lhe tanto fazia miſter, ca em eſtes nauios foy achado muito peſcado ſeco de peſcadas, congros, & poluos, ſardinhas de fumo, & de pilha, & muita farinha & outros mantimentos. Onde ſabey que, não embargando que geral officio foſſe a todos prouer, & azar qualquer comũ proueito, q̃ cada hum ſentia pera a Cidade, que delles houue ahy porem taes de que ſe aſſenhoreou tanto a cobiça, que ligeiramente lhe fez outorgar nos coraçoẽs requerer, & demandar ao Meſtre que lhe vendeſe aquelle peſcado pera o leuarem fora do Reyno pelo grande gainho, que nelle ſentião, moſtrando que era muito ſeu ſeruiço, & proueito com hũa aparencia de palauras todas imigas da prol comunal. O Meſtre, em que não falecia, mas antes eraõ em elle auondoſa deſcrição, & iuizo, diſſe que nenhum lhe falaſſe em tal couſa, ca elle entendia, que ſe lhe

lhe encaminhara aquello por dar a todos boa coreſma, que ſe então chegaua, & que aquelles moradores, q̃ lhe por cobiça de ganho requerimento fazião, bem moſtrauão, q̃ pouco ſabião do bẽ do pouo, & de ſua defenſaõ, em tempo, que o miſter tanto auiam pera ſeu mantimento, & outras neceſſidades. E aſſi foi que com aquelle peſcado foy a Cidade farta, & em boa avondança, & pagaua aos fidalgos, & ás outras gẽtes o ſoldo em elle, de que a ElRey de Caſtella muito deſaprouue, quando o ſoube em Santarem.

CAP. 71. *Como o Conde de Mayorcas mandou deſafiar o Meſtre, & como Nunaluerez reſpondeo a elle.*

ANTRE os Senhores, que com ElRey vinhaõ, era hum delles o Conde de Mayorcas Dom Pedraluerez de Lara filho baſtardo de Dom Iohaõ Nunes de Lara. Eſte era hum muy grande homem darmas, & muy afamado caualeiro, & bem ardido. E hora aqui dizem algũs contando os feitos de Nunaluerez em ſeu louuor, q̃ eſtando elle com o Meſtre em Lisboa, & ouuindo a fama deſte Conde, & quanto era pera muyto, cuydou de o mandar requeſtar pera ſe matar com elle trinta por trinta, & que pedira licença ao Meſtre lembrandolhe as rezoẽs, porque ſe a ello mouia, & que o Meſtre lho outorgou, & que Nuno Aluerez mandou deſafiar o Conde, & elle recebeo ſua requeſta, & que foy aſſinado o lugar, & dia, & preſtes Nuno Aluerez pera ello, & que vendo o Meſtre depois de feito, os trabalhos que ſe recrecião, que lhe defendeo que o não fizeſſe, & por tanto ſenão poz ſua requeſta em obra. Mas outro Eſtoreador, cujo falamento nos parece mais arrezoado, conta eſta iſtoria muito doutra guiſa, & de ſeu eſcreuer nos praz mais. Dizendo que hũ Iogral, que chamauão Anequim, que viueo com ElRey Dom Fernando, & ficara com a Rainha Dona Lianor, hia muitas vezes ás caſas onde ElRey de Caſtella pouſaua, & tinha de coſtume chamar compadre a qualquer, q̃ conhecia, & aſſi chamauão os outros a elle, & como tinha em vzança dandar por caſa dos ſenhores, diſſe hum dia, que queria hir a Lisboa por ver o Meſtre Dauiz & folgar com elle. O Conde de Mayorcas, quando iſſo ouuio

cha-

chamouo eſtonces, & diſſelhe: *Compadre, dizemme que te vás a Lisboa. Sy* diſſe elle, *lá quero chegar pera ver o Meſtre. Pois rogote*, diſſe o Conde, *que me faças eſta graça, que digas ao Meſtre, que ſe elle nega que não faz treiçaõ, & maldade em aluoroçar eſte Reyno, & ſe querer aſſenhorear delle, oqual de direito o he de meu Senhor El Rey, & de ſua molher, q̃ eu lhe porey o corpo ſobre ello, & lho farey conhecer E rogote que lho digas todauia.* Anequim diſſe que lhe prometia de lho dizer, & de lhe trazer a reſpoſta E foy aſſi que elle chegou a Lisboa, & falando ao Meſtre diſſelhe eſta embaxada do Conde. E acabando elle de dizer, Nunalueres, q̃ preſente eſtaua, antes que o Meſtre nenhũa couſa falaſſe, reſpondeo a Anequim, & diſſe *Meu Senhor o Meſtre naõ he rezão que lhe ponha o corpo, mas ſobre eſſa tençaõ que elle diz, eu lho quero poer de muy boamente. E ſe elle negar que o Meſtre meu ſenhor, & nos outros Portuguezes com elle, naõ fazemos juſta guerra por defenſam de noſſos corpos, & aueres, & que El Rey de Caſtella mal, & como naõ deue, entrou em eſte Reyno antes do tempo, que deue, britando os trautos, que era teudo de guardar, por aqual rezão perdeo em elle todo quanto direito tinha, & que por iſſo o Reyno pertence ao Meſtre meu Senhor, que aqui eſtá, como filho Del Rey Dom Pedro, que he, que eu me porey ſobre ello, & lho farey conhecer quer hum por hum, ou dous por dous, ou quantos elle quizer. E rogote que aſſi lho digas.* E falaraõ então em outras couſas. E dahi a poucos dias partio Anequim pera Santarem, & o Conde lhe perguntou ſe diſſera ſua entençaõ ao Meſtre, & elle diſſe que ſy, & a repoſta, que Nuno Aluerez dera a ella. *Quem he eſſe Nunaluerez?* diſſe o Conde. *Senhor*, diſſe elle, *hum irmaõ de Dom Pedralueres Priol do Crato. Naõ ſey*, diſſe o Conde, *que homẽ he, nem conheço, nem curo doutrem ſenaõ da peſſoa do Meſtre, nem porey o corpo, ſenaõ a elle, q̃ quanto aos Padres, da linhagem dos Reys vimos, & da parte da madre ambos ſomos baſtardos, pois ſemo elle poer naõ quer, por outrem, naõ entendo entrar em campo, nẽ lhe por o corpo ſobre eſto.* Em eſte comenos prouendo o Meſtre o q̃ cedo eſperaua de ſer, como El-Rey de Caſtella foy em Santarẽ, & elle ſe partio de Alanquer pera Lisboa, mandou recolher pera a Cidade, todos os moradores do campo, com os mantimentos que leuar podeſſem, & elles trigoſa-

gosamente com receo dos Castelhanos, que lhe deziaõ que já corriaõ a terra, partiraõse com as molheres, & filhos, & com os gados, & bestas, & cousas que leuar podiaõ, & vinhaõse pera Lisboa. E outros se passauão álem do rio a Ribatejo por buscar segurança a sua vida, segundo cada hũ melhor entendia. O que dorida cousa era de esguardar ver de dia, & de noite tantos homẽs, & molheres vir a manadas pera a Cidade com os filhos nos braços, & pela mão, & os paes com outros ao pescoço, & suas bestas carregadas de alfayas, & cousas que trazer podiaõ. E assi se recolhiaõ de todo o termo pera a Cidade todos os moradores derrador, antes q̃ ElRey de Castella viesse.

CAP. 72. *Como Nunalueres foy atrauez de Cintra â forragem, & algũs Capitaẽs de Castella chegaraõ ao Lumiar.*

POR QVE entendia que hũa das cousas, que lhe muy necessarias eraõ: pois cerquado auia de ser, era abondança de mantimentos, ordenou, antes que ElRey de Castella viesse de mandar gentes á forragem aos lugares, que nam tinhaõ sua voz, por abastecer a Cidade de viandas, o mais que se fazer podesse, & mandou a Nuno Aluerez que se fosse pera trazerem de seu termo algũs mantimentos, & com elle até trezentas lanças de Escudeiros, & Cidadaõs, & poucos homẽs de pè estã do então em Cyntra o Conde D. Anrique, & gentes, com que a bẽ podia defender, que tinhão voz por ElRey de Castella. Correo Nuno Aluerez a terra toda sem achar nenhum, que o trouasse, & apanhou muitos mantimentos de gados, & trigo, & outras cousas de comer, de que carregauão assáz azemalas, de que já hiaõ percebidos pera isso, & nenhum sahio do lugar fora, que trabalhasse delho tolher. ElRey de Castella, que em Santarem estaua, auia muyto pouco que viera Dom Pedro Fernandez Cabeça de Vaca Mestre de Santiago, & Pedro Fernandez Valhasco seu Camareiro mór, & Pedro Rodriguez Sarmiento Adiantado mòr de Galliza, & com elles mandou mil lanças de boons homẽs darmas, q̃ chegassem atè começo de Lisboa pera fazer começo de cerquo, & não consentissem aos da Cidade que se estendessem pella terra a fazer dano nenhum. E na noite seguinte, que Nunalueres partio

tio de Cyntra com ſua caualgada,chegou recado que aquellas gentes eſtauão em Alanquer, & queriaõ vir ſobre elle, pella qual rezão ſe partiraõ logo algũs de ſua companhia,& ſe vieraõ à Cidade,& os que ficaraõ,no dia ſeguinte lhe dezião que ſe partiſſe à preſſa,& não attendeſe alli aquellas gentes.Mas Nuno Aluerez não o quiz aſſi fazer, nem curou de quanto dezião, & veoſe muito paſſo,& de vagar com ſua caualgada,& no caminho, muito contra võtade de todos,aguardou atè meio dia ſe vinhaõos Caſtelhanos para lhe poer a praça. O Meſtre em Lisboa eſtaua quãdo ſoube deſto parte,mãdoulhe em ajuda Ruy Pereira tio de Nuno Aluerez com cento & ſincoenta lanças,& depois que foy tarde,vendo que os Caſtelhanos não vinhão a elles,vieraõſe pera a Cidade,com tudo aquillo,que trazião,& foraõ do Meſtre muito bem recebidos.Aquelles Capitaẽs de Caſtella, que diſſemos vinhaõ com ſuas gentes pera encalçar Nuno Aluerez,& lhe tomar a preza,que fizera. E porque hauia hum dia,que Nuno Aluerez era na Cidade pozeraõſe no Lumiar,& pellas Aldeas derredor,ſem irem mais por diante.E foy iſto aos oito dias do mes de Feuereiro já nomeado.

CAP. 73. *Como o Meſtrè teue ordenado de hir a Santarem pelejar com ElRey de Caſtella,& porque azoſenaõ fez.*

IA diſſemos como El Rey deCaſtella,quãdo veyo a Santarẽ foraõ apoſentados todos os ſeus pella Villa,com peſſoas grandes, & means,& de pequena condiçaõ, em guiſa que não hauia nenhũ no lugar, com que não pouzaſſem.E logo no começo de ſeu apoſentamento começaraõ de ter boa maneira com os hoſpedes, Depois por dias começaraõ de ſe aſſenhorear delles fazendolhe tantas ſem rezoẽs,& deſmeſuras,que todos ſe tinhão por agrauados,cà elles filhauão a ſeus donos,o que tinhão, & tirauaõ dous,& tres viſinhos de ſuas caſas,& faziaõnos pouſar em outra parte,& colher todos em hũa caſa,& não lhe leixauão tirar nenhũa couſa,nem roupa de cama pera dormir, ſaluo a que trazião veſtida.Outros lançauaõ fora de caſa,& ficauaõ elles com a molher,& dormiaõlhe com ella,& outros o fazião perante os ſeus olhos, mal que lhe pezaſſe, dizen-

dizendo que quanto tinhaõ tudo era ſeu,& delles nenhũa couſa,& doeſtandoos de torpes, & más palauras,dizendolhes aſſás deshonras,& laſtimas,& ſe algũ queria falar,ou reſponder, logo moſtrauaõ que o queriaõ matar. E a outros ligauão de pés, & mãos,& aſſi os tinhão toda a noite. E outros não ouſauão de ſair fora de ſuas caſas pera nenhum lugar ſem aluarà, doutra guiſa logo eraõ prezos,& maltratados em tanto que muitos deſempara uão quanto tinhaõ,& fugiaõ pera Lisboa,& pera os outros lugares. E foi iſto em tanto,que algũs dahi de Santarem,& outros Portuguezes,que com ElRey de Caſtella eſtauaõ,enuiaraõ por vezes a Lisboa ao Meſtre que foſſe là em barcas pera pelejar com El Rey de Caſtella,& que elles o ajudarião. E eſta couſa falou o Meſtre primeiro com Nuno Aluerez,& depois com os outros do Concelho,& todos acordaraõ q̃ era bema ntremeterſe nello. E querendoſe o Meſtre trabalhar de o poer em obra, ouue depois conſelho de o não fazer, nem hir a tal lugar em barcas,que ſaõ nauios,que não podem leuar,ſenão pouca gente,onde compria leuar muita,& mais que as barcas não chegarião mais longe,ſe não atè Muge, que ſão duas legoas do lugar por a agoa do Tejo,que era muito pouca, & não podia mais aſſima ir. E a mayor duuida deſte feito era,ſe aquelles recados,que vinhão,eraõ verdadeiros,achados por parte DelRey de Caſtella pera matar ou prender o Meſtre,& todos aquelles,que em ſua companhia foſſem,&porem ceſſou de ſe não fazer.

## CAP. 74. *Como a Rainha eſcreueo ao Conde Dom Gonçalo ſeu irmaõ,que deſſe Coimbra a ElRey de Caſtella.*



RAINHA logo no começo, ſendo dacordo com ElRey de Caſtella fezlhe entender que ligeiramente podia auer,& cobrar todos os lugares, que no Reyno auia,ca os mayores da terra eraõ ſeus deuidos,& de ſua molher,& todos os outros,que Villas,& caſtellos tinhão, a elle obrigados por criação,& bemfeitoria. E poſtoque algũs de mao recado alçaſſem voz contra elle, moſtrando que o não querião, que nam curaſſe da doudice de taes, ca eram ſandeos,& ſeguidores de ſã dia opiniaõ,fundada em vaam eſpe-

esperança. E que ella escreueria ao Conde Dom Gonçalo seu irmão,& a Gonçalo Mendez de Vascogoncellos seu tio,que esta uão em Coimbra, que era hum dos principaes lugares do Reyno & que logo tomariaõ sua voz,& lhe daria a Cidade, postoque o não sahissem a receber quando elle por ahi passara, & que ella chegaria lá com elle se comprisse,& assi a cada hum dos outros lugares,quando puzessem duuida de lhos entregar.Onde,segũdo achamos escrito,o Conde D. Gonçalo antes disso viera ao Porto fazer sahimento por ElRey Dom Fernando,& a Rainha lhe escreueo que se viesse aCoimbra & os homẽs boons da Cidade, q̃ o recebessem bem,& lhe fizessẽ toda a honra. No Castello estaua por Alcayde Gonçalo Mendez tio do Conde,& da Rainha aque muito prouue com sua vinda.E dizem que pouzando elle na Villa lhe fez prometimento seu tio que elle naõ desse o castello,nem elle a Villa a nenhũa pessoa, sem consentimento de ambos,& desta guisa estaua o lugar.E depois que o Conde hi foi vieraõse pera elle Iohaõ Rodrigues Pereira,& Iohaõ Gomes da Sylua,& Aluoro Gonçalues Camello,que depois foy Priol do Esprital,& Nuno Viegas,& Nuno Fernandez de Marquez, & Nuno Fernandez de Penacoua, & Pero Gomez de Seabra, & Martim Correa,& outros. Assi q̃ tinhaõ ahi consigo trezentas, & sincoenta lanças, & estaua bem seguro muyto á sua vontade. E quando a Rainha falou a ElRey assi como jâ dissemos,disselhe elle que escreuesse a seu irmão, & a Gonçalo Mendes,que ouuessẽ por bem de lhe darem a Cidade, & tomar sua voz,& que elle lhe faria por ello muitas merces. E a carta, que lhe enuiou foy desta guisa.

## CARTA DA RAINHA Dona Lianora seu irmão Dom Gonçalo.

*IRMAM, ámigo, que eu muito amo. Creo que bem sabeis como eu, renunciando o regimento deste Reyno, & posto em ElRey de Castella meu filho, entendo que fiz em ello oque deuia,porque bem vedes vos que doutra guisa naõ podia minha filha cobrar esta terra,& auer o senhorio della,segundo concerto, q̃ estas cousas leuão,porque eu sey q̃ Gonçalo Mendez vosso tio,postoque me dessa Cidade tenha feito menagem, não a pode dar, se vos não quiserdes.Porem vos rogo, como irmaõ,& amigo, em que hey gran-*

*grande fiuza, que vos praza de tomardes vos por ElRey de Caſtella voſſo cunhado, recebendoo por ſenhor, & fareis em ello o que deueis por minha honra, & voſſa, & elle volo agalardoará com muytas merces, & vos porá em mayor eſtado, ca não compria a mim, nẽ a vos cobrar o Meſtre Dauiz, pera noſſa linhagẽ ſer deshõrada por elle.*

Eſcreueo outro ſy a Gonçalo Mendes dizendo, que bem ſabia a honra, & acrecentamento, que ella, & elle fizera em como tinha aquelle Caſtello da ſua maõ, de que lhe hauia feito menagem. E porem lhe rogaua, que ſem outra contenda, tomaſſe voz por ElRey de Caſtella ſeu filho, & que lho entregaſſe, & que em eſto faria o que deuia, & a elle grande prazer, & ſeruiço: & que foſſe bem certo, que lho agalardoaria em muytas merces, melhor do que elle podia cuidar.

## CAP 75. *Do que aueyo a alguns da Cidade, que ſahiraõ fora a pelejar com os Caſtelhanos.*

EM quanto eſtes recados foram a Coimbra fez o Meſtre de Sanctiago, & Pero Fernandes de Valhaleo, & Pero Rodrigues Sarmento, que deixamos no Lumiar, como ouuiſtes. Onde aſſi foy, que pouzando elles naquellas aldeas ſahiraõ hum dia por mandado do Meſtre Iohaõ Fernandes Moreira, & outros de caualo com alguns piaens, & beſteiros atè hum campo, que ſe chama Alualade grande, & iſto por ſahirem os Caſtelhanos, a elles, & os trazerẽ atè a cerca da Cidade, & foy de tal guiſa, q̃os Caſtelhanos como ſouberã q̃ elles eſtauão naq̃lle lugar, derão ás trõbetas, & caualgaraõ os Capitaens, & muytos dos ſeus com elles; & derão os Portugueſes volta, & como fotão acerca nam ſe poderão tanto ſahir, que os outros os nam alcãçaram, & mataram delles, & prenderaõ, & foy alli morto o dito Iohaõ Fernandes, & ſe não foraõ as vinhas por onde deitauão, porque osde caualo nam podião hir, mais da no fizerão em elles ſeus imigos. O Meſtre ſahira aquelle dia fora com Nunaluarez, & gente da Cidade até trezentas lanças, & homens de pé, & beſteiros, & poſeraõſe em batalha em hũa lombada, que ſe faz aſſima da Igreja de S. Lazaro, que ſerão dous tiros de beſta da Cidade, & aguardana alli, que quando os Caſtelhanos vieſſem pelo al-

canço apoz aquelles, que aſſi chegaram atè Alualade que o achaſſem preſtes de peleja, & elles quando chegaram, & os viram aſſi eſtar por terra ordenados em batalha, naõ ſe quizerão decer, & ouueraõ por entaõ ſeu acordo de nam pelejar, & tornaramſe para as Aldeas, onde pouzarão, & o Meſtre com os ſeus pera a Cidade.

CAP 76. *Das rezoens, que Nuno Aluarez diſſe ao Conde D. Aluaro Pirez de Caſtro, & a ſeu filho: & como o Meſtre ordenou de hir a pelejar com os Capitaens de Caſtella, que eſtauão no Lumiar.*

CErtamente falando em eſte paſſo, & tirada toda a affeiçam fora, o Meſtre marauilhoſamente he de louuar, ſe bem parardes mentes ao proſeguimento dos ſeus notaueis feitos, ca poſtoque elle tueſſe hum muyto ardido, & ouzado coração igual aos perfeitos, & virtuoſos baroẽs muyto contrarios lhe eram porem preſentes, ca elle hauia mayor parte de Portugal contra hum pequeno Portugal, que ficaua, E conhecia alguns, que ſe vinham pera elle por molles, & de fracos coraçoens, ſegundo os conſelhos, que lhe dauam. Outros lhe punhão ſoſpeita, & duuida de ſuas lealdades. Mas eſſas, & todalas couſas, que entender podeis, que lhe erão aſſaz cõtrarias, não o mudauão porem de ſeu propoſito, como aquelles querião. com hum grande, & alto coração naõ vencido de taes tempeſtades. Ca o Conde Dõ Aluaro Pirez de Caſtro, quando ſe veyo pera elle, falou hum dia o Meſtre cõ elle, & cõ ſeu filho todalas couſas, que lhe até alli acontecceram, & que elle tinha em vontade de fazer. E o Conde, que mayor deſejo tinha ao proueito, & honra DelRey, que aquello, que o Meſtre começàra, hauia por nada todos os ſeus feitos dizẽdo, q̃ auia começado couſa forte, & muyto douidoſa de a poder acabar cõ ſua honra, Aſſi que aquelle, que o deuera eſforçar, pois que vinha pera o ſeruir, aquelle lhe dezia aqueſtas, & outras taes palauras, que erão baſtantes pera deſemparar de todo quãto tinha começado, & emvõtade de fazer. Nuno Aluarez, que preſente eſtaua, não pode ſofrer ſeu arrezoado, nem ſoportar que lhe não falaſſe. Reſpondeo eſton-

eſtonces em eſta guiſa. *Digouos ſenhor, que pois vos ficaſtes com meu ſenhor o Meſtre, & boa vontade tendes de o ſeruir, que taes rezoens, & conſelhos, como os que lhe vôs daes, nam ſam boons, nem comunaes, nem elle nam os deue de querer, antes hir com ſeu feito por diante, & nenhuma couſa tornar a traz. E nam digo contra El Rey de Caſtella, que he hum alto, & poderoſo Rey, mas ainda que foſſe cõtra todos os Reys do mundo, elle deue de continuar ſua defenſam de todos aquelles, q̃ lhe ſam ſojeitos, ca tem coraçam, & rezam de o fazer, ca nenhum outro em Portugal pertence pera ello. E todos os boons Portugueſes tem rezam de o ſeruir, ajudar, & ſeguir o que começado tem, deſpendendo com elle os corpos, & aueres até a morte, & Deus, que a iſſo o chamou, encaminhará ſeus feitos de bem em melhor, & o trará em ſua guarda, & a fim que elle deſeja. E quem vontade tiuer de o bem, & lealmente ſeruir, aſſaz terá tempo, em que o moſtre.* O Conde com ſanha, quando vio aſſi falar, reſpondeolhe logo, & diſſe. *Que he iſſo, Nunaluarez? Como falais vós aſsi ouzadamente? Nam haueis empacho de falardes tam ſolto? Em verdade* diſſe Nunaluarez, *nam, ca de quanto diſſe, nenhũa couſa me peza, ſenam por ſer muyto pouco.* A iſto reſpondeo eſtonces Dom Pedro ſeu filho, & diſſe contra Nunaluarez. *Nam haueis vergonha, Nunaluarez, de aſsi falardes contra meu Padre? Digouos*, diſſe elle, *que nam, ca eu do que a voſſo Padre diſſe, nam hey vergonha delle, nem de vos, ca diſſe o que deuia por ſeruiço de meu ſenhor o Meſtre, & nam por outra couſa.* Em iſto antes que mais palauras ouueſſe antre elles, mandou o Meſtre, que ſe calaſſem, & calaraõte logo todos. Ora vendo o Meſtre como aquelles Capitaens de Caſtella eſtauaõ daſſeſſego no Lumiar hauia bem quinze dias, & nam ſe partião dahi, vindo algũs eſcaramuçar acerca da Cidade, falou com o Meſtre de Sanctiago, & com Nunaluarez, & com todos os do ſeu conſelho dizendolhe: que lhe parecia, que era bem de irem pelejar com elles, E Ruy Pereira, & Iohão Lourenço da Cunha, & todolos outros, q̃ hi eſtauão, outorgaraõ de ſe poer em obra. E em falando que Capitaens eram os que vinham com aquellas gentes, nomeando cada hum por ſeu nome, quando diziam. *Vem ahi* ſoaõ *Meſtre de Sanctiago.* Reſ-

pondia o Conde Dom Aluaro Pirez encolhendose todo, & dezia *Ay que minino.* E em dizendo. *Vem assimais foaõ,* & el le respondia. *E esse paruo*, & assi dezia por outro: *Ay que cachopo*, & assi daua a cada hum seu motete, dando a entender por taes geitos, que não era bem de irem pelejar com elles, dizendo que lhe parecia que eraõ muytas gẽtes, & grandes, & bons Capitães com elles, & que pois delles pouco nojo recebião, que nam curassem de sua estada. E o Mestre disse, que aquillo não era de sofrer serem a seu despeito tam perto da Cidade, de não tornarem a ello, como deuião. Então juntaraõ todos suas gentes fazendose prestes pera o outro dia. E os Castelhanos, que trigosamente o souberaõ, partirãose àpressa delles pera Alanquer, outros pera Torres Vedras, & nam os quizerão attender, & muitos dos Portugueses, quando o ouuiram chegarão lá, & acharão as Aldeas desemparadas delles, & as panelas ao fogo, & espetos com carne, que naõ ouuerão vagar de comer com trigança de sua partida, & se o alguem doutra guisa escreue, como opinião imiga da verdade, deue ser engeitado seu dito.

CAP. 77. *Porque se gerou o desprazimento antre a Rainha Dona Lianor com ElRey de Castella.*

SE dizem que a malicia bebe gram parte de sua peçonha, bem se pode isto dizer da Rainha Dona Lianor, porque pousando ella em aquellas casas com ElRey seu genro, como dissemos, nam foram muytos dias, que à Rainha começou de desprazer da conuersação DelRey, & ElRey isso mesmo da sua, & o desprazimento, que a Rainha principalmente teue, foy por esta guisa. Em Castella vagou o Rabbia do mór dos Iudeos nesta sezão que a Rainha mandou o recado que ouuistes a Coimbra, & vieraõno pedir alli a ElRey em Santarem, onde estaua; a Rainha Dona Lianor, lho foy pedir pera Dom Iudá, Thesoureiro que fora DelRey Dom Fernando, & muyto seu priuado della, & elle se escusou de lho dar, & deu o à Rainha D. Breatiz sua molher pera D. Dauid Negro, priuado q̃ era DelRey Dom Fernãdo, Iudeu muyto hõrado, erico, q̃ começou de seruir como ElRey chegou a Sãctarẽ. A Rainha D. Lianor como era

molher de muyto graõ coraçam que toda ſua vontade queria cõprida, vendo a maneira, que ella tiuera cõ ElRey em poer nelle o Regimento do Reyno; deſhi outras couſas; & que hora elle nam quiſera darlhe aquelle Arrabiadõ, que era huma couſa tam pequena, & a primeira, que lhe pedira, & entendendo que ao diante poucas couſas hauia de acabar com elle, maiormentè vẽdo que eram contrairos em ſuas falas, & condiçoens, & cõ gram menencoria, que houue DelRey dizem, que diſſe a algũs daquelles, que de Lisboa foraõ com ella. *Vede que ſenhor eſte, & que merces eſperaremos vos, & eu delle: que huma tam pequena couſa, que lhe pedi, me nam quiz outorgar. Ora vede, que merce ha de fazer a mim, nem a vos Iuroos em verdade, que ſe me quizeſſeis crer de conſelho, que vos farieis bem de vos hirdes todos pera o Meſtre, pois he voſſo natural, & ſenhor, que volas farâ melhor, que eſte, ca eu, que uolas queira fazer jâ nam tenho azo, o como, & cada vez o terey pior. E ſegundo a maneira, que eu em elle entendo, façouos certos, que ſe me eu daqui podeſſe partir com voſco com minha honra, que nunca aqui mais eſtiueſſe, tam ſomente hũm dia.* E aſſi o fizeram depois os mais delles, que ſe foram todos pera o Meſtre. As razoens, porque entam começou de deſprazer a ElRey dos modos da Rainha, dizem que foy, porque a via muy ſolta em falar, tendo geitos em ſuas falas naõ quaes compria a molher viuua, mayormente auendo taõ pouco que ElRey Dom Fernando morrera, & ella toda cuberta de doo, & dizialho ElRey adeparte antre ſy & ella, que por ſua condição em tal caſo muyto não outorgaua, & lhe fázia infindas razoẽs, nunqua ſe partiaõ muito dacordo.

## CAP. 78. *Como ElRey partio de Santarem caminho de Coimbra com entençaõ de a cobrar.*

PASSANDOSE aſſi eſtas couſas, a Rainha começou de ſe arrepẽder muito de todo o que começado tinha, & aſſi da vinda, q̃ fizera vir ElRey ao Reyno, como da arrenunciaçaõ do Regimento, que auia poſto em elle. E leixando o penſamento, que primeiro tinha cuidado, dizem que incubertamente mandou ſuas cartas a alguns lugares

dos que ElRey de Caſtella entẽdia de cobrar, que inda que elle là foſſe, & ella em ſua companhia com elle, que lhas nam deſſem por muitas rezoens, que lhe ella diſſeſſe, nem por outrem mã daſſe dizer. Antre os quaes foy hum delles â Cidade de Coimbra & em eſto veo repoſta do primeiro recado, que ella enuiara ao Conde Dom Gonçalo, & a Gonçalo Mendes, ſegundo ouuiſtes, dizendo o Conde: que lhe aprazia muyto do que lhe eſcreuera, mas que eſto ſe naõ podia fazer em nenhũa guiſa, a menos DelRey a lá ir com ſeu poder, moſtrando que o hia a cerquar por auer a Cidade, ca de outro modo duuidaua ſe o conſentiriaõ a quelles, que com elle eſtauam, & que ella toda via foſſe em companhia, & naõ fizeſſe outra couſa. Viſto eſte recado, prouue muito a ElRey com elle, & ordenou logo de partir toda ſua Corte, & as Rainhas ambas conſigo, & foi eſſe dia dormir a Torres Nouas. ElRey, & ſua molher pouzaram no arrabalde, & a Rainha Dona Lianor em outras pouſadas, a qual foy aquella noite guardada de certos homens darmas Caſtelhanos, & ellà em outro dia, quãdo o ſoube, diſſe contra os que hiam em ſuã companhia. *Como? guardada ſou eu de gente de Caſtelhanos? quanto agora entendo eu que vou preza.* E ElRey ſabendoo, diſſe que o fazia por milhor, & por ſua ſegurança, & outras taes razoens, com que ſe eſcuſou. Dahi partio, paſſou por Thomar, & por os outros lugares, que ſam no caminho, onde achou muy mao acolhimento, & as portas da Villa cerradas. E dezia ElRey aos ſeus adeparte: que bem lhe daua a elle a vonta de, ante que partiſſe de Sanctarem, que tal recolhimento lhe auiam a elle de fazer em aquelles lugares.

CAP 79. *Como ElRey chegou a Coimbra, & dalgumas couſas, que lhe aconteceram.*

CHEGANDO ElRey a Coimbra, & muytas gẽtes com elle, pouſou nos paços de Sancta Clara junto com a ponte da Cidade & o Conde de Mayorcas dentro no Moſteiro, & o Conde Dom Pedro em Sancta Anna, & com eſte pouſaua Affonſo Henriques o moço ſeu Irmão, & o Conde Dom Iohão Affonſo de Barcellos,

cellos, & Iohaõ Rodrigues Porcocarreiro, & Iohão Affonſo Cabeça de Vaca, pouſaua em S. Frãciſco, D. Iohaõ Conde de Vianna, logo hi acerqua em hũa tenda em São Martinho Couto do Biſpo, & outros em S. Iorge, & nas Almoinhas, & per outros lugares deſta Comarca. E depois q̃ todos forão aſſeſſegados, não fizeraõ nenhum mal, nem querẽça de combater, ante entraua cada dia na Cidade o Cõde de Mayorcas, & outros a falar com o Conde Dom Gonçalo, & com Gonçalo Mendes de Vaſcogoncellos, & comião, & bebião com elles. Pellos quaes lhe ElRey mandou dizer, & rogar; que lhe prouueſſe de lhe dar aquella Cidade, & tomar ſua voz, & que elle lhe daria ſoldo pera quantos com elle eſtauão, prometendo a hũs, & a outros grãdes, & largas merces, & aſſinando âlem deſto muitas rezoẽs, porque o deuia fazer. E o Conde deu em repoſta, que não dariaõ aquella Cidade, ſenão a cuja foſſe de direito. ElRey vendo ſuas rezoẽs, mandoulhe dizer que tiueſſe por bem de lha dar, ou que lhe daria villas, & lugares no Reyno de Caſtella, onde lhe mais prouueſſe, de q̃ elle foſſe contente: E que de ſeu Condado não fizeſſe conta, ca elle o acrecentaria, & poria em muito maior eſtado do que elle era, aſſi cando muito que o fizeſſe aquelles, que leuauão o recado: & elle daua ſempre a repoſta, que ja ante hauia dado. Então lhe mãdou ElRey rogar que, pois lha dar não queria, & elle tinha o Regimento do Reyno, que eſtiueſſe aſſi ſem lhe fazendo della guerra o Conde lhe reſpondeo, que *ſe ſua Irmaam ſem ſeu conſelho, nem daquelles, com que deuera de falar, fizera o que tinha feito, que ella ſe compuzeſſe; que elle com aquello não tinha que fazer, & que a repoſta, q̃ jâ dada auia, entẽdia de dar, quantas vezes lhe em eſto falaſſem.* Em eſto paſſou hum dia o Conde de Vianna o Rio cõtra Villa Franca, & chegàrão a hũ lugar, que chamão a Regaça, & ſahio da Villa Martim Correa com alguns ſeus, & alguns poucos de piaẽs, & quatro bèſteiros, & ouuerão alli hũa pequena eſcaramuça, em que matarão ſeis piaens dos da Villa, & prenderão tres; em ſe recolhendo o dito Martim Correa, & os outros com elle, deitou apos elles hum eſcudeiro criado DelRey tam deſatentadamente, que ſe meteo o cauallo com elle em hũa vinha, & alli chegaraõ piaẽs da Villa, & mataraõno.

E este vio ElRey matar,& desuestir das armas,então os do arrayal,quando esto viraõ, mataram dous prisioneiros,que tinhaõ presos. Depois sahio o Conde de Mayorcas,& Pero Dias de Cadoama,& sahio o Conde Dom Gõçalo,& Gonçalo Mendes, & outros,& prenderão hum escudeiro Castellão,que chamauão Garcia de Villaodre, & logo ao outro dia o enuiaraõ a ElRey com todas suas armas,& dahi em diante não se fez mais,saluo se lançauão setas de hũa parte á outra, & tirou Nuno Fernandez com hũa bèsta de torno, & deu a hũ muy bom caualeiro, que chamauão Johão Affonso de Bolonha.

CAP 80. *Das rezoẽs, que Dona Breatis de Castro falou com Affonso Anriques, & do que elle respondeo.*

CONTANDO esta estoria comprida mente, por virdes em conhecimento qual foy a rezam, porque ElRey de Castella mandou a Rainha fora deste Reyno, & se teue justa rezão de o fazer, ou por o contrairo,vejamos o q̃ escreue hum Autor em sua Coronica,que largamente, mais que nenhum outro,falou de tudo como se seguio.Onde sabey,segundo elle poem,que estando ElRey assi algũs dias aguardando se se mudariaõ suas vontades ao Conde Dom Gonçalo,ou a Gonçalo Mendez,que a Rainha desesperada de sua primeira esperança, & posta em amargosas, & tristes cuidaçoẽs mostraua de sy turbado sembrante,de guisa que qualquer lhe podia entender seus nojos. Vendo isso Dona Breatis filha do Conde Dom Aluoro Pirez de Castro,que andaua com a Rainha de Castella, falando hũ dia em seus amores com Affonso Anriquez irmão do Conde D. Pedro, primo DelRey, que era muyto seu namorado,veyolhe a dizer em esta guisa. *Vos bem vedes,como a Rainha Dona Lianor me criou,& me deu a sua filha por acrecentar em mim, he posta em tam grande coita, como todos vedes,esperando ser muito mais, segundo a mi parece, porque se as cousas não guisaõ á vontade DelRey,nem sua,por aqual rezaõ saõ postos em mayor desacordo do que ninguem cuida. Ora pois vos dizeis que me quereis tanto bem, q̃ de boamente casareis comigo, eu vos quero descobrir hũa cousa que tenho cuidada,& se vos soreis homem,que podesseis apostar com o*

Con-

*Conde vosso irmão isto, que eu trago cuidado, eu faria de mim boamente vosso talente em toda cousa, que me vos requeresseis. Então seria nosso casamento melhor, & muito mais com nossa honra. Não ha cousa*, disse elle, *que me vos requeirais, que eu por vos possa fazer, & meu irmão por minha honra, que a nos não façamos muito de grado, & dizey o que vos prouuer.* Feitas então suas juras, & promessimẽtos ser muito guardado em segredo, começou ella de rezoar & disse. *Bem vedes como a fazenda da Rainha vay tanto para mal, & muito em contrairo do q̃ todos pensauamos, & se ella nam he fora do poder Del Rey de Castella, nunqua pode ser que seu feito venha, senão a muita deshonra. E porem se o Conde vosso irmão, que he homem de grande estado, & que me parece que tem com ella bom geito, ázar por algũa guisa como ella fosse fora de seu poder & posta dentro na Villa com o Conde seu irmão, & nos outrosi com ella, entam seria ella tornada a toda sua honra, & nos mais honradamente casados. E ainda vos digo mais que se vosso irmão podesse fazer isto, & ella fosse posta em seu liure poder, que não era maravilha despois casar com elle, & hauerem elles ambos o regimento desta terra, ca ella tem taes irmãos, & tantos parentes, & criados, q̃ era por força de se asenhorear do Reyno, & auer o regimẽto delle, como antes tinha.* Quando Affonso Anriques ouuio estas rezoẽs, & outras muitas, que sobre o tal feito falarão, parecerãolhe taes, & tam boas, que logo em sua vontade consentio de se trabalhar muyto por tal cousa ser posta em obra, & disse que elle o faria logo com seu irmão, & ella que o falasse com a Rainha.

## CAP. 81. *Das rezoẽs, que à Rainha ouue com o Conde Dom Gonçalo seu irmão.*

FALANDO Dona Beatris isto com a Rainha, & Affonso Anriques com seu irmão, á Rainha prouue muito com seu conselho & ao Conde Dom Pedro nam menos, & falando seus feitos sobre a tal cousa, acordaraõ de o mandar dizer por Affonso Anriques ao Conde Dom Gonçalo, o qual quando o soube foy muy ledo de se poer em obra, & foraõlhe essa noite falar á Villa o Cõde, & seu irmão ambos soos, & contoulhe todo o que em ello queria fazer. O Conde disse que lhe

lho agardecia muito,& que ſe o pozeſſe em obra, que ganharia em elle hum bom amigo pera fazer qualquer couſa, que per ſua honra fazer pudeſſe. *E* que elle os aguardaria com ſuas gentes a quella noite; que para ello foſſem preſtes. E para ſe iſſo fazer mais deſcanſadamente, & carecer de toda ſoſpeita, vinhaõ alguns à falſa fé, da parte do Conde Dom Gonçalo falar à Rainha & iſſo meſmo ao Conde Dom Pedro, fazendo moſtras,& dando a entender a ElRey, que tudo ſe fazia por ſeu ſeruiço,& por cobrar cedo aquella Cidade,e deſa hi ordenou a Rainha, que era bẽ de falar a ſeu Irmão de praça por ver ſe o podia demouer por ſuas falas, & encaminhar como ouueſſe lugar, pois por falas doutrem o não poſtar com elle. E El Rey diſſe que era bem feito. Não embargando, que não ſoubeſſe parte do que ſe trataua contra elle, elle não ſeguro que não foſſe arte, mandou fazer na ponte hũ palanque de guiſa, que a naõ podeſſe o Irmão tomar, poſto que tal fala ouueſſe antre elles: E quãdo veyo o dia da fala, tomou o Conde Dom Pedro a Rainha de braço, & até vinte com ella,& o Conde eſtauá já na ponte,& tres ou quatro com elle. Quando a Rainha chegou fezlhe ſua reuerencia, & tomou a mão, & beijoulha,& ella diſſe eſtõce. *Maõ beija homem, que queria ver corta da. Senhora*, diſſe elle, *verdade he, mas nam he ella a voſſa: Pois ſe ella a minha nam he*; diſſe ella, *porque nam dais vós eſta Cidade a ElRey meu filho, como eu mando? Marauilhada ſam de vós ſaberdes a honra, em que vos eu puz, & o grande acrecentamento que em vôs hey feito, & como vos nũ metereis o pè em eſſe lugar, ſe eu nem fora, & hora por minha honra o nam quereis dar a quem vos eu mando, & rogo. Verdade he*, diſſe elle, *o que vòs dizeis, & eu logo o darey a vós de mui boamente, ſe vôs cá quizerdes vir. Eu preza ſam*, diſſe ella, *& nam poſſo lá hir. E eu*, diſſe elle, *porque vos vejo preza, & poſta em poder alheo, pareceme que faria grande maldade de a dar a quem vos prẽdeo. E pois vós fizeſtes o que vos prouue ſem conſelho meu, nem daquelles, com quem deuereis de falar, lá vos auinde com elle. Bem poſſo dizer*, diſſe ella, *que deſemparada ſam de vós, & de todos meus parentes, a que fazia grandes merces, & muito bem.* Aquelles iſſo meſmo que vinhão com a Rainha, começaraõ de dizer ao Conde, que lhe parecia que fazia

zia

zia mal de ver ſua irmaã daquel la guiſa, poſta em gram deſauen ça com ElRey por azo daquelle lugar, & naõ lho querer entregar, pelà qual rezaõ lhe ElRey fà ria muitas merces, & que elles fi cariaõ por fiadores dello. *O que lhes eu faria*, diſſe o Conde, *he iſto. Sé ElRey com cem lanças, & ella quizeſſem vir comigo dentro a eſta Villa, eu lhe daria muy bem de jentar.* ElRey diſſe, que elle naõ faria eſſa couſa. *Iſſo ſaõ palauras de bom mercado. Pois ſe o vosfazer nã quereis*, diſſe elle, *naõ ſey mais que vos faça.* Entam ſe afaſtarão todos pera fora, & elles falaraõ ambos de tal guiſa, que nenhum pode ouuir, nem entender couſa, que algum delles diſſeſſe.

CAP. 82. *Das falas, que ſe tratauão antre o Conde Dom Gonçalo Irmão da Rainha, & o Conde Dom Pedro.*

A RAINHA depois das falas, fez entender a ElRey, que ella tinha eſperança de elle cobrar muy cedo a Cidade, & nam em bargando as rezoens, que com ſeu Irmão houuera, & per outras couſas, que depois com elle fala ra. E iſto tudo dizem que èra pera ſe em tanto guiſar tẽpo ázado pera ſepoer em obrá aquillo, q̃ el la com o Conde contra ElRey tinha ordenado de fazer, & era por eſta guiſa. ElRey hauia de ſer morto huma noite pelo Conde Dom Pedro, & certos Alcaydes de ſua parte, & lançarſe o Conde com todos os ſeus na Villa, & a Rainha com elle, & que elle tomaſſe voz logo de ſe chamar Rey de Portugal, & ella Rainha, como de antes era, caſandoſe primeiramente ambos, & que deſta guiſa ficaria ella ſenhõra do Reyno, pella ordenança, que era nos trautos, pois arrenunciara como naõ deuia, naõ o podendo fazer de direito, & que ella trataria com o Meſtre, & encaminharia todos os ſeus feitos. Mas o Cõde Dom Gonçalo naõ ſabia parte da morte DelRey, nẽ do caſamento da Rainha com o Conde, nem que ſe auia de chamar Rey, porque elle, quando lhe em tal feito falou, nam lhe deſcobrio mais de ſuà fazenda, ſaluo que ſe lançaria dentro na Villa com a Rainha, pela tirar do poder DelRey de Caſtella, moſtrandolhe, que era deſcontente DelRey pelo grande lugar, & priuança, que daua a Pedro Fernandes de Valhaſco. O Conde Dom Pedro

Pedro entendia, que com os muitos parentes, que tinha, & deſhidas gentes DelRey de Caſtella, que ficaſſem, que ſe chegarião a elle; que bem poderia leuar ſua tençaõ a diante, mayormente q̃ a Rainha o esforçaua bem dizendo: que os parentes, & criados, que ella tinha aſſi meſmo DelRey dom Fernando, que pello Reyno tinhaõ muitas fortalezas que lhe logo darião, antes que a ElRey de Caſtella, por ficar o Reyno izento ſobre ſy, & elles poderiaõ acabar quanto quizeſſem. Onde ſabey, que o principal Embaxador deſtes feitos, que leuaua recado á Rainha, & ao Conde Dom Pedro da parte do Conde Dom Gonçalo, & iſſo meſmo trazia a reposta, era hum frade de Sam Franciſco, mas elle nam ſabia parte da morte DelRey, nem das outras couſas, que ao Conde Dom Gonçalo eram ditas. E quando eſte frade hia falar ao Conde ſobre ſeu ſegredo, & da Rainha, hiaſe logo o Conde Dom Pedro a ElRey, & dizialhe, como aquelle frade viera a elle, & como lhe falara ſobre o dar do lugar, & a rezão, por que ſe detinha, & como tudo faziaõ por melhor. ElRey muy ledo com eſtas rezoens, cada dia eſperaua de o cobrar. Ora aſſi foi que eſte frade neſta embaxada era muyto amigo, & conhecente daquelle Iudeu Dom Dauid Negro, a que ElRey dera o Arrabiado de Caſtella, que ante diſſemos; & receando que na reuolta, que ſe auia de fazer ao lançar do Conde com a Rainha dentro na Villa, recebeſe algum dano eſte Iudeu, & filhos pequenos, que tinha conſigo, cuidou de lhe fazer que ſe partiſſe do arrayal, e ſe vieſſe pera a Cidade, & que elle buſcaria caminho ázado, pera que o puzeſſe em ſaluo com ſa honra. Deſto lhe fazia ſaber mui eſcuſamente por hum eſcrito, & que eſta vinda foſſe toda via atè hum dia certo, que lhe logo aſſinou. E o Iudeu quando vio o eſcrito ficou taõ eſpantado, que mais naõ pode ſer, vẽdo ſer muyto contrairo tal recado à eſperança, que ElRey, & quantos no arrayal auia, tinhaõ, & não lhe ſecegando o coraçaõ, trabalhouſe muyto, & fez de tal guiſa, que o frade lhe veo falar encubertamẽte, como ſeu eſpecial amigo, que era. O Iudeu lhe perguntou, que eſcrito era aquelle, que lhe mandara? & elle reſpondeo, que por quanto poderia ſer, que no dia, que deziaõ, que ſe a Cidade auia de dar, ſe poderia fazer tal reuolta, que ſeria dano dos do arrayal & que

& que elle poderia receber algũ cajão, que por tanto lho fizera ſaber. E iſto lhe dezia o frade por ſe eſcuſar de lhe mais deſcobrir. O Iudeu, que era ſeſudo, bem entendeo, que mayor ſegredo andaua neſte feito, & tanto o affirmou por força de amizade, dizẽdo, q̃ elle lhe deſcobriria outras couſas mayores da parte do arrayal, que o frade lhe deſcobrio em grande ſegredo, que hũa certa noite ao ſerão, depois que o Conde lhe enuiaſſe dizer que era preſtes, auião de repicar na Villa hum ſino, & fazer moſtra que ſahia o Conde Dom Gonçalo fora com gente: & que o Conde Dom Pedro, que pera iſſo auia de eſtar preſtes, & auia de mandar dar á trombeta, & moſtrar q̃ ſahia ao Conde para lhe contradizer tal vinda: & q̃ em eſta vinda, que o Conde aſſi foſſe, auia de leuar a Rainha conſigo; & moſtrando o Conde Dom Gonçalo que lhe fogia, auia o Conde Dom Pedro hir apoz elle moſtrando que o vencia, & entrar dentro na Villa, & lançarſe com ſeus irmãos, & com todolos ſeus com a Rainha dentro: & que eſta era a dada da Cidade, que ſe lhe hauia de dar. & doutra guiſa naõ, mas naõ lhe ſoube dizer como o Cõde Dom Gonçalo, & o Conde Dom Pedro, logo como iſſo foſſe feito, auiaõ de tornar com todolos ſeus a darem de rebate no arrayal, & entaõ tomar a Rainha ſe o Conde logo conſigo a podeſſe leuar, & matarẽ ElRey, & dos outros o que tinha ordenado. O frade, deſpois que ſobre iſſo falaraõ quanto compria, poz eſte ſegredo em gram puridade ao Iudeu, & eſte prometendolhe de o guardar, & que ſe trabalharia de partir do arrayal antes daquelle dia, & deſpediraõſe hum do outro, & ficaraõ muyto mais amigos.

CAP 83. *Como foy ſabido o que o Conde Dom Pedro queria fazer, & como fugio, & ſe foy pera o Porto.*

IVDEV, que naõ via a hora, em que eſta couſa deſcobriſſe a ElRey, foylhe á preſſa logo contar todo oque lhe auiera com o frade. ElRey quando o ouuio ficou muy eſpãtado, & não podia crer eſto, que lhe o Iudeu dezia, pero que muyto affirmaſſe que era aſſi como lhe cõtaua: & de o ElRey não crer naõ era marauilha, cá o Conde era ſeu primo com irmão filho do Meſtre Dom Fradique

irmão

Irmão DelRey Dom Anrique padre deſte Rey Dom Iohaõ, Entaõ chamou ElRey a Rainha, & contoulhe todo o que diſſera o Iudeu, e ella creo logo eſto mais ligeiramente, & diſſe eſtonce cõtra elle. *Eu vos digo, ſenhor, que ſempre me receey deſte homem, pela grande afeiçaõ, que lhe vi ter com minha madre, poſtoque nenhũa couſa vos diſſeſſe.* E quando veyo aquelle dia, que eſto ſe hauia de fazer, chamou ElRey o Conde de Mayorcas, & deſcobriolhe todo o que lhe o Iudeu diſſera, & diſſe mais. *Auizay hoje todolos voſſos em ſegredo, que ſejaõ armados, & preſtes á noite, & vós com elles, pera quando o Conde Dom Pedro fizer infinta, que ſabe contra os da Villa, que vós, & os voſſos, comeceis de brádar. Treiçaõ, Treição pello Conde Dom Pedro. Então prendey a elle, & aos ſeus, quantos mais poderdes, ou os matay, ſe á prizão ſe dar naõ quizerem.* E eſto meſmo falou com hum caualeiro, q̃ aquella noite pozeſſe tal guarda na Rainha, que nam podeſſe ſer tomada, nem ſe lançar dentro na Villa. A guarda daquella noite era do Conde Dom Pedro, & trabalhou elle de correger ſua fazenda o melhor, que pudeſſe pera acabar o que tinha ordenado. E porque a couſa era muy pezada, & muy duroſa de fazer, poz elle tam gram tardança em vir ao Paço, que a outra guarda ſe quizera vir pera a pouzada, & ficaua ElRey ſem guarda nenhũa & o Conde de Mayorcas diſſe a ElRey, que lhe parecia que era bem de ſe virem ſincoenta lanças das ſuas pera elle, & naõ ficar o Paço taes horas ſem guarda nenhũa. ElRey diſſe que lhe prazia dello, & foy logo muy azinha preſtes. Em iſto hum eſcudeiro daquelles, com que o Conde Dom Pedro falára ſeu ſegredo, que andaua pelo Paço olhando o que faziaõ, quando vio aquellas gentes vir daquella guiſa, ſoſpeitou que o ſegredo do Conde era deſcuberto, & foyſe a elle muy á preſſa, & diſſe. *Que he iſſo, ſenhor, que eſtais fazendo? Como?* diſſe elle, *ſabey por certo* diſſe o eſcudeiro, *que gentes do Conde de Mayorcas ſam jà no Paço, & eſtaõ hi todos armados em maneira de guarda.* Quando o Conde iſto ouuio, ſentio que era deſcuberto, & foy tam fora de ſy que nam ſoube al que fazer, ſenam que elle, & ſeus irmãos, & dos ſeus quantos poderão, tomaraõ à preſſa, eſſas molheres, q̃ tinhão, & foraõſe pela ponte, & quando o Conde Dom Gonça-

lo

lo ſoube q̃ elle hia daquella guiſa, & nõ leuaua ſua Irmaam, marauilhouſe muyto, & pergun toulhe como vinha aſſi? & elle diſſe que fora deſcuberto, & que fogia com medo de o ElRey mãdar matar, & o Conde houue de ſto nam boa ſoſpeita, cuidando que era fala, & naõ verdade, não o quiz receber, mas diſſe que pois aſſi era, que foſſe pouzar no arrabalde, & elle foyſe a Sanctarem, & pouzou alhy ElRey, que naõ dormia, & eſtaua armado em ſua camara, aguardando o ſinal, que auião de fazer na Villa quando vio que ſe prolongaua a hora, & ſoube como o Conde Dom Pedro era ja fogido, entendeo que ſoubera parte do que lhe a elle fora deſcuberto, & mãdou eſſa noite prender Dom Iudá Iudeu, grande priuado da Rainha, & Maria Pirez ſua Camareira, que deſte feito entendeo, que ſabião parte & naõ pode ElRey logo ſaber ſe o Conde era dentro na Villa, ſe fora, & como ſoube, que era no arrabalde mandou paſſar mil lanças pelo vao pera o tomarem. E o Conde D. Gonçalo ſoubeo, & mandoulhe dizer, que ſe puzeſſe em ſaluo, & elle ſe foy pera o Porto a taõ grãde preſſa, que mais ſer naõ podia. Quando lá chegou, & contou como lhe auiera, receberaõno no lugar: E como quer que naõ ficauaõ bem delle cuidando, que andaua com falſura, porque nenhum, que daquella puridade parte naõ ſoubeſſe, nam podia al entender, ſenam que por azo DelRey de Caſtella, & ſeu conſentimento ſe partira delle pera tomar algum lugar, & huns diziaõ, que o mataſſem, & os outros que o deixaſſem eſtar. Entaõ ouueraõ conſelho de o guardarem de viſta ſem prizaõ nenhũa atè o fazerem ſaber ao Meſtre como alli chegára, & que mandaua fazer delle.

## CAP. 84. *Das rezoens, que ElRey, & a Rainha Dona Beatriz houueram ſobre eſte feito.*

ELREY parecia lõge a manhaam por ſaber a verdade, & certidaõ deſte feito & como o dia veyo & ouuio miſſa bem cedo, mandou trazer à camara Dom Iudá & a Camareira, naõ eſtando ahi outrem, ſaluo ElRey, & a Rainha ſua molher, & o Infante de Nauarra, & Dom Dauid, que deſcobrio a puridade, & hum eſcriuaõ, que hauia de eſcreuer. E como vieraõ. mandou ElRey, que

os

os deſueſtiſſem, & meteſſem a tormento. E o Iudeu diſſe, que não auia porque o deſhõrar, mas que elle diria a verdade daquelle feito. Entam começou a dizer como a Rainha eſcreueo a todolos Alcaydes dos Caſtellos, por onde pouzarão, que os nam deſſem a ElRey, & como todolas falas, que ſe fizeram ataà aquelle tempo com o Conde D. Gonçalo, eraõ por ſe lançar o Conde *Dom* Pedro com a *Rainha* dentro na Cidade, & como o Conde ſe deuia de chamar Rey matandoo primeiro, & todalas outras couſas, que diſſemos, & daquella guiſa o confeſſou Maria pirez, & foy todo eſcrito, & retificado por elles. E ElRey lhes perguntou ſe o diriaõ aſſi diante da Rainha: & elles diſſeraõ q̃ ſi Entam mãdou ElRey pela Rainha, & traziaa de braço aquelle caualeiro, a que ElRey encomendara que paraſſe nella mentes. Ella naõ embargando que vieſſe como preza, vinha bem ſem medo, & ſem mudança, que moſtraſſe como molher de grande coraçam, & entrou ella ſò na camara, & nam outrem, & quando vio o Iudeu, que deſcobrira o ſegredo, diſſe contra elle esforçadamente. *Aqui eſtais vós Dom David? Vos me fazeis aqui vir? Mais rezam*, diſſe ElRey, *he que ſeja elle aqui, que me deu vida, q̃ quem me tinha ordida a morte.* Entam diſſe ElRey ao eſcriuaõ, que leſe á *Rainha* o que o Iudeu diſſera contra ella, & quando ouuio que elle confeſſara, diſſe contra elle. *O perro, cam, traidor, diſſeſte aquello de mim?* Diſſe elle. *Diſſe, & digo que he verdade, & aſsi paſsou de feito. Mentes*, diſſe ella, *como perro, traidor, & ſe aſsi paſsou de feito, tu mo aconſelhaſte.* E em começando de arrezoar ſobre iſſo, diſſe a Rainha Dona Beatriz ſua filha. *O madre, ſenhora, em hum anno me quizerades ver viuua, orfaam, & deſemparada? Ora*, diſſe ElRey, *aqui nam compre mais razoens, eu mataruos naõ quero por amor de voſſa filha, poſto que mo vos bem merecido tenhaes, nem me compre andardes mais em minha cõpanhia, nem eu na voſſa, mas mandaruoſhey para hum muy honrado Moſteiro de Caſtella, onde jà eſtiueram Rainhas viuuas, & filhas de Reys, & alli vos mandarey dar muy honradamente mantimento, porque bem poſſaes viuer.* E ella ſem medo, & receo nenhum reſpondeo a ElRey, & diſſe. *Iſſo fazey vós a alguma irmaam, ſe tiuerdes, & a metey por freira neſſe Moſteiro, ca vos a mim nam*

*mo haueis defazer, nem volo o olho verâ. Em verdade eſte he hum bom galardam, que me vôs dais! Deixey o Regimento, que no Reyno tinha, & fizuos hauer a mayor parte de Portugal, & agora, a dito de hũ perro, q̃ com medo dirà que Deus nam he Deus, aſſa caiſme que falſey, por me nam dar des as couſas, que me prometeſtes & ſobre que comungaſtes comigo o corpo de Deus em Sanctarem. Digouos que, quanto a iſto ſe pode bem dizer, que quem o ſeu cam quer matar, raiua lhe poem nome.* ElRey nam curando do que ella dizia, mandou leuar a Camareira preſa, & ao Iudeu perdoou a rogo de Dom Dauid, & por eſtonce nam ſe fez mais

## CAP. 85. *Como a Rainha Dona Lianor foy leuada pera Caſtella.*

POZ ElRey eſte feito em conſelho cõ aquelles, cõm quẽ deuia de falar, dizẽ do que lhe parecia rezam prender a Rainha ſua ſogra, & a mandar pera Caſtella, pera algum Moſteiro, & naõ cõſentir que mais eſtiueſſe em Portugal, por as couſas, que hauião acontecido, & taes hi ouue do conſelho, que diſſeram: que era bem o que ElRey dizia, & que aſſi o mandaſſe por em obra, dizẽdo que ſe a Rainha eſtiueſſe com elle mais no Reyno, que mandaria ſeus recados aos fidalgos, que tinhão as fortalezas, que lhas nam deſſem, nẽ ſe vieſſem pera elle, aqual couſa era muyto ſeu deſeruiço, & grande enuezamẽto do q̃ começado tinhão. Outros deziam que nam era bẽ de ElRey prender a Rainha ſua ſogra, nem elle lhe fazer aquello que dezia; por quanto ella deixára a gouernança do Reyno, que ouuera de ter, ſegundo nos trautos era conteudo, & o puzera em elle, & mais que lhe dera a Villa de Sanctarem, & mais outros Caſtellos, como todos bem ſabião: E ſobre tudo ſer mãdre da Rainha ſua molher, & dóna tam honrada, como era, que lhe nam parecia rezão, nem couſa pera fazer de a ElRey mandar da quella guiſa Deſtas contrairas rezoens, teueſe ElRey ao conſelho primeiro, que era bem de a prender, & leuar a Caſtella, & foy logo entregue a Diogo Lopes de Eſtunhega. E partio ElRey

de Coimbra, & veose a Santarem, & dalli encaminharão com ella pera Castella, pera a porem no Mosteiro Torredesilhas. E hindo ella pello caminho escreueo muy escusamente suas cartas a Martim Annes de Barbuda, & a Gonçaleannes de Castro da Vide, que lhe rogaua ãficadamente recontando muytas rezoens, porque o deuiam de tazer, que se fizessem prestes pera a tomar no caminho a aquelles, q̃ a daquella guisa leuauao. E foy tal sua vẽtura, que as cartas se deram tam tarde, que elles nam houueram nenhum espaço pera poerem em obra seu rogo, & alli foy leuada pera Castella a aquelle Mosteiro. Maria Perez foy metida a tormẽto pera cõfessar onde a Rainha posera algũ thesouro de ouro, ou de prata, & outras joyas, & dizem que em Santarem confessou que estauão muytas cousas, em casa de hum boom do lugar de que a Rainha muyto fiaua, & q̃ houue ElRey grã parte dellas.

CAP 86. *Do recado, que os de Alanquer enuiaram ao Mestre, & da reposta, que sobre ello deu.*

OS moradores de Alanquer quando souberam, que a Rainha era presa em Coimbra, & o geito, que ElRey com ella tiuera, acordaram todos juntamente, que era bem de terem com o Mestre, & isto com seu resguardo, & certas condiçoens. Enuiaram a Lisboa seu recado por Vasco Martinz de Altro, & Aluoro Fernandez do Rego, os quaes chegarão ao Mestre, & ditas suas encomendas, preposerão por esta guisa. *Senhor, aquelles homens boons de Alanquer, & nós com elles, consirando como somos Portugueses, & todos naturaes destes Reynos, & como da rezam somos teudos de amar prol, & honra delles, mayormente contra aquellas pessoas, que sem rezão, & contra direito lhe querem fazer dano, & mouer guerra, assi como ora faz ElRey de Castella, & aquelles, que ajudam seu bãdo, que rendoos meter em dura, & graue sogeição contra rezam, & direito, acordamos por vós em vosso nome, com esta condiçam, que sendo a Rainha Dona Lianor solta, que ora he presa em poder DelRey de Castella, & posta em seu liure poder de guisa, que esse Rey, nem outra pessoa, nam a possão reter, nẽ fazer outro desaguisado contra sua vontade,*

*estor-*

*eſtonces vós lhe confirmeis, & hajaes por firme a doação daquelle lugar, pela guiſa, que lha voſſo Irmaõ ElRey Dom Fernãdo fez: & que as rendas, & direitos, que vós em tanto houuerdes do lugar, que lhas mandeis depois entregar onde voſſa merce for, & q̃ confirmeis aos dessa Villa ſeus bons vſos, & foros, que antiguamente ſempre houueraõ.* Reſpondeo eſtonces o Meſtre, & diſſe. *Que eſguardando elle ſeus boons deſejos, que hauiaõ pera honra, & defenſaõ ao Reyno, deshi como elle tinha a Rainha em lugar de madre pera a honrar, fazer por ſua honra todo aquello, que elle bẽ podeſſe, quando ella feſſe tal,* diſſe elle, *que quizeſſe olhar por honra, & defenſam deſtes Reynos, o que cremos que daqui em diante ſarâ vendo as maneiras, que contra ella cuue ElRey de Caſtella, & como a trata mal, praz-nos outorgar o que vos, & elles pedis, com tanto que elles tomem logo noſſa voz, & ſe ponham por toda a honra, e defenſam deſtes Reynos, & nos reſpondam com as rendas deſſe lugar: E ſendo a Rainha em ſeu liure poder, que haja eſſa Villa, como a dantes hauia, aſsi lha outorgamos, & confirmamos. Com condiçam que ao tempo, que o dito lugar for entregue por noſſo mandado, ella prometa, & jure que ſe ja em toda a honra, prol, & defenſam deſtes Reynos aſsi contra ElRey de Caſtella, como contra quaeſquer outras peſſoas, q̃ contra elle ſejão. E nam o fazendo ella aſſim, aconſelhando ella o contrairo de direito, ou defeito, que a doaçaõ; q̃ lhe fizermos, ſeja nenhũa, e q̃ elles ſejaõ teudos de ſe leuãtar cõtra ella, & fazer guerra, & paz por nós. E alem de ſeus boons vſos & foros, que lhe confirmamos, lhe entendemos de conhecer, em grandes graças, & muytas merces.* E entam lhe deu o Meſtre ſuas cartas de todo eſto. E com tal repoſta ſe tornarão os moradores do lugar, & ficaram por ſeus.

## CAP. 87. *Como ElRey partio de Santarem; & do conſelho, q̃ houue ſe cercaria Lisboa.*

EL REY de Caſtella, entendendo que auia miſter muytas companhas das q̃ conſigo tinha, ſegundo ſe as couſas guiſauam nam como elle cuidaua, hauia ante deſto mandado ao Marquez

de Vilhena, ao Arcebiſpo de Toledo, & a Pero Gonçalues de Mẽdonça, os quaes leixára em Torgillos acerca de Toledo, por eſta rezão, a que lhe enuiaſſem atê mil lãças bem corregidas, & foſſem preſtes, & enuiados a ElRey aſſi como elle mandou. E ElRey partio de Santarem com todolas gentes, que elle hi tinha, aos dez dias do mes de Março, leuando conſigo a Rainha ſua molher, & leixou no Caſtello Lopo Fernandes de Padilha, & na outra fortaleza, que chamão Alcaçoua, outro caualeiro, que diziaõ Fernam Carrilho, & com elles aſſaz de gentes, pera guardar tudo, & veoſe a Alanquer, onde Vaſco Pirez de Camoens o ſahio a receber, & lhe deu o logar fazendo he por elle menagem, & deſta guiſa fez Fernaõ Gonçalues Teixeira, que era Anadel mór em tempo DelRey Dom Fernando, por o Caſtello de Obidos contra vontade dos moradores delle. E veyo ElRey pouzar a hũa Aldea termo deſſa Villa, que chamam o Bombarral, & eſteue alli huns quatro dias, & dahi partio, & foyſe a Arruda, & alguns do logar meteramſe com medo em humalapa, cuidando de ſe defender, ou eſcapar alli, & ſouberaono os Caſtelhanos, & pozeraõlhe fogo, & queimarão ahi bẽ corẽta peſſoas. Os Repoſteiros q̃ vinhaõ diante pera correger a camara, onde ElRey hauia de pouſar, quando entraraõ dentro em ella, acharão dous homẽs, q̃ jazião eſcondidos, & tinhão ſuas eſpadas, & pulhaes nas cintas, e filhárão nos preſos até q̃ ElRey de Caſtella veio, & quando lhos apreſẽtarão, & ſoube da guiſa como forão achados, diſſe contra os q̃ erão preſentes. *Por certo nã podè ſer, ainda que eſtes digão, q̃ ſe eſconderaõ aqui com medo, ſaluo vinhão com mandado do Meſtre, pera deſpois q̃ eu jouueſſe dormindo me hauerem de matar.* E mandou, que os enforcaſſem, & em eſto houue ElRey ſeu conſelho, ſe cercaria a Cidade de Lisboa, ou ſe andaria fazendo guerra, pois tam pubrica era antre os Portugueſes com os Caſtelãos. E huns lhe aconſelharam dizẽdo, q̃ não era bẽ cercar a Cidade, por quãto algũas das gẽtes começarão já de morrer de peſte lẽça, & q̃ muyto mais dano faria em elles, ſendo todos jũtos, q̃ eſpalhados pela terra, & quãto milhor ſeria, pois q̃ grão parte do Reyno lhe rebellaua, & era contra elle, de o andar apoderãdo, fazẽdo eſcarmẽto nos q̃ obedecer lhe não queriaõ, e por eſtõce cer

car

co àCidade,mayormẽte q̃ ainda q̃ elle ſeu arrayal puzeſſe ſobre Lisboa,ella naõ ſeria porẽ cerca da,pois o mar era deſembargado & ſua frota naõ era ainda vinda pera lhe embargar a ſeruidaõ della. Alem deſto,que elle naõ trazia engenhos,nem outros artificios pera lhe nojo fazer, & que os tiueſſe,que lhe preſtauaõ muy pouco, ſegundo as muytas gentes, que dentro jaziaõ. E que porem melhor era naõ porem cerco ſobre ella. Outros de todo erão contra eſte conſelho,dizendo que tanto que a ſua frota vieſſe, que logo em ponto cercaſſe a Cidade, por quanto Lisboa era o melhor lugar de todos, & cabeça principal do Reyno, que de tal guiſa tinha ella de olho quantos lugares ahi hauia, que ganhada Lisboa, todo Portugal era ganhado. De mais,que com o Meſtre eſtauão muytos dos que contra elle tinhaõ ſua voz com ſuas gentes, & deshi os moradores da Cidade,& outros,que ſe acolheraõ a ella dahi derrador do termo, & que naõ podia ſer, q̃ as viádas lhe naõ faleceſſẽ por tempo,pela qual rezaõ nam haueria poder de lha defender longamente, & era per força cobrada todauia mao ſeu grado. A ElRey pareceraõ eſtas rezoẽs boas crendo eſte conſelho, que lhe depois foy danoſo. Determinou como a frota chegaſſe logo neſſe dia a foſſe cercar, & que em tanto muyto melhor, & mais à ſua võtade eſtauão pelas Aldeas, & Comarca derrador, onde leixemos a ElRey daſoſſego com todas ſuas gentes,até que venha ſua frota, ſem tendo por hora mais que cõtar delle: E vejamos que fez eſte tempo o Meſtre com os da Cidade,por percebimento de ſua defenſam,hauendo lugar pera ello deſembargadamente, por eſpaço de ſincoenta dias,

## CAP. 88. *Como o Meſtre ordenou por Fronteiro dantre Tejo, & Odiana Nuno Aluarez Pereira.*

EM meyo deſte tempo, que diſſemos, paſſando as couſas, q̃ haueis ouuido,vinhão ao Meſtre muitos recados a Lisboa,onde eſtaua em como Villas,& Caſtellos dãtre Tejo,& Odiana tomauão ſua voz, & como filhauão per força os moradores dos lugares àquelles,q̃ as tinhaõ por ElRey de Caſtella, cõ os quaes o Meſtre, e todolos,q̃ cõ elle eraõ, tomauão

muyto grande prazer. E vindo lhe aſſi eſtas boas nouas, chegou lhe hum nouo recado, que os Pouos eram em grande, & cuidado ſo penſamento, dizendo alguns Conceilhos daquella Comarca, que por quanto elles hauião tomado ſua voz, de que El Rey de Caſtella hauia grande deſpeito, que mandaua a Fernaõ Sanches de Toar ſeu Almirante mòr, que deſpois que armaſſe a frota pera vir ſobre Lisboa, que armaſſe ſuas gentes, & ſe vieſſe por terra a Alcantara, onde o Meſtre eſtaua, & que elle, & Dom Affonſo de Guzmaõ Conde de Niebra & Dom Pedraluarez Prior do Eſprital, & outros ſenhores com ſuas companhas, que vieſſem cõ bater aquelles lugares, que tinhã ſua voz, & deſtruiſſem toda aquella terra, & que ſe foſſem pera elle, pera o cerco de Lisboa. E que jouueram ſobre Portalegre ſinco dias, & cortaraõ vinhas & oliuaes, & fizerão outro muyto dano, & aſſi o fazião por onde quer que chegauaõ. E que aſſi lhe pedia por merce, que mandaſſe algum Capitaõ, a que ſe todos ajũtaſſem, pera auer de poer os inigos fora da quella terra. O Meſtre contou eſtas couſas a algũs, de q̃ fiaua, & falando no Conde D. Aluaro Pirez de Caſtro ſe era bẽ de ſer là enuiado; punhã duuida em elle, por ſer parẽte da Rainha, & deshi por outras couſas, q̃ em ſeu lugar tocamos. Iſſo meſmo falando em outros, tambẽ lhe achauão certas duuidas, em guiſa, q̃ o Meſtre veio a dizer q̃ nenhũ auia pera ello mais pertencẽte, né q̃ o Conde, ſe o fizeſſe, q̃ Nuno Aluarez Pereira, prazendolhe de tal carrego tomar. O Doutor Iohão das Regras era muyto contra iſto, dizendo que pera tamanho encarrego cõpria de mandar hum homem de madura authoridade, & muyto auizado, & ſabedor de guerra. De mais, q̃ Nuno Aluarez trazia ſeus irmãos com os inimigos, & outras rezoens, que aſſinaua pera naõ ſer elle oque ouueſſe de hir. O Meſtre naõ curou dos q̃ o contradeziaõ, & falou iſſo com Nuno Aluarez, & encomendoulhe tal negocio cõ todolas boas rezoẽs de esforço, & encomenda, q̃ ſe em tal feito cõpria dizer. E elle ſem nenhũa cobiça de honra, nẽ de ganho, mas ſómẽte por ſeruiço de ſeu ſenhor, & deffẽſaõ da terra, donde era naturál, recebeo ſua encomenda, & mandado, como aquelle, q̃ cõ limpa võtade tinha deſejo em toda couſa, q̃ lhe á mãovieſſe, de o ſeruir. Entã foy ſabido a todos como Nuno

Aluarez

Aluarez hauia de hir por Frõteiro dantre Tejo, & Odiana, & elle trabalhouſe de leuar conſigo atè corenta eſcudeiros boõs dos boons, que na Cidade hauia por ſe gurança do Meſtre, como algũs eſcreuem, mas porque compriſſe ſeu talante, que foy de hauer em ſua companhia homens, que o foſſem por nome, & obra, dos quaes diremos aqui alguns por verdes quem forão, & ficarẽ em relembrança. ſ. Vaſco Leitão filho de Eſteuão Leitão, neto do Meſtre de Chriſtus, Dõ Eſteuam Gomes, Iohão Vaſques de Almada, Pedro Annes Lobato, Ruy Crauo, Affonſo Pirez da Charneca, Antão Vaſques, Iohão Aluarez, Micẽ Manoel, Aluoro do Rego, Iohão Lobato: Eſteueannes Berbereta, Lopo Affonſo Dagoa, Lourenço Affonſo ſeu irmão, Lourenço Martins Pratas, Diogo Duraens, Diogo Domingues de Sanctarem. Eſtes, & outros boons eſcudeiros aſſi de Euora, como de Beja, que em eſta ſezam eſtauão em Lisboa, que ſe pera o Meſtre vierão, porque os lança uão fora dos lugares os pouos miudos poendo em elles duuida, foraõ em cõpanha de Nuno Aluarez quando partio.

(?)

CAP 89. *Da bandeira, que Nuno Aluarez mandou fazer, & do poder, que lhe o Meſtre deu.*

TOMANDO Nuno Aluarez eſte carrego, que diſſemos, & vendo como nã ſómente nas grandes couſas, mas nas muy piquenas deuemos ſempre demandar ajuda daquelle ſenhor, ſẽ o qual nenhũa couſa não pode hauer bom começo, nem fim, propoz em ſua alma hauer Deos por guiador principal de ſeus feitos, & ordenar os outros mundanaes, quanto ſua humanal fraqueza, acerca de cada hum, bem podeſſe encaminhar. E porque hu ſam os mores perigos, alli conuem mais deuota relembrãça daquelle ſenhor, cujo adjutorio homem eſpera, mandou Nuno Aluarez fazer hũa bandeira, a qual hauia o campo branco, & huma cruz grãde vermelha por meyo: & no quarto primeiro da cerca da haſte pintada a Imagẽ de noſſo Saluador Ieſu Chriſto crucificado, & ſua Madre, & S. Iohão a cerca delle: & no outro ſeguinte da ponta da bandeira, eſtaua a Imagẽ da preciosa Virgem com ſeu filho bento no collo: & nos dous quartos do fũdo: no primei

ro junto com a haſte S. Iorge armado em giolhos com as mãos juntas pera ſima:& no outro Sãctiago deſta meſma guiſa,tendo cada hum ſeu bacinete ante ſim por tal,que ao tender da bandeira nos lugares onde cõpriſſe,vendo a figura do Saluador, & de ſua precioſa Madre,mais deuotamente acendeſe ſeu coração pera os chamar em ſua ajuda. E eram poſtos nos cantos das bandeiras quatro eſcudos pequenos das armas de ſua linhagem , que he huma cruz branca em campo vermelho aberta por ametade.O meſtre deu cartas a Nunal uarez pera todolos lugares , que tinhão ſua voz, fazendolhe a ſaber, como o mandaua áquella Comarca por Fronteiro,& defenſor della, & quaeſquer couſas, q̃ lhe elle requereſe por ſeu ſeruço, & defenſam do Reyno, que foſſem preſtes pera comprir ſeu mádado, como ſe elle meſmo foſſe preſẽte. E pera q̃ os coraçoẽs, aſſi dos que com elle hião, como dos que vieſſem pera elle,foſſem mais aceſos no que lhe foſſe encomendado, porque a eſperança do trigoſo galardão,os grãdes trabalhos faz parecer pequenos: pedio Nunoaluarez por merce, que lhe deſſe poder, que elle podeſſe dar os bens de quaeſquer peſſoas, que ſua voz nam tiueſſem: & dados por elle primeiro, que pello Meſtre, q̃ ſua dada foſſe valioſa, & podeſſe dar dinheiros de graça, & fazer quaeſquer outras merces, & acrecentamentos, como cada hum merecedor foſſe.O Meſtre não ſómente em eſto, mas nas menajens dos caſtellos, & juſtiça, & todalas outras couſas, lhe outorgou ſeu poder, & foylhe logo pagado hum mes. Nuno Aluarez ſe tez preſtes pera partir.

CAP 90. *Das rezoens, que o Meſtre diſſe a Nuno Aluarez, & como ſe eſpedio delle.*

GRANDE liança de amor, & bẽquerença ſe gérou entre Nuno Aluarez, & o Meſtre, deſque veyo pera elle , & começou de o ſeruir,& eſto foy, ſegundo algũs eſcreuẽ,porque erão ambos de caualeiroſos coraçoens,& acompanhados de virtuoſos coſtumes E porque não ha hi couſa,que entre os homẽs gère mayor amor, que concordança nos boons deſejos, não pode o Meſtre com ſua vontade, que ſe eſpediſſe delle em Lisboa;quando Nuno Aluarez partio da Cidade, mas como

mo paſſou pera Almada,& ſe foi a Coina,que ſaõ dalli tres legoas & chegou hi o Meſtre em huma galè, & comeo eſſe dia com Nuno Aluarez, & deſpois que houuerão comido ſahioſe o Meſtre a hum eſpaçoſo rocio, & Nuno Aluarez com elle, com todolos que conſigo leuaua, & ſendo alli juntos, falou o Meſtre a Nuno Aluarez de guiſa,q̃ ouuiraõ muitos, & diſſe em eſta guiſa. *Nuno Aluarez, vôs ſabeis bem os recados, que a mim vierão dentre Tejo. & Odiana daquelles ſenhores, & gente de Caſtella, que entrarão por aquella parte por danar aquella Comarca, & como os Lugares,que por mim tem voz,me enuiarão pedir por merce, que lhe enuiaſſe algum Capitaõ,com que ſe ouueſſem de ajuntar, por lhe embargar de fazer mais dano daquello, que começado tem, & eu por vos amar, & confiar de vòs por ſerdes bom, & pera ello pertencente, vos eſcolhi antre os outros todos por vos enuiar a aquella Comarca, & deiuos por companheiros eſta boa gente, que aqui eſtâ, que ſam verdadeiros Portugueſes & parte delles da minha criação, os quaes eu creo que vos ſeguirão, & ajudaraõ lealmente, em toda couſa de meu ſeruiço, & de voſſa honra,em que ſe aſſentar de poerdes mão, & eu aſsi lho rogo, & mando que ofação, & que vos ſejão obedientes,& bem mandados, em toda a couſa,que lhe vós diſſerdes, como ſeria a mim meſmo, & eu terlhoey em grande ſeruiço, & lhe farey por ello grandes merces.* E elles reſponderão todos ledamente, *que lhes prazia muyto de ofazer, & que aſsi ocompririam de boa vontade.* E entam tornou o Meſtre contra Nuno Aluarez dizendo. *Que lhe encomendaua a quella gente, que conſigo leuaua, & que lhe rogaua que os trataſſe bem, & lhes deſſe de ſy bom gazalhado, como era certo, que elle faria, & fazendoo aſsi lhe faria grande prazer,& lho teria em ſeruiço.* E Nuno Aluarez diſſe: *que lhe prazia muyto,& que aſsi ofaria com bom deſejo.* E entam beijou a mão ao Meſtre,& todolos outros,que com elle erão;& partioſe o Meſtre pera Lisboa,& Nuno Aluarez com todolos ſeus pera Setuuel.

CAP. 91. *De hũa ſacaria, que Nuno Aluarez fez pera prouar os ſeus de que eſforço eraõ.*

CHEGOV Nuno Aluarez aquelle dia a Setuuel com entenção de poſar, & dormir

dormir na Villa, & os moradores do lugar, porque inda estauão sem determinança de cuja parte terião, não o quizerão receber na Villa, nem sómentes consentir que entrasse dentro,& elle vendo suas entençoẽs,& seu não bom acolhimento,tornouse a dormir ao arrabalde, & assi se alojou com as gentes, que leuaua.Ora vede quanto he de louuar Nuno Aluarez em grandeza de engenho, & auizamento de sua noua guerra. Certamente elle deue ser dado como por exemplo aos grandes, & virtuosos homens, nem nos não podemos contar louuor dalgum notauel barão, em que elle notauelmente não haja parte. Porque vendo elle como leuaua algũa parte da gente noua, taes que ainda não foraõ em alguns perigos, & doutros não sabia suas vontades quaes erão, cuidou de prouar seu ardimẽto qual seria,quãdo se encõtrasse com seus inimigos. E por quanto muytas gentes DelRey de Castella estauão estonces em Santarem,disse Nuno Aluarez, que lhe parecia rezam, por nam virẽ algũs delles pela ribeira do Tejo afũdo, de q̃ elle parte naõ soubesse, & receber delles dano, q̃ queria mandar poer denoite suas guardas, & escuitas hũa legoa dalli cõtra oCastello de Palmella,das quaes guardas,e escuitas deu encargo de as requerer, & poer a hũ escudeiro, q̃ chamauão Lourẽço Fernãdes de Beja, & falou com elle em segredo, q̃ denoite tornasse muy ápressa dizendo, que gentes de Castellaõs vinhão a elle, & Lourenço Fernandes foy poer suas guardas,& escuitas: & jazendo Nuno Aluarez denoite dormindo em sua pousada, chegou Lourenço Fernandes muy de rijo dizendo a Nuno Aluarez,que se apercebesse á pressa, que fosse certo, que Pero Xarmẽto vinha a elle com trezentas lanças, afirmando que elle vira os fogos no lugar,onde jaziam alojados. Nuno Aluarez mostrou, que de taes nouas era muyto ledo, mandou logo dar á trombeta, & as suas gentes foraõ logo juntas com elle, & armados todos, & prestes. Começando de amanhecer Nuno Aluarez partio com suas gentes,& tanto que sahio do arrabalde, poz todos em batalha por ordenança, como deuia. E assi forão regidos por terra bem acerca de huma legoa contra onde Lourenço Fernandes dezia, que vira os fogos. E sendo já alto dia,disse que aquelles fogos, que elle vira, erão de Almocreues, que jazião

ziaõ em hum grande valle em ſua ameijoada, & começarão de ſe tornar. Nuno Aluarez oulhou em elles, & vio os todos conſigo ſem falecer nenhum, moſtrando ardida vontade pera qualquer couſa, que lhes auiera, & folgou muyto com elles, quando lhe vio tal deſejo.

CAP. 92. *De que guiſa Nuno Aluarez eſcolheo dos ſeus os que tomou pera ſeu conſelho.*



Seguinte dia depois deſto, chamou Nuno Aluarez graõ parte dos que conſigo leuaua, dizẽdo que queria falar com elles algũas coulas, que erão ſeu proueito delles & proueito delle, & ſeruiço de ſeu ſenhor o Meſtre, & começou dizer aſſi: *Amigos, eu vos direy, o que tenho penſado ſobre noſſo feito, a nos conuem de boa rezão auermos por vezes recado do Meſtre, & elle tambẽ de nos: iſſo meſmo, que hajamos a meude nouas de noſſos imigos, por nos deſuiarmos de ſeu dano delles, & lhes empecermos mais a noſſo ſaluo, que podermos: & ſobre taes couſas como eſta, conuem de auermos noſſo conſelho, pera determinarmos cada hum o q̃ entendermos por mais ſeruiço de noſſo ſenhor o Meſtre, & deſhi por amor de nos outros todos. E porque fazendoſe eſte conſelho, preſente quantos aqui ſomos ſeria couſa muy deuaſſa, logo ſabida pelos defora, que pouco compre aos boons guerreiros: porem me parece, que he bem, que quando taes couſas, ou outras ſemelhantes vierem, onde comprir voſſo conſelho: que eu fale com alguns de vos outros crendo que elles tenhaõ auantagem para ſeguir ſeu acordo, logo aquelles, que ſaõ ſeus iguaes ſe terião por deſcontentes, & ſe pre ſerião anojados, tendo que cõ deſprezimento os nam fizeram do conſelho, nam os auendo por tam boons. E porem me parece que os de Lisboa eſcolham antreſy quaes lhe aprouguer, com quẽ fale meus ſegredos, & aſsi meſmo os de Eluora, & de Beja, & doutros lugares ſe os hi ouuer, & deſta guiſa auerey meu conſelho com elles, como compre, & elles vos podem deſpois rezoar o que for pera deſcobrir, & requereruos quaeſquer couſas, que a cada hum de vos outros pertença. Outroſy porque nos temos juſta querela, & rezam pera defender noſſa terra, crendo q̃ Deos he juſto juiz, cheguemos a elle, que nos ajude, & ſe aſsi fizermos, tendo firme eſperança em Deos, poucos de nos venceram muytos.*

*muytos. Alem deſto vos encomendo, que voſſa ajuda, & acorro ſeja de tal guiſa feita aos noſſos naturaes, que andando nós pela terra, pela defender, elles nam ſintão doutra de nos tal dano, como recebem de ſus inimigos. Doutra guiſa a mim conuirà tornar a ello, fazendouos algum deſprazer, o que eu nam queria, por couſa que foſſe.* Reſponderaõ elles eſtonce, dizendo, que lhes prazia muyto de o fazer daquella guiſa, & que elle o cuidara tambem, que melhor ſer naõ podia. E que naquello, & em todolas outras coutas, lhe entendiaõ de comprir vontade, quanto ſeu poder abrangeſſe, Eſcolheraõ então os de Liſboa antreſy pera ſerem do Concelho, Iohão Vazquez de Almada, & Affonſo Pirez da Charneca, & Vaſco Leitam, & Pedroanes Lobato. Os de Euora, Diogo Lopes Lobo, & Iohão Fernandes da Arca, & Lopo Rodrigues Peſſanha, & aſſi outros, & começaram de lhe chamar ſenhor.

CAP 93. *Como Nuno Aluarez mandou chamar algũas gẽtes, & das rezoẽs, q̃ propoz a todos.*

NVNO Aluarez, ante que dalli partiſſe ordenou logo officiaes, & fez hum ſeu Eſcudeiro que chamauão Affonſo Gil, Alferez de ſua bandeira, & fez Meirinho, & Ouuidor, & cadea, & Theſoureiro pera receber do Theſouro do Meſtre. E ordenou Capella, & Prégador, & ouuia duas miſſas cada dia, q̃ nenhum Rey, nem ſenhor até alli tinha em coſtume. Dalli partio Nuno Aluarez com ſuas gentes, & ſe foy caminho de Montemôr o nouo. E porque os homens boons do lugar nam eram inda bem firmes no ſeruiço do Meſtre, folgou ahi hum dia, & falou com elles, dizendolhes muytas rezoens boas por parte do Meſtre, de guiſa q̃ foraõ muy contentes, & firmes de em todo manter ſua voz. E em outro dia partio Nuno Aluarez de Montemòr, & foy á Cidade de Euora, onde foy bem recebido, & lhe fizeram muyta hõra & falou com os da Cidade aquello, que cõpria por ſua guarda, & defenſaõ do Reyno, da qual couſa foraõ todos muy cõtentes. E elle era de gracioſas palauras, & de boom conhecimento, & todos ſe contentauam de lhe obedecer, como ſe de longo tempo o houueſſem por ſenhor. E dalli eſcreueo logo a todolos lugares da Comarca, que ſe vieſſem pera elle cada hum preſtes com

com ſuas armas, como lhe compria, nam lhe declarando porem couſa, que fazer quizeſſe, & não embargando, q̃ lhe eſcreueo do Meſtre ſeu ſenhor, nam lhe vieraõ, ſenaõ trinta lanças, & cõ duzentas, que leuaua, eram duzentas & trinta, & antre piaens, & béſteiros ajuntaria até mil. E cõ eſtas gentes partio logo de Euora, & ſe foy a Eſtremoz, & alli houue nouas certas, que aquelles ſenhores de Caſtella, & gentes, que conſigo traziam, eram todos na Villa do Cratto, q̃ eſtaua por Caſtella, & vinham cercar Fronteira, & que eram muytos, & bem corregidos. Nuno Aluarez, como tal rezoado houue, porque pouzaua no arrabalde, & tinha pouca gente, mandou o logar apalancar todo pera ſer empacho, & poderem vir ſe algumas gentes a elle denoite vieſſem, & aſſi eſtaua em Eſtremoz aguardando as gentes, que mandára chamar, que lhe nam vinham, eſpecialmente as de Eluas, & de Beja; a que mais vezes eſcreuera, que a outras, però cõ ſuas afficadas cartas ouueram ſe de vir pera elle; E como todos foraõ jũtos fez o alardo no rocio. Era pouca gente darmas, & naõ bem armados, que nam ſeriam mais de caualo, que huns trezentos, & antre elles cento & oiteta de bacinete, & poucos mais de mil homens de pè, & atàa cẽ bèſteiros, & a eſtes falou Nuno Aluarez juntamente em eſta guiſa. *Amigos, creo que já ſabeis todos como o Meſtre meu ſenhor, & voſſo, me mandou a eſta terra pera com ajuda de Deos, & voſſa, a defendermos de algum mal, & dano, ſe lho os Caſtelhanos quizeſſem fazer, de guiſa que lhe demos todos della bom conto. E porque eu hey por noua certa, que o Priol do Eſprital meu irmaõ, & o Meſtre de Alcantara, & Iohaõ Rodriguez de Caſtanheda, & outros ſenhores, com ſoma de gente, eſtaõ jà no Cratto, que he daqui muyto acerca, & ſam preſtes pera entrar em eſta terra de meu ſenhor o Meſtre, por fazer todo o mal, & dano, que poderem, minha võtade he, com ajuda de Deos, & companha de vos outros, de os hir buſcar, anteque entrem, & pelejar com elles, & eſpero na mercè de Deos, que nos dará delles tam bom vencimento, porque ſempre ficará de vôs hõrada fama, & boa nomeada, & mais faremos ao Meſtre meu ſenhor grande, & eſtremado ſeruiço, & a nôs gram bem em defender noſſa terra, & bens, o que dreitamente ſois teudos de fazer.* Acabadas eſtas, & outras

muy-

muytas rezoens, que Nuno Aluarez diſſe, por lhe fazer vontade; & esforço, reſponderão todos a hũa voz, dizendo que couſa era muyto pezada, & não pera reſponder ſupitamente, mas que lhe deſſe eſpaço pera cuidar em ello, & falarem antreſim. Nuno Aluarez foy' deſto muy pouco ledo, vendo a tençam porque o dezião, & peró q̃ logo quizera a reſpoſta, conueo entonce que ſe foſſe, porque nam podia mais fazer.

CAP 94. *Darepoſta, que a Nuno Aluarez foy dada, como todos outorgâram de ſer com elle na batalha.*



TALARAM os melhores com eſtes, q̃ com elles vinhão, iſſo meſmo huns com outros, grandes, & deſuayradas rezoens, & no ſeguinte dia, hauendo todos ſeu acordo foy a repoſta dada em eſta guiſa. *Nuno Aluarez ſenhor, nós entẽdemos bem todo o q̃ nos honte foy por vòs propoſto, & achamos, que he couſa muy duuidoſa de nos hirmos em voſſa companhia pelejar com aquellas gentes, por duas primeiras rezoens. A primeira he virem grandes ſenhores por Capitaens, com muytas, & boas gentes, ca ahi dizem que vẽ Dom Iohão Affonſo de Guzmão Conde de Niebra, & Dom Diogo Martinz Meſtre de Alcantara, & Iohão Rodriguez de Caſtanheda, & Garcia Gonçalues de Grijalua, & Aluaro Pirez de Guzmaõ, & Pero Ponce de Marchena, & Iohaõ Gonçalues de Carrenço, & o Craueiro, & Garcia Fernandez de Villa Garcia, & Martim Eannes de Barauda, & ainda dizem que vem hum Fernão Sanches de Toar Almirante mór de Caſtella, & outros grandes ſenhores, a que nam ſabemos os nomes, & que trazem conſigo mil lanças, & muyto bem corregidas, & muytos ginetes, & bẽſteiros, & gram ſoma de homẽs de pe. E ſegundo as poucas gentes, que nos ſomos, tal peleja como eſta ſerá muy deſigual.* Diſſe eſtonces Aluoro do Rego hum bom eſcudeiro, que andaua com Nuno Aluarez. *Certo, ſenhor, que de muytas gentes, & boas, que o ſam elles, porque eu conheço os mais dos Capitaens, que aqui vem, & mais vos digo ainda, que, leixada a outra gente, que alli vem mais de boons, que nos aqui ſomos de comunaes.* A iſto reſpondeo Pedro Eanes Lobato outro eſcudeiro, que andaua com Nuno Aluarez

& diſſe.

& disse. *Quanta de mim vos digo, senhor, que taes os queria pera pelejar, grandes senhores, & bem delicados, anteque escudeiros esfaimados; & homens de trabalho, que me deßem que fazer todauia, ca estes, que vem banhados de agoa rosada, & de flor de laranja, nam se ham de ter muyto, que os logo nam vençaes. A outra rezam disseram elles, porque muytos duuidauam assi he, porque vem ahi Pedraluarez Priol do Cratto voßo Irmaõ, & duuidauam muyto, & o ham por estranho, que vòs pelejeis com voßos Irmãos, ante dizem, que he cousa, em que muy azinha poderam receber cajam, & serem enganados, & todos mortos, & perdidos, & as Villas, donde sam, cobradas dos Castellãos. Em concruſam que serâ pouco seruiço de Deos, & do Mestre, & porem em concruſaõ vos respondem todos, que noßa tençam he de nam birmos comvoßco a tal obra.* Nuno Aluarez quando ouuio tal reposta, foy muy anojado em sua vontade, peró sem sanha, & graciosamente respondeo estonce, & disse. *Amigos, eu nam sey mais que diga do que vos já tenho dito, peró ainda vos quero responder a isso, que me disseſtes. Quanto he o que dizeis: que os Castellãos sam muytos, & vem grandes Capitães, & senhores com elles, tanto vos serà mayor honra, & louuor de serem por vós vencidos; ca jà muytas vezes aconteceo os poucos vencerem muytos, porq̃ todo o vencimento he em Deos, & nam nos homens. Na outra cousa, em que duuidaes, segundo parece, que he a vinda de meus Irmãos em sua companhia, a isso nam temais por nenhuma guisa, nem Deos quizesse tal, que nenhum por mim fosse enganado, ca eu não os hey por meus Irmãos nesta parte, pois que vem por desuiar a terra, que os gérou. E nam digo contra meus Irmãos, mas em verdade vos juro, que ainda que ahi viesse meu Padre, eu seria contra elle, por seruiço do Mestre meu senhor. E pera vós verdes que he assim, se a vos praz de em esta obra sermos todos companheiros, eu vos juro, & prometo, que eu seja o dianteiro ante a minha bandeira, & o primeiro que comece a pelejar, & assi podeis ver a võtade, q̃ eu tenho contra meus Irmãos neste feito. Mas, não embargando voßa tençaõ ser todauia qual me disseſtes, aquelles, que se quizerem bir pera suas casas, & lugares, vaõse com Deos, ca eu, & esses poucos de boõs Portugueses, q̃ comigo vem*

*vem lhe entendo poer a praça.* E entam aquelles, que duuidauam quando lhe taes palauras ouuiram dizer, cobraram coraçam de o seguir, & acompanhar, dizendo todos a huma voz, q̃ queriam hir com elle. *Ora amigos,* disse elle, *eu vos rogo, que os que comigo quizerdes vir a esta batalha, que vos paseis da parte álem deste regato de agoa, & os que nam quizerdes destoutra parte.* E elles disserão, que todos passarião & como quer que o assi dissessẽ, alguns se remordião antresy mostrando, que mais o disserão cõ vergonha, que por vontade de o fazerem, especialmente Esteuenannes o moço, & Mendafonso de Beja, que se não poderão tanto ter, que não dissessem de praça que hião là em forte ponto, q̃ nunca de lá hauião de tornar. Nuno Aluarez fingio que os não ouuia, nem curou de seus ditos, tanto era ledo com areposta, que lhe todos derão, que querião todos hir com elle. E sendo assi ledo, & seguro, que todos hiriam em sua companhia, propoz logo em outro dia bem cedo partir pera a batalha. E jazendo dormindo em sua pousada, à meya noite, pouco mais, ou menos, chegou a elle Aluoro Coitado á pressa dizendo como Gil Fernandes, & Martim Gonçalues de Eluas tinhão já sellado, & estauam armados, que se querião hir pera Eluas, não querendo ser na batalha com elle. Nuno Aluarez como isso ouuio, alçouse á pressa, & foyse a elles, onde estauaõ já mandando correger, & disse. *Irmãos, amigos, & pera vos he de fazerdes tal obra? Leixardes tanta honra, como vos tendes prestes, & falecerdes do que prometido tendes, por vos tornardes pera vossas casas?* E contra Gil Fernãdes em especial disse. *E se quer vos, Gil Fernandes, que eu pensa ua, & penso que sois hum dos boons seruidores, que o Mestre meu senhor em esta terra tem? tal mingoa mostrais vos, & tal obra como esta?* dizendolhe, *que mais prezaua o seu corpo so, que quantos com elle vinhão.* E elles se escusaraõ com boas rezoens, & elle cõ outras milhores os mudou daquella vontade outorgando todauia q̃ seriam com elle naquella batalha.

## CAP 95. *Das rezoẽns, que Nuno Aluarez houue com Ruy Gonçaluez.*

COMO foy manhaam com outro tresspasso, mandou logo dar à trom-

trombeta, & partio com todos caminho de Fronteira, que era dalli quatro legoas, pera onde os Caſtellaõs hauião de vir E hindo pelo caminho, mandou diante algumas gentes, por hauer nouas dos imigos, onde eram. E em eſto não tardou muyto hum eſcudeiro Caſtellaõ, que chamauam Ruy Gonçaluez, que em outro tempo viuera com Nuno Aluarez em caſa de ſeu Padre; & então viuia com Dom Pedraluarez ſeu Irmão. Veyo muy rijo enſima de hum caualo caminho da Frõteira, & chegou a Nuno Aluarez que o recebeo muy bem, & lhe perguntou onde era ſeu Irmão, & os outros ſenhores de Caſtella? E elle lhe diſſe: que ficauão em Fronteira, que ſeria legoa & meya, donde elle achou Nuno Aluarez, o qual lhe perguntou; que fazia? E elle lhe diſſe, que tinha tenção de combater o lugar. E Nuno Aluarez lhe perguntou a que vinha? *E* que lhe diſſeſſe verdade ſe vinha por enculca, & por cujo mandado? E Ruy Gonçaluez diſſe. *Bem vedes vós ſenhor Nuno Aluarez, que em eſto, nem al eu não vos hey de dizer ſenão a verdade, que vos ſede certo que a voſſo Irmão, & aquelles ſenhores de Caſtella, fizeram entender, que vos apercebieis, & ereis preſtes pera os hirdes buſcar & lhes poer batalha, & diſſo ſe marauilharam, que muyto de muito lhe he graue de ter, & crer ter des vòs tam pouca gente, como elles ſabem, que vos tendes, trabalhardes vos de tal couſa, & falaram com voſſo Irmão que lhe parecia deſto? E elle reſpondeo que nam ſabia, peró que de certo certificaua, que ſe vós em eſte feito alguma couſa haueis começado, vos conhecia por tal, que a leuareis a diante, atè morrer. E os outros lhe diſſeram que prouueſſe de me mandar a vós por voſſa tençam. E álem deſto elle vos enuia dizer o que cometeis ca he couſa muyto douidoſa pera vos com tam pouca gente, como tendes hirdes pelejar com tantos, & tam grandes ſenhores, como alli eſtão. Ca vos faz certo, que alli eſtam taes Capitaens, & aſsi corregidos, que ainda que El Rey Dom Fernando foſſe viuo, elle teria que fazer de lhe poer a praça. Mayormente vos daguiſa, que eſtaes, que volo nam ha por cordice, porque ſe vos naquella batalha fordes, nam ha defenſam em vos, nem elle em tal obra vos poderá ſer boom, & que porem lhe pra-*

zeria, & aſsi volo manda aconſelhar, como a ſeu Irmão, que ceſſeis diſto, & eſcolhais de duas couſas huma. Que ou vos torneis pera ſeu ſenhor ElRey de Caſtella por o qual vos faz ſegurança, que vos fará muytas merces, & vos acrecentará de guiſa, que ſejaes bem contente: ou que eſteis em Eſtremoz, como eſtaueis, & os leixeis hir pela terra, como entendem fazer, & nam queiraes perder a vos meſmo, com as gentes, que conuoſco tendes. Nuno Aluarez ouuindo aquellas rezoens, reſpondeo ao eſcudeiro, & diſſe. *Ruy Gonçaluez, eu hey bem entendido as couſas, que diſſeſtes; em breue vos reſponderey; reſpondo aſsi: que vos digaes ao Priol meu Irmão, que eu em eſte feito nam quero ſeu conſelho, nem Deos nam queira que o haja de querer, do que me mandou dizer, & que aſsi o diga aos outros ſenhores, que eu da tençam que tenho tomada, nam me mudarey em nenhuma guiſa, ſenam, com ajuda de Deos, leuala a diante, mas que ſe apercebam pera a batalha, que eu com eſſes poucos de Portugueſes, que comigo tenho, lha entendo hir poer, & nam ſey hora couſa, que mais deſeje, que ſer jà nella, & antes de pequeno eſpaço ſerey com elle a Deos prazendo, & deſto nam douidem. E rogouos, Ruy Gonçaluez amigo, que tanto façais por meu amor, que vos vades com eſte recado o mais â preſſa que puderdes, atà matar o caualo, ca entendo que nom podereis hir tão azinha, que, com ajuda de Deos nam ſeja delle muy acerca.*

## CAP 96. *Como Nuno Aluarez poz batalha aos Caſtelhanos, & os venceo.*

PARTIO Ruy Gonçaluez, como lhe Nuno Aluarez encomendou, & foy muy à preſſa, quanto o caualo o podia leuar a trote & a galope, & chegou muy azinha a Fronteira, onde aquelles Capitaens com ſuas gentes eſtauão, & como chegou, falou ao Priol, & aos outros ſenhores, todo aquello, que a Nuno Aluarez diſſera, & o que lhe hauia reſpondido, & elles, como o ouuirão, ceſſarão logo da obra, que tinhão começada pera combater a Villa, & com grande aguça ſe perceberão pera hirem á batalha, & elles que começauão ſa hir do arrayal, onde pouzauaõ, caminho de Eſtremoz, pera onde Nuno Aluarez vinha. E Nu-

no Aluarez com ſuas gentes: era já Nuno Aluarez bem conuinha uel pera a batalha, onde chamauam os Atoleyros, huma meya legoa pouco mais, ou menos áquem de Fronteira; Como Nuno Aluarez foy em aquelle lugar, ſendo certo que os Caſtelhanos vinhaõ á batalha, fez logo decer por terra todos os homens darmas, & deſſa pouca gente, que tinha, concertou ſuas batalhas da vanguarda, & reguarda, & ala direita, & eſquerda, & fez concertar os beſteiros, & homens de pé pelas alas, onde entendeo, que melhor eſtariam pera bem pelejar, & receandoſe dos homens de pé, que lhe nam faleceſſem, por os Caſtelhanos, que eram muytos, poz alguns homens darmas com elles, dizendolhes que ſe elles viſſem que tornauam atraz, que os mataſſem. E iſto aſſi concertado, começou de andar pelas batalhas enſima de huma mula eſforçando as gentes com boas palauras, com geſto ledo, & vulto praziuel, dizendo a todos, *quatro couſas, que ſe lembraſſem dellas, & as firmaſſem em ſeus coraçoens. A primeira, que ſe encomendaſſem a Deos, & a Sancta Maria ſua Madre, q̃ os quizeſſe ajudar contra ſeus imigos, pois que tinham querella juſta. A ſegunda, como vinhaõ elles pera defender aſy, & a ſuas caſas, & bens, & ſe tirarem da ſogeiçam em que os El Rey de Caſtella queria poer contra rezaõ, & direito. A terceira, como eram alli por ſeruir ſeu ſenhor, & alcançar grã de honra, que a Deos prazeria de lhe dar muy cedo. A quarta, que firmaſſem em ſeu entendimento de ſofrer todo trabalho, & aporfiar na batalha nam huma hora, mas hum dia, ſe miſter fiſſe.* E eſtas foram ſuas palauras de eſforço, anteſque entraſſem á batalha, as quaes aſſi ditas, os Caſtelhanos erão já muyto acerca, & Nuno Aluarez ſe deceo logo da mula, em que andaua, & ſe poz na vanguarda com os primeiros ante a ſua bandeira, aſſi como prometera, & era iſto hũa quarta feira de tteũas no mes de Abril naõ tẽdo ainda comido nenhũa couſa, & fincou os giolhos em terra, & fez ſua oraçam á Imagem do Crucifixo, & da ſua preciоſa Madre, que trazia pintada na ſua bandeira; & iſſo meſmo todolos ſeus, os giolhos em terra cõ as mãos alçadas fizerão ſuas oraçoẽs, & muytos delles chorauão, & beijou a terra, & alçouſe

em pè, & poz ſeu bacinete ſẽ cara, e tomou a lãça nas maõs, quẽ le trazia o pagẽ, & diſſe cõtra os ſeus. *Amigos, nenhum douide de mim, todos aquelles, que me ajudardes, Deos ſeja aquelle, que vos ajude, & ſe eu aqui morrer por voſſas culpas, & mingoas, Deos ſeja aquelle, que vos demande minha morte.* Os Caſtelhanos traziam vontade de pelejar pè terra, & Nuno Aluarez aſſi o entendia, & quando virão os Portugueſes poſtos naquella guiſa, pera morrer, ou vencer, mudàram ſeu propoſito, & ordenaraõ de virem à batalha a caualo atrevendoſe que erão muytos, & bẽ caualgados, que logo os desbaratariaõ, como deſſem nelles, a qual couſa a todo homem rezoado parecia ſer aſſi, & começaraõ ſuas batalhas a caualo, & os ginetes apartaram com a carriagem em huma ladeira de hum paõ verde, acerca donde hauia de ſer a batalha. Entam moueram os Caſtelhanos com grande esforço as lanças ſobre os braços muy rijo de encontro dando grãdes vozes, & alaridos chamando: *Caſtilla, Sanctiago.* Nuno Aluarez, & os da ſua parte chamando: *Portugal, Saõ Iorge,* abaixando ſuas lanças cada hũ ao ſeu, & os caualos topando em ellas, alguns delles cahiram logo em terra com ſeus donos, & outros, antes que de todo chegaſſem a topar na batalha, eram feridos de virotoens, & dardos, que lançauão os homens de pè por ſima dos homens darmas, e os caualos aluoroçandoſe lançauaõ de ſy os que nelles vinhão, & com as feridas queriaõ dar volta, & tornando atraz, & topando em outros cahiaõ em terra. Semelhauelmente vinham os outros de refreſco, que eſtauam atraz pera iſſo preſtes, & aſſi lhe auinha como òs primeiros. E Nuno Aluarez com os ſeus ſobre elles matando de guiſa, que prouue a Deos de os Caſtelhanos ſerem desbaratados E poſto que a batalha foſſe pelejada de vontade, muy pouco eſpaço durou que ſe logo nam venceo, & foram mortos ao primeiro ajuntàr quarenta homens darmas, & depois outros até ſetenta & ſete, & dos Portugueſes nenhum morto, nem ferido. Antre os quaes foy hi morto o Meſtre de Alcantara, & Pero Gonçaluez de Seuilha, & Ruy Gõçaluez o Craueiro, & outros boons fidalgos, que naõ eram de tamanha conta, & foram feridos o Almirante & o Priol, & Garcia Gonçaluez de Grijalua. Mas neſte paſſo eſcre-

creuem alguns duas rezoens repunhantes à verdade. A hũa he, que por mà ordenança, que os Caſtelhanos em ſy poſeram, forão entam desbaratados. A ſegunda, que aquelles, que ficaraõ viuos, que ſe recolheram em hum; & que os Portugueſes os nam ouzaram mais cometer; a qual couſa por fauor, nem encobrir mingoa, nam ſe deuera aſſi de eſcreuer; que o Autor da hiſtoria nam deue ſer imigo, mas eſcriuam da verdade, a qual foy deſta guiſa. O Conde de Niebra, & o Priol do Crato, & o Almirante, & Martim Annes da Barbuda, que ſe chamaua Meſtre de Auiz, & outros Capitaes com muytos dos ſeus, depois que ſe foram fora da batalha nam quizeram tornar mais a ella, mas começarão de fugir hũs pera o Cratto, & outros pera Mõ forte, & pera outros lugares, que tinham voz por Caſtella, & hindo aſſi fugindo, diſſeram alguns ao Almirante dos que hiaõ com elle, que deſſe volta, & tornaſſe à peleja, que aſſaz eram de gentes pera elles. E elle reſpondeo aos que lho diziam, & diſſe. *Homem morto nam torba ſoldo, ande a bandeira, & váſe; que depois que homem he huma vez desbaratado, mal torna outra vez a talho.* E dizer que ordenaraõ mal ſua peleja, a verdade iſſo nam conſente, ca hi vinhaõ ſenhores & Capitaens, aſſi Portugueſes, como Caſtelhanos aſſi ſabedores da guerra, com tanta, & tam boa gente, que nam ſõmente pera Nuno Aluarez cõ aquelles poucos, que conſigo trazia, mas pera hum muy alto Principe, elles eraõ abaſtantes pera ordenar bem ſua batalha, & pelejar com elles, & com tal ardideza, & boa ordenança os cometeram. Mas ó muy Alto Senhor Deos, em cuja maõ he todo vencimento, & poderio de dar muytos nas máos dos poucos, prouue entam de dar victoria aos Portugueſes, os quaes vendo como os Caſtelhanos fugiaõ, foy logo Nuno Aluarez a cauallo com muy poucos dos ſeus, porque tam â preſſa nam podetam auer todos beſtas, & ſeguio o alcance huma grande legoa, atè que, por noite, foy forçado de ſe tornar dizendolhe alguns dos ſeus, que aquillo era tentar a Deos, nam ſe contẽtar da merce, que lhe Deos fizera, & ſeguir o alcanço taõ lõge, & Nuno Aluarez ſe foy pera onde foy a batalha, & muy tarde foy dormir a Frõteira, & em ſe tornãdo acerca do lugar chegou hũ eſcudeiro à

preſſa armado enſima de hum caualo, & meteoſe antre os Portugueſes. ſ. Iohão Vazquez de Almada,& Pedroeanes Lobato, & outros, & deſpois lhes falou. *Mantenhauos Deos, ſenhores.* E diſſe ſe ſeria ſeguro? *Sereis* diſſeraõ elles, *mas dizeilo já muytò tarde.* Entam lhe perguntaram, que homem era, & a que vinha? Elle diſſe, que era filho de Pero Gonçalues de Seuilha,& que vinha ſaber, ſe era morto, ou preſo, ou de que guiſa eſtaua? E elles leuaraõno a Nuno Aluarez, & depois que lhe falou, & ſoube o porque vinha,entam o certificaram,que era morto, & quẽ fora, que o matara. E Nuno Aluarez mandou que o agazalhaſſem bem,& que lhe fizeſſem toda a honra. Onde aqui notai,que Nuno Aluarez foy o primeiro, que da memoria dos homẽs até eſte tempo poz batalha em Portugal por terra,& avẽceo muy ledos todolos daquella Comarca, que voz, & vontade por Portugal tinham,& muytos dahi em diante com bom deſejo ſe vinhaõ pera elle,& lhe eraõ obedientes em toda couſa, que lhes mandaua. Iſſo meſmo o Meſtre quando o ſoube em Lisboa, onde eſtaua preſtes pera ſer cercado, tomou com taes nouas gran de prazer, & El Rey de Caſtella pelo contrairo, que era eſtonces na Comarca do termo de Obidos. E no ſeguinte dia depois da batalha Nuno Aluarez logo pela manhaam ſem mais repouſar de ſeu trabalho, ſe fez preſtes,& partio pera Monforte,onde eſtaua Martim Annes da Barbuda, que diſſemos, caualeiro Portuguez, & muy afamado por muy bom homem darmas, com muytas gentes conſigo, com que fugira da batalha. E Nuno Aluarez leuaua tençam,que ſe elle ſahir nam quizeſſe, que o combateſem. E depois que foy em Mõforte, as gentes,que dentro eraõ naõ quizeraõ ſahir, però eraõ bẽ trezentas lanças, & por o lugar ſer forte, & muytas gentes nelle & Nuno Aluarez nam ter artificios de combate, nam curou de o combater, peró eſteue ahi hum dia,no qual ſe fizeraõ boas eſcaramuças antre os Portugueſes,&

CAP 97 *Como Nuno Aluarez cobrou Arronches, & Alegrete.*

DESTA bemauenturança ptimeira, que Deos Deu aNuno Aluarez, & aos Portugueſes, foram

ſes,&

ſes, & os da Villa em roſto das barreiras, ſem ſe fazer porem couſa, que de contar ſeja. E outro dia pela manhaam, que era dia de Endoenças, ſe foy Nuno Aluarez de pè, & deſcalço em romaria a Sancta Maria do Açumar, que he huma legoa dahi, Igreja bem deuota, & todolos ſeus de pé com elle: E como chegou à Igreja achoua muy çuja das beſtas dos Caſtellãos, que nella metiam, quando per hi paſſauam, & anteque ſe apoſentaſſem, a mandou alimpar, & elle foy o primeiro, que começou a tirar o eſterco fora. Em eſto veyo recado de alguns Portugueſes a Nuno Aluarez, q̃ podia tomar Arronches, que eſtaua por Caſtella, & lhe darião a Villa. Nuno Aluarez foy daqueſto muy ledo, partio pera là, & foy dormir ao Açumar, & mandou ſeu recado aos que a Villa hauiam de dar, que maneira hauia de ter, & ouue eſſa noite logo reſpoſta. E outro dia, grande manhaam, caualgou com ſuas gentes, & chegando à Villa foy recebido nella, & como foy dentro começaram de combater o Caſtello de toda a parte, & em elle eſtauam boons caualeiros Caſtellaõs. ſ. Affonſo Sanches, & conſigo atè trinta lanças, & outros Portugueſes. O combate foy grande, & queimadas as portas do Caſtello, & entrado por força, foram todos tomados, & a Affonſo Sanches, & Sancho Sanches ouue Gil Fernandes, & os leuou preſos conſigo quando ſe tornou com as gentes de Eluas, & cobraram os Portugueſes em aquelle lugar caualos, & armas, & outras couſas, de que ſe aprouetaram. E outroſy de Alegrete, que tambem eſtaua por Caſtella, lhe mandarão dizer, que mandaſſe receber o lugar pera o Meſtre, & Nuno Aluarez mandou logo là hum bom eſcudeiro, que chamauão Martim Affonſo de Aramenha, que dalli era natural, mas moraua em Portalegre, & algũs outros com elle, a receber o lugar, & foy lhe entregue, & aſſi ficaraõ por o Meſtre Arronches, & Alegrete, & leixou Nuno Aluarez em Arronches ſeu tio Martim Gonçaluez, & teue alli a Paſchoa, & mandou muytos, que ſe foſſem pera ſuas caſas, & que eſtiueſſem preſtes, como viſſem ſeu recado, & elle partio pera Eſtremoz, & dalli pera Euora, & depois pera Montemòr.

CAP. 98 *De hũa entrada, que os Portugueſes fizeraõ por Caſtella, & do roubo, que tomaraõ.*

SE ſois bem alembrado do que tendes lido, ElRey deCaſtella he em termo de Obidos, eſperando ſua frota pera ir cercar Lisboa, & em quanto Nuno Aluarez eſtá de folga, & o Meſtre aguardando ſeu poderoſo cerco, por eſte tempo nam ficar de vago, vejamos em tanto algũas couſas, poſtoque ligeiras ſejão, até que a frota de Caſtella venha, aque auemos de tornar: onde aſſi ueo que alçando voz por a Rainha muytos Alcaydes de Caſtellos, como ouuiſtes, mandou o Meſtre Vaſco Porcalho Comendador môr de ſua Ordem a Villa Viçoſa por Alcayde, & que lanças ſe fora Garcia Pirez do Campo Craueiro da dita Ordem, porque era criado da Rainha, de que tomauam ſoſpeita. E tendo Vaſco Porcalho aſſi ſua voz, mandou o Meſtre, que Aluoro Gonçaluez Coitado eſtiueſſe em Villa Viçoſa com trinta eſcudeiros naturaes da dita Villa, porque elle era deſſe meſmo lugar. Eſte meſmo Aluoro Gonçaluez Coitado era muyto amigo de Pero Rodriguez Alcayde do Alãdroal & acordaraõ ambos de fazerem huma caualgada em Caſtella, por que nenhũs, que voz entaõ por Portugal tiueſſem, eraõ ouzados de eſto cometer, por quanto Pero Rodriguez da Fonſeca eſtaua em Oliuença muy poderoſo cõ quinhentos de caualo antre homens darmas, & ginetes, de guiſa que toda aquella Comarca era temeroſa ante elle, & os gados todos muy ſegurosao longo do eſtremo da parte de Caſtella. O acordo feito, & o dia deuiſado, juntou Aluoro Gonçaluez ſeus trinta eſcudeiros, & cento & ſincoenta homens de pé do Alandroal, aſſi que erão por todos quarenta & ſinco de caualo, & duzentos homens de pé. E juntos aſſi pera entrar por Caſtella, paſſaram denoite Odiana por o porto da Cerua, & foraõ ao exido de Chelas ſobre o quarto da alua, & fizeraõ preza em dous fatos de vacas de Garcia Gonçaluez da Sylua, & tomarão quatorze vaqueiros, & arrancaram as tendas, & carregaram os fatos com todos ſeus aparelhos. E aſſi tomáram vacas, nouilhos, & egoas com ſeus paſtores, & nam eſcapou mais que hum, que foy dàr noua a Villa Noua de Frezno, & a Alconchel, lugares do ſe-

nho-

nhorio deCaſtella.E Pero Rodri guez, & Aluoro Coitado mandarão trazer a caualgada aos ho m ens de pè,& lhes derão dez de ca uallo, que vieſſem com elles, & elles com os béſteiros ficarão em reſguardo, ſe algumas gentes recreceſem, pera pelejar. A qual caualgada paſſarão porFerreira, & vierão com ella pelo Soueral derrador antre a Villa do Alandroal, & Iurumenha até o campo de Pardaẽs, onde eſtà huma Igreja de Sam Marcos, & naquelle cãpo partirão ſuas caualgadas os Capitaens, ſuas direitas partes,& cada hum dos outros, o què ſe lhe montaua,& o quinto,q̃ o Meſtre dera a Aluoro Coitado,não quiz áquella hora auelo pera ſy,masque ſe partiſſe por elles, de que todos foraõ muy con entes, & agardeceraõlho muyto, & acháraõ em aquella preza oitenta nouilhos, que andauão apartados em hum dos fatos,& as vacas erão mil & quatrocentas, & egoas erão vinte & ſeis, & noue poldras de tres annos,& outros poldrinhos pequenos. E as egoas derão a Aluoro Coitado, que mandou pera hũa ſua quinta acerca de Benauente. Eſta foy a primeira caualgada, q̃ os Portugueſes fizeraõ emCaſtella no começo deſta demanda.

## CAP. 99. *Como Vaſco Porcalho foy lançado de VillaViçoſa, por ſoſpeita, que delle tomaraõ.*

ESTA caualgada, & roubo aſſi feito,ſoube Pero Rodrigues certo, que o Comẽ dador mór Vaſco Porcalho recebera cartas de Pero Rodrigues daFonſeca contra ſeruiço do Meſtre, & ſelo ſaber a Aluoro Coitado em VillaViçoſa, onde eſtaua, & quando o eſcudeiro chegou com eſte recado, eſtaua Vaſco Porcalho na praça da Villa, & Aluoro Gonçaluez ſe fez preſtes de o prender falandoo primeiro com alguns da Villa, & tomada a porta da treiçam com bèſteiros, & homens de pê, que naõ leixaſſem ſahir, nem entrar nenhum,mandou poer á porta doCaſtello dez eſcudeiros,& cercar todas as portas da Villa, & a grande preſſa mandou ao Alandroal, que he dahi huma legoa,a chamar Pero Rodrigues,o qual,como vio ſeu recado, caualgou com dez eſcudeiros,& ſeſſenta homens de pé, & a muy graõ preſſa chegou hi, & Aluoro Gonçaluez,que tinha jà tomada huma torre grande, que eſtà ſobre hũa das portas, q̃ lhe mandou abrir, & como ſe

vitaõ

viraõ, falárão ambos, & naõ foy ouuido. E logo com os ſeus, & com todolos da Villa, chegarão aos Paços da Ordem, onde já o Comendador eſtaua com quinze eſcudeiros, & trinta homens, & dez béſteiros, & a rua dos Paços bem apalanquada pera ſe defender. A gente era muyta, & foy logo quebrado o palanque, bradando todos a alta voz, dizendo todos. *Moira, moira o traidor cõ quantos tem, qué nos tinha vendido a ElRey de Caſtella.* Dizendo todos, que lhe pozeſſem o fogo, fizeráonos eſtar quedos, & mandaraõ dizer que ſe ſahiſſe Vaſco Porcalho. Depois que ſeguraraõ elle, & os ſeus, ſahio dos Paços fora a falar com elles. E afaſtados a huma parte, perguntou o Comendador môr, porque ſe mouerão ao deshonrar, & matár ſẽ porque? cercandolhe ſeu Caſtello de menagem, em que o Meſtre ſeu ſenhor o poſera, & que lhe tinha feito por elle menagẽ. *Na qual couſa* diſſe elle, *naõ me parece, que fizeſtes bem, nem oueſtes bom conſelho, nem o Meſtre, cujo criado, & frey-e eu ſam, nam o hauerá por bem, nem volo terà em ſeruiço, E digouos, que eu lhe entendo de eſcreuer todo o mal & deshonra, que me por vôs he feito.* Ditas eſtas, & outras rezoens, que largamente propoz por ſua querella, reſpondeo Aluoro Gonçalues, & diſſe. *Caualeiro, vos nam vos aggraueis, nem hajais por mal couſa nenhũa deſtas, que ſam feitas, nem que vejais fazer. E nenhũa ſe faz por vos deſhonrar, nem matar, mas por o entendermos aſsi por ſeruiço do Meſtre noſſo ſenhor. A nos he dito, & ſomos dello cèrto, que vos carteaueis com Pero Rodriguez da Fonſeca Alcayde de Oliuença, & q̃ ha jà tres meſes, que ſois vaſſallo DelRey de Caſtella, & recebeſtes delle merces, & lhe prometeſtes de dar eſta Villa, & que em Oliuença eſtam trezentas lanças de Caſtelhanos, que hoje hauiam de tomar poſſe da Villa. E porque iſto ſeria muy gram mal, & dano, & deſeruiço do Meſtre noſſo ſenhor, queremos ſer de vòs ſeguros & queremos, que entregueis eſte lugar, & entaõ vos hi pera elle moſtrandouos ſem culpa diſto, & ſerui o no que vos mandar, & aqui naõ ha miſter mais rezoens, nẽ eſcuſas coloradas, ca vos nam haõ de conhecer dellas, mas hoje ſeràõ Caſtello chão com a Villa, & apõte quebrada, & todo o mais, que entendermos por ſegurança do lugar, & ſeruiço do Meſtre noſſo ſenhor.* A eſto deu elle ſua reposta, porque quiz moſtrar, que nam

era

assi, & elles disserão, que não arrezoasse mais sobre tal historia, ca bem sabião que era verdade, & que lhe entregasse lógo o Castello, que por estonce nam deuia de falar nelle. Vasco Porcalho nam podẽdo mais fazer, chamou logo hum escudeiro, de q̃ muyto fiaua, & mandou, que se fosse com elles, & que lhe entregasse o Castello, tomando primeiro estromento da força, que lhe faziaõ, & protestãdo de não encorrer em caso de desleal pelo preito, & menage, que dello fizera. Tomarão entam posse do dito Castello; & mandarão quebrar a ponte do Castello da porta da treiçam, & taipar a porta das partes de fora; & fizeraõ que se seruisse a Villa, & o Castello todo em hum, & o Comendador foy fora com todas suas cousas, & quantos com elle estauão.

CAP 100. *Como o Mestre mãdou entregar a Vasco Porcalho o Castello, como antes tinha.*

PARTIO o Comẽdador pera Lisboa, com aquelles, que com elle aguardauam: & o Mestre os recebeo muy bem, nam embargando que Pero Rodriguez, & Aluoro Goncaluez lhe tinhão já escrito, como se todo passara. Vasco Porcalho fez grande queixume ao Mestre, mostrando q̃ lhe fora feita graõ deshonra por enueja, & nam por ser verdade, o que delle disseraõ. O Mestre releuou tudo com boas rezões dãdolhe de sy bom gasalhado, & esteue assi alguns dias E comendo huma vez o Mestre, seruia ante elle de Copeiro o Comendador, & no fim da mesa deu agoa ás mãos, & depois que leuantaram as toalhas, o Mestre o chamou, & disselhe. *Comendador, nam sejais triste por esto, que assi passou, porque aquelles, que o fizeram, entenderam que me faziam seruiço, mas eu, nam embargando isso, quero de vós fiar muyto mais do que fiaua; de aqui a diante, & quero que sejais tornado a vossa honra, & que vos entreguem o meu Castello de Villa Viçosa, como dantes tinheis. E se me vos fordes desleal sereis o mais traedor homẽ do mundo, serdes vos freyre da minha Ordem, & meu caualeiro, & cuidardes vós nenhuma treiçam contra mim, isso nam poderia eu crer, nem creo que vos fez Deos tal, que trabalheis de poer sobre vosso nome apellido vergonhoso. Eu vos mãdarey dar minhas cartas pera Aluoro Gonçaluez, &*

*Pero Rodriguez, & pera os homens boons desta Villa: que vos entreguem vosso Castello, como o dantes tinheis, & a vôs hey por boom, & por leal, & eu creo que vós sois tal, que fareis vosso dever E eu vos farey por ello merces. E mandouos, que hajais todauia boa amizade com esses caualeiros, & el les pelo meu vos honraram, & vos assi o fazey a elles, & a esse Concelho.* O Comendador ouuindo esto beijou a mão ao Mestre, dizendolhe, que lho tinha em grã de merce em o querer tornar a sua honra, q̃ jà se hauia contado com os moitos sem culpa, que em elle ouuesse, ca seu coraçam nam cuidaua outra cousa, porque o deseruisse, nem Deos nam quizesse que tal mingoa por elle passasse. Estas & outras muitas rezoens lhe disse o trèdor, porq̃ o Mestre o hauia cá de hauer por mais sem culpa. Entam mandou o Mestre escreuer suas cartas de crença pera Aluoro Gonçaluez, & Pero Rodriguez, & pera o Cõcelho da maneira, que com elle tiuessem, & elle se espedio do Mestre, & se veyo a Villa Viçosa, & pousou no Mosteiro, com os q̃ trazia, & mandou as cartas a Aluoro Gonçaluez, & a Pero Rodriguez, ao qual pezou muyto quãdo vio tal recado, & deixou bom recado na Villa, & foy falar a Aluoro Gonçaluez Coitado pera hauer conselho com elle. E quando chegoũ a Villa Viçosa achou que Aluoro Gonçaluez tinha todas as portas da Villa cerradas de pedra, & nam estaua nenhũa aberta; saluo hum postigo, q̃ està sob o poderio de hũa grande torre, & a aquelle postigo estauam dez homens darmas, & vinte peoens, & seis bésteiros, & por alli entrou Pero Rodriguez, & despois que falou a Mecia Pirez molher de Aluoro Gonçaluez Coitado, foyse a aquella torre, onde estaua, & mostraraõ as cartas hũ ao outro, & viram que vontade era do Mestre de Vasco Porcalho ser tornado à posse do Castello, e assi como antes. E però lhes muito pezasse os da Villa houueraõ acordo de comprir o mandado do Mestre, & mandarãono chamar, que se viesse pera seu Castello, pois era merce do Mestre de o elle ter.

## CAP. 101 *Como Vasco Porcalho prendeo Aluoro Gonçaluez por arte.*

DEPOIS que Vasco Porcalho entrou no lugar falou a Aluoro Gonçaluez, & a Pero Rodrigues com

com boas,& meſuradas rezoẽs como he coſtume dos que querem enganar, dizendolhe, que lhe perdoaſſe, ſe os anojára em alguma couſa, & q̃ elle era preſtes pera ſeruiço do Meſtre em todolas couſas, que lhes elles mandaſſem, & tiueſſem por bem, & que lhes prometia boa,& verdadeira amizade,& que foſſem em hum amor, & em huma vontade. E tal conuerſação deu de ſy, a todos,& por tal modo,que elle tornou a repairar o Caſtello,como dantes eſtaua, hauendoo todos por bem feito, & poz muyta pedra no muro, & por ſima das ameas groſſas traues, & acalmouſe de lenha,& carnes,& outras couſas, que pera defenſam pertenciaõ, dizendo que aſſi lho mandára fazer o Meſtre. E em fazendo eſtas couſas, fingio grãde amizade com Aluoro Coitado,& foy ſeu compadre de hum filho, que Aluoro Gõçaluez baptizou,ao qual bautiſmo veyo Pero Rodriguez Alcayde do Alandroal,& depois que todos comeram com Aluoro Gonçaluez,tornouſe Pero Rodriguez pera onde viera, & Aluoro Gonçaluez não foy aquella noite dormir a aquella grande torre da Villa,de que ainda eſtaua de poſſe; mas como foy ſeram veoſe Vaſco Porcalho pera elle, moſtrando que vinha com ſeu compadre,& tomar com elle prazer, & veoſe com elle alta noite até que entrarão ſincoenta eſcudeiros, & duzentos homens de pè, que tinha eſcondidos dentro no Caſtello, & prendeo Aluoro Coitado, & ſua molher, & filhos,& quantos com elle eſtauão, & os leuarão logo ſubitamente á torre da menagem, & lhe roubou as caſas de quanto nellas tinha,& aquelle ſeram entraram no Caſtello duzentas lanças de Caſtellaõs, & á madrugada deram as trombetas, & aleuantaram bandeira na torre de menagem, bradando em altas vozes *Caſtilla*,*Caſtilla*. Quando os da Villa viram os Caſtelhanos conſigo foram muy deſacordados, & poſtos em gram toruaçam aſſi pela tomada da Villa,como pela prizão de Aluoro Gonçaluez, abriram o poſtigo,& começou a gente de fogir pera Borba, aſſi de pé, como de caualo, & o Comendador folgaua por lhurarem a Villa & ſe hirem todos, como de feito foram, & ſeus criados. Então começou Vaſco Porcalho fazer mà vizinhança a Pero Rodriguez Alcayde do Alandroal, & aſſi fazia Pero Rodriguez a elle, Os do Alandroal paſſauaõ já fre-

camente de mantimentos, comendo pam de bolotas, & doutras aſperas couſas. O Comendador, como prendeo Aluoro Coitado fezeo a ſaber a El Rey de Caſtella,& que lhe mandaſſe dizer como era ſua merce de fazer delle, E iſſo meſmo eſcreueo Pero Rodriguez ao Meſtre, como o trêdor Comendador,de que elle fiara, dera VillaViçoſa a ElRey de Caſtella,& como tinha preſo Aluoro Coitado. E ao Meſtre pezou muyto, & mandou a Pero Rodriguez, que pozeſſe bom recado na Villa, que tinha. Veyo recado DelRey de de Caſtella, & mandou o Comẽ dador a Aluoro Coitado á torre de Oliuença por ſer hi melhor guardado, & huma carta a Pero Rodrigues da Fonſeca, q̃ o guardaſſe bem. Nuno Aluarez ſoube parte como Aluoro Gonçaluez fora preſo, & pezandolhe muyto eſcreueo a PeroRodriguez do Alandroal,que fizeſſe muyto por ſaber ſe hauiam de leuar dalli a Aluoro Coitado, & eſcreueolhe que ſi,mas que naõ ſabia como, nem quando, & Nuno Aluarez lhe enuiou alguns eſcudeiros pera os ter conſigo, & ordenar cõ elles ſe pudeſſe, como foſſe tomado aos Caſtellaõs quando o leuaſſem pera Oliuença,dos quaes era hum Affonſo Pirez o Negro, que depois foy Alcayde de VillaViçoſa, & Lourenço Martins do Tojal, & Gonçalo Caõ, & Gonçalo Colaço, & Lourenço Pirez Cinza,& GonçaloLourenço de Sampayo, & outros boons eſcudeiros, aos quaes mãdou que fizeſſem todo o que Pero Rodriguez ordenaſſe, & elles aſſi o diſſeraõ,quando a elle chegarão, & elle o agardeceo com boas palauras, & folgou muyto com elles.

CAP. 102. *Como os Portugueſes pelejaram,& os vencerão, & desbaratarão.*

LOGO como eſtes eſcudeiros chegaram, caualgarão huma noite deVillaViçoſa oComendador de Alcantara, & o Comẽ dador de Calatraua com certos de caualo, & de pè,& foraõ correr termo de Euora,& por aquella Comarca, & indo elles grande noite muitò encubertos,hum moço Portuguez natural de Borba, que chamauão Rodrigo Valejo, hia por pagem de hum Caſtellão, que ſe dizia *D*iogo Gonçaluez Maldonado, & fogiolhe no caminho no quarto dalua,& foyſe

foyse à Villa do Alādroal dar nouas a Pero Rodriguez Alcayde do lugar, como aquellas gentes erão entradas a roubar o termo de Euora, que erão duzentos de pé, antre almograues, & outras gentes, & cento de caualo, com gentes, que com elles hião, & disselhe o caminho, q̄ leuauão, & a fala, onde hauião de fazer prea. Quando Pero Rodriguez isso ouuio, foy muy ledo com taes nouas, & muyto mais o forão os escudeiros, que Nuno Aluarez alli mandára, porq̄ Vasco Porcalho dera os bens de alguns delles, que erão de Villa Viçosa. E Pero Rodriguez ouue logo conselho com elles como lhes parecia que era bem de fazer em tal cousa, & acordarão todos, como quer que a gente fosse muyta, que os fossem aguardar no caminho, & pelejassem com elles todauia. E Pero Rodriguez fez logo fazer prestes os que consigo hauia de leuar, & eram com os escudeiros de Nuno Aluarez vinte & seis de caualo, & setēta homēs de pè, e tomarão o caminho de Estremoz, caualgādo o mais á pressa, q̄ poderão até a estrada, q̄ vay de Villa Viçosa pera a Cidade de Euora, e leuarão cōsigo o moço, q̄ lhe as nouas trouuera, a q̄ lhe pez na trilha, q̄ os Castellãos passauaō, & issō mesmo da serra, & alli ouueraō acordo que no posto della se pozessem, onde serião tão boons os poucos, como os muytos, & acordando que alli os aguardassem a qualquer ventura, que lhe Deos quizesse dar. Encobriraōse os de caualo, & os de pè em hum baixo, & poz Pero Rodriguez duas atalayas, que deuizauão grande terra por aquelle campo, & elle estaua com huma dellas. E assi estiueraō des hora de prima atà meyo dia, que virão vir os de pè tangendo a caualgada, & com elles dez de ginetes em guarda. Era a caualgada muy grande á marauilha, que elles trazião sinco mil ouelhas, & sinco mil & quinhentas cabras, & antre homens, & moços atá sessenta & dous metidos em tres baraços. Os de pé vinhão todos com a presa, & com elles dez ginetes, & os homens darmas ficarão em resguardo de traz. Com tal segurança traziaō sua caualgada, como se estiuessē em Castella. E em esto pareceo a gente darmas, & vinhão fazendo mór vista, do que eram. E leixauão a estrada, que trazião direita, & forão correr ao Redondo, que estaua dahi muyto perto & escaramuçarão ao deriador

da Villa, com álguns dos que ahi eſtauão. E quando Pero Rodriguez, & aquelles eſcudeiros eſto virão, diſſerão huns aos outros. *Agora he tempo de darmos ſobre eſtes de pè, que aqui vẽ com a caualgada, & ſobre eſtes ginetes, anteſque lhe venha acorro de gente darmas.* E logo ſe repartirão em duas partes aſſi os de pé como os de caualo, & foraõ dar nos de pè, & nos ginetes aſſi cõmo vinhaõ, & nos primeiros golpes derribarão ſinco ginetes, dos de pé ſincoenta & tres de taes feridas, que nam houueraõ miſter meſtre, que os curaſſe, & mao ſeu grado deſempararaõ a caualgada, & começaraõ a fogir pera a ſerra aquelles, que o poderam fazer, ca os Portugueſes aſſi de pé, como de caualo, & os que elles trazião catiuos, que foram logo ſoltos, os ſeguiaõ mortalmente matando, & prendendo em breue eſpaço. Foraõ antre mortos, & preſos cento & vinte & tres, & os outros eſcaparaõ na ſerra, & fez Pero *Rodriguez* cõ armas, & bèſtas dos ſinco, que cahiraõ, cinco eſcudeiros de homẽs de pè, que o bem mereciam, aſſi que já eram trinta & hum de caualo pera pelejar. Os ſinco ginetes, que eſcaparam, foram dar nouas aos homens darmas, como a caualgada era em poder dos Portugueſes, & muytos dos ſeus mortos, & preſos. E elles com grande menencoria, recolhendoſe todos ao mayor andar que poderam, por fora da eſtrada, & vieram ſobre o lugar, onde fora a peleja, & acolheramſe a hum cabeço muy alto, donde podiam bem ver quantos eram os Portugueſes. Pero Rodriguez, quando os aſſi vio ouue acordo cõ os eſcudeiros, q̃ poſtoque a peleja muy deſigual foſſe, & antes q̃ os Caſtellãos cobraſſem eſforço de vir a elles, que os cometeſſem elles primeiro. Entam poz os de pè todos a huma parte, & mandoulhe que eſtiueſſem quedos, & nam ſe deſcorregeſſem por couſa, que viſſem, ca elles queriaõ hir cometer aquelles de caualo, anteque elles ouueſſem acordo, & ſe virem com elles, & ſe com elles nam podeſſem, que entam ſe recolheriam onde elles eſtauão, & que elles nam ouueſſem dò de partir os dardos, & lanças pelos caualos dos Caſtellaõs. Entam pozeram as lanças ſob os braços, & brádando todos por *Portugal, & Sam Iorge*, foraõ ferir nos imigos. Os Comendadores cõ os deſſa parte, com bom deſejo adereçaram a elles chamando,

*Caſti-*

Caſtilha; & ao juntar das lanças cahirão dos Caſtellãos em terra & dos Portuguezes dous às lanças; & deſpois que forão perdidas vierão às eſpadas, & feriãoſe bem a vontade, & de tal guiſa o fizerão os Caſtellaõs, porque erão muitos, que ſe enuergonhauam a fora leixarem os Portuguezes a praça; os homẽs de pè entenderão iſto, & vendo a peleja aſſi deſigual, não embargando o mandado, que tinham de lhe acorrer ao tempo; que lhe fazia miſter ſeu acorro, & como chegaram começaram a deſpẽder daquelles dardos nos caualos dos Caſtellaõs, por cujo azo ſeus donos cahiaõ em terra, & tanto fizeraõ os de caualo cõ os de pé por aüer milhor de ſeus imigos, que por força os fizerão arrancar do campo, & Lourenço Martinz do Tojal, & Gomez Lourenço de Sampayo, quando virão que ſe os Caſtellaõs venciaõ & começauam de fogir, diſſeraõ hum ao outro. *Vamos a eſtes Comendadores; pois os conhecemos, não nos eſcapem aſsi.* Então deitaram a pos elles, cada hum a ſeu. Os Comendadores por recolherem a gente, hiaõſe detendo, acompanhados porem dos ſeus. Lourenço Martinz, & Gomez Lourenço meteramſe pelantre todos, & cada hum encontrou de guiſa, que os pozerão fora das ſellas, & elles entráraõ cõ ſeus boõs criados, & tornaraõ ſobre elles, & mataraõ os caualos a Lourẽço Martinz, & a Gomes Lourenço, & ficaraõ ambos feridos a pè. Entaõ cobráraõ os Comendadores caualos, & ſobreueo Pero Rodriguez, q̃ correo a aquelles eſcudeiros, onde já eſtauao pera ſerem mortos, ou prezos, & por alli ſe partio a peleja. Daquelle lugar ſe partio Pero Rodriguez, & diſſe aos eſcudeiros, q̃ leuaſſem aquellas ouelhas pera Alandroal, ca alli acodiriaõ ſeus donos por ellas. E recolhida a gẽte achou, que naõ mingoaua nenhum dos ſeus, mas foraõ feridos vinte & ſinco homens de pé, & dos eſcudeiros onze, de feridas porem ſeguras de morte, & morreraõ dos Caſtellaõs ally, onde juntaraõ, quatro de caualo, & foraõ noue prezos, & ſeis caualos mortos, & noue viuos, & da parte dos Portuguezes ſinco caualos mortos, mas naõ mingoauam outros milhores pera ſeus donos, daquelles. E alli vieraõ os donos das ouelhas, cada hũ por as ſuas, & dauaõ a Pero Rodriguez a metade, & elle naõ quiz mais de trezẽtas cabras, & cem carneiros para comerẽ aquelles feridos.

CAP. 103. *Como foy liure Aluoro Gonçaluez Coitado da prizám & desbaratados os Castellãos, que o leuauam.*

NAM tardou muyto, q̃ acerca deſto chegou hũ dia pela manhaã hũa enculca, q̃ Pero Rodriguez tinha ẽ Villa Viçoſa, & diſſe q̃ aq̃lla noite, q̃ hauia de vir, q̃ auião de leuar Aluoro Coitado de Villa Viçoſa a Oliuença, & q̃ viſſe o q̃ compria. Pero Rodriguez chamou logo os eſcudeiros perãte aquelle homem, & começarão de talar que maneira terião em ello & acordarão que aquella noite ſe lançaſſem em cilada acerqua de Villa Viçoſa em hũ pinhal azado pera ello; & q̃ aquelle homẽ fizeſſe de guiſa, q̃ ſoubeſſe as horas, a que auia de ſer leuado, & perque maneira, & mandarãono que ſe foſſe, & que lhe leuaſſe noũas àquelle pinhal. Pero Rodriguez depois do ſol poſto, com aquelles dezaſeis de Nuno Aluerez, & com quinze eſcudeiros ſeus, & ſincoenta homens de pé, partio do Alandroal fingindo que leuaua o caminho de Eſtremoz, & depois q̃ foi noite derão volta por outro caminho, o mais incuberto, que pudérão, & forãoſe ao pinhal, que deuiſado tinhão, & elles eſperando poralli por reſpoſta do homẽ, que mandarão, que lhe trouuerà o recado. Era já grande ſerão andado, & não ſahia lingoa do lugar, que certa foſſe, ſaluo quanto lhe diſſera aquelle homem que eſperauão. E vendo ſua tardança muy grande, começaram de duuidar ſe era verdade o que lhe elle diſſera. E dizião algũs que iſto podia ſer treição daquelle homem, de que Pero Rodriguez fiara, os ter vendidos. E o que ſe deſto mais receaua era o dito Pero Rodriguez; & tanto que elle, & os outros bem lhe prouguera de ſerem dalli fora, & não ter tal obra começada. Em eſto os dous eſcudeiros Lourenço Martinz, & Gomez Lourenço começarão de dizer aſſi. *Pero Rodriguez, vos ſois àqui vindo por ſeruiço de Deos, & do Meſtre, & Nuno Aluerez quando nos a vós mandou encomendar que eſte Aluoro Gonçaluez ſahiſſe da prizão, quando o daqui quizeſſem leuar; ſe o vos podeſſ-is fazer. Ora eſto he já treição ordenada, & naõ lhe podemos fogir per nenhũa guiſa, q̃ naõ hajamos de liurar pelas maõs & aguardando qualquer auentura, ou aqui, ou no caminho; por tanto ſe vos prouguer, nos queremos hir com dous homens de pè, & tomarmos lingoa, ſe podermos: & vôs aguarday aqui, cá muy toſte tornaremos a vos.* Pero Rodri-

guez

guez disse q̃ lhe aprazia, & que nam partiria em nenhũa guisa atâ q̃ elles viessẽ. Foramse os escudeiros com dous homẽs de pé ás mograues, & como foram perto da Villa, mandaram os de pé ao arrabalde, & elles ficaram acerca em direito da porta da treiçaõ. E estando assi viram muyta gente de pè, & de caualo, & viraõ dous homẽs de pè Castellãos, q̃ se querião hir com aquelles, q̃ estauaõ à porta da treiçam, nam per mandado do Comendador. E os escudeiros prenderamnos logo, & fizeramnos calar, & em esto viram aos dous homẽs, q̃ foraõ cõ elles, & disseram. *Iâ Aluoro Gonçaluez tiram do Castello, & lhe tem huma mula prestes, em que vâ. Parecenos que seram duzentos de caualo a nosso esmar, & muita gente de pé, & chamaõ Affonso Garcia Almocadem, que saya màhora, se ha de sahir, Ora,* disseram elles, *ficaiuos aqui como elles mouerem, & começarem de caualgar, và hum de vós dar nouas, outro vâ acerca, & veja em certo quanta gente he, & per qual caminho vão.* Entam se partiraõ os dous escudeiros, cõ aquelles homens, q̃ assi prenderaõ, & foraõse ao Pinhal, & como chegarão contaraõ a Pero Rodriguez, & os outros todos o que lhes auiera. Estando perguntando a aquelles prisioneiros, q̃ gẽte estaua em Vil la Viçosa? Chegou o homẽ porq̃ Pero Rodriguez esperaua, & os outros dous q̃ ficauão no lugar por saber o caminho; & ambos deram nouas, dizẽdo assi. *Sabey q̃ os Comendadores vem com Aluoro Coitado, & trazẽ consigo atè nouenta de caualo, & sessenta homẽs de pê, & todos escolheitos, & vinte & sinco besteiros, & vẽ per sua guia delles Affonso Aluarez Almocadem, & trazẽ esta estrada da córte de Oliueira, & hora os ouuireis passár por aqui,* & começarão de se poerẽ a caualo, & em se corregẽdõ ouuirão o tom dos caualos dos Castellãos. *Como vos parece* disse Pero Rodriguez, *que serà bem, ou em q̃ lugar começaremos nossa demanda? Parecenos são cõselho:* Disserão os outros *deixarmolos mais alongár da villa, & à entrada daquelle azinhal os cometeremos.* Em esto falando chegou o outro pião, com recado dizendo: *Ia passaõ os Comendadores, & leuão a maior palaura de palauras, que homem nunqua ouuio, & vão sem auizamento nenhum, cá elles não leuão gentes, cá vem diante, nem nenhum resguardo doutra gente,* entam disse Pero Rodriguez: *A mim parece que*

*ho bem, q̃ em aquelle campo alem daquelles eſtebaes ajamos a demanda com elles; E nam hauemos porque os mais leixar hir, ca poderam de nos hauer ſentido, achar lhehemos milhor percebidos, a noite faz boa, & nam muyto eſcura & nos ferremos nelles de ſupito, & prazẽdo a Deos elles nos faraõ graça de Aluoro Gonçaluez, & dalguns caualos, & armas, que leuam:* E entam caualgaram a mais andar, que poderam, & entraram na eſtrada, por onde hião os Comendadores, & chegaram tam acerca delles, que ouuiram as repetiçoens do grande arroydo, que leuauam antrely, & como começaram de entrar ao cãpo, corregeramſe os Portugueſes pera hir a elles, & puzeraõ as lãças ſob os braços a mayor correr dos caualos, q̃ leuar podiam. Os Caſtellãos quando os aſſi viram, deram huma grande arrancada por diante, & a grandes vozes os Comendadores. *Nam he nada ſenhores.* E ao arrancar que fizeram, deu hum caualeiro a Aluoro Gonçaluez huma lançada ſobre hũa jaqueta, que leuaua veſtida dizendo. *O trẽdor vendido nos has.* E Aluoro Gonçaluez ſe lançou da mula em terra cõ hũa adoba muy grande, q̃ leuaua nas pernas, & ſe eſcudou da mula. Pero Rodrigues, cõ os q̃ cõ elle hiãõ foraõ ferir nos Caſtellãos, e deſta chegada, q̃ derão em elles, cahiram bẽ eſcudeiros das beſtas, & os ſeus homens de pé ſe acolheram ao monte, ſem fazer couſa que de contar ſeja. Os piães Portugueſes nam houueram outro trabalho, ſenam prender daquelles eſcudeiros, q̃ cahiãõ, & apanhar lanças, & adargas, q̃ cahiaõ por eſſe campo, & tomar mulas, & caualos, & azemalas, e outras beſtas com fardagẽ dos Comẽdadores, & doutros eſcudeiros de conta, q̃ hião em ſua companhia & ahi não hauia quẽ lho tolher; porque logo foram vencidos, & atramados por eſſes eſtebaes. E porq̃ era denoite, & ficaraõ ſem guia deceraõſe dos caualos, & lãçaraõſe ao monte por eſcapar, e por eſſa rezaõ ficaraõ muytos caualos ſẽ donos, alẽ dos q̃ na volta primeira cahiraõ. Os Comẽdadores foraõ dar conſigo em hũa fraga pedregoſa, e alli deixarão os caualos, e os outros, q̃ com elles hião, & os caualos tornaraõſe ao cãpo. Os Portugueſes não ſabião parte de Aluoro Gõçaluez, ebradarão por elle, chamauãno por ſeu nome, e elle jazia em hũ grande jũcal, e naõ ouzaua de reſponder cuidãdo, q̃ aq̃lle era Martim Annes da Barbuda, q̃ o vinha tornar aos Ca-

Caſtellãos polo leuar conſigo ca tiuo por o mal, que lhe queria. E pela ventura foy a aquelle lugar Gomez Lourenço de Sampayo, & andando brádando por Aluoro Gonçaluez, elle o conheceo na fala, & entam reſpondeo. E hauendo gram prazer com elle deceoſe do caualo, & ajudou o a montar em elle, ca elle nam podia por rezam da adoba, que tinha, & pozlhe huma eſpora, & deulhe a lança, & eobrou Gomez Lourenço o caualo do Comendador de Calatraua, que era o mais afamado, que hi vinha. E foramſe pera onde eſtauam os outros. Pero Rodriguez foy muito ledo com elle, & quantos hi erão, dizendo que por elle ſómente erão alli vindos, & elle agardecialhes ſua boa obra, quanto podia O arroydo era grande na Villa, & rẽpicauão quanto podião, cuidando que era Nuno Aluarez, que hia ſobre elles, & eſta entenção tinhão os do lugar, ſegundo lhe dezião os que ſe acolherão a Villa. Em eſte desbarate forão prelos noue eſcudeiros, & tomados dezaſeis caualos, & ſeis mulas, & tres azemalas, & vinte & ſinco beſtas de albaida, com fraſquagem de alguns eſcudeiros, & deixando as rezoens, que ambos outerão, Aluoro Gõçaluez ſe eſpedio de Pero Rodriguez, & de quãto lhe dauão não quiz leuar mais de oito caualos, & foràoſe com elle pera Eſtremoz dezaſeis eſcudeiros, q̃ Nuno Aluarez mandàra, & mais algũs homens de pè, & Pero Rodriguez ſe tornou pera o Alãdroal, o qual em outro dia deu ſeis caualos a ſeis homẽs de pè, q̃ fez eſcudeiros, & repartio as outras couſas todas, & a rendiçam dos preſos tanto a hũ, como ao outro, e tão bom quinham ſẽpre tinhão os que acertauam de ficar no lugar, como os q̃ hião fora cõ elle

CAP. 104. *Como Pero Rodriguez foy acorrer Aluoro Coitado, que o nam prendeſſem os Caſtellãos.*

QVANDO Vaſco Porcalho ſoube a tomada de Aluoro Gonçaluez, & como os Comendadores foram desbaratados, ouue grande pezar, & cõ grande queixume dezia por modo de eſcarnio cõtra os q̃ eſtauão preſentes. *Em verdade hey por eſtranho nũca nenhũ de vós me pedir o quinto deſtas cauálgadas, q̃ fazeis (en o de vos pelejão cõ trinta, & ſẽpre de vos ficão mortos duas duzias, e os outros fogindo como ouelhas, tornãoſe*

*não ſe perā eſte curral: quanta cõ ta lhonra como eſta, boa fama hi rá de vòs a ElRey.* E mãdou eſſa noite duas inculcas ſobre que fa zia Pero Rodriguez, & que gentes foraõ cõ elle na tomada de Aluoro Gonçaluez, ou ſe eſtaua ainda no Alandroal, q̃ elle quizera vir ahi correr, & razer algũ bem ſe pudera, & huns homens, que Pero Rodriguez mandára eſ ſa noite por eſcutas, tomaram lingoa das eſcutas de Vaſco Porcalho. O qual ſabendo que Aluoro Gonçaluez era jà em Eſtremoz, & hauia em aquella noite de partir pera Borba, mandou quarenta de cauallo, & trinta homens de pè, que ſe foſſem poer no caminho por onde Aluoro Gonçaluez hauia de vir, e que de morto, ou preſo lhe não eſcapaſſe a todo ſeu poder. E Aluoro Gõçaluez não ſabia diſto parte, & Pero Rodriguez ſabia diſto nouas & mais por hum homem de Vil la Viçoſa, q̃ lho veyo dizer, & como diſto foy certo, mandou chamar os do lugar, & perguntoulhes, q̃ lhes parecia, q̃ deuia de fazer em tal feito? E elles reſponderam, que fizeſſe o que por ſua honra entendeſſe, que elles preſtes eſtauam. *A mim me parece,* diſſe elle, *que não hé bom deixármos perder quem nos tanto trabalho deu pera o hauermos de liurar q̃ ſe lhe nós não acorrermos, poderá ſer preſo, ou morto, couſa q̃ eu nam queria por nenhũa guiſa, q̃ aconteceſſe. Fazeiuos preſtes, q̃ nós preſtes ſomos.* Então caualgou elle cõ os do Concelho do Aladroal, & chegou à aquelle lugar de Mõtaluão onde lhe diſſeraõ, q̃ o Comendador madara aguardar Aluoro Gõçaluez. Os Caſtellãos tinhaõ duas atalayas, quãdo os viraõ hir foraõ ſe acolhendo não os querẽdo aguardar, nẽ pode Pero Rodriguez delles percalçar nenhum. Entam ſe foy caualgando por Eſtremoz & achou Aluoro Gonçaluez, q̃ ainda não partira, & contoulhe como viera, & elle lho agardeceo muyto, & diſſelhe, q̃ poze ſſe boa guarda, & auizamento, que naõ recebeſſe dano. Partiraõ entaõ Aluoro Gonçaluez, & Pero Rodriguez pera a Villa de Borba, & no dia ſeguinte, alta manhaã, mãdou Aluoro Gõçaluez deſcobrir terra por dous eſcudeiros, & acharão dez de cauallo, q̃ vinham correr a Villa de Borba, & eſtes vieraõ atè o lugar apoz aquelles dous, q̃ foraõ deſcobrir, & tomaraõ jũto cõ a Villa vinte boys, q̃ andauão pacẽdo Aluoro Gõçaluez, e Pero Rodriguez, quãdo viraõ iſſo, ſahiraõ a elles pera lhos tolher, & tomaraõlhos, antes q̃ che-

chegassem à huma ciladr,que os Castellãos tinhão lançado onde chamaõ, *Orelhas*, & foy a cilada descuberta, & seguida de corredura, atè as hortas do Reguengo da Villa, onde tomarão sete azemalas do Comendador Vasco Porcalho,as quaes os Castellãos naõ ouzaraõ de lhas hir tolher, cuidando q̃ eram muyta mais gente, entaõ se tornou Aluoro Gõçaluez pera Borba,& Pero Rodriguez pera o Alandroal.

CAP. 105. *Como Vasco Porcalho foy correr ao Alandroal,& da prèza, que tomou.*

O Comendador Vasco Porcalho, vendo a fouteza,q̃ contra el le mostraua Pero Rodriguez, com os q̃ consigo tinha, escreueo a Pero Rodriguez Alcayde de Olivẽça, q̃ mandasse correr a Villa do Alãdroal,de q̃ recebia muyto má vizinhança,& q̃ fosse certo, q̃ como os corredores corressem assi os de pè, como os de caualo, logo sahiriam a elles, & que nam os hauia de deixar até o Rio de Odiana, ca tanto corriaõ os homens de pè daquelle lugar, como os de caualo, & que assi os podiam prẽder, & acutilar à sua vontade, lançandolhe hũa cilada longe àquem do lugar. E em quanto elle mandou este recado enuiou vinte de caualo correr o Alandroal, & fizeram preza em huns poucos de asnos, & foramlhe tolhidos pelos do Concelho. Estes corredores tornaram pera a Villa, & disseram a Vasco Porcalho, que nam entendiam la mais de hir por aquella guisa, & que os seguiram de tal maneira, que se o caminho nam fora longe, que là ficaram por seus hospedes, O Comendador com despeito caualgou a grande madrugada, leuou cento, & cincoenta de caualo, & duzentos, & cincoenta homens de pé,& lançou se em cilada acerca do Alãdroal, aonde chamão o Pinheiro, & depois que foy bem de dia, mandou vinte de caualo, que corressem atè as portas da Villa,e qualquer cousa, que achassem,trauassem em ella sem receo nenhum. As gentes fizeraõ como lhes elle mandou, & correram atê as portas do lugar, & tomarão setenta cabras.Os da Villa sahirão a elles, Pero Rodriguez com dez de caualo,& setenta & sinco homens de pè, & foram por outra parte por lhe tomar a dianteira,e jà os de pé tinhão as cabras tiradas dos corredores,& os de caualo foram dar na cilada dos Ca-

stellãos, à qual descuberta, leixarãose todos hir direitamente à Villa, que era muyto acerca. Pero Rodriguez por acudir aos seus vieraõ todos emburilhados até as cercas das casas do arrabalde da Matta, & alli os esperaraõ, & começaraõ de pelejar. Pero Rodriguez era a pé com os seus, & sendo a peleja muyto de sigual, foraõ os Portugueses vencidos por força, & fogiraõ pera a Villa, acolhendose às casas da rua da Matta, que erão furadas humas pelas outras, foraõ por alli escapando. Doutra guisa os mais deiles foram mortos, & presos, mas naõ foraõ mais que sinco homens mortos bem mancebos, & pera muyto, os quaes lhe mataraõ junto com o muro, & forão muytos feridos. Pero Rodriguez houue huma ferida; & dos Castellaõs morreraõ dous, & quinze caualos. Tornouse entam Vasco Porcalho com grande prazer pera Oliuença, leuou aquellas setenta cabras, sem hauer nenhum, que lhe pozesse embargo, & ficou Pero Rodriguez com os seus bem no soso por tal desauentura, porem dezia de praça por os confortar. *Amigos, tal vay de guerra: semelhantes cousas ostenta & sinco a trezentos & sincoenta leixar o campo, sem vergonha o podem fazer. E estes, que morrerão por defensam do Reyno, Deos lhe hauerá merce das almas.*

CAP 106. *Como Pero Rodriguez da Fonseca lançou huma cilada aos do Alandroal, & do que lhe aueyo.*

PERO Rodriguez da Fonseca nam foy esquecido do q̃ lhe escreueo Vasco Porcalho, & caualgou de Oliuença com duzentos homens de caualo, & trezentos de pé, & veyo huma noite lançarse em cilada acerca de São Bras Mosteiro huma legoa do Alandroal, como foy menhaam disse aos seus em esta guisa. *Amigos, eu queria tomar esta Villa, & matar, ou prender os que nella viuẽ & se o fazer podemos, segundo meu desejo he, faremos seruiço, & prazer a ElRey de Castella, & lograremos todolas caualgadas, & pois que Vasco Porcalho no outro dia matou parte delles por huma cilada, que lhe lançou, nós façamos por esta maneira. Os q̃ forẽ correr, se tomarẽ algũs prisioneiros, ou qualquer outra cousa. façaõ infinta que vam contra Terena, & alguns dos outros fiquẽ em face da Villa; trauando com elles*

*les como mayor reſguardo, que poderem, & ſenam acharem couſa, em que façam preſa, tiremnos mais alongado da Villa, que poderem, & façamno ſaber o mais eſcuſo, que poder, & elles aſsi alongados do logar, & eu com eſtes eſcudeiros, meternoshemos antre elles, & a Villa, & quem conhecer Pero Rodriguez, faça muyto pelo prender, & nos outros mate quanto poder; ca ſe elle for preſo; elle me dará logo a Villa, ou o degolarey logo á porta da Villa.* Os outros ouuindo eſtas rezoens, diſſeram, que tal acordo era muy boom; mas que lhe parecia que era bem de o fazer ſaber a Vaſco Porcalho, que eſtaua caualeiroſo de gente, & aſſi ſeria muyto milhor, & mais a ſeu ſaluo. Pero Rodriguez diſſe que lhe naõ prazia, que eſta honra queria elle pera ſy, & pera elles. *Ca hoje queimaremos a porta do lugar*, diſſe elle, *& depois que for em noſſo poder elle o ſaberá, doutra guiſa mê nam apraz.* Firmandoſe aſſi eſte conſelho, eſtremou quarenta ginetes os milhor encaualgados, que achou, & de que mais fiaua, & tornouos a auizar da maneira que diſſemos, encomendandolhes que, ſegundo ſeu boom juizo, vſaſſem do que lhes mais encomendaua, & elles correram a Villa, como lhes era encomendado; & Pero Rodriguez Alcayde do Alandroal mandára eſſa menham deſcobrir a terra por dous eſcudeiros contra Villa Viçoſa, & a Atalaya, que vio os ginetes deu à campaam, & derribou o ceſto. Os do lugar como viraõ aquillo, ſahiram a pè com lanças, & dardos, & quem iſſo nam tinha, leuaua ſeis, ou ſete eſtebas aguçadas, como hauia muytos. Pero Rodriguez nam quizera que ſahiram, & depois que os vio em eſcaramuças, ſahio com dez de caualo, & de tal guiſa os ſeguiram, q̃ o caminho, que cuidaram de leuar, nam poderam hir por elle, mas ſeruidos de dardos, & de garrochas começaram de fogir pera onde Pero Rodriguez da Fõſeca eſtaua em cilada muy deſcuidadamẽte de tal aquècimento; E quando os Portugueſes, & os Caſtellãos foraõ miſturados, hindo aſſi dar em elles, porque hião aſſi de ſupito, foy o deſacordo grande em elles, que alguns nam podiam montar a caualo, & ſem eſguardar ſe eram poucos, ou muytos, fogiram como milhor podiam, tambem de caualo, como de pè: Aſſique a ventura ajudando aos poucos, & dando temor, & eſpanto nos muytos, fogio Pero

Rodri-

Rodriguez com aquelles,q̃ com elle acertaraõ,& outros naõ chegaram dahi a dous dias a Oliuẽça,& foraõ na volta mortos dos imigos ſete homẽs de pé,& dous de caualo, & ſinco dos ginetes, & mortos treze caualos, & ficaram noue viuos, & da Villa foraõ feridos tres de caualo,& dez homens de pè,& morto hum,& trouueram muytas lanças,& dardos, que ficarão no campo, & tornaraõſe com muy grande prazer pera a Villa.

CAP 107. *Como Payo Rodriguez Marinho prendeo Gyl Fernandez de Eluas.*

EM ſe paſſando aſſi eſtas couſas, eſcreueo o Meſtre a Gyl Fernãdez de Eluas que foſſe falar a Payo Rodriguez Marinho de Campo mayor,que alçaſſe voz por elle, & lhe faria muytas merces. Gyl Fernãdez caualgou logo cõ ſincoenta homẽs darmas,&foyſe aCampo mayor,& eſtando fora daVilla em huma Igreja, que ſehi faz,mãdou dizer a PayoRodriguez Marinho, que lhe prouggueſſe ſahir fora doCaſtello,pera falar com elle couſa, que era de ſua honra,& proueito. Payo Rodrigues diſſe, que naõ ſahiria fora,mas que foſſe Gyl Fernandez antre o muro,& a barreira do Caſtello, & que leuaſſe dez homẽs darmas conſigo. E Gyl Fernandez diſſe que lhe aprazia,cõ condição que de huã parte,& da outra foſſe feito preito emenagem q̃ foſſe ſeguro hum do outro, Payo Rodriguez diſſe que lhe aprazia, & foy aſſi afirmado antre elles. Eſtonces apartou Gyl Fernandez dez homens, & foyſe á barreira do Caſtello, onde hauião de falar, & achou já Payo Rodriguez preſtes, quando vieram a ſe abraçar, lançou Payo Rodriguez a Gyl Fernandez o braço ſobre o hombro, em maneira de ſegurãça, & com a outra mam lhe tomou a eſpada, & diſſe. *Vos ſereis preſo.* Gil Fernandez quando eſto ouuio ficou eſpantado, & nam teue geito de ſe defender, ca Payo Rodriguez tinha tanta gente, & aſſi corregida, que os dez eſcudeiros nam o poderam ajudar,mas trabalhandoſe de fogir, quando aquello viram foraõ delles preſos cinco. ſ. Gonçalo Caſco, & Martim Vazquez, & Gyl Lourenço ſeus primos,& outros dous. Em quanto prenderam eſtes ſaltaram os outros ſinco a barreira, & foramſe pera aquelles,que fora ficaraõ.E todos eſpan-

eſpantados de tal treiçaõ torna-raõſe pera Eluas. Gyl Fernandez ſendo aſſi prezo, ouue de ſe render por duas mil dobras, & deu fiadores, e ſahio da prizaõ, & quãdo chegou a Eluas ouueraõ todos muy gram prazer, porque em quanto elle era prezo, eraõ muy a miude corridos de ſeus imigos. E pera ſua ſegurança de ſua rendiçam, deram os clerigos as Cruzes das Igrejas, & os leigos taças, eſpadas, & cintos guarnecidos, & dinheiros, & outras couſas, que pozeſſe todo em prẽda a Payo Rodriguez, atá que bataſſe ſua rendiçam. E depois q̃ tudo teue entregue, tornouſe Affonſo Sanches, & a Sancho Sanches, que trouuera por priſioneiros de Arronches, ſegundo ouuiſtes, & rẽdeo os por outras duas mil dobras, das quaes lhe deram logo as mil, & as outras o dia certo, como elle era obrigado a Payo Rodriguez, & aſſi quitou todo, & pagou as prendas, & os eſcudeiros.

CAP 108. *Como Gyl Fernandez foy pelejar a Caſtella, & do q̃ lhe auenyo.*

ESTO aſſi feito, mandou Gyl Fernandez chamar ſeus amigos & ajuntou antre elles & os outros de Eluas atá cento de cauallo, & quatrocentos homens de pé, & entrou de praça por beira de Oliuença, & de Alconchel, & foy pelejar a terra de Xerez, & trouxe muy gram preza de vacas, & ouelhas, & priſioneiros. E vindo elles aſſi pera Portugal, ajuntaraõſe os de Xerez. & doutros lugares derredor atá trezentos de cauallo, & muy tagẽte de pé, & alcançaraõno no lugar, que ſe chama Maceira das porcas, & elles alli cercados, alguns outros diſſeram a Gyl Fernandez; *Vós ſabeis bem, que tendes em Oliuença Pero Rodriguez da Fonſeca, & Payo Rodriguez Marinho, que jà com elle eſtá, & tem ambos humas trezentas lanças, & ſetecentos homens de pé, pera pelejar comnoſco á tornada, & ſe vos guardardes, que eſtas gentes, que vem apoz nos, ſe juntem com ás outras, que eſtam diante, tereis peleja muyto mais forte, porem a nos parece, que he bem com eſtes agora, & vencidos, eſtes os outros nam nos quereram aguardar*; Gyl Fernandez diſſe, que lhe parecia aquelle bom conſelho, & antesque elle corregeſe ſuas gentes, pera hir pelejar com elle, & dando nos imigos foram desbaratados, & alguns delles feridos. Gyl Fernandez,

quando os vio da quella guiſa,& chegou ſijamente pera lhes acorrer, & diſſe. *Santa Maria, val, que couſa he eſta, namorados, que naõ ſaõ pera nada*, & entaõ ſe lançou antre elles esforçando os ſeus, & com tal ardideza feriraõ nos Caſtellaõs,que foraõ vencidos, & desbaratados,& fugiraõ delles pelo campo, & outros, a aquella ſerra,que chamauão das Porcas, que naõ ouzaraõ mais chegar a Gyl Fernãdez,& vindo elle aſſi com ſua caualgada eſperando hauer outratal peleja com aquelles fidalgos, que diſſemos, ſouberaõ elles como Gyl Fernandez desbaratara os de Xerez. Ambos ouueraõ ſeu acordo de naõ pelejar com elle, & elle paſſou com todo aquelle gado ſem nojo nenhũ até a Villa de Eluas, o qual era tanto,que quem quizeſſe tomar delle pera comer,naõ lhe era vedado.

CAP 109. *Como Gyl Fernandez pelejou com Payo Rodriguez Marinho, & foy desbaratado, & morto.*

POR verdes de q̃ guiſa Gyl Fernandez foy vingado de ſua prizão, poſto que taõ acerca naõ foſſe,queremos volo aqui dizer,que naõ ſabemos ſe nos virá mais à mão de falarmos de ſeus feitos. Onde foy aſſi que vindo Payo Rodriguez Marinho , mandou vinte de caualo de Campo mayor que vieſſe correr a Eluas ;Gyl Fernandez ſahio a elles com ſincoenta de caualo , & ſeguioos por hum muy grande eſpaço, & tomou delles quatro eſcudeiros, & deteueſe á beira de hum cabeço,q̃ chamão Cigoura, & entendeo q̃ vinha alli Payo Rodriguez, que já os ſeus mandárão chamar, & eſtando aguardando vierão algus de Payo Rodriguez diante, & Gyl Fernandez prendeo lhe dous delles. Payo Rodriguez trazia conſigo oitenta de caualo muy bem corregidos , & como chegou tomou logo hũa pequena de altura á beira do caminho á ilharga daquelle cabeço, e Gyl Fernandez eſtaua no baixo. Dambas as partes nam hauia homens de pé , mais que dous, que trazia Payo Rodriguez, hum bõ ſteiro, & outro tiraua pedras de mão,com que fazia bem de nojo. Em iſto diſſe hum bom eſcudeiro, que chamauão Pero Fernandez Biſcainho a Payo Rodriguez. *De meu conſelho vos nam pelejeis com Gyl Fernandez. Em verdade*, diſſe Nuno Fernandez

Cogo-

Cogominho, *vos aconcelhaes muy bem, ſermos aqui oitenta de caualo bem corregidos, & Gyl Fernandez não tem alli mais de ſincoenta ladrão, & ſeu companhão, aſsi como Iohão Ruyuo & Affonſo das vacas, & outros taes, & dizeis que não peleje com elle, digouos eu, que ſe elle iſſo erra, que tarde cobrará outra taõ boa.* Reſpondeo eſtonce Pero Gonçaluez, *E como, Nuno Fernandez, não vedes vos andar alli bons eſcudeiros acerca de Gyl Fernãdez faça Payo Rodriguez como lhe prouuer, ca eu não he hey de fugir do campo.* Nuno Fernandez era homem de conta, & tinha ahi ſete eſcudeiros ſeus, & deshi era bem guerreiro Payo Rodriguez naõ reſpondeo a nenhum delle, & eſtiueraõ em beſtados hũs cõtra os outros, quantoſeria hum quarto de hora. Vendo eſtonces Gyl Fernandez iſto falou aſſi contra os ſeus. *Arredemonos hum pouco delles, & logo cobrarãõ coraçaõ de decer a nos.* E como começaraõ de ſe arradar logo Payo Rodriguez correo rijamente por tomar a altura ſobre Gyl Fernandez, & Gyl Fernandez tomou outra ladeira, & foy ſahir igual delle. E entam endereçou Payo Rodriguez rijamente contra elle, & deu logo hũa lançada de ſobre maõ a hum, que deziam Affonſo Eſteuẽs, que lhe paſſou a cotta, em direito da ilharga, & entrando pelo corpo cortou duas coſtas, & chegou aos boſes. & cahio morto em terra; E Gyl Annes primo de Gyl Fernandez poz a lança ſob o braço & foy a encontrar Payo Rodriguez pela ilharga, & deu com elle em terra de ſima do caualo. Os de Payo Rodriguez acodirão ſobre elle, & deraõ com Gyl Annes em terra, & iſto mexendoſe a peleja rijamente. Começaram a fogir os de Payo Rodriguez; & Gyl Fernandez diſſe a dous eſcudeiros, que tiueſſem preſo a Payo Rodriguez, em quanto elle ſeguia o alcanço. Em tanto Martim Vazquez hum dos eſcudeiros, que foram preſos com Gyl Fernandez, quando os aſſi vio eſtar, diſſe contra elle deſta guiſa. *Que he eſto Payo Rodriguez? Agora pagareys vos o que fizeſtes a Gyl Fernandez, & a ſeus parentes; não ſejaes brauo contra os mãſos, ca eu aſſaz de manſo eſtou.* E ſobre iſto ſe começaraõ de ſeguir taes palauras antre elles, q̃ Martim Vazquez o matou, & lhe cortou a cabeça, & aſſi fez a Nuno Fernandez Cogominho, & a outro eſcudeiro, que chamauaõ Alnoro Rodriguez, & foyſe logo pera Eluas, & leuou as cabeças con-

conſigo. Quando Gyl Fernandez tornou do alcanço, & ſoube como Martim Vazquez os matara daquella guiſa, perguntou por elle pera lhe fazer mao jogo, & quando o nam achou com grande menencoria diſſe. *Andar: Pois aſsihe dos imigos os mais poucos.* Entam mandou apontar algũs, que foram preſos, & caminhou pera a Villa de Eluas, ca nam foram antre preſos, & mortos, mais que atè huns vinte & ſinco dos piaens, dos quaes foy hum Pero Fernandez Biſcainho, aquelle eſcudeiro, q̃ aconſelhaua a Payo Rodriguez, que nam pelejaſe com Gyl Fernandez.

CAP 110. *Dalgumas naos de Genoua, que o Meſtre cobrou a ſeu poder: E como combateo Alanquer, & naõ foy tomado.*

VOs todos ouuis, & nenhum me pergũta que Nuno Aluetez paſſou a Alentejo, & ſe eſtas couſas fizeraõ, q̃ temos cõtado q̃ fazia o Meſtre em Lisboa, ou em q̃ gaſtaua ſeu tẽpo em Lisboa, por defenſam do Reyno, & da Cidade. E pois que o ninguem nam pergunta, queremos que o ſaibaes, que depois que o Meſtre ſe eſpedio em Coina de Nuno Aluarez como tendes ouuido, & ſe tornou a Lisboa que tres galès ſuas, & tres barcas nam longe do porto da dita Cidade foram tomar duas naos carregadas de panos, & prata, & doutras muytas couſas, que nellas vinhaõ, & mais huma barca de Galliza carregada de madeira. Veninabo de Tumba, & Nicolao de Palma que eram patroens deſtas naos, bradauam que eram de Genoua, dando muytas rezoens á proua, que aſſi era, a qual couſa era bẽ juſta, & os da Cidade bradauam muyto mais que elles perfiando todauia, q̃ eram de Caſtella. Em eſta duuida, que ſe bem podera eſcuzar, mandou o Meſtre poer todas as mercadorias na Alfandega, de que ſe depois muyto aproueitaram, & lhes foy grande ajuda pera a paga do ſoldo, & doutras deſpezas, ca em ellas foram achadas mais de tres mil, & cem peças de panos de preço, & braneaes, & eſcarlatas, & outros panos de menos preço, & mais de cem peças de ſarja, & mais de cem varas de lenço froncil, e prata, & ouro, & chumbo, & perlas, & outras muytas couſas, que nam cumpre de ſe eſcreuer. E dahi a ſete dias chegou huma barca

ca á Cidade,& deu nouas,que os Ingreſes erão preſtes pera partir poderoſamente, & virem em ajuda do Meſtre; & do Reyno. Em eſto fizeram ſaber os deAlãquer ao Meſtre, que mandaſſe lá ſincoenta homens darmas, & os da Villa com elles, trabalharião todos de tomar o Caſtello, & alçar voz por elle. Ao Meſtre prouue muyto deſto, & vieramſe alguns denoite pera hirẽ com a gente, que là mandaſſe. O Meſtre armou logo duas galès, & fez Capitão dos q̃ hauião de hir Micẽ Manoel filho de Lançarote, o que matarão em Beja. Forão eſtas galés pelo Rio aſſima atê a ponte de Marinha, que he huma legoa do lugar. Quando alli chegarão pera poer a gente,erão já taes horas, que,elles no lugar, era ſol leuado bem manhaã que os poderaõ ver de toda a parte. Peró não embargando eſto. ouuerão as portas da Villa,como tinhão azo, & entrarão dentro ſem outro eſtoruo,& foramſe logo direitamente ao Caſtello,aſſi os que hião de Lisboa, como os moradores do lugar, & começarão de os combater rijo, dizendo ao Alcayde: que deſſe o Caſtello a ſeu ſenhor o Meſtre. E vendo que o fazer não queriam, começarão de brádar, que vieſſe fogo pera queimar as portas. O fogo foy azinha preſtes, & bem ſeruido pera arder, que huns leuauão trancas, & toucinhos, & outros leuauão azeites, cada hũ como milhor podia, de guiſa q̃ por mingoa de boas ajudas não leixaſſe de queimar. Mas porque o lugar,onde elle eſtaua à porta, era muyto abrigado do vento, q̃ o ajudaſſe; deshi a muyta agoa, que lançauão deſima os que defendiam aquelle Caſtello;foy todo aquelle trabalho deſpezo em vam, & durando o combate des hora de prima atè acerca de beſpora, em que foraõ alguns feridos, alçaraõſe nouas como ElRey deCaſtella eſtaua dahi aquatro legoas no Bõbarral, e mãdaua gẽtes á preſſa por ſocorro do lugar, q̃ lhe mãdara pedir Vaſco Pirez deCamoẽsAlcayde do Caſtello. Outros deziaõ, que vinha ElRey com as gentes que tinha. E vendo os da Villa como o Caſtello ſe nam podia tomar aſſi à preſſa, como elles cuidauão, & que ſe ElRey de Caſtella, ou os ſeusvieſſem,que era por força de paſſarem mal pela entrada, que deram na Villa,acordaram de ſe partir logo. Entam partiram as molheres com as filhas,& filhos com eſſa pouquidade, que leuar poderão, & nam ficaram ſenam

alguns

alguns pobres, & depois não receberão nojo, & però lhe Vasco Pirez brádaua, quando vio hir, que se tornassem, & nam ouuessem medo DelRey, nem das gẽtes suas, postoque viessem, poendo a de parte sua segurança. Meteramse nas galés, vieramse pera Lisboa muyto anojados do que começaram, pois nam ouuera fim, & ficandolhe muytos dos bens moueis, que tinham as casas auondadas de alfayas, que os do Castello depois roubaram, anteque outra gente viesse. E o outro dia chegou Garcia Fernandez deVillaOdre aAlanquer, ormandado DelRey com muytas gentes pera lhe acorrer, cuidando que ainda estauaõ combatendo os que vieraõ de Lisboa.

CAP III. *Como o Mestre mandou armar certas galès em Lisboa.*

VENDO o Mestre, e os de seu Conselho como se ElRey de Castella vinha com todo seu poder, & da grande frota de naos, & galés, que mandaua armar pera virem sobre Lisboa, pera lhe tapar o porto, que naõ fosse socorrida de mantimẽtos de nenhũa parte, houueram seu acordo de armar as naos, & galés, que hauia na Cidade, pera estarem prestes, se alguns poucos nauios em tãto viessem, que lhe podessem embargar a vinda, & hauer mantimentos desembargadamente da parte de Alemtejo, assi pera o encalmamento da Cidade, como pera a segurança dos que se pera ella vinhão daquella parte com ajuda, & defensaõ sua, quando soubessem, que a frota de Castella vinha poderosamente, que sahirão as naos, e galès ao Porto, & juntarsehião cõ as outras, que lá estauão, & estonce virião juntamẽte todos pelejar com a frota de Castella. E pera armarẽ as galès foy dado carrego a Dom Lourenço Arcebispo de Braga, o qual o tomou de vontade, & começou logo de as mandar poer nos vasos, & deitar á agoa, & tal aficamento, & tãtas gentes fazia juntar a este trabalho, que as mais dellas foram deitadas às mãos na agoa sem cabrestante, & elle andaua pela Cidade emsima de hum caualo, & de humas cottas vestidas, & o roxete ensima, & huma lança na mão, o ferro sempre pera diante. E postoque os da Cidade com bom desejo se offereceSem a aquelle trabalho, ainda os elle mais aficaua, nam leixando nenhum

nhũm de qualquer eſtado, em guiſa que não ficaua clerigo, nẽ frade, nem outra peſſoa, que todos alli nam fizeſſe chegar, & ſe lhe algum dezia que era clerigo, elle reſpondia, que aſſi era clerigo como elle, & oque lhe dezia que era frade. *E eu Arcebiſpo, que he milhor que frade.* Dezia elle, & tal aguça poz em as armar, que em breues dias foram armadas doze galès, & vieram mais huma, & hum galeote armadas do Algarue. E porque hi nam hauia eſcudos, & dardos, que ſe perderam nas armadas, que fizera ElRey Dom Fernando, fazia eſcudos das leiuas dos toneis, & cerrauam bordos, & fazião dardos.

CAP. 112. *Como foy entregue o eſtandarte a Gonçalo Rodriguez, & partio a frota pera o Porto.*

ARMADAS ſete naos, & mais galés, & preſtes de todo que lhe compria ordenou o Meſtre por Capitam da frota a Gonçalo Rodriguez de Souſa, Alcayde que entam era de Monçaraz, & veyo o Meſtre muyto acompanhado à Seè, & todos os da Cidade, Ordens, & Clerezia, & dalli ſahiram todos em grande, & ſolene prociſſam, a Clerezia toda diante, & o Meſtre acerca com todo o outro pouo, & muytas trombetas em lugar, onde nam faziam toruo, & aſſi por meyo da Cidade leuarão o eſtandarte das armas ditas de Portugal, & chegaram com elle atè a porta Douro, que he junto à ribeira de agoa, & foy alli entregue a Gonçalo Rodriguez, & poſto na mayor galè de todas, que chamauão a real. E eſto aſſi feito, tornouſe o Meſtre, & os outros cada hum pera ſuas pouzadas. E foy marauilha na noite ſeguinte, que Chriſtãos, & Mouros, que velauão o muro da parte de Sam Vicente de fora, acerca donde he feita huma Capella que chamão dos Martyres, que forão na tomada de Cepta, quando foy cobrada dos Mouros, q̃ à mea noite velando alguns virão vinte homens veſtidos de veſtiduras aluas, aſſi cõmo ſacerdotes, & quatro delles trazião na mão quatro cirios aceſos, e hião & vinhaõ em prociſſaõ entrando na Igreja, & falando muy baixo antreſy, como ſe rezaſſem algumas horas. Os do muro quando viraõ aqueſto ficaraõ muy eſpantados, & começaram

de chamar outros, que oulhaſsẽ tam gram milagre, & ſupitamẽte deſapareceraõ. E logo neſſa hora falando huns com os outros, em eſto virão nas pontas das lanças, que eſtauão nas torres, ſenhas candeas acezas de claro lume, que durou acerca de huma hora. E deſto derão teſtimunho ſete Chriſtãos, & tres Mouros, que velauão huma torre. E já ante deſto, hauia oito dias, q̃ chegara hum homem de Montemòr o velho ante deſto, & trouue hum eſtromento pruuico feito por mão de Lourenço Affonſo tabalhão do dito lugar, no qual era conteudo, que huma ſegunda feira, aos onze dias de Abril, eſtando preſentes Gonçalo Gomez da Sylua, & ſeus filhos, & outros muytos da dita Villa, chou era cera naquelle lugar, tal como a que poem as candeas, & trouue amoſtra della. Os da Cidade quando ao outro dia virão aquelle milagre, que contauam os da guarda de Sam Vicente de fora, forão muy ledos com elle, & com outras taes couſas, que neſta ſezão ao Senhor Deos prazia moſtrar. E o Biſpo, & clerezia, com todo o pouo, em prociſſaõ, forão a aquella Igreja dos Martyres dandolhe muytas graças, & pedindolhe merce que ſeſſe em ſua ajuda. Em eſto foi grão tormenta no mar, & chegaram hum dia tres naos de Caſtella cõ tempo contrairo muito a ſeu pezar, & pouzarão dentro no rio tres legoas da Cidade em direito de hũ chamão Oeiras. E eſtas naos vinhaõ carregadas de farinha, ceuada, & doutras couſas pera o arrayal Del Rey de Caſtella, cuidando que jazia já ſobre a Cidade. As gentes das galès, como houuerão dellas viſta, remarão contra ellas pera as hauerem de tomar. Quando eſto virão fizerão todas vela pera fogirem, e ſe hirem em ſaluo, ſe poderaõ. E vendo, que o fazer naõ podiam por o tempo, que lhe era contrairo, deraõ antes com as naos em terra, & quebraraõſe anteque as cobrarem os Portugueſes, & ſe aproueitarem dellas, & das couſas q̃ trazião. E os homens pozerãoſe em ſaluo em bateis, & a nado & como melhor podião. E as gentes Del Rey de Caſtella, que eſtauão em Cyntra, que andauã por aquelle termo, os ajudaram a defender, que não ouuerão dano. E os Portugueſes queimarão as naos, & tornaraõſe á Cidade, & aquella tormenta, q̃ fez ſe ouuerão de perder quatro galés daquellas, q̃ jaziaõ ante a Cidade, e prougue a Deos de as guardar. O tem-

tempo como foy âzado pera as galés poderem partir anteque a frota de Caſtella chegaſſe, que ja hauia nouas, que era no mar, foy o Meſtre fazer alardo com ellas da parte de Almada, hu chamam a Mora, & àtarde vieram as velas todas pouzar ante a Cidade no porto. E aos quatorze dias do mes de Mayo partio Gonçalo Rodriguez com ellas pera a Cidade do Porto, & as naos nam podèram hir em ſua companhia, porque o tempo lhe era contrairo, & tornaramſe pera a Cidade, & chegaram as galés a Atouguia,& o lugar eſtaua por ElRey de Caſtella, por quanto Iohão Gonçaluez, que era Alcayde de Obidos,& tinha ſua voz,conſtrangia por tal guiſa os moradores dalli, que tinham a parte,que elle defendia, & por tanto os das galés ſahiram fora, & roubaram mantimentos, & outras couſas, que achauam, & tomaram noue bateis, que ficaram do tempo DelRey Dom Fernando, pera ſe aproueitarem delles, porque eraõ ligeiros. E dalli foram as galês ſua viagem. & chegáram á Cidade do Porto, onde jação hum pouco folgando, em quanto himos ver ElRey de Caſtella.

CAP. 113. *Como eſcàramuçaram os Caſtellãos com os Portugueſes, & foy hi prezo Iohão Ramirez de Arelhano.*

ELREY de Caſtella ficou dias ha acerca de Obedos na Aldea, que chamam o Bombarral,por azo dos ſeus, que o aconſelharam, que nam toſſe acerca de Lisboa, anteque ſua frota chegaſſe, pera lhe tomar de todo a Riba Tejo, aſſi por outras rezoens, que já ſam eſcritas, & por iſſo aſſeſſegou alli ElRey por dias, & depois veyoſe chegando por eſſas Aldeas a milhor deſenfadamento, que achaua, até que chegou a huma grande, & eſpaçoſa Aldea, que chamauam o Lumiar huma legoa da Cidade, & alli propoz de antretanto eſtar de aſſeſſego. Os ſeus pouzauam por outras Aldeas, de muytas, que ha por eſſa Cidade,& em quanto ElRey por alli eſteue, nam vinham os ſeus eſcaramuçar contra a Cidade, ſenão muy poucas vezes, & eſto, porque eſtauaõ arredados della, & naõ lhe vinhão aſſi á mão. Porem hum dia vierão alguns Capitaẽs com ſuas

gentes de armas,pioẽs,& bèſteiros,& ſobiraõ do Valle de Santa Barbora ao monte de Sam Gens &alli ſe pozeraõ em magote,em ſuas bandeiras, & apupando todos contra os da Villa empadezados:E eſtando aſſi hum pouco moueram contra a porta de Sancto Agoſtinho Em aquella quadrilha eſtaua por guarda o Conde Dom Aluoro Pirez deCaſtro, & Dom Pedro ſeu filho, & Mem Roduguez, & Ruy Mendez de Vaſcogoncellos,q̃ tinhão ſuas bem duzentas lanças, afora outras da Cidade, que com elles eram de companhia, & quando viram eſtar os Caſtellãos daquella guiſa, ſahiram alguns fora pera eſcaramuçar.Em ſe voluendo a eſcaramuça, muyto de vontade huns, & outros, foy prezo da parte dos imigos hum boom fidalgo daquelles Capitaens, que chamauam Iohão Ramirez de Arelhano. Como aquelle foy prezo, cobraram os da Cidade esforço, & fizeramlhe fazer volta, & deram com elles por aquelle gram ſopé a fundo, & hiam arraſtando as bandeiras por ſima de paens, & ſameadas na coſta daquelle monte, onde foram alguns feridos,& mortos. O Meſtre ouuindo os ſeus como eſcaramuçauam, ſahio fora pé terra com gentes darmas, & bèſteiros à porta de Sam Vicente no cal, que ſe hi faz, & depois que vio a eſcaramuça deſfeita, tornouſe pera a Cidade,& mandou guardar Iohaõ Ramirez no Caſtello da menagem, aos que tinham carrego delle deulhe dous veſtidos de ſeu corpo, & lhe fazia toda a honra. Em eſte dia,que era a vinte & ſeis dias do mes de Mayo, começou a vir a frota de Caſtella, & chegaram ante a Cidade treze galès, & huma galeota, com as quaes *El*Rey folgou muyto por ter azo de ſe vir lançar arredor della.

## CAP 114. *Como ElRey chegou ſobre a Cidade,& do combate, que lhe deu.*

PASSOV hum dia, & mais naõ,ao ſabbado ſeguinte bem cedo pela manhaã, & chegaram ás torres, que ſam em hum alto monte em direito de SamDomingos alguns fidalgos a caualo da parte dos Caſtellãos, & falando a ſalua fè, diſſeram contra os das torres, que foſſem dizer ao Meſtre, que ElRey ſeu ſenhor jà vinha por caminho & que-

& queria alli fazer ſeus editos,& certos requerimentos, & que porem mandaſſe alli vir alguns caualeiros, & Cidadãos da Cidade pera verem como faziam ſuas proteſtaçoens. Fizeram eſto ſaber ao Meſtre,& elle mandoulhe logo dizer, que ſe foſſem logo dalli, & ſe o fazer nam quizeſſem, que lhe tiraſſem logo ás bèſtas. Ouuindo os Caſtellãos eſte recado, partirãoſe donde eſtauam, arredandoſe logo do muro, & alli aguardaram ElRey ſeu ſenhor, que jà vinha por caminho. Onde ſabey, que eſtes editos,queElRey quizera fazer,erão pera julgar de mao caſo a todolos moradores da Cidade, pera lhe depois poder dar os bens, & proceder contra elles à ſua vontade, dizendo como chegara alli por peſſoa com ſua bandeira tendida, & que o nam quizeram receber, como ſeu ſenhor, que era de direito. Em eſto chegou ElRey de Caſtella com ſua hoſte todos a caualo, & muytos piaens, & bèſteiros, que houueram das galès por auizar a Cidade, & chegou acerca della em hum alto monte, que hora chamaõ Monte Oliuete, & eſteue alli gram parte do dia, & muytos dos ſeus andauão entaõ cortando aruores,& vinhas,& fazendo todo o dano, que podião. E aſſi foy, que em eſte dia pela manhãa,anteque ElRey de Caſtella vieſſe,ſahirão daCidade pela porta de Sancta Catherina algũs homẽs darmas, & bèſteiros,& iſſo meſmo homẽs de pè: & ordenarão hũa pauezada pera eſcaramuçar cõ osCaſtellãos,q̃ já erão certos, que hauião de vir, antre os quaes eram Fernam Pereira Irmão de Nuno Aluarez, o Doutor Martim Affonſo, que depois foy Arcebiſpo de Braga,& Iohão Lourenço Xeraſcon, & Vaſco Martins de Gaâ, & Fernam Dal uarez Dalmeida Veador da caſa do Meſtre, & outros muytos boons homens de armas. E o Meſtre eſtaua na torre de Aluoro Pirez pera ver,que ElRey deCaſtella faria com aquellas gentes, q̃ conſigo tinha.E ElRey eſteue de teudo em aquelle lugar sẽ fazer couſa nenhũa, paſſante de hora de terça, & vẽdo como aquelles que ſahirão da Cidade, eſtauam á viſta delles, ſem moſtrar que lhe hauiam medo, diſſe entonce contra os ſeus *Vós outros não vedes como eſtes villãos andaõ fora da Cidade, ſem receo nenhum, que de nós haja? A elles, a elles, fazelos encarrar dentro,ca villãos ſam todos.* Algũs dos ſeus quando lhe eſto ouui-

ram differão, que àquello nam era de fazer, porque ainda que elles deſſem com elles ata as portas, nam hauiam poder de empèçer à Cidade Em ElRey ouuindo iſſo, houue menencoria, & ſem mais reſponder pedio o bacinete, & diſſe ao Meſtre de Sanctiago, que com ſua bandeira foſſe adiante,& elle fazendo o que ElRey mãdou decerãmſe muytos dos caualos, & com as lanças nas mãos moueram contra elles, até chegarem huns a outros, & os Caſtellãos eram muytos, & os da Cidade poucos, & não os podẽdo ſofrer fizerãonos tornar rijo pera a Cidade,& com outros deram na cua,q̃ então era ahi baixa,e alli os matarão,ou prẽderão, ſenão forão os das torres, & muros, q̃ os defendião ás pedras,& virotoens Em eſto veyo ElRey detraz com os ſeus,& Pero Fernandez de Velhaſco começou de dizer a altas vozes. *Auante, ſenhores, auante, que noſſa he a Cidade.* E iſſo meſmo o Conde Dom Iohão Affonſo Tello Irmão da Rainha, iſſo meſmo dezia: *Auante, ſenhores, auante, que por aqui vay o caminho pera minha caſa.* O Meſtre quando eſto oulhaua, & vio que os da Villa ſe colhiam ſem regimento algum, & os Caſtellãos adereçauam direitamente á porta,veyoſe com grande aguça á torre,donde eſtaua, & cerrou per ſua mão huma porta, & mandou aos outros,que cerraſſem a outra,& diſſe contra os ſeus: *Volta,volta,ſenhores, que he iſſo? Eu vos farey que ſejaes boons, aindaque namqueiraes.* Então ficauão os Portugueſes,que andauão fora,antre o muro, & a barbacaam, & todos alli ſe começarão de dar ás lanças huns aos outros muy rijamẽte, & por o combate durar grande eſpaço,nũca os Caſtellãos os poderão arrancar daquelle portal da barbacaã,q̃ eram ſem portas. A muyta bèſtaria iſſo meſmo aſſi das galès, como da que ElRey trazia, não quedauão de tirar aos do muro, deguiſa que todo era cheo de rejoens. E outro ſy os béſteiros de dentro tirauam por antre as ameas aos de fora. Deſima das torres deitauam muytas pedras, que acarretauam molheres em ceſtos, que lhe pouco empèciam, porque eram molles, & esboroauamſe todas. O arroido era muy grande, & a gente da Cidade acodia alli toda. Em quanto eſto ſe fazia, andauam homens de pé bèſteiros fora da Cidade

àlem

àlem das torres de Sam Domingos, & veyo a elles Dom Aluoro Perez de Guzmão cõ muytos ginetes, & fizeraõ eſporada contra elles, & foram hi delles feridos, & perderão dous caualos; & nam morreo hi nenhum de huma parte, nem de outra. E vendo os Caſtellãos, que naõ aproueitauaõ, durando o combate por muy grande eſpaço, leixaram de combater, ſendo jà alguns feridos, & mortos, antre os quaes morreo o Alcayde dos Donzeis, & outro, que chamauã Ruy Duque, & outros alguns, os mais delles de tiros, que lançauam de huma torre. Dos Portugueſes foram mortos quatro, & muytos feridos, antre os quaes foy ferido Fernam Pereira, Martim Pauedo, & outros. E eſto ferto aſſi, tornouſe ElRey cõm os ſeus pera onde partira, & os da Cidade tiueraõ cuidado de ſoterrar ſeus mortos, & penſar dos feridos.

CAP. 115. *Como ElRey de Caſtella chegou ſobre Lisboa, & como aſſentou ſeu arrayal ſobre ella.*

AO dia ſeguinte, que eram vinte & noue dias do dito mes de Mayo, chegaram as naos, que foram armadas pera vir de companha com as galès, & eram por todas quarenta antre grandes, & outras nam tamanhas. ElRey como ſoube que a frota das naos chegara, partio logo em outro dia com toda ſua hoſte pera poer arrayal ſobre a Cidade, & chegou ſobre ella a hora da terça, & a ſoma das gentes, que ElRey alli tinha, ſeriam até ſinco mil lanças, a fora as gentes, que foram em Santarem, & por todolos outros lugares, que por elle eſtauam, & mais mil ginetes, de que era Capitaõ Dom Aluoro Pirez de Guzmaõ. & muytos boons beſteiros, que eram bem ſeis mil, ſegundo alguns eſcreuem; de gente de pé muy muyta ſem conto, afora a que veyo na frota, & doutras aſſaz, que lhe vinham cada dia por terra. Mandou ElRey apoſentar o arrayal apar de hum Moſteiro de Dònas, que chamauam *Sanctos*, da Ordem de Sanctiago, que he arredado da Cidade pouco mais de dous tiros de béſta, & alli fizeram logo pera ElRey huma alta caſa ſobradada feita ſobre quatro traues groſſas, cercada de paredè de pedra ſeca, e acer-

della eram aſſentadas muytas, & nobres tendas alli DelRey, como dos ſenhores, que com elle vinham. E todalas outras gentes apoſentaram ſuas tendas por Alcantara, & por Campolide, e por o comaro derrador, em grandes, & bem ornadas ruas, todas enſi ma embandeiradas, & pendoẽs em deſuairadas armas, & ſinaes de como cada hũ era acõpanhado de armas, cõq̃ o arrayal reſplãdecia. E da multidam das trombetas, & doutras coulas, que lhe dauã grande apoſtamento, naõ compre fazer rezoado. O arrayal era todo apalanquado da parte da Cidade de hum pequeno valle, onde eſtaua hum poço, ca de nenhum outro lugar hauia recevo de receber nojo, pois que de todolas Villas darredor eſtauaõ por elle, & era arrendado, & muyto farto de mantimentos, q̃ lhe vinhaõ deSanctarem em barcas por mar: & por terra grandes recouas de beſtas, por cuja guarda mandaua ElRey eſtar ſempre gentes no caminho em certos lugares, onde entendia, que podia receber dano E naõ ſòmente de Sanctarem, mas de todos os outros lugares, que por ElRey deCaſtella eſtauam, era o arrayal por ſeruiço de todo o que miſter hauia. De Seuilha vinhão muytas barcas, & baixeis com mantimẽtos, & armas, & quaeſquer outras couſas, que lhe neceſſarias eraõ. E naõ cuideis, que naõ ſòmente, mas eſpeciarias de muy eſuayradas maneiras achareis em elle grande auondança a vender Alli hauia Fiſico, & Solorgioens, & Boticairos. E naõ ſòmente tinha preſtes as couſas neceſſarias pera conſeruar, & açucares, & conſeruas lhe achareis em muyta fartura. & agoa rolada, & outras deſtiladas agoas, de que os viçoſos homens vzauam no tempo da paz, todo alli ſe achaua por dinheiro, ſegundo cada hũ queria, & o azo deſtas, & outras muytas couſas ſerem achadas no arrayal em grande quantidade, foy a chegada de duas carracas, que eram de Leuante, carregadas pera Frandes, & o tempo contrairo as conſtrangeo por força, que pouzaſſem em Reſtello junto com a frota, & ElRey lhe mandou rogar que lhe prouguеſſe de deſcarregar alli, & vẽderem ſuas mercadorias no arrayal, & que fariam muyto ſeu proueito, & que lhe fariam em ello grande prazer, & ſeruiço, & lhe faria por ello merces. Ouueram os mercadores, & patroens ſeu acordo, & com aficados rogos DelRey, & receo, deshi mouidos

uidos por ſeu proueito, outorgaram o que lhe requereo, & deſcarregaram ſuas mercadorias, de que as gentes acharam grande abaſtança, ca panos de ſirgo, & de lam, de deſuairadas maneiras achareis em certas tendas, como cada hum ouueſſe miſter. Rua de molheres mundanarias hauia no arrayal tamanha, como ſe acoſtumaua nas grandes Cidades. No arrayal hauia rua, em que ſe vendiam, & abundauam muytas armas, & outras de mercadores Chriſtãos, & Iudeus, em que achauão panos, & ſolias, & outras muytas couſas a vender. E ahi hauia rua de cambadores, em que hauia compra, & vendas de moedas douro, & prata, & doutras maneiras em grande auondamento. *E* muytas outras couſas, que dizer nam curamos, achareis em ella a vender. Sòmẽtes de calçadura nunca foy bem abaſtado. Era muyto manteudo em juſtiça, de guiſa que nenhum homem leixaua de dormir, ſuposto que muytos dinheiros tiueſſe conſigo, nem ſe faziaõ em elle outros enojos, porque os homẽs acoſtumauão hauer pena. Por guarda do arrayal leixauão a ordenança denoite, & eſtauaõ em certos lugares à viſta da Cidade alguns de caualo, que nenhum nam podeſſe ſahir della, que logo nam foſſem viſtos. No mar acerqua de Almada, jazião ſempre duas galès preſtes, pera nam vir à Cidade mantimento pelo rio, nem gentes pera ſua detenſaõ. E fora das naos jaziam ao longo da Cidade, de Cataquefaràs atè á porta da Cruz todas em ordenança huma ante outra, de hũa à outra hauia deitado hum groſſo cabre, por tal, que aindaque alguma barca, ou batel quizeſſe paſſar dálem com gentes, ou mantimentos, que o nam podeſſem fazer por alli, por azo do embargo de taes cabres. E aſſi tinha ElRey ſeu cerco por mar, & por terra, que bem moſtraua aos que o viſſem, que ſeu grande, & ſeu nobre poder abaſtante era pera eſta, & mayor cõquiſta. E porque os ſenhores, & fidalgos, que hi eram com elle, viam da ſua parte tantas ajudas aſſi dos lugares, que poſſy tinhão como das gentes, & mantimentos, que lhe cada dia vinham: & eſtas couſas muyto por contrairo ao Meſtre, & aos lugares, que per elle tomaram voz: alguns delles falando em ello, differaõ hum dia a Fernam Daluerez. *Vós, que ſois homem, que viſtes muytas couſas de guerra ſemelhãtes a eſtas aſsi em França em cõ-*

*panhia*

*panhia DelRey Dom Anrique, como em outros logares, adonde vos achaſtes em feitos darmas, pareceuos a vòs, que o Meſtre em Lisboa pode leuar adiante eſtas tençam, que tomaram em ſe defender DelRey noſſo ſenhor, & da mayor parte dos Portugueſes, & ainda de gentes doutros Reynos, q̃ ſam em ſua ajuda, & ſeria mais, ſe elle quizeſſe? Senhores,* diſſe elle *eu vi jà muytas couſas, porq̃ ſam homem de muytos dias, vi grandes feitos começar com grande poderio, & muytos azos pera ſe acabarem, & nunca chegarão ao deſejo daquelles, porque eram começados, & vi cometer muy pequenos feitos, ſem nenhũa ázada rezam, que tiueſſe pera ſe hauer de acabar, & pouco a pouco chegarão atê gram termo, que a nenhum nàm podia vir por penſamento. E aſsi digo deſta demanda, que ElRey noſſo ſenhor toma com o Meſtre, que ſe lhe a ventura hũ dia der fauor, o Meſtre, & a Cidade hirão por diante cõ o q̃ começado tẽ, e deſte feito mais não entẽdo.*

CAP 116. *Porque guiſa eſtaua a Cidade corregida pera ſe defẽder quando ElRey de Caſtella poz cerco ſobre ella.*

NENHVM falamento deue mais vizinho ſer deſte capitulo, que haueis ouuido, q̃ poermos logo aqui breuemente de que guiſa eſtaua a Cidade, jazendo ElRey de Caſtella ſobre ella, & porque modo punham em ſy guarda o Meſtre, & as gentes, que dentro erão, por não receber dano de ſeus imigos, & o eſforço, & fouteza, que contra elles moſtrauão, em quanto eſteue aſſi cercada. Onde ſabey q̃ como o Meſtre, & os da Cidade, ſouberão a vinda DelRey de Caſtella, & eſperarão ſeu grande, & poderoſo cerco, logo foy ordenado de recolherem pera a Cidade os mais mantimentos, q̃ hauer podeſſe, aſſi de paõ, & carnes, como quaeſquer outras couſas, & hiaõſe muytos às leziras em barcas, bateis, & depois q̃ Sãtarem eſteue por Caſtella, & dahi traziaõ muitos gados mortos que ſalgauaõ, em tinas, & em outras muitas couſas, de que fizeraõ muito encalmamento, & colheraõſe dẽtro à Cidade muitos lauradores cõ molheres, & filhos, & couſas, que tinhaõ, & outras peſſoas daquella Comarca derrador, aquelles, a q̃ aprouge de o fazer: & delles paſſaraõ o Tejo com ſeus gados, & beſtas, & com o que leuar podiaõ & ſe foraõ cõtra Setuuel, & Palmella, & outros ficaraõ nas Vil

las

las, que por Caſtella tomaram voz. Os muros todos daCidade naõ hauiaõ mingoa de bom repairamento, & em ſetẽta & ſete torres, que ella tem arredor deſy foraõ feitos fortes com remanchoẽs de madeira, os quaes eraõ bem fornecidos de eſcudos, & lanças, & dardos, & bèſtas de torno, & doutras maneiras cõ grande auondança de muitos uirotoens. Auia mais neſtas torres muitas lanças de armas, & bacinetes & doutras armaduras, que reluziaõ tanto, que bem moſtraua cada huã torre porſy que abaſtaria pera ſe defender. Em muitas dellas eſtauaõ tiros bem acõpanhados de pedras, & bãdeiras de Sam Iorge, & armas da Cidade, & do Reyno, & doutros alguns ſenhores, & Capitaẽs, que as punhaõ nas torres, que lhe eraõ encomendadas. Ordenou o Meſtre, com as gentes daCidade, que foſſe repartida a guarda dos muros pelos fidalgos, & Cidadaõs, aos quaes dera certas quadrilhas de homẽs darmas, & béſteiros pera ajuda de cada hũ guardar bẽ a ſua, & em cada huã quadrilha auia hum ſino pera repicar, quando tal couſa vieſſe, & como cada hum ouuia o ſino da ſua quadrilha, logo todos direitamente corrião pera lá, por quanto ás vezes os q̃ tinhão carrego das torres, vinhaõ eſpaçar pela Cidade, & leixauão as encomẽdadas a homens, de que muyto fiauão: outras vezes nam ficauão em ellas, ſenam as atalayas, mas, como dauam à campaam, logo os muros eram cheos, & muytas gentes fora. E nam ſómente os que eram aſſinados em cada lugar pera defenſam, mas ainda as outras gentes da Cidade, ouuindo repicar na Sé, & nas outras torres auiuauamſe os coraçoens delles. E os Miſteres dando folgança a ſeus officios, todos com armas, logo juntamente corriam pera huã dezião, que os Caſtellãos moſtrauam de virem, & alli vireis os muros cheos de gente com muitas trombetas, brádos, & apupos, eſgremindo eſpadas, & lanças, & ſemelhantes armas, moſtrando fouteza contra ſeus imigos. Nam curauam entam do dito que diz. *Que mais ajuda a Igreja ô Reyno com oraçoens, que os caualeiros com as armas.* Nam guardauam alli a decretal. *Eccleſiaſtici arma portantes:* Os quaes, ſegundo direito nam curam tomar armas, poſtoque ſeja pera defenſam da terra, mas clerigos, & frades, eſpecialmente da Trindade, eram logo nos mu-

ros

res com as milhores armas, que hauer podiam: ca huns denoite velauam ſuas torres, & os das quadrilhas roldauam todo o muro, & torres de huma quadrilha até a outra. E outras ſobre roldas andauam pelos muros, huns idos, & outros vindos. Enaõ embargando todo eſto, o Meſtre, que ſobre todos tinha eſpecial cuidado da guarda, & gouernança da Cidade, dando aſeu corpo muy breue ſono, requeria por muytas vezes de noite os muros & torres com tochas anteſy, bẽ acompanhado de muitos, que ſempre conſigo leuaua. Naõ hauia ahi nenhũs reueis dos que hauiaõ de velar, nem tal, a que eſqueceſe couſa, que lhe foſſe encomendada, mas todos muy preſtes a fazer oque lhe mandauaõ de guiſa, que todo o bom regimento, que o Meſtre ordenaua naõ mingoaua abondança de trigoſas execuçoẽs. De trinta, & oito portas, que há na Cidade, as doze eraõ todo o dia abertas, encomendadas a boons homẽs de armas, q̃ tinhaõ cuidado de as guardar, pellas quaes nenhũa peſſoa, que conhecida não foſſe naõ hauia de entrar, nem ſahir, ſem ſabendo primeiro certo, por que rezaõ hia, ou vinha, & alli atraueſſauaõ paos com tauoado pera dormir os que tal cuidado tinhaõ, por de noite ſerem delles acompanhados, & nenhum malicioſo ſer atreuido de cometer nenhum erro. Dalguãs portas tinhaõ certas peſſoas as chaues por rezaõ dos bateis, que ataes horas hiam, & vinhaõ dálem com trigo, & outros mãtimentos ſegundo lereis em ſeu lugar. Eoutras chaues apanhaua hum homem cada noite, de que o Meſtre muyto fiaua, vendo primeiro como as portas ficauaõ fechadas, & lhas leuauaõ todas ao Paço, donde pouſaua. Acerqua da porta de Santa Caterina da parte do arrayal, por onde mais coſtumauaõ ſahir a eſcaramuçar, eſtaua ſempre huã caſa com camas preſtes, & ouos, & eſtopas, & lençoes velhos pera romper, & ſolorgiaõ, & triaga, & outras neceſſarias couſas das eſcaramuças. Na ribeira hauia feitas duas grandes, & fortes eſtacadas de degraos, & valentes paos, que o Meſtre mandara fazer, anteque El-Rey de Caſtella vieſſe por defender o combate da Ribeira, & era des onde o mar mais longe eſ prayaua atá junto da Cidade, & huma foy caminho de Sanctos a fundo, caminho da atalaya, & outra a aquella darte. A outra fizerão no outro cabo da Cidade

de junto com o muro dos fornos da cal, jũto com o Moesteiro de Santa Clara, as quaes eraõ de estacas dobradas alli bastas, porque nenhum de caualo podesse passar por ellas, & tambem poucos homens de pé, sem primeiro sobindo por sima da altura dos paos, que seria graue cousa de fazer, & antre as ordens das dobradas estacas, hauia espaço sem pedra deitada, em que hum batel podesse caber sem remos posto atrauez, se compridse de se alli acolherem. Nam leixauão os da Cidade, por serem assi cercados, de fazerem a barbacaam derrador do muro da parte do arrayal, da porta de Sancta Catherina até a torre de Aluoro Paez, que seria dous tiros de bésta. E as moças sem nenhum medo apanhauam das pedras pela Cidade, & cantauão altas vozes, dizendo. *Esta es Lisboa prezada, miralda, y leixalda, si quisieredes carnero, qual dieran al Andero, si quisieredes cabrito, qual dieran al Arçobispo.* E outras rezoens semelhantes. E quando os imigos as queriaõ estoruar, erão postos em àquelle cuidado, que forão os filhos de Israel, quãdo ElRey Xerses, filho DelRey Dario, deu licẽça ao Prophета Nehemias, que refizesse os muros de Hierusalem, que guerreados pelos vizinhos derrador, que os não alçassem, cõ huma mão punhão huma pedra & com a outra tinhão a espada, pera se defender. E os Portugueses fazendo tal obra tinhão as armas junto consigo, com que defendião dos imigos, quando se trabalhauão de os embargar, que o não fizessem. As outras cousas que pertenciam ao regimento da Cidade, todas erão postas em boa, & igual ordenança, & assi nam hauia nenhum, que contra outrem leuantasse arroido, nem lhes empècese por talento dos excessos, mas todos vzauão de amigauel concordia acompanhada do proueito commum. Oh que fermosa cousa era de ver em tão alto, & poderoso senhor, como era ElRey de Castella, com tanta multidão de gentes assi por mar, como por terra, postos em tam grande, & boa ordenança ter cercada tão nobre Cidade, & ella assi guarnecida de gentes, & darmas, com taes auizamentos por sua guarda, & defensam, em tanto, que dizem os que o virão; que tam fermoso cerco de Cidade nam era em memoria de homens, q̃ fosse visto de muy longos annos até aquelle tẽpo.

(.I.)

CAP.

CAP 117. *Como foy tomado Ourem, & preſo Diogo Lopez Pacheco, & dado por elle Iohaõ Ramirez de Arelhano.*

ESTANDO o Meſtre aſſi deſta guiſa aosonze diasdomes de Iulho chegouſhe recado por certo recõtamẽto que o Meſtre de Chriſtus Dom Lopo Dias de Souſa naõ per força, mas por conſentimento dalgũs moradores de Ourem, tomara a dita Villa, q̃ eſtaua por Caſtella, & mantinha ſua voz, & a poſſuia ſob o ſenhorio do Meſtre, do qual lugar foram tomados, & prezos dous filhos do Conde Iohão Affonſo Conde de Barcellos Irmaõ da Rainha Dona Lianor, & todos os homens darmas, que o dito Conde hi tinha pera guarda delle, & ao Meſtre, & aos daCidade prougue com eſtas nouas muyto, & logo acerca morreo de ſua morte Dõ Aluoro Pirez deCaſtro Conde de Arrayolos, & ſoterraraõno noMoeſteiro de SaõDomingos. Em eſte comenos naõ foraõ muytos dias eſtando ainda a Villa de Almada pelo Meſtre, a qual he em direito de Lisboa huma legoa a trauez do *Rio*, da outra parte, chegou hi Diogo Lopez Pacheco, q̃ andaua em Caſtella, de que em alguns lugares he feito mençam, & elle, & tres ſeus filhos. ſ. Iohaõ Fernandez, que era lidimo, & Lopo Fernandez, & Fernaõ Lopez baſtardos, & quizeraõ entrar na Villa, os do Concelho nam quizeraõ temendoſe delles, porq̃ vinha de Caſtella, & pouzou no arrabalde com outros Portugueſes, que hi pouzauaõ, & trazia conſigo atà trinta homẽs, dos quaes eraõ quatorze de cauallo. Ebuſcando azo de ſua vinda dizem algũs em eſte paſſo, que depoisque a Rainha dona Beatriz reinou em Caſtella, que ſempre elle teue ſoſpeita, que naõ podia là elle bem viuer, & però que ſoſpeitoſo nunqua he ſeguro, receandoſe elle da Rainha, que lhe teria odio, como lho tinha ElRey Dom Fernando ſeu padre, por azo da vinda delRey DõAnrique que viera ſobre Lisboa, & a deſtruiçaõ, que em ella fizera, o qual affirmauão que fora por ſeu azo delle, pois que delle eſte receo, & ſoſpeita tiueſſe, naõ podia alfazer nem lhe compria andar mais mundo do que já andara, ca era homem de oitenta annos, & quãdo ouuio dizer que o Meſtre tomara carrego de Regedor dos Reynos de Portugal, & do Algarue, determinou de ſe partir de Caſtella

Caſtella, & ſe lançar com o Meſtre em Lisboa, & por mais ſegurança de ſua vida, & com tal entençaõ ſe veo a Almada. Vendo que paſſar naõ podia por azo da frota, chegou, & mandou dizer aos de Almada, que lhe deſſem a villa, & que foſſem ſeus, que lhes faria porello merces. Os do lugar reſponderaõ antre outras rezoẽs, que elles eraõ Portugueſez, & naõ entendiaõ fazer mudança; mas como Lisboa fizeſſe, que aſſi fariaõ elles. Eſtando deſta guiſa, a cabo de tres, ou quatro dias que Diogo Lopez chegou, ſabendo ElRey parte de ſua vinda, mandou de noite encubertamente paſſar em galès, & bateis, & naos muitas gentes, & bèſteiros, & caualos, & duas galès dellas foraõ a Marqueira, que he hum porto à cerca da villa, & eſtiueraõ quedas. *D*uas, ou tres gales paſſaraõ toda a noite aquelles, que ElRey mandou, e foraõ aportar a o Cabo de Martim Affonſo aſſima da motela da Ribeira. Quando foy menhaam a gente dos Caſtellaõs ſe foy à eſtrada, que vem de Coina pera o lugar, & as eſcuitas, q̃ tinha a villa, foraõlhe dar nouas de ſua vinda delles. Amenhaam era muito neuoſa, & ſahiram homẽs de cauallo, & de pé, & Diogo Lopez, & ſeus filhos cõ elles & erão na villa, por boõs, & comunaes atè oitẽta de caualo, gente de pè, & os bèſteiros quatrocẽtos, & ſincoenta. Os Caſtellaõs ſeriaõ quatrocentos de caualo, & muitos bèſteiros, & piaẽs, e ao tempar, que fizerão hũs com outros cahirão dos imigos antre de pé & de cauallo quorenta, & dos Portugeſez ſete. Hũa cilada, que os Caſtelláos tinhão antre a Villa, & aonde aportarão, ſobreueyo dar em elles, & morrendo de huma parte, & da outra foy preſo Diogo Lopez, & fugirão os filhos enſima de ſeus caualos pera hum Caſtello, que ſe chama Cezimbra, que ſaõ dahi tres legoas, que mantinha voz do Meſtre, & foy mais preſo Affonſo Gallo Recebedor da Villa, & outros com elles, & delles fugirão pera Cezimbra. Os Caſtellãos, que erão muytos, combaterão logo Almada, & não lhe podẽdo então fazer couſa, que muyto dano lhe fizeſſe, pozerão cerco ſobre ella de ſocego, desentam a tiuerão cercada. Diogo Lopez foy trazido a ElRey de Caſtella, & tinhao preſo no arrayal, auendo delle muy gram queixume. O Meſtre vendo como Diogo Lopez ſe partira de Caſtella com ſeus filhos, & por defen-

fenſaõ do Reyno fora prezo, da quella guiſa, ordenou logo de o liurar da prizão, & comprou Iohão Ramirez de Arelhano a Perim Gaſcom, & a Diogo Eſteues, cujo priſioneiro era, pera o dar por Diogo Lopez. Deſte caimbo não prazia a muitos deſ uiando o Meſtre, q̃o nao fizeſſe dizendolhe, que Diogo Lopez era já homem velho, & mais não tal, de que ſepodeſſe preſtar em feito de guerra, & que Iohaõ Ramirez era boom homem darmas & aſſi o moſtrára quando fora prezo; & pois que era peſſoa, que lhe podia empéecer, que tal feita não era igual, nẽ ſe podia fazer por nenhũa guiſa. Certamente aſſi era, como ſe dezia, ca Iohão Ramirez era muy bom, & ardido caualeiro, & amauao ElRey de Caſtella muyto, por que o criara, & por eſtremado homem de armas, & era filho de Madama Venezeana, de que ElRey muito fiaua, & era ſua ama. O Meſtre não curou de quantos lhe contradezião, mas teue por bem de o dar por elle, vzando emtal feito de virtuoſa vontade com direito conhecimento, & aſſi foy dado Iohão Ramirez por Diogo Lopez, o q̃ o Meſtre logo fez de ſeu conſelho, & lhe poz por mez quinhentas liuras de mãtimẽto.

CAP 118. *Dos Capitaẽs, que ẽtraraõ com o Arcebiſpo a correr em Portugal, & como foy preſo Fernando Affonſo de Camora.*

OVVIDO tendes ja vay em dous meſes como treze gales partirão de Lisboa, & ſe forão á Cidade do Porto pera todas juntamente com as naos, & galés deſſe lugar virẽ dar batalha á frota Del-Rey de Caſtella, depois que joueſſe ſobre a Cidade. Pera milhor vermos todos que ſe fez depois que ahi chegaraõ, leamos primeiro tres capitulos ſeguintes do que aueyo ante ſua chegada. Onde ſabey, que tendo cercada ElRey de Caſtella Lisboa, como diſſemos, & eſtando por elle antre Douro, & Minho os lugares, que já ſaõ ditos. Ajuntouſe Dom Iohaõ Manrique Arcebiſpo de Sanctiago com muyta gente de Caſtellaõs pera correr, & deſtruir toda aquella Comarca, que voz tiueſſe pelo Meſtre. E os Capitães Portugueſes, que com elle vinhaõ eraõ eſtes. ſ. Lopo Gomez de Lira, & Iohaõ Rodriguez Portocarreiro, & Fernaõ Gomez da Sylua, & Ayres Gomes o velho, & Martim Gonçaluez de Ataide

&

& Vaſco Gyl de Fontella, & Gõçalo Pirez Coelho, & os Capitaens Gallegos, eram Fernam Pirez de Andrade, & Bernardeannes de Sanctiago, & Garcia Rodriguez, & Affonſo do Valle Carca, & Martim Sãches de Marinha, & Pedraluerez, & Payo Sordea, e Iohão Rodriguez de Biedma, & Gonçalo Marinho, & outros. Traziam todos atê ſetecentas lanças & dous mil homens de pé, todos gente eſcolhida, & bẽ poſtos pera pelejar. Andauamais naquella Comarca hum caualeiro Caſtellaõ, a que chamauam Fernamdafonſo de C,amora, homẽ bem fidalgo acompanhado de oitenta de caualo muy boons eſcudeiros, & aſſi Caſtellãos, como doutra gente, mas eſtes andauam apartados porſy, & com arte, & por eſta guiſa. Quando chegaua aos lugares, que eſtauaõ por Portugal dezia, que era da tençam do Meſtre, & quando chegaua aos que eſtauam por Caſtella, em poucas palauras lhe fazia entender que era da ſua parte, & aſſi andaua com aquelles ſeus comendo, & gaſtando a terra, ſem lhe contradizendo nenhuma peſſoa, & com eſte fingimento chegou a Sento Tirſo de riba Daue cõm ſua gentẽ, & lançaramſe ahi a folgar muy ſeguro de nenhum contrairo, que lhe auir podeſſe, ſem poendo ſy alguma guarda. O Conde Dom Pedro, que eſtaua no Porto, como já he dito, como eſto ouuio, diſſe aos da Cidade como aquelle Fernandafonſo andaua com eſta falſura Como elles ouuiram dizer de tal arte, como aquelle Fernandafonſo vzaua, roubando, & gaſtando a terra, treſmontando ſobre elle huma noite, & chegaram demadrugada ao lugar, onde jazia com todolos ſeus de ſegurado, & acharamnos ainda nas camas, & però que elle trabalhaſſe de ſe defender quanto pode, & aſſi alguns dos ſeus nam lhe preſtou nada, mas antes ouue hi feridos de huma parte, & da outra, & mortos da ſua gente, & outros fugidos cada hum, como milhor pode, & prenderam a elle, & a Affonſo de Valença ſeu filho, & mataram hum ſeu ſobrinho, tomaramlhe os caualos, & mulas, & todolas outras couſas, que lhe acharam, & trouxeram todos à Cidade, & jouue hi prezo elle, & o filho atè que a frota depois foy pera Liſboa, & foi tomado em ella dos Caſtellãos, como adiante ouureis.

(?)

O CAP.

CAP 119. *Do conſelho, que o Arcebiſpo ouue com os ſeus, & como foy cercar o Porto.*

ESTANDO o Arcebiſpo em Braga com as gentes, que jâ nomeamos, eſtando pela terra a roubar, & fazer todo o mal, q̃ podiaõ, ouueram conſelho em q̃ maneira farião guerra o mais a ſeu ſaluo, q̃ podeſsẽ, & com mais ſua hõra. E dizé algũs q̃ diſſerão antreſy *Vamos ao Porto, q̃ ſam dahi a oito legoas: & cerquemolo por hũa parte, & noſſo arrayal ſeja poſto á porta do Oliual, & em breues dias o tomaremos, porq̃ na Cidade nam ha quem peleje com noſco, nem ha poder de ſe defender, que muyto ſeja.* O Arcebiſpo quando eſto ouuio, reſpondeo entonces. *Eu nam ſam em eſte conſelho por duas rezoens: a hũa por a Cidade ſer de muyta gente, que a poderam muy bem defender: a outra, porque hé porto de mar, que por muytas vezes pode auer acorrimento, quando tal couſa auieſſe; mas pareceme, que ſerà bem nam nos chegarmos muyto a elles, mas andarmos a geito duas legoas derrador, & tirarlhe emos os mantimentos. E porque elles nam nos ſaõ encaualgados, naõ nos podẽ vir fazer nojo, & em tanto hir ſehaõ gaſtando antreſy, ſem outro nenhũ noſſo dano, ca pois a mayor parte eſtâ por Caſtella, o reuelar de Lisboa, & deſte lugar; & dalgũs outros, q̃ tẽ voz do Meſtre, nam pode ſer q̃ muyto dure, ca elles veraõ, q̃ fazẽ vaidade em defender porfioſamente ſua tẽçaõ, & faraõ todo q̃ lhes ElRey noſſo ſenhor, & a Rainha ſua molher mãdarẽ, & digouos, q̃ eſte ſeria meu conſelho.* No qual ſe outorgauaõ todolos Caſtellãos, q̃ hi eraõ, mas os Portugueſes deſnaturados, q̃ hi eram eſpecialmente, Lopo Gomez de Lira, com ſeus parentes, & amigos, diſſeraõ ao Arcebiſpo. *Senhor, vamos adiante todauia, ca naõ hauemos, porq̃ hauer receo dos q̃ moraõ na Cidade, ſam gẽtes ſem conſelho, & naõ ha em elles nenhũ bõ regimẽto, porq̃ os coraçoẽs dos muitos ſaõ deſuairados, nam ſomẽte por inueja, mas ainda por ſoſpeiçaõ, a qual couſa ainda antre elles pode ſer muito mais, quando nos virem juntos conſigo, que ſe volueraõ todos ſem gouernança, & nacerá antre elles tal deſacordo, que ſerâ a nos muy grande honra, & façanha; aſsi que de huma guiſa, ou de outra, nam podemos deſto alcançar, ſenam bem. E porem nam o ponhamos mais em vagar, mas cheguemos alà em toda a guiſa, & que mais.*

nam

*nam seja, vamos se quer fazer mostrança, & prouar que querem fazer.* O conselho era muy boom, se os da Cidade foraõ em desacordo, como elles deziam, porque naõ ha morte mais chea de peçonha, nem que assi destrua as Cidades, & que as faça mais azinha perder, que discordia antre os moradores dellas. Mas esto era muyto pelo contrairo, ca as gentes da Cidade eraõ todas de hum acordo, por saude & defensõ della, & todos tinham hum coraçam; & deshi como se mostrou depois ao diante. Entam o Arcebispo vendose aficado destas, & outras rezoens ouue de consentir ao acordo, q̃ os outros deziam, & começaraõ de andar seu caminho pela estrada de Guimaraens, & chegaram ao meiq dia acerca do Porto, & pouzaram seu arrayal aonde chamão Sam Romaõ, que he meia legoa do lugar, & alli comeram, & folgaram.

CAP. 120. *Como os do Porto sahiraõ fora pera pelejarem com os Gallegos.*

QVANDO os da Cidade souberam como os Castellãos eram em aquelle lugar, & a võtade, cõq̃ vinhão, ouueraõ todos seu acordo, dizendo huns aos outros. *Estas gẽtes, q̃ alli jazem, sam muytas, & boas, & vem com tençaõ de cercar esta Cidade, & a tomar se poderem, pois nos cercados delles, ou nos leixaremos aqui jazerençarrados, comogados em curral, & nam sahiremos fora, ou lhe poeremos a praça. Senão sahirmos fora, esto serà a nòs muy grande mingoa, & prazmo, pois compre todauia de sahirmos, cade outra guisa, que vergonha seria a nos auermos a Cidade cercada de nossos imigos, q̃ querẽ de nos hauer honra, & prouar pera quanto somos, & nos naõ curarmos dello, & estarmos oulhando do muro, como molheres. E porem nam deuemos consentir com elles, nem leuem de nos tal louuor, & a vergonha fique comnosco, leixandoos chegar aqui á sua vontade. Mas sayamos a elles, & em toda a guisa, & nenhum nam haja receo, ca Deos serà em nossa ajuda.* E auido este acordo, leyxandò conselho, trabalharam logo de se armar todos à maior pressa, que poderão, em tanto que do maior, atè o mais pequeno, nam ficou nenhum, que se nam armasse pera sahir fora, como fossem prestes todos. Dos quaes era o principal o Conde Dom Pedro já no

meado, com quinze eſcudeiros bem corregidos, & outro fidalgo chamado Martim Correa, & outros boons eſcudeiros com ſuas gentes, de guiſa que eram por todos com os da Cidade até ſetecentos homens de pé. Era mais Gonçalo Pirez Eſcriuaõ da Chancellaria, padre que fora de Luis Gonçaluez, & de Pero Gonçaluez, que chamauão Malafaya, de que adiante ſe fará mençam; oque o Meſtre ante deſto hauia mandado em huma barca com Iohaõ Ramalho, & Nicolao Domingues homens honrados da dita Cidade, pera encaminhar couſas de ſeu ſeruiço. E eſte não quedaua dizendo a huns, & a outros. *Amigos, ſayamos a elles, q̃ nam ſam pera nos nada, nos ſomos Portugueſes direitos, & por defender noſſa terra, & Reyno, naõ deuemos tomar nenhum receo, mas todauia pelejar com elles, & defendelo atà a morte, anteque nos ſogigarem contra rezam, & direito.* E elles todos preſtes com grã de esforço, & vontade, ſahiram todos fora, & foraõſe apouſentar ao chafariz de Mija Velhas, que he pequeno eſpaço da Cidade, ca porque nam eram encaualgados, & era jà ſobre a tarde, naõ ouzarão de hir mais longe, & atenderaõnos alli, & quando virão que nam pareciam, tornaraõſe pera a Cidade, & naõ ſe fez mais por eſtonce.

CAP 121. *Como as galés de Liſboa chegaram ao Porto, & ſe ajuntarão as gentes dellas com as da Villa pera pelejar com os Gallegos.*



No outro dia de madrugada armaramſe todos, & ſahiram pela porta do oliual, porque ouuiraõ dizer, que daquella parte querião vir aquellas gentes, & foramnos aguardar por grande eſpaço, & longe da Cidade. E elles eſtando alli, achegaram as galés, que diſſemos que partiram de Lisboa, todas apauezadas, & bem corregidas, com grande alegria, dando às trombetas, dizendo ſuas ſaudaçoens, como he coſtume de mareantes. Pouzarão antes a Cidade: os que ficaram em ella, & não ſahiaõ fora, quando viraõ as galés forão muj ledos cõ ellas mandaramno logo dizer aos outros. Os das galès iſſo meſmo, como chegarão, & lhe diſſeraõ como os da Cidade ſahirão pera pelejar cõ aquellas gentes, ſem outra tardança, nẽ mais eſpaço, poſeraõ logo as pranchas fora, e ſaltarão todos em terra, .I. Gonçalo Rodri-

Rodriguez de Souſa, & Ruy Pereira, & Affonſo furtado, & Gonçalo Vazques filho de Vaſco Martins de Mello, & ſeu Irmão, & Antão Vazques, & Ayres Vazques Daluallade, & outros fidalgos, & patroens de galés, & com elles atá trezẽtas lanças, & quinhẽtos bẽſteiros, & tres mil e quinhẽtos galeotes. Aſſi erão por todos com os da Cidade, q̃ já ditos ſaõ, mil homẽs darmas, & oitocentos bẽſteiros, & ſinco mil homẽs de pé, todos cõ grande vontade de pelejar com a bandeira do Meſtre tẽdida ante elles. Quãdo os Gallegos ouuirão dizer, q̃ as galès de Portugal chegarão, e como as gentes dellas erão juntas com as da Cidade, muito lhe pezou de taes nouas, de guiſa que de todo perderão a confiança, em que ante confiauão; pero por que erão certos, que os do lugar nam eram encaualgados, leixaraõſe eſtar de ſocego. Os Portugueſes quando eſto ſouberaõ ouueram acordo antreſy dizendo. *Pois que aſsi he, que elles nam querem vir a nós, vamos nos alá buſcalos onde eſtão, & nenhum ſe enfade em quãto andar podemos, ca doutra guiſa faram de nós eſcarneo.* Entaõ moueram todos o caminho de Paparanhas cõ ſuas bandeiras diante, & hũa do Meſtre, que todos hauião de guardar, & a outra dos ſinaes da Cidade. E muytos dosque os viraõ aſſi, chorauam de prazer, dizendo. *Senhor Rey todo poderoſo, ſé do noſſo bando, & ajudaos contra ſeus imigos.* E elles hindo aſſi regidos em batalha com grã de vontade de pelejar, viraõ quatro ginetes da parte dos Gallegos, como os viram hir daquella guiſa deram logo volta, & diſſeram ao Arcebiſpo, & aos outros, que já parecião no viſo de Paparanhas. Entam caualgaraõ todos azinha, & paſſaram a agoa de Leça, & pozeramſe aſſima da ponte do Rio em hum alto lugar forte, de geito que nenhum lhe podia fazer nojo, nem paſſar por aquella ponte ſem muyto, & grã de ſeu dano. E os Portugueſes quando o viraõ daquella maneira, acendiamſe em mais vontade de pelejar, em buſcando lugar azado, por onde paſſaſſem a ſeu ſaluo pera os fazerem decer daquelle monte; nunca o poderaõ achar, & porque ſe chegaua a noite, aos marmoeiraes de Leça & dahi mandaraõſeu recado ao Arcebiſpo per hum frade da Ordem deS Frãciſco, q̃ chamauão Frey Vaſco Patinho, oqual chegou a elle, & diſſe. *Señor, aquelles Capitães, q̃ alli eſtão com aquellas*

*gentes vos enuiàm dizer,& rogar que vos praza de vos arredardes daqui;que elles poſſam paſſar pela põte deſembargadamẽte,& vos ponhaes em lugar onde vos elles poſſam poer batalha, & pelejar com voſco. Amigo*,diſſe o Arcebiſpo, *eſtas gentes eſtaõ aqui juntas, como vosvedes,ſe elles anôs quizerẽvir,aqui nos acharaõ preſtes pera pelejar,mas doutra guiſa nam nos mudaremos de como eſtamos, ſenam quando virmos que nos cõpre,& eſta reposta lhe leuay.* Tornouſe o frade com eſte recado, d. shi cerrouſe a noite, & pozeraõ ſuasſcuitas pelos caminhos que nam recebeſem dano de alguma parte. E fizeram muytas fogueiras no arrayal, & os demais vigiaram toda a noite, ca nam eram mais longe, que a tiro de virotom, & os Caſtellaõs nam quedaram deſpachar ao arrayal, & mandar ſuas azemalas contra Braga.

## CAP. 122. *Como os Portugueſes eſcaramuçaram com os Gallegos,& ſe foy o Arcebiſpo.*

TOYSE gaſtando a noite azinha, ca era no mes de Mayo, na alua da manhaã tanto que aluoreceo, os Gallegos, que eſtauaõ já todos preſtes, aſſi os de caualo, como os de pé com ſua bandeira tendida dos ſinaes deSanctiago. Os Portugueſes, quando eſto virão,buſcaraõ lugar por onde paſſaſſem, & naõ o poderaõ achar,& bẽ moſtrauaõ a de fora a grande vontade,q̃ dentro no coraçaõ tinhaõ. Ouueramſe de meter por hũa brenha muito eſpeſſa, però deitarão em ella muitos paos, & muytos ramos de aruores,& começaraõ por alli de paſſar o melhor,que poderaõ até trezentos antre bẽſteiros, & de pè, &alguns de caualo,e cõ elles hũ Cidadaõ do Porto, que os caudilhaua,q̃ chamauam Iohão Ramalho. Os Gallegos quando viram que elles paſſauaõ por lugar taõ mao,marauilharaõſe,& diſſeraõ *Deixemos paſſar quantos poderẽ, & depois q̃ forẽ da parte dàquem de anteq̃ ſejão acaudilhados, & regidos, como cõpre, daremos em elles rijamente de volta, & aſsi os deſbarataremos.* Os Portugueſes entenderaõ eſto, & foraõſe mais afundo buſcar outro milhor lugar,peronde foſſem todos juntos & anteque paſſaſſem osGallegos de caualo,& de pé todos em tropel,vieraõ dar muy rijamẽte naquelles poucos,q̃ já eraõ da parte dàlẽ. Os Portugueſes por todo eſto naõ

nam ſe arramarão, mas tiuerão-ſe todos juntos, & começarão de ſe ferir de vontade, mas os bé ſteiros magoauão muy mal os Gallegos de guiſa, que cahirão logo mortos hum de caualo, & dous de pè, & afaſtaramſe afora por força. Falou eſtonce o Arcebiſpo aos ſeus, & diſſe. *Amigos, paraes mentes como eſtas gentes, vem a nòs aſsi como homens, que nam temem a morte; & certamẽte graue couſa ſeria, & nam me parece rezão auermonos de embruilhar com elles, ca elles trazem muytos bẽſteiros, porque ham de nos grande milhoria, & matando nos os caualos, poderiamos azinha ſer vencidos, & porem leyxemolos, & vamonos a noſſo ſaluo, ca ainda q̃ dous Reys vieſſẽ a hũ delles gente de treze galés, em ajuda lhe daria tanta auãtagem, & poeria em outra tam grande duuida, que bem cuidariam, que tal peleja era de eſcuſar, mayormente que deue fazer a nos?* Então outorgarão todos em eſto, que o Arcebiſpo dezia, mouerão & foramſe logo, hindo alguns Portugueſes a geito delles ladrãdoos. Deram parte dos Gallegos volta, foy morto hum Portuguez Eſtonce aguardaram aquelle dia & noite ſeguinte penſando que ſeus imigos faziam aquello com arte, & que por ventura tornariam a elles; & elles, depois que ſouberam que eram muyto alongados, tornaramſe pera a Cidade com muyto prazer.

CAP. 123. *Como Ruy Pereira diſſe ſua menſagem aos do Porto, & a reposta, que lhe deram.*

DEPOIS que os da Cidade foram ſocegados, & iſſo meſmo as gentes da frota, diſſe Ruy Pereira aos do lugar, que ſe ajuntaſſem todos, que lhes queria notificar algumas couſas, que lhe o Meſtre mandaua dizer. E no outro dia, que era ſeſta feira, ajuntaraõſe todos pera ouuir ſua embaixada, aqual por elle propoſta moſtrando primeiro huma carta de crẽça, começou a dizer deſta guiſa. *Senhores, amigos, o Meſtre noſſo Regedor, & Defenſor vos enuia muyto ſaudar, & ſe encomenda em voſſas boas lealdades. E mãdauos dizer, que bem ſabeis como eſte Reyno anda todo enuolto com deſuairadas tençoens, & como os Caſtellãos o que rẽ ſogigar, & hauer per aſſy, & como elle por bem do Reyno & ſua deffẽſaõ tomou voz de Regedor, & Defenſor della, pois hi nãoha outro,*

que se ponha por elle ao defender, & emparar, & que elle se offerece por sua defensam, até poer o corpo, & a vida à morte. E que outrosy sabeis bem como ElRey de Castella está já muy acerca da Cidade com todas suas gentes, & poder pera hauer de cercar, & correr, & gastam toda aquella Comarca, que já tem por sua, aguardando, que como vier a frota, logo cerquẽ toda a Cidade por mar, & por terra. E porem vos enuia rogar, como a boons naturaes, & leaes Portugueses, & como aquelles que sempre mostraes lealdade à Casa de Portugal, q̃ vos praza destas naos, & barcas, q̃ aqui ha em esta Cidade, serem logo armadas, & isso mesmo façaes logo deitar as galès na agoa, & sejã logo esquipadas pera ella com estas outras, que hora cá vieram de Lisboa hirem todos a pelejar cõ a frota de Castella, depois q̃ vier, & temos esperança em Deos, & na Virgem MARIA sua Madre, que nos ajudará contra elles, & nos dará della tal vencimento, q̃ será grande honra, & proueito & seruiço de nosso senhor o Meestre, & muyto boa nomeada de vôs outros todos. Alem desto vos enuia mais dizer, q̃ por a graõ necessidade, em q̃ elle he posto, & pera defensam destes Reynos, a que tanto faz miſter, q̃ lhe acorraes cõ huma soma de dinheiros empresta dos, q̃ escuzar nam pode pera tam necessarias despezas como vedes, q̃ seguem, & que elle nam tem outras prendas, q̃ vos dar por tal em prestilho, senã asy meſmo, se o Deos guardar de mal, o que prazerá a Deos, q̃ o guardará, & que elle vos prometete, como filho DelRey, q̃ he, & por toda sua verdade, q̃ elle vos pague tudo muy bem, & pera esto eu trago aqui sua procuração, & poder abastante, como bẽ podeis ver pera obrigarme em seu nome, como a vós todos aprouguer

Respondeo estonces hum homẽ boom Cidadam do lugar, que chamauão Domingos Pirez das Eiras, que deraõ lugar os Cidadaõs, que falasse por elles, hauendo já a gente informaçaõ do que lhe hauia de ser proposto, & disse em esta guisa. *Ruy Pereira, vós dissestes muy bem vossa mensagẽ todo o que a vós foi encomendado. Eu digo por mim, & por todo este pouo, q̃ aqui está, q̃ nós somos prestes com boa vontade de seguir o Meestre nosso senhor, & fazermos todo o que elle mandar por seu seruiço, & defensam do Reyno, q̃ já elle seria hum estranho, q̃ nòs nam conheceriamos, & quando se elle despozesse aos taes trabalhos, & perigos, por nos defender, & em-*

parar

parar, mayormente ſer elle filho DelRey Dom Pedro, como he, & nam termos outro, aque tenhamos mentes, ſenam a Deos, & a elle. Muy grande rezam he de vos fazermos qualquer couſa que ſua merce for. Demais por defenſam deſtes Reynos, de q̃ todos naturaes ſomos. E porem ouro, prata, dinheiros, todo quanto temos faremos preſtes pera tal neceſſidade, q̃ ſenaõ pode deſpender em couſa mais guiſada, q̃ por defender noſſa terra, & por nunca ſermos em poder de Caſtellãos, & todos ſeguirmos ſua tenção, q̃ he muito aguiſada, & nam ha em eſta Cidade quem tenha o contrairo deſto, & quando hi tal foſſe achado, o que Deos nam mande, elle naõ haueria vida antre nos. E para eſto as naos, barcas, galés, com todolas couſas, q̃ lhe fizerem miſter, lhe offerecemos de muy boa vontade, farinhas, carnes, peſcados, & vinhos, q̃ fizerem miſter de muy boa vontade pera a frota, de todo haueres abaſtamento. E todolas gẽtes da Cidade, q̃ pera tal obra ſo rem pertencentes, todos entrarãm em ella de muy boa vontade, & porẽm vos peço, pera eſto requeredores qual vos quizerdes, & logo todo ſerá feito, ſem nenhũa mingoa, & mandai voſſas cartas pelas Comarcas a quaeſquer, que tẽ voz por Portugal, q̃ ſe venham à preſſa pera hirem em eſta frota. E certo he, q̃ todolos que amão hõra, & proueito do Reyno, que logo aqui ſeram. E antre eſſes, aq̃ toda uia haueis de eſcreuer, he o Conde Dom Gonçalo, q̃ tem Coimbra & eſto por tres rezoens: A primeira, a Cidade de Coimbra, q̃ poe remos em ſegurança, q̃ he lugar, de q̃ poderia vir gram torua a noſſa demanda: A ſegunda, das gẽtes, q̃ tem conſigo, q̃ nos ſeram boa ajuda: A terceira, q̃ ſe elle vier pera vir em ella, nenhum dos outros nam haueram que dizer. Entam acordaram, que era bem de lhe enuiar recado por Dom Martim Gil Abbade de Paçò. Des hi eſcreueraõ ſuas cartas a outras peſſoas pera eſſa Comarca, fazendo lhe ſaber ſua tençam qual era, & que ſe lhe guiſaſe logo, & ſe vieſſem ao Porto, & que lhes dariaõ todalas couſas, que miſter ouueſſem ſem nenhuma duuida.

CAP. 124. *Do recado, que os do Porto enuiaram ao Conde D. Gonçalo, & da reposta, que a ello deu.*

ESTO aſſi acordado eſcreueram ſua crẽça, & deraõna a Dõ Martim Gil Abbade de Paçò, q̃ depois foy

foy Bispo do Algarue, & elle chegou a Coimbra, onde o Conde estaua, & foy bem recebido delle, & porque era sua feitura, & por elle houuera a Abbadia, & perguntandolhe o Conde de praça, quem o deitara daquella parte? *Senhor*, disse elle, *oque me cafez vir, he huma mensagem, que vos trago, daquelles homens boons do Porto* Então se apartarão a departe, & lida a carta de crença: propoz Dom Abbade em esta guisa. *Senhor, aquelles homens boons da Cidade do Porto, & isso mesmo o Capitão da frota, que hora hi chegou de Lisboa, com todolas outras gentes, que em ella sam, se enuião muyto saudar a vossa merce, dizendo: que bem sabeis como este Reyno, por nossos peccados, he hora d'auidoso em duas partes de guisa, que a vinda do Antechristo nam podia em elle fazer mayor diuisão, doque hora esta terra está, & os Castellãos sam todos contra Portugal, & a mayor parte dos Portugueses, segundo bem vedes. Pero não embargando esto, o Mestre com toda a vontade se poem de todo a defendelo, nem ha outrem, q̃ o queira emparar, & elle está em Lisboa prestes pera ser cercado, como já ouuirieis dizer, & El Rey de Castella vay sobre a Cidade com todo seu poder, & frota. E o Mestre receando muyto o grande nojo, q̃ receber pode da frota de Castella, tendolhe tomado o Rio, & não hauer os mantimẽtos, & ajuda, q̃ auer poderia de alguns lugares de Alẽtejo, por azo de ser cercado por mar, mandou certas galès, q̃ hi são, & todas armadas; segundo lhe comprirem, hirem pelejar com a frota de Castella, por desempachar o Rio, & ficar a Cidade desabafada daquella parte, & pera isto armasse a frota das naos, & galés quanto mais podesse, & escreueram jà muytos sobre ello, q̃ se venham à presa pera entrar em ella. E por q̃ a frota compre dehir bem armada, & posta sob gouernança de hum bom Capitam, & em esta Comarca nam ha nenhum semelhante a vós acordaram, q̃ era bem de vos escreuer sobre ello: porem vos enuião pedir por merce, q̃ os ajudeis em esta demanda, & vos praza de tomardes encarrego da frota, & serdes senhor, & Capitam della & elles vos querẽ obedecer todos, & hir sob vossa guarda, & capitania, & vos dar compridamente todalas cousas, q̃ mister ouuerdes, vós, & os vossos: pelá qual rezam se vossa merce for de o fazer, me parece q̃ alcançareis grande honra, & mostrareis em ello vossa bondade, & todos vos teram em grande

*de bem ajudardes a defender terra, de que sois natural, segũdo meu entendimento abrange, & destes feitos naõ entendo outra cousa.* Despois desto, & outras rezões, que Dõ Abbade ao Conde disse, a primeira cousa, que lhe respondeo foi esta; dizendo que porque nam hia Gonçalo de Sousa por Capitaõ da frota, assi como de Lisboa viera. *Senhor assi hê, que Gonçalo Rodrigues, como chegou ao Porto, logo a poucos dias partio da hy, & dizem que vos veio falar, & deshy a Gonçalo Gomez da Silua, & ao Mestre seu sobrinho, & depois a Gonçalo Vasquez de Azeuedo, da qual cousa foraõ todos mal contentes; dizendo que naõ andaua lealmente no seruiço do Mestre, mas que queria vender as galés, & frota a ElRey de Castella,* Por a qual rezaõ foy graõ aluoroço na Cidade, & elle hase fetudo, & por isto naõ fiaõ delle cousa, que seja, nem hade hir por Capitaõ, nem outro titulo de hõra O Cõde ouuindo aquesto, depois de graõ rezoado, que antre elles ouue; finalmente lhe deu em reposta que se o Mestre lhe quizesse dar as terras; que foraõ da Rainha Dona Lianor sua Irmam, que elle tomaria sua voz, & o seruiria na frota, e em toda acousa, que em seu seruiço fosse. Fornouse entaõ o Abbade com este recado, & visto por Ruy Pereira, & por Gonçalo Pirez, & outros que do seruiço do Mestre tinhaõ gram cargo, escreueraõlhe logo sobreello. O Mestre, quando esto ouuio naõ soube reposta, que a ello desse, por quãto dellas tinha feito mercea Nuno Aluarez, que lhas ante pedira, però por auer o Conde a seu seruiço, fez saber a Nuno Aluarez oque lhe escreueraõ, & estes feitos todos em que termo estauaõ. Nuno Aluarez, q̃ todo seu desejo era encaminhar o seruiço do Mestre porõde quer que podesse, quando vio sua carta, mandou logo de Euora, donde entonce estaua hum seueseudeiro com reposta ao Mestre, dizendo, que nam embargando, q̃ lhas elle prometidas tiuesse, & feito dellas merce primeiro, ca a elle prazia muyto, que os dess ao Conde Dom Gonçalo pera o hauer pera seu seruiço, & que nam dezia elle aquellas terras, mas todo o mais, quanto elle tinha, que o desse a quẽ sua merce fosse por encaminhar seu seruiço, ca elle esperaua no Senhor Deos, que lhe acrecentaria tanto sua honra, & estado, que elle lhe agalardoaria dez por esto, milhor doque elle sabe ria pedir. O Mestre, quando esta

repõ-

reposta vio, teuelho por grande bondade, & des hi por azar seu seruiço, que lhe em tal sezam cõpria, escreueo logo à pressa ao Conde, prometendolhe as terras que de sua Irmaam ficaram, & mais lhe mandou huma carta, que elle podesse tomar perasy, & pera os que com elle estauão, todolos direitos, & rendas, que o Mestre em Coimbra hauia de de hauer. E confirmou a seu filho Dom Martinho o lugar de Bouças, & de Lordelo, que dante tinha. E o Conde ficou logo por seu, & começou de se fazer prestes pera o seruir, & entrar na frota. Entam chegou Gonçalo Pirez, & pedio ao Conde, q̃ lhe mandasse dar biscouto, que esta ua em Coimbra, & em Montemòr, & ao Conde prougue dello, & leuaram dahi muyto biscouto, & armas, de que correge ram dous bateis pera o Porto, & ao Cõde mandára o Mestre dar muytos dinheiros de graça, & peças de pano pera elle, & pera os seus; & desta guisa teue elle com o Mestre, & tomou sua voz.

CAP 125. *Como as galés foram correr a costa de Galliza, & do que lhe aueyo em sua viagẽ.*

NO Porto estaua Dom Pedro Conde de Trastamara, que se lançou em Coimbra, quãdo ElRey de Castella hi veo pera cobrar a Cidade segundo ante contamos, & dous seus Irmãos com elle; hum delles era Affonso Anriquez Caçador mor DelRey de Castella: E outro Affonso Anriquez mais moço, que foi filho de huã Iudia; & este se viera dizer a Lisboa ao Mestre em como estaua alli prestes pera seu seruiço; & ficou hi com elle: & todos tres eraõ filhos do Mestre de Santiago Dom Fadrique, filho que foy DelRey Dom Affonso, & de Lianor Nunez de Guzmaõ. O qual Dom Fadrique foy depois morto por ElRey Dom Pedro de Castella segundo dissemos em seu lugar, se dello fois acordado. Em este comenos o pouo da Cidade solto, & liure dos outros cuidados, naõ com pequenas, mas com grandes desp ezas, faziaõ carregar com trigança quaesquer cousas, que conuinhaueis eraõ pera tamanho negocio, & seruiço do Mestre, sem o qual elles não crião o Reyno poder ser deteso: E trabalhando cada hum de poer em obra quanto sua boa vontade desejaua de fazer, ouuerão antresy conselho: Que pois as galés já erão armadas, & as gentes se vinhão ajuntando pera entrar nas naos, que fos-

foſſem em tanto correr a coſta de Galliza. E ordenado como ſe partiſſem, foy lhe dado mãtimento de certos dias, & hiaõ nas galés de Lisboa por patroẽs os que de lá vierão com ellas, ſaluo ſe era na galé Real, em que fora Gõçalo Rodriguez de Souſa, que em eſta hia o Conde Dom Pedro por Capitaõ, a que todos obedeceſem. E na galè, que chamauaõ Santa Anna, hia Gõçalo Vazques de Mello, & Vaſco Martins ſeu Irmaõ, que depois morreo na batalha, na Bẽauẽturada. E Affonſo Furtado na que chamauam Santa Clara. Eſteuam Vazques Felippe na que deziaõ Sam Iohãne. Lourenço Mendez Comendador em outra, que chamauaõ Sam Iorge. Micé Manoel filho de Lançarote Paſſanha Almirante, que foy morto em Beja, ná q̃ chamauão Vitoria. Iohaõ Rodriguez Guaday, em Santa Maria de Cacella. Antaõ Vazques, & aſſi Gyl Eſteues Fariſeu, & Ayres Pirez de Camoẽs, & outros em galés aſſi do Porto, como de Lisboa, que mais naõ curamos de nomear. E correndo a coſta de Galliza chegaraõ primeiro a Bayona de Minhor, Caſtello franco & pequeno, & por lhe naõ queimarem a peſcaria lhe deraõ quatrocẽtos frãcos. Depois ſe foraõ a Angia, que he peſcaria ſem fortaleza, & queimaraõ ahi dous nauios, que eſtauaõ em eſtaleiro. E deshi partiraõ pera Cunha, & por lhe nam queimarem a peſcaria lhe derão ſeiſcentos frãcos, & ficarão alli parte das galès, & foráoſe ſeis a Ferrol, & eſte foy todo queimado, que não ficou delle, ſenão a Igreja. Deshi chegarão a Neida, & foy preiteja da por quatrocentos francos. E depois tornarão eſtas ſeis galés, & partirão com as outras todas da Cunha, & foraõſe a Betanços, boa Villa aſſaz, por quãto ouuerão nouas, que eſtauão alli alguãs naos com artificios de combater a Villa, que hiam pera Lisboa, & acharam hi huã nao carregada de engenhos, que hia pera o arrayal, & pozeraõlhe o fogo. E queimaraõ outra nao noua de Pero Ferrenho de Minha. Etomaraõ huã galé, que chamauaõ a Volãda, junto cõ o muro da Villa, em que foraõ algũs feridos, & trouueraõna conſigo. Entaõ começarão a combater o lugar de guiſa, que cerraraõ com o muro, ca hião ahi muy valentes homẽs, & ardidos de coraçãõ, aſſi como Iohão Rodriguez Guarda, & Antão Vazques, & outros fidalgos pera muyto, & eſtando em ponto de a tomar, & os da Villa

taõ

tão afincados, que a começauão a defemparar. O meſmo Conde Dom Pedro, que por Capitão hia, mandou dar ás trombetas brádando que ſe afaſtaſſem a fora dizendo que nao era bem morrerem alli alguns por tomarem hum tal lugar, como aquelle, mas que ſe pretejaſſem que ſe ao outro dia lhe não vieſſe ſocorro, que lhe foſſe entregue, ſem outra contenda, & eſſo fizerão os Portugueſes de muito màmente, tomando deſto muy boa ſoſpeita. E em eſſa noite veo Fernam Perez de Andrade com tanta gẽte, & ſe lançou no lugar, que foy eſcuſada a preitezia. Deſto foy muy prazmado o Conde dizẽdo, que porq̃ elle ſabia eſte acorro, que auia de vir aos da Villa, que por tanto lhe diſſera que não combateſſem mais, fazendolhe entender que mais ſeguro era de lhe dar eſpaço, que a tomarem por força. Andarão eſtõce por aquella coſta tomando muito refreſco, fazendo todo o mal, & dano, que podião, de guiſa, que do percalço, que então trouuerão, foy pagado á gente ſoldo de tres meſes. E elles no Porto por lèdice de ſua vinda ordenarão hum torneo veſpora de S. Iohão, que era, em q̃ os moradores daquella Cidade coſtumauão fazer gram feſta. E o torneo foy de capellinhas com eſpadas brãcas, & muito cordorans, ſegundo vzança daquelle tempo. E deu Affonſo Anriquez Caçador mor ao ſeu Irmão o Conde por cajão huã cutilada na mão direita, de que depois foy aleijado, por cujo azo não veo na frota, quando partio do Porto pera Lisboa.

CAP. 126 *Como Nuno Aluarez ouuera de hir na frota, & porque rezam nam entrou nella.*

AS galès no Porto, como diſſemos, faziãoſe as naos preſtes quanto podiam por cedo virem a correr ao Meſtre, e á Cidade, que auia nouas que era muy mingoada de mantimentos por azo da frota de Caſtella, que lhos embargaua a naõ poderem vir por mar & em apoſtandoſe a frota doque lhe compria, nam embargando a grande trigança, paſſauaõ mais dias doque miſter hauião os que atendiam ſua ajuda, & accorro. O Meſtre vendo, que a frota tardaua, deshi a Cidade poſta em gaſto de mantimentos, & auendo grande fiuza noſeu mui grande ſeruidor Nuno Aluarez Perei-

ra

ra, que o em ello bem ſeruia, eſcreueolhe trigoſamente a Euora onde eſtaua, que ajuntaſſe ſuas gentes, & ſe foſſe ao Porto embarcar na frota, & ſe vieſſe em ella pera pelejar com a de Caſtella que aſſi tinha a Cidade cercada. Nuno Aluarez como vio ſeu recado, ſoube como o Conde D. Gonçalo, & Ruy Pereira, & outros fidalgos, hauiam de vir na frota, & eſcreueolhes à preſſa, q̃ lhes aprouguеſſe dè o eſperar, ca mui cedo encaminharia pera hir ſer ſeu companheiro. E partio logo com os ſeus hum pouco de ouro, que o Meſtre lhe enuiára, aos quaes prouguе muyto, quando Nuno Aluarez lhe diſſe, que o Meſtre lhe eſcreuera, que ſe foſſe ao Porto. O Conde, Ruy Pereira, & outros alguns, a que Nuno Aluarez eſcreueo, logo enuiaram ſeu recado com enueja, & muyta entençam, ſegundo ſe affirma & nam quiſeram aguardar, mas ordenáram de partir com a frota, como de certo partiram. Nuno Aluarez ſem diſto ſaber parte a gram trigança andou ſeu caminho leuando conſigo atà duzentas lanças, & quem menos eſcreue erra em ſeu eſcreuer, & quando chegou á terra, onde eſtaua o Meſtre de Chriſtus, comeo hi com elle hum dia, & o Meſtre lhe perguntou, que lhe parecia deſtes feitos? como ſe os ouueſſe por eſtranho, & nam pera vir a tal acabamento, como Nuno Aluarez, & outros cuidauam. E Nuno Aluarez lhe reſpondeo, q̃ a Deos graças, os começos lhe pareciam boons, & que eſperaua em elle, que a fim foſſe milhor. E aſſi ſe eſpedio do Meſtre, & leuou caminho de Coimbra. & quando ahi chegou ſoube como a frota era jà em Buarcos, & outra vez eſcreueo aos Capitaẽs della, q̃ lhe rogaua, que por ſeruiço do Meſtre aguardaſſem, e não partiſſem ſem elle, que logo em ponto lá ſeria. E elles, como viram ſeu recado, vzando ainda da primeira enueja, ordenaram de partir logo, & nam quizeram attender. Nuno Aluarez, como foy certo de ſua partida, pezoulhe muyto, & entendeo bem, q̃ ſe ſe alguns trigaram de partir máis cedo, doque deuiaõ, por elle nam hir com elles, que Deos nam lho acoimaſſe, & os guiaſſe em ſeu ſaluo, como elles deſejauam.

Aonde leixemos as naos, & galès andar pelo mar, em quanto fazem ſua viagem, & leuemos Nuno Aluarez à Alem Tejo, & como foy em Euora, donde partio: Entam tornaremos a contar da

frota

frota,como chegou a Lisboa,& do que lhe assi aueo.

CAP 127. *Como Nuno Alua rez ordenou de partir de Coim bra,& do que lhe assi aueo*

NVNO Aluarez pou zando assi em Coimbra, pouzaua hi estonce a Cõdesa mulher do Conde Dom Anrrique Manoel, que tinha Cyntra por ElRey de Castel la, por odio, que auia a Nuno Al uarez, de quando fora correr o termo daquelle logar: deshi por ser muyto da parte da Rainha,& fazer seruiço a ElRey, ordenou de o prender, juntãdo secretamẽ te muita gente dos escudeiros,& doutros homens,porquanto ella alli tinha assas de parentes,& amigos,& criados pera bem poder fazer tal obra. As gentes de Nuno Aluarez ja como,& em que guisa desto souberaõ começarão de se auoluer juntandose pera hir ao Paço,onde a Condesa daziaõ que fazia seu ajuntamento, & em toda a guisa quizerão ordenar de ter com ella maneira.Nuno Aluarez, que disto não sabia parte, quando lho differaõ, acodio muy á pressa aisso,& fez que se não fizesse nenhuã cousa do q̃ se ouuera de fazer,& assi guardou Deos Nuno Aluarez de prizaõ,& a Condesa de grão perigo, & em esto Nuno Aluarez, querendose partir pera donde viera, não tinha pera sy, nem pera os seus cousa, com que partisse, de guisa que alguns tirauão a penha do sobre as armas o que hauião de comer Nuno Aluarez vendo nos seus esta mingoa, mandou vender quãta prata tinha,& partio o preço com elles pera se desempenharem,mas com todo esto não pode escusar que não falasse aos homens boons de Coimbra rogandolhes que lhes acorressem com alguns dinheiros emprestados pera sua partida,& a elles a prougue de o fazer, & acorreramlhe com certos dinheiros, de que mandou dar a cada hum sete liuras daquella moeda pera despeza do caminho. E entaõ se partio, & foy primeiro falar a Gonçalo Mendez de Vascogoncellos, que tinha o Castello de Coimbra, & faloulhe acerca de hũ postigo da parte de fora,& Gõçalo Mendez,quando vio algũas gẽtes daquellas de Nuno Aluarez não corregidas ,como elle cuidaua,marauilhouse dizẽdo aos seus depois q̃ se Nuno Aluarez partio *Espantados saõ de tais homẽs, como estes poderem defender este*

*Reyno*

*Reyno à ElRey de Caſtella, que he hum tamanho ſenhor, ſaluo ſe Deos anda por Capitão delles.* Dalli ſe foy Nuno Aluarez a Thomar, & alli ouue ſeu conſelho de chegar a Torres nouas por falar a Gonçalo Vazques de Azeuedo, q̃ era muyto ſeu amigo, & tinha o lugar por ElRey de Caſtella, ſe o poderia reduzir a ſeruiço do Meſtre, & de feito foy a là, & falou com elle neſtes feitos, como elle milhor entendeo, & depois de muytas rezoens, que ambos ouueraõ, outra repoſta não pode hauer, ſaluo que não via caminho, nẽ fundamento, como os feitos do Meſtre vieſſem a aquella fim, q̃ elle deſejaua, dando por iſſo a entender, não muyto claro, però que ſe elle viſſe taes conjeituras, em que ſe podeſſe defender, que bem lhe prazia ſeruir o Meſtre, & aſſi ſe eſpedio delle Nuno Aluarez, & ſe tornou a Thomar.

CAP 128. *Como a Nuno Aluarez lhe aueo com Dom Dauid Algaduxe ſobre dinheiros, que lhe quizera dar.*

SEGVNDO parece, por qualquer guiſa que foy, Gonçalo Vazques de Azeuedo ouue de ſaber parte do que a Nuno Aluarez aueyo em Coimbra, & como andaua miſterioſo de dinheiro, eſcreueo à preſa a ElRey de Caſtella, que era bem de o mandar conuidar com algũ dinheiro, pera ver, & prouar que repoſta achaua em elle, & ſe ſe demoueria por azo da mingoa, em que era poſto, & que ſe ouueſſe por ſua parte, & nam ſòmente tinha hum grande eſtoruo arredado de ſeus feitos, mas ainda muy azinha cobraria todo o que deſejaua auer. ElRey de Caſtella reſpondeo a iſto, que lhe não parecia rezam, nem aguiſado ſerlhe tal couſa cometida por ſua parte, porque poderia depois ſer, que nam ſe outorgando em ello, ſe gabaria andando, que o mandára rogar, & conuidar com peita, a qual couſa lhe todos contariam por mingoa, mas que lho enuiaſſe elle cometer por outra maneira, como de ſeu, & que ſe Nuno Aluarez demoueſe a tomar alguma couſa, & ſentiſſe em elle, que por lhe darem á ſua vontade, ſe tornaria da ſua parte, que entaõ por mingoa de cometer nam falecèſe nenhuma couſa, & que lhe fizeſſe logo ſaber. Gonçalo Vazques falou logo eſtonce com hũ Iudeu, que chamauão Dom

Dauid Algaduxe Irmaõ da molher de Dom Iudà, Theſoureiro que foy DelRey Dom Fernando, & chegou a Nuno Aluarez a Thomar, onde eſtaua, & diſſe como lhe parecia, que elle andaua miſterioſo de dinheiro, & que algũs dinheiros elle tinha DelRey de Caſtella, ſe alguns a elle aproueſſe de tomar, que elle lhe accorreria com mil dobras por eſtonce, & que tempo viria em alguma ſezaõ, que elle as ſeruiria a ElRey ſeu ſenhor. Nuno Aluarez vio as rezoens do Iudeu, entendeo bem eſte cometimento, & falou com alguns do ſeu conſelho, por ver o que em tal caſo lhe aconſelhauão. E taes hi oue, que lhe diſſerão, que lhes parecia que era muy bem, pois que lhos Deos trazia á mão, ſem ſeu requerimento, que os tomaſſe todauia, pois que os tanto hauia miſter pera ſua deſpeza. Nuno Aluarez diſſe que lhe naõ parecia bem, nem aguiſado tomarem dinheiro de nenhuma peſſoa, ſaluo daquelles, a que entendeſem de ſeruir. E que pois elle andaua por ſeruiço do Meſtre, & defenſaõ dos Reynos de Portugal, & que doutro nenhum naõ deuia de tomar dinheiros & que elles atê eſtonce andaram ſempre limpos, & ſem prazmo de nenhuma couſa, & que agora tomando eſtes dinheiros, por fazer eſcarneo de cujos erão, que alguns poderiam ſer prazmados, dizendo, que jâ tomarão DelRey de Caſtella dinheiros, & ouueram delle bem, & merces, a qual couſa por ventura poderia antre elles ſer deſacordo, & couſa ſoſpeitoſa; aſſim que os dinheiros nam foram tomados, però que o Iudeu muy aficadamente o conuidaſſe com elles.

## CAP. 129. *Como Nuno Aluarez pelejou com alguns Caſtellãos, & os desbaratou.*

NVNO Aluarez ſe partio de Thomar, onde eſtaua, & ſe foy a Punhete pera encaminhar antre Tejo, & Odiana, que era a Comarca, donde elle tinha carrego. Alli ſoube, que certas gentes de Caſtellãos eſtauam no Cratto pera partir pera Sanctarem, & que de Sanctarem queriam hir outros pera Caſtella. E eſtas gentes hiam em guarda de grandes recouas, & roubos, que alguns Caſtellãos faziam no termo de Sanctarem, & por outros lugares, de roupas de cama, & veſtidos

ſtidos, & alfayas, & doutras cou ſas, que de preſtar entendião, E ouue conſelho de aguardar hũs com outros na eſtrada, por onde hauião de paſſar dous, ou tres dias, pera, com ajuda de Deos, pelejar com quaeſquer, que acon teceſe de vir, com entenção. Partio de Punhete, & chegou à eſtrada, per onde os Caſtellãos hauiaõ de paſſar de Sanctarem pera Caſtella, a huma pequena ribeira, onde chamam a Alpeteguam, & comeo acerca della, ſob huns freſcos freixos. Anteq̃ ſe aſſentaſſe a comer, mandou poer a tiro de béſta, & mais longe, ſuas atalayas, por nenhumas gentes poderem paſſar, de que el le parte nam ſoubeſſe, que elle hauia por coſtume de nunca ſe alojar de dia, que naõ tiueſſe atalayas, & denoite guardas, & eſcuitas ao longe, & ao perto. E tẽdo ſuas atalayas poſtas, & eſtando a comer aſſi elle, como as outras gentes, àqui vem huma das eſcuitas tijamente, & muy calado, & diſſe que pela eſtrada contra Sanctarem via grandes poòs, & que lhe parecia, que vinham alguns de caualo, & de pè. E com eſtas nouas Nuno Aluarez foy muy ledo, & deu logo de mão aos mantens, & mandou, que lhe ſellaſſem as beſtas muy ſem arroido, & aſſi o diſſeram a todos os ſeus, que ſe vieſſem logo pera elle manſamente, & elles fizeraõno aſſi, ca nam tinhaõ rezam de ſe deter, ca todos eſtauam armados ſòmente das cabeças, & as beſtas ſelladas, & preſtes pera o que aguardauão. Nuno Aluarez eſtaua deſuiado da eſtrada, por onde os Caſtellãos vinham. Antre elle, & a eſtrada hauia hum aleuantamento de charneca à guiſa de comiada, & daquella comiada ſe fazia huma decida pera a eſtrada, & elle diſſe aos ſeus, que todos foſſem à pè calados atè o tezo da charneca, & elles fizeramno aſſi, & como foram enſima no tezo, mandou dar rijamente ás trombetas, & todos a tropel deram rijamente, á preſſa, a aquella eſtrada onde os Caſtellaõs vinham, os quaes nam eram mais que oito de caualo, & cem homens de pé, boons almograues, todos com lanças, & adargas, & ſeus punhaes, & com elles alguns beſteiros. Como os Caſtellaõs viram a Nuno Aluarez, deceramſe rijo com ſuas gentes, & foram trouados por mui pouco, porque logo ſe começaram a defender como boons homẽs, mas ſua defenſam nam preſtou nada porque muy azinha foram deſ-

baratados, & antre mortos, & presos foram ahi pouco mais de oitenta, & alguns se esconderão pelos matos, & não poderão ser achados. E leuarão os de Nuno Aluarez muytas azemalas, & bestas, ouro, & prata, & dinheiros, & roupa de vestir, & outras cousas. Foráose caminho de Euora, onde leyxaremos estar Nuno Aluarez por guarda de sua frontaria, & vejamos se chegou jà a frota de Castella, que partio do Porto pera Lisboa, & do que lhe aconteceo.

CAP. 130. *Do conselho que El-Rey de Castella ouue com os seus, em que guisa pelejaria com a frota de Portugal.*

ARMANDOSE a frota no Porto, & prestes pera partirse como ouuistes, El-Rey de Castella trazia suas enculcas por o caminho de guisa, que cada dia sabia nouas doque se fazia naquella Cidade, & ante alguns dias, que a frota ouuesse de partir, soube certo o dia, que hauia de sahir de foz em fora Mandou chamar Fernam Sanches de Toar seu Almirante mòr, & Pero Afam de Ribera Capitam das naos & disselhe em esta guisa *Fazey aqui vir de manhaam todos os Alcaydes das galés, & Mestres das naos, que quero comuosco, & com elles, falar algumas cousas, q̃ compre a meu seruiço.* E em outro dia fizeram elles como ElRey mandou, & trouueram logo consigo os Alcaydes das galés, & Mestres das naos, segundo lhe foram dados em rol, & foysse ElRey com elles dentro ao Moesteiro de Sanctos, & com elle alguns caualeiros. s. Pero Fernandez de Valhasco, & Fernaõdaluarez de Toledo, & o Conde de Mayorcas, & mandou ElRey as guardas, que cerrassem as portas, & fizessem todos afastar derrador longe do Moesteiro, por nenhum nam poder ouuir cousa do que se falasse. E assentousse ElRey nos degraos do Altar mòr, onde jà estaua corregido, como compria, & posto o liuro missal alli, & pouzados todos ante elle de huma parte, & da outra, disse entonces ElRey contra elles. *Eu vos fiz aqui chamar pera hum conselho, que comuosco quero hauer, mas anteque nenhuma couſa saibais doque vos quero dizer, vós me jurareis aos Sanctos Euangelhos, que do que*

quero

*quero agora aqui falar comuosco nenhuma couſa ſer deſcuberta, atà aquelle tempo, que for neceſſario de ſe fazer.* E depois que todos juraram; enadeo elle mais, & diſſe. *Nam embargando o juramento, que jà todos fizeſtes, eu vos defendo ſob pena de treiçam, que couſa alguma, do que ſe agora aqui falar, que vós a parente, nem amigo, nem a outra alguma peſſoa, que ſeja, nam deſcubraes, nem deis a entender nenhuma couſa, ſaluo quando volo eu mandar, ou quando ſe houuer de poer em obra* Elles diſſeram, que aſſi o fariam. *Ora ſabey*, diſſe ElRey, *que a rezam he eſta. Eu hey por nouas muy certas, que a frota de Portugal he já armada, & preſtes pera partir taldia de foz em fora, & penſo que vem em ella Nuno Aluarez com muytas gentes de Alemtejo Ora cumpre, que hajamos conſelho, em que guiſa poderemos milhor pelejar com ella a noſſo ſaluo, ſe aqui dentro no rio, ou no mar de foz em fora. Pera eſto Fernam Sanches com os Alcaydes, & vós, Perafam com eſtes Meſtres das naos, apartaiuos cada hum a ſeu cabo, & eu com eſtes fidalgos auerey meu conſelho, & onde os mais de vos occorrerem, aquella rezam tenhamos.* Entam ſe arredaram huns dos outros, cada hum a ſua parte E depois que ElRey ouue ſeu acordo com eſtes fidalgos fez chamar os outros, & perguntou a Fernam Sanches, que era o que hauiam acordado? *Senhor*, diſſe o Almirante: *O que a mim, & a eſtes Alcaydes ſobre eſta rezam parece, he eſto, que milhor ſeria pelejar com eſta frota no mar de foz em fora, que aqui dentro no rio. A rezam porque he eſta, ou aſsi he, que a ſua frota vem bem armada, ou nam: ſenam, já vem vencida: ſe bem armada vem, nos iremos milhor, que elles; poernoshemos tras a Berlenga, & dahi iremos pelejar com ella, & entendemos com a merce de Deos, & noſſa boa ventura, de a vencermos, ſem nos eſcapar nenhuma della. E ſe pelejarmos aqui no rio, aindaque com todos elles aferremos, podem-ſe hir alguns ſaindo: Demais, q̃ tem ante a Villa alg̃as naos, & barcas; q̃ podem bem armar, & em ſua ajuda vir, & poderno-hão fazer muito grãde eſtorno, porẽ de noſſo cõſelho he de todauia pelejarmos cõ elles de fora. E vos, Perafi*, diſſe ElRey, *q̃ he o q̃ vos parece? Pareceme, ſenhor*, diſſe elle, *q̃ milhor he pelejar cõ a frota dentro aqui no rio, q̃ no mar de foz em fora, e eſto por muitas rezoẽs. Principal*

men-

mente estamos em tempo, que os aguiceens reynaõ muyto nesta terra, querendo hir ao mar nam poderam hir as naos igual com as galés, & posloque igualassem nam poderiam hir senam balrauento, porem conuinha, que se espalhasse a frota, & nam poderia ser toda junta, o que a nôs compria, ca elles viram todos juntos, porque trazem o vento por sy & como nos achassem andar espalhados por hi, podernosbiam tomar hum, & hũs & aindaque nós fossemos juntos, & quizessemos em elles aferrar, pois que elles trazem o vento consigo, cortarnosham todos atâo mar Mayormente, que vem em ella muy boons mareantes, & bem sabedores da guerra. E por estas rezoens seria milhor, & mais seguro pelejarmos com ella no Rio, que de outra guisa, ca nos fariamos prestes nossas naos muy bem, & poernosbemos âlem de Restello, & as galés todas tras nos, & deshi desfraldaremos logo sobre elles, & o vento, que elles trazem por sy, ficaria entam por nós, & estonces pelejariamos com ella, & com ajuda de Deus, & nossa boa ventura os desbaratarемos sem duuida nenhuma E caso que doutra guisa fosse, o que Deus nam queira, a terra dâlem he nossa, dàquem isso mesmo, a qualquer parte, que fossemos, achariamos ajuda, em caso, & poderiamos achar gentes darmas, & quanto ouuessemos mister. Certamente, disse ElRey, esse he bom conselho, & esse he o acordo, que eu, & estes fidalgos ouuemos. Em verdade, disse então Fernão Sanches, esto parecerà mui grande couardice estar des vòs aqui com toda vossa hoste & frota, & naõ sabiremos nôs fora do rio, pera lhe darmos siquer hũa saudaçaõ de tiros. Manday senhor, por merce siquer que saibamos até Cascaes. Esta rezão davantagem, que se por nòs poder hauer, do vento, que elles trazem por sy dentro aqui em o rio, ella o mesma aueremos em Cascaes, & muyto milhor ainda, como quer q̃ dem là conselho, nos todauia esguardalos hiriamos dentro em o mar. E ponhamos, disse ElRey. que acontece tal Norte, que dentro em este mar fossem desbaratados, que fareis entam? Quando essa cousa fosse, disse elle, o que Deus nam quizesse, viriamos a grande presa nas gales por gentes, que vos tereis prestes, pera fauorecer a frota. Almirante, disse ElRey, o vosso dizer he muy bom mas o lutador, que hũa queda dá huma vez, de màmente torna por

outra

outra, & vos depois que huma vez começaes a ser necessitados, de mâmente tornareis lá. Porem milhor he pelejar com ella dentro no rio, que doutra maneira, eu terey tantas gentes prestes, que se tal cousa comprir, que logo sejam dentro em barcas, & bateis. Senhor, disse Perafam, quanto a nos assi parece, porque em qualquer guisa, que nos auenha, milhor podemos ser ajudados de perto. que de longe. A mim, disse El Rey me praz, & mando, que assi se faça.

CAP 131. *Das rezoens, que Pero Fernandez de Valhasco disse, porque nam era bem, que a sua frota pelejasse com a de Portugal, & do que ElRey respondeo sobre ello.*

ACABADAS estas rezoens, & o conselho hauido, como já he dito, alçouse Pero Fernandez de Valhasco, & pozse em giolhos ante ElRey, & disse em esta guisa *Senhor, nos auemos tomado conselho, & acordo de pelejar cõ a frota de Portugal aqui em o rio, anteque de foz em fora, pero contra vontade do Almirante, & desses Alcaydes, que com elle vierão. O que a mim parece que nam he de fazer gram força de pelejar cõ ella mais em hum lugar, q̃ em o outro, pois que dambas as partes saõ dadas taõ boas rezoens, que cada huns entendẽ dauer em sua ajuda. E porem onde quer, q̃ vossa merce for de se fazer, alli he bem que se faça sem mais rezoãdo sobre ello. Mas pelejar com ella toda uia, ou nam, a esto digo a vossa merce, & sob reuerencia vossa, & de quantos aqui estão, que tal conselho nam he assi boom, que outro milhor nam possa hauer por algumas rezoens segundo a mim parece, vós senhor, que entendeis que pelejando com esta frota, & vencendoa, que por aqui venceis, & cobraes todo o Reyno, & a cousa nam he assi, porque em ella vem boa parte de fidalgos de Portugal, & outros escudeiros, & Cidadãos, ainda de homens de baixa maneira muytos, os quaes ham grande diuido com esta Cidade, & com todo o Reyno por parentes, e criados especiaes amigos, & morrendo elles aqui, ficamos sempre em homizio com todolos seus diuidos, que pode ser que teram gram parte das fortalezas do Reyno, & vẽdo elles como vos haueis mortos seus filhos, & irmãos, & parentes & senhores, perque forão feitos, não quererão obedecer, e sẽpre vos*

faram nojo, & deſcruiço, em qual quer guiſa, que poderem. Ainda q̃ vos ſenhoreeis dos corpos, nunca jà mais podereis cobrar os coraçoens delles, nem ſeu amor, que he a milhor couſa, que o Rey pode hauer, quando ſe quer aſſenhorear de algum Reyno nouamente: ca doutra guiſa pouco prol he ao ſenhor auer os corpos dos vaſſallos, ſe delles nam ha os coraçoens, pois nam lhe auendo a ſa vontade, nunca ſereis ſenhor da terra, em ſocego, & paz, como a vòs compre. A ſegunda vôs diſſeſtes, que cuidaueis, que Nuno Aluarez vem na frota, com tantas gentes dantre Tejo, & Odiana, em que parece que ella vem bem armada, & tantos por tantos, e poucos mais, nam ha ventagem nenhũa, ſenam ha bom Meſtre. q̃ he muyto a ventura, a quem a Deus quizer dar, o que he muy duuidoſo atà que ſeja viſto. E demais he de cuidar, que elles todos vem de hũ coraçam pera morrer, ou viuer, poſto que ſejão vencidos. E elles faram tal mortandade na voſſa gente, anteque o ſejam, que eſto ſeja a vós muy gram nojo, & deſeruiço, & perda grande do Reyno de Caſtella, ſe elles venceſſem, que he couſa que pode acontecer, entam ſeria muyto pior perda, & nojo, & gram quebrantamento de voſſa gente, & eſforço grande da ſua. E porem de todas eſtas couſas vós eſcolhereis o mais ſeguro. Pàreceme, que ſeria milhor de tratardes boa auença com o Meſtre, em guiſa que elle ficaſſe grande na terra, e vos ſenhor do Reyno, antesque pelejardes com a frota, nẽ ſe fazer mais outra guerra, pois q̃ elle eſtà em tempo, q̃ he de cuidar q̃ trataremos com elle a voſſa vontade. E por eſta guiſa aſſegurareis milhor os coraçoens delles todos, & naõ os mouereis cõtra vos mais daquillo, que eſtà aceſo. E ElRey diſſe, que tal conſelho nam hauia de tomar, nẽ mouer ao Meſtre nenhuma preitezia; que bem via elle, que a mor parte dos lugares, & fidalgos de Portugal tinham ſua voz, & eram da parte da Rainha ſua molher: E q̃ moſtraua mingoa, & gram couardice quem taes auantagens tinha por mar, & por terra ſobre o Meſtre, mouer nenhuma auença, nẽ outra preitezia, mas pelejar toda uia com ſua frota, & continuar ſeu cerco ſobre ella, até que a tomaſſe: Que o Reyno por direito lhe pertencia. E ſe neſte lugar alguns eſcreuem, que ElRey reſpõdeo, que jà lhe ElRey cometera muytas preitezias, & aſſinando como, & porque guiſa, & a reſpoſta, que o Meſtre daua, tal eſcritu-

critura auei por patranha,& não lhe deis fè, por ſer muy contraira da verdade. Porque manifeſto he, que ElRey até eſte tempo nũca lhe cometeo nenhũma auença, nem tinha rezam de lha cometer, antè auia por eſcarneo a voz,que tomara por elle a Cidade, tendo q̃ cedo ſe auia de perder de todo elle, & quantos tiueſſem ſua voz.

CAP. 131. *Como à frota do Porto chegou a Caſcaes, & da maneira, que o Meſtre lhe mandou, que tiueſſem.*

DEPOIS que ElRey teue determinado de pelejar a ſua frota dentro no Rio, como diſſemos, mandou duas galès de foz em fora, como por atalaya, & eſtiueſſem alli aguardando por lhe trazerem nouas, como viſſem a frota de Portugal vir,& jazendo as galès fora ſete legoas da Cidade, onde ſe chamaua Matapalõbas,a frota de Portugal pareceo jũtamente aſſi como vinhaõ. Aqual eraõ dezaſete naos, & dezaſete galès,como ouuiſtes. As duas galés,como a viraõ,vieraõ logo dar nouas a ElRey de Caſtella,& iſſo meſmo aos da ſua frota. E quando deraõ noua aos ſeus,que a frota de Portugal parecia, toda a chuſma das galés ſe leuantauaõ em pé,& eſgrimiaõ eſpadas nuas, & outras armas, & outros muytos apupos,& alaridos, & fazendo grandes alegrias, cuidando,q̃ ſe no outro dia hauia de vencer a frota, & tantoque a venceſſem,que logo à Cidade era tomada. E eſto ſeria pouco mais de huma hora ante ſol poſto. Os da Cidade viram os da frota fazer taes alegrias,mas não ſabião por que era tamanha lèdice E em eſto chegou a frota a Caſcaes eſſe dia depois de comer, que era Domingo dezaſete dias delunho da era já nomeada. A frota pouzada em aquelle logar,que eram finco legoas da Cidade, ouuerão acordo os Capitaens della, que maneira terião em ſua entrada, & iſſo meſmo na peleja, que hauia de ſer. E huns dezião, q̃ porque ElRey deCaſtella tinha muitas gentes, & muyto maior frota, porque a elles lhe nam compria arredarſe pelo mar, porquãto hi vinham muytos homens, que auião em vzo, que poderia ſer que os ticuaria, & ſeguindo os das naos de Caſtella voltarião ſobre ellas, quando viſſem geito & eſto lhe daria grande auentagem pera os vencer. E eſto,& outras

tras muytas rezoens falarão hũs com os outros, mas nenhũa determinação de ſe fazer. E ouuerão acordo de mandar hum batel muyto ligeiro ao Meſtre, que lhe trouueſſe nouas, como eſtauão alli,& que maneira lhes mãdaua, que tiueſſem em ſua entrada, & que encaminhaſſe de os ajudar. Obatel partio de noite muito remando, & com boons paueſes, vindo acerca da terra de Almada, por os da frota não hauerem delle ſentimento, & vinha em ella, pera falar ao Meſtre, Iohão Ramalho mercador do Porto, & bem rico, & bem atreuido no mar, & chegou a Lisboa alto ſerão, & diſſe ao Meſtre como a frota eſtaua em Caſcaes,& as horas, que chegarão, & que vinha ſaber como era ſua merce de fazer em outro dia. O Meſtre o recebeo muy bem, & folgou muyto com eſtas nouas,& quantos hi erão preſentes, & então entenderão todos a alegria, que os das galés de Caſtella moſtrauão, era por azo da vinda da frota, & quando o ſouberão que parecia, entam ſe apartou o Meſtre pera huma camara com elle, & perguntoulhe por a frota como vinha armada, & de que guiſa? E elle reſpondeo, que as galés vinhão bem armadas, mas que as naos della vinhão comunalmente, & outras mingoadas de homens de armas. E que a rezão, porque as galès vinhão bem armadas, era porque o Conde Dõ Gonçalo vinha por Capitão dellas com muytos boons eſcudeiros,& o Meſtre pezoulhe muyto por eſto. porem diſſe a Iohão Ramalho: *Vos fareis por eſta guiſa. Eu tenho aqui muytas barcas grãdes, que mandey correger, & todas com bandas á guiſa de fuſtas, & algumas naos, & barcas, q̃ aqui jazem, as quaes de manhaam ſerão todas bem preſtes, & pois o vento he bom, & bem de viagem partireis logo com a marè: as galès todas ao longo do Rio, & as naos acerca dellas da parte de Almada, mais acerca, que puderdes E não cureis de pelejar nenhuma couſa, mas vindeuos todos ante a Cidade, & entaõ fornecerey as naos de boa gente, & iſſo meſmo armaremos eſtes nauios, & barcas que aqui eſtão, & todos juntamẽce, & eu comuoſco hiremos pelejar. E ſe por ventura as naos de Caſtella aferrarem com alguns de vos, defendãoſe em tanto o milhor que poderem, & eu terey os nauios com gentes aſſaz, com que vos acorra, ou por ventura mè achareis no mar, & por eſte modo ſeja voſſa vinda.* Entaõ ſe eſpedio Iohão Rama-

Ramalho,& tornou ao batel ſem ſendo ſentido de maneira da frota, nem doutro eſtrouo,que ouueſſe.

CAP. 132. *Como foy ſabido por a Cidade que a frota vinha, & do que as gentes por ello faziam.*

COMO ſe Ioão Ramalho eſpedio do Meſtre,peró foſſe já alta noite, logo foy ſabido pella Cidade como viera recado da frota,que jazia em Caſcaes,& que em outro dia auia de entrar, & pelejar com a frota de Caſtella, & quando ſoou foy ſabido por toda a Cidade, de quanto cuidado, & eſperãça foraõ cheos os coraçoẽs dos moradores della, não he leue de dizer. Elles hauiam grã le prazer tendo eſperança, que pelejando ſua frota com a de Caſtella, & vencendoa, que ficaria a Cidade deſſa banda da parte do mar deſabafada, & poderiaõ hauer mãtimẽtos por elle, de que eraõ muito mingoados, & vencida a frota, per força gançarem gram parte della,pela qual rezaõ viria tal perda aos Caſtellaõs, que por ventura ſeria azo de El-Rey de Caſtella deſcercar a Cidade. Doutra parte auiaõ temor, & receo quando conſirauaõ que a frota de Caſtella era muyto mais, q̃ a ſua,& armada de muytas, & boas gentes, & grande ajuda, que podiam hauer do arrayal Del Rey, que tam perto tinhão, ſe lhes compriſſe. E ſendo a frota de Portugal vencida; a grande perda, que todolos demais hauiam de perder,& filhos, & maridos, & doutros ſeus parẽtes, que perecerião por morte. Alem deſto outro muy grande mal,q̃ lhes era preſtes.ſ. a Cidade poſta em tam grande preſſa, & anguſtia, que nam ſòmente de todo perdiam eſperança de ſua defenſaõ,mas ainda acontecendolhe tal couſa de em breues dias cahirem por força nas ſanhoſas mãos de tam mortaes imigos por vzarem delles a ſeu liure talente, & eſtes tam fortes cuidados os fez aleuantar todos aſſi homens, como molheres, & nam poderem mais dormir. E falando das janelas huns aos outros aſſi neſta couſa, como na peleja do ſeguinte dia, começouſe de gèrar por a Cidade hũ grande aluoroço de fala,aqual durou por grande eſpaço, & foy azo de cedo tangerẽ às matinas, maiormente em noites piquenas Em eſto começaram as gentes de ſe hir às Igrejas, & Moeſteiros com

can-

candeas aceſas nas mãos, fazendo dizer miſſas,& outras deuaçoens, com grãdes prezes, & muitas lagrimas. Oh qual eſtado, & modo de viuer era entaõ izento deſte cuidado? Certamente nenhum, porque naõ ſòmente as leigas peſſoas, mas ainda os outros Religioſos todos, eraõ poſtos ſobre grande ſupito de tal penſamẽto Porque? como aſſi ſeja que do vencimento, ou do ſeu contrairo cada hũ eſperaua receber parte, qual ſeria o peito taõ duro de piedade, que naõ foſſe amolentado com mauioſa compaixaõ, vendo as Igrejas cheas de homens,& de molheres cõ os filhos nos braços todas brãdando a Deos que lhe acorreſſe & que ajudaſſe a Caſa de Portugal? Certo nenhum, ſaluo ſe foſſe não lidimo Portuguez, & aſsi gaſtaram boa parte da noite atè a menham, hũs em lagrimas, & deuotas oraçoens, & outros em ſe corregerem, & fazerem preſtes pera os imigos.

CAP 133. *Como alguãs naos pelejaram com as de Caſtella, & foram tomadas tres dos Portugezes.*

MVY pouco dormio o Meſtre, aquella noite, nem as gentes da Cidade, como dizemòs, mas, como foy alta menhaam, bem cedo, ouuio ſuas miſſas, & veoſe à Ribeira, com muitos, que aguardauaõ pera armar os nauios, & barcas, com que auia de acorrer a frota, & em ſe metendo as gentes em ellas, & o Meſtre querendo entrar em huã nao, naceo antre elles hũa doce contenda. Os da Cidade deziaõ ao Meſtre: que ſenaõ meteſſe em nenhũ nauio, que não era couſa pera conſentir de ſe elle auenturar a tal perigo, & poer ſua ſaluaçaõ em duuida, mas que elles hiriaõ pelejar com os imigos, que elle ficaſſe na Cidade, & naõ os deſemparaſſe E o Meſtre diſſe que lhe tinha muyto em ſeruiço ſeu bom deſejo, & fiel bemquerença, mas que em nenhũa guiſa do mundo elle naõ ficaria na Cidade, mas por ſua peſſoa ſeria ſempre na peleja, & que fiaua em Deos, que ſahiria della com muita ſua honra, & de toda a Cidade, & do Reyno de Portugal, & elles quãdo viraõ, que ſe alnão podia fazer diſſeraõ que fizeſſe como ſua merce foſſe. E fazendo eſto aſſi, a frota Del Rey de Caſtella, q̃ eram quorenta naos, todas meteram as vergas, & forneceramſe de muitas, & boas gentes. E porque a maré vazaua, e o vento era cal

ma,

ma, leuarão as galés as naos grandes atè as outras mais pequenas, os baixeis por dauante, & foram se todos a Restello o velho, que era dahi a huma pequena legoa contra onde a frota auia de vir. Epozeraõse todos em ordẽ com as proas pera a terra de Almada, & cada hũa sem proer em terra, pera guiarem com amaré, & assi estaua ordenada sua batalha. E mais mandou ElRey gentes de armas, & caualo acerca dos muros de Sancto Agostinho, & de Sam Vicente de fora, por serem os da Cidade acupados em acudir a aquella parte, & naõ ajudarem aos da frota desembargadamente. Ora assi foy, que sendo pouco mais de hora de terça, & enchendo já a marè, pareceo a frota de Portugal pella ponta de Sam Giaõ, que saõ tres legoas da Cidade, & vinha ordenada desta guisa. Vinhaõ sinco naos diante, em a mayor dellas q̃ chamauão a Milheira, vinha Ruy Pereira cõ sessenta homens de armas, & quarenta bésteiros consigo. E em outra, que chamauaõ a Estrella, Aluoro Pirez de Figueiredo; & em outra Pero Lourenço, & Ruy Lourenço de Tauora; & assi nas outras seus Capitaens, assi como Gyl Vazques, & Lopo Vazques da Cunha, & Iohaõ Rodriguez Pereira, & Lopo Dias de Crasto, & Nuno Viegas, & Gonçalo Eanes do Valle, & outros, mas estes quatro nomeamos, porque estes sós aferraram. Depois destas sinco naos vinhaõ as galès todas juntas apauesadas, & pendoadas, & traz as galés vinhaõ doze naos & a viraçam ventaua tendendo ao longo do Rio muito de viagẽ pera poderem entrar. ERuy Pereira baraõ bem notauel, em que abondaua marauilhoso, & ardido coraçam, quando vio as naos de Castella estar cerradas em terra, como dissemos, que ainda naõ desferiam, naõ sabẽdo a tençam porque, veyo as demandar muy acerca, & as outras quatro naos com elle. E quando vio que os Castellaõs naõ fazião querença contra elles, foy outro bordo cõtra Almada. E este espaço do dia, que atequi passou, não fazião homens, & molheres, desque amanhecco, senão correr pera os muros, & lugares altos por terem lugar de verem a peleja. Vinhão lhe á memoria seus padres, & Irmãos, que alli traziam, batendo nos peitos, ferindo os giolhos em terra, rogando a Deos chorando que os ajudasse. Induzião as madres aos innocentes paruos, que tinham nos collos, que alçassem as mãos ao Ceo, insinãdolhes

como

como diſſeſſem, que prouueſſe a Deos de ajudar aos Portugueſes. E outros fazendo ſeus votos por deſuairadas maneiras, chamãdo a Precioſa Madre de Deos, & o Martyre Sam Vicente, que foſſem em ſua ajuda. Doutra parte o Meſtre, & toda a gẽté da Cidade era ocupada em ſe fazer preſtes pera entrar nos nauios, & barcas, q̃ hauião de armar pera acorrer á ſua frota de guiſa, que nam ſómente os homens mancebos, mas velhos, as cabeças cubertas de caans, ſe guarneciaõ de armas pera pelejar. Eſtõce entrou o Meſtre em huma fermoſa nao, que fora das que tomarão com os panos dos Genoeſes, que diſſemos, & entrarão com elle bẽ quatrocentos homens de armas. E porque a nao não era alaſtrada, & a gente entrou mais doque diuera, não podia reger, como compria. Nos outros nauios ſe meteram tantas gentes, & iſſo meſmo nas barcas bandadas, que ſe querião entornar com ellas. Hũa barca, em que hia Gonçalo Gonçaluez Borges desferio por fazer viagem pera Reſtello, & o vento contrairo a leuou por força caminho de Santarem, & aſsi fez outra, em que hia Mem Rodriguez de Vaſcogoncellos. O Meſtre quiſera tambem fazer vela, & vendo o mar, & vento contrairo, & que era muyto peor desferir, ſahioſe em terra, & as gentes com elle. E as barcas erão nauios pequenos & não podião empécer aos grandes, & maiormente por tempo contrairo a ellas, deſarmaraõſe com os nauios. Ora fazẽdo a nao de Ruy Pereira, & as outras aquelle bordo, q̃ dizemos, contra Almada, & vindo as galés de Portugal todas a remos em eſtala, & em direito da frota dos imigos. E vendo os Caſtellãos, que já as poderião ter de julauento, desferirão todas aſsi como eſtauão pera hir ſobre ellas. Das quaes a primeira, que fez vela; foy hũa nao que chamauão de Iohão da Rena, que tinha hum batel a meio maſto fornecido de homens de armas. Ruy Pereira quando vio que as naos, que hião ſobre as galés, que refreſcaua cada vez mais temendo, que lhe farião dano polas empachar, mais com aviza mento, que com ſandia vzança, como alguns diſſerão, ſe fez em outro bordo, & veyo aferrar cõ Iohão da Rena, & aferrarão com tres naos ſinco de Caſtella, & hũ carracão, & empacharãoſe as guarniçoens de hũas com as outras deguiſa, que hião todos em hũa maça pelejando ſeu muyto deuagar, & bem ſem piedade, & aſsi

assi os lançou a marè fora com a maré, & vento contrairo às barrocas de Almada a par de Cacilhas. E este aferramento, que Ruy Pereira fez com as naos, deu grãde ajuda ás galès de Portugal, porque as primeiras naos de Castella quizeraõ dar pelas galés, & em quanto Ruy Pereira aferrou, & se empacháraõ com ellas, passaraõ as galés, que nenhũa das outras naos lhe pode empècer, nem chegar, mas cruel fortuna auendo grande espaço que dura uà a peleja, azou em Ruy Pereira quanto hum valente, & ardido caualeiro podera pelejar, alçoua cara do bacinete, que naõ podia bem sofrer, ouue hũa virotada pela testa, de que em pouco espaço lançou aquelle fidalgo o esprito, que taõ cedo não ouuera de fazer fim. O nobre, & valente barão, verdadeiro Portugues, de quãtos então foste prazmado, dizẽdo que por tua sandice, & ardideza, que poderas bem escusar a peleja, & te ver em saluo com as outras naos, te ofereceste a taõ mortal perigo. Porem não foy assi, mas como falaria o comum pouo dizendo, que assi como Iesu Christo morrera por saluar o mundo todo, assi Ruy Pereira por saluaçam dos outros. De cuja morte o Mestre, & toda a Cidade tiueram grande sentido. As doze naos, que hiaõ de traz, vinhãose quãto podiam pera a Cidade, e as de Castella todas traz ellas, mas não lhe podião fazer nojo por o muito vento, que traziam. A nao, em que vinha Aluoro Gonçalues de Saa ferrára, quãdose começara de vencer, & seguiam na aferrando em ella sinquo galés fazendo muyto pela tomar, especialmente onde chamão a Cuba, por azo do vento, que lhe encalmaua, emparandoa a altura da terra, & aficauão na tanto com as béstas, que da anao, & o timão, & os aparelhos erão cheos de virotoẽs de guisa, que parecia estranho de ver. Ecomo se anao ouue fora da sombra daquelle monte, sahiose das galès com a marè, & vento, que trazia, & escapou, & foyse em saluo. O que fermosa cousa era de ver em tam pequeno espaço a trauez de hum tam estreito Rio ver sinquoenta esete naos, & trinta galès, armadas todas, & bem corregidas com desejo de empècerem huãs às outras. O que dia de tanto cuidado, & mayormente dos que na presente peleja tinhaõ gram parte desua esperança; porque hũa cousa julgaua o desejo, & outra ordenaua a ventura As galès de Castella naõ poderam

deram alcançar as de Portugal, nem ellas não quizeraõ aferrar com ellas, porque cada huã galê de Caſtella trazia a traz ſi huã nao fornecida de gente de armas pera lhe ſocorrer, quando tal couſa compriſſe, nem aferraram outras naos, ſaluo as que diſſemos, de que foram tomadas tres de Portugueſes, & mortos algus de hũa parte, & da outra, & os outros todos prezos, & feridos boa parte delles. O Meſtre andaua pela Ribeira armado a pè com muytos cõſigo, recebẽdo bem a gente da frota, aqual ſe lançou junto com terra des as tercenas a té a porta do mar, & a de Caſtella ſe tornou pera Reſtello.

CAP 134. *Como trouueram a ElRey hũ dos eſcudeiros, que foraõ preſos, & das rezões, que ouue com elle.*

TOMADAS aſſi aquellas tres naos, & as outras todas poſtas em ſaluo, & os Caſtellaõs começaram de poer fora nos bateis os Portugezes, que nellas acharam, tambem os feridos como que nenhũ cajaõ ouueraõ. ElRey mandou que leuaſſem ante elle algũ daquelles, que hi foraõ tomados que naõ foſſe refece pera os que foraõ inuiados por eſto. Como chegaraõ á Ribeira viram vir em hum batel, com os outros, que traziaõ a terra, Vaſco Leitaõ, que era hum dos boons eſcudeiros, que allí vinhaõ, & diſſeraõ, que aquelle abaſtaua pera dar nouas a ElRey do que ſua võtade deſeja ua ſaber. Leuaraõno eſtonce ante ElRey, & a primeira couſa, que lhe perguntou, foy ſe vinha Nuno Aluarez naquella frota? E elle reſpondeo que naõ. E entaõ lhe perguntou quaes vinhaõ nas galès, & nas naos? E elle os nomeou todos por nome, & da guiſa que pelejaraõ, & como fora morto Ruy Pereira, & outras couſas, que a eſto pertenciam; E em falando aſsi com ElRey, vinha a Rainha pera huma Camara por acerca donde ElRey eſtaua, & Vaſco Rodriguez, quando a vio, foylhe bejar as mãos, & ella, que o bẽ conhecia, porque era criado de Gonçalo Vazques de Azeuedo, diſſe a Vaſco Rodriguez *Aqui ſois vós? Aqui, ſenhora*, diſſe elle, *à merce de Deos, & à voſſa*. Paſſou eſtonce a Rainha, & ficando elle aſsi, tornouſe aonde ElRey eſtaua, & ElRey ſorrindoſe contra elle diſſe: *Ah noramala que bom beiar demaõ eſte: Vem com alança na maõ cõtra ſua natural ſenhora*

*ſenhora pera lhe fazer perder o Reyno, que he ſeu de direito, & beijalhe as mãos em modo de eſcarneo. Nam hauieis vôs miſter ſenam que vos cortaſſem os beiços & a lingoa por tal beijar de mão, qual fizeſtes. Senhor*, diſſe elle, *nam nolo dizem a nõs aſsim, mas fazemnos entender, que eſguardando o fundamento deſta guerra, & como entraſtes no Reyno ante do tempo que nos contratos era poſto, & britaſtes as couſas, q̃ em elle eraõ cõteudas, perdeſtes o direito. q̃ em elle auia, q̃ nos fazemos rezaõ, & o q̃ deuemos em defẽder noſſa terra, pois nola deſta guiſa quereis tomar.* Pero Fernandez, de Valhaſco, & outros caualeiros que alli eſtauam, quando eſto ouuirão a Vaſco Rodriguez, diſſe eſtonces contra ElRey. *Tomad alla, ſeñor, que os dizen? eſto he o que vos nós diſſemos por vezes no Concelho, & nam foy crido, & fizeſtes o que foy voſſa merce.* Falando em eſto tiraram o eſcudeiro dante elle, & leuaramno pera os outros priſioneiros, que ſahiam das naos. E taes hi ouue, q̃ forão depois remidos, & dados por outros, & delles fogirão, & ſe vierão pera a Cidade, & outros forão leuados nas galès pera Seuilha.

CAP. 135. *Como nam pelejou mais a frota com a de Caſtella, & como ElRey mandou combater Almada.*

TENDO o Meſtre ſentido, & cuidado de fauorecer ſua frota de antes pera pelejar com a de Caſtella por as rezoens, que já ſam tocadas, começou com os da Cidade de ordenar por ſua defenſaõ & ajuda, todo o que vio, q̃ compria a tão grande feito, & as contrairas couſas, que acõtecer podião, leixar em mão da ventura, eſperando tempo azado pera ſe eſto poer em obra; ſobreveyo a ElRey de Caſtella mais frota da que tinha. ſ. vinte & huma nao, & tres galés armadas, não hauendo ainda huma ſomana, que a peleja das outras naos fora. Aſſi que tinha ElRey por toda ſua frota ſeſſenta & huma naos, afora as carracas, & dezaſeis galès, & huma galéaça, as quaes mandou lançar ao longo da Cidade, des Cataquefaraz atà a porta da Cruz ſegundo a ordenança que tẽdes ouuido. E vendo o Meſtre a deſigualança da frota, & as grandes auantagens, que ElRey tinha em ſemelhãte feito, começou ceſſar em eſte comenos, hauendo já a-

cerca de dous mezes que a Vil la de Almada era cercada, des aquelle dia, que Diogo Lopez foy preſo, como diſſemos. Era o lugar aficado de combates, que lhe dauão ſeus imigos da parte da terra, onde tinha ſeu alojamento, ca da outra do mar nenhuma couſa lhe podia empèçer, pela grande altura do monte, ſaluo de tolher a agoa, que lhe vedaua. O qual lhe foi maior guerra, q̃ outras armas, nem cauas nenhũas, nem nenhũa poderoſa bombarda, com q̃ lhe fizeſsẽ algũs tiros de guiſa, q̃ os q̃ dentro erão, q̃ entaõ tinhão voz pelo Meſtre, cõpeçaraõ de goſtar couſas aſperas de ſofrer, as quaes he bẽ que em breue ſaibais, pois ainda naõ foram tocadas. Onde aſsi foy, q̃ como a frota de Caſtella veo ſobre Lisboa, os moradores do lugar ſe acolheram todos ao Caſtello, em dous bateis bailheiros, em que ás vezes leuauaõ mantimentos â Cidade, quizeraõnos as galès tomar em terra ſobre o Caſtello, onde eſtauaõ em cerco, & pelos defenderem aquella hora foram muytos feridos, & naõ os poderam leuar, & depois os queimaram os do lugar por os nam leuarem os Caſtellãos. Na Villa hauia aſſaz de gente, que a podeſſe defender doutros eſtrangeiros que ſe acolheram a ella, que ſe vinhaõ lançar com o Meſtre, & não poderaõ por azo da frota, & delles tinham mantimentos de paõ, & vinho, & carnes, & doutras couſas pera ſeis meſes, mas nam hauia outra agoa, ſaluo de hũa pequena ciſterna, & ſobre eſta foy poſta grande guarda, dando a cada peſſoa cada dia huma canada, mais nam. E nam embargando iſſo, os da Villa ſahiram fora a eſperar os Caſtellaõs em certos paſſos, os quaes hiaõ á forragem pelo termo, & a Cezimbra, matauam delles, & feriam em tanto, que jà nam ouzauam de hir, ſenam muytos juntos. E aſsi eſperauam os que hiam nos bateis à Rantella, & aſsi a roubar de guiſa, que hum dia mataram mais de trinta em huma lama, querendoſe acolher aos bateis, nam ſabẽdo o porto. Eſta ſahida & tornada, quando queriam, era por a porta da barroca, que chamaõ Meijam frio, que he contra o mar, & ſendo muytas vezes combatida, & nam lhe podendo fazer couſa, de que nojo recebeſe, mandou El Rey que lhe fizeſſem huma caua ſob a terra, a qual começàram de longe, que hia direita a huma alta torre, que eſtà ſob a porta do Caſtello, pera a poerem em campos,

&

& com fogo a derribar, ſegundo ſe coſtuma. E os de dẽtro ſouberam dello parte, onde os Caſtellãos cuidauam que hia o alto por ſob a terra, foram ſahir com a boca da coua à alcaçoua da barbacaam, que os de dentro tinham já acabada, muyto mais alta do que ante era. Ahi pelejaram huns com os outros, & foy morto o meſtre della, & alguns feridos de hũa parte, & da outra de guiſa, que ſe naõ poderaõ della mais aproueitar, o qual hoje em dia parece, & podem ver. ElRey ouue grande menencoria quando iſſo ſoube, & por ſeu corpo paſſou à dita Villa com parte de ſuas gentes, & Capitaens pera a fazer combater à ſua vontade. E mandou que lhe fizeſſem no campanario da Igreja de Sanctiago, que he perto do dito Caſtello, hum cadafacens forte de madeira, donde elle viſſe toda a Villa, como ſe combatia. E quando foy o dia do combate, pozſe em aquelle cadafacens, & fez a toda a gente combater o lugar todo derrador da parte da terra, porque do mar nam podia ſer, por a grande aſpereza da altura do monte, & foy combatido com gente de armas, & de pè, & tiros, & bèſtaria, & fundas de demogrillas, & mantas, & outras artilharias de combate, des hora de terça atè depois do meyo dia. Os da Villa ſentindo que ElRey eſtaua naquelle cadafacens, como quer que delle naõ hauiam combate, ſaluo das ſètas ordenaram de lhe tirar hum tiro. E ElRey enfadado, que ſe partia pera comer, ſendo na Igreja, deſparou o tiro, & deu no cadafacens, & matou dous homẽs & ferio tres, & mandou ElRey afaſtar as gentes, & nam combaterem mais por aquella vez, & foram mortos, & feridos alguns Caſtellaõs, hum filho de Iohaõ Lobato, & outro de Iohaõ Gomez, os filhos de Domingos de Sanctarem, & outros feridos de pedras, & ſètas, porque dos tiros, que os imigos queriam deitar dentro, nam recebiam dano, por quanto todos paſſauam, & hiam dar na agoa, por azo da eſtreitura do lugar. Depois mandou ElRey leuar huma bombarda, que pezaua mais de finco quintaes: A primeira pedra, que lançou, foy muyto baixa, & naõ fez nenhum nojo, & ao ſegundo tiro nam empéceo nada, que brou de tal guiſa, que nam pode mais aproueitar. Vendo ElRey, que ſe nam queriam dar por nenhuma guiſa, prometeo de nunca pre.tejar com elles, mas q̃ todos

dos andaſſem à eſpada, & leyxou ſobre o ſugar Pero Xarmento,& Iohaõ Rodriguez de Caſtanheda com gentes com grande abondança, & mandou que os combateſem cada dia, & ordenou de ſenam partir dalli.

CAP 136. *Das couſas, que paſſauam os de Almada por mingoa dagoa.*

TORNANDOSE ElRey pera ſeu arràyal jurando,e prometendo que nunca lhe deſſem vagar de ſerem combatidos atàque por força foſſem entradas ſem nenhũa preitezia. Onde ſabey, q̃ dentro na Villa eram huns quorenta caualeiros, afora beſtas de ſeruentia, & quando a agoa foy mingoando ouueraõ conſelho de nam darem de beber ás beſtas & foy tanta a ſede dellas; que alli onde mijauão os homẽs,hiam as beſtas chuchar, & comião aquella terra molhada. Entam ordenaram de as lançar fora, por as nam verẽ morrer,& por os Caſtellãos ſe não preſtarem dellas, lançauamnas todas pelas cabeças afundo contra o mar. Cada hum lançaua as ſuas, & aſſi foram todas mortas por a mingoa da agoa, que não tinhaõ,& amaçauão o pam com vinho, & cozião a carne, & o peſcado,& comião o pão,em quanto era quẽte,& como era frio nam o podia ninguem comer, & aſſi outras viandas. Em eſto faleceo a agoa da ciſterna,& foylhe forçado tornar a beber outra muyto dauorrecer. ſ. que jazia na alcaçoua, que chouera na alcaçoua, na qual as molheres, anteque foſſe cercada, lauauão as roupas enfondidas, & os trapos dos meninos, a qual era muyto verde, & muyto çuja, & jaziaõ em ella beſtas mortas, & caens, & gatos, q̃ era nojoſa couſa de ver E de noite ſahião os homens por cordas a furtar aquella agoa. E os Caſtellaõs, quando ſouberam, q̃ daquella guiſa a tomauaõ,trabalharamſe de a guardar,& muytas vezes de noite, & de dia ſerem ſobre ella mortos, & feridos alguns de hũa parte,& da outra. E eſta agoa coziãona, & cozida a bebião, & amaçauão com ella. Depois que eſta agoa mingou, trabalhauamſe dauer agoa do mar,& de tinas, q̃ tinhão poſtas na Ribeira pera apanharem agoa doce, & deciam por hum caminho,que fizeram pela barroca, a tomar daquella

agoa

agoa, & o primeiro dia atrouue ram á ſua vontade. E os Caſtellaõs, como o ſouberão, pozeram guarda nella, & os da Villa indo alaà acharão os Caſtellãos, que a guardauão, & elles não erão mais de dezaſete, & dos migos seraõ bẽ cento, que jazião eſcondidos antre os penedos, & pelejarão ſobre a agoa, & forão mortos tres Portugueſes, & os quatorze muyto mal feridos de ſétas, & dardos, & naõ leuarão mais que dous odres meyos de agoa, & quebrarãolhe as tinas. E em eſto morria jà a gente com ſede, aſſi homens, como molheres, & moços pequenos, & alguns, que ſe a ella acolheraõ, & lançaramſe fora da Villa, de noite, & fugiam por buſcar ſuas vidas; & faziam do lugar toda a noite almenaras, porque lhe dauam a entender o grande aficamento, em que eram poſtos, que doutra guiſa lho nam podiam fazer a ſaber. Sendo aſſi cerquados por mar, & por terra, o Meſtre, & os da Cidade bem entenderam ſeu grande trabalho, mas nam lhe podiam prouer de nenhuma couſa. Porem o Meſtre mandou huma noite hũa ligeira barca com hũ tiro, que tiraua, & poluora, & outras defenſaueis armas, & foi por aquecimento á parte, onde jaziam bateis de Caſtella, & foy filhada com armas, & preſos todos os que leuauaõ E eſtonce hum caualeiro Gaſcom chamado por nome Monſen Monc muyto homem de prol, & bom homem darmas, tinha preſo Affonſo Gallo, que era Recebedor da Villa, & fora preſo na eſcaramuça primeira, quando Diogo Lopez Pacheco foy preſo Eſte caualeiro trouue alli preſo por huma corda Affõſo Gallo acerca do Caſtello, & diſſe aos de dentro: q̃ bem ſabiam como aquella Villa, & todo o Reyno, era de direito DelRey de Caſtella, & que muytos lugares do Reyno ſe lhe deram, & dauam; & que elles cõ perfia nam queriam fazer, como os outros faziam: Porem fizeſſem de guiſa, que nam foſſem traydores, & deſſem a Villa a ElRey de Caſtella, & que lhe faria por ello muytas merces; & que elle traria perante elles aquelle Affonſo Gallo, que era Recebedor da Villa; & que fizeſſem o que elle dezia, ſenam que era por força do dito Affonſo Gallo morrer, & nam quizeſſem ver ſua morte, & dos outros, que preſos eram: que ElRey mandaua matar todos. E os da Villa reſpon-

deraõ ; que bem os poderia ElRey mandar matar, ſe quizeſſe, mas que a Villa nam dariam por couſa que foſſe, & que ſe arredaſſem dalli com ſua honra, & ſe foſſem com ſeu priſioneiro. E elle perſiando em ſuas rezoens, que todauia deſſem a Villa a ElRey, fizerão preſtes hum tiro piqueno & tirarãolhe dantre as ameas, & foy tal ſua ventura, que deu com elle morto em terra, & ficou Affonſo Gallo viuo em pé, de cuja morte ElRey ouue gram queixa, jurando que todos hauião de morrer pela eſpada.

CAP 137. *Como os de Alma da deram a Villa a ElRey de Caſtella.*

SENDOos de Almada em tam grande preſſa por mingoa de agoa, que hauer nam podiam, acordarão que mandaſſem recado ao Meſtre, mas não ſabião remedio nem conſelho, como podeſſem mandar. O Meſtre iſſo meſmo, que bem ſoſpeitaua as tribulaçoens, em que erão poſtos, deſejaua muyto de ſaber em que ponto erão ſeus feitos, & não tinhaõ geito, nẽ ſabião maneira, como dello podeſſem hauer comprida certidão. E eſtõce hum homem de Almada, que viera na frota do Porto, diſſe que elle leuaria recado a nado, ſe o Meſtre o quizeſſe mandar. Ao Meſtre lhe aprouue muyto dello, & lhe diſſe por palauras couſas, que lhe diſſeſſe, & mais lhe eſcreueo por carta o que entendeo por ſeu ſeruiço, & huma noite chegou aquelle homem à Ribeira do Monte, & ſahio por aquelle caminho da barroca, que bem ſabia, onde chamão Mejam frio, & falando aos do Caſtello, que velauam, eſpantaramſe quando o viram, & conhecendoo abriramlhe a porta, folgando muyto com elle. E quãdo viram, que viera a nado, ouueramno por muyto, & a concluſaõ do recado por palaura, & eſcrito, era que lhe mandaſſẽ dizer, em que ponto eram, & que ſe tiueſſẽ o mais, que podeſſem, & elles lhe fizeram ſaber quanto hauião paſſado atè alli, q̃ naõ tinhão agoa nenhuma, nem ſabião remedio que fazer às ſuas vidas. Com eſte recado ſe tornou logo denoite a nado. O Meſtre, viſto ſeus padecimentos, a que ſe remedio hauer nam podia, acabo de tres dias, tornou aquelle homem outra vez com recado, em que o Meſtre lhe mandou dizer, que lhe pezaua muy-

muyto do que hauião padecido & que pois que assi era, que preitejassem com ElRey de Castella o milhor, que pudessem, & lhe entregassem o lugar Entonces ordenaraõ de mandar dous boons homẽs com recado a ElRey como queriaõ ser seus, & lhe darem a Villa, porem que primeiro nadou aquelle homem o Rio, que hè antre Lisboa, & Almada seis vezès com leuar recados, & trazer repostas, & sempre denoite. ElRey sabia jà por hum homem dos que forão tomados, q̃. não tinhão agoa, & que morrião muytas crianças de dia, & que era por força de se darem, ou morrerem todos, & tinha vontade de não preitejar com elles, & tal reposta deu aos q̃ lá forão. E hauendo tres dias, que là andauão. ElRey não os queria ver, & querendose tornar, mandouos chamar a Rainha, & com elles pedio a ElRey por merce, que lhe perdoasse, & preitejasse com elles, a ElRey prougue dello. Foy a preitezia: que lhe seguraua os corpos & haueres, & cada hum estiuesse em sua casa, & fosse senhor do seu, não lhe tomando nenhuma cousa, & assi lhe cõpria os dous dias do trato. O primeiro dia de Agosto, ElRey, & a Rainha forão em galés a Almada, & foy lhe entregue a Villa, & as chaues della, recebendoo por seu senhor, padecendo primeiro, como dissemos, tantas pressas, & tribulaçõ-es, quaes nenhum de Portugal padeceo primeiro por seruiço do Mestre em manter sua voz. E El Rey, & a Rainha comerão dentro na Villa, & chamou os do lugar, dizendo q̃ lhes fossem leaes & que lhe faria muytas merces, & alguns lhe pedirão algumas cousas, & elle as entregou, & mãdou que os tabaliaens escreuessem em seu nome, & se chamassem seus, & leyxou por juizes os que eram dantes, & por guarda delles as gentes, & Capitaens, q̃ ante a tinham cercado, & logo em esse dia se tornou pera seu arrayal.

## CAP 138. *Como foy descuberto ao Mestre o que Dom Pedro tinha ordenado, & da maneira, que em'ello teue.*

MVYTAS graças fez o Senhor Deos ao Mestre em começo de seus boons feitos, antre os quaes huma dellas foy descobrirlhe algumas treiçoens, que contra elle cuidauão taes, de que elle muyto fiaua, porque muytos cõ tra-

uelo deſejo, & peruerſo coração que ſe pera elle vinham, aſſi peſſoas grandes, como doutra condiçam, moſtrauamlhe ſinal de amor, & ſeruiços, & ſua perſeuerança era de pouca dura, ſegundo em ſeus logares vereis. Doutros nam tinha boa ſoſpeita, fazendolhes porem grandes merces por mudarem ſua má vontade, & leyxando pouco, & pouco o fingimento começado, cahião depois em grande mingoa, & vergonhoſa reprenſam. Antre os quaes, ſegundo ſe afirma, quem nodoa tomou de tal erro, foy Dom Pedro filho do Conde de Arrayolos Dom Aluoro Pirez de Caſtro, que era já morto, como ja ouuiſtes, que era cazado com huma filha de Iohanne Mẽdez de Vaſcogoncellos. Mas como o Meſtre deſto ſoube parte, eſcreueſe por muytas guiſas. Hũs dizem tendo, que eſte Dom Pedro de Caſtro tinha fala feita cõ ElRey de Caſtella, em que era Iohão Lourenço da Cunha, que lhe deſſe entrada por ſua quadrilha, que o falou com Ruy Freyre, porque era Gallego, como elle, cuidando que lhe tiueſſe ſegredo, & que Ruy Freyre o deſcobrio ao Meſtre. O qual, como vio Dom Pedro, diſſe, preſentes muytos fidalgos, de praça: como lhe fora dito, & por quem: E q̃ Dom Pedro diſſe, que Ruy Freyre mẽtia: & que lhe poria o corpo: dizendo o outro: que bem lhe prazia, & outras rezoens a eſto pertencentes: que o Meſtre lhe diſſe: que ſe calaſſe, & não curou mais delſo, & que aſſi ceſſou eſte feito. Mas tal eſcreuer he muyto errado por duas breues rezoens. A primeira, não he de cuidar q̃ hũ ſenhor tão ſeſudo, & deuoto, como era o Meſtre, ouuindo huma tam grande couſa, como eſta, q̃ era perda do Reyno, & mais de ſua deshonra, com grande cajão de morte, a foſſe deſcobrir de tal guiſa, & quem lha com puridade diſſe: A outra, que nam curaſſe mais delo, & que o leyxaſſe aſſi paſſar ſem pena, como ſe foſſe feita de jogo. Outros dizem, que Iohão Lourenço da Cunha, & alguns com elle, andauão por matar o Meſtre com peçonha, ou por outra guiſa, & dar a Cidade a ElRey de Caſtella, & que deſta treiçã̃o ſabia parte eſte Dõ Pedro, que era o principal delles por rezão da guarda de Sancto Agoſtinho, que era ſua, por cuja porta ElRey, & os ſeus hauiam de entrar. Mas hum Autor outro, a cujas rezoens nos mais acoſtamos, falou neſte paſſo, & diz aqui aſſi. Que o Conde Dom Aluoro

uoro Pirez, & ſeu filho Dom Pedro de Caſtro, eſtando cõ o Meſtre em eſte cerco, auiaõ a guarda do muro de Sancto André até a porta de Sancto Agoſtinho, tendo conſigo pouco mais de cem lanças, afora outros homens darmas da Cidade por guarda daquella quadrilha, & morto o Cõde, como diſſemos, ficou elle cõ as gentes ſuas, & de ſeu Padre, em aquella meſma guarda; & q̃ o Meſtre ſoube por Ruy Freyre, todo o que Dom Pedro em eſto tinhá ordenado, & quando: mas nãoja que o Meſtre deſcobriſſe. E de Ruy Freyre iſſo deſcobrir tinha grande rezam, ca era filho do Meſtre de Chriſtus Dom Nuno Freyre, que fora Ayo do Meſtre Dauiz, em ſendo moço, por a qual couſa o Meſtre lhe tinha boa võtade. Deshi diz que veyo a adoecer de huma dor, de q̃ morreo, Iohaõ Lourenço da Cunha, marido que fora da Rainha Dona Lianor, & quando ſe confeſſou de ſeus peccados, diſſe a ſeu Abbade como elle ſabia muytas couſas, que eram dano da Cidade, & ainda de todo *Reyno*. E o confeſſor diſſe; que o nam abſolueria, nem lhe daria perdoença, atáque as nam diſſeſſe ao Meſtre Entam foy o Meſtre chamado, & falou com aquelle Iohão Lourenço, & deſcobriolhe muytas couſas, de que ſe o Meſtre depois auizou. Antre as quaes foy, q̃ Dõ Pedro de Caſtro com todos ſeus vaſſallos, por grande quantidade douro, & de prata, que DelRey hauia de receber, lhe tinha vendido a dita Cidade, que aos quinze dias daquelle mes de Agoſto, na noite da Aſſumpçam da Benta Virgem MARIA hauia de dar entrada ás gentes DelRey, as quaes hauiam de ſobir por eſcadas poſtas nos muros, quaes compriam, & que os ferros pera ellas foram feitos em Alanquer, & q̃ o final certo das horas, a que vieſſem, hauia de ſer huma candea poſta em hũa ſéteira do muro. Do qual final o Meſtre ſoube parte, & mandou poer gentes em guarda daquelle lugar, os quaes receberam os Caſtellãos, quando chegaram, com ſetas, & pedras, & outras couſas, doque lhe muyto nam aprouue. E Dom Pedro foy logo eſſe ſeraõ preſo, & todolos ſeus com elle, & em outro dia foy ſabido pela Cidade como eſto acontecera. Bradauam todos ao Meſtre, que o mãdaſſe matar cruelmente, & elle os apacificou com boas palauras ſem lhe ſendo feito mais nojo. E deshi a hũa ſomana, mandou lançar fora da Cidade todos ſeus vaſſal-

vaſſallos,& criados,& chegando tomauaõlhe ſuas armas: Equãdo hauiaõ alguns outros Gallegos, & Caſtellaõs; & dõ Pedro ficou preſo,& bem arrecadado. Epois temos aqui a pena, por naõ tirar mos depois aordem do que haue mos de falar, digamos logo outro bom jogo de Affonſo Anriquez, que veyo nafrota, Irmaõ do Conde Dom Pedro,que ficou no Porto, o qual acompanhaua muito com Iohaõ Rodriguez de Saá,moſtrandolhegrande amiza de, & foy aſſi hum dia. Que Affonſo Anriquez tendo vontade de ſe lançar com os Caſtellaõs diſſe a Iohaõ *Rodriguez*, q̃ foſſem mirar o arrayal DelRey de Caſtella, & Iohaõ Rodrigues diſſe que lhe a prazia, & caualgaraõ ambos: IohaõRodriguez enſima de hum boom cauallo caſtanho, & Affonſo Anriquez enſima de huã mula , & eſtando ambos oulhando, diſſe Affonſo Anriquez a Iohão Rodriguez. *Irmão, empreſtayme eſſe caualo, & irey falar a aquelles meus parentes,& por lhe falar mais ſeguro, quero ir enſima delle, anteque neſta mula.* Iohaõ Rodriguez muyto deſcuidado do que elle tinha na vontade de fazer, deceoſe logo,& caualgou elle. Affonſo Anriquez como foy enſima do caualo falou a Iohaõ Rodriguez dizendo. *Irmão, quedate con Dios , ca eu querome ir pera meus parentes:* E chegou as pernas ao caualo, & fogio pera o arrayal dos Caſtellaõs Iohaõ Rodrigues ficou muy eſpantado,& teueſe por muy eſcarnido delle, & veyoſe ao Meſtre, & achou o nastaracenas,& contoulhe como lhe auiera cõ elle, deſculpãdoſe que elle tal couſa naõ ſabia parte. O Meſtre, que bem conhecia Iohaõ Rodriguez por boom, & verdadeiro Portugez,filhouſe de rir, & diſſe que o hauia por bem ſem culpa. Em eſto o Meſtre chamou todolos da Cidade, & ordenou deſe tirar hum pedido de cem mil liuras da moeda antigua, pera paga do ſoldo da gente darmas, do qual não foraõ eſcuſos clerigos, nem frades,nem peſſoa algũa,por honrada que foſſe: E afora o que cada hum clerigo pagaua por ſi,ſegundo a renda de ſeu beneficio, todalas Igrejas, & Moſteiros deraõ ajuda de prata em cruzes, & calices , & outros ornamentos, pera fazerem a dita moeda. Seguioſe entonces que aos dezanoue dias do dito mes foy o ſol criz ao meyo dia, & perdeo ſua claridade, & eſtando entam em o ſigno de Leo, a qual couſa foy eſpanto a todos, & deziam

osEſtrologos,que ſignificaua em Caſa Real gram mortandade de gente honrada, & aſſi aconteceo depois nos grandes ſenhores de Caſtella, ſegundo ao diante ouureis.

CAP. 139. *Comõ as galés de Caſtella quizeram tomar as de Portugal, & do que ſobre ello aconteceo.*

TAZENDO as naos de Caſtella daquella maneira, & as galès a cerca de Santos, vogauam muitas vezes perante a Cidade contra Enxobregas ao longo do Rio lançando muitos tiros, & vi rotoẽs à frota de Portugal, que jazia encalhada á beira dos muros. ſ. as naos junto com o muro do Paſſo da madeira, com maſtros, & traues, & outras defenſoẽs diante,por rezão dos tiros, que lhe tirauão, & as galès logo acerca, porem prazia a Deos que nenhũ lhe não empècia, nem iſſo meſmo ás galês de dentro. ElRey de Caſtella hia às vezes nellas por deuiſar, & oulhar a Cidade, & deſi hi tornauãoſe as galès, & ElRey hiaſe pera ſeu arrayal. E vendo ElRey como as naos de Portugal não andauam com a maré,& quã do vinha de boa preamar ficauam em ſeco,deſhi as poucas gẽtes,que em ellas eſtauão porguarda, cuydou como as poderia tomar todas, & mandou chamar patroens, & alcaydes, que deſto auiam conhecimento, & deſcobriolhe toda ſua entençam, & o que ſobre ello auia cuidado, & louuando as rezoẽs,& quanto ſobre ello penſara, derãonas logo por tomadas da guiſa, que o ElRey dezia, & fizerãolhe pergũta, ſe queria elle que as queimaſſem ou que lhas trouueſſem todas como jaziam ? & ElRey diſſe que lhe não queimaſſem ſuas galés, mas que lhas trouueſſem o mais em ſaluo, que ſer podeſſe. *Ca as galès*,diſſe ElRey,*ſam minhas,& naõ as quero deſſa guiſa perder:* E eſto dezia elle dando a entẽder que as galès,& o Reyno todo era ſeu,&quãto em elleauia.Então eſſes Capitaẽs, & homens mareantes, com que ElRey falou,ordenarão por eſta guiſa: Que aos vinte, & ſete dias daquelle mes de Agoſto que ſeriam as agoas viuas,& a maré chea,na alua da menhaam,as gentes das galés ſe armaſſem todos de noite ſeuando poucos galeotes,& bèſteiros, & homens darmas muitos,& todos os grandes bateis, eas naos ſe corregeſem, & ſe fizeſſẽ preſ-

tes

tes, & iſto foſſe aſſi calado,& aſſoſſegadamente feito, que nam foſſe viſto, nem ſentido pelos da Cidade,& que o Conde de Mayorcas com quatrocẽtos homẽs darmas,& pioens,& béſteiros cõ bateſem da porta de Sancta Catherina atà Cataquefaraz,& pera a Ribeira ſe podeſſem.E q̃ aquella porta combateſem quinhẽtas, ou ſeiſcentas lanças, com muytos pauęſados, & bèſtaria, moſtrando,que queriaõ por alli combater a Cidade, & de feito combateſem rijamente por emaueſſar os da Cidade em deſuairados lugares.Eo conſelho era muy bõ ſe as gentes foraõ poucas eſpalhadas por muytas partes, mas hy auia tantas companhas, & aſſi abaſtantes pera defender, que,ainda que ſe toda derrador combater podera, o que nam podia, hy hauia bem que toruar ſeu combate. Veyo aquelle Sabbado,que tinha deuiſado de combater, & bem cedo pela manham, quando queria ſahir o ſol, começarão as galés de vogar de Sanctos hu jazião,ao longo da Ribeira,& os bateis pauęſados,como compria O Conde de Mayorcas vinha iſſo meſmo por terra com muytas gentes pera combater alongo do muro, & outros muytos à porta de Sancta Catherina, ſegundo era ordenado. E eſto todo feito muy trigoſamente,as velas daCidade, quando iſto viraõ,começarão logo de repicar naSé,& tambem nas quadrilhas, onde eſtauão ſinos; naõ tendo porem ſoſpeita nenhuma do que as galès queriaõ fazer, mas preſumiaõ, q̃ hião remando ao longo do Rio, ſegundo hauião em vzança. E por as gentes, q̃ por terra vinhão começarem de acudir aos muros daquella parte, onde os imigos faziaõ moſtrança, que queriam combater,dormindo ainda muitos da Cidade,as galés hũas com as outras jazendo bem juntas,& todos tinhaõ os remos varados, & cada hum fidalgo cuidado da ſua, nas quaes ſempre leyxauão gẽte de reſguardo, como milhormente entendião. Os Caſtellãos vindo em direito da Cidade, remaraõ todos rijo pera terra,e leixando as ancoras por de rè começarão de aferrar com ellas por proas, & os bateis armados antre ellas, por tal que ſupitamente, & emprouiſo as podeſſem tomar, mas nam poderam aferrar com ellas todas E aſſi como aferraraõ com muyta bèſtaria, & homens darmas,que trazião,magoauão muy mal eſſas poucas gentes, & galeotes, que nellas eſtauaõ, ſem percebimento de tal

ofen-

offenſaõ, deguiſa, que perôas defendeſem o milhor, que podiam já muytos dellas feridos, & outros ſem feridas, começaraõ deſamarrar as galês, & os da Cidade acodiaõ rijamente polos ajudar, mas daualhe gram torua as portas cerradas acerca das galés, & naõ podiaõ hir à Ribeira, ſaluo por porta dahi alongada. O Meſtre, que eſtaua nos Paços, quando ouuio repicar, & vio como as galés aferrauão as ſuas, veyoſe a caualo muyto depreſſa á Ribeira com muytos boons homẽs, que o ſeguião, & entrou pela porta da Tercena, muy contra võtade do Conde Dom Gonçalo, que com couardo coraçam lhe dezia, que nam ſahiſſe fora atáque viſſe, que couſa era. O Meſtre não curou deſeu dito, & entrouſe pela Ribeira dizendo aos ſeus, que entraſſem nas galés, esforçandoos quanto podia. As gentes creciaõ cada vez mais, cobrando esforço com ſua preſença, por cujo azo tomaraõ maior ouzança de as defender quanto podião: Huma galè, em que entrou Affonſo Furtado, jazia de trauez, & não ao lõgo, & duas galés vierão pera a ferrar com ella, & elle fez fazer banda cõtra terra, & a banda cõtra o mar eſtaua alta, & as duas galés lhe deraõ com as põtas no coſtado, & a galè ſe defendeo muy bem, porque tinha a banda, & ferio aſſas das outras galés, & naõ foy tomado. Em iſto huã galé de Caſtella eſtaua aferrada cõ outra de Portugal, de que era Patraõ Fernam Nunez Homem, Comendador da Ordem Dauiz, foy entrada por força dos imigos, mas eſto foy, depois que Affonſo Goterres de Padilha boom caualeiro Caſtellaõ, que andaua com o Meſtre, foy derribado com feridas, porque, em quanto elle eſteue na proa com huã lança nas maõs, & bacinete ſem cára, nenhum pode em ella entrar, por muito q̃ ſe dello trabalhaſſe, & tendo ja quatro virotes tãchados no roſto, & pelejando aſſi cõ elles alçou o braço por fazer hũ golpe, & veyo hum dardo por a quẽcimento, o qual, entrãdo ſob o braço, lhe apontou dẽtro na boca, & reteudo de tal ferida deu lugar alhe darem outras, cõq̃ foy forçado cahir da proa a fundo, & entraram então os Caſtellãos a mao ſeu grado dos que a defendiam, chegando por força até a metade. As gentes da Ribeira, quando viram que outra nenhuà galé não era entrada, ſe não eſta, que eſtaua em ponto de ſe perder, começaram brádar aos do muro que lhe deitaſſem

macha

machados perá arrombar que a não leuaſſem os Caſtellaõs, & deitados,& começando de dar á galè, era al i preſtes Iohaõ Rodriguez de Saá,barão bem nota uel de fama,& muito boom ho mem darmas,& vendo taõ apreſ ſurada peleja dentro na galè,co mo caualeiro muy preſtes dema rauilhoſa ardideza por ſima dos remos pera lhe acorrer em pés, & mãos,com a lança ſobſy a tra uez,le xou a galé onde eſtaua, & hum ſeu homẽ de pé com elle, entrou na que os Caſtellaõs to mauam, & com a lança nas mã os, pela coxia alongo,começou a fazer aſſi que aos Portugeſes era gram prazer de o ver,& aos imigos graue de ſoportar, & elle fez deſemparar a galé, & quãtos Caſ tellãos eraõ em ella, & delles fe ridos, & mortos, & outros naõ querendo eſperar ſeus golpes, de guiſa que ella ſoy deſemparada dos que a tomada tinhaõ por for ça. Em eſto acendiaſe mais a pele ja,a qual era de hũa parte, & da outra muy braua, & de grande arroido,aſſi de brados de homẽs como troẽs,& trombetas, & repi ques de ſinos, & como de cha mar a altas vozes. *Portugal, & Sam Iorge,&* outros. *Caſtella, & Sanctiago.* E naõ eraõ poſtos em menos preſſa, como ſe já a Cida- de tiueſſe pàrte de ſeus imigos dentro no muro, & outros prouaſsem pera entrar. E bràdaua o Meſtre que fizeſſem alguãs cou ſas, que compriam, trigoſamẽte, co grande arroido das gentes, & ſoons das armas,com que peleja uaõ, lhe empachauaõ tanto ſeu mandado, que parecia que mandaua em vaõ. Duas couſas faziaõ ſer eſta peleja muy forte, & deſcomunal da parte dos Caſtellaõs. A primeira deſejo grande de tomar as galès, perque vinhão, que ligeiramẽte cuidaraõ cobrar, como prometeraõ a ElRey ſeu ſenhor. A ſegunda determinado tempo,que mais dar naõ podiaõ, que em quãto as galés podeſſem nadar. Da parte dos Portugueſes outroſi era muy ferida, tẽ ioſe todos por muy eſcarnecidos,perdẽ doas daquelle geito por deſaper cebimento. E poſto que nos louuamos Iohaõ Rodriguez, & Afonſo Goterres, que elles faziam taõ boas façanhas,naõ entendais vós que elles ſós defendiaõ as galès ſem outrem pelejar por as defender, mas eſtes, & alguns fidalgos,que a qui nomeamos, tinhaõ tão grande auantajem antre os outros homens darmas, como brauos touros metidos em corro emcompanha de manſo gado. *O* Meſtre andaua a caua

lo pe-

lo pela Ribeira fazendo entrar as gentes em as galés, metêdose no mar com aficamento; & na agoa veyo hum virotam, & deulhe na espadoa do caualo, e o caualo, sentindose ferido, cahio logo cõ elle na agoa, & foy o Mestre sob agoa armado, como andaua, cõ bacinete sẽ cara. E a gente, que era toda ocupada, cada hum como milhor podia, naõ o viraõ, & sem sendo acorrido de nenhũ, quando se sentio sob a agoa, poz as maõs nos giolhos, & alçouse em pè, & achouse taõ alto, que lhe daua a agoa sob a barba, & quando se assi vio, sahio se fora da agoa. E alguns, quando o assi viraõ, chegaraõse a elle logo, & trouxeramlhe huma mula, em que caualgou. & se tornou a seu primeiro officio, de esforçar os seus, & de os tornar ás galès pera as defenderem Ora assi aueyo por aquécimẽto que esta galé de Castella, de que era Capitaõ Vasco Martins de Meira, q̃ entrou na de Portugal, jazia emdireito daporta do açougue, & tinha hum proez por huã larga agulha dentro dos muros da Cidade, & vendo hum homem, em quanto assi pelejauaõ como as ancoras estauam assi empachadas, meteose em hũ lopano por sob a banda da galé, & foy amarrar bem huma ancora com aoutra a bom bem sem medo. Ioham Rodrigues, però estiuesse já muito ferido, naõ se contentou do que feito tinha, que era assaz de louuar, entroulhe daquelle geito aos Castellãos a galé, que tomada tinhão, mas ainda se trabalhou de lha filhar assi por força, & pelejou de tal guisa com outros, que o ajudarão, que, a mal seu grado dos imigos, saltárão dentro na sua galé. Os Castellãos, vendo como se venciam, quizeram desaferrar, mas não poderão, ca era aquelle lugar muy defendido, & não prestaua seu a sam, & não sabiam a arte, com que estauão empachados daquella guisa. Entonce começarão os Portugeses de bradar aos do muro que tirassem pello proez da sua galè, & começando de tirar, erão os homens, & molheres tantos a aquelle trabalho, que não achauão onde poer as mãos, & tirarão ambas as galés pera terra. E em esto venciase a galè cada vez mais, deitandose muytos galeotes à agoa, anteque serem mortos, ou catiues. Vasco Martins quando vio que se a galé perdia de todo, & senam podia saluar por nenhuã guisa, deceose pela popa assi armado, & poz os pès na beira do caparam, & embaraçouse

raçouſe com elle na agoa, & alli morreo: E aſsi fizerão outros muytos; os quaes depois q̃ a maré vazou ficarão em ſeco, & delles tirauam com rede. As outras galés pelejarão tanto até q̃ cansaram, & a deſesperança de não poderem comprir, o que começado tinham, os fez afaſtar afora, & leixandoſe jazer de largo, muy anojados do que lhes acontecera, penſando dos que eram feridos. E foram preſos, & mortos muytos Caſtellãos, & dos da Cidade até dez. Ferido Iohão Rodriguez de Saá de quinze feridas & duas no roſto. E acharão na gale que aſsi foy tomada, priſioneiros Portugueſes de Sortilha, & cartas, que mandauão de Seuilha a ſeus amigos, que lhe leuaſſem das moças chamorras, que erão boas temidoras. As gentes q̃ vierão por terra, & por a Ribeira, como diſſemos, pera combater, não empeeceo ſeu trabalho couſa, que nojo fizeſſe, mais era feito por trauação de enuezar as gentes, que por proueito, que em ello ſentiſſem. E deshi as pedras, & ſétas forão tantas, que ouuerão por ſeu barato de ſe afaſtar delle, & da eſtacada da Ribeira. O Meſtre andaua vendo eſtes caualeiros, & eſcudeiros, que erão feridos, & esforçandoos cõ boas palauras fazendolhe merce; & todos dauão muytas graças a Deos que aſsi os ajudara a defender de ſeus imigos.

CAP. 140. *De algumas couſas, que acõteceram aos da Cidade com os do arrayal jazendo cercados.*

PASSANDO aquelle dia de gram trabalho aſsi pelo mar, como por terra, & vendo o Meſtre, & os da Cidade, como lhe fora feito por arte, não auendo daquello nenhuma ſoſpeita, puzerão em as galés, & em outras couſas, milhor reſguardo, & auizamento. E tendo ElRey aſsi a Cidade cercada com grãde multidão de gentes, deshi a Ribeira, & ocupado com ſuas naues, & galés, com que lhe embargaua toda ajuda, que hauer podião, começou a Cidade de ſentir maior gaſto, que dantes hauia por cauſa das gentes, que vierão na frota, de guiſa que crença era DelRey, ſabendo bem deſto parte, que a hauia de tomar por fome. Ora mantendoſe a Cidade o milhor, que podia, não eram em ella eſtonce mais que vinte de caualo, como ſouberaõ que hauiaõ de

de ſer cercados, logo mandaraõ todas as beſtas da parte dalẽ, por que as naõ podiaõ manter; durando o cerco longamente. E eſtes vinte eraõ aſſi como lohão de Baeça, & Gomez Garcia de Frões, & Vaſco Martins de Gaa, & Luis Antiquez, & outros taes. E ainda pera eſtes poucos, q̃ hi auia, naõ podia auer mantimẽtos pera elles, antes comprauaõ os lançoes cheos de palha, & leuauãolhe della, & aquella lhe dauão a comer. E às vezes hiaõ eſtes de caualo cõ homẽs de pè, & béſteiros eſcaramuçar cõ os imigos, & os do arrayal ſahião a elles, & emburilhauãoſe, como he coſtume, q̃ contando por meude todas as couſas, q̃ em cõbate; & eſcaramuça acontecia õ a hũs, & aos outros: naõ abaſtaria o presẽte dia, dandouos faſtio douuir, & a nós canſaço de as eſcreuer. Porẽ leyxando homẽ deſtes feitos, o q̃ chammẽte poderia falar, tomado aquello, q̃ em ſemelhantes caſos comunalmẽte acontece: ſ. q̃ a vẽtura não pode aprazer a ambas as partes, ás vezes ordenaua, q̃ os imigos dauão cõ os da Cidade atá as portas, & às vezes os Portugueſes com os Caſtellãos jũto cõ o palanque do ſeu arrayal, acerca do Paço dos Sanctos, nas quaes de hũ cabo, e do outro algũas vegadas auia muitos mortos, e preſos, & feridos. E outras vezes não muito lõge da Cidade ſahiaõ muitos a oulhar, sẽ leuãdo algũas armas & o Meſtre ouue iſſo por mal, por q̃ podiaõ receber dano dos imigos, & mandou, q̃ qualquer q̃ foſſe oulhar, q̃ naõ leuaſſe armas pera ſe defender, ou ferir, q̃ lhe tomaſſem a roupa: deſentão ſe cauidarão, & ſahirão todos com armas. E em eſto aueyo hũ dia, q̃ naceraõ nouas na Cidade, & naõ foi ſabido por quẽ, q̃ El Rey de Caſtella ſe paſſara a Almada por azo da peſtelẽça, & q̃ naõ eſtaua no arrayal, ſenaõ muy pouca gẽte, e aluoroçaraõſe todos trigoſamẽte, e quizerão ſahir fora pera hir dar emelle, naõſõmẽte oshomẽs masainda asmolheres queriaõ leuar lenha pera o queimar. E elles à porta de Sãcta Catherina, eſguardou o Meſtre em eſto, & diſſe q̃ naõ era bẽ ſahirẽ aſſi, como ſe dezia, & ſeria muy grande perigo, mas que foſſem elles poucos de caualo, q̃ hi auia, ſaber em certo, como eſto era, & que entam ſe acordarião na maneira, q̃ ſobre ello tiueſſem. Partirão os de caualo por outra porta, que chamauão de Sancto Antam, por nam ſerem viſtos dos do arrayal, & foram por hum valle aſima acerca das tẽdas dos imigos. Os

Caſtellãos, quando os viram conſigo, começarão de bradar. *Armas, Armas*, dando às trombetas muy rijamente, & foy grã **de alvoroço no** arrayal, caualgando ápreſſa muitos de cauaſo, que ſempre tinhaõ as beſtas prettes, & iſſo meſmo os de pé, cada hum como milhor podia, & deraõ apoz elles, & alcançaram hum eſcudeiro Gallego, que cahio cõm o caualo, a que chamauão Vaſco Gonçaluez, q̃ depois foy Almoxarife do celleiro, & prenderaõno, & ſahio por redençaõ. Em quanto elles aſsi foraõ, & tornaraõ, ſempre o Meſtre eſteue á porta, tendo as gentes que naõ ſaiſſem, & quando os viraõ vir daquella guiſa, ſahio Fernam Rodriguez Comẽdador de Iurumenha, q̃ depois foy Meſtre Dauiz, cuja era a guarda da porta, com homẽs darmas, q̃ cõſigo tinha pera recolher os de caualo, q̃ **vinhaõ fogidos** por os Caſtellaõs **q̃lhe chegauão acerca** da Cidade, ſe o Meſtre non detiuera cõ ſua boa deſcriçaõ, & auizamento.

CAP. 141. *Como ElRey enuiou cometer auença ao Meſtre, & das rezoens, que ſobre ello paſſaraõ.*

NAM curando mais de falas nas couſas, que no cer co acõteceram, começou a triſte morte de moſtrar ſua ſanha mais aſperamente com os do arrayal; & iſſo meſmo contra os da frota, matando, nam ſómente eſcudeiros, & fidalgos, & outros de piquena condiçaõ tanto, que era couſa de ver: mas ainda começou de encertar nos ſenhores de grande eſtado, de guiſa que poz grande eſpanto em todos os Caſtellaõs vendoſe aſſi afficados de peſtelença, que ſe **cadavez mais ateaua** em elles; bem entenderão que ſua eſtada nam podia alli ſer muyta, porque era per força de deſcercar a Cidade, & ſe partir della cedo, & diſſeraõ a ElRey, falando ſobre eſto, muitas, & deſuairadas conſiraçoens; que era bem de mouer ao Meſtre alguma preitezia, por leuar alguma honra de ſua vinda. A ElRey pareceo bem por as rezoens, q̃ cada hum dezia, & mandou pedir ao Meſtre ſegurança, pera lhe da ſua parte poder hir falar Pero Fernandez deValhaſco, que era homem, de que ElRey muyto fiaua Ao Meſtre prouue delo, & ao dia, que lhe deuiſado foy de lhe vir falar, mandou o Meſtre alguns caualeiros ao caminho, que ficaſſem em arrefens, com as gentes, que vinhaõ com Pero Fernan-

nandez, ataque elle falasse com o Mestre, & se tornasse, segundo da parte dos Castellãos era pedido: & estes forão Iohão Affonso Deça, & Aluoro Gonçaluez Camelo, Affonso Eannes Negro, Mem Rodriguez, & Ruy Mendez de Vascogoncellos, & outros E chegou Pero Fernandez, ante do meyo dia, ensima de hũ bom caualo, & hum pagem consigo com huma lãça em barjeta, que ficou com os outros. O Mestre estaua acaualo com cota, & braceis, & hũa espada na cinta, & huma tabardilha ensima. Quando se virão fizerão suas mesuras; & abraçarãose. Isto foy antre a Barbacaam, & o muro à porta de Sancta Catherina, mas as falas, que neste logar foram faladas, fez a affeição escreuer algũs em fauor DelRey de Castella, de guisa, que nam concertaram da guisa, que o Mestre demandaua a Pero Fernandez: Que se a ElRey aprouuesse de ficar por Gouernador do Reyno; ataque ElRey de Castella ouuesse filho de sua molher, sẽdo o gouernamẽto, segundo auia de ter a Rainha Dona Lianor, como nos trautos antre ElRey Dom Fernando, & elle, que elle tomaria voz da Rainha Dona Beatriz, & regeria o Reyno por ella, tornandose ElRey de Castella pera o seu Reyno, & não curando mais em este entrar aguardando a formados capitulos em este passo deuizado, q̃ desto lhe faria quaesquer menagens, & escrituras, que em tal caso comprissem. E nadeo ainda dizendo mais. Ao que Pero Fernandez respondeo ao Mestre: Que ElRey seu senhor nam faria tal preitezia por nenhũa guisa que fosse, mas que tanto lhe farião q̃ fossem dous Gouernadores, s. o Mestre hum delles, & outro hum caualeiro Castellão, o que ElRey quizesse escolher; & q̃ o Mestre deu em reposta. Que o Reyno de Portugal não consentiria, q̃ caualeiro de Castella fosse Gouernador, nẽ Regedor delle: & que assi se espedio Pero Fernandez não concordando com elle em tal preitezia. Mas quẽ taes rezoens vẽcido de afeiçoens escreueo em fauor de outrẽ, áverdade fez grãde injuria ca nenhũ humanal entẽdimẽto, ainda q̃ peró não fosse escrito, pode cõsentir q̃ Pero Fernãdez viesse por tratar algũa auença com o Mestre da parte DelRey seu senhor; & que o Mestre fosse cometedor della, anteque o Pero Fernandez requeresse, demais ao que se depois seguio da vinda do Priol do Cratto, que encuber

tamente calaraõ, porẽ incitando tal recado as falas recõtadas em breue paſſarão por eſte modo. Pero Fernandez diſſe ao Meſtre, q̃ el le lhe hiria dizer couſas de ſeu ſeruiço, ſe a elle lhe prouguеſſe de cahir em ellas, dizẽdo q̃ bem via elle, como elle era cercado, por mar, & por terra, de ſeu ſenhor ElRey de Caſtella; q̃ os mã timẽtos erão tao poucos na Cidade, q̃ não hauia poder de ſe manter muito, como elle bẽ ſabia; q̃ pois filho de Rey era, q̃ ſenão quizeſſe perder de tal guiſa, mas que preteiaſſe com ElRey ſeu ſenhor, do qual receberia muitas merees & acrecẽtamento em couſas, que foſſem de ſua honra. E da preitezia, que elle fizẽſſe com ElRey de Caſtella, que elle, & Pero Xarmento, & outros quaeſquer, que elle quizeſſe, lhe fariaõ toda a auença, & concordia, que ambos ficaſſem ſobre a preitezia, & lhe farião diſſo preito, & menagem, que ElRey de Caſtella lhe guardaſſe, & não o fazẽdo ElRey aſſim, que elles deſeruiſſem a ElRey de Caſtella, & ajudaſſem ao Meſtre contra elle em toda couſa de ſeu ſeruiço. A eſto reſpondeo o Meſtre, que elle dezia como boom caualeiro, que era, que lho agardecia muito, mas que ſoubeſſe de certo, q̃ em qualquer couſa, que lhe auieſſe ſobre eſta demanda, que começada tinha, que elle entendia, que elle naõ ſe perderia, mas antes ſe ganharia, ca eſte Reyno fora de ſeu padre, & de ſeus auòs, & que hora ElRey de Caſtella o queria ſogigar, & auer injuſtamente contra os trautos, & prometimentos, que feito tinha. E que porem muitos criados DelRey ſeu padre, & DelRey Dom Fernando ſeu Irmão, ſe vieraõ pera elle, pera o ajudar a defender; & que elle com rezoens, & verdade; que tinha, entendia, com a graça de Deos, de o defender, não ſómente DelRey de Caſtella, mas de qualquer outro, que lhe dano fazer quizeſſe. E que poſtoque as couſas não vieſſem a aquelle fim, que elle deſejaua, aſſi como elle dezia, que elle entendia que ſe não perdia em ello, mas que ſe ganhaua com muito ſua honra, elle, & todos aquelles que o ſeguiam. Sobre eſto paſſaram muitas rezoens; ás quaes o Meſtre nunca deu repoſta de abrir algum começo da preitezia, ca ſe a dera, como alguns eſcreueraõ, cuidaу que muy aſpera fora a conuença, em que ElRey de Caſtella não cahira, ſegundo a peſtelença, que antre os ſeus andaua, por leuar alguma honra

de ſua

de ſua vinda. As gentes eſtauam oulhando pelos muros ade longe rogando a Deos, que os pozeſſe em alguma auença, pera que a Cidade foſſe deſcercada, por à grande mingoa, que hauia de mantimentos. Pero Fernandez, vendo que, por quantas boas rezoens daua ao Meſtre, naõ daua lugar a nenhũa preitezia, deſpedioſe delle, cõ ſua graça, & foiſe pera os ſeus, q̃ o eſtauao aguardãdo, & os caualeiros Portugueſes vierãoſe pera a Cidade. E quando Pero Fernandez chegou a ElRey de Caſtella, perguntoulhe que recado achaua no Meſtre? E elle reſpondeo dizendo. *Day ao demo, ſenhor, que nunca em elle outra rezam pude achar de quantas couſas lhe faley, nem outra reposta, que reſpondeſe, ſaluo nam, nam, nam.* Em ElRey ouuindo eſto ouue grande menencoria, e diſſe: que nam curaua delo, que por ventura elle lhe requereria depois auença em tempo, que lhe ſeria muy mà de hauer, & outras taes rezoens. Dom Pedral-uarez Priol do Eſprital, que hi eſtaua, que era grande priuado DelRey, & muyto amigo do Meſtre, & ſeu compadre, diſſe, que lhe queria hir falar, & que entendia que o moueria; & ſaberia delle toda ſua tenção. ElRey pelo preſente, & depois por dias, nunca em ello quiz conſentir aſſi por aficamento dos ſeus, & deſhi pela peſte, que cada vez era mayor, ouueo de outorgar. E auendo ja vinte & dous dias, que Pero Fernãdez viera falar ao Meſtre, lhe veyo falar o Priol, & vinha cõm elle o Cõde de Mayorcas, mas naõ pera falar ao Meſtre, & propoz todas as rezoens, que o Priol em tal feito pode bem dizer. Outra reposta não pode hauer do Meſtre, ſaluo a que dera a Pero Fernandez, eſpedioſe delle, & foyſe. Da qual couſa houue ElRey gram queixume, dizendo: q̃ jũraua a Deos q̃ nũca mais lhe cometeſe auença, nẽ ſe partiſſe deſobre a Cidade por cauſa, que auir podeſſe, atà que por fome, ou força darmas a cobraſſe, como deſejaua. E entam entenderão todos aſſi os da Cidade, como os do arrayal: que eſta noua, & grande guerra, não ſe auia de partir por auẽça, & preitezia, mas por foro eſpargimento de ſangue. E o Priol tẽdo daqueſto ſentido por em aueſar Nuno Aluarez ſeu Irmão, & o poer em deſacordo cõ o Meſtre, lhe eſcreueo hũa carta, em q̃ lhe dezia: Que o Meſtre fazia com ElRey ſuas auenças, do que lhe muito prazia, mas que lhe pezaua muyto,

porque na preitezia, que tinha tratada, não fazia delle nenhũa mençaõ, tendolhe feito tantos, & boons ſeruiços. Nuno Aluarez, quando vio tal carta, bem entendeo que eſto não era, ſaluo por o deſuiar do ſeruiço do Meſtre ſeu ſenhor. E reſpondeolhe por outra: que ſe o Meſtre ſeu ſenhor fazia com ElRey algumas auenças de qualquer guiſa que foſſe, que elle o conhecia por tal, & tam boom, que elle nam faria nenhuma preitezia, ſaluo com ſua honra, & de todos os ſeus. Mas que ſe marauilhaua muito delle auer tam pouco tempo, que andaua com os Caſtellãos, & ſaber já tantas Caſtellanarias. Onde ſabey, que no ſeguinte dia, depois que o Priol falou ao Meſtre, que era já o poſtreiro de Agoſto, depois de comer, veyo do arrayal o Conde de Mayorcas muito acompanhado de boons homens & recebeo por molher Dona Beatriz filha do Conde Dom Aluoro Pirez de Caſtro já finado, ſendo o Meſtre preſente, q̃ a leuou de redea, & o Conde Dom Gonçalo, que os meteo por mãos, & outros muytos caualeiros, & fidalgos, que a leuárão á noite pera o arrayal, & ſua madre com ella.

CAP. 142. *Como o Meſtre determinou com os do ſeu Cõſelho de pelejar cõ ElRey de Caſtella.*

ESTORNANDO toda a eſperança, & humanal adjutorio que o Meſtre auer podia dos lugares, e peſſoas., a q̃ requerido tinha por toruação da fortuna, ſegũdo ouuiſtes, não dãdo lugar à auẽça, q̃ lhe ElRey de Caſtella mandaſſe cometer, propoz em ſua vontade, & conſelho, de nunca cahir em nenhuma preitezia, que lhe cometida foſſe, mas de todo ponto poer o Reyno em auentura, & ſua honra, & vida, & eſtado, ou de tal guiſa trabalhar por defenſam delle, que nunca foſſe ſogeita a Caſtella E vendo como os mantimentos erão mingoados, & deshi as couſas, q̃ já ſam tocadas, & outras, q̃ ao diante ouureis, em mayor acrecentamento, determinou de fazer aquello, q̃ naõ cõuinha, ſenão a grande, e forte coração. ſ. anteque a mingoa foſſe mais aceſa, & outras couſas, q̃ ſe recrecer podiam, que ſe juntaſſẽ todos, & foſſẽ pelejar cõ ElRey de Caſtella, & q̃ ſendo delles, ca elle em Deos eſperaua, que cobrarião tão grande honra qual de longos annos nam fora

auida E auẽdoa pelo contrairo, q̃ ſer não podia, que morriaõ como bons, & honradamente, anteque ſerem ſogeitos de quem não deuiam. E poſtoque viſſem grande caualaria de ſeus imigos, & muitos notaueis perigos em tal feito preſtes, acordaram em toda guiſa, que poſtrimeiro remedio deſte feito era pelejar com ElRey de Caſtella, á ventura, que lhe Deos dar quizeſſe, eſperando em elle que ſeria boa; mas eſta peleja rezoauam por deſuairados modos. Huns deziam que vieſſe Nuno Aluarez de Alẽtejo com ſuas gentes, & todos juntamente ſahiſſem a pelejar com ElRey; mas eſto era mao de fazer, porque hi nam auia em que paſſaſſem eſcuſadamente, ſaluo huns poucos de bateis piquenos, em que tantos de huma vez vir naõ podião: E poſtoque tantos hi ouuera, que vir podeſſem, era com grande medo, & perigo, por a frota de Caſtella, que tinha o Rio tomado. Outros acordarão que era milhor, que paſſaſſe o Meſtre com algumas gẽtes, que tinha nas galés da parte dálem, & q̃ as queimaſſe logo todas, por as nam tomarem os Caſtellaõs; & que ſe juntaſſem com Nuno Aluarez, & que vieſſem todos por arredor a pelejar cõ ElRey de Caſtella. Mas eſta rezão desfazião muitos, dizẽdo q̃ a Cidade ficaua emtanto em muy grande duuida, & perigo. E depois de muitas rezoens, quaes podeis entẽder, q̃ ſe em tal couſa falarião, finalmẽte foi acordado, q̃ o milhor conſelho pera tão grande feito era mandar recado a Nuno Áluarez, q̃ a hum dia certo, & hora, o mais caladamente, q̃ ſer podeſſe, vieſſe dar no arrayal cõ ſuas gẽtes, & q̃ entam ſahiſſẽ ante cõ todolos da Cidade, e q̃ deſta guiſa auião fiuza em Deos, q̃ desbaratarião ſeus imigos muito mais a ſeu ſaluo. E então eſcreueo o Meſtre a Nuno Aluarez como a frota chegára a Liſboa, & como não podera pelejar com a de Caſtella, por muito mais, & milhor armada, & o tempo não bem azado pera a ſocorrer com ajuda, & que a Cidade ficáua cercada por todo mar, aſſi como por terra, por a qual rezão ſe á primeira era mingoada de mantimentos, agora era, & ſeria cada vez muito mais, maiormente por as muitas gentes, que ſobreuieram na frota: & porque de dia em dia em eſperanças de ſe poder defender mingoauam; que elle tinha determinado, & acordado em ſeu conſelho de ſahir com as gentes da Cidade a pelejar com ElRey de Caſtel-

ſtella: E que elle álem das trezentas, & vinte lanças, que conſigo entaõ trazia, ajuntaſſe as mais que podeſſe, & vieſſe derradar por a quelle dia, & hora, que ambos deuizaſſem ſe eſto poer em obra: E que elle fizera alardos das gentes, que conſigo tinha, & que achara de lanças de ſoldo mil, & ſeiſcentos homens darmas, & dos moradores da Cidade quatrocentas lanças, & muitos pioens, & béſteiros, & q̃ porèm lhe fazia ſaber todo, pera lhe reſponder ſobre ello, & encaminhar a maneira, que em eſto ouueſſe de ter. E ſe alguns contaõ, que o Meſtre lhe eſcreueo, que ſe vieſſe ao Montijo com todolos ſeus, por quanto elle queria paſſar a Alemtejo pera ajuntar gentes, & vir pelejar com El-Rey de Caſtella, & que Nuno Alvarez veyo alli, iſſo era por falar com elle a maneira, que tiueſſe no pelejar, mas não por deſemparat a Cidade, & a leixar em poder de muytos, de cujo ſeruiço não era bem ſeguro, a qual couſa ſe fazer nam pode. Nuno Alvarez foy ledo com eſte recado, como aquelle, que de honroſos feitos era deſejador, & diſſe aos ſeus, como o Meſtre lhe eſcreuera todo o que ſe paſſára atá entam, & o ponto, em que ja eſtauão, & que pois a Cidade era já cercada por mar, & por terra, & naõ podia ſer acorrida de mantimentos, q̃ era gram duuida poderſe defender que muyto foſſe; & ſendo Lisboa tomada, que o Reyno era todo perdido. E porẽ lhe parecia, que era bem, q̃ leixaſſem alli toda a carriagem, que ſe eſcuſar podeſſe, & nam leuaſſẽ mais mantimentos, que quantos auondaſſem atá Lisboa, & q̃huma madrugada amanheceſſem ſobre o arrayal Del Rey de Caſtella, & nam curaſſem de guardas, q̃ achaſſem, nem doutro nenhũ embargo, ſaluo que todos juntamente ſe foſſem direitos à caſa, onde El Rey pouzaua, & que trabalhandoſe os do arrayal de o querer defender, que pelejaſſem com elles; & que elle enuiaria dizer ao Meſtre, q̃ em aquelle dia, & horas ſahiſſe, com gente da Cidade aos ajudar, & que eſperaua em Deos, & em ſua precioſa Madre, que leuarião ſua obra à diante com muito ſua honra. E quando doutra guiſa foſſe, o que Deos encaminharia pelo contrario, q̃ muito milhor era morrerem alli honradamẽte arredor das faldras de hum tam nobre Rey, que os andar elle depois apanhando de lugar em lugar, como perdigoẽs, & enforcalos hum, & hum pe-

los

los ſouereiros. Ouuindo eſto, que Nuno Aluarez propoz, reſponderão os ſeus, & diſſerão: q̃ o conſelho era muy boom, & bem acordado, mas que Lisboa naõ eſtaua ainda em tamanho aficamento, porque ſe diueſſe poer em tamanha auentura, mas que aguardaſſem por alguns dias, atá que viſſem, oque Deos niſto queria obrar, & quãdo a Cidade vieſſe a tal aficamento, porque ſe diueſſe poer em tamanha auentura que outro cobro hi não ouueſſe, que eſto lhes ficaua fazer à derradeira. E poſtoque Nuno Aluarez muito tiueſſe em vontade de ſe eſto logo poer em obra, perõ por que ſeu coſtume era cõſentir aos do ſeu conſelho nas boas, & aguiſadas rezoens, outorgou com elles, mayormente que pera tal obra bem he de entender, q̃ não compria hirem nenhuns, ſenão com viũa, & leda vontade, dos quaes dezia depois Nuno Aluarez por vezes, que querendo elle, acordára como elles erão muito poucos, & os outros muytos, & bem corregidos que lhe parecera hum forte feito, & muy receado de cometer. E doutra parte quando eſperaua em Deos cõ firme fiuza, que hauia de vencer a ElRey de Caſtella, que lhe ſemelhaua q̃ os via fugir pera Cintra, & pera Caſcaes, & pera outros lugares, que tinhão voz ſua. Eſcreueo então ao Meſtre: o q̃ os ſeus ouueraõ todos naquelle feito, que entendia de fazer o ſeu acordo delles. E por eſta gũiſa eſtaua a Cidade eſperando aquelle dia da merce de *Deos*, q̃ já doutrem naõ entendia adjutorio, nẽ acorro, o qual leixemos com eſta eſperança ſem mais falar por hora de ſeus feitos, & vamos ſaber que fez Nuno Aluarez, depois que partio de Punhete, & chegou á Cidade de Euora.

## CAP. 143. *Como Nuno Aluarez determinou de tomar Mõçaraz por arte, & de que guiſa foy filhado.*

ESTANDO Nuno Aluarez em eſta Cidade por acodir a qualquer parte, que os imigos quizeſſem fazer guerra, ſoube nouas como Gonçalo Rodriguez de Souſa, que tinha o Caſtello de Monçaraz, ſe lançára cõ os Caſtellaõs, & mandara a aquelle, q̃ por elle tinha o Caſtello, que alçaſſe voz por ElRey de Caſtella, & tiueſſe voz por elle. Da qual couſa Nuno Aluarez foy muy anojado por o lugar ſer no eſtremo

mo, & donde elle alguãs vezes entendia de ordenar couſas pera auiar o ſeruiço do Meſtre, deshi porq̃ tam boom fidalgo, como elle, & outros taes, de que o Meſtre fiaua, & fazia merces, naõ andauaõ ſaammẽte em ſeu ſeruiço, ſegundo alguns per obra moſtrauam. E que hora ſe parecia q̃ era verdade a ſoſpeita, que delle tomaraõ no Porto, quando hia por Capitaõ da frota. Deſejando Nuno Aluerez hauer aquelle Caſtello teue huma tal maneira, & ſoube por huma certa informaçaõ que o eſcudeiro, que era Alcayde, não tinha conſigo, ſaluo ſua molher, & poucos homens, & que eſtaua mingoado de mantimentos. Falou Nuno Aluarez com hum eſcudeiro, de que fiaua, & deulhe por parceiros até doze, que ſe foſſem lançar huma noite no arraualde do lugar, & q̃ elle da outra parte do Caſtello mandaria lãçar ſinco, ou ſeis vacas afundo em hum valle, que hi auia, como que andauam deſemparadas, & ficarão de alguns roubos, que os Caſtellãos leuaraõ, & que entendia que o Alcayde ſe ſahiria a ellas pela porta, q̃ chamauão Alorquia, & não curaria de a fechar por trazer as vacas pera o Caſtello, & que elles tiueſſẽ atalayas com elle, que como viſſem ſahir do Caſtello, que logo em ponto ſaltaſſem todos dẽtro, & fechaſſem as portas ſobreſy á preſſa. Os eſcudeiros forão, & delles ſe meterão em algũas caſas mais chegadas bẽ acerca do Caſtello, & outros nos penedos, & barrancos, que ſaõ junto muyto perto. E ſendo as vacas ante manhaam lançadas onde Nuno Aluarez ordenara, alçouſe o Alcayde, vioas andar naquelle valle, & como as vio, teue que Deos lhe trazia boa ventura pola porta, & ſahioſe logo rijamente de guiſa, que com aguça nam curou de fechar a porta, nem mandar poer em ella guarda, penſando elle ſe tornar logo com ellas. Os eſcudeiros, que ſobre elle tinhão a guarda, como o virão ſahir, foramſe rijo às portas, & entraram no Caſtello, & lançaraõ a molher do Alcayde, & os que com ella eſtauão fora, & fizerão ſaber a Nuno Aluarez como era o Caſtello filhado. Da qual couſa ElRey foy anojado. E mandou Nuno Aluarez em elle poer recado, qual cõpria, & fezeo ſaber ao Meſtre, a que muito aprouue.

(?)

CAP.

CAP. 144. *Do recado, que Iohaõ Rodriguez de Caſtanheda mãdou a Nuno Aluarez, & do que ſobre ello auyo.*

NVNO Aluarez ſendo aſſi em Euora, chegoulhe recado, & ſoube de certo, que hũ grande, & notauel caualeiro, que chamauaõ Iohaõ Rodriguez de Caſtanheda, que era Capitaõ de trezentas lanças, & Garcia Fernandez Comendador da Ordem de Sanctiago, com outros caualeiros, & muy boas gentes, chegaram a Badalhouce, dizendo que o queria hir buſcar. E Eſta vinda eſcreuem alguns, que foi por mandado Del-Rey de Caſtella. Nuno Aluarez como eſto ouuio, foiſe logo caminho de Eluas, anteque Iohão Rodriguez partiſſe de Badalhouce, por o eſcuſar de trabalho Iohão Rodriguez, como ſoubé, que Nuno Aluarez era em Eluas que ſam dahi tres legoas, mandouſhe dizer por hum ſeu trombeta, que bem ſabia, como El-Rey ſeu ſenhor de Caſtella era Rey de Portugal de direito, & q̃ ſe lhe aprouueſſe de o ſeruir, & ſer ſeu vaſſallo, que elle fatia cõ ElRey que acrecentaſſe em elle, & lhe fizeſſe muitas merces. E q̃ ſe o fazer nam quizeſſe, que elle o hiria buſcar, & que o aguardaſſe alli, que logo em outro dia ſeria com elle, pera lhe poer a praça. E ſe elle a elle quizeſſe hir, ca bem via, que fazia mal em dar a ElRey guerra em ſua terra. Nuño Aluarez recebeo bem o trombeta, & mandouo logo agaſalhar, & deulhe em repoſta, q̃ diſſeſſe a Iohão Rodriguez, que bẽ ſabia que nos trautos, que ElRey de Caſtella fizera a ElRey Dom Fernando, quando caſara ſua filha, eraõ contendos certos capitulos, os quaes elle não guardàra, & ſe viera meter no Reyno contra o juramento, que feito tinha: E que elle enuiaſſe a dizer a ElRey de Caſtella, que ſe alçaſſe de ſobre Lisboa, & ſe tornaſſe pera ſua terra, mantendo os trautos, como nelles era poſto, & aſſi poderiaõ todos ſer dacordo, & doutra guiſa naõ. *E na parte, que diz que me quer vir buſcar, que me praz muito de ſua vinda, & eu lhe terey bem feito de jantar.* E com eſta repoſta ſe partio o trombeta. E no outro dia de manhaam ainda naõ era fora das vinhas, pouco mais de dous tiros de beſta, Nuno Aluarez mandou dar às trombetas, & ſahiram cõ ellas os da villa taõ ledos, como ſe foraõ peta voda, aſſi os homens dar

mas

mas, como os pioens, & ſeriaõ por todos cõ os de Nuno Aluarez ataâ quatrocẽtas lanças, & pioẽs, & beſteiros. E Iohaõ Rodriguez trazia bẽ quinhẽtos homens darmas, & trezentos genetes, & doutra gente de pé aſſaz delles, aſſi dos que conſigo trouxera, como dos moradores do lugar. E contando o trombeta a repoſta, que leuaua a Iohaõ Rodriguez, & a eſſes outros caualeiros, que com elle eſtauaõ, auendo elles todos por eſcarnio, & rindo de tal repoſta, & Nuno Aluarez foy viſto, onde hia cõ ſuas gentes. Elles ſe marauilhauaõ deſto caualgaraõ muyto a preſſa, & ſahiraõ fora da Cidade, & quizeraõ embargar o poſto da Ribeira de Odiana, que vay por hi acerca. E Nuno Aluarez paſſou a amao ſeu grado, & alli foy enuolta hũa muy grande & forte eſcaramuça, & bem pelejada, na qual foraõ preſos atá vinte eſcudeiros de Iohaõ Rodriguez, & muitos feridos, & foy lhe por força dar volta com os ſeus, & lançarſe na Cidade, & mandou cerrar as portas. E Nuno Aluarez ſe deteue grãde eſpaço ao redor do lugar a trato de auir a tomar, & guardãdoſe ſahiraõ outra vez fora pera vingar algum queixume, ſe o tinhaõ; & nenhũ naõ foy ouzado de o mais come ter, & elle ſe veyo com ſuas gentes bem-ordenadas pera Eluas, donde partio.

## CAP. 145. *Como Nuno Aluarez, cuue recado que gentes ſe ajuntaraõ pera o hir buſcar, & da maneira, que em ello teue.*

EL REY auendo grã ſanha da guerra, & deſprazer, que lhe Nuno Aluarez fazia naquella Comarca de huera fronteiro. E tendo ſentido da morte do Meſtre de Alcantara, que fora morto na batalha dos Atoleiros, como ouuiſtes, mandou hum gram Capitaõ de ſua hoſte, & muy famoſo, & muy bom homẽ darmas, que chamauaõ Pero Xarmento Adiantado mor de Galiza, & de ſuas gentes, tomaſſe quãtas quizeſſe, & ſe foſſe a Alentejo buſcar Nuno Aluarez, & que de morto, ou preſo em nenhũa maneira lhe eſcapaſſe. Porque tendo Pero Xarmento a ElRey falando com elle neſta hiſtoria, que eſcreuem que Dom Pedraluerez, & eſte Pero Xarmento pediram a ElRey: que lhes deſſe licença, que elles queriaõ vingar a morte do Meſtre de Alcantara, que elle lha deu, Nuno Aluarez eſtando aſſi em

Eluas

Eluas chegoulhe recado q̃ muitas gentes dos Caſtellaõs eſtauaõ no Crato, & que do arrayal de ſobre Lisboa, õde ElRey de Caſtella jazia, hauiaõ de vir pera ſe ajuntarem com elles o dito Pero Xarmento, & o Priol do Eſprital ſeu Irmaõ com ſeiſcentas lanças; Nuno Aluarez tanto que eſto ouuio, teue logo ſeu conſelho de lhe hir ter o caminho á ponte do Soro, anteque ſe ajuntaſſem cõ as outras gentes, & partioſe a preſſa de Eluas, & andou eſſe dia cõ ſua hoſte ſete legoas, & foyſe alojar á fõte da figueira, que eſtá no cabo do ameal caminho do cano, & mandou de noite poer ſuas guardas, & eſcuitas, como hauia em coſtume, & ſendo ja alto ſeraõ, huãs trinta lanças de ſua companhia ſe alongaraõ do alojamẽto do arrayal contra o Cano, por ſuas beſtas pacerem milhor, que andauão muito trabalhadas; & leuaraõ conſigo hũa trombeta, que andaua em companhia de hum daquelles, que ſe aſſi apartaraõ. E quando veyo à meia noite aquella trõbeta, por mingoa de bom auizamento, começou de tanger, & foy ouuida no ajuntamento, onde Nuno Aluarez jazia, & cuidaraõ que eraõ os Caſtellaõs, que o hiaõ buſcar, & vinhão ſeu caminho. E logo Nuno Aluarez mandou dar as trombetas, & foy poſto em batalha com todos ſeus armados, & aſſi de pé foy ordenadamente ataa onde a trombeta tangera, & como ſoube o que era, tornouſe pera onde partira, & defẽdeo que dahi em diante nenhũ foſſe ouſado a partarſe da hoſte pera couſa que foſſe. Como foy manhaam Nuno Aluarez partio caminho da ponte do Soro, & hindo álem de Auiz lhe veyo certo recado, que Pero Xarmento, & o Priol ſeu Irmão, & as gentes, outras, q̃ partirão do arrayal pera o Crato, paſſarão por aquelle lugar auia hũm dia, da qual couſa lhe muito deſprougue, & aquelles, que eraõ com elle, & dalli ſe tornou ao Cano, donde forão bem penſados de figos, que outro mãtimento não hauia hi, por azo da guerra, que não conſentia demorar alli ninguem, & elles não o traziao; & dalli ſe tornarão a Euora.

## CAP 146 *Como Nuno Aluarez poz batalha a Pero Xarmento, & outros cápitaens, & q̃ nam quizeram pelejar com elle*

NVNO Aluarez em Euora cuidoſo por eſtes feitos, tornoulhe recado

recado de ſeu ſenhor o Meſtre, em que lhe fez ſaber, que do arrayal DelRey de Caſtella eram partidas ſeiſcentas lanças, pera ſe ajuntarem no Cratto com as outras gentes, que hi eſtauão pera lhe hir poer batalha, & que o encomendaua a Deos. E enuioulhe dinheiros pera ſoldo de hũ mes, que muito por então miſter auia. Logo apoz eſte recado lhe chegou outro, que Pero Xarmento, & o Priol ſeu Irmão, & Iohão Rodriguez de Caſtanheda, & o Conde de Niebra, & o Meſtre de Alcantara, que viera por Meſtre depois da morte do outro, q̃ morreo na batalha de Fronteira, & Martim Annes da Barbuda, que ſe chamaua Meſtre Dauiz, & outros fidalgos, & eſcudeiros, que erão por todos duas mil, & quinhentas lanças, & ſeiſcentos ginetes, & muitos piães, & muitos beſteiros, erão todos no Cratto, & hi ſe eſtauão corregẽdo nas couſas, que lhe miſter fazião pera ſua entrada, & pera o hir buſcar, & lhe poer batalha, & deshi pera roubar, & correr todo antre Tejo, & Odiana, na peor maneira, que o fazer podeſſem. Nuno Aluarez mandou logo pela Comarca por ajuntar mais gentes conſigo das que tinha, & foram todas mil & quinhentas, & trinta lanças, & ſinco mil antre homens de pé, & beſteiros. E em eſto apparecerão eſtes ſenhores cõ toda ſua gente do lugar do Cratto, correndo a terra, & chegarão a Arrayolos, o qual alguns contão que foy combatido, & tomado por força, mas os q̃ mais certamente falão, dizem que elle foy dado por alguns naõ boons Portugueſes, dos quaes era o principal Gonçalo de Oliueira, que era parente da Rainha. Dalli enuiou Pero Xarmento por hum caualeiro da ſua companha, q̃ chamauaõ Garcia Gonçaluez de Ferreira a Nuno Aluarez hũa carta muy deſmeſurada, da qual Nuno Aluarez nam curou, nẽ quiz reſponder a ella. E mais lhe trouue hũa eſpada darmas dambas as mãos, & diſſe que a deſſe a Nuno Aluarez em gajas, & q̃ o deſafiaſſe de ſua parte, que ſe com elle vieſſe ao campo, que o entendia de açoutar, como menino. Nuno Aluarez ſem moſtrar deſy ſanha, pero as palauras foſsẽ deſhoneſtas, recebeo bem o caualeiro, & tomou a eſpada, & aceitou a deſafiaçaõ, & mandou, que o apouſſentaſſem bem, & diſſe que elle lhe daria depois a reposta. E ordenou logo os que ficaſsẽ por guarda na Cidade, & todo al, que vio que compria, & ouue ſeu cõſelho

ſelho de todauia hir primeiro a elles, anteque elles vieſſem a elle. No dia ſeguinte ouuio Nuno Aluarez cedo miſſa, & mandou chamar aquelle caualeiro Caſtellão, que lhe trouuera aquella deſhoneſta carta, & deſafiaçaõ, & diſſe com geſto apraziuel. *Caualeiro, hora vôs hiuos com Deos, & dizey a meu amigo Pero Xarmẽto, & a eſtes Capitaens, que ſam em ſua companhia, que ſe venhão ao campo, quando quizerẽm, que ahi me acharaõ preſtes, como elles deſejão.* Garcia Gonçaluez ſe partio logo marauilhandoſe muito de ſua meſura, & ardideza. E em eſto eſtando Nuno Aluarez pera comer, foy certificado que os Caſtellaõs ſe vinhaõ chegando, quãto podiaõ, & como iſſo ſoube, ſem mais comer nenhuma couſa, mandou dar às trombetas pera caualgar, & ſuas gentes beberaõ por terra, cada hũ como milhor podia: & foraõ juntos com elle muyto à preſſa, & elle partio logo com todos muy ordenadamente, & foy àlem da quinta de Oliueira pouco mais de huma legoa da Cidade, & naquelle lugar ſe teue, & eſperou os imigos. Alli comera Nuno Aluarez ſe tiuera que, ca elle não mandou leuar azemalas, nem outra carriagem, entendendo que tinha a batalha muy preſtes, como chegaſſem, por quanto os Caſtellaos erão muitos, & elles muy poucos em cõparaçaõ delles. Deſhi cuidaua que quẽ vencelſe o campo acharia o que lhe miſter ouueſſe. E buſcaraõlhe alguma couſa de comer pela companhia, & não acharão outra viãda, ſaluo hum pam encenteado, & hum pouco de vinho, que hũ homem de pé leuaua em huma cabacinha. Eſtas forão ſuas iguarias por aquelle dia todo, ondé eſteue com ſua batalha poſta acerca. O outro dia pela manham bem cedo partio, & ſe foy a Dutor hũa legoa daquelle lugar, & alli ordenou ſua batalha por terra, como ante, & poz ſua vanguarda, & reguarda, & alas de homens darmas, & pioens, & bẽſteiros, como elle bem ſabia fazer, & elle eſtaua na vanguarda. E alli veyo Pero Xarmento, & o Priol, & eſſoutros Capitaens, & ordenaraõ ſua batalha da vanguarda, & reguarda, & alas muy acerca huns dos outros, & sẽ mõſtrança de pelejar. Os ginetes dos imigos cercarão todolos Portugueſes de guiſa, que deEuora não podia nenhum vir pera a companhia de Nuno Aluarez, nem dos ſeus ſe hir pera a Cidade, que logo não foſſe preſo, & faziaõ os gine-

ginetes algumas remetidas nos homens de pé, & onde milhor entendiam, mas todo achauam preſtes de defenſam, ſem lhe poderem empèçer. Os Caſtellãos aſſi por grande eſpaço receando a batalha, mandaram dizer a Nuno Aluarez, que bem via que ſeu jogo hia deſpartido, & que de tal entençam, como tinha, nam curaſſe, ca bem viſto era que nam auia em elle defẽſaõ, mas q̃ toda uia ſe tornaſſe a ſeruiço DelRey de Caſtella, que o acrecentaria fazendolhe muitas merces, como as elle bem merecia. E que eſto era mais ſam conſelho, que ſe perder, com quantos alli eſtauam. A eſtas, & outras taes rezoens Nuno Aluarez em breue diſſe ao menſageiro: que daquellas palauras nam curaſſe mais, & q̃ ſe foſſe embora, & que diſſeſſe a aquelles ſenhores, que o a elle enũiaram: que lhe parecia q̃ não era bem de ſe o tempo aſſi paſſar de balde: & que, pois que o deſafiar mandaraõ, que pouco fazião de ſua honra ſerẽ tantos, & tambem encaualgados, & elles pelo contrario, & tardarem tanto de nam virem á batalha, que vierão buſcar, & tinhão tam preſtes como elle bem via. Ca pois elles erão a caualo, & vinhão demandar batalha, que elles o deuiam começar primeiro, ou que ordenaſſem elles ſua batalha por terra, & que elles os hirião cometer. E porem lhes prouguеſſe de todauia virem à Villa. A eſtas rezoens não tornarão os Caſtellãos mais, mas leixaramſe eſtar aſſi cõ ſua batalha poſta, & por noite ſe apartarão hum pedaço, & aſſentaram ſeu arrayal. Nuno Aluarez vendo que os Caſtellãos faziam eſto com ſageria, pera os esfaimar, hauendo já dous dias, & huma noite, que eram fora da Cidade ſem mantimentos, que ao recolher os poderiaõ matar a ſeu ſaluo ſem batalha, ordenou de ſe tornar aquella noite a Euora, pera em outro dia tornar á batalha percebido de mantimẽtos, ſe lha poer quizeſſem Aquella noite foy de graõ tempeſtade de agoa, & çarração, & o recolhimento perigoſo, de guiſa que alguns enlheauão a terra, & não ſabendo hir pera a Cidade dauam no arrayal dos Caſtellãos, & alli os filhauam, & tomauam por priſioneiros. E outros furauão por as vinhas comendo vuas, & alli os achauão ſeus imigos, & os matauão, & prendião. Nuno Aluarez chegou alta noite a Euora, & quando veyo pela manhãa ſoube como os Caſtellãos aleuãtauaõ ſeu alojamento caminho

de

de Vianna duas legoas de Euora, & como erão bem encauálgados, correrão a terra, & leuaraõ o mais roubo, que poderaõ, & foraõse pera Arrayolos, & dahi partirão delles pera o Cratto; & Pero Xarmento, & Iohaõ Rodriguez de Caſtanheda atà ſetecentas lanças caminho de Lisboa, deshi ao arrayal Del Rey de Caſtella, & forão falar a El Rey, do qual forão não muy bem recebidos por não pelejarem com Nuno Aluarez, ſegundo elles cõ frias rezoens foram muy bem deſditos Del Rey, dizendo contra elles: que lhe nam podia Nuno Aluarez mais fazer, que lhe poer a praça no campo, eſperandoos dous dias á batalha, & com couardice nam ouzaram pelejar com elle. Diſto tiueram grande ſentido Pero Xarmento, & o Priol pela mingoa, que por elles paſſara.

CAP. 147. *Como Nuno Aluarez ordenou de hir a Almada ſobre Pero Xarmento, & ,do que ſobre ello acontecco.*

GRANDE ſentido teue Nuno Aluarez do geito, que os Caſtellãos com elle tiueraõ em lhe fazer poer a praça duas vezes não querendo vir a batalha, & eſto por o desbaratarem por ſageria de artirices, & não por arrezoada ardideza, pois já muitas, & mais gentes, & milhor correg das erão: deshi roubarem daquella guiſa a terra, de que elle eſtaua por fronteiro, ſe tiueſſe por muy eſcarnecido delles, & cuidou de lhe ordenarſemelhante jogo cõ milhoria, ſe o fazer podeſſe, & por ſuas enculcas, que a Almada mandou, ſoube parte do que Pero Xarmento, & Iohão Rodriguez de Caſtanheda, & outros alguns fidalgos fazião. *E* tendo vontade de hir ſobre elles, como pera ello viſſe arrezoado tempo, juntou ſuas gentes, que paſſarião de trezentas lanças, afora homẽs de pé, & bèſteiros poucos, & veyo ſe com elles a Palmella, & alli ſe deteue, & ordenou ſua ida. E ſe algum aqui diz, que Nuno Aluarez deſta vegada tomou o Caſtello de Palmella, a eſto não damos fé, nem eſtá em rezão de eſcreuer, ca os Meſtrados Dauiz, & Sãctiago, ſempre tiuerão voz por Portugal, depois q̃ o Meſtre D. Fernãdo Affonſo de Albuquerque ſe veyo a Lisboa, como diſſemos. E ſe o elle eſtonce tomou, q̃ ſe fez dos Caſtellãos, & do Alcayde, q̃ nelle eſtauão, q̃ tinhão voz por

Caſtella? Ca todolos lugares, que
lua voz tinhaõ, em todos elles. El
Rey poz Alcaydes, & gentes, q̃ os
guardaſsẽ, & os guardauão, diſſe.
Bẽ fora pera iſſo prouar dizer ſi-
quer o nome do Alcayde em bre
ue, como fora tomado, mayor-
mente lugar tam forte, & tam
mao de filhar. Mas parece, que
nam tem licença pera o dizer.
E outro dia foy Nuno Aluarez
por eſpaçar correr monte nam
longe da Villa, & matou hum
grande, & fermoſo porco, o qual
mandou poer enſima de huma
boa azemala, & quatro homens
de pè com ella, & hum eſcudei-
ro, a que deu cargo de o apreſen-
tar, que chamauão Gomez Fra-
zão. Ora aqui eſcreuem alguns
que Nuno Aluarez mandou eſte
porco em preſente a Pero Xar-
mento, & que lhe mandou di-
zer, que a poucos dias o hiria
ver; & Pero Xarmento foy ledo
com elle, & que o mandou lo-
go a ElRey de Caſtella ao ar-
raual & que enuiou dizer a Nu-
no Aluarez, que lho agardecia
muito, & que ao mais nam reſ
pondeo, antes enadem ſobre iſ-
ſo, & contam, que Nuno Alua-
rez quando lhe mandou aquelle
porco, que lhe enuiou dizer que
queria hir jantar com ElRey: &
que Pero Xarmento: que vieſſe
muyto embora quando quizeſ-
ſe, que preſtes acharia a ſalſa.
Mas examinadas taes rezoens, ſe
gundo hum eſtoreador eſcreue,
nam ſatisfazem ao arrezoado en
tendimento, & moſtraſe clara-
mente ſer aſſi. Porque ſe o pre-
ſente de Nuno Aluarez fora apre
ſentado a Pero Xarmento com
taes palauras, como eſtes dizem,
ſeguiria tanto ſua condiçam em
ſe auizar logo delle, que a Nu-
no Aluarez fora muyto mao de
fazer couſa, que ſobre eſto foſſe
penſada. Nem os que eſta hiſto-
ria contam, nam fazem men-
çam de Pero Xarmento a chega-
da de Nuno Aluarez ſobre Al-
mada, nem couſa, que com el-
le auieſſe. Mas como quereis vôs
que fizeſſe mençam de Pero Xar
mento, que nam eſtaua hi, nem
lhe fora a preſentado porco, nem
porca. Porem leixemos ſeus er-
rados ditos, ſeguindo as rezoens
de hum Autor muyto eſquadri-
nhador dos feitos de ſemelhan-
tes duuidas. Deueis ſaber, que
huma quarta feira pela manhã
poſtrimeiro dia do mes de Ago-
ſto, partirão os homens de pé,
com aquelle porco, caminho
de Almada, que ſam dahi boas
ſinco legoas, & quando chega-
ram ao meyo dia nam acharam
ahi Pero Xarmento, por quanto

era

era álem do Rio, & no arrayal DelRey de Caſtella, & pozerão o porco em Cacilhas perto de Almada, atendendo Pero Xarmento que tornaſſe. O porco enuiado, falou Nuno Aluarez com os ſeus, que tiueſſem á chegada certos cargos cada hum em ſeus lugares. ſ. huns ás barreiras, & palanque, que eſtaua feito nas entradas das ruas, & que o britaſſẽ por força, anteque os Caſtellãos hi acodiſſem, & elles ſe meteſſem antre o arrabalde, & a Villa, pera filharem os que do arrabalde nelle ſe quizeſſem lançar, & com eſtes hauia de hir a ſua bandeira, & ſe achaſſem as portas abertas, que entraſſe a bandeira dentro com aquelles homens de armas, que o acompanhauam, ou ſe lançaſſem dentro da volta com aquelles, que fogiſſem, & que aſſi tomaſſem o Caſtello. Outros hauiam de hir ao porto de Cacilhas, que ſe alguns Caſtellãos da frota paſſaſſem, que os embargaſſem a naõ tomar terra. E por quanto Nuno Aluarez ſoy certo, que em Couna, tres legoas de Almada, eſtaua em guarda trinta ginetes: & que ſe algumas companhas ſuas, ou doutras partes vieſſem, que foſſem dar nouas aos do lugar, pois aquelle era o arrezoado caminho, por on de hauiam de vir. Porem que partio elle com tal entençam, como diſſemos, bem ſol poſto, & ja tarde, & leuou caminho da charnequa por ſima de Azeitam, antre Cezimbra arradado hũa legoa daquellas eſcuitas, cuidando de todo ſer na alua rompente em Almada, & andou toda aquella noite bem ſete legoas, & as mais dellas fora do caminho, & as guias nam terem bem certas, deshi as terras hum pouco eſpeſſas, cuidaram que eram jà perto de Almada. E Nuno Aluarez ſe deteue já quanto dormiram ſonhos poucos. Quando ſe leuantaram começou de amanhecer, viram que eram mais longe do lugar do que penſaraõ. Entam ſe trigou Nuno Aluarez no andar mais rijo, & ſahindõ o ſol chegou a hum lugar, que chamam a Souereira, que he acerca de hi huma legoa a Almada. E vendo tam tarde, falou aos ſeus, que andaſſem a trôte, & a galópe, quanto as beſtas os leuar podeſſem, & elles o fizerão, de guiſa que pareceo que toda a terra era já cercada, & cobrida do ſol, ainda elles chegaram a tẽpo, q̃ muytos dos Caſtellãos aindá jaziaõ nas camas, q̃

mal prestou o sono da manhaã. O primeiro, que as barreiras chegou, foy Nuno Aluarez com tres escudeiros, que à pressa derão por terra, & com estes entrou Nuno Aluarez pela Ribeira do arrabalde descontra Couna, dandose ás lanças com alguns Castellãos, que o embargar querião. Deshi chegou logo a sua bandeira, que vinha muyto perto, com todos aquelles, que a guardauão, & tomaram a rua direita contra Cacilhas, fazendo o milhor, que podiam. Em esto os Castellãos, que pouco cuidado tinham de semelhante feito, delles dormindo, & outros jazendo de seu vagar, quando ouuião bràdar, *Castilla*, & pelo arrabalde *Armas*, *Armas*, *Castilla*, *Castilla*. Delles se lançauam fora das camas por saberem que era. Outros se vestiam pera se armar à pressa E os que já andauam fora das pouzadas, faziamse prestes a defender as ruas, mas o desacordo era tam grande, que sua defensam prestaua muy pouco, que o principal cuidado era por escapar a vida, porem ajuntandose alguns cobrando coraçam quizeram voltar a Nuno Aluarez por aquella rua, por onde elle hia conhecendo jà que era aquelle, & hum seu piam chamado Nuno Aluarez sahio da trauessa antre Nuno Aluarez, & os imigos, & arremessou a hum Castellão huma escuna, & deu com elle em terra morto. Os outros fogindo quanto mais podiam, nam querendo aguardar semelhante jogo Hia com elles de mistura Iohaõ Rodriguez de Castanheda, que se leuantou rijo da cama na pouzada hú jazia, & nam podendo acabar de vestir o gibão, a bandeira de Nuno Aluarez chegou bem acompanhada atá a porta do Castello, cuidando de a achar aberta, como leuaua deuisado. Mas os do Castello cerraram as portas, & acolheram dentro primeiro aquelles, que poderam, & os outros delles se lançauam na barbacaam, & outros pelas barreiras, cada hum como milhor podia. Cerrados os Castellãos dentro no Castello, nam lhe podendo mais empécer, ficaram alli alguns homens darmas, & outros tornàram sobre o arrabalde, onde mataram, & prenderam alguns Castellaõs delles, que fogiam pelos telhados, outros que se escondiam em lugares escusos de guisa que muy poucos escaparaõ, q̃ não foraõ presos, ou mortos:

tos. E ſe nam tanto de dia fora, nunca nenhum eſcapára. Deshi como homens deſeſperados, & deſacordados, que nam tinham ſentido ſenam de fogir, nam leuàram conſigo as couſas, que tinham, & foramlhe filhados todolos caualos, & azemalas, & quantas armas, & couſas booas tinham aſſi de Pero Xarmento, como de todolos outros, que pouzauam fora do Caſtello. Depois que o arrabalde foy todo roubado, mandou Nuno Aluarez dar as trombetas, & recolheo aſſi todas ſuas gentes, ainda aquelles, a que foy mandado que gvardaſſem o porto de Cacilhas, acharão o porco eſtar ha Ribeira, que Nuno Aluarez mandára a Pero Xarmento aguardando por elle, que tornaſſe do arrayal. A gente recolhida, & todos acerqua delle, mouco ao monte de ſobre o mar, & felos poer em haz ordenados, com ſua bandeira em meyo tendida, dando as trombetas, & apupando com outros ſinaes de leidice, eſto á viſta dos da Cidade, & do arrayal dos Caſtellãos, os quaes vendoos daquella guiſa eſtar, cuidaram que eram as gentes da Villa, que faziam alardo pera lhe pagarem ſoldo, & os da Cidade cuidauão que eram gentes dos imigos. ElRey, que ſabia que tal ſoldo não mandára pagar, bem cuidou que era outra couſa: E penſando que pela ventura ordenára Pero Xarmento aquello, mandouo chamar, & perguntoulhe que gentes erão aquellas, que eſtauam em aquelle oiteiro. *Certamente*, diſſe elle, *ſenhor, nam ſey, mas dizme a vontade que he Nuno Aluarez.* *Em verdade*, diſſe ElRey, *eſſa he boa reposta; ſerdes vós fronteiro daquelle lugar, & virdes hum eſcudeiro de ſinco rocins fazer tal baldom. E áſſi o dizeis vós, ſenhor*, diſſe elle, *pois agardecey a Deos, & a eſte Rio, que eſtà antre vós, & elle, ca ſe eſte mar nam foſſe, aqui vos viria buſcar, onde eſtais.* Então ſe partio Pero Xarmento à preſſa, ainda nam acabado de veſtir, & remeteoſe em hũa galè, & ElRey mandou que vogaſſem as outras, & meteſſem gente dármas nellas, mas não ſe pode fazer tão azinha por não eſtarem deſto percebidas. Nuno Aluarez eſteue aſſi quãto lhe aprouue, de cuja viſta ElRey tomou grande nojo, & os da Cidade muy grani prazer quando ſouberam que era aquelle. A galè, em que entrou Pero Xarmento, chegou anteque as outras ao porto de Cacilhas, &

& como foy em terra, começou de dizer a altas vozes. *Castilla, Castilla, nam he nada, nam he nada*: brādando à preſſa que lhe troûueſſem hum caualo. *Nāõ ſey*, diſſe hum Caſtellão, dos que foram roubados, *como vós dizeis nam he nada, nam he nada, mas dou ao demo a couſa, que me amim ficou, de quanto eu tinha, aſsi beſtas, como armas, que tudo me leuarām, & ainda de gram ventura eſcapei de prizam, ou morte, & aſsi todos quantos eramos, & vós dizeis, que vos tragam caualo; & que preſta de vos a vós trazerem caualo, ainda que o ahi ouueſſe? Ca Nuno Aluarez ſe foy jà com toda a gente à ſua vontade, como quiz. Nam monta nada*, diſſe elle, *tragaõme a mim hum caualo, ſe o hi ha, ſe quer verey como ſe vam.* E nam ſe fez mais ſobre eſto. Nuno Aluarez foy comer a Couna, & alli repartio o eſbulho, ſem auendo pera ſy parte alguma, & dalli caualgou, & foy a Palmella, & quando foy noite mandou fazer taes almenaras de fogo, que as viram os de Lisboa, por ſaberem os da Cidade que eſtaua elle alli; & tomarem algum esforço. E certamente aſsi foy defeito, que o Meſtre, quando vio aquellas almenaras de fogo em Palmella, bem entendeo, que era Nuno Aluarez, que alli eſtaua com ſuas gentes, & ouue muy gram prazer, elle, & todos aquelles, que o viam, & mandou acender muitas tochas no grande eirado dos Paços DelRey, onde eſtonce pouzaua, por os verem de Palmella, & elle dar à entender, que via as ſuas luminarias, & que lhe reſpondiam com aquelles lumes, pois outra fala hauer nam podiam. Aſsi eſteue o Meſtre em hum boom eſpaço, falando com os ſeus nos feitos de Nuno Aluarez, com aquelle doce arrezoar, & louuores taes, que eſte leal ſeruidor merecia de ſe lhe dizer; deſhi ſe recolheo pera ſua camara. Nuno Aluarez apagou ſeus fogos, por cobrar o ſono, que de antes perdera, onde fique com boas noites; nós tornemos ver a ponto eſta atribulada Lisboa em que ponto eſtá.

## CAP. 148. *Das tribulaçoens, que Lisboa paſsou por mingoa de mantimentos.*

ESTANDO aſsi a Cidade cercada da maneira, q̄ ouui-

ouuiſtes, gaſtauaõſe os mantimẽ tos cada vez pelas muitas gentes, que em ella auia, aſſi as que ſe acolheraõ dentro do termo de homẽs Aldeãos com molheres, & filhos, como dos que vieraõ na frota do Porto, & alguns ſemetiaõ ás vezes em bateis, & paſſauaõ de noite eſcuſamente contra as partes de Riba Tejo, que já achauaõ preſtes, per recados, que ante mãdauaõ, & partiaõ de noite remando muy rijamente. Algumas gales, quando os ſentiaõ vir remando, iſſo meſmo remauaõ à preſſa ſobre elles, & os bateis porlhe fogir, & ellas por os tomar, eraõ poſtos em grandes trabalhos. Os q̃ eſperauaõ por tal trigo andauão por a Ribeira da parte de Enxobrega saguardando quã do vieſsẽ, & os q̃ velauaõ, ſe viaõ as galés remar contra lá, repicauão logo por lhes acorrer. Os da Cidade, como ouuiaõ o repiq̃ leixauão o ſono, & tomauaõ as armas, & ſahia muita gente, & defendiaõnos ás béſtas, ſe compria, & ferindoſe ás vezes de huma parte, & da outra, porem nũca foy vez que tomaſſem algum, ſaluo hũ, que certos bateis eſtauaõ em Riba Tejo com trigo, & forão deſcubertos por hum homem natural de Almada, & tomados por os Caſtellãos, & elle preſo, & arraſtrado, & decepado, & enforcado. E poſtoque tal trigo algũa ajuda fizeſſe, era tão pouca, & taõ raramente, que ouueraõ miſter de multiplicar, como fez Noſſo Senhor IESV Chriſto aos pães, com que fartou ſinco mil homens. E eſto fartou aſſi a Cidade apertadamente, que as pubricas eſmolas começauão de falecer, & nenhũa geração de pobres achaua quem lhe dar paõ, de guiſa, que a perda comum vencendo de todo a piedade, & vendo a grande mingoa dos mantimentos, eſtabeleceraõ deitar fora as gentes mingoadas, & naõ pertencentes pera a defenſaõ. E eſto foi feito duas, ou tres vezes, atà lançar fora as mancebas mundanarias, & Iudeus, & outros ſemelhãtes, dizendo que, pois taes peſſoas naõ eraõ pera pelejar, q̃ naõ gaſtaſſem mantimentos aos defenſores, mas iſto naõ aproueita ua couſa, que muito preſtaſſe. Os Caſtellãos à primeira aprazialhe com elles, & dauaõlhe de comer & acolhimento, & depois vendo que eſto era com fome, por gaſtar mais a Cidade, fez ElRey tal ordenança, que nenhum de dentro foſſe recebido em ſeu arrayal, mas que todos foſſem lançados fora, & que ſe hir ſe naõ quizeſſem, que os açoutaſſem, & fizeſſem

sẽ tornar pera aCidade: e isto lhe era taõ graue de fazer tornarẽ por força pera tal lugar, onde chorã do naõ esperauão serem recebidos. E taes hi auia que de seu grado se hiaõ da Cidade, & se hiam pera o arrayal, querendo de todo ante ser catiuos, que assi perecendo morrerẽ de fome, como naõ lançarão fora gente mingoada, & sem proueito, q̃ o Mestre mandou saber em certo pela Cidade, que pão auia por todo em ella, assi por couas, como por outra maneira, & acharaõ que era tam pouco que bem auião mister sobre ello cõselho. Na Cidade naõ auia trigo pera vender, & se o auia era muy pouco, & tam caro, que as pobres gentes naõ podião chegar a elle, que valia cada alqueire quatro liuras, & o alqueire do milhor quarenta soldos, & a canada de vinho tres, & quatro liuras, & padeciaõ muy apertadamente, & dia auia ahi, que, andaque desem por hum pão hũa dobra, o nam achauão a vender, & começarão a comer pão de bagaço de azeitona, & dos queijos das maluas, & raizes de eruas, & outras desacostumadas cousas pouco amigas da natureza. E taes hi auiaõ, q̃ se mãtinhaõ em alselo as. No lugar onde costumauaõ a vẽder o trigo, andauaõ homẽs, & moços esgarauatãdo a terra, & se achauão algũ graõ de trigo metiãono na boca, sem tendo outro mantimento. Outros se fartauão de eruas, & bebião tanta agoa, q̃ achauão homens, & cachopos jazer mortos inchados nas praças, & em outros lugares. Das carnes isso meesmo auia em ella grã de mingoa, & se alguns criauam porcos, mantinhaõse nelles, & assi piquena posta de porco valia sinco liuras, & seis, que era hũa dobra Castellaam, & galinha quarenta soldos, & a duzia dos ouos doze soldos. E se almograues traziam alguns bois, valia cada hũ setenta liuras, que eram catorze dobras cruzadas, valendo entaõ a dobra sinco, seis liuras, & a cabeça, & as tripas huma dobra, assi que os pobres por mingoa de dinheiro não comião carne, & viuião mal, & comiaõ carnes das bestas, & não sómente os pobres & mingoados, mas grandes pessoas da Cidade lazerando não sabião que fazer, & os gestos mudados com fome bem mostrauão seus encubertos padecimentos. Andauão os moços de tres, & quatro annos pedindo pão pela Cidade por amor de *Deos*, como lhes mandauão suas madres & muitos não tinhão outras cousas, que lhe dar, senão lagrimas,

que

que era triſte couſa de ver, & ſe lch dauaõ tamanho paõ como huma noz, auiamno por grande bem, & deſfaleciaõlhe leite a aquellas, q̃ tinhaõ crianças a ſeus peitos por mingoa de mantimentos, & vendo lazerar ſeus filhos, & filhas, que acorrer naõ podiaõ chamauam ſobre elles a miude a morte, anteque a morte os priuaſſe da vida. Muitos eſguardauam as prezes alheas com chorosos olhos por comprir o que a piedade manda, & naõ tendo de que lhe acorrer, cahiaõ em dobrada triſteza. Toda a Cidade era da da a nojo, chea de mezquinhas querelas, ſem nenhum prazer, q̃ ouueſſem: huns cõ grande mingoa do que padeciam; outros auendo dô das tribuladas; & iſto não ſem rezam, ca ſe he triſte o coraçam cuidoſo nas couſas con trairas, que lhe auir podem, vede que faziam aquelles, que as tam continuadamente preſente tinhão. Peró com todo eſto, quando tepicauam, nenhũ nam moſtraua que era faminto, mas farto, & rico contra ſeus imigos, & esforçauamſe huns aconſelhar, e dar remedio a ſeu grande nojo, mas nam preſtaua conforto de palauras, nem podia tal dor ſer amanſada com nenhumas doces tezoens. E aſſi como he natural couſa a mão hir a miude hũ leja dor, aſſi huns homens falando com os outros nam podiam em al deſpartir, ſenam em a mingoa, que cada hum padecia; Oh quantas vezes encomendauam nas miſſas, & pregaçoens, q̃ rogaſſem a Deos deuotamente por o eſtado da Cidade, & fincando os giolhos, beijando a terra, brádando a Deos que lhes acorreſſe, & ſuas prezes nam eram compridas. Huns chorauão antreſy mal dizendo ſeus dias, queixandoſe por quanto viuião, como ſe diſſeſſem como Propheta. *Ora vieſſe a morte ante do tempo, & a terra cobriſſe noſſos faces por naõ vermos tantos males.* Aſſim que rogauão á morte, que os leuaſſe, dizendo: que milhor fora morrer, que lhes ſerem cada dia renouados padecimentos Outros ſe queixauão a ſeus amigos dizendo: q̃ foram deſauenturada gente, que ſe ante não derão a El Rey de Caſtella, que cada dia padeçerẽ nouas mezquindades, firmãdoſe de todo em as piores couſas; que fortuna em eſto podia obtar. Sabia porém iſſo o Meſtre, & os do Cõcelho ſeu, & erãolhe doroſas de ouuir taes nouas, & vendo eſtes males, a que acorrer não podião, cerrauão ſeus olhos do rumor do pouo. Como quereis, q̃ nam mal diſ-

diſſeſſem ſua vida, & deſejaſſem morrer alguns homens, & molheres, que tanta differença ha de ouuir eſtas couſas a aquelles, que as então paſſarão, como ha da vida à morte Os padres,& as madres vião eſtalar de fame os filhos, que muito amauão, rompião as faces, & peitos ſobre elles, nam tendo com que lhes acorrer, ſenam pranto, eſpargimẽto de lagrimas, & ſobre eſto medo daquella vinganças que entẽdião, que ElRey de Caſtella delles auia de tomar Aſſi que elles padecião duas grandes guerras dos imigos, que os cercado tinhão, & outra dos mantimẽtos, que lhe mingoauão, de guiſa q̃ erão poſtos em cuidado de ſe defender da morte por duas guiſas. Peraque he dizer mais de taes padecimentos, foy tamanho o gaſto das couſas, que miſter auião, que ſoou hũ dia polaCidade,q̃ o Meſtre mandaua deitar fora todos os que não tiueſſem pão,que comer,& que ſómente os que tiueſſem ficaſsẽ em ella Mas quẽ poderia ouuir ſem gemidos, & ſem choros tal ordenança de mãdado àquelles,que o não tinhão? Porem ſabendo que nam era aſſim foylhe já quanto de conforto. Onde ſabey que eſta fame,& padecimentos, que as gentes padeciam, nam era pelo cereo ſer perlongado, que nam auia tanto tempo, que Lisboa era cercada, mas era por azo das muitas gentes, que ſe a ella acolheram de todo o termo E iſſo meſmo da frota do Porto,quando veyo, & os mantimentos ſerem muy poucos. Ora eſguarday, como ſe foſſeis preſente,duma tal Cidade aſsi deſconfortada,& ſem nenhuma certa fiuza de ſeu liuramento, como viuirião em deſuairados cuidados, quem ſofria ondas de taes affliçoens.O geraçam que depois veyo. O Pouo bemauenturado, que nam ſoube parte de tantos males,nẽ foy quinhoeiro de taes padecimentos,os quaes a Deos aprouue de cedo abreuiar doutra guiſa, como acerca ouuireis.

CAP 149. *Da peſtelença,que andaua antre os Caſtellaõs, & dalguns Capitaens, que em ella morreram.*

NAM compre muito trabalhar por dar louuor ásmuitas,& muy boas gentes,q̃ ElRey de Caſtella conſigo tinha, quando ſe moueo pera entrar em Portugal,porque ſem duuida ſabey de certo que

a Ca

a Caſa de Caſtella era entaõ hũa das nobres do mundo, de muitos gentiz homens, aſſi de grandes ſenhores, & fidalgos, como, caualleiros, & eſcudeiros bem encaualgados, & guarnecidos de armas; & doutra meam gente de béſteiros, homens de pé em grãde numero, & com tudo, depois que ElRey entrou pelo Reyno, & ſe veio chegando contra Liſboa, pouzando por eſſas Aldeas, começaraõ de morrer de peſte alguns do arrayal das gentes de pè depequena condiçam. E quãdo algum caualeiro, ou tal eſcudeiro acertaua de finar, leuauaõnos a Cintra, ou a Alẽquer, ou a alguns dos outros lugares, que por Caſtella tinhaõ voz, & allí os abriaõ, & ſalgauaõ, & punhaõ em ataudes ao ar, ou os coziam, & guardauaõ os oſſos pera os depois leuarem pera donde eraõ. E por eſta rezaõ ſe mudaua ElRey de hũa Aldea pera a outra com ſuas gentes, ataque veyo a ſua frota, e ſe lançou ſobre a Cidade, como já hé dito. E tendo aſſi ſeu cerco ſobre ella, começaraõ de morrer na frota, & os outros erã muyto anojados, dando por muitas vezes a ElRey conſelho que ſe partiſſe dalli por eſtonce, & q̃ depois ſeria tempo pera vir cercar cada vez que quizeſſe, mas elle engeitando ſeus boons rezoados; era muito inclinado anaõ deſcercar o lugar por couſa, que auir podeſſe, ſabendo bem como a Cidade era mingoada de mantimentos, & que naõ hauia poder de ſe ter grande eſpaço, que naõ cobraſſe á ſua vontade. Ora como aſſi ſeja que antre todalas couſas, em que o diuinal poderio vemos, quomais reſplandece, aſſi he naquellas, que em todo tempo ſaõ deſeſperadas, produzilas a proueitoſo efeito, quando lhe quer aſſi obrar entam por ſua merce, a cerca deſta Cidade, por que ſendo ella muito atribulada por deſuairados modos de fames, deshi todos cheos de arrefecimento dalgũa eſperança, que doutra parte auir podeſſe, ſaluo á que no muy alto Deos tinhaõ, & na ſua preciosa madre, que os haoia de ajudar, ou ſe auenturãdo todos hum dia amorrer, ou viuer, como diſſemos, prougue á aquelle Senhor, que hé Principe das hoſtes, & vencedor das batalhas, que naõ houueſſe hi outra ley denaõ pelejar, ſenaõ a ſua, & ordenou que o Anjo da morte eſtendeſe mais ſua maõ, & precudiſſe aſperamente a multidaõ daquelle pouo. E naõ embargãdo que dantes aſſaz morreſſe, começou de ſe atear a peſte taõ bra-

uamen-

uamente, em elles assi por mar, como por terra, que dia hauia hy que morriaõ cento e sinquoenta, & duzentas assi mais, e menos como se acertaua, de guisa que o mais do dia eram os do arrayal ocupados em soterrar seus mortos. Assi q̃ era espanto de ver aos que o padeciaõ, & estranho de ouuir aos que eraõ cercados. Ca do dia, que faleceo de trama o Mestre de Sanctiago Dõ Pedro Fernãdez Cabeça de vaca atá est a sezão, morrerão mais de dous mil homens darmas dos milhores, que ElRey de Castella tinha, a fora muytos Capitaẽs, que nomear não podemos, peró a algũs diremos seus nomes, assi como de Ruy Gonçaluez Mexias, aque ElRey deu o Mestrado depois da morte de Dom Pedro Fernãdez, & Dom Pedro Fernandez do Sandoual Comendador mór, q̃ cuidou de ser Mestre, & Pero Fernandez de Valhalco Camareiro mór DelRey Dom Pedro, Fernam Sanches de Toar seu Almirante mór, & Fernam Daluerez de Toledo Mariscal de Castella, & Pero Rodriguez Xarmẽto Adiantado em Galliza, & Dom Pedro Nunez de Lara Conde de Mayorcas, que pouco hauia que casara, como ouuistes, & Dom Ioham Affonso de Benauides, & Dom Fernando Affonso de Ç, amora Mestre de Santiago, & com este foram tres Mestres, & Ioham Martins de Rojas, & Lopo Ilhoa de Aluerneda, & treze caualeiros DelRey da Cidade de Toledo, & muitos outros caualeiros, & escudeiros de Castella, & de Leam. Era gram marauilha por juizo a nòs nam conhecido, q̃ em fauor de tamanha peste, nenhũs dos fidalgos Portugueses, que hi andauam, nem prisioneiros, ou doutra qualquer guisa, nenhũa nam morria de trama, nem era tocado de tal dor. E os Castellãos por vingança, e menẽcoria q̃ lhe não prestaua, lançauam os prisioneiros Portugueses, que traziam com os que eram doentes de trama, por tal que morressem peste lenciados, & morriam os Castellãos doentes, & dos Portugueses nenhum padecia, nem dẽtro na Cidade, que era tanto perto do arrayal, nem fora no termo, que forte cousa parece de crer ser hũ Rey assi acompanhado, & seruido de tais, & tam nobres fidalgos, como comsigo alli trouuera, & ver sem nenhum proueito tantos delles mortos ante sy, a fora grande numero doutro mũdo pouo, & nam mudar seu desejo do qué começado tinha, em quãtos conselhos lhe eraõ propostos

como

como ſe aſſintemente lhe prougeſſe de os offerecer à morte,

CAP. 150. *Das rezoẽs, que Dõ Carlos diſſe a ElRey de Caſtella, & como ElRey leuantou ſeu arrayal, & deſcercou a Cidade.*

SENDO a tromenta do Reyno tam grande, como ouuiſtes, & Lisboa taõ affeita com ondas de taes tempeſtades, deshi a Comarca della gaſtada por fogo, & outras deſtroiçoẽs, de guiſa que todalas Aldeas, que hauia em ſeu termo até Caſcaes, que eraõ dahi a ſinco legoas, eraõ já deitadas por terra, & mais os lugares de todo RibaTejo. Alem deſto, fome muy continuada, que nenhũa certa eſperãça de ſeu liuramento de cada parte, ſe geraua nos moradores della muy pouca fiuza de poder eſcapar, ſaluo aquella, que em Deos auia, da maneira, que diſſemos. Iſſo meſmo ElRey de Caſtella, naõ embargãdo a forçoſa demoſtraçaõ, que hauia da mortindade dos ſeus, porque deuera de entender que naõ prazia a Deos de alli mandar eſtar, perõ com todo eſto ſeu firme propoſito era perſeuerar atèque a tomaſſem: Aſſi que os cercados, & cercadores ſofriaõ duas grandes penas por comprir as eſperanças. Os da Cidade eſperauaõ cada dia que ElRey aleuantaſſe muy cedo ſeu arrayal por o aficamento de grãde peſtelença; E os Caſtellãos outro ſy entendiam que os de dentro conſtrangidos por fame lhe rogariam cõ a Cidade com penitẽcia de muitos a ſua hora. Aſſi qhũs, & outros mantẽdo ſua opiniaõ ſofriaõ dous maiores daños, que em ſemelhante feito podia acontecer. ſ. hũs apertada fame dos mantimentos, que miſter hauiam; outros mortal peſtelença em todolos eſtados da gente do arrayal. Dom Carlos Infante herdeiro de Nauarra caſado com a Infante Dona Lianor Irmaam DelRey, que era com elle em eſte cerco, vendo a deſordenada mortinda de, que entre elles andaua, & como cada vez era mayor, dezia a ElRey por muitas vezes que foſſe ſua merce naõ querer tentar a Deos, eſtando mais em aquelle lugar, & ſe alçaſſe de ſobre a Cidade, & tornaſſe pera ſeu Reyno, ca poſto que elle dalli partiſſe, aſſaz leixaua em Portugal caualeiros, & outras gentes, ca tinhaõ muitas Villas, & Caſtellos, dõde fariaõ guerra ao Meſtre, & aos que ſua voz quizeſſem mãter.

E depois

E depois que a Deos prougeſſe de ceſſar aquella peſtelença de todo q̃ entam podia tornar com ſua gente,& cobrar o Reyno á ſua vontade; dizendo que naõ foſſe tal,como ſora ElRey Dõ Affonſo ſeu auo, quando pozera cerco a Gibaltar, que morrendo os ſeus de peſtelença, & ſendo acõſelhado por os ſenhores grandes, & Capitães da hoſte,que ſe apartaſſe de ſobre o lugar por as muitas gentes, que morriaõ, & ſua peſſoa eſtaua em perigo, & que nunqua o quizera fazer; reſpondeo aos que o acõſelhauaõ: Que em tal couſa lhe naõ falaſſem, ca elle tinha aquella Villa, que muito prezaua de tomar,tam aficada ſem eſperança de nenhũ ſocorro, que a poucos dias ſeria ſua, & a tomaria, & com tal intenção ſenão quiz aleuantar,por muy aficados conſelhos,que lhe dar podeſſem, & em eſto naceolhe huma mortal landroa, de q̃ ſe finou a poucos dias,& perdeo o lugar,& muitas das gentes,que conſigo trouuera. *E vós, ſenhor,* diſſe elle, *nam façaes ſemelhante eſtada, nem detença de tamanho perigo, ca ainda que vos, & outros do voſſo Concelho eſto nam diſſemos, a rezam vos daria diſſo compprido conhecimento, mayormente, que nenhum vos conſelha, que de todo ponto deixeis eſta guerra, nẽ a demanda, que começada tẽdes, â qual podeis tornar cada vez q̃ quizerdes,e voſſa merce for. Mas dizemos o que he rezam, ca pois a Deos apraz eſta peſtelença tanto dano fazer nos voſſos, que eſpaſſeis a couſa pera tempo pertencente Doutra guiſa querendo nello mais aproſiar, pareceme que jà eſte feito leuarà caminho pera o arrayal ſer cedo orfaõ dos milhores, que comuoſco vieram Em verdade,* diſſe ElRey, *o voſſo conſelho he muy bom, & eu aſsi o quero fazer, & pois vos dizeis que meu auo cercou Gibaltar, & nam embargãdo que deſſe a peſte nos ſeus, que por quanto elle tinha aquella Villa, q̃ muito prezaua de filhar, aſsi aficada, ſem eſperança de nenhũ ſocorro, q̃ a poucos dias ſeria ſua, que porem a nam quiz decercar, poſtoque muitos dos ſeus morreſſẽ,atà q̃ a mortè o priuou da vida, & tudo iſſo fez por cobrar huma curugeira de pouco valor. Ora vede vos que poſſo eu fazer por cobrar huma tal Cidade, como eſta? A qual cobrada, como eu eſpero por aqui cobro todo o Reyno, & tenhoa jà tam aficada por fame, que os de dentro perecem ſem combate, nem outra peleja, ſegundo as nouas, que hey de certo delles, & elles me rogaram com ella, antes*

de

*de muitos dias, & me faram minha vontade. E porẽ quero seguir o conselho de meu aua, & naõ o vosso, nem deoutro nenhum, que me leuante daqui. De os meus morrerem me peza muito, porem quero cuidar que entraraõ comigo em hũa batalha, na qual pereceram por sua honra, em defensam de meu Reyno, & ninguem me fale nesta outra cousa* ElRey, naõ embargando q̃ esto disseſſe, bẽ via as rezoens, que lhe dauaõ assi as do Infante, como as do seu Conselho, que eraõ justas, & bem razoadas, mas seu grande, & esforçado coraçam desprezaua, & tinha em pouco toda aduuida, & cuidança temerosa, que acerca de taes feitos alguns sobre esto maginar podiam, de guisa que peró duramente sofreſe tal pena, sua vontade era indurauel em nam leuantar seu cerco, & continuar o que começado tinha. Em esto deram duas tramas á Rainha, porem nam de grande afiçamento, por cujo azo ElRey determinou partir do cerco, & entam alevantou seu arrayal hum Sabbado depois de comer poendo os seus fogo em aquelle dia & ao Domingo seguinte, a todalas cousas, deque se prestar naõ podiaõ, segundo he costume dos que leixaõ cerquo, & ardendo toda a noite era hum dos grandes fogos, que os homens viraõ. E foy se apousentar á outra parte da Cidade junto cõ o Mosteiro de Santo Antão, que he muy perto della, & esteue alli hum dia. E Nuno Aluarez, que desto naõ sabia parte quando vio taes fogos, em Palmella denoite, onde elle esta ua, ficou muy espantado, & com gram toruaçaõ cuidan, o q̃ seria por alguns dos milhores, que cõ elle andauão, deque elle sospeitaua que não eram fieis em seu seruiço do Mestre, porque os fogos eram tamanhos, que parecia que ardia toda a Cidade. Este nojo, & cuidado lhe durou até outro dia pela manhaam, que Lisboa pareceo claramente sem nenhum cajaõ de fogo. E aos sinco dias do dito mes, hũa segunda feira pela manhaam partio ElRey de sobre a Cidade caminho de Torres Vedras, com toda a sua gente, como querque á noite começarão todos de caminhar, cada hum como milhor podia, de guisa que se na Cidade ouuera tantos de cauallo, que se atreuesem a pelejar com elle, bem lhe poderam fazer grande nojo. E em começando ElRey seu caminho muy mais do que ao cerco viera de ledo, chegando a tal lugar de que perdia a vista da Cidade

dade,voltou o roſto com ella, & dizem que diſſe. *Lisboa,tãta merce me faça Deos, que ainda te eu veja laurada de ferros de arados.* Alli começou de requerer ſua gẽte, a qual ainda o Anjo da morte nam ceſſaua de perſeguir, morrendo alguns pelo caminho,& nos lugares,onde depois chegou. Foyſe dormir à Capataria, que ſam ſinco legoas da Cidade, & ao outro dia a Torres Vedras,que eram dalli tres, na qual villa a Rainha ſua molher foy em ponto de morte das nacenças, que do arrayal leuaua, però prougue a Deos que cobrou ſaude. E aſſi durou o cerquo depois que ElRey chegou ao Lumiar a tè tres dias do mes de Setẽbro, q̃ ſe aleuantou de ſobre a Cidade,quatro meſes,& vinte ſete dias,naõ cõtãdo aqui o tempo,que o Meſtre de Sanctiago Pero Fernãdez de Valhaſco, com outras muitas gẽtes conſigo, começou de fazer cerco pela comarca do Lumiar, ſegundo em ſeu lugar hauemos contado. E ſe deſte tempo contarmos, como alguns contaõ, porque deſentaõ todas as gentes do campo jaziam já dentro na Cidade com medo dos Caſtellaõs,&ſe gaſtâram mantimentos diremos que foy ſete meſes. ElRey partio de Torres Vedras, & chegou a Santarem,com ſua molher,& gentes, que leuaua, onde oleixemos, em quanto nos formos ver que fez o Meſtre, & os da Cidade,depois que ElRey aleuantou o cerco.

## CAP 151. *Como os da Cidade ordenaram perciſſam por darem graças a Deos,& da prẽgaçaõ,que fez hum frade nella.*

QVANDO o Meſtre,& os da Cidade viraõ como ElRey ſe alçaua, & partia cõ ſuas gentes,& como alçara o cerco de ſobre ella notempo de ſua mais aficada tribulaçam,que à mingoa de mãtimẽtos viuer naõ podiao,foram todos taõ ledos com ſua partida, quanto ſe perfeito dizer naõ pode,dando muitas graças a Deos, que ſe daquella guiſa a mereceara delles,& ſahiram fora da Cidade por ver o ſentamento do arrayal, que já era queimado, & acharam muytos doentes naquelle Moſteiro de Sanctos, que diſſemos, & vzauam com elles de piedoſa charidade, poſto que ſeus imigos foſſem. No ſegũdo dia ordenaram logo hũa grande, & deuotá perciſſaõ, na quoal todos foſſem deſcalços ao Moeſteiro

Moesteiro da Trindade, que he dos muros adentro do lugar. E o honrado Dom Iohaõ Escu eiro, Bispo que então era dessa Cidade, partio descalso da Igreja Cathedral da See, reuestido em Põtifical, com o corpo do Senhor nas mãos, a mais honesta, & honradamente que se fazer pode, muyto acompanhado de ordens & clerezia, & deshi o Mestre com todo outro pouo. Chegando todos a aquelle Moesteiro, depois que fizeram sua deuota perciſſam, começou de prègar hum notauel, & grande prègador muy letrado, & Theologo chamado por nome Mestre Rodrigo de Cintra da Ordem de Sam Franciſco, o qual fez huma solemne, & comprida prègaçam abastadamente de Textos da Sancta Escritura, que seu proposito sabedormente trouue, do qual se mais dizer nam pode, senam o modo, que em ella seuou, segundo muyto em breue alguns leixaram escrito, & foy daquesta guisa. Elle tomou por thema em começo de seu sermão. *Misericordiam fecit nobiscum.* Tornando a dizer por lingoagem *Gram misericordia fez Deos comnosco*, Depois declarou que cousa era *Misericordia* & *Piedade*, & como misericordia procedia por naturaes direitos, a qual era releuar homem seus proximos de miseria, que padecem, & como toda perfeiçam da Religiam Christaam está em Misericordia, & Piedade E entam tratou que mouera a ElRey de Castella leyxar seus grandes, & poderosos Reynos, contra o gram juramento dos trautos, que prometera, & virnam dignamente ocupar o Reyno, que lhe ainda o direito nam concedia; dizendo, que esto fizera huma nam discreta cobiça com deleitaçam de se asenhorear, deshi mao conselho de alguns seus priuados, com os quaes depois de grandes trabalhos, & mortes de muytos ficáram sem nenhum fruito. *Paray mentes, & abri os olhos de vossos coraçoens*, disse elle, *esguarday como vieram dias em estes Reynos, & especialmente sobre esta Cidade, em que seus imigos acercaram, & pozeram em grande angustia, & por nossos peccados Portugal contra Portugal peleja, ficando tam pouca parte delle, que quasi nú, & desemparado parece de todo, as-*

*ſi que toda a maldade em eſte tempo de grandes treuas em humas, & nas outras teue, & tem corrupta entençam.* E entam falou por claros exemplos da grande Cidade de Samaria, que cercou Benadad Rey de Syria no tempo do Propheta Eliſeu, ſobre a qual tendo ſeu cerquo, foy a fame tam grande em ella, que dauaõ huma cabeça de hum aſno por oitenta reaes de prata, & hum pouco de eſterco de pombas pera ſalgar vianda valia ſincoenta, de guiſa, que com tam grande fame comiam os filhos, da qual mingoa, & preſſa ElRey foy poſto em tam grande coita, que rompeo ſuas veſtiduras, & pareceo o ſilicio, de que andaua veſtido a cram da carne, & poſtos de todo em deſeſperaçam, ſe amerceára o Senhor Deos delles, dando tal eſpanto no ſeu arrayal, que lhes parecia, que grande hoſte de gentes os perſeguia, de guiſa, que fogiram todos ſem curando de leuar couſa alguma Contou da Cidade de Hieruſalem, como fora cercada por Senacherib Rey de Syria, ſendo eſtonce Ezechias Rey della, & como tendoa aſsi cerquada, querendoſe Deos amercear della ferira o Anjo de Deos huma morte ao arrayal, & matára cento, & oitenta & ſinco mil delles, & fogira ElRey ſòmente com dez homens com gram temor, & eſpanto, que houue. Diſſe mais do Principe Olofernes como cercara a Cidade de Betulia, & como lhe britou os canos das agoas, que vinham de dentro a Cidade, & lhe tolheo o logramento de humas fontinhas, que eram acerca della, de guiſa, que com gram mingoa dagoa começaram de ſe queixar, huns contra outros, dizendo, que milhor fora ſeruir a Olofernes, que morrer aſſi de ſede, & que tendo aſsi neſta preſſa, ordenara Deos que ſahiſſe fora da Cidade a ſancta molher Iudie, ſob fingimento, que a viſſe Olofernes, & a cobiçaſſe, & fora aſſi que a vira, & cobiçara, & ſendolhe leuada à ſua tenda, ſe lançou elle farto de vinho, & adormeceo primeiro, & ella cortoulhe a cabeça com ſua eſpada, & tornouſe pera a Cidade, & o outro dia achando os do arrayal a ſeu ſenhor morto, & ſendo

muy

muy toruados começáram de fogir, & assi foy delcercada a Cidade. E tornando elle a comparar per modo a careſtia, & a fame de Lisboa, & as outras mingoas, & padecimentos com a Cidade de Samaria, & isso meſmo das outras Cidades, & a grande miſericordia, que Deos fizera com ella em os liurar daquella maneira; taes ſemelhantes comparaçoens eram ouuidas com grandes choros, & ſaluços, eſpargimento de muytas lagrimas, de guiſa que parecia gram pranto feito por algum ſenhor, alçando todos as mãos ao Ceo, & dando muytas graças ao Senhor Deos, que tam grande miſericordia quizera fazer com elles. Ora, diſſe elle, *ſegundo eſta Cidade eſtaua atribulada, & ardendo a fogo de ſua gram tribulaçam, na força de ſua mayor quentura, que era aficamento de grande cerco, & ſofrença de muyta fame, o apagou Deos., porque ſeu apartamento nam preſtaua couſa alguma, que fazer podeſſeis contra o poderio Del Rey de Caſtella, nam valiam miſſas, nem preſtauam oraçoens, que deuotas peſſoas podeſſem fazer, brádando a Deos, que ſe amercea ſſe de nos, & quizeſſe liurar eſta Cidade de poder de ſeus imigos; de guiſa que parecia que o Senhor Deos cerraua ſuas orelhas de nos ouuir, & tornaua ſua face de nos querer liurar E nos aſsi poſtos na poſtrimeira parte de tamanha laſtima, & anguſtia, diſſe o muy alto Rey Celeſtial, Padre dos grandes, & Deos de toda a conſolaçam no Conſiſtorio de ſua ſabiduria. Tempo he que ajamos compaixam da Cidade atribulada, & nam leyxemos mais padecer, como ſe diſſeſſe. O Cidade de Lisboa ouuida he a tua oraçam, & porque te amey, querote liurar auendo de ti gram doo, & a eſtucia, & mão forte, & tua fiuza, daqui em diante, em mim ſerà, mas por quanto aquelle gram Rey de Caſtella era endurado em ſeu coraçam a nam deſcercar eſta Cidade, por couſa, que hauir podeſſe atáque a por fame, ou força de armas podeſſe tomar, nam quiz Deos com elle ter outro geito por moſtrar ſeu grande poderio, ſaluo aquelle, que teue com El Rey de Faraò, aque mandou por muitas vezes: que leyxaſſe hir ſanctificar a ſeu pouo ao deſerto, que peró o percudiſſe com grandes, &*

& estranhas pragas, nunqua o quiz leyxar de todo, ataque o Deos tangeo com a decima praga matandolhe todos os primogenitos filhos, des o filho do mayor senhor do Egypto, até o filho da mais piquena serua, que hauia antre elles, & dos filhos de Israel nenhum por estonce morria Assi ho Senhor Deos começou de tanger de pestelença ElRey de Castella, anteque a esta Cidade chegasse, que era final, & amoestamento, que lhe nam prazia de vir a ella, & elle por isso nam leyxou de vir E depois que a teue cercada lhe começaram morrer alguns dos seus, assi da gente de bom estado, como doutros de piquena condiçam Deshi crecendo a mortindade, começaram a morrer dos fidalgos, & senhores, que eram seus primogenitos, tanta multidam trigosamente, como todos bem sabeys E elle por todo esto tinha sua vontade firme de a nam decercar com quantos conselhos lhe dauam sobre ello, ataque Deos percudio no seu primogenito filho, que mais áznaua, que foy a Rainha sua molher, em a qual duas pestelenciaes postemas naceram, & entam sendo duro coraçam com espanto da triste morte se partio, & decercou esta Cidade, da qual cousa Deos comnosco fez muy grande misericordia, & nam embargando que o Deos tangeo com aquella graça pestelencial, como vistes, ainda elle vay com tençam de tornar a este Reyno pelo destroir, & o sogigar, & auonteceralhe à em sua tornada aquello, que aconteceo a Faraõ com ho pouo de Israel, que depois que os leyxou hir pera o deserto, foy depos elles com muy grande hoste, & cuidando de os perseguir, & matar, foram mortos, & destroidos, quantos consigo leuaua & elle nam comprio seu desejo; E assi ha de acontecer a ElRey de Castella, que se elle tornar a este Reyno, com a entençam, que leua, Deos lhe matarâ tantos dos seus primogenitos, que sam os grandes, & honrados de seu Reyno, com que britou a verdade, que prometida tinha, que nunca mais auerâ vontade de tornar a esta terra E elle poem sua esperança em multidam de muyta gente pera nos destroir sem porque, & nós esperamos em hum só Deos, que nos liurarâ de suas mãos. O qual nos deixou padecer tantas pressas, & tribulaçoens como vistes

por

*por termos rezam de o mais a mar, quando nos dellas liuraſſe com boa fiuza. Ergo leixemos fazer ao Senhor Deos, que todolas couſas obra em bem, ſegundo ſua merce, & as quaes ſe faziam por ſeu juſto juizo, como elle quer, a nós muyto eſcondido. Ca doutra guiſa querer homem eſto adeuinhar como, & porque ſe eſto aſsi faz, nam he outra couſa, ſenam dar guerra, & canſar ao entendimento. Confeſſemos, pois aſsi he, que ſomos dignos do que nos auemos por noſſos peccados, & cheguemonos a Deos por pendoencas, & cantemos ao Senhor Deos cantar nouo, aſsi como cantaram os Iudeus, quando viram o que Deos fizera cõ elles, mattando ſeus imigos ante ſeus olhos; & digamos todos puramente, & de vontade. Bento ſejas tu, muy Alto Deos, Principe dos Reys da terra, doce ſolaz dos atribulados, & muytas graças te damos, que nos quizeſte ouuir, & do fauo da tua doçura deſtilaſte ſobre nós a tam grande miſericordia, abreuiando os dias de noſſa tribulaçam, que nam foſſem mais perlongados, que ſe mais tempo duraram, fora grande duuida de o podermos ſoportar. A ti bendigam, & louuem todas as creaturas, & nós louuemos, & benzamos o teu ſancto nome pera ſempre ſem fim. Amem.*

E eſtas, & outras muytas rezoens diſſe aquelle frade em ſua prégação, com que o pouo muyto choraua, alçando todos as mãos ao Ceo, & dando muytas graças ao muy Alto Deos, que os aſsi deſabafara do poder de ſeus imigos. E acabada a prégação, diſſerão Miſſa muy ſolemnemente, & tornou a perciſſaõ á Sé com o Corpo de Deos, aſsi como antes partira, todos com grande deuação, & muyto conſolados.

## CAP. 152. *Como Nuno Aluarez paſſou a Lisboa por falar com o Meſtre.*

SOVBE Nuno Aluarez, q̃ eſtaua em Palmella, como ſe aleuãtára ElRey do cerco, & eſtaua em Sanctarem, & prouguelhe muito com taes nouas, & foy certificado que elle fizera alardo de pouca gente nam bem coregida pera repartir por ſuas fronteiras, & como homem muy ſages, & em toda couſa ardido, Nuno Aluarez ſoube deſto parte, & como á uiaõ de vir com ElRey de Caſtel

la muytos mortos, & doentes dos de ſua companhia, entendendo que hiriam alonge pelo caminho nam bem cautelados, com grande, & esforçado coraçam poz de todo em ſua vontade de lhe hir ſahir diante,& com ajuda de Deos pelejar com elle, & desbaratalo com toda ſua gente E dizem aqui alguns contando em breue hiſtoria, que mandou pera ello pedir licença ao Meſtre,& que elle lhe reſpondeo que lhe aprazia dello muyto, & que lhe rogaua que o aguardaſſe, porque queria ſer com elle em tal obra. E que por ſe eſta couſa poer em treſpaſſo,& o Meſtre não hir ao tempo, que compria, ElRey de Caſtella ſe foy ſeu caminho, ſem torua, que de nenhum ouueſſe, de que a Nuno Aluarez muyto pezou, & da licença,que pedir mandára. Mas hum outro compilador deſtes feitos, de cujos garfos por mais largo eſtylo enxertamos neſta obra, ſegũdo q̃ compre, reconta iſto por eſta maneira. Diz que Nuno Aluarez eſtando em Palmella, ſabendo nouas, que jâ diſſemos, que ElRey hia com gram deſejo de poderoſamente tornar ao Reyno pera o ſogigar por força de guerra, ordenou de vir falar ao Meſtre,aſsi ſobre a peleja, que entendia dauer com ElRey de Caſtella, como doutras couſas, que muyto compriam a ſeu ſeruiço,nam embargando que ainda a frota jouueſſe toda ſobre a Cidade, aſſi como ante jazia. E por eſta rezam ſe veyo ao Cabo de Montijo, que he em RibaTejo duas legoas da Cidade, onde jâ tinha hum batel preſtes, em q̃ paſſaſſe. E quando ouue de entrar no batel, hum ſeu eſcudeiro de que muyto fiaua, chamado por nome Vaſco Martins do Outeiro, falou a Nuno Aluarez a de parte, & diſſe. *Nuno Aluarez, eu vos peço por merce, que nam queiraes entrar em eſſe batel,nem fazer tal viagem pera âlem, ca eu vos digo, que ſonhaua eſta noite como hia com voſco em eſte batel, que vos tomauam as galés de Caſtella, & a todos nòs outros,que comuoſco hiamos, da qual couſa eu tomaua nojo, que me queria matar, quando via tal perda. E porem pareceme,q̃ he bem q̃ eſcuſeis eſta ida por hora.* Nuno Aluarez,quando eſto ouuio, reſpõdeo muy manſo,& diſſe. *Amigo meu, eu vos agardeço voſſo bom conſelho, mas eſta couſa Deos a faràmi lhor do ueq vos dizeis,& pera vós naõ verdes eſto q̃ aſsi ſonhaſtes,eu*

vos

*vos mãdo q̃ fiqueis, & naõ vades commigo, & por esta guisa vos naõ vereis vosso sonho comprido, nem prazera a Deos que seja assi.* O escudeiro, nam embargando esto, disse que queria hir toda via com elle: E Nuno Aluarez nam o quis consẽtir, & assi ficou muito contra sua vontade. E Nuno Aluarez, desprezando todo o sonho, & agouro, vaõ nam mudaua tençaõ do que proposto tinha & entrou no batel com alguns seus a horas de meia noite. E posto que se desuiar podera, quiz atraueſſar por afrota, que jazia ante a Cidade, è como foy antre ella, mandou logo dar às trombetas. Os das naos, quando esto viraõ, começaram de se aluoraçar, bradádo todos. *Armas, Armas;* E hũs saltauaõ nos bateis, & outros vinham á borda nam sabendo que era aquel o. Porem alguns das naos perguntaram aos do batel: quem hia alli? E foylhe respondido, que era Nuno Aluarez, & vendo q̃ lhe não podiam empẽcer, cessaram de começar nenhuma cousa contra elle. E foy esto no derradeiro dia do mes de Setembro.

(.)

CAP. 153. *Como Nuno Aluarez falou ao Mestre, & das rezoens, que ambos ouueram.*

CHEGOV Nuno Aluarez a terra ante manhaam, & os q̃ o assi virão ouueraõ grande prazer com sua vinda, & trouueraõlhe hũa mula, em que caualgou, & seu pagem traz elle com a espada de armas, que lhe enuiara de gajas Pero Xarmento, quando ouuera de vir á batalha com elle em Euora, & os seus todos de pé arrador delle, & muytos outros, que o acompanhauão, & foyse logo ao Moesteiro de Sam *Domingos* ouuir Missa em Sancta Maria da Escada, em que auia gram deuaçam, & como acabou de ouuir Missa foyse direitamente aos Paços, onde o Mestre pouzaua, O qual, sabendo já parte como elle viera, taziase prestes pera o receber. Em esto disseramlhe como vinha Nuno Aluarez, & o Mestre deceo ás portas de hum grande, & espaçoso curral, que se fazia ante elles, & quãdo o vio, ouue com elle grande prazer, & enuiouse rijo a elle abraçandoo, & não sómente o Mestre, mas os seus com os de Nuno Aluarez se abraçauam, & beijauaõ nas fa-

ces, que parecião, que se não podiam fartar huns nos outros, Nuno Aluarez se fincou em giolhos ante elle, por lhe beijar as mãos, & o Mestre naõ o quiz consentir & elle estando em giolhos ante elle trabalhaua por lhas beijar, & o Mestre pelo leuantar, dizendo não era tal como elle pera lhe dar a beijar as mãos, mas pera lhe fazer muytas merces, & acrecentamentos *Mayormente*, disse o Mestre, *a tal como eu, que jouue aqui encarrado em este curral sẽ fazer bem nenhum* A aquello respondeo Nuno Aluarez tam boas, & mesuradas palauras, que a muytos dos que hi estauão vendo tam animosa contenda, naciam lagrimas nos olhos cõ prazer, que lhe corriam pelas faces, Em fim de suas rezoens Nuno Aluarez nunca se quiz aleuantar atá que o Mestre consentio de lhe beijar as mãos, & então se leuantou, & foraõse ambos pera a Camara, onde falarão per algũs dias, que hi esteue, muytas cousas no proueito da guerra, em que erão postos, & esperauão de ser; antre as quaes Nuno Aluarez disse ao Mestre, que elle fora certificado por Pedreannes Lobato, que a elle enuiara com recado da tomada de Monçaraz, que falando com algũs fidalgos dos que consigo tinha, q̃ a muytos delles entendera que naõ erão fieis em seu seruiço, & q̃ porem lhe parecia que era bem, que ouuesse com elles, que lhe fizessem todos menagem, & o recebessem por senhor, assi aquelles, que o recebido tinhão, como os fidalgos, & caualeiros de antre Douro, & Minho, que ficassem por seus vassallos pera o seruir na guerra, que esperauão, porque depois que se cada hum fosse pera suas casas, sem fazẽdo isto primeiro, que não seria tam seguro delles, nem os seria assi obrigados, nem prestes pera seus seruiços, & que esta fora a principal cousa; porque se demouera a lhe vir falar: o qual lhe pedia por merce que encaminhasse, como fosse feito. E o Mestre ouue esto por boom conselho, & ordenou como se pozesse em obra. E aos dous dias do mes de Outubro foraõ todos os fidalgos, & gentes da Cidade juntos no Moesteiro de Sam Domingos, aos quaes o Mestre propoz dizendo: Que bẽ sabiaõ, como sendo elle prestes pera se partir do Reyno por certas rezoẽs, q̃ todos eraõ em cõsentimẽto por aficados rogos, & prezes dos moradores da Cidade, & issomesmo de algũs fidalgos, que presentes eraõ, tomara cargo de

Rege-

Regedor, & Defensor destes Reynos, por cuja defensaõ, & empara-mento, elle sofrera, & entendia soportar quaesquer cajoens, & trabalhos, que lhe auir podessem, atá a venturarse por ello á morte. E que, segundo elles viaõ a disposiçaõ, em que o Reyno estaua, & a entençaõ, com que el Rey de Castella hia, que muito maiores trabalhos lhe eraõ presentes pera sofrer, que os q̃ passados atá estõces tinhaõ, que por cobrar os lugares, que por Castella estauam, emais defender os que tinhaõ sua voz, nam se podia fazer, senam sendo todos de hũ acordo, & de hũa vontade delhe ordenar don de se podessem auer despezas pera osoportamento de taes encargos. E portanto ordenara, em quanto estauam todos juntos, de falarem sobre estas cousas. que bem viam elles que o Reyno era acerca de partir, & que nam eraõ postos em nenhum cuidado de o cobrar, que quando fora filhado aos Mouros, porẽ falassem sobre estas cousas, como se milhor poderiaõ fazer; ca em todo bom acordo, que elles ordenassem, elle era prestes de consentir

CAP 154. *Como os fidalgos, & pouos fizeraõ menagens ao Mestre, & dos priuilegios, que deu á Cidade.*



ALADAS muitas & desuairadas cousas, assi pelos fidalgos, como todo o pouo, e posto ante seus olhos o mal, & o bem, que de taes feitos auir podia, depois de longos rezoados, que leixar queremos por não deter, sua postrimeira conclusaõ foy esta; que, nam embargando que todolos da Cidade, & alguns fidalgos, dos que eram presentes, & tiuessem já recebido o Mestre por senhor, assi fidalgos, como Cidadãos, & lhe fizessem menagem, como a Regedor, & defensor dos Reynos de Portugal, & do Algarue, & que o seruissem, & ajudassem com os corpos, & aueres, que cada hum auia, pois viam que estauão em tempo de auer mister. E mais que fossem chamados aquelles conceilhos, que por Portugal mantinhão voz, & todos em Coimbra com os fidalgos, & Prelados, que hi fossem jũtos, falassem sobre o gouuimento da guerra, & donde se podião auer as despezas pera ella necessarias. E isto assi determinado,

veyo

veyo aos seis dias do mes de Outubro da era presente já nomeada de quatrocentos, & vinte & dous, torão juntos no Paço Del Rey, onde o Mestre pouzaua o Conde Dom Gonçalo, & Dom Frey Aluoro Gonçaluez Priol do Espital, & Nuno Aluarez Pereira, & Diogo Lopez Pacheco, & outros senhores com todolos fidalgos, assi caualeiros como escudeiros, & todolos moradores da Cidade, & doutros lugares, q̃ a tal feito compriam de estar. Os quaes juntamente, & cada hum por sy, jurarão aos Sanctos Euangelhos corporalmente tangidos, & fizeram preito, & menagem ao Mestre, como a seu senhor de o seruir, & o ajudar com todolas suas forças assi contra El Rey de Castella, como contra qualquer outro, q̃ lhe algũ nojo fazer quizesse, & lhe beijarão a mão por senhor; delles do coração, e obra, outros fingidos, & não de vontade, como se depois mostrou, & elle prometeo, & jurou de guardar todolos seus priuilegios & liberdades; que auia de manter o Reyno em direito, & justiça. Tanto que esto foy acabado vio o senhor Mestre, como os moradores da Cidade mostrauão tal desejo de o seruir. que mayor ser não podia, despondose em toda guisa a leuar este feito auãte, não embargando o cerco, & fame, em que forão postos, & deshi a destroiçam dos bens, que tinhão passada, & esperavão de receber atá despoer os corpos à morte por seruiço seu, & honra do Reyno. Como nobre senhor, de real coração, & que não sómente auondaua largueza de grandes doens, mas ainda se podia delle bem dizer que era corrẽte rio de limpa, & virtuosa grandeza, com firme proposito, sem fazer tardança, poz logo em sua vontade de regar os coraçoens delles, das muy doces agoas dos agardecimentos, & chamou êsses do seu Concelho, assi como o Conde Dom Gonçalo, & Dom Frey Aluoro Gonçaluez Priol do Espital, & Dom Lourenço Arcebispo de Braga, & Dõ Iohão Bispo de Lisboa, & Dom Payo de Meira Bispo de Sylues, & Nuno Aluarez Pereira, & Diogo Lopez senhor de Ferreira, & o Doutor Iohão das Regras, & outros assaz, q̃ aqui não dizemos. *E* propoz ante elles, & disse: que bem sabia como a Cidade de Lisboa era a milhor, & mayor, que no Reyno auia, & como ella fora a primeira, que tomara voz, & esforço pera defender estes Reynos da sogeição, em que os El Rey de Castel-

Caſtella quizera meter, ſem tendo rezam de todo ſogigar a elle, fazendo muyto por ſer aſſi, na qual ſogeição os de Lisboa nun ca conſentir quizeraõ, & o tomaraõ por Defenſor, & Regedor delles, aſſi como outras Villas, & lugares do Reyno depois por ſeu azo fizeraõ ſemelhantemente. Deshi como ella por eſta rezam fora cercada por mar, & por terra, como todos virão, no qual cerco, que aſſi ouueram, perderam muytos dos bens, que auiaõ & eſpargeram muyto do ſeu ſangue, por cujo defendimento, cõ a graça do muy Alto Deos, o Reyno ficaua em parte liure, & fera de tal ſogeição, na qual ficara ſe elles, & ella quizeram conſentir. Alem diſſo, q̃ elle eſguardaua as grandes deſpezas, que atelli fizeraõ, & lhes conuinha fazer por honra de ſeu eſtado, & exalçamento do Reyno E q̃ lhe prazia que aquelles, que tamanha demanda quizeram leuar adiante, como era defender a terra do grande poder de ſeus imigos, que lhes conuinha ſoportar ſeus perigos, & trabalhos, q̃ adur ſe podiaõ galardoar cõ merces: porẽ por galardaõ de tal façanha, & por ficar memoria pera sẽpre a aquelles, que depois vieſsẽ, elle tinha cuidado de dar priuilegios, & fazer merces á dita Cidade em recompenſaõ deſtes tamgrãdes ſeruiços: as quoaes poſto que em igualaçaõ naõ foſſem do que ella merecia, que ao menos ſeu deſejo era de afazer franca, & liure de ſacarias de alguns direitos de pequena condiçaõ, que os Reys em ella, & em ſeu ſeruiço, & coſtume atá quelle tempo hauiaõ, de guiſa que todos viueſsẽ ſem refezes ſogeiçoẽs, vzando liuremente do que houueſſem. E ditos por elle quaes eraõ, naõ foy tal, que o contradiſſeſſe, mas cada hum dezia que era muito pouco em comparaçam de tam aſſinados ſeruiços, quaes eraõ os que ella fazia, & continuaua de fazer, rezoando ſobre tal feito muytas couſas, & dizendo: que poſto que outras Cidades, & Villas do Reyno mantiueſſem ſua voz, & tençam, ca todo era em eſforço, & fauor de Lisboa, tendo mentes, que como ella fizeſſe aſſy fariam todos: em tanto que honra, & perda do Reyno em ella ſomẽte eſtaua de todo. Aqual couſa era muyto de notar louuãdo todos a grande bondade do Meſtre por tam virtuoſa tençaõ, acerca deſto ter cuidado, dizendo que Deos lhe encaminharia depois ſeus feitos com tanta ſua honra, & exalçamento de ſeu eſtado

tado, que elle lho agalardoaria cada vez milhor com auondança de largas merces. Eſtonce lhe quitou eſtes coſtumes, & direitos, que hauiam em vzança de pagar. ſ. Relego, lugadas de pam, & de vinho, Mordomado, & anadarias, açougagem, ſelario, mealharia, iondos, alcaualla. E mais lhe fez merce dos Paſſos, em que ſe tirauam taes direitos, aſsi como do trigo, que eſta ſob aportagem, & que em outro tempo fora carneçarias, & do Paſſo das fangas da farinha, & do Paſſo, onde hora os carniceiros cortam a carne, & mais lhe deu dezaſeis tendas, que eraõ des o arco das merceanas atá a porta das carnaçarias. ſ. cito de hũa parte, & oito da outra, as quaes mandou que ſe derribaſſem, por a praça da Cidade ſer mais fermoſa. Deulhe mais dous taballiados, que auia em Oeiras, & no *Reguengo* de Ribamar, por não auer outros taballiaens no termo, & naõ fõmẽte lhe tirar eſte coſtume, & direitos, mas ainda deu mais outros, & priuilegios a todolos vizinhos da Cidade, & de ſeu termo, que entaõ erão, & ao diante foſſem, que não pagaſſem em todolos lugares do ſenhorio de Portugal, & do Algarue portagem, nẽ vzagem, nem coſtumagem, nem outro nenhum direito, nem tributo de todolas mercadorias, que leuaſſem pera cada hũ lugar dos ditos Reynos, ou que trouxeſſem de outros lugares pera a dita Cidade, aſsi pera ſeus mantimentos, como pera vender. E deſto lhe mandou fazer eſcrituras, as mais fortes, que puderão, com que os da Cidade forão muy contentes, & elle cobrou gram louuor, & fama. Os quaes lhe pedião por merce que mandaſſe logo derribar o Caſtello deſta Cidade. Sendo outorgado por elle, foy derribado em terra ſem outra tardança, E em eſſe dia falou Nuno Aluarez ao Meſtre, como ſua firme ventade era, quando ElRey de Caſtella partiſſe de Santarem, ſahirlhe ao caminho a Cham do Couce, & hũa manham vir dar ſobre elle, & que entendia, com ajuda de Deos, de o desbaratar, & que lhe pedia por merce, que lhe deſſe licença pera eſto dizendo, que ſe elles auião de pelejar cõ elles á vinda, com muytas gentes, & bem corregidas, que milhor pelejariaõ eſtõces com poucas companhas, & mal ordenadas. O Meſtre eſtonce reſpondeo que lhe prazia muyto, & que pera tal obra elle queria ſer ſeu cõpanheiro, & que porém ſe tornaſſe elle pera Palmella, & que o aguar-

guardaſſe alli, & que ſe paſſaria além com os mais, que podeſſe, & dalli partirão a hir buſcar ElRey, & pelejar com elle, tornandoſe então Nuno Aluarez da guiſa, que viera no batel. E aguardando o Meſtre pera iſſo, que dizemos; partio ElRey então mais cedo do que elles cuidauão, mas ſabendo porém deſte ordenado, & Nuno Aluarez foyſe pera Euora, onde folgue hum pouco, até que vá tomar Portel. Nós iremos em tato poer ElRey de Caſtella fora do Reyno.

CAP 155. *Como ElRey de Caſtella chegou a Sanctarem, & ordenou Alcaydes em alguns lugares.*

PARTIO ElRey de Torres Vedras, chegou á Sanctarem cõ ſua molher, a qual hia em hũas andas, ainda de redea. Alli começou de ordenar como ficaſſem ſeguros, & defelos os lugares, que mantinhaõ ſua voz, & huma ſegunda feira fez alardo em Vallada por ver que gentes tinha pera partir, aſſi as que ficaſſem em cada hum lugar, como as que auia de leuar conſigo Em o alardo foy bem pouca gente, & mal corregida, como homens, que vinham deſobre cerco, & os mais delles morrérão os ſenhores, com que viuiáo. E tirou ElRey èm Sanctarem da Alcayde Lopo Fernandez Padilha por o leuar conſigo, & leyxou na Villa por frõteiro *Diõ* goGomez Xarmento ſeu Irmão, & na Alcaçoua mandou que ficaſſe Gonçalo Pirez de Valderauanos, & com elles oitenta lanças, & trezentos béſteiros. E em Cintra leyxou o Conde Dõ Anrique Manoel, & em Torres Vedras hum caualeiro de Caſtella, que dizião Iohão Duque, & em Alanquer VaſcoPirez de Camoens, & em Obedos Iohaõ GonçaluezTeixeira, & em Leyria Garcia Rodriguez, Meirinho mór q̃ fora DelRey Dom Fernando, & em Torres Nouas PeroLopez de Texeda natural de Caſtella, & Commendador de Sanctiago, por leuar conſigo Gonçalo Vazques de Azeuedo, que fez hum bom jogo, que neſte capitulo contarémos: E em Penela, & em Miranda leyxou o Conde de Vianna, & iſſo meſmo nos outros lugares leyxou aquelles, que os tinham, ſegũdo tratamos, onde compria outros alguns em ſeu lugar, aſſi como o Priol *Dom* Pedraluarez que ſe foy eſtonces com ElRey, & nas fortalezas de ſeu Priolado leixou

leixou certos, que asguardaſſem: E Gonçaloeannes em Caſtello de Vide, & em Villa Viçoſa Vaſco Porcalho Comendador da Ordẽ de Auiz, & em Portel Fernam Gonçaluez de Souſa: em Monforte Martim Annes da Barbuda: & em Campo mayor, & Ouguella Payo Rodriguez Marinho, & em Oliuença Pero Rodriguez da Fonſeca, & em Moura Aluoro Gonçaluez, & em Mertola Fernam Dantes Comendador môr da Sylua, & em Ponte de Lima Lopo Gomez de Lira, & em Braga Iohão Lourenço Bubal. E aſſi outros Alcaydes nos lugares, q̃ tinha. *E* tambem neſtes, como nos outros, & em todos ficaram gentes de eſcudeiros, & beſteiros, & homens de pé, aquelles, q̃ El-Rey vio que pera cada hum compria. E falando aos Alcaydes, q̃ falar pode, a outros eſcreueo, q̃ ſe tiueſſem firmes, & defendeſem tambem ſuas fortalezas, ca elle Deos aprazendo, entẽdia de tornar muy cedo, & eſguardaria todo com grandes galardoens, & merces. Edzem que tam mingoado foy alli El Rey de dinheiro pera pagar ſoldo ás gentes, q̃ leixaua, que antes mandou desfazer ſua grande baixella de ouro, & prata, que trazia: & cortauãona á tizoura, & dauãona em marcos a cada hum. Ora em eſte lugar deueis ſaber que, poſto que alguns culpaſſem Gonçalo Vazquez de Azeuedo, que elle fora em conſelho, & em azo de darẽ Santarem a El Rey de Caſtella, q̃ elle naõ eſteue porem no cerco com elle, nem ſe tremeteo mais de ſeus feitos, ſaluo eſtar ſempre em Torres Nouas, nam determinando qual parte teria, até ver a fim de tamanho negocio. Mas outros rezoaõ iſto pello cõtrairo dizendo q̃ eſtando elle em Torres Nouas, por ſuas cartas, & menſageiros enuiou dizer ao Meſtre, que lhe perdoaſſe todo o que paſſado era, que elle o ſeruiria bem, & lealmente contra El Rey de Caſtella, & contra quaeſquer outras peſſoas, & deſto lhe enuiou firmeza ſua por palaura, & por eſcrito, & que ao Meſtre prougue dello muyto, & que deu pera elle, & pera ſuas gentes, ſoldo, & dinheiros, & em outras joyas. E eſta rezam parece mais certa, porque Aluoro Gonçaluez filho deſte Gõçalo Vazques ſe lãçouentaõ da parte do Meſtre em Lisboa na frota do Porto moſtrandolhe o Meſtre grande gaſalhado, & muyto boa võtade, atá que fogio com Gonçalo Rodriguez de Souſa, & ſe foy pera os Caſtellaõs, quã do El Rey deſta vez chegou a Tor-

TorresNouas Gonçalo Vazques naõ oſahio areceber,nem ElRey naõ pouzou no Caſtello,& quãdo vio eſto,porentender que lhe naõ prazia, & pouzando aſſi na Villa, nenhũ Caſtellaõ naõ entraua dentro,mas à porta lhe vinha falar, quando lhe algum recado queriam dizer. Eperô ElRey mandaua rogar que lhe vieſſe falar, ſempre ſe eſcuſaua de o fazer, receandoſe o que lhe depois aueo,ElRey tendo diſſo grã de ſentido crendo que como elle dahi partiſſe que Gonçalo Vazquez logo daua volta, & ſe tornaria da parte do Meſtre,cuidando toda via de o leuar conſigo, & foy deſta guiſa. A ſoltura, que os homens daõ ás molheres, que muytas vezes lhe trazem deſhonra, & perda, encaminhou Ines Affonſo molher de Gonçalo Vazquez foſſe ver a Rainha Dona Breatiz ſua Cunhada,& iſſo meſmo ElRey, & ambos diſſeraõ o naõ bom geito,q̃ ſeu marido moſtraua em os ſeruir,de guiſaq̃ elle naõtinha em elle boa experiẽcia,dizẽdolhe quantas boas rezoẽs tinha pera amar ſeu bom ſeruiço, & elle delhe fazer merces,& acrecẽtamẽto,as quaes ella por ligeiro ſizo todas cõcedeo á ſuavõtade,prometẽdolhe,q̃ ella o reduziria de todo põto a ſeu ſeruiço,& quãdo tornou pera ſeu marido, começou de lhe prégar todas as rezoẽs,q̃ lhe ElRey, & a Rainha diſſera õ, & agrãde hõra, & acrecẽtamento,em que tinhaõ em vontade de o porem, & que porèm deſſe o Caſtello a ElRey, & ſe foſſe em ſua companhia, & que ella aſſi lho a conſelhaua, dizendo que atençam do Meſtre era hũa abuſaõ sẽ fundamento, em que alguns necios de pouco entender cahiaõ,& os ſeſudos ſe guardauam dello;que pois a Rainha renunciara o regimẽto em poder DelRey, deshi a Rainha Dona Breatiz era herdeira do Reyno,a que nenhum contradizer podia,mayormente ſendo já tantos Lugares por ella em Portugal, contra Portugal: E bem moſtraua ſer todo al vento, como elle muyto cedo veria, e o Meſtre naõ hauia poder de ſe emparar ao grãde poderio DelRey de Caſtella,ainda que tiueſſe vinte tantos dos que tinha,Gõçalo Vazquez ouuia bem todo, & naõ reſpondia couſa, de que ella foſſe contente, tendo elle a ſua vontade incerta,como algũs outros tinham, quando viram, que ElRey tornaua pera o ſeu Reyno,nam acabando o porque viera,que era azo demuy grande duuida. Ines Affonſo vendo que

ſe naõ

ſenaõ podia induzir aſeu marido cõ fermoſura de palauras a dar o Caſtello,& ſe ir com ElRey,or denou que a horas, que elle naõ tiueſſe geito de perguntar por el la, ſe ſahio eſcuſamẽte por apor ta datreiçaõ,dizendo que amandaua ElRey chamar,& foyſſe ao Paço pera falar com elle.Eſcuzãdoſedello com alga mas rezoens, enuioulhe ElRey dizer em repoſta que naõ fazia força quer foſſe,quer naõ,que pois elle já tinha ſua molher em poder ficaſſe elle com Deos,que elle a leuaria conſigo pera Caſtella; Gonçalo Vazquez quando eſto ouuio ficou toruado de tal rezaõ, & perguntou aos ſeus por ella,& diſſeramlhe da guiſa que ſe fora, de que ficou muy eſpantado. Mouido entam por coraçam femenino, a que as molheres chamam mauioſo por lhe naõ leuar amolher, foy falar a ElRey,& elle depois que o teue conſigo mandou amolher a Euora perao Caſtello, & leuou Gonçalo Vazquez,& Aluaro Gonçaluez ſeu filho caminho de Caſtella. Epartio de TorresNouas leixando por guarda do lugar Affonſo Lopez Texeda com as gentes, que compria, & quando a Lisboa chegou recado que ElRey de Caſtella partira daquelle lugar pera ſeu Reyno, que foy aos quatorze dias do mes de Outubro,em elle dia mandou o Meſtre decepar dos pès, & das maos,& poer na forca hum homem chamado Iohaõ do Porto, que fora eſcriuam da Camara DelRey Dom Fernando,por cartas,que falſara do dito Rey, ſendo viuo,& iſſo meſmo do Meſtre depois que foy Regedor. Edahi a ſete, que foram vinte hum dias do mes ſe partio afrota DelRey de Caſtella pela manhà aſſi naos como gales,& á beſpera tornaram todas por tempo contrario, que houueram:Edepois aos vintoito dias ſe foraõ todos ſem mais tardar.Equẽ diz que eſta frota jouue ſobre Lisboa,antes que ElRey veyo á batalha, dizey que o ſonhou quando eſto eſcreueo.

## CAP. 156. *Como ElRey de Caſtella partio pera ſeu Reino, & damaneira como hiam.*

EM quãto ElRey de Caſtella eſteue em Sãtarẽ, vieraõſe pera hirẽ em ſua companhia todolos que alguns ſenhores tinham mortos pera os leuarem pera ſuas terras ſegundo haõemos contado. Epartiram de Obedos,& de Alanquer,& dos outros lugares

res, que por Caſtella eſtauão, & ajuntarãoſe todos com elle em a quella Villa, & quando ſe ElRey partio daquelle lugar, partiraõ todos com elle, & leuarão eſta ordenança. Elles hiaõ todos diante, ſem miſtura doutra gente darmas, & cada hum leuaua ſeu ſenhor em ſeu atauide, cuberto de dò poſto enſima de hũa azemala & arredor della todolos de pè veſtidos de grande luto, & detraz os de caualo, que o acompanhauaõ na vida com a bandeira das ſuas armas. Logo junto acerca delle, & aſſi hiam todos juntos antre outro, por grande eſpaço de caminho. A qual perciſſam era triſte, & dorida de ver. ElRey de Caſtella hia detraz com ſuas cõpanhas aſſaz de bem ahojado, & deſacompanhado dos ſenhores, & fidalgos, que á primeira conſigo leuara, ſegundo pertẽcia a ſeu Real eſtado. Como poderia auer prazer no coraçam DelRey, o qual tantos, & tam boons vaſſal los trouuera conſigo, & aſſi guarnecidos, & ledos pera o ſeruir, & ajũdar, em tam breue tempo os via leuar todos ante ſy mortos, ſem que nenhũa couſa de ſuas honras fizeſſem. Certamente ere de que, ſegundo o grande nojo, que eſtonces ElRey leuaua, por eſtas, & outras gentes, que perdera, & iſſo meſmo, poſto que com elle hiam, deshi o grande quebramento dos coraçoens, que acompanhauam os mortos, & mui pouca gente, que com elle eſtonce viera, com boa vontade de lhe fazer nojo, que em muy pouco eſpaço podera comprir ſeu deſejo. Deſta guiſa, que dizemos, leuou ElRey ſeu caminho, atàque chegou ao Eſtremo, onde cada hum tiueram cuidado de leuar a enterrar ſeus ſenhores aos lugares de hũ lhe pertẽciam, & ElRey foyſe pera Seuilha, & alli ordenou, que Dom Pedro Nunez de Godoy Meſtre de Calatraua foſſe Meſtre de Sanctiago, & que Dom Pedraluarez Pereira Meſtre do Eſprital, que era ahi com ElRey, foſſe Meſtre de Calatraua, como quer, que a muytos deſaprougue deſta mudança, que ElRey fez, mas os Freyres deſta Ordem fizeram o que lhes ElRey mandou, & o que ſe chamaua Papa Clemente, com que eſtonce ElRey tinha, confirmoulhe eſtas permudaçoens. E como Dom Pedrauarez foy feito Meſtre de Calatraua, fez ElRey logo Conde de Barcellos o Conde de Mayorcas, & Gonçalo Vazquez de Azeuedo Adiantado de Caſtella a Velha. Dizem alguns, que iſto começaua ElRey de fazer recean-

doſe dos que tinhaõ ſeu bando, fazerem depois mudança, porque ſua honra foſſe abalada, ſegundo as couſas, que hauir podiaõ. E por tanto ſob fingimento de trigoſo galardão, moſtrando grão deſejo dacrecentar aquelles, que ſua voz tomauão, quizera logo dar todo Portugal àquellas honradas peſſoas, de que lhe algum eſtoruo depois podia nacer, & as honras, & dignidades, que hauia no Reyno, dalas a ſeus naturaes pera ſegurança de ſeu Eſtado. Outro ſy, porq̃ atéqui nomeamos dous Priores do Crato, & não diſſemos como iſſo era. Sabey, antes que ora al comecemos de dizer, que ſe chamaua deſta guiſa. Aluoro Gonçaluez Camelo por ſeus bons merecimentos, em tẽpo DelRey Dom Fernando, foy priuilegiado pello Grão Meſtre da Ordem do Priorado em Portugal. ElRey, que mayor deſejo hauia de o hauer Pedraluarez filho do Priol Dom Aluaro Gonçaluez ſeu Padre, encaminhou como lhe prouguеſſe delo o que chamauão Papa Clemente, porque ElRey tinha declarado dizẽdo que o Grão Meſtre tinha cõ o Papa VrbanoSexto, & que naõ curaua do prouimẽto, que fizera a Aluoro Gonçaluez, & deſta guiſa houue D. Pedraluarez oPriorado, & o outro ficou ſeu, & quando o Meſtre começou ſeus bons feitos, & ſe AluoroGõçaluez chegou a elle pera o ſeruir, hauendo o Meſtre a Dom Pedraluarez por ſeu imigo, & eſte por bõ ſeruidor pozlhe nome de Priol, poſtoq̃ outro ouueſſe a renda; E eſte ouue do Meſtre bem grandes merces, atáque depois ouue o Priorado. Mas hora leixemos ElRey emSeuilha, como diſſemos, juntando ſuas gentes, & armando frota pera tornar a Portugal, & cõtemos como Nunaluarez tomou Portel, & do que ſe deſpois aueyo a Lisboa, & ao Meſtre, atáque foy alçado por Rey em Coimbra.

## CAP. 157. *Como Nunaluarez cobrou a Villa de Portel por azo dalgũs q̃ dentro morauão.*

ANTRE os lugares, que voz tinhão por Caſtella antre Tejo, & Odiana, era hum delles aVilla dePortel, daqual era Alcayde hũ grãde fidalgo Portuguez, q̃ chamauão Fernã Gõçaluez deSouſa, caſado cõ D. Tareja de Meira, aya q̃ foy daRainha D. Breatiz, q̃ então era de Caſtella, & dizẽ q̃ por cõſelho deſta ſua molher tomou elle voz cõtraPortugal, & ſe tornou Caſtellão, co-

como Gonçalo Vazquez deAzeuedo, & outros,& afora as gentes, que conſigo tinha,eſtaua no lugar por fronteiro Dom Garcia Aluarez ſenhor de Villa Garcia, Meſtre que depois foy de Sanćtiago com cento & vinte lanças, & outras gentes de Caſtellaõs. E eſtando aſsi o lugar por Caſtella receandoſe Fernam Gonçaluez dos moradores delle, tomoulhe as armas a todos, & pozeas no Caſtello. Aueyo hũ dia, q̃ os de Euora foram correr a Portel, & leuaram alguns gados, & priſioneiros,& Garcia Fernandez ſahio a elles com ſua gẽte,& os da Villa em ſua companha,& nam leuaram al,ſenaõ capas nos braços & pedras nas maõs. Garcia Fernandez quando aquello vio, oueos por boons,& diſſe a Fernaõ Gonçaluez, q̃ lhe nam parecia rezam aquelles homẽseſtarẽ ſem armas daquella guiſa, ca,poſto q̃ algum bẽ quizeſſem fazer, naõ tinham com que,& q̃ pareeia mui mal,hindo com elles com capas nos braços, & pedras nas maõs. Aſſi q̃ por eſtas,& outras palauras q̃ lhe ſobre ello falou, ſe demoueo Fernão Gonçaluez a lhe dar as armas. Em eſte logar de Portel auia hum clerigo de miſſa,q̃ chamauam Iohão Matheus, & deſejaua muito;q̃ a Villa eſtiueſſe por Portugal,& tiueſſe voz pelo Meſtre, & penſou em ſeu coraçaõ,q̃ eſto ſe poderia fazer bẽ, auendo chaues contrafeitas pera abrir as portas, quando elle quizeſſe, & tomou cera, & pozea ſobre as fechaduras,& foyſe eſcuſamente a Euora, onde Nuno Aluarez eſtaua,ao qual falou da maginaçam, q̃ cuidaua, & tinha, & como ſe queria trabalhar dauer chauesfeitas pera abrir as portas de noite, & depois, que as concertadas tiueſſe, que lho faria ſaber. Nuno Aluarez lho agardeceo muyto, como aquelle, que hauia grande deſpeito, porque eſtaua Portel por Caſtella, & porque era lugar de ſua fronteira, & onde elle muyto comarcaua, diſſe que ſe trabalhaſſe de o poer em obra, & que o Meſtre lhe faria por ello muitas merces. O clerigo mandou fazer as chaues em Euora, & foyſe com ellas a Portel muito encubertamente, & foram feitas, de guiſa que desfechauam as portas, em que elle tinha falado com Iohão Longo, & outros que eram velas ſobre aquella porta, a que muyto prazia dello. E Nuno Aluarez foy ledo com taes nouas, & acordaram que a hũ dia certo partiſſe ao ſeram com ſuas gentes,& andaſſe aquellas ſeis legoas de tal guiſa, q̃ amanhe-

ceſe alta madrugada acerca da Villa: aſſi que a noite os cobriſſe da viſta do lugar. E o final certo pera chegar ſeguro ás portas, ſeria eſte. Por quanto a rolda dos Caſtellãos andaua pelo muro requerendo as velas, & poderia ſer que á chegada da porta ſeria elle entam preſente, a qual couſa era gram perigo, por tanto, quando a rolda vieſſe acerca daquella porta, q̃ elles brádarnaõ altas vozes apupando: *Ex a Rapoza vay* & q̃ eſtonces eſtiueſſem quedos, & nám moueſſem nada, & que brádaſſem nomeando *Rapoza*, q̃ entaõ moueſſem àpreſſa, & acharíam as portas abertas. E eſto aſſi ordenado, Nuno Aluarez ſe percebeo dalgũas gẽtes, não moſtrando ſua tenção pera hu era, & partio hũ dia de Euora ſobre a tarde, & leuou caminho de Euoramonte, bem hũa legoa da Cidade, & depois tomou por hũa Ribeira a fundo, & atraueſſando sẽpre ſem caminho, atè que foy ſahir á eſtrada, que vay pera Portel a hũ lugar, q̃ chamão Torre dos Coelheiros, que ſhõ dahi tres legoas, & eſtonce folgarão hũ pouco, & algũs dormirão. Deshi caualgarão, & forão de geito, q̃ ante da manhaa bom eſpaço, chegarão aperto do lugar, & ſendo a noite aſſi cerrada, & elles cõ tal aſocego, q̃ os da Villa não ſoubeſſem deſto parte, alli deſcaualgarão todos, & ſe puzerão a pé terra com os bacinetes na cabeça, e ſuas coſtumadas armas com as lanças nas mãos, & começaram de andar outra vez, o mais encubertamente, que ſe fazer pode. E os da Villa, q̃ deſto tinhão eſperto cuidado, como ſentirão que erão acerca, & viram vir a roldá pelo muro apupando. *Ex a Rapoza vay, ex a Rapoza vay*; que era certo final antre elles, & depois que a rolda pouzou já longe começaram elles de cantar, & dizer outras rezoens. O clerigo Iohão Matheus, que de abrir as portas tinha maior cuidado, que de rezar as matinas, foy logo muy paſſamente a ellas, abrioas, & a gente de Nuno Aluarez começãdo de entrar, alguns Caſtellãos, que eſtauaõ com as velas, ouuerão delles já quanto ſentido, & começaraõ debràdar, dizẽdo *Armas, armas. Caſtilla, Caſtilla.* Nuno Aluarez. vẽdo q̃ era deſcuberto, mãdou dar às trõbetas. Garcia Fernãdez, & todolos ſeus ſẽtirão a couſa como era, & acolherãoſe ao Caſtello, delles em camiſa, e outros malveſtidos, o mais áprel ſa, q̃ ſe fazer pode. E eſte Garcia Fernãdez quizera Nuno Aluarez auer por priſioneiro, ſe tão cedo

não fo-

fora deſcuberto, & cobrarão os ſeus todalas armas, & beſtas de todos os Caſtellaõs, & todo quã to tinham, que naõ poderam ſal uar nada.

CAP. 158. *Como entregaram o Caſtello a Nuno Aluarez, & ſe foy Fernão Gonçaluez pera Caſtella.*

FERNAM Gonçaluez, que no Caſtello eſtaua, como diſſemos, era o mais ſoberboſo homem que em Portel auia, & muy ſolto em ſuas palauras, & quando vio tal obra ficou eſpantado, entendendo bem que os do lugar ázarão aquello, mas nam ſoube remedio, que fazer a tal feito. Aſoſſegados todos, & roubado todo quanto acharam, mandoulhe Nuno Aluarez dizer, q̃ lhe deſſe aquelle Caſtello pera o Meſtre ſeu ſenhor, ſenaõ foſſe certo, q̃ o cõbateria logo, e orõperia por tres partes. Fernaõ Gonçaluez, pero eſtiueſſe aſſaz nojoſo, nam leyxou de vzar daquello, que por natureza tinha, & deu logo em repoſta a quem lhe eſto diſſe. *Dizey a Nuno Aluarez, que deuia pezar a Deos com tanta ſoberba, & ameaça, que ainda que o Caſtello de Portel foſſe braga de panos de França, q̃ tem tres buracos, nam romperia tão azinha, como elle diz q̃ romperá eſte Caſtello. Ora vós hi, & dizei, q̃ auerei meu conſelho.* E eſſe dia gẽte de Nuno Aluarez & algũs de Beja, q̃ eram com elles, depois q̃ cearam, ſem lho mãdando nenhũ, ſupitamente ſem outra ordenança, começaram de combater o Caſtello, bradando que pozeſſem fogo ás portas. Fernão Gonçaluez, quando vio aqueſto diſſe contra os ſeus em ſabor. *Viſtes nunca mais eſtranha couſa q̃ eſta, que por ter combate Portel.* E eſto dezia elle por a abondança q̃ dos muitos bons vinhos, q̃ ha em aquelle lugar, dando a entender, q̃ beberaõ mais do q̃ lhe compria, & por tanto ſe demouerão a fazer aquello. Nuno Aluarez mandou então, q̃ nam combateſẽ mais, ca poderiaõ perecer algũs, ſem podendo fazer couſa, q̃ muyto aproueitaſſe. Entaõ mandou Fernaõ Gonçaluez rogar, que lhe prouguеſſe de falar á ſalua fé. Nuno Aluarez diſſe, que lhe aprazia, & falarão ambos á beira do Caſtello, que he contra a porta de Beja, na qual fala Nuno Aluarez, por reduzir ao ſeruiço do Meſtre a Fernam Gonçaluez: que ſe marauilhaua muito de ſer tam bõ fidalgo, e de

grande linhagem, deshi lidimo Portuguez, como era, & alem de ſto ſer ſenhor daquelle logar, & de Villalua, & de Villaruiua deixar todo por dar Portel a El Rey de Caſtella, deixando o certo pelo incerto: que lhe parecia que não ouuera bom conſelho, porém nam embargando eſto, ſe a elle prouguеſſe de tomar voz por ſeu ſenhor o Meſtre, que elle haueria com elle, que lhe deſſe todolos outros lugares, & lhe fizeſſe muytas merces. Fernam Gonçaluez reſpondeo, & diſſe: q̃ noſſo Senhor ſabia bem que rependido era doq̃ tinha feito, mas q̃ ja de outra guiſa não podia ſer ſenão ſeguir adiante o que começàra, mas que lhe rogaua que fizeſſe cõ elle, & cõ os Caſtellãos algũ preitejamento, q̃ rezoado foſſe. Nuno Aluarez diſſe, q̃ falaſſe elle com Dom Garcia Fernandez & com os outros, & ſegundo a preitezia, que pediſſem, aſſi lhe reſponderia. Tornou Fernão Gonçaluez pera o ſeu Caſtello, & logo o outro dia lhe mandou dizer, que os leixaſſe hir em ſaluo pera Caſtella com todo o ſeu, entregandolhe, o que lhe tomado tinhão, & que lhe darião o Caſtello, com tanto, que lhe fizeſſem juramẽto. A Nuno Aluarez aprouue eſto, & fez aquelle juramẽto, que lhe foy requerido, antre os quaes, que eſto jurarão foy Fernão Pereira ſeu Irmão, q̃ era hi com elle. Eſtonce mãdou Nuno Aluarez entregar a Garcia Fernandez, & a Fernam Gonçaluez todo oque foy achado, que era ſeu, ſaluo hũa cotta, & hũa eſpada de Dom Garcia Fernandez, que Fernão Pereira eſcondeo ſem ſabendo Nuno Aluarez parte. Eſto aſſi feito Fernão Gonçaluez com ſua molher, & com todolos outros ſe fizerão preſtes pera ſe partirẽ. Nuno Aluarez mandou com elles pera os poerem em ſaluo em Caſtella hum bom eſcudeiro de Euora, que chamauão Diogo Lopez Lobo. E quando Fernam Gonçaluez, & ſua molher oueram de partir da Villa, però pouco prazer tiueſſem, começou a dizer, que lhe chamaſſem as trombetas pera tanger, dizendo a ſua molher. *Anday, anday por aqui boa dona, hiremos baylando vôs, & eu ao ſom deſtas trombetas, vós por puta velha, & eu por Vilão, que aſsi o quizeſtes vós, ou cantemos deſta guiſa. pois Maria baylhou tome o que ganhou, milhor era Portel, & Villa Ruyua, q̃ não Cacella, & Segura, tome o q̃ ganhou, dona puta velha.* E eſto dezia elle, porq̃ perdia Portel, e Villa Ruyua, & dauãolhe em Caſtel-

Caſtella Cacellà,& Segura. Deshi eſta voz,q̃ tomára,era fama q̃ ſua molher o demouera que o fizeſſe. E eſtes ſabores, & outros hia dizendo Fernam Gonçaluez,em quanto foy pella Villa, & pelo arrabalde. Deshi caualgaram,& foramſe caminho de Caſtella, & Nuno Aluarez poz ſegurança, & regimento no Lugar,qual cõpria, & tornouſe a Euora.

CAP. 159. *Do nome de alguãs peſſoas,que ajudaram ao Meſtre a defender o Reyno.*

POIS eſta obra he cõpilada, ſegundo a pouquidade de noſſo engenho, anos parece ſer dina couſa,& boa, que aquelles,que foraõ companheiros ao Meſtre em ſeus grandes, & virtuoſos trabalhos, ouueſſem quinham dalgũa relembrança, que ſomente ficaſſe em eſcrito, ca ſe o eſcorregamento dos grandes tempos gaſta a fama dos excelentes Principes, muito mais alongada idade ſoterra os nomes das outras peſſoas dentro no moimento cõ elles. E porque em começo de ſeus bons feitos o Meſtre ouue fidalgos, & Cidadaõs, que o bem,& lealmente ſeruiram, pondo os corpos, & vida por hõra do Reyno, injuria nos parece q̃ ſeria feita leixalos cair em perpetuo eſquecimẽto. Ca aſſi como eſte ſenhor,de que falamos,com grande largeza de eſpeciaes doẽs galardoou todos ſem ficar nenhũ,aſſi deueram os velhos autores fazer delles algũa menção, a qual nos parece, que deuera ſer deſte geito. Nomear primero que fidalgos de linhagem em tempo tam duuidoſo ſe vieram pera o Meſtre, & ficaraõ com elle pera o ſeruir; depois os Alcaydes dos Caſtellos, q̃ tiuerão voz por Portugal ſem fazer mudança: deshi os moradores, & filhos de Cidadãos de Lisboa,q̃andaraõ em ſeu ſeruiço. E querendonos ſocorrer a tal mingoa, & a outras,em que os antigos não compriaõ noſſo deſejo, achamos, que ſe não pode já inteiramente fazer,que enuelhecendo os nomes de taes morreo a claridade de ſua nobreza. Quem quereis vòs que tire já agora de eſcuridaõ de tantos annos os nomes daquelles, que outras teſtimunhas naõ tem, ſaluo eſquecimento, & cinza, q̃ adur pode ſer achada? Quem cudaes q̃ ſe não enfade de reuoluer cartorios de podres eſcrituras, cuja velhice, & deſfazimento nega o que homem queria ſaber? Quẽ

achára tantos bitafes antigos, q̃ os moymentos, em que ſam eſcritos dem teſtimunho de quem jaz em elles? E quem contentará vontades alheas em tam deuiſos de homens, de guiſa, que a tod os apraz ao que dizer queremos? Certamente he couſa impoſſiuel, porèm com trabalho, não copioſamente por ſe arremedar como ſe deuera fazer, o proceſſo deſte ſerà muy breue, nomeando alguns fidalgos, que cõ elle ficaraõ, deshi de Lisboa certos Cidadãos, pois ella foy madre, & cabeça de todos eſtes feitos, poſto que delles tenhamos ſeus nomes em algũs lugares deſte liuro poſtos, que aqui juntamente acharão eſcritos aquelles, que percalçar podemos. De guiſa que, como no começo deſta obra nomeamos fidalgos alguns, que ao Conde Dom Anrique ajudarão aganhar a terra aos Mouros, aſſi neſte ſegundo volume diremos alguns poucos, que ao Meſtre foraõ companheiros em defender o Reyno de ſeus imigos, onde naõ eſcreuendo por ordem de fidalguia, mas como a mão quizer mouer a pena. O primeiro neſta ladainha ſeja o mui nobre Nuno Aluarez Pereira, gloria, & louuor de todo ſeu linhagem, cuja claridade de bem ſer uir nunca fez eclypſe, nem perdeo ſeu lume. E naõ ſomẽte ainda Nuno Aluarez, mas por breue, & ſolazoſa comparação, elle, & os da ſua companhia deuem ſer poſtos primeiro, que outros, porq̃ aſſi como o Filho de Deos depois da morte, que tomou por ſaluar a humanal linhagem, mandou pelo mundo ſeus Apoſtolos prégar o Euangelho a toda a criatura, pela qual rezam ſam poſtos em começo da ladainha, nomeando primeiro Sao Pedro, aſſi o Meſtre ſe poz a morrer, ſe comprira por ſaluaçã̃o da terra, que ſeus auós ganhatão. Enuiou Nuno Aluarez, & ſeus companheiros, a prègar pelo Reyno o Euangèlho Portugues, o qual era, que todos creſem, & tiueſſem firme o Papa Vrbano ſer verdadeiro Paſtor da Igreja, fora de cuja obediencia nenhum ſaluar ſe podia & com iſſo ter aquella crença, q̃ ſeus Padres ſempre tiuerão. ſ. gaſtar os bens, & quanto hauiam, por defender o Reyno de ſeus imigos, & como por manter eſta fé eſpargerão ſeu ſangue, atá a morte. A qual pregação Nuno Aluarez, & os ſeus fizeraõ por palauras, & obras tam compridamẽte; que alguns delles, como depois vereis, forão mortos por a defender. E porém leixemos alguns

guns dos que jà diſſemos, quando Nuno Aluarez partio de Liſboa, & muytos, que ſeria ſobejo de eſcreuer. Eſtes ſeguintes auondem por hora. ſ. Do Reyno do Algarue. De Tauira, & de Farão. Rodrigo Affonſo de Aragão, Vaſcoeannes pay de Vaſcoeannes Cortereal, Gonçalo Arraes, Nuno Velho, Pero Affonſo de Ancora, Iohão Fernandez Gargantà, Gonçalo Vazquez Barão, Payo Pereira. De Loulé, & de Sylues Vaſco Affonſo Alcayde mór do lugar, & Iohaõ Vazquez ſeu Irmão, Gonçalo Gomez Barreto, Lopo Eſteuens. De Tayra, & de Albufeira, Rodrigo Aluarez Bauzaõ, & Fernaõ Pirez Banha, Gonçalo Nauarro, Iohaõ Delgado. E de Bèja, & do Campo de Ourique. Martim Gomez Comendador mòr de Sanctiago, Rodrigo eannes Selandino, & Aluoro Affonſo de Negreiros, Vaſco Lourenço Monteiro, Gõçalo Nunes Alcayde mór do lugar, Mendafonſo de Beja, Iohão Nunes de Brito. De Serpa, & da Coutada. Egas Lourenço Raposo, & Pero Rodriguez, & Lopo Aluarez filhos de Aluoro Gõçaluez de Meira, & Lourenço de Arrayolos, & Iohão Gomez de Moura, Pero Eſteues pay de Payo Rodriguez, Lopo Soarez, Sueiro Aluarez Deluas, Pero Martins Alcoforado. De Iurumenha, & do Alandroal. Iohão Gomez. De Villa Viçoſa, & de Eſtremoz, Lourenço Gonçalez, Gonçalo Gonçaluez, Affõſo Pirez do Rego, Lopo Gonçaluez Alconena, Fernam Lourenço Gyleannes, Gõçaloeannes Frãdino, Mendafonſo, Aluoro Martins de Aluarenga. De Euora. Fernam Gonçaluez Darca o velho, Iohaõ Fernandez o velho, Iohaõ Fernandez ſeu filho, Diogo Lopez Lobo, Fernam Lopez Lobo, Martim Lopez Lobo, Eſteuam Fernandez Lobo, todos quatro Irmãos, Rodrigo Affonſo Pimintel, Iames Lourenço, Iohaõ Pirez filho da ama, Martim Cotrim, Fernam Martins Brãdaõ, Gomez Martins Cozagal, Affonſo Lourenço. Do Vimieiro. Iohaõ Affonſo da Rigueira, Iohaõ Farto, Martim Vicente Vilhalobos, Fernaõ Gonçaluez Façanha. De Portalegre, & de Montemor. Martim Gõçaluez tio do Conde Nuno Gonçaluez de Moraes, Lourenço Mẽdes, Lourençoeannes Azeiteiro, Vaſco Gyl, que foy Corregedor, Iohaõ Lourenço Carualho. De Alcacere, & de Setuuel. Rodrigo eannes Carualho, Martimeannes. Em Lisboa. Iohaõ Vazquez de Almada, Pedreãnes Lobato, Vaſcoeannes Leitaõ filho de Eſteuam

Leitaõ

Leitaõ neto do Meſtre de Chriſtus, Dom Eſteuam Gonçaluez, Affonſo Pirez da Charneca, Antam Martins, Iohaõ Aluarez de Faria, Eſteueannes Berbereta, Iohaõ Eſteues Correa, Lopo Affonſo dagoa, Lourenço Affonſo ſeu Irmaõ, Affonſo Dias de Sayauedra, Iohaõ Lobato, & outros, que contamos em ſeu logar, os quaes naõ compre ſerem repetidos, mas podemos muy bem dizer, & apropiar que aſſi como noſſo Senhor IESV Chriſto ſobre Pedro fundou a ſua Igreja, dandolhe poderio que aquelle, que ligaſſe, & abſolueſe na terra ſeria ligado, & abſolto nos Ceos, aſſi o Meſtre, que ſobre avontade, & esforço de Nuno Aluarez fundou a defenſam daquella Comarca, lhe deu liure, & izento poder que elle podeſſe poer Alcaydes, & tomar, & quitar menagens, & dar bens moueis, & de ráiz, & pertenças, & todolas outras couſas, aſſi que perfeitamente, çomo o Meſtre, & dellas vzar poderia: E que aquellas couſas, que Nuno Aluarez por ſuas cartas deſſe, o Meſtre as não deſſe depois a outrem, & aſſi ſe guardaua ſem poer mais duuida, de guiſa, que como a dada de Nuno Aluarez ſe moſtraua ſer feita primeiro, logo o Meſtre mandaua, q̃ ſe cerraſſe a ſua, dizendo, que ſua merce era, de não ir contra nenhuma doação, que Nuno Aluarez fizeſſe a algũa peſſoa, mas confirmalo, & mátelo em ella. E aſſi o fez a Nuno Aluarez de Moraes, a que deu os bens de Gonçalo Mendez de Oulioeira, que Nuno Rodriguez de Vaſcogoncellos auia em Euora, & em Arrayolos, & outros muytos, que não comprem de eſcreuer. E outros honrados diſcipulos ſe chegarão depois a Nuno Aluarez pera lhe ajudar à prègar eſte Euangelho Portugues, cuja perſeueração foy a elles, & a ſeu linhagem ſobir a grande hõra, & acrecentamento, aſſi como foy o Almirante mòr Carlos, & Aluoro Pirez de Caſtro, & Martim Affonſo de Mello, & Affonſo Vazquez Correa, & Gonçaloeannes de Caſtello da Vide, & outros, que não vão eſcritos em eſte liuro.

## CAP 160. *Dos nomes de algũs fidalgos aſsi Portugueſes, como Caſtellaõs.*

POR ſemelhauel comparaçaõ podemos em outra parte nomear por valeroſos os moradores de Lisboa, & aquelles, que com o Meſtre eſtiueraõ em

sua companhia,& esto com justa rezam, porque naõ somente sam fortes, & valerosos os que padecem por naõ adorar os Idolos,mas ainda aquelles, que dos herejes scismaticos saõ perseguidos por naõ desemparar a verdade, que tem; Ese quer dizer testimunha,bem testimunhas saõ os de Lisboa dos que no cerquo morreraõ, desuas tribulaçoens, & padecimentos,porem ella como Cidade viuia de Rey, tendo entam o Mestre por seu defẽsor, & esposo,podemos fazer pergunta dizendo *O Cidade de Lisboa famosa antre as Cidades fortes, & esteo,& coluna, que sostem todo Portugal,que jando he oteu esposo,& quaes foram os valerosos, que te acompanharam em tua perseguiçam, & dorido cerquo.* Ella respondendo pode dizer. *Seme perguntaes de que parte decẽde Del Rey dom Affonso o quarto he neto,a altura de seu corpo de boa, & rezoada grandeza, & acomposiçam dos menbros em bẽ ordenada igualdade, com graciosa, & honrada presença,de graõ coraçam,& ingenhosos feitos, que aminha defensam pertencem , & todo meu bem he posto em elle. Os valerosos, que o acompanharam foram duas maneiras. Huns vendo a boa entençam, & justa querela, que eu tinha em defender o Reyno de seus mortaes imigos, publicamẽte foraõ cõuertidos,& recebendo tal querença em seus coraçoẽs,chegandose amim por serde lles ajudada segundo de praça mostrauão, mas depois a breues dias indozidos de todo por esprito de Satanas, & maoconselho dos falsos Portugueses,poucos, & poucos leixaram seu bom proposito,tornando a fazer seus sacrificios , & adorar os Idolos,em q̃ante criam. E de alguns delles esto fazerem sem dando tal fruito, quaes folhas mostrauam suas palauras,sam tãto de culpar, porq̃ eram jà enxertos tortos nados , & de azambujeiro brauo, assi como o Conde Dom Anrique Manoel,o Conde D. Pedro Affonso seu Irmaõ, Iohaõ Affonso de Beja, Gonçalo Tenreiro, q̃ se chamaua depois em Castella Mestre de Christus, Affonso Tenreiro seu Irmam, Vasco Pirez de Camoẽs, Lopo Gomez de Lira, & outros taes, mas aquellas vergonteas direitas, cuja nacença trouxe seu antigo começo de boa, & mansa oliueira Portugueses, esforçandose de coraçam,& aruores q̃os criou mudando seu doce fruito em amargoso licor,isto he de doer, & chorar assi como o Almirante Micer Lançarote,& Dom Gonçalo Telles Conde de Neiua Do*

Iohaõ

Iohaõ Afonſo Tello Conde de Barcellos, o Cõde de Vianna filho do Cõde Velho, D. Pedro de Caſtro, D. Affõſo ſeu Irmaõ, D. Pedraluez Priol do Eſprital, Diogo Aluarez ſeu Irmaõ, Martim Affõſo de Mello Rico home, Fernam da fonſo de Mello ſeu filho, Fernam Gonçaluez de Souſa, Gonçalo Rodriguez de Souſa, Ayres Gonçaluez de Souſa ſeu Irmaõ, Gonçalo Vazquez de Azeuedo, Aluoro ſeu filho, Pero Lourenço Bubal, que ſe chamaua Arcebiſpo de Braga, Pero Rodriguez da fonſeca, Gõçaleannes da Fonſeca, Martim Gonçaluez de Ataide, Garcia Rodriguez Taborda, Fernam Dãtes Alcayde de Mertola, q̃ ſe chamaua em Caſtella Meſtre de Sanctiago de Portugal, Vaſco Dantes ſeu Irmão, Aluoro Mẽdez de Oliueira, Gonçalo Mẽdez de Oliueira, Payo Marinho, Gõçalo Marinho, Diogo Botelho, Vaſco Botelho, Iohão Rodriguez Portocarreiro, Iohão Vazquez Pimentel, Martim Correa, q̃ tinha o Caſtello da Feyra, Aluoro Gonçaluez de Carualho, Gyl Aluarez de Carualho, Fernam Gonçaluez de Meira, Vaſco Porcalho, Iohão Gonçaluez Teixeira Vaſco Gomez de Abreu, Ruy Vazquez Milhão, Vaſco Gonçaluez de Viegra, Vaſco Gonçaluez de Dornes, Manoel Rodriguez ſeu Irmam, Nuno Garcia de Chaue Pero Mendez Comendador de Almada, Vaſco Madeira, Eſte ueannes de Beja o moço, Aluoro Fernandez Churricham, Iohan Martins Doutel, que eſtando depois com El Rey na batalha ſe lançou com os Caſtellãos, & aſsi muitos outros, hum gram capitulo. E ſe algum diſſer por todos eſcuſa, q̃ ſe huns, & outros ouueram do Meſtre bom gaſalhado moſturado cõ merces, q̃ muito queria aos fidalgos coraçoẽs, e os tortos enxertos, e vergonteas, ncuas todos deram ſaboroſo fruito. A eſto paſſo bem reſponder, que tam gracioſo gaſalhado, nem mais doce companhia ſer achada em outro homem de lhe fazer grandes merces, ſegundo q̃ cada hum era, de ſobejo podia ſer prazmudo, mas de muyto pouco nam. de guiſá, que mais parecia, que fora elegido pera largo deſtribuidor dos bens, & terras do Reyno, que pera ſer defenſor delle. E deſto ſeram boas teſtemunhas os liuros dos grandes daquelle tempo ſe foſſe neceſsario de buſcarem, & aſsi que nenhuma couſa do que pertencia á criaçam dos fidalgos comçoens faleceo a todos, que nam foſſe feito, mas os enxertos nam quizeram prender, & aſsi vergonteas mudaram ſua natureza, como acontece algumas vezes, que

*os bacelos de boa casta tornamse emoutras muito contrairas, sem culpa daquelle que o prantou. Epo rem taes caualleiros, como nomeey, nam quizera postos em meu calandario, senam foraas boas promagens, que desy lançaraõ; de que o Mestre meu senhor foy depois bem seruido, & guardado, & o Reyno defeso, & emparado de seus imigos, & contrairos.*

CAP. 161. *De alguns fidalgos, & Cidadaos, que ajudaram ao Mestre a defender o Reyno*

AOVTRA maneira dos fortes, & valeros cuja relembrança deue dedurar pera sempre, foram aquelles, que cõ limpa entenção sem dobreza de palauras estiueraõ fortes com grande firmeza, nam se mouendo por nenhũas pessoas, nem ameaças do que começado tinham, osquaes se ja todos nam podem achar por ficarẽ em memoria. Eposto que se todos achar podessem fariaõ taõ gram processo, que mais seria de sobejo, que de necessario, & bem ordenado. Porem estes poucos, que aqui sam postos, naõ por ordem de fidalguia, como jà dissemos, mas feito de alguns este piqueno feixe, como se milhor apanhar poderam, fique por sy, & por todos os outros. I o Mestre de Sanctiago Dom Fernamdafonso de Albuquerque filho bastardo de Dom Iohaõ de Albuquerque, o qual se veyo pera o Mestre, & lhe offereceo as terras do Mestrado; Dom Lourençoeannes Fogaça, o Doutor Gyl Docem, o Doutor Iohaõ das Regras, o Doutor Martim Affonso, que depois foy Arcebispo de Braga, Diogo Lopez Pacheco, que em tempo tam duuidoso se veyo de Castella com seus filhos Iohaõ Fernandez, & Lopo Fernandez, & Fernam Lopez, por se lançarem com o Mestre, Iohaõ Rodriguez Pereira filho de Ruy Vazquez Pereira, Ruy Pereira, que morreo na frota, Fernam Pereira Irmam de Nunaluarez Pereira, Rodrigaluarez seu Irmam, Gil Vazquez da Cunha, Lopo Vazquez da Cunha, Martim Rodriguez de Vascogoncellos, & Ruy Mendes seu Irmaõ, que leixarão Gonçalo Mendes seu padre em Coimbra, & se viérão pera o Mestre, Lopo Dias de Azeuedo, que leixou todos seus bens, & se veyo pera o Mestre, pera o seruir, Iohão Gomez da Sylua, que leixou seu pay em Montemor o Velho, onde estaua, & se foy ao Porto

Porto meter na frota,&veyo em ella ao cerco pera o Meſtre, Iohão Lourenço da Cunha, que ſe veyo de Caſtella pera o Meſtre, Aluoro da Cunha ſeu filho, Aluoro Pirez deCaſtro,Ayres Gonçaluez de Figueiredo, Iohão Rodriguez de Saá,Fernam Vazquez de Reſende, Ruy Freyre,Gomez Freyre ſeu Irmaõ,Pero Lourenço de Tauora, Ruy Lourenço ſeu Irmão,Iohão Lourenço dePenella, Vaſco Martins de Saà, Sancho Gomez do Auelar,Lourenço Martins do Auelar,Vaſco Rodriguez Leitam, Aluoro Leitaõ ſeu filho, Fernam Rodriguez de Siqueira, Lopo Vazquez de Siqueira, Fernamdaluarez de Almeida, Gomez Garcia de Foyos, Rodrigoeannes de Barbuda,Iohão Rodriguez da Motta, Gyl Eſteuens Doutrim, Pero Fogaça, Pedraluarez de Pedra alçada,Nuno Viegas, Aluoro Vazquez de Goes. Algũs fidalgosCidadaõs dos moradores, aſſi caualeiros,como eſcudeiros, foram eſtes, que ſe ſeguem. Martim Affonſo Valente, Eſteuam Vazquez Felippe, Gyl Vazquez Fariſeu, Affonſoeannes Nogueira,Antaõ Vazquez,Aluoro Paez, *D*iogo Aluarez ſeu filho,Gonçalo Pirez, que depois regeo a Caſa do Ciuel,Affonſo Furtado Geral, Martim de Lemos, Gomez Martins de Lemos ſeu filho,Ayres Vazquez de Alualade, Ruy Caruõ,Gõçalo Gõçaluez Borges,Fernam Gonçalues da Ameixoeira,Pedrafonſo do Caſal, Vaſco Queimado, Affonſo Eſteues da Azambuja, Iohaõ Affonſo ſeu filho, que depois foy Cardeal, Gonçalo Vazquez Carregueiro, Iohaõ Diaz Torrado, Lopo Affonſo do Quintal, Eſteueannes da Gram, Lopo Affonſo Donzel Franciſco Domingez de Beja, Iohaõ da Veiga o Velho,SilueſtreEſteues,AffonſoEſteues ſeu Irmaõ, Martim Lourenço pay do Doutor Gyl Martins,Affonſo Lourẽço ſeu Irmaõ, Martim da Veiga, Iohaõ Pirez Canelas, Diogo Affonſo, Iohaõ Affonſo ſeu Irmaõ, Martim Aluarez,Eſteueannes da Barbuda,Affonſo Martins de Goruzo, Nuno Fernandez de Chaues, Pedrafonſo do Caſal,Martim Gonçaluez Rombo,Gonçaleannes do Valle,Aluoro Vazquez da Veiga,Diogo Gonçaluez da Veiga,Iohan Pirez da Veiga, Fernamdaluarez pay do Doutor Ruy Fernandez, Aluoro Lopo das Regras, Affonſo Martins do Paõ,Ruy Portella, Gonçalo Dias Barroſo,Rodrigo Affõſo Barreteiro, Eſteueannes Lobato, Diogo Aluarez de Santo Antonio. Outros muytos caualeiros teue pe-

lo

lo Reino,que ſoſtiueraõ em hũa tençaõ fielmente, mas dos que ſe acertaram com o Meſtre em meu padecimento certo foy minha tẽçaõ leixar hũs poucos em eſcrito poſtoq̃ amemoria demuitos delles ſe aja de perder de todo,mas porq̃ muitas vezes o bõ propoſito he eſcorregadiço,& de pouca dura,& o juſto cadadia cae ſete vezes,& outras tantas ſe leuanta,& naõ he marauilha ſe algũs fidalgos dos que antes nomeey, deſpois de eſtremados ſeruiços, que ao Reyno fizeraõ cahiram do ſeu bom eſtado,partindoſe do que começado tinham por humanal fraqueza, & deſuairaçam dos tempos.Aquelles,que foram verdadeiros Portugueſes, & ao Meſtre leaes ſeruidores,aſſi eſtonces, como depois, foram poſtos em grãdes honras, & acrecentamentos,como bem ſepode eſcreuer, & quem no conto deſtes caualeiros, & esforçados naõ achar ſeu pay, ou Irmaõ, ou algum parente, a que gram bem queira, naõ doeſte porem eſta obra com gram trabalho ordenada,aqual a todos naõ pode comprazer,nem contentar,aſſi como o vento nam pode comprazer a deſuairados mareantes, mas aja aquella paciencia, q̃ os Sanctos ouueraõ, que naõ ſaõ poſtos na ladainha,nem na ſacra, que ſe diz em a miſſa.

CAP. 162. *Dos nomes de algũs lugares, que tiueram voz por Portugal.*

DEIXADOS taes caualleiros, & tam valeroſos nomeados,conuem outra vez que perguntemos á Cidade de Lisboa dizẽdo:ô muy nobre Cidade de Lisboa,vida, & coraçam deſte Reyno,purgada de todas fezes em o fogo da lealdade. Pois que jaſabemos alguns caualeiros dos q̃ por ti padeceram.Hora vejamos quaes foram os fieis,que te fizeram clara entre as gentes confeſſando ſempre tua tençaõ ſem deſfalecer nelles tal fè. E ella reſpondeo a tal pergunta podendo dizer deſta guiſa. Os que confeſſaram comigo o Papa Vrbano ſer verdadeiro Paſtor, & o Meſtre Regedor,& Defenſor deſtes Reynos foy a boa, & leal Cidade do Porto,que muito trabalhou comigo neſte taõ forte negocio, moſtrando grandes ajudas, & deſpezas por manter a verdade, que eu defendi. E com ella Coimbra,Euora,aGuarda,Viſeu, & Lamego, & a Cidade de Tauira.

uira. E deshi Irmamente com eſtas no Reyno do Algarue a Cidade de Sylues, Caſtromarim, Faraõ, & outros lugares daquelle Reyno, Sines Sanctiago de Cacem, Mouram, Serpa, Eluas, Monſaraz, Portalegre, Arronchas, Fonteira, Portel, Euoramonte, Eſtremoz, Caſtello de Vide, Auiz, Mõtemor onouo, Setuuel, Palmella Almada, Amieira, a Certaam, Penamacor, Pinhel. Monſanto, Trancoſo, Linhares, a Louſaam, Celorico, Moncoruo, Miranda, Freixo de eſpadacinta, Villa flor Celorico de Baſto, Abrantes, Thomar, Soure, Pombal, Alcanede. E aſſi alguns logares ſemelhantes aeſtes. E todolas outras me deſempararam humas por fraqueza de coraçam, & dellas por naõ bons Portugueſes, outras por força de tormento, que ſoportar naõ podiaõ, fazendo alguns de mim eſcarnio, & da tençam que tomaua, por ſahir da ſogeiçam, aque noſſos imigos por força obrigar queriaõ. E em eſtas aqui nomeadas foram os meus fieis, que sẽpre confeſſaram a voz, que eu tinha, ſendo minhas companheiras nas preſſas, & tribulaçoens do Reyno, me deſpuz apadecer eu aſſim viuua, & deſconſolada naõ tendo outro, que me empараſſe, ſenam o Meſtre, meu ſenhor, & eſpoſo, em que era minha grande fiuza, & eſperança. Iuntaramſe todas na Cidade de Coimbra, & alli me receberam com elle de praça, dandomo por Rey, & ſenhor, como depois ouuereis, oqual ſempre entendo de ſeruir, & amar, & ſer muito obediente, nam ſomente a elle, mas atodos os que delle decenderem em quaeſquer couſas, que me ſua merce mandar, & omeu bõ deſejo poder abranger.

## CAP. 163. *Da ſeptima idade, q̃ começou no tempo do Meſtre*

SEGVNDO noſſo falamento por dar fim ao que começamos em eſte paſſo deueis denotar que os q̃ eſcreueraõ as diferẽças do tẽpo, aſſi como Euſebio de temporibus, & Beda, & outros algũs, aſſinaraõ nomeando ſeis idades. A primeira de Adam atà Noé, que paſſaram mil, & ſeiscentos, & ſincuoenta, & dous annos, na qual ſe contiueram dez geraçoens, & perdeoſe toda por diluuio. E a ſegũda foi de Noé atá Abraham, cujo eſpaço foi duzentos e nouẽta eſeis annos, na qual ſe contiueram dez geraçoens. A terceira de Abraham atá Dauid, em que foram

foram catorze geraçoens, & durou nouecentos & quarenta annos. A quarta des Dauid, atá o meſpaſſamento de Babilonia, em que ouue outras catorze geraçoens, & durou tres mil, & ſetenta & tres annos. A quinta, des Dauid atá a vinda do Saluador, que conteue em ſy catorze geraçoẽs, & forão os annos della quinhentos, & nouẽta & noue. A ſexta, em q̃ hora andamos, q̃ ha quatrocẽtos e quarẽta e tres, q̃ dura não tẽ do certidão por annos na conta de geraçoens, mas cuidaõ alguns que fara fim, quando ſe acabar os ſegres, a qual dizem, que ha de durar ſeis mil annos, & q̃ ja eram paſſados por eſta guiſa, ſinco mil, duzentos nouenta & ſete. E aſſi ficão pera ſe acabar o mundo ſetecentos & tres annos. Aſſi que doutra idade deſta preſente vida nenhum ſe entremeteo de falar, ſaluo quando algũs diſſerão, que aſſi como Deos criara o mũdo por eſpaço de ſeis dias & no ſeptimo folgara, que aſſi a folgança das eſpirituaes almas, q̃ no Paraiſo auerião, ſeria a ſeptima idade Mas taes opinioens bem ſam de engeitar acerca dos entendidos, q̃ pois IESV Chriſto noſſo Senhor no Euangelho diz, que do poſtrimeiro dia nenhum nam era ſabedor, nem os Anjos do Ceo, ſómente o Padre, taes falamentos pouca parte tem de verdade, mas nòs com ouzança de falar, como quem já agora, por comparação, fazemos aqui a ſeptima idade, na qual parece ſe leuantou outro mundo nouo, & nova geraçam de gentes, porque filhos de homens de baixa condiçam, que nam compre dizer, por ſeu bom ſeruiço, & trabalho, neſte tempo foram feitos caualeiros chamandoſe logo de nouos linhagẽs, & appelidos; & outros ſe apegaram ás antigas fidalguias, de que já nam era memoria. De guiſa, que por dignidades humanas, & officio do Reyno, em que os eſte Senhor, ſendo Meſtre, & depois que foi Rey poz, montarão tanto ao diante em ſeus deſcendentes, que hoje em dia ſe chamam doens, & ſam teudos em gram conta: aſſi como o Filho de *D*eos chamou a ſeus Apoſtolos dizendo, que os fazia peſcadores dos homens, & aſſi muytos deſte, que o Meſtre acrecentou, peſcaram depois tanto pera ſy por ſeu grande, & honroſo eſtado. Que taes ouue hi, q̃ traziam conſigo vinte, & trinta de caualo em a guerra, que ſe ſeguio, os acompanhauam trezentas, & quàtrocentas lanças, & alguns fidalgos de linhagem Aſſi

que eſta idade, que diſſemos, que ſe começou no feito do Meſtre, a qua pela era de Ceſar, porque eſta Cronica he compilada, ha agora ſetenta annos, que dura, & durará até o fim dos ſegres, ou quanto Deos quizer, que todas criou.

CAP. 164. *Como o Meſtre foy por cobrar Cintra, & nam pode chegar, por azo da muyta chuua.*

SEGVNDO percalçar podemos neſtes derradeiros dias pofemos os nomes dos lugares, q̃ voz por certas peſſoas, que foram em ſeu defendimento, tinhão auido nam por tal memoria dos mortaes trazer conſigo algum eſpiritu de proueito, mas por dar azo dos que iſto ouuerem de ſeguir aos bons, & honroſos feitos, que os de ſeu linhagem gainharam grande, & notauel fama. Porque nam ha couſa tam certa, nẽ porque os homẽs milhor ſe auezem daquello, que aos outros caualeiros lhs pertencem eſguardar nas obras, porque os antigos floreceram, ou ouueraõ algum cõtrairo doutra guiſa delas homẽ ignorãte, & aſſi cego, & nos que ſam por vir, & porém nam elongando mais tal arrezoado breuemente, Deueis ſaber, que com alguns fidalgos, & Cidadãos dos que nomeamos, & parte doutra boa gẽte, começou o Meſtre ſeus grandes, & guerreiros trabalhos. E a primeira couſa, que ſe trabalhou de fazer, depois que ſe El Rey de Caſtella leuantou do cerco, aſſi foy auer os lugares derrador da Cidade, que por Caſtella tinhaõ voz, & teue tala com alguns de Cintra, onde eſtaua o Conde Dom Anrique Manoel por fronteiro, que ſam tiraõ legoas da Cidade, que lhe deſſem o Caſtello do lugar, que he hũa grande fortaleza em hum alto, & tragoſo monte, & a Villa ao pé delle, ſem nenhũa cerqua, que a defender poſſa E hũa ſegunda feira vinte & quatro dias do mes de Outubro, que era o dia antre elles deuiſado, pouco mais de hora de beſpera, mandou o Meſtre ſahir fora da Cidade, a hum rocio perto della, que chamauam Sancta Barbora, eſſes poucos de caualo, q̃ hi auia, & outras gentes darmas, & pioẽs, moſtrãdo, q̃ queria fazer alardo. E depois, q̃ alli torãõ jũtos, apartou deſſes fidalgos, aſſi como o Cõde D. Gõçalo, & o Arcebiſpo Dom Lourenço, & da outra gẽte, quãta lhe a prou

gue

gue de leuar, & os outros tornaraõ pera a Cidade, & dalli partio com elles nam ſabendo nenhũ pera onde elle hia, ſaluo a quelles, que com elle falaram. E a mór parte delles moutaraõ de pé, por mingoa de beſtas, q̃ naõ tinhaõ por azo do cerco, em q̃ foraõ poſtos. Em elles hindo pelo caminho, naõ muy longe da Cidade, naceraõ no Ceo hũas leues nuues cõ eſcuro emburilhamẽto, molhando a terra de ligeiros orualhos, & crecendo mais ſua eſpeſſura foy aſſi o ar cuberto de ceguidam chuiuoſa, que a noite moſtrou ſua grande triſteza antes das horas pertẽcẽtes. Os mõtes começaraõ de ſe lauar com multidaõ degroſſas chuiuas. E de cẽdo as eſtradas ſeu trigoſo eſcurecimento, daua tanta torua aos armados, que queriam ſeguir ſeu caminho, de guiſa, que dos pobres regatos hu adur moraua huma pobre raiz, ſe faziam tam grandes Ribeiras, que punham eſpanto de ſe poderem paſſar. E ſendo cãda vez maior a aſpereza de tam eſquiuo inuerno, parecia q̃ naciaõ no Ceo nouas maneiras dechuiuas pera ſoueiter omũdo outra vez com mortal diluuio. Aſsi, que os Rios crecendo fora de meſura, & cobrindo as coſtumadas põtes, adur eraõ os homẽs ouzados de paſſar ſeu medroſo paſſamento o Meſtre, naõ embargãdo eſto, ſeguia ſeu caminho paſſo, & paſſo, q̃ naõ cõuinha doutro geito, pelos q̃ hiaõ com elle de pe. E deshi eſperando q̃ ceſſaſſe tal tẽpo, como ſoe acõteeer, & acabar aquello, porq̃ hião. Em eſte comenos, ſendo já as treuas de todo cerradas cõ infernal eſcuridão, naceo de ſupito hũ pezado ſom auondoſo de grandes vẽtos, miſturado cõ cerração, & ſaraiua, & apertandoſe o vẽto o Ceo ſe toldou todo em relampados, & trouoẽs fora do ar rezoado coſtume, como ſe aſſin temẽte foſsẽ enuiados pera toruar o Meſtre de ſua ida, em tanto q̃ a guia, q̃ os leuaua, perdeo de todo o eſmo da terra, q̃ muy notauelmẽte nãõ ſabião q̃ fazer, nem pera onde foſſem, ſendo já hũas quatro legoas da Cidade, ſegũdo a manhaã depois demoſtrou. Delles acertauão, por aquẽ cimẽto em Caſaes, & faziaõ ſahir fora ſeus donos, q̃ lhes moſtraſsẽ por onde hauiaõ de hir, & nenhũ podia dizer, nẽ amoſtrar couſa, q̃ lhe aproueitar podeſſe. Hũs topauão com os outros, não vendo caminho, nem em que logar eraõ, & leixandoſe eſtar quedos de taõ deſmeſurada noite, que cumpre ſobre eſto fa-

zer detẽça, pois se por escrito dizer não pode. As treuas eraõ em tal quantidade, q̃ nenhum lume de relampádos leixauão de dar ouzia de vista, q̃ prestasse, mas assi como aos mareantes, era polstrmeira desesperaçaõ de gram tormenta parecer nas arcas, & cordas das naos lumes, & candeas, que he chamado o Corpo Sancto, assi em esta danosa noite apareciam tres candeas nas põtas das lanças dalguns de que eram acerca do Mestre. Vendo elle estonce tam nojoso aquécimento, falou a aquelles, que trazia junto comsigo, & disse esta rezaõ: q̃ pois a Deos prazia de não cessar aquelle mao tempo, em q̃ era cada vez pior, q̃ naõ fosse mais por dãte, mas cada hũ trabalhasse de se tornar, se entẽdesẽ to mar acerca caminho, ou por onde melhor podessẽ. Onde sabey, q̃ estas foraõ as maiores agoas, q̃ os homẽs nũca viraõ, nẽ ouuiraõ falar, & durarão atè acerca da manhaã hindose pouco a pouco começarão, ca a sua abastança foy tanto, q̃ não cabẽdo pelos canos da teruẽtia da Cidade, por hú tem costume de se vazar, quando chue, reprezarão no muro, em tanta multidão, ca ainda pela porta de S. Vicẽte daua agoa pela metade do postigo, & derribou casas dos q̃ crão mais acerca, & derribou a parade da cerca do Moesteiro de S. Domingos, & entrou dẽtro em altura de quatro couados, & meyo, & alagou as cellas dos frades q̃ erão então terreas, & hũa nobre liuraria, em q̃ danou muitos, & muy bõs liuros, & sahia tão terrasa pela porta da Igreja, q̃ derribaua o muro do alpẽdre, hũ prégão & todo o rocio era hũ grãde mar & alagãdo muitas casas ao derredor delle, & nadauão os toneis do vinho na rua das estrellas, e pela rua noua, & nadou hũa galè, nas tercenas, & outras muytas, q̃ pareciaõ impossiuel de crer. O Mestre chegou em outro dia tarde desacõpanhado de como partira, & contando cada hum os aquècimentos, que lhe auieraõ, era saborosa cousa de ouuir.

## CAP 165. *Como o Mestre foy a Almada, & cobrou o lugar por vontade dos moradores da Villa.*



ENDADOS quatro dias depois desto, ordenou o Mestre de pagar soldo, & foy logo pago de hũ mes, & tẽdo vontade de cobrar Torre Vedras, & outros lugares, q̃ diremos, mãdou primeiro Iohão Rodriguez Pacheco, cõ gẽte darmas, bèsteiros, & homẽs de pè

pé fazer começo de cerco ſobre a Villa de Torres Vedras, hùeſtaualo hão Duque por fronteiro, & tãtoq̃ a ella chegou, ſahirão a ellẽ a eſ caramuçar, & lohão *Rodriguez* com aquelles, q̃ cõ elle hião por força darmas o fez recolher polas portas do lugar, eençarrar dẽtro a mal ſeu grado, & deſta guiſa eſteue cercada, atá q̃ o Meſtre depois chegou. *Ora* aſſi aueyo, q̃ El Rey de Caſtella, quãdo quiz partir do cerco de Lisboa, anteq̃ mò ueſſe ſeu arrayal, mandou chamar dos moradores Dalmada algũs dos honrados, que hi auia dizendo, que queria tornar a Caſtella, por encaminhar couſas de ſeu ſeruiço, & que lhe rogaua, que lhe foſſem boons, & leaes vaſſallos, tendo aquella Villa por ſua, o qual eſperaua, que el les farião, & que elle teria cuidado de os sẽpre defender, & lhes fazer por ello muytas merces, mas que poderia ſer, que por induzimentos doutros alguns, elles fariam mudanças de ſuas boas vontades. Por ſegurança de tal feito elle queria, que lhe deſſem em refens os filhos dos milhores, que hi ouueſſe, pera os mandar na frota a ſeu Reyno, ca á tornada, quando vieſſe, achando que eram bons, & leaes ſeruidores, elle teria cuidado de lhe criar os filhos, & de os caſar, & fazer muytas merces E elles, que al fazer nam podiaõ differaõ, que pois ſua merce era fazerſe daquelle geito, que lhes prazia de lhos darem, & foram todos em refens, todos os filhos & parentes dos milhores, que na Villa auia, bem atè vinte, aſſi baroens, como femeas, & eraõ alguns tam pequenos, que não chegauão a quatro annos. E eſtes moços foram todos dados, & entregues na frota ao Almirante della. E alçado ElRey de ſobre Lisboa, ficou hi a frotà por algũs dias, & quando partio chegou a Cezimbra, onde roubaram algumas couſas, que tomar poderão & tornando outra vez ſobre o porto da Cidade, forãoſe logo quatro galés direitas a Almada, & ſahirão fora muyto foutamente cuidando aquello, que era rezam, que a Villa por elles eſtiueſſe. Os do lugar, que eſtonce começaram de vindimar, quando viram as galés, ſahiram em Cacilhas, que he muyto perto, repicaram muyto trigoſamente, foram logo á preſſa juntos os que ſe preſtes fazer poderam. Os Caſtellãos andauão jà no arrauallde trabalhando por leuar daquelle vinho, que achauam. Os Portugueſes começaram de lho defender, metendoſe com elles,

ferindo, & matando até a Ribeira, de guisa que ao recolher das galès, onde muytos Castellãos morrerão, & lhe foy forçado cortar os proizes, q̃ tinham em terra, jurando por esto os Patroens das galès, que lhe matarião os filhos, que em arrefẽs leuauão. Assi se forão sem tornando mais. Quando o Mestre disto soube parte, prouguelhe muito de taes nouas, louuãdoos por verdadeiros Portugueses, & ouue logo ferà fala com elles, de guisa, que lhe mandarão dizer que fosse receber o lugar, & que lho entregariam, & tomariam voz por elle, nam embargando os filhos, que em arrefens dado tinham, posto que soubessem que lhos matarião. O Mestre mãdou fazer preses certas barcas pera aquello pertẽcẽtes, & hauendo nò mais de tres dias, que as galés partirãõ de Almada, chegou là o Mestre, & o Conde Dom Gonçalo com humas duzentas lanças. Os da Villa sahirão todos a recebelos cõ procissaõ, & assi foram com elle até o lugar, que lhe entregaram com leda vontade, contandolhe as pressas, & tribulaçoens, que hauiam passadas por ter sua voz, & elle prometeolhes de lhes fazer merces.

CAP. 166, *Como o Mestre partio de Almada, & foy sobre Alãquer.*

O Mestre em Almada, como disemos, chegou lhe recado de alguns Dalãquer, cõq̃ tinha fala sobre esto, q̃ partisse logo pera o cercar, auendo o por seu seruiço; & q̃ fosse alta manhaam se podesse. E logo hũa tarde depois de cea embarcou com aquelles, que tinha consigo, em trinta & sinco antre barcas bateis, & o Arcebispo, & Affonso Furtado, & outros se forão por terra. E posto que o mar começasse de encher, q̃ era grãde azo pera hir mais toste, por quanto o vento não era de viagẽ toda a noite pozerão atè chegar a hũa legoa, q̃ chamão o Piquete antre Villa Noua, & a Castanheira, hũa legoa da Alanquer. E alli desembarcaraõ o Mestre, com os q̃ leuaua, & foy cõ elles por terra todos armados, sendo já muy clara manhaam, & quando chegarão acerca do lugar ouueraõ os da Villa vista delles, & repicãdo sahirão logo pela porta às barreiras. O Mestre, como chegou a hũa Igreja, que chamão Sancto Espirito, que he hum chaõ acerca do Rio, que corre ao derradordo Villa, recolheo a sy sua gente, & deshi foy por hũa comprida calça-

calçada aſſima,& pouzou em hũ Moeſteiro de Sam Franciſco, q̃ ahi ha,& deshi mandou dizer a Vaſco Pirez todalas boas rezoẽs, que entendeo, q̃ ſe deuia demouer a lhe dar aquelle logar, cuja final repoſta, depois de longos ſa lamentos, foy que o não entendia de fazer. Eſtonce mandou o Meſtre a Lisboa por tiros, & por dous engenhos, & forão lhe leuados em barcas, atá aquelle logar,onde deſembarcarão,& dahi em bois não poderão mais hir, tomaraõ os homens cordas pera os leuarem por ellas, aonde hauião de ſer armados, & não os podiam leuar, canſando muyto com elles. Falou eſtonces o Meſtre, & diſſe. *O Amigos,esforçaiuos por Deos, & tiray bem, & lembreuos voſſas molheres, & fazendas, & os filhos, & terras, de hũ ſois naturaes, & trabalhay por deitarmos eſtes imigos fora daqueſte logar.* E elles ſe esforçaraõ com ſuas boas palauras de talguiſa, que pozerão o arteficio elles cada hum no logar,onde auia de eſtar. E aueyo hum dia pela manhaam, que o Meſtre, & o Conde Dom Gonçalo, & algũas gentes hiam ver huma caſa, em que o Meſtre mandou começar huma caua, pera por encontros à torre, que eſtá à porta de Santa Maria da Varzea,hũ chamão a porta do Carualho. E iſſo meſmo hum engenho, que mandaua armar em huma porta do lógar, & alguns de dentro ſahiram pela porta da Villa armados, & os do Meſtre moueram contra elles, antre os quaes hia Ayres Gõçaluez de Figueiredo,& os da Villa ſe recolheram a dentro por huma barreira baixa, onde eram bẽ defeſos dos que eſtauão enſima do muro. E Ayres Gonçaluez como valente homem darmas, entrou pela porta da barreira,a mal ſeu grado de quantos dentro eram, & chegou acerca da porta da Villa, & deu por façanha,tres ou quatrovezes com a adarga na parede do muro. Dom Pedro era hum homem piqueno de boas feiçoens, poronde era muyto namorado de Dona Beatriz de Caſtro,molher que fora do Conde de Mayorcas, que ficara em eſta Villa, quando ElRey de Caſtella partio pera ſeu Reyno,& falando hum dia eſtes fidalgos, perante o Meſtre das manhas dos homens darmas,começou Ayres Gonçaluez de dar a entender, q̃ os homens de pequenos corpos, não tinhão poder de ſe igualar com os de mayor grandeza: & huns, & outros defendendo ſeu bando, diſſe Affonſo Anriquez

contra Ayres Gonçaluez, que ſe lhe a elle prouguеſſe de elle ſer ſeu companheiro em armas, que elle o acharia ſempre cõſigo, em qualquer bom feito, q̃ elle a mão pozeſſe. Ayres Gonçaluez diſſe, que lhe aprazia muyto, & deram ſe as maõs ſobre tal Irmandade. E dezião, que todo eſto fazia Affonſo Anriquez por amor de Dona Beatriz, cujo namorado era, & quando Ayres Gonçaluez entrou pela porta dabarreira, como dizemos, hia Affonſo Anriquez junto com elle, & das muitas pedradas, que de ſima deitauão, derão huma tal a Affonſo Anriquez que cahio em terra, & deu algũs tombos: Ayres Gonçaluez nam podendo ſofrer as outras, afaſtou ſe afora, & deſta queda foi Affonſo Anriquez muyto prazmado dos ſeus, dizendo, que ſe queria poer em cajoens, que lhe nam compriam, mayormente cõ tal, como Ayres Gonçaluez, que era homem de gram corpo, & força, qual não auia outro naquelle arrayal, & que a igualdança dambos não era conuinhauel, & outras taes rezoens. E elle reſpondeo, dando a entender que nam entendia de deixar o prepoſito, q̃ começado tinha. Em iſto foram nouas muy á preſſa, onde o Meſtre pouzaua, como ſe combatio o lugar rijamente, & nam era aſſim. Porém o Meſtre ſe armou, & quantos hi eſtauão, & pelo arrabalde, & foraõſe caminho da porta de Soure pera combater daquella parte, que era grande eſpaço donde eſtaua o Meſtre. E como chegaram diſſerão alguns, q̃ tal combate não era rezoado, a huma por a porta ſer muy forte, & a outra, porque elles erão muito poucos, & os da Villa muitos mais que elles. E o Doutor Iohão das Regras, que hi era de miſtura, reſpondeo eſtonces dizendo eſtas rezoens. *O amigos meus, eſſa he a verdade da peleja, que hũ Portugues nam peleja com hum Caſtellão, mas com tres, & com quatro, quando miſter fizer, & por tanto nam cumpre aqui al, ſenam combater com vontade, poſto que a porta ſeja forte, & as gentes muitas.* E entam ſe chegaram, & pozeram fogo á porta da barbacaam, & por força das muitas pedras, que vinhão das torres de ſima da porta. Iſſo meſmo daquella barreira lhe conueyo de ſe arradarem, ſem della arder couſa, que preſtar podeſſe, nem lhe fazer outro nojo; poſto que ardera, & abrira de ſeu grado, não lhes aproueitara, porque a da Villa era muyto forte. Em eſto veyo o Meſtre da outra parte, donde eſtaua

onde

onde escaramuçarão. E estes leixarão o q̃ começado tinhão, & fotamse todos pera as pouzadas.

CAP. 167. *Do combate, que derão os do arrayal aos da Villa, em que foy morto Affonso Anriquez, & outros.*



EM esse dia depois de comer, sahiram os da Villa pera desfazer, & cortar hũa ponte de grossos paos, que passaua pela caua da barreira, por hũ antes prouarão de poerem o fogo. Os do arrayal, quando aquello viraõ, quizeraõlho embargar que os nam cortassem, foy allaa muita gente por esto, & os da Villa sahiraõ á barreira por defenderem os seus, & foy allaa grande enuolta de peleja, de guisa que de escaramuça se começou de fazer combate. Em esto Affonso Anriquez omoço, que estaua com o Mestre no Moesteiro, ouuindo aquelle grãde arroido, pediolhe licença pera se armar nas suas armas, pois naõ estaua na sua pouzada, & ao Mestre lhe prougue delo, & armouse de humas Solhas postas em pano de sirgo verde, porque o Mestre era conhecido, quando as vestia, & foyse logo á porta da barreira, onde começaram de combater, & chegando alli foy mais adiante, & deu com alança na porta da Villa por mostrar ardideza, & as pedras muitas, que vinham desima de sobre as torres da porta, acertou delhe dar hũa, que cahio em terra morto: Eos da Villa, que o viram cahir, conhecendo as armas, que eram do Mestre, cuidaram que era elle, & estonces se esforçaram de lançar muytas mais pedras sobre elle, deguisa, que o cobriram todo. Ayres Gonçaluez, que era presente, quando esto vio, tomou hum pauez da barreira, comque se emparou das pedras omilhor, que pode, & por huma pequena de perna, que lhe parecia otirou afora por força, nam embargando as muitas pedras, que assi lançauam. E desta guisa morreo Affonso Anriquez cometendo ardideza, a que nam aproueitaua, de cuja morte o Mestre mostrou assas que lhe pezaua, porque segundo daua aentender que tinha boom desejo de oseruir. Em este combate deu hum virotam a Iohaõ Affonso filho de Affonso Esteuez da Azambuja, de que morreo esse dia, & foy morto Gyl Affonso criado do Mestre, & outros mortos, & feridos. E mais aconteceo entaõ que dous

bèstei-

beſteiros hum da Villa, & outro do arrayal, tiraraõ hum ao outro & daquelle primeiro tiro ſe atira ram ambos, & foram logo mortos. E derão eſte combate, que ſe começou como de eſcarnio, & ſe acabou de verdade, até acerca do ſol poſto.

CAP. 168. *Cõmo o Meſtre preitejou cõ Vaſco Pirez de Camoẽs, & ſe alçou de ſobre olugar.*

ESTANDO o Meſtre ſobre Alanquer por eſpaço de dias, chegou ahi o Conde *Dõ* Pedro Irmaõ de Affonſo Anriquez, que alli morreo, o qual ficara no Porto, ferido da maõ, quãdo afrota houue de partir, ſegundo contamos em ſeu logar, & tràzia alguns poucos conſigo. O Meſtre o recebeo muy bem, e lhe tez boom gazalhado. Em eſto começou a agoa de mingoar nos da Villa, porque hũa couraça, que ahi hauia começada, nam era inda em tal altura, que della podeſſem tomar agoa, poſto que foſſe tempo de inuerno, naõ chouua couſa, que aproueitaſſe. Vaſco Pirez ſentindo as cauas, que lhe faziam, & o enjenho, que armauão pera lhe tirar deshi, como o Meſtre mandaua por almazem a Lisboa, entendeo q̃ tinha võtade de cõtinuar ſeu cerco. E eſtonce elle, & Gonçalo Tenreiro ſeu ſogro mandaram falar ao Meſtre ſobre preitezia, na qual a cordados fizeram tal autença. Que Vaſco Pirez pozeſſe fora os homens darmas, & bèſteiros Caſtellaõs, que hi eſtauam, que ſe foſſem pera Sanctarem com todo o ſeu, & que elle tomaſſe voz por o Meſtre, e fizeſſe por elle guerra, & paz Eſe a Rainha Dona Lianor, que lhe tal caſtello dera, tornaſſe ao Reyno em ſeu liure poder ſem companha de Caſtellaõs pera ajudar a defender o Reyno, que lho entregaſſe por naõ ficar em mao caſo. E fez eſta preitezia aos dez dias domes de Dezembro, no Moeſteiro de Sam Franciſco, onde pouzaua o Meſtre, denoite ás tochas, preſente muitos, que hi eſtauam. Foy poſto em ella que o Meſtre leixaſſe hi homens darmas por guarda do Lugar, quaes Vaſco Pirez quizeſſe eſcolher. E elle, feita menagem ao Meſtre, apontou pera ficar cõ elle Ruy Coruo, & Gonçalo Gonçaluez Borges, & Fernam Gonçaluez da Ameixoeira, & outros, que eraõ ſeus compadres, & amigos. E partio o Meſtre dahi, & foyſe cercar Torres vedras, & auẽdo já ſeis ſomanas, q̃ chegara ſobre Alãquer.

CAP

CAP. 169. *Como o Meſtre partio Dalanquer, & foy cercquar Torres Vedras.*

EFEITA tal conuençaj,& ficando Alanquer por ſeu, partio o Meſtre pera Torres Vedras,onde Iohaõ Fernandez Pacheco auia já feito começo de cerco,& foy leuar engenhos, & tiros pera lhe tirarem com elles.Iohaõ Duque, que a Villa tinha por ElRey de Caſtella, era hũ fidalgo Caſtellaõ bem acompanhado de homens darmas, & piois, & bèſteiros, que pera defenſaõ eraõ abaſtantes. O Meſtre apoſentou ſuas gentes pelo arrabalde arredor da Villa,como ſe melhor poderaõ a lojar,& nos Paços DelRey, onde pouzaua o Conde Dõ Gonçalo,& Iohaõ Fernandez Pacheco, punham de dia,& denoite hũa guarda,& a ſegunda eſtaua da outra parte contra o Caſtello. E eſte logar de Torres Vedras he hũa fortaleza aſſentada enſima de hum fermoſo monte, o qual natureza gèrou em taõ ordenada igualdade, como ſe á maõ fora feito artificialmente, & em bõ, & gracioſo termo junto conſigo a derrador de paens, & vinhos,& outros mantimẽtos,que naquelle tempo, per azo da guerra, eraõ gaſtados de todo ponto. A Villa tem ſua cerca arredor do monte, & na mayor alteza delle eſta o Caſtello, & antre a Villa, & o Caſtello, morauaõ tam poucos, de que nam he feita conta. Em toda ſua pouoaçam era hum grã de arrabalde de muitas, & boas caſas,& bem ordenadas ruas ao pé do monte. O Meſtre deſejou de hauer,& cobrar eſte logar. Iohaõ Duque tinha gram vontade de o defender,por cujo azo ſe faziam algumas eſcaramuças antre os defora, & os de dentro,de que naõ compre fazer eſtoria, ſaluo daquelle longo trabalho, porque o Meſtre ordenou de o tomar,que foy hũa grande caua, a fora outras, que lhe fez, a qual hauia de hir ſahir ao adro da Igreja,que chamaõ Santa Maria,que he dentro no logar antre a Villa, & o caſtello. E eſta caua era larga & eſpaçoſa deguiſa,que tres homens darmas podiam hir a par folgadamẽte por ella,& foy começada em hũa tarde, & arredada do lugar omais incubertamẽte,que ſe fazer pode,deguiſa que naõ ſomente os da Villa naõ houueram dello nenhũa noticia mas ainda muitos doarrayal naõ ſabiam parte que ſe ahi fazia. A terra,que ſe alli de dia tiraua della, dei-

la,deitauam dentro na tenda, & de noite lançauaõna em tal lugar,que os imigos naõ entendeſſem ſua obra. Os Caſtellaõs tinham atalaya enſima da Igreja, quando viram que o Meſtre hia tanto a miude áquella tenda, ſoſpeitaram o que era,& o Meſtre por eſcuſar a ſoſpeita deixou de hir laa de dia; & denoite hia a vero q̃ faziam,porem todo ſeu cuidar,&ſoſpeita fora vão ſenaõ forão algũas peſſoas,q̃ andauam cõ o Meſtre,q̃ nam amauam ſeu ſeruiço, que por ſinaes, & outras incubertas maneiras, lhe faziam ſaber quanto o Meſtre obraua contra elles.E nam ſomente lhe faziaõ ſaber todolos ſegredos, q̃ em ſeu conſelho falauaõ, mas ainda auexauão o Meſtre de quaeſquer couſas,que em obra mandaua poer,pera deſtroiçam do logar,aſſi como tirar dos engenhos que o Meſtre mandaua que tiraſſem ao muro, & às torres, pera as desfazerem, & derribar, & elles deziam que mandaſſe tirar ao pé do muro da Villa, & que por alli fariam hum portal, pera que entraſſem a tomar o Caſtello.O que tinha cargo de tirar cõ os engenhos, contradezia muito tal conſelho, & nam embargando,tirauam ao muro da Villa, & á torre da menagem. O Meſtre por ficamento daquelles naõ fieis conſelheiros,ſe houue tanto de aqueixar contra elle que deſſe,que ſe naõ tiraſſe ao pè do muro, cõmo lhe elles mãdauaõ,que ho mandaria lançar no fundo do engenho dentro no Caſtello.Elle vendo, que por ſeu bom ſeruiço lhe prometiam tal galardam de que houue grande medo fogio aquella noite, & foyſe pera Leyria.

CAP. 170. *Como o Meſtre de Chriſtus foy vencido, & leuado a Sanctarem prezo.*

EM eſta ſezam no mes de Nouembro, que diſſemos, que o Meſtre viera ſobre Alanquer, partira o Meſtre de Chriſtus Dom Lopo Dias de Souſa da Villa de Thomar, & com elle Dom Aluaro Gonçaluez Camelo,Priol que chamauą do Eſprital, & Rodrigaluarez Pereira Irmam de Nuno Aluarez, & outros,& foy cercar Torres Nouas, leuando conſigo oitenta lanças, & homens de pè, & bêſteiros, & fez leuar hum engenho pequeno, com que lhe mandaua tirar ás vezes alguns combates, que lhe pouco empecimento faziaõ. Affanſo Lopez de Texeda, que no

Lugar

Lugar ficara por Alcayde, de fen dia omilhor que podia. Eporque ſe ſeguiam eſpaço de dias q̃ era cercado, começoulhe de mingoar a agoa, & o peſcado, deguiſa, que cadadia comiam carne, & eſperauam de padecer pior. Diogo Gomes Xarmento, que eſtaua em Sanctarem, ſoube parte como lhe mingoauaõ os mantimentos, ordenou de fazer pera alá, hũa caualgada, que foſſe hũa via, & dous mandados. ſ. leuar lhe algumas viandas, ſe as podeſſe poer dentro pela porta da treiçam, ou deſerquar o lugar atodo ſeu poder. Ecõ ſta tençam partio de Sanctarem á mea noite com duzentos de cauallo, antre homens darmas, & ginetes, & andadas aquellas ſinco legoas, que ha de hum lugar ao outro, ſol leuado amanhecendo, chegaràm ſobre o lugar. O Meſtre, que deſto parte nam ſabia, quando ſupitamente tam perto de ſy v:o, juntaraõſe todos, aſſi como eſtauaõ, & fezeſſe preſtes pera pelejar. Os Caſtellaõs iſſo meſmo, vendo os tam poucos, cobraram fouteza de pelejar com elles, & foy o Meſtre veneido, & prezo, & leuado a Sanctarem, elle, & AluoroGonçaluez Camelo. E aſſi jouueram, atáque a batalha depois foy vencida, como ouuireis. Ejazendo elle aſſi preſo, mandou pedir por merce ao Meſtre, a TorresVedras, onde eſtaua, que miniſtraſſe por elle em tanto o Meſtrado MartimGonçaluezComendador de Almoural, & ao Meſtre prouguedello, & aſſi o mandou por ſua carta, & fez poer boom recado emtodos os lugares da ordẽ.

## CAP. 171. *Como Nuno Aluarez foy a Eluas, & lançou fora alguns do lugar.*

CONTADO hauemos em ſeu lugar, onde falamos da tomada de Portel, como Nuno Aluarez depois que leixou nelle ſegurança, qual compriſſe, tornou logo pera Euora. Em quanto o Meſtre jaz ſobre TorresVedras, & fazem caua pera o tomar, vejamos o q̃ a veyo entretanto a Nuno Aluarez, pois todo foy em hũa ſezaõ. Onde ſegundo conta hum eſtoreador, eſtando elle em aquella Cidade, veyolhe recado da Villa de Eluas, que alguns dos boons do lugar ſe queriam alçar com ella, & tomar voz por ElRey de Caſtella; Eque Nuno Aluarez ſe partio pera lá com certas gentes conſigo, pera poer aſſecego na Villa, ſegundo viſſe q̃ era meſter.

Outros

Outros dizem, que Fernam Pereira chegara a Euora pouco hauia, por hir ver ſua madre, que eſtaua em Eluas, q̃ Nuno Aluarez pelo hir eſpoſar com hũa ſua filha de Gonçalo Gomes, Alcaide que fora daquelle lugar, & o poer em poſſe delle, ſe mouera pera là chegar. Hora de qualquer guiſa, que foſſe, hindo elle pelo caminho com ſuas gentes, vio leuar veſtida a ſeu Irmaõ Fernam Pereira acota, que fora de hum Garcia Fernandez, & cingida a ſua eſpada, as quaes elle eſconderа em Portel, quando ſe Garcia Fernandez ouue de partir. Nuno Aluarez, quando aſſi o vio hir, & conheceo aquellas couſas, cujas foram, foy muito anojado em ſua vontade, eſtonces Fernam Pereira diſſe, que fizera grãde mal paſſar por elle tal mingoa contra ſeu luramento, dizẽdo que prouueſſe a Deos que lhe nam vieſſe por ello algum gram cajam por quebrantar aſſi ſua jura. Fernam Pereira ſe eſcuſou com rezoens, a que Nuno Aluarez nam quiz mais reſponder, & foram ſeu caminho atè q̃ chegaram a Eluas. E elles dalli a muy poucos dias, mãdou Nuno Aluarez da parte do Meſtre a Gyl Fernandez, & a Martim Rodriguez, & outros boons do lugar, que ſe ſahiſſem da Vila, & ſe foſſem a Torres Vedras, onde o Meſtre tinha ſeu cerquo pera o ſeruirem em elle. Deſto pezou a muitos delles, como aquelles, que ſe tinham por verdadeiros Portugueſes, & leaes ſeruidores do Meſtre, como ſe bem por obra ateli moſtraraõ. Porẽm obedecendo a ſeu mãdado houueram de fazer, & quando chegaram a Torres Vedras o Meſtre os recebeo muy bem, moſtrando que de ſua vinda lhe prazia muito, dizendo que vieſſem muito embora, & outras rezoens de gazalhoſo recebimẽto. Gil Fernandez, que era ſolto em falar, diſſe logo perante todos. *Mas venhamos muito em ora má, ſenhor, pois por quanto, & boom ſeruiço vos fazemos, nos mãdaſtes lançar fora de Eluas, como lançam os traidores.* Dizendo elle, & cada hũ dos outros todos a que por ſuas honras entendiaõ. O Meſtre reſpondeo deſculpandoſe, que de tal couſa naõ era ſabedor, nem fora feita por ſeu mandado, nem cõſentimẽto, mas q̃ elle os auia por verdadeiros Portugueſes, & tam boõs, & melhores ſeruidores do q̃ elles deziaõ, & lhes faria por ello muitas merces, & acrecentamentos, como elles podião bem ver, & com eſtas, & outras boas palauras os a pacificou,

& aſſi

& assi estiueram com elle por espaço de dias.

CAP. 172. *Como Nuno Aluarez foy por cobrar Villa Viçosa, & foy morto seu Irmaõ, & a cercou, & naõ pode tomar.*

TANTAS vezes cõtamos, & foy já ouuido, q̃ hindo Nunaluarez por tomar Villa Viçosa, q̃ Vasco Porcalho dera aos Castellaõs, foy morto Fernam Pereira seu Irmaõ á entrada do lugar, que nenhum desto alguma cousa duuida, mas que o moueo partir pera lá por tal geito, como elle foy, a desconcordancia dos estoriadores nos poem sobre ello em fadigoso cuidado. Porque hũs dizem, que sabẽdo elle que o Commendador fazia voda, & daua casa a hum seu criado, que deziam Aluoro Machado, que cuidou que por a gram festa, & prazer, em que seriam postos a quel le dia, que em quanto os noiuos fossem à Igreja, & a mais da gẽte com elles, que de salto, & supitamente podia tomar o lugar, & por aquesto se partio assi. Outros contam, que alguns homens bons de Villa Viçosa enuiaraõ dizer a Nuno Aluarez que fosse lá, & que lhe dariam hũa porta da Villa, porque entrasse, & sendo elle muito ledo da tal embaxada, trabalhou logo de o poer em obra, & partio com suas gẽtes sobre anoite, fazendo infinta que hia pera outra parte: E sahindo a sua bandeira por a porta da Villa, quebrou a haste della ao Alferez, que a leuaua, & todolos, que eram alli, ouueraõ por mao final, dizendo a Nuno Aluarez, que nam partisse por nenhũa cousa, & escuzasse o caminho, que fazer queria, mas elle naõ curou nada do que lhe deziaõ, & mandou poer a bandeira em outra haste, & seguio a teçam, que começada tinha. Andadas a quellas quatro legoas, que hà de hum lugar ao outro, chegou a Villa Viçosa, & alojousse perto della muito sẽ arroido, & todos assocegados. E outro dia pela menhaam ordenou de tomar a Villa, segundo enformaçam, que lhe enuiada fora. Emandou diante Fernam Pereira seu Irmaõ com Aluoro Coitado, & certos consigo. Os quaes acauallo armados com seus bacinetes, como a tal feito pertencia, chegaram á pressa a Villa Viçosa & deceram dos cauallos, por se lançarem dentro pela porta, que chamam da Torre, que he a mais forte, que ella tem, a qual he em esta

eſta guiſa. Ella he hũa torre muy larga bobadada denſima da porta, que nenhum pode chegar à porta da Villa, que primeiro não paſſe por ſob toda aquella abobada, a qual ha hũa tal boca na metade, porque cabem grandes cantos, pera os lançar de ſima quem quizer. E como Fernam Pereira, & os outros, ſe quizeram lançar por ſob aquella abobada por chegar á porta da Villa, & veyo hum grande canto deſima, & deu a Fernaõ Pereira, q̃ lhe eſmagou o bacinete, & a cabeça, e foi logo morto, & por eſta guiſa mataraõ hũ ſeu eſcudeiro, q̃ o ſeguia q̃ chamauam Vicente Eſteuẽs. Aluoro Coitado chegou todauia à entrada da porta ſem impedimẽto, nem torua, que hi ouueſſe, & querẽdo entrar foy ferido, & preſo, & leuado dentro á Villa, & tambem leuaram o corpo de Fernam Pereira, que era hum dos ardidos, & fermoſos corpos, que emtodo Reyno hauia, ſendo á quelle tempo de vinte quatro annos. E em eſto chegou Nuno Aluarez com ſua bandeira, & gẽtes, & quando ſoube que ſeu Irmam era morto, & Aluoro Coitado preſo, & ferido, q̃ maior ſer naõ podia, e naõ podẽdo em ello mais fazer por aſportas ſerem cerradas, & tal entrada mui perigoſa, tornouſe cõ grande nojo pera Borba, que eſtaua pello Meſtre, que era dahi hũa legoa. Ora ſabey que outro Hiſtoriador contando a partida de Nuno Aluarez, quando deſta vez foy a Villa Viçoſa, naõ ſe outorga em tal rezaõ, mas diz que Vaſco Porcalho enganoſamente, eſcreueo aquella carta a Nuno Aluarez em nome de tres, ou quatro dos boons do lugar, dizendo, que ſe trabalhaſſe de chegar lá com ſuas gẽtes o milhor, que podeſſe, que elles lhe dauaõ entrada de guiſa, q̃ podeſſem tomar a Villa, & quantos eram dentro nella: & que elle crendo que era tal couſa verdade ſe moueo da guiſa, que diſſemos, & recebeo aquelle grande cajam, & engano. E certamẽte tal falamento he conforme à rezam, que nenhum dos outros, porque ſe os da Villa em grande ſegredo tal couſa moueram em perda, & dano do Commendador, & dos que no logar eraõ, naõ ouueram morte, porque foram vingados dos que tal malda de contra elles cometeram? E nòs naõ achamos eſtoria, que diga, que algum por eſto mal recebeſſe, ante foram todos acordados, & muito preſtes quando Fernam Pereira chegou, & que parecia que já ſabiam deſto parte. Outros

Outros dizem em eſte paſſo, que as Villas, auendo viſta delles, appellidaram, & por eſto foram alli preſtes. No ſeguinte dia, ſendo Nuno Aluarez muy anojado por tal couſa, & perda, como auia recebido, enuiou dizer a Vaſco Porcalho, que lhe enuiaſſe o corpo de ſeu Irmão, & foylhe logo trazido, & ordenou de o hir ſoterrar ao Moeſteiro de Saõ Frãciſco de Eſtremoz, que he dalli a outra legoa, tendo gram ſentido, & entençam, que todo aquelle mao aquecimento, que a ſeu Irmão viera, fora por a cotta, & a eſpada de Dom Garcia Fernandez, que contra ſeu juramento tomara Nuno Aluarez, porem, nam embargando eſto, ſegundo conuem aos grandes ſenhores, não moſtrou tanto nojo de fora, quanto em ſeu coraçam tinha, aſſi por nam acabar aquello, que começara, como por a morte de ſeu Irmaõ, & como homem de grande eſforço confortou a ſi, & a ſua gente, & mandou chamar por eſſes lugares darredor mais companhas, das que conſigo tinha, & enuiou a Eluas por hum engenho, & foy cercar Villa Viçoſa, & jouue ſobre ella per eſpaço de tempo, tirandolhe denoite, & de dia com aquelle engenho, & eſcaramuçando, & combatendo nam lhe pode fazer o nojo, que elle deſejaua, porque na Villa era boa gente de Caſtellãos, & de Portugueſes com grande auondança de mantimentos, que a defendiam. E elle por nam perecerem alguns bons, dos que com elle andauam, que elle muyto amaua: deshi por azo de hir a outras couſas, que pella Comarça recreciam, que compria tornar por ſeruiço do Meſtre, leuantou o arrayal, & foyſe a Eſtremoz. Nem ainda, ſegundo ſe affirma, ſua condiçam nam era muyto teuda continuar cercos, nem jazer ſobre elles, por o gram perigo, que ſe algũas vezes ſegue, dizendo, que no campo o auiam de achar, & que quem venceſſe, & ouueſſe a praça, ca ligeiramente cobraria os lugares cercados.

CAP 173. *De como o Meſtre partio de Torres Vedras, & foy a Leyria, & deshi a Coimbra.*

ORDENOV o Meſtre de alçar ſeu cerco, & hirſe caminho de Coimbra

imbra, onde era certo, q̃ por ſeu mãdado eſtauão jũtos todolos Biſpos, & Procuradores das Villas, e Cidades, que ſua voz entendião manter, ſegundo foram chamados pera ordenar com elles, como auiam de ſeguir ſua guerra, que tam neceſſariamente eram poſtos E porque alguns artifícios de combate, que alli eſtauam, & mais dous engenhos, naõ ſe podiam leuar como compriam a Lisboa, mandou o Meſtre poer fogo, por ſe delles nam preſtarem os imigos. Onde ſabey, que neſta ſezam era o termo de Lisboa muyto danificado com gram mingoa de mantimentos por a vinda, & eſtada DelRey de Caſtella, & iſſo meſmo no termo de Torres Vedras, & doutros lugares derrador. E vendo muytos lauradores, & outras gentes, que morauam em elles, como ficauaõ aſſi tam mingoados em poder de Caſtellãos conſtrangidos por tal neceſſidade, nam ſabendo o que lhe auia de vir depois, & quando ſouberam, que o Meſtre ſe queria hir, vieramſe pera elle com molheres, & filhos; & muytas crianças pequenas. Aſſi que quantos morauam no arraualde de Torres Vedras, & no termo, & em alguns outros lugares, todos alli foram juntos, o Meſtre, quando vio tantas gẽtes da cõdição, & como brádauam huns, & outros, q̃ ſe amerceaſſe delles, & os leuaſſe em ſua companhia pera auerem algum mantimento, & nam ſerem poſtos em poder de ſeus imigos, foy poſto em cuidado, & mais lhe prouguera com outros tantos homens darmas, que o ajudaram, que leuar conſigo homens, & molheres, & paruos com pridouros de muyta miſeria, com tantos, & de tal guiſa, que lhe podiam eſtonces chamar Padre de muytas companhas, porque atà hum cego, que morava no arraualde, ouuindo, como o Meſtre ſe partia deſte geito com aquellas gentes, começou de brádar grandes brãdos, rogando por Deos, que o leuaſſe conſigo, & nam ficaſſe em poder de tam más gentes. Nuno Aluarez, quando eſto ouuio, mouido com dò, & piedade delle, mandou, que lho pozeſſem nas ancas da mula, em que hia, & deſta guiſa foy com os outros Eſtonce partio o Meſtre com elles, aſſi como Mouſes quando trouxe os filhos de Iſrael pera o deſerto.

E eſta

E esta ordenança, & elles hião todos diante, & elle com suas gentes detraz, que seriam atá seiscentas lanças, das quaes hiaõ encaualgados cento & cincoenta, & as outras todas de pè com cottas, & laudeis vestidos, & os bacinetes ao pescoço nas fachas, & assi andauam suas trabalhosas jornadas, as quaes o Mestre mandaua, que nam fossem mayores, que quanto aquella pobre gente podesse andar passamente, que eram duas, & tres legoas. Quedou o cego em hum lugar, hù se contentou de ficar, & às vezes hia o Mestre apè com os seus, por lhe fazer boa companhia, como era seu costume, & assi passaram per antre Obidos, & o Cadaual, & naquella Villa de Obidos se lançou com os Castellãos Aluoro Fernandez Turrichão Comendador de Montemòr o Nouo. Deshi forão a Alcobaça, cujo Castello tinha voz do Mestre, com outros lugares da Ordem, de que entam era Abbade Dom Iohaõ Dornellas, que sempre bem seruio. E chegando a Leyria, onde pensou achar bom acolhimento em Garcia Rodriguez Alcayde do lugar, & elle vsou muyto doutra maneira, tendo rezam de fazer o contrario, ca o Mestre hauia a Villa por sua, segundo lhe Garcia Rodriguez por suas cartas dera a entender, fazendolhe o Mestre grandes merces, assi no cerco de Lisboa, como jazendo sobre Alanquer, assi como homem, de que esperaua bom seruiço, em tal tempo, & assi o dezia o Mestre de praça, & nas cartas das merces taes rezoens mandou poer, dizendo desta guisa. *Que nós vendo, & consirando o muyto estremado seruiço, que atéqui recebemos, & entendemos de receber ao diante de Garcia Rodriguez Taborda Alcayde do noſso Castello de Leyria, & querendolho nòs agalardoar, como a bom seruidor, fazemoslhe doaçam, pera todo sempre do noſso lugar de Porto de Mòs com seu termo, & rendas, & direitos.* E assi dezia na carta da merce, quando lhe deu as jugadas do pam de Leyria, & quando lhe fez doaçaõ da terra de Nespereira, & doutros lugares no termo de Viseu, & assi em outras partes, & cartas de merces, de que nam compre fazer mençam. Ora vede se tinha rezam o Mestre de cuidar que esta Villa estaua por sua, hũ homem, a que tantas merces, & outras muytas auia feito. E com todo nunca outra reposta

pode auer delle, quando por hi chegou, ſaluo, que elle fizera menagem daquelle logar á Rainha Dona Lianor, ca ella o entendia entregar,& naõ a outrem nenhũ E quando do Meſtre muyto poſtaraõ com elle, diſſe: que não faria delle graça nenhũa, atá que Deos pozeſſe fim a eſtes feitos, como ſua merce foſſe. Aſſi que ſe ao Meſtre abalaraõ todos os dentes, como a Rainha diſſe em Caſtella, bem abalou eſte,& apodreceo,atè que cahio de todo,como fizeraõ os outros.

CAP 174. *Como o Meſtre chegou a Coimbra, & foy bem recebido de todolo, da Cidade.*

PARTIO o Meſtre de Leyria caminho de Coimbra, ſem fazer mais detença. Em aquelle lugar ſe lançou Dom Affonſo Irmão de Dom Pedro de Caſtro,com Garcia Rodriguez, mas ſobre a tenção, que o Meſtre leuaua, deſacordaõ alguns Doutores, por cujo azo pera certidaõ ſe offerecem aqui deſuairadas rezoens. Huns eſcreuem, que o Meſtre hia a eſtas Cortes ſobre o titulo de Rey, que era requerido, que tomaſſe, ſe o tomaria, ou nam. Outros contam, que ſua tençam nam era; ſaluo gouernar, & defender o Reyno, até que o Infante Dom Iohaõ foſſe ſolto,pera lho depois entregar, & que eſta era a mais honrada façanha, que nenhum homem podia fazer, da qual elle ſeria muy louuado de todos aquelles, que eſto ſoubeſſem. Delles deziaõ, que elle nam mandaua fazer tal ajuntamento,ſenam pera ordenar o proſeguimẽto da guerra, como ſe aueriam pera ella as deſpezas. Outros affirmam, que todolos Concelhos eram alli juntos ſómente pera fazerem Rey, & que elle tal vontade leuara, & que eſto acabado, entaõ falariam no feito da guerra,& couſas, que a ella compriaõ. Em eſta rezam, ſegundo nos parece, acupam mòr parte da verdade das outras, porque na procuração, que Lopo Martins Corregedor a aquelle tempo de Lisboa, & Iohaõ da Veiga, & Affonſo Gonçaluez, & Sylueſtre Eſteuẽs, & Aluoro Gyl,& outros muitos da Cidade,fizeram a Pedro Affonſo Sardinha, & a Martim Lourenço ſeus Cidadãos, quando os enuiaram a eſtas Cortes, logo em ella eſtas palauras, & poder eſpecialmente pozeram, dizendo; *Que por elles, & em ſeu nome podeſſem alçar, & receber*

por

*por Rey, & Senhor deſtes Reynos, o muy nobre Senhor Dom Iohaõ Meſtre da Caualaria de Auis, & lhe fazer ſeu preito, & menagem, como a ſeu Rey, & ſenhor, & receber delle promeſſas, & lhe guardar, & mãter ſeus priuilegios, preitos, & coſtumes* E aſſi dezia o do Concelho de Euora, & todalas outras das Villas, & Cidades do Reyno, que eſtonce alli eraõ juntas, em que ſe claramente moſtra que eſpecialmente hia por eſto. E indo aſſi caminho de Coimbra, anteq̃ lá chegaſſe, ſahio a recebelo, cõ todolos ſeus, Gonçalo Gomez da Sylua, q̃ eſtaua em Montemòr o Velho, que já tinha voz por elle. E o Meſtre lhe fez grande honra, & gazalhado. Mas naõ o ſahio a receber Gonçalo Mendez de Vaſcogoncellos, q̃ eſtaua na Cidade, & tinha o Caſtello, dizẽdo, como diſſera Garcia Rodriguez, q̃ tinha voz da Rainha Dona Lianor, cujas erão todalas menagẽs deſpois da morte Del Rey D. Fernando, & q̃ a ella auia de obedecer, como quer q̃ algũs dezião, q̃ elle vontade tinha de tomar voz por Portugal, por quanto El Rey de Caſtella britára os trautos entrando no Reyno ante do tempo, q̃ lhe era deuido. Deſhi porq̃ dous ſeus filhos, como ouuiſtes, andauão com o Meſtre jâ tẽpo auia. Outros querẽ dizer, q̃ Gonçalo Mẽdez eſtaua aſſi nam tẽdo cõ Portugal, nẽ cõ Caſtella, atà q̃ viſſe o q̃ hia milhor, & com aquella parte ter, como fazião outros. Mas porẽ elle não guardou tãto, q̃ logo dahi a poucos dias ſe tornou pera o Meſtre, & foi na eleição ſua, quando o alçarão por Rey. Os da Cidade fizeraõ preſtes pera hir receber o Meſtre, & a Clerezia em perciſſaõ, & os leigos cõ ſeus jogos, & trebilhos; E deshi os fidalgos, & Concelhos, q̃ hi eram todos jũtamẽte de beſtas, como milhor podião, & em ſe corregẽ do hũs, & outros, começarão muitos ápoz de ſahir fora da Cidade per o caminho, per hú vinhão o Meſtre com caualitos de canas, q̃ cada hũ fazia canoueaes com pendoens, correndo todos, & brádando. *Portugal, Portugal, por El Rey Dom Iohão, em boa hora venha o noſſo Rey* E aſſi foram por muy grãde eſpaço acerca de hũa legoa. O Meſtre, & Nuno Aluarez, & muitos dos que hi vinhão, marauilhauãoſe deſto muito, auendo por couſa eſtranha, & aſſi como milagre, dizendo: que Deos os mouera a fazer aquello & falaua por aquelles moços, como por bocas de Prophetás, & aſſi vierão ante elle atè a Cidade, onde foi com grãde hõra recebido.

Quando o Meſtre chegou acerca della, vio eſtar apercíſſam, deceoſe elle, & todos os outros das beſtas, & humildoſamente fincou os giolhos em terra, & beijou a cruz, & veyoſe de pè com a perciſſam, & entrou pela Cidade com gram feſta, & prazer, q̃ com ella vinhão, & leuaráono aos Paços da Alcaçoua, hu auia de pouzar. Eſoy eſto no mes de Maiço, hũa ſeſtafeira tres dias andados delle, da era jà nomeada.

CAP. 175. *Das rezoẽs, que ſe falauaõ, ante que entraſſem ás Cortes, & nomes dalguns, que a ellas eſtueraõ.*

IVNTOS alli eſtes fidalgos, & Prelados que Portugal defender entendiam, & Procuradores de certas Villas, & Cidades do Reyno começarão de falar hũs com os outros, aſſi caualeiros, como eſcuderos, edoutra meã gẽte tãbẽ de praça, como a departe ſobre agouernãça da terra, & quẽ era bẽ de reynar. Os q̃ erão affeiçoados ao Infante D. Ioham, q̃ jazia prezo em Caſtella, bradauão de toda aquella parte, & ſem mais duuida, que em ello pozeſſem, dauãolhe logo o Reino por direita linha, & herança, dizendo, que elle ſomente hauia de reynar, & outro nenhũ não, & que o Meſtre era bem de reger, & gouernar o Reyno ata q̃ elle foſſe liure, & ſolto, ou ſe em elle fizeſſe outra couſa. E ſe acontecceſe de morrer, reynaria o Infante D. Diniz ſeu Irmão, ou o Meſtre, ou quẽ viſſem, q̃ era mais rezão, & proueito do Reyno, mas q̃ em elle outro Rey não, viſto o tempo, & ponto, em q̃ erão poſtos, era couſa muy errada, & não pera conſentir. E eſta parte tinhão certos fidalgos, delles de praça, e outros caualdamẽte, e eſpecialmẽte Martim Vazquez da Cunha, & ſeus Irmãos, & algũs aliados a elles. O maior cõtẽdo dos outros fidalgos, & pouo meudo, eram de todo contra eſta tençam, dando muitas rezoẽs anam ſer aſſi, dizendo que hu era prezo donde nunqua hauia de ſahir, mayormente, que viera fazer guerra ao Reyno, & outro ſy iſſo meſmo em tempo Del Rey Dom Anrique, & por tanto compria eleger tal, que regeſe o Reyno, & ſe pozeſſe por elle, ſem mais curar doutros herdeiros, q̃ hi ouueſſe dauer. E ſobre eſto falauão tanto a meude ſuas deſacordaueis rezoẽs, & às vezes por tão deſacordaueis palauras, q̃ jà notorio era a todos quaes fidalgos contradiziam o Meſtre hauer de ſer

de ſer Rey,& quaes rezoauaõ por ſua parte. De guiſa que foram poſtos em dous bandos, de q̃ o Meſtre já hauia noticia. E em eſto chegou o dia, que hauiam de entrar ás Cortes, nas quaes eram preſentes eſtes Prelados. ſ. Dom Lourenço Arcebiſpo de Braga, Dom Iohaõ Biſpo de Lisboa, Dõ Lourenço Biſpo de Lamego, Dom Iohaõ Biſpo do Porto, Dom Iohaõ Biſpo de Euora, Dom Frey Rodrigo Biſpo da dita Cidade, Dom Frey Vaſco Biſpo da guarda, o Priol de Sancta Cruz, o Abbade de Sam Iohaõ de Alpendorada, & o Abbade de Beſtellos, & Ruy Lourenço Adayaõ de Coimbra, grande letrado, & outras honradas peſſoas Eccleſiaſticas. Outroſy dos fidalgos eſtaua hi Vaſco Martins da Cunha o Velho, Vaſco Martins de Souſa, Ruy Homem, Nuno Aluarez Pereira, Gõçalo Vazquez Coutinho, Martim Vazquez da Cunha, & Lopo Vazquez, & Gonçalo Mendez de Vaſcogoncellos, Mem Rodriguez, & Ruy Mendez ſeus filhos, Diogo Lopez Pacheco, Iohaõ fernandez, & Lopo Fernandez ſeus filhos, Iohaõ Pereira, Aluoro Pereira, Gonçalo gomez da Sylua, Iohaõ gomez ſeu filho, Martim Affonſo de Souſa, Vaſco Martins de Mello, & Martim Affonſo de Mello, ſeu filho, Eſteuam Vazquez de Goes, Eſteuam Vazquez de Reſende, Affonſo Vazquez Correa, & Aluoro da Cunha, e outros, q̃ naõ nomeamos. Iſſo meſmo eſtauaõ hi aſſi como Affonſo Furtado Capitam mor da frota, Affõſo Eannes Nogueira Gonçaleannes de Caſtello da Vide, que ſe viera já pera o Meſtre, Fernão Rodriguez, que depois foi Meſtre de Auis, Martim Gyl Commendador mor da Ordem de Chriſtus, Pero Lourenço de Tauora, Ruy Lourenço ſeu Irmaõ, Aluoro Gyl Cabral, Lourẽço Mendez Carualho, Gomez Martins de Lemos, Nuno Viegas o moço, Ruy Vazquez Caualeiro, Egas Coelho, Gonçalo Gonçaluez Borges, Martim Affonſo Valente, Eſteuaõ Vazquez Felippe, Ruy Crauo, & outros muitos caualeiros, & eſcudeiros de boa conta, & muito outro pouo, Procuradores das Villas, & Cidades eram hi juntos, a quelles, que nomeamos por cõfeſſores ante deſto em ſeu lugar.

## CAP 176. *Como o Doutor Iohaõ das Regras propoz em as Cortes moſtrando q̃ hauia quatro herdeiros do Reyno.*

Elles todos em hum Paço poſtos em aſſeſſego em boa orde-

ordenançà, era ahi hum notauel baram homem de perfeita authoridade, & compridо de boa ſciencia, muy grande leterado em leys, chamado Doutor Iohaõ das Regras, cuja ſotilidade, & clareza de bem falar antre os leterados eteudo em conta. Eſte propoz naquellas Cortes, tendo cuidado de moſtrar por ſciencia, rezam, & verdade o proueito de tam graõ negocio, como eſte aos pouos ficar depois encarrego eſcolher, qual determinaçam quizeſſem. Mas quem poderia reter ſegundo alguns eſcreuem a abõdança de ſeu bom falar, & como ſe houue taõ ſabedormente acerca de taõ alto feito, das quaes couſas alguns leigos leixando as migalhas, do que percalçar podiaõ, em eſcrito dizem que começou deſta guiſa.

☞ Senhores fidalgos, louuadas peſſoas, que hora de preſẽte eſtais, bem ſabeis como ſomos aqui juntos pera com a graça de Deos, & ſua ajuda auermos de trabalhar, & acordar as couſas, que compridoiras ſaõ pera regimento, & gouernança deſtes Reynos, eſpecialmente em feito, & defençom da guerra, na qual ſomos poſtos, & temos taõ preſtes, como todos bem ſabeis; & mais pera falarmos ſe eſtes Reynos, depois da morte Del Rey Dom Fernãdo, que delles poſtimeiro poſſuidor, ficaram vagos, & deſemparados ſem Rey, & defenſor lidimo, que os poſſa, & deua herdar de direito, pera ſobre ello prouermos, como nos Deos ajudar, de guiſa, que o Reyno ſeja mantido em direito, & em juſtiça, & nos guardados, & defẽſos denoſſos imigos, & contrarios. Mas, porque alguns dizem que nam ha herdeiro de direito, porem eu, por tirar tal debate dantre vos, & fadiga, em fauor das rezoens dos que deuem herdar, quero moſtrar, que naõ ſomente ha hi hum herdeiro, mas que temos aſſaz delles, de que podemos tomar qual nos aprouguer. Mas ante q̃ deſto façamos palaura, quero reſponder ahũa rezaõ, que ſe aqui moue da parte de alguns dizendo; pois ſemos taõ poucos, que nam podemos eſcolher, nem eleger Rey, pois que o Reyno he em ſi diuiſo, & naõ ſomos todos em hũ acordo, mas que leixemos aſſocegar eſtes feitos, & deſpois q̃ a Deos prouguer de o Reyno ſer todo de hum acordo, & poſto em aſſeecego, como dãte era, que entam deuem todos de eleger Rey, qual mais entenderem que he proueito da terra, & ſua eleiçam ſerá valioſa, pois he com

acor-

acordo de todos, & naõ taõ poucos,como hora ſomos,& doutra guiſa naõ he de fazer, nem valeria tal eleiçaõ. Mas os que eſto dizem naõ ſaõ de culpar,porque naõ há fundamento em enſinança de direito. Caſe o Papa, que he mayor couſa,podeſer elegido por hũ ſó Cardeal, morrendo todos,& ficando elle ſò; e ainda,ſe eſte morrer a Clerezia pode eleger Paſtor da Igreja,& ſer verdadeiro Papa, quanto mais nos outros em tal neceſſidade poſtos,a inda que poucos ſejamos, & o Reyno emſy diuiſo,podemoseleger quem rejà o Reyno, & nos em pare denoſſos imigos, & ſobre eſto naõ cumpre deſpender tempo, nem detença de palauras. Mayormente que aqui ſam juntos bem ſincoenta Procuradores de Villas, & Cidades do Reyno. Mas leixando eſto, venhamos a prepoſito, & vejamos, pois eſtes Reynos ſam deſemparados,& haõ miſter Rey,& defẽſor,que ſe por elles ponha, ſe temos herdeiro pera elles, que os poſſa,& deua herdar de direito,a charemos que muitos, de que podemos tomar hum. EdigouosDel Rey de Caſtella, o qual era primo com Irmaõ DelRey Dom Fernando, em cujo parenteſco naõ he de poer duuida, ca ElRey Dom Fernando era filho de Dona Coſtança molher que foi Del Rey Dom Pedro de Portugal; & eſte Rey de Caſtella he filho de Dona Ioanna, molher que foy delRey Dom Anrique, & ambas Irmãs filhas de Dom Iohaõ Manoel; & aſſi eraõ primos com Irmãos filhos de duas Irmaans. E alem deſto elle eſtá caſado com Dona Breatiz filha ſidima do dito Rey Dom Fernando, que foy poſtimeiro poſſuidor delles, & aſſi herdeiro dos ditos Reynos, & iſſo meſmo ElRey ſeu marido por bem de tal caſamento. E poſto que hi naõ houueſſe eſte, temos o Infante Dom Iohaõ, & D. Diniz filhos DelReyDom Pedro Irmaõs DelRey Dom Fernando, os quaes ſaõ viuos, & ſam chegados parentes, que ſe naõ podem dizer com rezaõ que os Reynos ſaõ vagos,& ſem ſuceſor, q̃ os deua herdar. E aſſi temos herdeiros

## CAP. 177. *Rezoens daquelle Doutor, porque a Raynha D. Breatiz naõ podia herdar eſtes Reynos.*

VISTOS temos aſſaz herdeiros, de q̃ podemos tomar hũ qual ante quizermos. Fiqua gram proceſſo de arrezòar qual delles deue

deue ſer eſcolhido, que dignamẽ te reyne, ſegundo os direitos, que tem. E por vos eſcuzar deſte traba lho, eu quero moſtrar, por viuas rezoens, & direitos, que eſtes Rey nos ſaõ vagos liuremente de todo, & nenhum dos que nomeey naõ de ue, nem pode ſuceder, em elle, poſto que a alguns pareça o contrairo, por as rezoẽs, que por ſua parte diſſe. E para vos iſto, ſenhores, claramente verdes compre primeiro dante vos tirardes toda a affeiçam, & bem querença, que a alguãs deſtas peſſoas tenhais, a qual neſtas Cortes nam deue de ter voz, nem deue pouzar com nenhum de vos outros; porque ſegundo ſabeis, dizem a affeiçaõ de todo homem deue ſer leixada, pois por ella o entendimento perde ſeu entender, & arrezoado juizo, deguiſa, que não julga o que direitamente entende, mas, ſegundo aquello, que ama, aſſi peruerte o Iuizo da rezaõ. Porẽm nos, leixando tal liança de affeiçaõ, vejamos todos omais proueitoſe, ſegundo aneceſſidade, em que ſomos poſtos, requere, & aſſi, com a graça de Deos, & ſua ajuda, que deu bom começo a noſſos feitos, encaminhará dar boa fim á eſte negocio, de guiſa, que ſeja a ſeu louuor, & ſeruiço, em honra, & defenſam deſtes Reynos Ora, ſenhores eu diſſe, que tinhamos aſſaz, de herdeiros pera eſcolher hũ, qual quizermos, & mouu primeiro ElRey de Caſtella, dizendo, que era primo com Irmaõ DelRey Dom Fernando, poſtimeiro Rey, que foy deſtes Reynos, & per bem do diuedo, & deshi poer a parte da Rainha ſua molher, filha do dito Rey; que ella hauia no Reyno direita heraça. Do diuedo naõ curo; pois que hi ha outros mais chegados parentes, que ſaõ Irmaõs. Mas de elle poder herdar por bem do caſamento deſua molher; deshi por bem dos tratos, que per azo de tal caſamento foram feitos antre eſtes Reynos, & os de Caſtella. Eſto digo, que nam pode ella ſer por nenhũa guiſa, e prouo deſte modo. A Rainha Dona Beatiz molher que era delRey de Caſtella, nam era cidimamente nada, ca ſua madre, ao tempo, q̃ caſou cõ ElRey Dom Fernando naõ podia caſar com elle, & per direito tal caſamento era nenhũ. Tão pouco pode ſer afilha legitima pera ſoceder, nẽ poderherdar. Eque ella caſar nam podeſſe, bẽ o ſabem quantos aqui eſtaõ. Certo he que a Rainha Dona Lianor ante que cazaſſe com ElRey Dõ Fernando, naõ podia cazar com

elle

elle, & por direito tal cazamento era nenhum, ca ella fora casada com Ioham Lourenço da Cunha, do qual ouue huma filha, que morreo, & Aluoro da Cunha que aqui está. E posto que, depois que a ElRey tomou, lhe ella chamasse Aluoro de Sousa, dizendo, que era filho de Lopo Dias de Sousa, & de hũa molher de sua casa, que chamauaõ Eluira, & esto por sedar por Virgem a ElRey Dom Fernando, dizendo, q̃ seu marido nunqua com ella dormira, & se ElRey gabasse que a achara virgem. Certo era que elle era seu filho, que quando Iohaõ Lourenço foy doẽte em Lisboa, que o Mestre o foy ver, ante que morresse, elle lhe pedio por merce que a este moço desse seus bens, & lhos leixasse auer, & possuir, como seu filho, que era, o qual nunqua ouzara nomear por filho em vida DelRey Dom Fernando, & assi os houue, & herda agora, como todos sabem. Ora sendo ambos assi cazados, hauia já huns tres annos, ElRey Dom Fernando lhe tomou a molher, recebendoa depois depraça, o que fazer não podia, sendo seu marido viuo, a que muyto pezou de tal feito. Ese alguem disser; q̃ he verdade que, pois a Rainha Dona Lianor era parenta de Iohaõ Lourenço, que nam podia ser seu marido, & assi podia casar com outro, & ser o casamẽto valioso. Respondo, que esta rezam naõ destaz meu prepósito, porq̃ foy muito pello contrairo, ca elles cueram despensaçam de Roma pera seu matrimonio ser valioso segũdo bem sabe Diogo Lopez Pacheco, e outros muitos. q̃ aqui estão, e isso mesmo Vasco Martins de Sousa, que a vio, & teue na maõ, que lha mostrou o Conde Velho, falando com elle acerca destes feitos, & assi era sua lidima molher, & elle seu marido, & nam podia casar com outrem Por outra rezam digo ainda que nam podia ser sua molher por nenhũa guisa, sem hauer pera ello especial dispensaçaõ do Papa, porquanto ella era sua cunhada bẽ chegada, sendo ElRey Dom Fernãdo, & Iohaõ Lourẽço seu marido de segundos com Irmãos, & vede de que guisa Iohão Lourenço da Cunha foy filho de Dona Maria de Butteiros, neto de Martim Affonso Chicho rro Irmam DelRey Dom Diniz, filha de Dona Maria sua filha, & de Gonçaloeannes de Butteiros; E ElRey Dom Fernando era filho delRey Dom Pedro, neto DelRey Dom Diniz, filho DelRey Dom Affonso o quarto seu filho. Assi

que

que o dito Rey Dom Fernando, & Iohaõ Lourenço ſeu marido eraõ terceiros com Irmãos, filhos de ſegundos com Irmaõs, & aſſi ſe nomeauaõ por vezes. E ſey que eſte diuedo ſaberá bem Vaſco Martinz de Souza, que vem, & decende daquella linhagem. Ora vede como podia ſer ſua molher lidima, & os filhos taes, que podeſſem, & deueſſem herdar, ſe caſaua com molher caſada, ſabẽdo bem que era ſeu marido, & taõ chegado parenteſco. Porem tal caſamento naõ era valioſo, quanto a Deos, nem quanto ao mũdo, ante foy vergonha, & eſcarnio de ouuir aſſi neſtes Reynos, como nos de Caſtella. E ainda maisvenha a outra rezaõ, poſto que mingoa aqui naõ faça, & digo que toda molher, que he infamda, que faz maldade a ſeu marido, & deſto ha publica voz, & fama, que os filhos, que della nacem, o direito preſume, & os há por ſoſpeitos, que podeſſem ſer nam de marido, ca pois ella com dous dorme, mal ſerà certo de qual delles emprenha. E por eſta guiſa fez hũa vez a Rainha D. Lianor a ElRey Dom Fernando que naõ tomou por ſeu filho hum cachopo, que [illegible] huma molher caſada, cõ que elle dormia, o qual elle já tomaua, ſem poer duuida; cuidando pouco em tal couſa: & a Rainha, que neſte feyto era mais ſagaz perguntou á molher por o tempo que houuera da dormida de ſeu marido com ella atá que ElRey com ella ſe ajuntara, & achou. que fora taõ pouco eſpaço, que naõ hauia poder dizer certo cujo era aquelle filho, & deſta guiſa lho fez engeitar Ora ao noſſo prepoſito; que a Rainha Dona Lianor foſſe infamada que nam era leal a ſeu marido, & iſſo meſmo, & porque guiſa, nam compre dello fazer mais ſermam, por que muito milhor he calar taes couſas por ſerem feas que vergonhoſamente as publicar E aſſi torno á minha rezaõ; que ſe nos herdeiros houueſſemos de eſcolher deſtes, que ja comecey, naõ tomariamos nos ſua filha, deſta, pois que o direito a tẽ por ſoſpeita, ca nòs naõ deuemos tomar por herdeira peſſoa duuidoſa, q̃ reyne ſobre nòs, mas muito certa, & ſem ſoſpeita. Pois como faremos certo o que o direito ha por incerto? Nem como diremos que naceo lidima, na qual o direito poem tal ſoſpeiçam? E ſe algum mais diſſer, que muitos filhos de tal molher herdam ſeus bens, & os dos maridos, ſem lhes poendo tal contradiçaõ: confeſ-

ſoo

ſoo por algumas couſas. Conſenteos o direito nos ligeiros caſos, & pequeno, que nos grandes douida muito; & nam outorgo, pellos perigos, que ſe ſeguir podem; aſſi como he na herança de hum Reyno, ou ſemelhante couſa, que naõ fazem em hũs poucos de bens de pequena conta, que ficaõ de hum homem, ou de hũa molher. Aſſi que herdeiro duuidoſo no ponto, em que eſtamos, & ſomos poſtos, naõ pertẽce hauermos por ſenhor.

CAP. 178. *Outras rezoens deſſe meſmo Doutor, porque ElRey, nem ſua molher nam deuem ſer tomados por ſenhores.*

LEIXANDO taes impedimentos da parte da madre, & outros deſua peſſoa em que nos podiamos deter, aſsi como ſer ella ſobrinha de ſeu marido filha de ſeu primo com Irmãos, & ſem diſpenſaçam, que hi ouue, naõ ja de verdadeiro Papa, & outras taes rezoens, com que ſe por direito podia moſtrar ſeu cazamento ſer nenhũ; Venhamos a outra maior contradiçam. Certo he q̃ a herança, que elles neſtes Reynos houueraõ de hauer, hauia de ſer ha certos annos, & certas cõdiçoẽs, as quaes elle, & ſua molher juraraõ guardar com grandes penas nos tratos conteudas as quaes ElRey todas aprouou, ante que a por molher tomaſſe, quando a em Badalhouce recebeo, jurando ElRey por ſua fé Real, & os Sanctos Euangelhos corporalmente tangidos, & pelo corpo de Deos conſagrado, que o Biſpo da Cidade reueſtido em Pontifical em hũa patena tinha, ſobre aqual ElRey poz ſuas maõs, jurando por elle, que guardaſſe, & compriſſe todalas couſas, & cada hũa dellas conteudas em elles; & que nunqua vieſſe contra elles, em parte, nem em todo por ſy, nem por outrem, em eſcõdido, nẽ per feito; nem perdireito nẽ per outra nenhũa maneira. E vindo contra todas, ou contra cada huma dellas rezoando, ou falando em parte, ou em todo, direitamente, ou pello contrario, em pubrico, ou em ſegredo, q̃ nam valeſſem nenhuma couſa, & ficaſſe logo fẽ perjuro, & mais q̃ pagaſſe por pena cẽ mil marcos de ouro. E cahindo em tal pena, q̃ a elle prazia, & daua logar a ElRey Dom Fernando, ou a aquelles, que pera eſto poder ouueſſem, & a todol os do Reyno de Portugal, que por ſua propria autho-

authoridade, ſem outra ordem de juizo, podeſſem fazer penhora, & entrega nas Villas, & Cidades, & bens de ſeu Reyno fazendo guerra a elle, & a todos ſeus naturaes, ate que foſſe entregue dos ditos cem mil marcos douro, por a qual guerra ElRey de Caſtella naõ podeſſe fazer prenda nas terras, & bens dos Portugueſes, mas que quantas vezes viſſe contra os ditos tratos em parte, ou em todo, que tantas vezes pagaſſe os ditos cẽ mil marcos de ouro; prometendo de nunqua allegar nenhuma exceiçam por ty, nem por outrem, nem por outra legitima rezaõ, nem foro, nem decretal, nem ley, nem coſtume, nem façanha, nem outro direito, ſometendoſe à pena de excomunhaõ, & de interdito poſto ſobre elle, & ſeus Reynos, vindo contra os ditos capitulos, ou cada hum delles. E fazendoo q̃ perdeſe o direito, que hauia nos Reynos de Portugal, por qualquer guiſa que foſſe E por eſta guiſa o jurou a Rainha Dona Breatiz por ſeu marido, & outorgamento, depois que foy empoder delle, & aſſi o juraram ao corpo de Deos conſagrado, tangido por ſuas mãos, os ſenhores, & vaſſallos de ſeu Reyno fazendo preito, & menagem nas mãos de Gõçalo Mendez de Vaſcogõcellos, que aqui eſtà, que não guardando elle Rey de Caſtella ſeu ſenhor os tratos na forma, em que eraõ poſtos, ou foſſe contra hũa ſó couſa em elles contendas, ſe desnaturaſſem, & tiueſſem com os Portugueſes, & lhe fizeſſem guerra: & nam o fazendo aſſi, q̃ cahiſſem naquelle caſo, que cahem aquelles, que trahem os Caſtellãos, ou mataõ ſeus ſenhores. Pois ſe nòs ouueſſemos de demãdar tãtos cem mil marcos de ouro, quantos elle encorreo de penas, & elle jurou em eſtes tratos, & os começou de quebrar, nam auondaria o Reyno de Caſtella, ainda que o todo mercaſſem em pregam, pera pagar tam grande ſoma. Por outra couſa muy forçada digo ainda, que rezam, nem direito não querem conſentir, que, poſto que El Rey britàra os contratos, nam viera contra o juramento, que fez, porq̃ algũ direito ſe no Reyno tinha, que elle nam deue ſer noſſo Rey, nem ſua molher tomada por Rainha, aqual rezam he eſta. Certo he que mais deuemos obedecer a Deos, que aos homens, nem ley nenhuma naõ he direita ley, ſenão he conforme com a Ley de Deos, & mandados da Igreja, & pois que o Pa

pa

pa à fora peccados, assi como a Deos, a quem despreza o que el le manda, despreza a IESV Christo, cujas vezes tem. Ergo de seu mandado per nenhũa guisa deuemos desuiar, quanto a Deos, nẽ quanto ao mundo, pois que cõprido poder tem sobre a terra, em tanto, que não sómente sobre Christãos, mas ainda sobre todos infieis tem poderio, & jurdição, porque todos sam suas ouelhas, as más, & as boas, Nem deuemos de não dar rezão, porque o Papa, que he Vigairo de Christo, isso possa fazer: ou não. Pois se os Iudeus, & os infieis o Papa os pode castigar, & punir, dos Christãos não pode ter duuida, o qual Papa he Pastor, & deue ser hum, & mais não, sob cuja obediencia nenhum nam pode auer saluação, posto que seja martyr por amor de IESV Christo nosso Senhor, se em scisma perseuera, & he fundado. Ergo justamente o Papa pode mandar punir quaesquer scismaticos, nõ obedientes á Igreja. Pois se o Papa Vrbano nosso Pastor, e Deos sobre a terra nos manda, & amo esta, que persiguamos todolos scismaticos, & infieis, assi como hereges, & membros talhados da Igreja, & auendoos per escomũgados da mayor escomunham. outorgandonos per esto aquelles priuilegios, & perdoãças, que outorgaõ aos que vaõ contra os Imigos da fè em ajuda da Casa Sancta; como tomariamos nôs por nosso Rey, & senhor quem for, & he tam claramente contraelle, & cabeça de tanta maldade, & scisma? Certamente naõ he de dizer que notorio he que ElRey Dom Fernando, logo no começo da scisma, teue com nosso senhor o Papa Vrbano, & depois por aficados rogos DelRey de Castella, por o Antipapa, atè a vinda dos Ingreses, que fizeram tomar a primeira verdade. Pois se ElRey de Castella, & aquelles que sua entençam tem, por suas maldades, & indigno prepósito por nosso senhor o Papa, assi como scismaticos, & herejes por sẽtença saõ condenados; como tomariamos nos taes pessoas por nossos Reys, & senhores? E por isso dizem os direitos, que em pecado, & maldade de pagua viue qualquer, que affirma que he Christaõ, & á Sé Apostolica despreza obedecer, & naõ sẽ rezaõ, porque o senhor Iesu Christo ordenou, & ajũtou a sy hũa Catholica, sò Igreja, a qual non recebe em sy despartimento, nẽ diuisaõ mas deue ser hũa vnidade sempre, & perpetualmente E estes scisma-

ſciſmaticos, & hereges querem talhar a Igreja de Deos, & veſti dura do Senhor nam cozida, pecando na fé contra aquelle artigo. *Creo no Eſpiritu Sancto, & hũa Sancta Catholica Igreja.* Pois auemos nòs de tomar ſciſmatico; & infiel herege por noſſo Rey, o qual os direitos, & noſſo Senhor o Papa defendem, q̃ nam façamos, nem queira Deos, que tal erro paſſe por nòs, mas defendamos noſſa terra, que juſtamẽte podemos fazer. E nenhũ nam praza por erronia, & indiſcreta condiçam o contrairo deſto auer effeito.

## CAP 179. *Como o Doutor moſtrou claramẽte, que nunca foy certo, que Dona Ines foſſe molher DelRey Dom Pedro.*

AGORA pois, que temos ElRey, & aRainha naõ pertencentes pera reynar, vejamos ſe achamos outros alguns chegados parẽtes, que reynem em logar delles, & temolos logo muyto preſtes, q̃ ſam os Infantes *Dom* Iohãõ, & *Dom* Dinis filhos DelRey Dom Pedro, dos quaes muyto parece ſobejo rezoar, falar homem ſe deuem herdar, ou nam, porque, aſſi como o que ſe quer ſaluar nenhũa couſa duuida na fé, que crè aſſi eſtes ſem maisduuida ſempre ſam preſtes a ouuir, que ſam lidimos herdeiros ſem contradiçaõ, que em ello ponham. E porque ſe alguns acoſtaõ a eſta parte, & nós nam cairmos aſſim de ligeiro, pezemos ante bem eſta couſa ſem affeiçaõ, que ſe dè nòs aſenhorehè, & ponhamola em pezo rezoado, ſegundo rezam, & o direito quer, & aſſi podemos ver ſe a verdade contradiz ao deſejo de taes, porem noſſas rezoẽs claramente haõ de ſer encaminhadas, por ſaber a certidam deſto ſem outros argumentos, nẽ máis deſpoſiçaõ, a antiga verdade proteſta por ſaber duas couſas daqueſte negocio; A hũa ſi foi certo, q̃ Dona Ines molher DelRey Dom Pedro, era recebida cõ elle. A outra, poſto que a recebeſſe ſe podia ſer ſua molher de direito, & os filhos taes, que podeſſem herdar. E de muytos cuidarem ſer ſua molher recebida, eſto nam he de marauilhar, que viſtos os juramentos, que ElRey, & outros ſobre eſto fizeram, deſhi as rezoens, q̃ o Conde de Barcellos em eſta Cidade propoz naquelle tempo, & mais hũa letra de deſpenſaçam, que logo prouicou perante todos. Bẽ he de cui-

dar

dar ſer ſua molher era ſẽ outra duuida, q̃ ſe nello deua depoer. E porque eſtas couſas a todos ſam notorias, & há aqui muitos, q̃ de preſente foraõ, naõ curo de perlongar mais como iſſo paſſou. Mas reſpondendo à primeira razão, q̃ cumpre de ſaber ſe foy ella ſua molher, eu não digo que foy certo em vida DelRey Dom Affonſo, nem depois que a elle recebeſe por molher, poſto que fizeſſem aquellas avondanças, q̃ aqui fizeram E denão ſer ſabido em vida DelRey ſeu Padre, moſtraſe claro por eſta guiſa. Certo he q̃ viuendo ElRey Dom Affonſo Padre deſte Rey Dom Pedro, ſendo o Infante caſado com DonaCoſtança, foy trazida àCorte DelRey Dona Ines de Caſtro ſobrinha de Dona Tareja de Alboquerque pera andar por dama da Rainha, & andando aſſi em caſa DelRey, ſendo ella de bom parecer, namorouſe della oInfante Dom Pedro, & por nouos geitos que com ella começou de ter, oentendeoElRey ſeu Padre, & alem de elle ſer mui cioſo, como já ouuirieis contar, deſprouguelhe de taes amores, aſſi por DonaCoſtança, a que queria grã de bem, como por Dom Iohão Manoel, com quem hauia grande liança, e ordenou logo de mandar pera ſua terra. E eſtãdo aſſi com ella, aconteceo de morrer Dona Coſtança, & naõ eſquecendo ao Infante a bem querença a traz paſſada, mandou ſeus recados á tia, & á ſobrinha, de guiſa que a houue, da qual guiſa muito deſprouue a ElRey ſeu Padre, maiormente, porque alguns diziaõ que era ſua molher; trazendoa aſſi o Infante conſigo, hauendo ſeus filhos Por tirar ElRey duuida ſe era ſua molher, ou nam, eſtando em eſta Cidade, & pouzando o Infante naquelles Paços de Sancta Clara, mandou lá ElRey a Diogo Lopez Pacheco, que aqui eſta, & Meſtre Iohanne, que era do ſeu Conſelho, pellos quaes lhe mãdou dizer, q̃ pois lhe naõ prazia caſar com filha de Rey, & tanto amaua Dona Ines, que cazaſſe com ella, & a recebeſe por molher, & q̃ a elle prazeria deſto, & honralahia como ſua molher. E o Infante reſpondeo que não era ſeu talante ao fazer, por aficamento, que ſobre ello lhe fizeſſem, nem cuidaua de a receber em dias de ſua vida. E falando ElRey cõm ſeus Prelados acerca de tal repoſta, diſſeram alguns que entendiam que o Infante o naõ deixaua de fazer, ſaluo

por tal caſamento ſer muito deſconueniente pera elle. Porque Dona Ines, quando à primeira veyo pera a Corte, naõ ſe chamaua Dona Ines, mas Ines Pirez de Caſtro filha baſtarda de Dom Pedro de Caſtro. E ainda vos digo q̃ nunqua ouui dizer quẽ fora ſua madre, nem achei em eſcrito. E depois que o Infante a tomou,& trouxe conſigo, entaõ lhe chamaraõ Dona Ines, & deſta guiſa nũqua foy ſabido, em vida DelRey Dom Affonſo, que a ElRey recebeſſe por molher, nem o Infante tal couſa diſſeſſe. E ſe alguẽ quizer dizer contra eſto, que rezoo, dé juramento a Diogo Lopez Pacheco, que aqui eſta, ſe he verdade aqueſto, que digo, & eu cuido que dirá de aqueſta guiſa ſe paſſou, nem chamaram a ſeus filhos Infantes, ſenam depois que ElRey Dõ Pedro reynou. E quãdo ElRey D. Affonſo daua algũa couſa a cada hũ delles, dezia na carta, q̃ fazia, *Querendo fazer graça, & merce a Dõ Iohaõ meu vaſſallo, filho do Infante Dom Pedro meu filho*, & doutra guiſa nam. Nem ElRey Dõ Affonſo, ſe ſoubera que era ſua molher recebida, poſtoque não foſſe azada pera o ſer, nunqua a mandara matar, por couſa, que auiera; mas tẽdoa em conta de mãceba, a mandou matar da guiſa, que ſabeis. Mas naõ embargando que eu haja dito que em vida DelRey D. Affonſo nunqua foy tirada tal duuida como eſta, bem pode dizer a parte contraira, q̃ o foy logo depois muito certo, quando ElRey Dõ Pedro em eſta Cidade, fez notificar a todos, como a recebera, & de o muitos eſtonce crerem naõ he marauilha, nem ſaõ de culpar porque as ſentenças, que ſe eſcõdem de ſob ſemelhança de verdade, ligeiramente vencem o coraçam pouco auizado, mas o ſezudo, que á diſcriçam nam recebe de ligeiro táes couſas, nam ſe vay depoz a opiniam de muitos mas examina bem o que ouue, & ſe he rezam de ſer, ou nam, por nam cahir em engano, & nos em tal negocio, & engano, como ſomos poſtos deſta maneira, hauemos de ter que aquella pubricaçam, q̃ eſtonce foy feita por moſtrar que era ſua molher, foy muito maior ajuda pera certificar que nunqua fora aſſi, que pera ceſſar hum homem do que antes duuidaua. Aſſi q̃ onde cuidauam que o faziam muito claro pela todos hauerem de crer, alli foram leixar pegadas duuidas aſſi duuidoſas, que nam ha homem ligeiro que ſeja, que nellas muito não interprete. *E* vede do

que

que guiſa ElRey, diſſe em Cantanhede por ſeu juramento que poderia hauer hũs ſete annos pouco mais, ou menos, não ſe lembrando do mes, nem do dia, que elle recebera por ſua molher eſta Dona Ines, & que por quanto deſte recebimento muitos não tinhão boa ſoſpeita de por temor, & receo de ſeu Padre, em vida delle não ouzara de o dizer, entam, & por deſcarregar ſua conciencia o notificaua a todos. Deshi veyo aqui o Conde de Barcellos, & Meſtre Affonſo das Leys, com outros muytos, que ElRey mandou, & perguntarão a Eſteuão Lobato, & ao Biſpo da Guarda, que ja conſigo trazia, hauidos por teſtimunhas deſto feito: E viſtos ſeus ditos, & huma diſpenſação, que logo pubricaraõ, quantos ſimpleces alli foraõ juntos, todos ligeiramente crerão, que era aſſi como elles deziaõ, & foi então ſabudo pelo Reyno todo, que diſſera ElRey que fora ſua molher. E deſto tomaram logo eſtromẽtos pubricos por parte, & em fauor dos filhos. Ora vede, vos valha Deos, q̃ hiſtoria eſta pera nenhum ſezudo hauer de crer. Certo he, que quanto a couſa he mais pezada, & teuda em mór cõta, & ſegredo, tanto mais lembra a aquelles, q̃ a fazem, & a aquelles, que prezentes ſaõ. Pois como pode ſer que tamanha couſa, como he o caſamento, & q̃ ElRey fazia, em tamanho ſegredo, & cõ tal receo, & medo de ſeu Padre, ſegundo deziaõ, que ouueſſe de eſquecer em tam pouco tempo, não lhe lembrando o dia, & mes, em que o fizeram, & não ſomente a elle, mas a quem em tamanha puridade fora chamado pera os receber. Certamente a rezam a iſſo naõ conſente, & nam haqui tal de voſoutros, a que hora perguntaſſem o dia, em que caſou poſtoque nam foſſe feſta, mas hum dia ſimplez, por muitos annos que houueſſe, lhe nam lembraſſe o dia, & o mes, em que foy & ainda as horas, ſe acontecer, poſto que lhe os annos de todo eſqueção. E onde Eſteuaõ Lobato cuidou que certificaua muito, por dizer, que fora em dia de Ianeiro, alli fez ſeu dito mui mais duuidoſo, & cheo de ſoſpeita, pera nam ſer crido. Que pois elle dezia que fora em dia de Ianeiro que he tamanha feſta, como vſaõ todos. Vede ſe hera eſte bẽ aſſinado pera lembrar a ElRey tal couſa, poſtoque houuera cem annos q̃ fora. Mas parece q̃ naquelle tẽpo perdiaõ oshomẽs muito cedo o ſentido, & memoria. A outra

rezão,que ante differão,porque o ElRey leixaua de fazer, eſta he jà muito mais fraca , & muito pior de crer,cà ſe elle em ſua vida lhe fora ſempre muito obediente filho,& nunqua o anojara em nenhũa couſa , ainda moſtraua rezão pera crer , q̃ eſto fora como elle dezia. Mas hum homem , q̃ tanto nojo fez a ſeu Padre, tomando tal molher contra ſeu talente,& àlem deſto tamanho deſuairo como elle houue por ſua tomada , & dopois da morte della, por eſpaço de tempo,q̃ receo haueria de dizer q̃ era ſua molher? Nam houue receo de ajuntar a ſy quantos malfeitores, & degradados hauia pello Reyno , & fazer guerra com elles a ElRey ſeu Padre , cercandolhe as Villas , & Caſtellos, & roubando, & poẽdo fogo pela terra , como ſe foſſe de imigos. E diz, que hauia medo, & receo de dizer que fora Dona Ines ſua molher,ante fora milhor de o pubricar então , & differão asgentes que ElRey fizera muy mal de lhe matar ſua molher, & tiuerão de milhormente com elle. Vede ſe era bom jogo de filho antre pay,que tanta guerra lhe fazia, elle andando pello Reyno em tal deſtruição , que aſſi mandauaElRey velar as villas,& caſtellos por azo delle,como ſe dẽtro no Reyno andaſſem ſeus imigos. E não cuideis que eſto ſòmente fazia nas villas,& logares piquenos, mas aAlcaçoua,& caſtello de Lisboa ſe velou,& guardou bem tres meſes, & aſſi lhe pagou ſoldo aos vaſſallosElRey aos que em elle eſtauão,como ſe foſſe na mayor guerra de imigos. E fazendo iſto,& outras taes couſas diz,que auia medo de dizer, que Dona Ines fora ſua molher. Quẽ hora perguntaſſe a Diogo Lopez, que aaqui eſtá , que milagres elle andou fazendo pello Reyno, & quanta deſtruição nos bẽs deAyres Gomes da Sylua,& de Diogo Gomez de Abreu , & de outros muytos , q̃ ElRey depois pagou, bem podia dizer que receberaDona Ines. Ora ponhamos que foſſe aſſi que em vida DelRey ſeu Padre não ouzou de dizer q̃ era ſua molher , quem lhe tolhia a elle, depois que elle morreo , q̃ o não pubricaſſe logo comoElRey morreo, & elle reynou, pois lhe tanto prazia de o ſaberem todos? Cà poderão fazer hum honrado ſahimẽto em Alcobaça,& chamados os fidalgos,& Prelados doReyno alli pubricaſſe como a recebera, & todo o que ſe paſſara em tal feito , & cuidarão que era aſſi. Mas acabo de quatro annos, deſpois que ElRey foy morto , &

ne-

nenhum já diſſo curaua, entam ordenou de dizer, que a recebera por molher, ſegũdo aqui mãdou pubricar. E porque penſais que eſto aſſi então foy feito? Por que em vida DelRey ſeu Padre, nem depois ata aquelle tempo, nunqua elle pode hauer diſpenſação do Papa, que lhe legitimaſe os filhos, então fez aquella pubricação, como viſtes por moſtrar que erão lidimos,& valeſe o que podeſſe valer.

CAP 180. *Como os do Porto tomarão o Caſtello de Gaya, & derribarão.*

IEIXADAS algumas couſas,que neſte caſaõ no Porto a contecerão, hũa ſò diremos em breue por virmos a noſſo propoſito, a qual foy que Ayres Gonçaluez de Figueiredo tinha oCaſtello deGaya da mão do Conde D.Gonçalo,& ſua molher deAyresGõçaluez eſtaua em elle cõ algũs eſcudeiros,&homẽs de pè por guarda, os quaes polas aldeas derrador fazião tão má vizinhança de roubar,&tomar por força as couſas, que vontade hauião, q̃ todos erão delles muito aggrauados,&os doPorto tinhaõ deſto gram ſentido, & deſejo de o vingar,como o bẽ fazer podeſſem. Aueo aſſi hũ dia que a molher de Ayres Gonçaluez mãdou pedir certas couſas a hũa aldea, que lhe mandaſſem pera ſi,&pera aquelles,que conſigo tinha,os moradores do lugar contradiſſerão de o fazer,dizendo,que ainda que aquelle caſtello tiueſſevoz porCaſtella,que não hauiam del le pior vizinhança recebido, do q̃ atè alli tinhaõ recebido,& naõ lhe quizeraõ conſentir de leuar aquello,q̃ elles queriaõ. Amolher de Ayres Gonçaluez,quando lhe com eſte recado chegaraõ, com pouco ſiſo,& graõ queixume,foyſe a aquella Aldea, & leuou quátos tinha conſigo por tomar vingança delles,& trazer todo o que lhe vieſſe à vontade.Os da Cidade,como eſto ſouberaõ,juntaraõ ſe logo,& forão là,& tomarão o Caſtello,&roubaraõno de quãto nelle tinhã,derribãdo o muro,& torres deitauãono todo, ou leuauaõ.Ayres Gonçaluez,como eſto ſoube em TorresVedras,onde eſtaua,houue dello muy grão deſperto,& diſſe ao Cõde *D.*Gonçalo,cõ q̃ elle acõpanhaua,porq̃ fora ſeu ayo, & gouernador de ſua caſa,em ſendo moço.*Paray mẽtes,ſenhor,& vede q̃ ſenhor ſeruimos, & de que eſperamos merce andar homem em ſeu ſeruiço, & leuar más noites, & maos dias*

*polo seu, & poer o corpo em tantos perigos de morte, & elle mandarnos honrar desta guisa, q̃ vòs vedes, & certo he que os do Porto nam se entremeteraõ de fazer tal cousa, se o nam sentiram delle, ca elles tem sua voz, & nós isso mesmo. Pois porque se moueram elles a me deshonrar de tal geito, senão parece, que elle tem de nós màsospeita, & mandanos fazer esta honra.* O Conde naõ mostraua em ello tamanho queixume, como Ayres Gonçaluez, & por seu aficamento foy ao Meistre, & disselhe aquellas rezoẽs, & outras, cuja concrusaõ era; que e le não tinha delles boa sospeita, & por tanto lhe mandara fazer aquello. O Meistre se desculpaua quanto podia, dizendo, que de tal cousa nam sabia parte, nẽ fora feito por seu mãdado, nem consentimento, que aquelles homens tinham sua voz, & o seruiram, & seruiam bem em todalas cousas, que podiam, & que naõ sabia, porque se demouessem ao fazer; porem, que sospeitaua, q̃ o fizeraõ por seu seruiço, assi como fizeram os de Lisboa, quãdo derribaram o Castello; & que pois já era feito, nam podia desfazer mas que elle lhe tornaria seu Castello, & outro como aquelle, & lhe faria por seu bom seruiço muytas merces, como era rezão Mas cõ quãtas boas rezoens lhes dizer podia, nunca os pode apacificar, & assi se partiram dante elle queixosos: Por hora tornemos a ver a caua, que ficou começada, em que ponto está, em quanto se estas cousas passaraõ.

## CAP. 181. *Como o Meistre combateo a Villa com as cauas, que feitas tinha, & a nam pode tomar.*

FIZERAM a caua, que dissemos per espaço de tantos dias até que chegaram alẽ do muro antre a Villa, & o Castello, & por saberem o sesmo em que lugar eram, trazião trados muyto grossos, quaes compriaõ pera tal obra & eõ hum delles furauam a terra pera cima, por verem oceno, onde já chegauão, & com outro enchiam aquelle buraco de barro, por se não enxergar, & assi entraram com a caua tam acerca da Igreja, que já viaõ o campanairo. O Meistre com gram prazer cuidando em outro dia tomar o lugar, foy fazer prestes aquelles, que entendeo, que pera tal obra compriaõ, assi como Iohaõ Gonçaluez da Sylua, & outros pera sairem no adro da Igreja

ja, & entrarem dentro com os imigos, Iohaõ Duque, que era auiſado por hũ a caua hia, & onde auia de ſair por aquelles maos conſelheiros do Meſtre, e percebido de todo quanto ſe fazia, amanheceo muito cedo hũa tenda armada ſobre aquelle lugar, por onde os Portugueſes cuidauam dauer entrada. E começaram de a talhar de guiſa, que ſe viram huns aos outros, & cadahum por comprir ſuas vontades eram poſtos em grande afam, de geito, que ſe feriam muy mal os de cima com portas, & tauoado embargandolhe a ſaida, aos de dentro, & ao fogo, & elles lançaramlhe muyta agoa pelo apagar: mandou entaõ o Meſtre armar o tiro de dentro na caua, & poſto que deſſem em aquella madeira, & della quebraſſem, & fizeſſem nojo, não era tanto, que aproueitaſſe, a fim do que começado tinha, & depois de muito trabalho dambalas partes, ſendo feridos de hũs, & dos outros começaram dapreſiar mais ſobre ello. O Meſtre vendo, que quanto trabalho atèlli tomara, todo fora poſto em vão, pezoulhe, & mãdoulhe porhũa caua ſobre o muro da Villa, & trabalhandoſe em ello por dias, puzeram hum lanco delle, a ſuas torres em encontros. E hum dia ordenou ſeus cõbates peta poer fogo à caua, & quandolhe foi poſto, veyo o muro, & torres á terra, & os de dentro, que já percebidos eram, & faziam o que ſe auia de fazer. Tinham poſtas cubas, & toncas baſtidas feito naquelle lugar, de guiſa, que por onde o Meſtre cuidou de ficar bem largo portal pera entrarem ha ſua vontade, elle, porque o lugar era amontado, ficou muyto mais forte, do que ante era, & tãto que nenhũ podia combater, nem fazer couſa, que lhe dano fizeſſe, quando o Meſtre vio iſto, mandou arradar ſuas gentes fora, nam tendo ſoſpeita, que nenhum andaua em ſua companhia de tal engano, & deſeruiço podeſe vir, mas penſaua, que era boom auizamento dos do lugar que em taes feitos traziam eſperto ſẽtido. Em iſto começaraõ os da Villa dauer mingoa dagoa de duas ciſternas, que tinham dentro, & iſſo meſmo de carne: & o Meſtre ſabendo deſto parte, mandoulhe Iohão Duque hum dia hum vergonhoſo preſente. ſ, Hũa natura daſno coſida com duas laranjas, & com ella huma troua, cuja concruſaõ era *Que das carnes nam auia tal bocado, como aquelle, que lhe enuiaua, mas*

*porem, que lhe pedia por merce, q̃ lhe mandaſſe algũa carne freſca, q̃ alguns dias auia, que era deſejoſo della, ca elle não era em culpa de lhe defender o lugar, pois lhe ſeu ſenhor tal carrego leixara.* O Meſtre começou de rir, & mandoulhe das carnes quanto podeſſe auondar. E na parte do deſculpamento, lhe reſpondeo *Que lho não auia por mal, mas por bẽ, porque aquello era theudo de fazer todo o bom fidalgo, & que elle trabalhaſe bem por ſe defender, ca elle muito auia de fazer, por lhe tomar o lugar* Iolhao Duque ouue ſeu conſelho vendo como ſe gaſtauam as viandas, que vieſſe falar ao Meſtre, & em lhe falando moueram ſuas preitezias, nas quaes nam ſe concordando partioſe sẽ nenhũa auença. O Meſtre tinha grande ſentido, porque em tam breues dias òs da ſua parte aconteceram contrarios aquécimentos, aſſi como o desbarato, & priſaõ do Meſtre de Chriſtus, & a morte de Fernaõ Pereira, & o cerco de Nuno Aluarez, que ſe não dera bem, & iſſo meſmo de duas galés de Caſtella armadas, q̃ chegaraõ a Lisboa alta noite, naõ ſabendo nenhum delles parte, & tomaraõ hũa nao do Porto carregada dauer do peſo, & mais tres galés, que jaziam deſarmadas na goa; & foraõnas queimar na metade do Rio, & a nao iſſo meſmo, porque lhe nam deram os da Cidade vagar, que a leuaſſem, & naõ embargando, que de taes couſas conuidamente em ſua võtade tiueſſe aſſaz de nojo, a grandeza de ſeu coraçaõ cobria todo nam dando a entender nenhũa couſa, mas a todo moſtraua ſembrante, & bom gaſalhado, dizendo quando em eſto falaua. *Que coſtume era de guerras darem nojos, & prazeres aos q̃ nellas muito vzauam.* E outros taes rezoens porque aos ſeus daua a entẽder, que nenhũa couſa daqueilas lhe fazia toruaçam, & que pera grandes trabalhos era ſeu coraçaõ preſtes.

## CAP 182. *Que peſſoas erám aquellas, que ao Meſtre nameram fieis vaſſallos.*



NÒs he por força pera ſaber certas couſas eſtoriarmos hũ pouco compriido, pois temos coſtume rezoar as opinioens, & parte dos ditos dalguns, que ja ſobre eſto primeiro, que nós falaram por nam carecer de proluxidade que a alguns gera faſtio, mas por que nam ſendo taes rezoẽs acha

das

das em eſte volume lhe ſeja cõtado por imperfeiçam. E porem, o que muytas hiſtorias quizer ler mayormente autenticas,& aprouadas, acharà, que os authores dellas louuaram grandes ſenhores, & ſeus boons coſtumes, & doutros eſcreuem ſuas feas condiçoens, & deſauenturados feitos. E eſte modo teue Sancto Agoſtinho no liuro da Cidade de Deos, cuja obra, & authoridade nam he de praſimar nella parte, ſeguindo hordenança. Forçado he, que deixemos algũas peſſoas, falando dellas em certos logares, mayormente, pois já ſeus exceſſos por outros ante que nós fameados em mais hiſtorias, cuja nodoa parem, ſegundo direito escrito, & auãgelica doutrina naõ poz magoa em ſeu linhagẽ, quãdo os deſcendẽtes dellas não foram ſeguidores de ſuas peruerſas pègadas, aſſi que pois nòs diſſemos, que tendo o Meſtre cercado o Caſtello, que tanto deſejaua de tomar, que nam fieis vaſſallos, q̃ conſigo trazia, per geitos, & eſcritos deſuairados percebiam aſſi os de dentro, que todo ſeu trabalho faziam em vam, rezam he, que eſpereis, que digamos, q̃ peſſoas eram eſtas, & de que eſtado: & como ſoube o Meſtre dello parte, & quando, & porque guiſa, ante que contemos, q̃ os moueo a eſto, & pubriquemos aquello, que outros primeiro pubricaram, & pregaram. Vejamos logo que homens eram, & buſquemos todolos liuros, que deſtes feitos fazem mençam. As hiſtorias aſſinam quatro. i. O Conde Dom Pedro, & Dom Pedro de Caſtro, & Iohão Affonſo de Beca, & Garcia Gonçaluez de Baldès. Do Conde Dom Pedro já tẽdes ouuido, onde falamos dos feitos da Rainha, quando foy a Coimbra; como eſte Conde de Traſtamara primo com Irmão Delrey, ſe quiſera lançar na Cidade com ella, & como fogio e ſe foy ao Porto, & deshi nas galés de Portugal a Galliza, & tiueram nelle naõ boa ſoſpeita no combate de Bentaços, & como foi ferido no termo do Porto por ſeu Irmão, & depois ſe veyo pera o Meſtre, jazendo ſobre Alanquer deſta vez, como diſſemos, era com elle em eſte cerco. Dom Pedro de Caſtro, já ſabeis, que era filho do Conde Darrayolos Dom Aluoro Pirez de Caſtro, o qual foy culpado no cerco de Lisboa, que polla porta de Sancto Agoſtinho, que era ſua guarda, quiſera dar entrada aos Caſtellãos, & como foy preſo, & depois perdoado: era aqui em com-

panha

panha do Meſtre Iohão Affonſo de Beca, que era hum dos fidalgos Caſtellãos, q̃ depois da morte DelRey Dom Pedro deCaſtella em tempo DelRey Dom Fernando ſe lançou emPortugal cõ outros, & quando Dom Guido Cardeal de Bolonha tratou pazes antre os Reys, ambos eram das peſſoas, que ElRey DomAnrique nomeou, que foſſem fora de Portugal dos vinte & cinco, q̃ entam deu foy eſte. E quando os Ingreſes vieram depois, q̃ o Conde Cambrique chegou a Lisboa tornaramſe alguns, dos que andauam em Ingraterra com elle, ante os quaes ſe tornou eſte Iohão da Beca, & ficou no Reyno, & andaua com o Meſtre. Garcia Gonçaluez de Baldes, era hũ eſcudeiro eſturião de grãde,& muiboom corpo, o qual ſe lançou com o Meſtre, & quando ElRey de Caſtella tinha cercadoLisboa offerecendolhe ſeu ſeruiço,& ficando por ſeu vaſſallo E poſto que o lançamẽto de taes peſſoas em tempo de eſquiua guerra de hũa parte, & outra aos prudentes ſenhores muyto ſeja darrecear, però, porque todos ligeiramente crem, que qualquer couſa,q̃ lhes he aprazivel,mayormente ſeruiço de boons fidalgos em tempo de neceſſidade. Nam teue o Meſtre deſta ſoſpeita,nẽ relembrança dasnodoas dosoutros.Hora os que os moueram a eſto,ſegundo contam as hiſtorias, foy, que ElRey de Caſtella enuiou cartas por hum Iudeu em grande ſegredo ao Conde Dom Affonſo ſeu primo, em que lhe fez a ſaber, *O gram deudo, que com elle auia, e como elle o mayor imigo, que teue no mundo era o Meſtre Dauiz cõ que elle andaua, contra o qual deuia ſer ſeu ajudador, por antre elles auer tom grande parenteſco, & ſe elle neſto quizeſe obrar, todo o que bem podia fazer, que era falar com alguns taes, que amauão ſeu ſeruiço, & matarẽ o Meſtre a ſeu ſaluo, que era bem ligeiro dacabar, que neſto lhe fazia tam grande ſeruiço, & prazer, q̃ mayor ſer nam podia Pelo que lhe perdoaua algum erro, que paſſadoera, & o acrecentaria tanto em todo ſeu Reyno, que nenhũ outro cuucſſe ſemelhante: & aquelles, que em ajuda de tal feito foſſem, poeria em grandes eſtados, & faria muytas merces.* O Conde vẽdo as palauras das cartas, & mais o dito do Iudeu, que lho bem dizer ſoube, prouguelhe dello cõ leda vontade, & falou cõ os taes que ouuindo as grandes promeſſas por cada hum acrecentar em ſy, conceberaõ em ſeus coraçõẽs

eſte

eſte danado ſegredo determinado de matarem o Meſtre o mais cedo, que ſe fazer podeſſe. E porem dezia o ſenhor Dom Iohão Duque de Bretanha Padre deſte, q̃ ao preſẽte viue, falãdo hũa vez nas deslealdades, que os vaſſallos contra ſeus ſenhores cometem, dizendo cada hum por ſy as entençoens, que ſobre eſto tinham, que huns deziam. *Que antes queriam ſer cornudos, que cahirẽ em mao caſo.* Outros eſcolhião ſerem antes mortos, que cometer tam ma couſa, outros catiuos, & preſos, pera ſempre, aſſi cada hũ nomeaua pera ſy o mal que ante queria, que lhe vieſſe, q̃ cometer tam graue exceſſo. Elle vendo tençoens, começouſe de rir, & diſſe. *Nam ſabeis, que vos dizeis, por a mais pequena couſa deſtas cairia cada hum de vos em elle, & eu conuoſco, quando me a mim vieſſe.* E ElRey pergũtando. *Porque rezam ſeria aquello.* Reſpondeo elle eſtonce. *Por vingar hũa pouca de ſanha, ou por cobiça de acrecentar em mor honra.* E certo eſtes, que diſſemos, q̃ ſe a eſto demoueram por eſta ſegunda rezam foy, & aſſi o affirma Chriſtophorus decretorũ Doctor, falando dos feitos do Meſtre, em hum tratado, que deſto compoz Capituló. Poſto que antes: naquelle lugar onde diz. *Rex propter hoc multa bona promittẽs.*

CAP. 183. *Porque medo tinhão ordenado de matar o Meſtre, & deſcobriram ſeus ſegredos.*

NA Membargando eſto, que aſſi he dito a que alonga pratica enſina alguns, porem tem opinião, que ambas as couſas, que diſſemos. ſ. Deſejo de honra, & vingança de odio, ambas neſte feito concorreram, dizendo; que mais ſe atrigou Dom Pedro neſte conſelho, quando lhe foy falado por vingança de odio, que o muyto tinha, por a priſam, que ante paſſara, que por cobiça de a crecentar em honra, como algũs diſſeram: mas nòs de incuberto falar julgar nam podemos, ſaluo das graças, & merces, honra, & grande gaſalhado, que do Meſtre todos recebiam, cada hũ em ſeu eſtado: ca poſto que elle prẽdeſe Dom Pedro, por aquelle erro, que as Cronicas contam, logo a muy poucos dias o mãdou ſoltar, & deſta vez jazendo ſobre Alanquer, auendo pouco mais de dous meſes, que ſua priſam fora, o Meſtre lhe cõfirmou & fez doaçam pera ſempre de to-

da-

dalas Villas, & logares, & Caſtel los, que os Reys auiam dados ao Conde Dom Aluoro Pirez ſeu padre, aſſi por condado, como por doação, & por outra qualquer guiſa que ſeja, ſaluo dos bens de Diogo Lopez Pacheco, que El-Rey Dom Fernando dera a ſeu padre, mas de todos os outros lhe fez doaçam por eſcriuaõ tão firme, como a Dom Pedro quiz mandar fazer. E porem nam he de cuidar, que por odio ſe moueſſe contra hum ſenhor, de que tantas, & aſſinadas merces recebera. Ora por qualquer das rezoens, ou entençoens, que foſſe a fala era de geito, que cada hum delles, q̃ a ſeu ſaluo podeſſe matar o Meſtre, que o fizeſſe; mas Iohão Affonſo, & Garcia Gonçaluez tinhaõ de tal obra eſpecial carrego, lançandoſe logo ha preſſa no lugar, como foſſe feito, por quanto Iohão Duque, que já deſto era ſabedor auia ſempre de ter atalaya, q̃ como o aluoroço no arrayal foſſe viſto, por quãto Iohão Duque já ſabia, que logo abriſſem ſuas portas, ſaindo com os ſeus por recolher os que fogiam, & a morte auia de ſer por huma de duas maneiras. Iohaõ Affonſo de Beca era hũ grãde caualgante, & bem deſenuolto, eſpecialmente ha gineta, & quando o Meſtre caualgaua, & algum dos ſeus, que com elle hia hia elle ſempre muyto diante, com a lança nas mãos, por acõpanhar com os outros, & daua deſporas ao caualo vindo correndo brandindo a lança, & quando era acerqua do Meſtre moſtraua, que a queria arremeſar rijamente, dando a entender, que o fazia por ſabor, por o Meſtre, nẽ outro algum tomar ſoſpeita delle, & eſto entendia elle de fazer muy tas vezes por deſegurar, atá que viſſem geito de arremeſſar, & aſſi o matar, Onde aqui he de ſaber, & nam ſem rezam de notar, que o Meſtre tinha hum ſeu criado veador de ſua caſa, a que chamauam Fernam Daluarez Dalmeida comendador de Villa Viçoſa homem auiſado, & bem diſcreto, & q̃ amaua muyto ſeu ſeruiço, eſte caualgaua ſempre com o Meſtre, de guiſa, que ao longe, & ao perto nunqua ſe delle partia. E vendo, que Iohão Affonſo vſaua ameude aquello, mayormente, que nunca moſtraua aquelle geito, ſenão contra a peſſoa do Meſtre, deſprouguelhe dello muito ſem ſoſpeita, porem algũa, que de tal couſa podeſſe auir. E hum dia vindo Iohaõ Affonſo correndo rijo por fazer tal moſtrança, como auia em coſtume

me. Pozſe Fernaõ Daluerez diante, & deſuiou cõ ſua lãça, & diſſe. *Afaſtay, afaſtay la voſſa lãça, naõ haueis empacho fazerdes já tantas vezes eſto, & virdes cõtra de tal geito contra o Meſtre meu ſenhor ſabey, que vos naõ parece bem, antes parece mal a quantos volo vem fazer.* Iohaõ Affonſo diſſe: que o fazia por jogatar, & por fazer ſabor, & nam por fazer deſprazera o Meſtre. *Eſſe Iogatar*, diſſe Fernaõ Daluerez, *hi vos fazer a outro, mas naõ ao ſenhor, cõ quem vos viueis.* Eſobreiſſo começaraõ a hauer rezoens, & o Meſtre diſſe que ſe calaſſem, & não curaſſẽ daquello. E deſentão não ſe tremeteo mais Iohaõ Affõſo de vzar aquelle fingimento, & jogo, & perdeo a eſperança de portal azo poder acabar o que tinha cuidado. Outra maneira era; que vindo o Meſtre ver ós engenhos, como auia em coſtume, quando foſſe mal acompanhado, & com poucos, que entaõ teriam geito de cõprir ſua mà vontade E aſſi andarão aguardando tempo quá do podiaõ cometer, & acabar tão malicioſa obra. E em quãto eſtas couſas aſſi paſſauaõ cõ maduro aſſoſego, & fingedas rezoẽs dauão ao Meſtre muito maos cõſelhos, fazendo a ſaber a Iohão Duque por eſcritos, & ſinais quãto o Meſtre com elles ordenaua, & era deſte geito, como depois foy ſabido. Tendião os virotoẽs, & punhãolhe penas depapel, ou de purgaminho, & nellas hia eſcrito quanto lhe querião deſcobrir. Emais lho fazião ſaber que donde ſe podeſſem, & começaſſem de eſtar os da Villa acenãdo com as mãos, que por alli hia a caua, & aſſi o fizerão de feito lhe chamauão fideputa; cornudos vaſſallos de alfinago, fazendolhe certos ſinaes, perque auizauão de todo, & com omao conſelho, que ao Meſtre dauão, & em todoſas couſas, que contra elles fazião, ſeus trabalhos a prõ ueitauão pouco.

CAP. 184. *Como foy deſcubertã a treição, q̃ ao Meſtre tinhaõ ordenada, & queimado Garcia Gonçaluez,*

IA diſſemos como ó Conde Dom Gonçalo, & Ayres Gonçaluez de Figueiredo chegarão ao Meſtre muy queixoſos por rexam do caſtello da Gaya, que foy tomado, como ouuiſtes, & as rezoens, que ſobre ello ouuerão, & deſentão atá eſte tempo ſempre ambos moſtraram deſy geito q̃ eram

eram mal contentes do Meſtre, & tanto que ſeu apartamento,& fala a meude em ſegredo,& apartados, fez gerar preſunçam as gentes, que algũa couſa queriam ordenar contra elle de guiſa que por eſte azo foram alguns, que differaõ ao Meſtre. *Senhor, ſabey que aqui he fama que o Conde D. Gonçalo,& Ayres Gonçaluez de Figueiredo naõ andaõ verdadeiros em voſſo ſeruiço,& ſe querem lançar em Coimbra com os ſeus, pera vos ſerem contrairos nas couſas, q̃ ouuerdes de fazer. Manday ſobre eſto poer auizamento, de geito que naõ ponhaes ſobre ello eſtoruo, ante que ſe entremetam começar algũa couſa.* O Meſtre ouuio o que lhe deziaõ, & calouſe ſem dar a entender nada. Em eſto começouſe de dizer, & affirmar que Diogo Gomez Xarmento, que eſtaua em Santarem com quatro centas lanças, & Vaſco Pirez em Alanquer com cento e ſinco enta,Iohaõ Gonçaluez em Obbedos com cento, & o Conde Dõ Anrique em Cintra com outras cento: que eſtes capitaẽs tinhão fala feita com Iohão Duque, & com elte Dom Pedro, q̃ diſſemos, que hũa noite ſupitamente deſſem todos ſobre o Meſtre, como tinhão ordenado, & que morto,ou preſo,ou desbarato,naõ lhe podia eſcapar. Ediz aqui o Doutor já allegado no capitulo, que diſſemos, que a fala antre elles era neſta guiſa: que não ſe podendo matar o Meſtre, como tinhão ordenado, que hũ dia ſe lançaſſem todos na Villa, & que daquelle dia, que ſe aſſi lançaſſem, a ſeis dias ſeguintes, auia de ſer a vinda deſtes Capitaens com ſuas gentes, em cuja ajuda hauia de ſahir Iohaõ Duque com os ſeus pera todos acabarẽ eſto, que tinhão ordenado. Ora o Meſtre não ſabendo parte do que contra elle traziam ordenado, ſòmente por ſeu percebimẽto, & boa ſegurança, quando eſto ouuio dizer, aos oito dias de Ianeiro da era, q̃ ſe então começará de quatrocentos & vinte & tres annos, ordenou eſte dia de eſtar em Concelho, & mais que todolos Capitaẽs parceſſem cõ ſuas gentes perante elle,pera ver quantos homens darmas tinha conſigo. E aquèceo que dos primeiros,que ao Concelho vierão, foy o Conde Dom Gonçalo com ſeu filho Dom Martinho, & Ayres Gonçaluez com elle, & como forão na tenda do Meſtre, elle mandouos todos tres prender, poſtoque o filho foſſe moço pequeno, & entregouos a Vaſco Martinz de Mello. O Conde D.

Pedro

Pedro, & Dom Pedro de Caſtro, que andauão pello campo, falando de beſtas, quando ouuiram dizer, que o Conde Dom Gonçalo, & Ayres Gonçaluez erão preſos, cuidaram certamente que ſeu ſegredo, & fala era deſcuberta, & com grande medo, que houuerão, ſem outro conſelho, & mais vagar, que houueſſem, começarão a fugir á preſſa. ſ. O Cõ de Dom Pedro ſe lançou na Villa, & Iohão de Beça, & Dom Pedro de Caſtro, & fogirão pera Sátarem. E querendoſe Garcia Gonçaluez lançar no logar com oCõ de Dom Pedro, pela guarda, que tinha Antão Vaſquez, foy filhado pelas gentes do Meſtre, & o aluoroço foy tamanho no arrayal por a fogida de taes homens, aſſi ſupitamente, & de ſorte que o Meſtre ficou eſpantado, & naõ ſabia que dizer. Folgou muito quando lhe diſſeraõ que Garcia Gonçaluez era preſo por ſaber por elle a verdade, & trazido perante elle perguntoulhe que fugida era a ſua de tal geito, & porq̃? Elle penſandõ guardar ſua vida, eſcuſouſe com rezoẽs naõ bem compoſtas, as quaes crerlhe não quizerão. Então o mandou meter a tormento daçoutes, & confeſſou pelo miudo tudo o que hauẽis ouuido, & quaes eraõ culpados, & como jazendo ElRey de Caſtella ſobre Lisboa, por ſeu mandado ſe lançarão com oMeſtre pera o auer de matar em companhia doutros. O Meſtre vendo tão grande maldade, deu muitas graças a Deos, que por ſua grande miſericordia o quizera guardar de tamanho perigo andando tão deſegurado antre elles. Doutra parte mui irado contra elle por noua, & razoada ſanha, naõ o quiz mandar matar de ſimplez & honeſta morte, mas cruel de fogo em grao de ſofrer, & mandou que o queimaſſem. E ſe alguem eſcreue neſte paſſo que o Meſtre era bem certo como lhe muitas peſſoas trazião tratada morte, & que nunqua lho daua a entender, eſperando que maneira em ello querião ter, não deis fè a tal eſcritura, que quem vè não pode conſentir hũa penſada ſoſpeita, que do Conde Dõ Gonçalo tomou, o teue por ello tanto preſo, como depois ouureis, graue lhe ſeria de ſofrer tal tredorice como eſta, pera eſperar a pratica della. E porem mandou o Meſtre que o trouueſſem perante ſua tenda, & alli lhe mãdou que confeſſaſſe outra vez perante todos aquello, que apartadamente diſſera per tormento, & elle diſſe que lhe pedia por merce

que

que o não conſtrangeſſe á aquello, que já hauia confeſſado. E o Meſtre mandou todauia que o diſſeſſe. E elle reſpondeo que mayor pena lhe era aquello, que a morte, que lhe mandaua dar. Entaõ começou de contar compridamente aquelle notauel erro em que elle, & os outros, que fogiraõ, & outras peſſoas, que eraõ culpadas, & acabado ſeu confeſſo, leuaraõno ao fogo, que já era preſtes, & ataraõno a hum eſteo, onde ardendo fez mào fim de ſua vida.

CAP 185. *Como o Meſtre deu os bens dos que eraõ culpados contra elle.*

TAZENDOSE aſſi naquelle homem eſtâ bem merecida juſtiça, nam podiam as gentes em outra couſa falar, ſaluo na treiçam, que elle, & os outros ao Meſtre tinham ordenada, dando ſobre ello deſvairadas rezoẽs, & exemplos, & com queixume ante ſi falando deziam contra o Meſtre. *Leixayo vos, pois ſe tal quer, nam lhe a bondaua o que lhe Dom Pedro fez no cerco de Lisboa, quãdo quiſera dar a Cidade a ElRey de Caſtella, perque ſe perdia o Rey no, & nos outros todos, & prẽdiao, & ſoltauao pera lhe depois baſtecer a morte por galardão do ſoltamento. Deixou logo de o mandar matar, ou de o meter em carcer, dõde nunqua ſaiſſe pera tirar ſoſpeição do Reyno, & ſoltouo dahi apoucos dias, como ſe foſſe couſa leue q̃ lhe pouco ouueſſe de empecer. Quãto agora bem podiam dizer o que diz o exemplo antigo, que quẽ ſeu imigo poupa, a ſuas mãos moura. E elle cuida que perdoar aos maos que lhe he muy grande bondade, & elles fazemſe cada vez piores, & fazẽlhe eſte jogo, q̃ vos vedes.* E eſtes exemplos, & hiſtorias cõtauam tantos, & de tantas guiſas, que em al nam achauam deſenfadamento. Outros deziam que fizera o Meſtre bẽ mandar apozelles pera os auer ás mãos, & fazer nelles juſtiça, mas iſto nam preſtaua nenhũa couſa, porque elles traziam os milhòres, & mais ligeiros cauallos, que em toda a hoſte hauia, de guiſa, que nunqua nenhum os alcançaria. O Meſtre iſſo meſmo de praça contaua ſua gram treiçam, & maldade, ſegũdo pelo morto fora confeſſado, dizendo que agora entendia, & era em conhecimento do geito do arremeſſar, q̃ loham Affonſo fazia, & por quantas guiſas a cada hũ moſtraua em lhe falando

quan-

quanto ãmaua ſeu ſeruiço, & quanto todos eram fundados em o deſeruir, & enuezar. E con tãdo o que lhe auiera com cada hum delles no cerco daquelle logar, & em outras couſas, & co mo por ſeu azo naõ fora toma-do, & deſpendera ſobre elle mui to trabalho em vam. Mas a eſto nam mingoaua, que reſponder muytas rezoens, culpandoo no perdam, que fizera a Dom Pedro dizendo; que a muyto ſe aũcturaua, quem punha a vida, & honra em quem a elle em algũ tempo começou de errar. Deſhi deziam, que fiar de nenhum Caſtellão era a elle couſa muy empécida, mayormente em tal, como o Conde Dom Pedro, que era primo com Irmão Del-Rey de Caſtella, do que elle bem deuera entender, que ſeu ſeruiço nam era fiel. E o Meſtre reſpondia a todo, & em fim veyo a dizer. *Eu nam ſou o primeiro, que fuy enganado por falſos vaſſallos, nem hey de ſer o derradeiro, mas eu daua gram fé atodo ſeu conſelho, por ſerem homens de autoridade; deshi por moſtrarem gram deſejo, que amauam muyto meu ſeruiço, em tanto que por vezes me fizeram dizer aſperas palauras a alguns que me lealmente deſejauam ſeruir, aſsi como fiz ao Meſtre dos engenhos, que daqui fogio com medo, que de mim ouue, & alguns outros, muyto ſem porque.* Em todo eſto vendo Iohão Duque, como queimauam Garcia Gonçaluez, com grande menencoria, que dello ouue, mandou tomar huns ſeis, ou ſete Portugueſes homens trabalhadores, que tinha preſos, & mandouos todos decepar das mãos, & fanar dos narizes, & poer todas as mãos ao collo de hum delles, & mandou os aſſi ao Meſtre, o qual vendo ſua deſmeſurada crueldade, mandou lançar na funda do engenho dentro na Villa os priſioneiros, que tinha Caſtellãos. Deshi vzándo mais de piedade, que de rigor de vingança, ouue delles compayxaõ, & mandou, que ſe nam fizeſſe. Eſtonce chegou Nuno Aluarez, que o Meſtre mandou chamar a Euora, hu eſtaua pera falar com elle, & trazia conſigo huns ſetenta de mulas com cottas, & braçaes. E ouuindo em Lisboa dizer, como os Capitaẽs dos lugares, q̃ diſſemos ſe ajuntauaõ pera irem dar hũa noite ſobre o Meſtre, ou ue armas empreſtadas pera os que com elles hiam, & trigoſamente foy a Torres Vedras.

O Meſtre ſoube parte de ſua vinda, & prouguelhe muyto com elle, & ſahioo a receber, & mandouo bem apouſentar E por tres dias ſeguintes depois da fogida, que diſſemos daquelles, o Meſtre aguardou em batalha as gentes, que deziam que auião de vir ſobre elle, eſtonce, nem depois nam veyo nenhum, que lhe nojo fizeſſe. O Conde Dom Gonçalo, & Ayres Gonçaluez mandou o Meſtre, que os leuaſſem ao Caſtello de Thomar, & entregaramnos ao Alcayde, & depois foram leuados a Euora. Eſtonce deu o Meſtre a Vaſco Martins de Mello todos os bens moueis, & de raiz, que a Condeſſa, molher que fora do Conde Dom Aluoro Perez, & Dom Pedro de Caſtro ſeu filho, & o Conde Dom Pedro ſeu genro, hauiam em quaeſquer logares do Reyno (ca eſte Conde Dom Pedro era caſado com Dona Iſabel de Caſtro filha do Conde Dom Aluoro Perez, & deſta Condeſſa Dona Maria) aſſi de terras acaſtelladas, como chaans, reſaluando as terras, & logares do Conde de Vianna, & as que dadas eram por Condado ao dito Conde Dom Aluoro Perez, & mandou, que pozeſſem na dita carta de merce eſtas ſeguintes rezoens. *Por quanto o Conde Dom Pedro nos trazia baſtecida morte, & treiçam, & a dita Condeſſa era em eſto conſentidora* E eſta Condeſſa Dona Maria ſe foy pera Caſtella com Dom Iohão Affonſo Telles Irmão da Rainha *D*ona Lianor, quando ſe foy deſtes Reynos. E deu eſtonce o Meſtre os bens delles a Affonſo Gomez da Sylua Outro ſy deu o Meſtre a Lopo Dias de Azeuedo todolos bens moueis, & de raiz, que foram de Iohão Affonſo de Beça, aſſi os que lhe elle dera por doaçam; como quaeſquer outros, que tiueſſe, & mandou poer nas cartas eſtas palauras *Por quanto o dito Iohão Affonſo em viuendo conoſco, & recebendo de nós muytas merces, nos trazia baſtecido a morte, & treiçam, como mao, & desleal, & ſe foy pera Caſtella* E nam ſomente deu dos bens delle, mas ainda de Maria Annes Leytoa ſua manceba, morador em Lisboa, ſe achaſſem que fogira com elle, & aſſi doutros ſeus criados Onde ſabey, que neſta ſezam, eſtando ElRey de Caſtella em Seuilha arman

do

do naos, & galès pera mandar ſobre Lisboa, ajuntando muytas gentes pera entrar em Portugal, chegoulhe recado do deſbarato do Meſtre de Chriſtus, & de ſua prizam, & do Priol, & prouguelhe muyto com taes nouas, quando lhe contaram, o que auiera a eſtes fidalgos, que nomeamos, & como eram já de ſeu bando, foy elle muyto ledo entendendo, que ſeus feitos ſe dauam a bem. Se muito prougue a ElRey com as nouas, tanto prougue á Rainha Dona Lianor ſua ſogra, aſſi da prizam de ſeu Irmão o Conde Dom Gonçalo, como do deſbarato do Meſtre ſeu ſobrinho; do Irmaõ, porque elle lhe não quizera fazer a vontade quando foy a Coimbra com ElRey ſeu genro; & da prizam do ſobrinho, porque a nam viera tomar ao caminho quando a leuauam preſa pera Caſtella, ſegundo lhe ella eſcreueo, podendoo bem fazer E falando a aquella hora nos feitos do Meſtre, diſſe. *O Meſtre, como andas vendido, & nam o ſabes.* Perguntando os que eram preſentes, porque? Reſpondeo entonces, & diſſe. *Porque quantos dentes tem na boca, todos lhe abalam, ſenam hum ſó,* & eſte, que dezia, era Nuno Aluarez.

CAP. 186. *Como Vaſco Pirez tomou voz outra vez por ElRey de Caſtella.*

ECONTADO aue mos como, jazendo o Meſtre ſobre Alanquer, preitejou com Vaſco Pirez de Camoens, que lhe deſſe o logar com certas condiçoens, em que ſe concordaram, recebendo eſtonce do Meſtre ſoldo elle, & Gonçalo Tenreiro ſeu ſogro, & tendo aſſi voz por Portugal ſoube como Garcia Gonçaluez fora queimado, & como fora deſcuberta aquella peçonhenta fala, que elle, & os outros antre ſy traziam guardada; & mãdou Vaſco Pirez ao Meſtre Gonçalo Tenreiro ſeu ſogro com recado ſobre certas couſas, & quãdo tornou de Torres Vedras parece, que Vaſco Pirez nam foy contente da repoſta, que lhe trouue, ou por ventura tinha vontade de fazer aquello, que fez, & buſcar azo de o fazer mais ſem prazmo. Entaõ mandou chamar quãtos boõs auia na Villa, aſſi

os milhores cõmo doutra condiçaõ, dando a entender que queria com elles auer conselho, & entam propoz perante todos, & disse estas rezoens. *Amigos, senhores, segundo as cousas, que vós vedes que se acontecem, eu queria saber de vos quejanda he a vossa võtade, ou como quê reis q̃ façamos, se vos praz q̃ tenhamos cõ ElRey de Castella, ou se mentermos voz do Mestre. Mas o q̃ amim parece he esto. Eu vejo que do Mestre sõ partidos os milhores Capitaẽs, q̃ elle consigo trazia, assi como he o Conde Dõ Pedro, & Dom Tedro de Castro, & Iohão Affonso de Beça, eo Conde Do Gõçalo, & Ayres Gonçaluez, isso meſmo; Assi, que com elle nam fica gente, q̃ de conta, nẽ valor seja. Pois elle sem gẽte naõ hà poder de se defender de seus imigos, & contrayros, & DelRey de Castella, o qual eu hey por noua certa que a muy poucos dias sera aqui, com todo seu poder, pera auer, & cobrar este Reyno, que diz que he seu de direito. Ora consiray vos estas cousas, & vede como vos parece que he bem, & assi me respondey logo, ou quando vos prouguer de vir a acordo.* E elles porque entendiam em sua vontade o que elle desejaua de fazer, disse ram, que fizesse cõmo milhor entendese por proueito dos corpos, & dos aueres, ca elles prestes eram a fazer quanto elle mandasse, & por bem tiuesse. Entam respondeo elle dizendo. *Amigos, eu vos digo que ja ha muito que cuidey sobre esto, & por seguança de todos nos outros, eu acho que he bom termos com ElRey de Castella.* E falando nesto leuantaram se dentro no Castello, e mandou leuantar hum pendam na torre da menagem, & disse a aquelles, que hi ficauam da parte do Mestre, que se quizessem quedar, & ter voz por ElRey de Castella seu senhor, que elle lhe faria muytas merces, & se lho fazer nam quizessem, que desemparassem a Villa, & se fossem logo. Estonce ficou com elle Ayres Perez de Camoens seu primo, & Micer Lelo Frances criado do Conde Dom Aluoro Perez, & foyse Ruy Crauo, & Fernam Gonçaluez da Ameixoeira, & outros pera o Mestre a Torres Vedras; onde estaua, & foy isto hũa bespora de S. Vicente vinte e hum dias domes de Ianeiro da quella era E mandou Vasco Pirez lançar pregam que quantos hi estauaõ da parte do Mestre q̃ se sahisse logo sobpena demor

te

te; & os que acompanhauam, os que ſe partiram foramſe com elles, os outros ficaram todos. Entam matou muytos gados, que andauam arredor da Villa, & enuiou pelos Caſtellos, que enuiara a Sanctarem, & acalmouſe o milhor que pode, & pubricou voz por Caſtella. Falando em eſto diſſe de praça, o que lhe oueram por mal pera tal fidalgo. *Olhay, que vos valha Deos, que boa preyteziá fazia commigo o Meſtre: Mandey lá meu padre Gonçalo Tenreiro com alguns deſembargos, & nam me tornou nenhũa couſa, inda ſe me trouuera mil dobras emburilhadas em hum trapinho, guardarlhehia a preyteziá; pois me nam trouue nada, nam curo de lha guardar.* O Meſtre quando ouuio dizer, que Vaſco Pirez ſe alçara com Alanquer, & tomara daquella guiſa voz por Caſtella, começou de ſe rir moſtrando, que nam daua por iſſo, & diſſe contra os outros. *A mal ſe me querem dar eſtes meus vaſſallos* Eſtonces falou com Nuno Aluarez, que era bẽ de alçar dahi ſeu cerco, pois o logar era áſſi forte de tomar, que compria de tomar gram detença ſobre elle, mormente, que lhe era tam neceſſario chegar a Coimbra, onde ſe juntaram todolos fidalgos, & Concelhos do Reyno pera falarem nos feitos da guerra, & que maneira ſe auia de ter pera a continuar, & que a partida foſſe dahi a quinze dias, & Nuno Aluarez mandaſſe em tanto chamar ſuas gentes.

CAP 187. *Dos impedimentos, que o Doutor diſſe, porque Dona Ines nam podia ſer molher DelRey Dom Pedro,*

MOSTRANDO claramente, que nunquá foy certo, que Dona Ines foſſe molher DelRey Dom Pedro, & que todo ſeu rezoar foy muy ſoſpeito, & teſtimunho de grande rudeza, fica por ſer a ſegunda rezão mais forte. Se por ventura recebida foſſe, ſe era tal caſamento valioſo? E prouou logo, que nam, por eſtes impedimentos.

☞ CErto he, que Dona Ines era ſobrinha DelRey Dom Pedro, filha de ſeu primo com irmão por eſta guiſa: ElRey Dom Pedro era filho da Rainha Dona Breatiz filha DelRey Dom Sancho de Caſtella, & Dona Violãte molher,

que foy de Dom Fernam Rodriguez de Caſtro, & aquella Rainha Dona Breatiz eram ambas irmaans filhas do ditoRey Dom Sancho, poſto que nam foſſem de hũa madre,porque Dona Violante Sanches ouuera ElRey Dõ Sancho de hũa Dona, que chamauaõ Dona Maria Affonſo, molher que foy de Dom Garcia Dozeiro. E eſta Dona Violante Sanches foy madre de *Dom* Pedro de Caſtro, que chamauaõ da Guerra, cuja filha foy eſta Dona Ines. Aſſi que ella era ſua ſobrinha da parte do Padre, filha de ſeu primo com irmão. Não curemos do que alguns dizem de como ElRey Dom Pedro foy primeiro caſado com Dona Branca filha do Infante Dom Pedro, que morreo nas veigas de Grada, & como foy trazida a eſte Reyno, & a recebeo em eſta Cidade, ante que cazaſe com Dona Coſtança, pera poder herdar, como eſto ſe paſſou doutra guiſa, & nam faz mingoa a noſſo prepoſito. Masvenhamos a hum grande impedimento, alem dos outros, com que o Papa nam diſpenſa, por couſa, que auir podeſſe, por o qual ella nam podia ſer ſua molher per nenhuma guiſa, & eſte he Que ſendo ElRey Dom Pedro Infante caſado com Dona Coſtança, ouueram ambos hum filho, que chamaraõ Dom Luis, & quando ordenaram de o bautizar em eſta Cidade, foy eſta Dona Ines madrinha deſte moço, & comadre DelRey *Dom* Pedro, ſaluandoa depois a Infante Dona Coſtança por comadre, & humilhandoſe a ella, como he de coſtume. Ora vede como podia ElRey ſer lidimo marido de ſua comadre, madrinha de ſeu filho, certamente nam podia ſer. Mas alguns entendidos, que deſto parte ſabem, desfazem eſte impedimento dizendo; que ſendo o Infante eſtonce muyto namorado de Dona Ines, & tendo vontade de dormir com ella, que lhe mandou dizer em ſegredo; quando ouueſſe de ſer comadre, que chegaſſe com o menino á Igreja, & eſtiueſſe preſente ao bautizar, mas que nam diſſeſſe as palauras que os padrinhos coſtumam a reſponder em nome do afilhado, & que ella aſſi o fizera, & por tanto nam era ſua comadre, que podia caſar com elle ſem peccado. E allegando por ſua parte a eſte prepoſito hum

ſeme-

semelhante caso de matrimonio dizendo: que posto que hum homem recebese hũa molher per aquella forma das palauras da Igreja, ordenado não com tençaõ de a auer por molher, mas porque doutra guisa a nam podia auer pera dormir com ella, que tal como esta, quanto a Deos, nam he sua molher, & elle pode depois casar com outra, sem nunca em esto cõsentir, & fara deste pecado pendẽça. A qual cousa he verdade, q̃ quanto a Deos naõ he seu marido, mas quãto ao mũdo, jul garlhohaõ, & será cõstrangido, q̃ lhe faça maridãça. E assi dizem, q̃ posto q̃ Dona Ines fosse rogada pera ser comadre, & com os outros padrinhos tangesse a criança, & fizesse aquellas cerimonias, que sam de costume; que porem tal vontade nam leuaua, nẽ nunca em ello consentira, q̃ tal compadradigo he nenhum, & podia depois casar com padre do tal filhado. A qual cousa, posto que assi seja, que, quanto a Deos, nam fosse comadre, necessario era, q̃ por esta fama, deshi pelo escandolo do mundo, que fosse notificado ao Papa, & elle despẽsando com elles, segundo sua informaçam, auendoa por verdadeira leixalohia estonce em carrego de sua conciencia; a qual cousa aqui nam ouue, nem nunca lhe foy pubricado. Ora se elles podiam casar, ou nam, vede se he bem douidoso: Mas a hiſtoria se passou desta guisa Sabeo bem Diogo Lopez, que aqui está, & foy presente a este bautismo, & padrinho de aquelle Dom Luis, com outros compadres, que foram rogados E posto que casar podessem sem dispensaçam, & taes filhos lidimamẽte fossem nados, oq̃ he certo, q̃ naõ fóra sómẽte por virẽ cõtra o Reyno de hũ naturaes eram, em seruiço, & companhia de seus imigos pera destruir, nam por hũa vez, mas por muytas; esto sò he abastante pera nenhum delles auer de reynar, posto que lidimos nascerão. Delles virem contra este Reyno notoreo he a todos, como o Infante Dom Diniz em tempo Del Rey D. Fernando, veyo em companhia DelRey Dom Anrique, armado com gentes pelo Reyno atá Lisboa, fazendolhe guerra por fogo, & roubo, matando, & destruindo quanto podiam. E isso mesmo o Infante Dom Iohaõ, em companhia DelRey de Castella, que hora he com gentes, q̃ por seu mandado veyo cercar Trãcoso, & o teue cercado cõ batẽdoo por algũs dias. E quãdo entrou oReyno emVal delamul

la,desnaturouse,poendo fogo na sua mão, & deshi veyo cercar Elvas, & andou pelo Reyno fazendo muyta guerra. E sey, que isto sabe bem Vasco Martins de Sousa, & Diogo Lopez Pacheco, q̃ aqui estam. Pois muy desaguisado faremos nòs em eleger por Rey, a quem se delle desnaturou & veyo contra elle pera o deseruir, & nam o dar a quem tantos trabalhos, & perigos de morte soportou pera defender,& he prestes pera o soportar.

CAP. 188. *Da discordança,que os fidalgos, & pouos hauiam antre sy sobre a eleiçam, q̃ queriam fazer.*

NAM embargãdo estas rezoens todas, e outras, que aqui dissemos, que propoz aquelle Doutor,per que todos deueram de ser em pacifico assessego, pera auer de elegerRey,sem poer ahi outra mais duuida, però porque a bemquerença he muyto firme na maginaçaõ daquelle, que ama,& não se tira assi de ligeiro, por muytas rezoens,que lhe sobre ello digão naõ poderaõ todalas, que aueis ouuido;arrancar da vontade, & desejo de alguns a primeira tençam, que por pãrte dos Infantes tinhaõ, assi como Martim Vazquez, & seus Irmaõs, & todolos daquella liança dizendo. Que nam embargando o que auiam ouuido, que o Reyno sem nenhũa duuida ao InfanteDom Ioham pertencia de direito, & que em seu nome deuiam de fazer guerra,atá que vissem que termo auia de auer sua prizão. Que lhes parecia muy estranho darem nome de Rey ao Mestre, pois a outrẽ pertẽcia oRegimẽto, em táto q̃ hũ dia Martim Vazquez se sahio do Cõcelho cõ queixume dizendo altas vozes. *Vós podeis fazer o q̃ vòs pagardes, & fazerdes quem quizerdes Rey, ca eu hum homem sam, & pouco val minha voz, & quẽ vôs fizerdes Rey, eu o seruirey & ajudarey a defender oReyno,atà morrer,mas q̃ eu cõsinta, q̃ o seja oMestrè,esto nũca obi de dizer.* Nuno Aluarez com outros fidalgos, & deshi aquelles Cõcelhos eraõ de todo cõtra estas rezoens, q̃ o Mestre todauia fosseRey,& sobre esto faziaõ seus cõselhos ade parte,os fidalgos sobre sy, & os procuradores das Villas,& Lugares,& Cidades em seu cabo. E rezoando muito sobre esto começou a dizer hũ delles. *Pera que sam estas palauras tantos dias ha, & estas detenças*

*sem*

*ſem proueito, poendo duuida no q̃ todos vem claramente. Olhay, que vos valha Deos, que nos eſtes fidalgos querem meter em cabeça. Diz, que façamos guerra em nome do Infante Dom Iohaõ, atá q̃ moura, ou que ſeja ſolto, & que gaſtemos os corpos, & quanto no mundo temos, por dar o Reyno a hũ homem, que veyo contra elle pera o deſtruir, & dalo de todo a El Rey de Caſtella, mayormente, que ſe moſtra todo claro, ſegundo bem vemos, que a nenhum delles pertence de direito. Digamos, q̃ nunqua metal couſa ſaya pela bocа; ante que ſem mais detença leuantemos o Meſtre por Rey, que mais rezam he de o dar a elle, que ſe aventurou a tantos perigos, por o defender, & emparar, que a quem del le fazia tam bom mercado a ſeus imigos Nem curemos do que alguns dizem, que o defenda como Regedor, & Defenſor, mas como Rey em toda guiſa, porque ſempre ouui dizer, Rey pera Rey, & al pera nada. E nós pois auemos de ſer guerreados por Rey, Rey ſeja o neſſo Defenſor, & do Reyno.* Diſſeraõ então todos, que aſſi era muy bem, & neſta tençaõ eſtiueraõ firmes E os fidalgos iſſo meſmo tinhão de parte ſeu conſelho, no qual, como dizemos, que principalmẽte contradezião o Meſtre não deuer ſer Rey, ſendo cabeça deſta opiniãoMartim Vazquez da Cunha. E Nuno Aluarez, porque muyto deſejaua o contrairo deſto, era o principal doutro bãdo, & porque o amor, & odio não ſe pode bem eſconder, erão ás vezes taes debates antre elles ambos ſobre eſta hiſtoria, que paſſauão já do rezoado, de que ao Meſtre muyto pezaua, & não porque Martim Vazquez nem os da ſua parte quererem tomar a defenſaõ do Reyno, nẽ lhes prazer de o auer *El* Rey de Caſtella, nem por tençaõ, que ao Meſtre tiueſſe, mas por grande affeição, & bemquerença, que auião, com os do Infante Dom Iohaõ, como dizemos, ſeruindo com elle nos tempos, que compria, & chegandoſe a elle, quando era em eſtes Reynos. Aſſi que Vaſco Martins da Cunha, & ſeu filho Martim Vazquez, & ſeus irmãos, & parentes, & outros aliados, tiuerão pera ſy grande parte dos fidalgos O Meſtre ſoube parte do que ſe antre elles paſſaua, & pezoulhe muyto de vontade, chamou Nuno Aluarez, & diſſelhe: q̃ bem ſabia como Martim Vazquez, & ſeus irmãos eram homens de muytas gentes, & tinhão algũas fortalezas, que não compria a ſeu ſeruiço de ſerem

rem desauindos a tal tempo; e q̃ porem lhe rogaua, que em tal sezam não ouuesse com elle desauença. *Ora senhor*, disse Nuno Aluarez, *vos tendes aqui outro, q̃ seja contra voso seruiço, nem que torue de vos serdes Rey, saluo este roncador de Martim Vazquez, se vos quizerdes, eu vos despacharey de seu estoruo.* O Mestre disse, que não quizesse Deos tal cousa, mas que se temperasse com elle de boa maneira, de guisa, q̃ nam ouuesse arroido, ca elle não fazia aquello por tençam, que contra elle tiuesse, mas por lhe parecer que aquello era bem. Nuno Aluarez, disse ao Mestre, que lhe prazia de fazer seu mandado, cõ tanto, que os outros não asobersassem, que fosse certo, que se mostrasse sobrançaria, de não posar com seu coração, que o sofrese E em esto veyo hum dia, que forão ao Paço do Mestre, Martim Vazquez, & seus irmãos, & outros fidalgos com elles, & estando assi no Paço, foy Nuno Aluarez alà pera falar ao Mestre, & leuou consigo mais de trezentos escudeiros com cotas, & braçaes, & espadas cintas, & adargas. E quando Nuno Aluarez entrou assi acompanhado, ao Mestre pezou muyto em sua vontade, receando o que se antre elles podia seguir, porque via assi desauindos, porem não deu a entender nada, nem Nuno Aluarez quando entrou, não mostrou nenhum geito de sobrançaria, mas muyto chammente falou ao Mestre, & isso mesmo alguns dos seus. Martim Vazquez, & seus irmãos, & Diogo Lopez, & seus filhos, que eram parentes de Martim Vazquez, quando virão vir Nuno Aluarez daquella guisa, partirãose do Paço poucos, e poucos. Nuno Aluarez ficou só falãdo ao Mestre, & deshi tornouse pera a pousada O Mestre calando o que entendeo vio seus geitos de Nuno Aluarez, & a tençaõ porque o fazia, & teueo de graõ coraçaõ, & chamou o Doutor Iohão das Regras, & disselhe todo o que lhe com elle auiera, & o modo, que tiueram em sua vinda, & o que receaua de se seguir de taes feitos rezoando muytas cousas sobre a tençam de Martim Vazquez, *Senhor*, disse o Doutor, *eu hey assaz trabalho, por mostrar por viuas rezoens, & direitos, que estes Reynos sam de todo vagos, & a eleiçam delles fica liure ao Pouo, juntando muytas prouas de desuairados logares, que diuera satisfazer a elle, & a outros, que muyto mais soub esse, mas parece, que o amor, & bem*

que-

*querença, que vence todolas cousas, os nam leixa conceber as rezoens, que por mi foram ditas, & estam ainda na seita, que tinham: Porem pois assi he, & o que eu quizera calar, que este feito faz mais feo, vos prometo, que proponha no primeiro dia, que nesto falarmos, & deshi em diante liure se, como vossa merce for.*

CAP. 189. *Do recado, que ElRey Dom Affonso enuiou à Corte de Roma, por o Infante seu filho nom casar com Dona Ines.*

TORNARAM a falar em aquelle mesmo tempo em aquelle Paço, & todos alli juntos, como costumauam, começou a dizer aquelle gram Doutor.

☞ SEnhores, fidalgos, & hõradas pessoas, bem sabeis como nestas Cortes foraõ por mi propostas algũas rezoens amostrar, q̃ estes Reinos saõ de todo põto vagos, & nenhum há hi, que os deua, & possa herdar por linagem, nem a quem de direito per tençaõ, as quaes eraõ em sy tam claras, & mais os direitos, que as fortificauaõ, de cuja authoridade nam deuemos desuaitar & qualquer siso de homẽ deuia ser cõtẽte das rezões, q̃ chammente sobre elio, que antevos já mostradas foram. Mas, naõ embargando o que eu propuz, que atodos deuera contentar, & a afeiçam, que eu muito receey no começo destes feitos, parece que faz ainda a alguns, que em toda guisa tem, & crem que os Infantes Dõ Iohaõ, & Dom Diniz sam lidimos, & poderem herdar. E visto como ElRey Dom Pedro disse que Dona Ines fora sua molher naquella pobricaçaõ, que aqui foy feito, & porque eu pensaua q̃ aquellas rezoẽs, q̃ ja notificadas eraõ abastantes pera todos verẽ o cõtrairo desto, naõ quizera em ello mais falar por vzar de boa mesura, & me auer honestamente acerca deste passo; Mas todo o q̃ eu propuz a estes naõ satisfaz, nem abasta, ami conuem mostrar de todo em todo o defeito de sua nacença sem legitimaçaõ pera todos claramẽte verdes em como elles nam naceram lidimos, nem nũqua o foram depois pera poderem herdar por socessam de nenhũ seu diuedo. E quẽ do que eu hora disser nam for contente, & ficar em sua tençaõ bem mostrara que quer remedar aos Iudeus em sua porfia, que esperauam o Messias, que nũqua ha de

ha de vir. Ora, ſenhores propoendo em praça o que calar quizera, & nam falar em ello. O feito deſte negocio acerca de ſua naceça, & legitimaçam breuemẽte ſe houue aſſi. Trazendo o Infante Dona Ines conſigo, & nam ſendo ſabido em certo, que era ſua molher, ou nam, fizeram entender a ElRey ſeu Padre, que o Infãte ordenaua de enuiar em Corte de Roma pedir ao Padre Sancto que diſpenſaſſe com elle pera poder caſar com Dona Ines, & foy iſto huns tres annos, ante que Dona Ines morreſſe, eſtando ElRey entam na Villa de Alanquer ElRey Dom Affonſo, quando eſto ouuio, deſprouguelhe muito de ſe fazer aſſim, & ſẽ do mal contente detal embaxada trabalhouſe de a deſuiar quãto pode, & ſecretamẽte eſcreueo ao Arcebiſpo de Braga, que entam era em Corte, que houueſſe com o Papa de nam aceitar a ſoplicaçam do Infante acerca de taes feitos, por ſerem a elle em grande odio, & prejuizo. Ora que voseu diſſe ſem ſomar as rezoẽs, que ElRey ſobre ello eſcreueo, & a embaixada, q̃ o Infãte D. Pedro depois que foy Rey enuiou ao Papa, & a repoſta, que lhe veyo da Corte, & porque guiſaſe eſto paſſou, vós direis que todo eram palauras afermoſentadas, que he ligeira couſa de achar aos homens, as quaes eu buſcara pera virem a meu prepoſito, mas nam ſem mais detença, que foſſe aſſi defeito. *E* por nam terdes tal ſoſpeita, ſem mais detença de rezoens, nem allegaçoens doutros direitos, que eſto ajudar poſſaõ, eu vos lerey o recado do q̃ ElRey eſtonce eſcreueo em Corte, & iſſo meſmo a embaixada, que ElRey Dom Pedro depois enuiou ao Papa, & a repoſta, q̃ lhe elle mandou a nam comprir ſua petiçam, que ſam abaſtantes pera desfazer mayor duuida, que eſta, & pera deſtruir de todo a tal opinião. E porque façamos fim deſte negocio.

Entaõ leo hũa carta por latim, que logo todos viraõ em linguagem, cujas rezoens eram eſtas,

*AFFONSO pela graça de Deos Rey de Portugal, & dos Algarues. Ao muyto honrado em Chriſto Padre Dom Gonçalo por eſta meſma graça Arcebiſpo de Braga ſaude em Deos. Sabede, que D. Pedro meu filho primogenito herdeiro, anda embeuedo de amores, & enduzido por palauras daloũs, que caſaſſe com hũa molher, filha que foy, ſegun-*

gundo dizem de Dom Pedro Fernandez da Guerra, & de hüa madre, que naõ era sua molher lidima e o induzem pera tal casamento, naõ embargando que alguns, que saõ parentes do Infante no segundo grao de parentesco, ao presente cometão não licita cousa com ella, & dizem que pera tirar tal embargo, que o Infante he em disposiçaõ pera mandar escreuer a algũs seus amigos, que lhe impetrem sobre ello dispensação do Papa, a qual se outorgado fosse, poderse hia seguir ao diante grande escandolo antre os q̃ viuẽ em nossos Reynos: E porque os que são presentes, donde o Infante meu filho descende, sempre atá o presente foram honradamente, & com molheres de Reys por legitimo matrimonio casados: E porque outro sy a honrade nossa Real dignidade, em que segũdo direito de natureza a meu filho ha esperança de soccessor, & isso meſmo a todos seus hõrados parentes, do dito casamento, se feyto fosse, seguiria a grande deshonra. Porém afficadamente vos rogamos, q̃ secretamente de nossa parte enformeis o Papa como o dito casamento seria não licito, & desigual: & praza a Sua Sanctidade em esta parte não ouuir com affeiçam as soplicaçoens do Infante meu filho E se comprir de o Papa ser mais certificado da nossa vontade, estonce secretamente lhe mostray esta nossa carta, & emesto trabalhay com taldiligẽcia por nosso seruiço, porque sejamos teudos de vos fazer merce. Dante, &c.

CAP 190. *Do recado, que ElRey Dom Pedro enuiou ao Papa, & da reposta, que lhe de lá veyo.*

☞ IOY esta carta enuiada em Corte, nam sendo já viuo aquelle Papa Ioanne vigesimo segundo, de q̃ ElRey Dom Pedro quando fora Infante ouuera aquella geral dispensação, por cuja morte socedeo, & era entam Papa Innocẽcio sexto. E morrendo estes Papas, & passando huns poucos annos, aquèceo a morte de Dona Ines, & dalii a dous annos, & pouco mais, morreo ElRey Dõ Affonso, & se foy por ElRey D. Pedro esto entender, ou por dito doutrem, que o conselhou, duuidaõ muitos o que era verdade se por bem daquella dispensaçam, & força detal matrimonio fora qual deuia, & seus filhos ficauaõ lidimos pera poderem herdar no Reyno por morte do Infante Dõ Fernando seu primogenito, & herdei

herdeiro,porque na conceſſaõ do Reyno hauia, & tinha direita mente herança,& de em tal caſa mento elle ſer duuidoſo,que a re cebida tiueſſe, era muito rezoada, porque elle por hũa geral diſpenſaçaõ, que houue, ſendo moço,eſpoſou com Dona Branca filha do Infante Dom Pedro, que morreo nas Veigas de Grada com que depois caſar nãõ quiz; & quando houue de ſer recebido com Dona Coſtança filha de Dom Iohaõ Manoel, & lhe hauiaõ de fazer as bençoẽs em Lisboa, algũs duuidauaõ ſe por bem de tal diſpenſaçaõ elle podia caſar com ella, ou nam E porque ElRey ſeu Padre ordenou que todolos Prelados de ſua terra foſſem preſentes ao officio das bençoẽs, duuidaua Dom Gõçalo Arcebiſpo de Braga ſe por tal diſpenſaçam elles podiam caſar ambos, & primeiro mandou ſaber, & fazer hũa proteſtaçam a Dom Iohaõ Biſpo daCidade ſe podia elle vir aos deſpoſorios do dito Infante ſem perigo de ſeu eſtado.E o Biſpo de Lisboa reſpondeo, que elle veria aquella geral diſpenſaçam do Papa Ioanne, & q̃ falando ſobre ello cõ letrados diſſeraõ, que bem lhe parecia auõ doſa pera caſarem por ella,& por ſta diſpenſaçaõ, ſegundo elle diſſe, caſou elle depois com Dona Ines, o que naõ diuera fazer, ſegundo os impedimentos, que antre elles auiaõ. Ora ſobre eſta tal duuida,& outras taes couſas, que a ſeueſta do compriaõ, ordenou ElRey de enuiar ſeus embaixadores em Corte, quãdo la foy Giraldo Eſteuez, & pellos quaes enuiou ao Papa eſta embaixada, que aqui eſtá.

Entaõ moſtrou hum grande rolo de purgaminho vzado de velhice, aſſinado por Gomes Paez de Azeuedo,& por Meſtre Affonſo,& outros doConſelhoDel Rey Dom Pedro, em o qual,antre outras couſas,que ao Papa pedir enuiaua, em tres lugares era conteudo o requerimento deſte caſamẽto ſer valioſo,& os filhos legitimados dizendo por eſtas palauras

*Outro ſy lhe direis em Camara, que ElRey recebeo per palauras de preſente a Dona Ines de Caſtro, que Deos perdoe, como manda a Sancta Madre Igreja, da qual ouue ſeus filhos, cõ a qual hauia diuedo,& que lhe pede que praza a ſua Sanctidade de outorgar, & reteficar, & a firmar o dito diuedo de linagem, que com ella hauia, aſi que por tal confirmança, & legitimança, os ditos filhos, que aſi ſejam lidimos, & que ajam, & poſſam*

*ſam hauer aquello, que hauerião não hauendo hi o dito embargo de linagem & em eſto vos affícay pera hauerdes dello recado.*

E depois de algumas petições de Biſpados, & de outras couſas dezia em outro logar.

*Outroſy, ſe virdes que o Papa vos outorga cada hũa das quatro couſas primeiras em rezaõ das pedidas das Igrejas, pedilhe logo o al da legitimaçaõ do caſamẽto, & depois as outras couſas, pela guiſa, q̃ aqui ſam eſcritas. E naõ vos outorgãdo cada hũa das quatro couſas, vos todauia fazey de guiſa que hajaes deſembargo da dita confirmaçam de caſamento, em guiſa, que os moços fiquem legitimos & quanto he das duas pedidas non cureis dello.*

☞ ORA, Diſſe o Doutor, viſta eſta embaixada que naõ ſaõ rezoens minhas, nẽ outros direitos allegados, bem he de cuidar quanto os Menſageiros fariaõ em Corte por deſto hauerem gracioſo deſembargo. Mas leixando eſto, vejamos o q̃ reſpondeo o Papa.

Entaõ moſtrou huma carta de repoſta, que o Papa enuiara a ElRey Dom Pedro eſcuzandoſe de comprir ſua petiçaõ acerca de taes feitos, que dezia a eſta guiſa.

## CARTA DO PAPA.

INNOCENCIO Biſpo ſeruo dos ſeruos de Deos. Ao muito amado em Chriſto filho Pedro muy nobre Rey de Portugal ſaude, & Apoſtolical bençaõ. *Seja certa a tua Real Alteza q̃ benignamente recebemos teus honrados, & diſcretos embaixadores, & ouvir algumas couſas, que em ſua embaixada, da tua parte nos foram propoſtas, eſta em eſpecial foy, que hauendo tu fiuza de atreuimento por huma geral diſpenſaçaõ em q̃ forma acoſtumada, â tua inſtancia, & do muy nobre Rey Dom Affonſo teu Padre, noſſo Predeceſſor de boa memoria Ioanne Papa vigeſimo ſegundo impetráras, caſaſte, & recebeſte por molher Dona Ines, filha que foy de D. Pedro de Caſtro, a qual por linagem tranſuerſa de hũa parte no ſegundo grao de geraçam era tua parenta, & doutra por ſemelhante linha no terceiro grao era teu diuedo, & no quarto grao de affinidade era tua cunhada. E porem deuotamente nos pediram, & ſupricaraõ de noſſo Apoſtolico, & cõprido poder gracioſamente, & por voſſo reſpeito declaraſſemos o dito matrimonio de ſeu fundamento, por virtude daquella diſpenſaçam ſer antre vos ambos direitamente contratado*

tratado, & os filhos, que delle decenderam, legitimamente ſerem nados. E ſe aſsi perfeitamente aqueſta graça recuſarmos, que ao menos por ſua parte nos ſupricaram que por voſſo reſpeito nos prouguеſse legitimar a dita tua geraçam, & de Dona Ines, que perfeitamẽte a reintegraſſemos ao primeiro direito de natureza, que em todo ficaſse habilitada pera poder ſoceder, aſsi como de ſeu principio foſſe valioſo, & direitamẽte contratado, & ſe a tal geração lidimamẽte decendera. Certamente filho muyto amado nos penſamos em ello com boa femença, & conſiramos em todo aquello, que pelos ditos embaixadores, portua parte nos foy requerido, & como quer q̃ muito ſejamos de bom prepoſito pera conceder a teus deſejos, & com prazer a tua Real Alteza, pero ſomos demouidos per algumas lidimas rezoẽs fundadas em dircito, que em toda guiſa deuemos guardar, & nom comprir com effeito em receber tua ſopricaçam ſobre o declaramento do dito matrimonio. Doutra ſegunda rezam de tua parte propoſta ſobre a legitimança dos filhos de ti, & de Dona Ines nacidos, ao conſiſtente reſpondemos que a Sancta Sé Apoſtolica nã̃o tem em coſtume de outorgar ſemelhantes petiçoẽs, & diſpenſaçoẽs, nem legitimaçã̃o, ſaluo ſe for a grãdes, & nobres peſſoas, & eſto por algumas euidentes, & manifeſtas rezoẽs, as quaes no recontamento de tua ſoplicaçam, nam ſe moſtrão ſerem por tua parte expreſſas & allegadas pera em prejuizo doutrem, que no dircito da conceſſam hajais per herança, ſemelhante legitimaçam hauemos de outorgar ſaluo o terceiro, a que pertence por tal rezam, a ſupricaſſe, & ope diſſe, ou ſe por outra algũa guiſa claramẽte ſe moſtraſſe que teu requerimento procedia de ſeu expreſſo conſentimento, o que he neceſſario de preceder maiormente aqueſſe caſo, & em q̃ ſe trata a legitimaçã̃o ſobre ſoceſſam de herança pera peſſoas, q̃ nam ſam das terras á tẽporal jurdiçam da Igreja ſogeitas. E porem, muito amado, á Sancta Sé Apoſtolical tem por bem que nã̃o conde cẽda às taes ſopricaçoẽs nem outorgue ſemelhante graça. Rogamos a tua Real clareza, cõ todo o bom deſejo acõſelhamos, q̃ cõ paciẽcia ſoportes noſſas execuçoẽs, q̃ nos demcue, & cõſtrãge vſar do cõtrario q̃ tu ſopricaſte, por q̃ a noſſo paſtoral officio quebrãtar nã̃o pertẽce a ley de Chriſto noſſo Saluador, mas a ella nos chegar, & nã̃o deſuiar de ſua doutrina. Dada Em Vinhã̃o, Idus do mes de Iunho, de noſſo Papado anno nono.

Ora

☞ ORA vede, *disse aquelle Doutor*, tẽm mais enadder, nem minguar, toda a hist ria, como se passou do casamento de Dona Ines, & alegitimação de seus filhos, a qual eu escusar quizera por honra dos Infantes, posto que sejamos em tal passo, & entendo que fora milhor, que me fazerem pubricar de praça, & samear pera sempre sua incestuosa nacença.

CAP. 191. *Como acordaram todolos fidalgos, & pouo que alçassem o Mestre de Auis por Rey*

MOSTRANDO assi claramente, como se estes feitos passaram acerca desta grande, & pezada questam, em que muitos douidam, foram todos muy espantados por ouuir taes cousas, de q̃ antes parte nam sabiam, de guisa q̃ aquelles, q̃ esto leuemente criam, foram confirmados no q̃ ante sospeitauam, & os q̃ de todo eram contra tal entençam, por noua, & rezoada crẽça, foraõ afastados de toda duuida, assi como Martim Vazquez da Cunha, & todolos aliados a quella parte E faladas estonces muitas rezoẽs, q̃ por a breuiar, queremos leixar, vista assaz decerta proua a desfazer aquello, sobre que eraõ em desacordo, soy antre elles determinado por mãsa, & pacifica concordia hũa virtuosa & final entençam, que elegessem Rey.

☞ ORA, senhores, *disse aquelle Doutor* por que já vistes claramente aquello sobre que tanto douidaueis, & a que Deos prouue de serdes em conhecimento de como estes Reynos sam detodo vagos & postos em nossa disposiçam pera enlegermos quem os defenda, & gouerne, naõ curemos mais de historias antigas, que a nosso prepposito possamos trazer. Mas porque sempre foram defesos, emanteudos por Rey, & nos isto como compre por nos fazer, não podemos segundo a necessidade em que somos postos, requere, & a nòs conuem em tal caso por força, elegermos *Rey*, q̃ faça todo aquello, q̃ compre pera naõ cairmos em sogeiçaõ de nossos imigos scismaticos, q̃ se dello trabalhaõ, quãto mais podem naõ somente por nosso dano, & perda, mas ainda da Sãcta Igreja, & de nosso Senhor, cujos imigos capitaes saõ E pois naõ he menos de confirar a pessoa, que

ha de ſer elegida,que o proueito, que ſe dela ſegue ao Reyno,veja mos primeiro as condiçoẽs,que ſe requerem em ella,& ſe as taes acharmos a aquelle que ouuermos de eleger, noſſa eleição ſera diſcreta,& ſem reprẽſaõ nenhũa. E digo breuemente, ſegundo os Sabios recontaõ,que antre as outras couſas, q̃ em elle hade auer, deue ſer de bom linagem, & de gram coraçaõ pera defender a terra deshi que haja amor nos ſubditos, & com iſto bondade, & deuação Ora q̃ eſtas condiçoẽs ſejam achadas no Meſtre noſſo Senhor que temos em vontade pera eleger, aſſaz he viſto claramente, como todos bem ſabeis. De ſer de boa linagem vedeslhe bem ſer filho de Rey;& decer de gram coraçaõ aſſaz ſe moſtrou, & moſtra,q̃ com tam pouca parte do Reyno, como conſigo tinhão,com marauilhoſa ouzação ſofreo taes perigos,como ha paſſados, & diſpozſe a muito maiores ſegũdo otẽpo, em q̃ ſomos poſtos. De auer amor aos ſobditos,vede q̃ podia mais ſazer,q̃ cõ quãtas auéças, & prometimẽtos lhe ElRey de Caſtella mãdou fazer com grandes acrecẽtamẽtos de ſua honra, & eſtado tal neceſſidade,qual foy a fame,& cerquo de Lisboa,q̃ nũqua em ello quiz conſentir por naõ leixar os pouos em ſogeiçaõ de ſeus imigos. De auer em ello bondade, bem ſe moſtrar no roubar dos Iudeus que os de Lisboa, quizeram fazer,& no remir dos catiuos, as a judas,que pera ello daua, ſegundo, que cada hum era. E de elle ſer deuoto, & encaminhar, que os de Lisboa foſſem prouidos,& os ſeus boons feitos ſegundo Deos, eſguarday as eſmolas,que ſez & o falar cõ Frey Iohão da Barroca;& achamos, que todos ſeus feitos ſam em grande pezo, em a dureza de ſiſo. Alem deſto ordenar tam diſcretamente todalas couſas, que á defenſaõ deſtes Reynos pertencem, nenhum outro milhor poderia Aſſi, que pelas couſas, que vemos a tá hora, eſte Dom Iohaõ Meſtre de Auis, que tanto trabalhou, & trabalha por hõra, & defenſaõ deſtesReynos he apto, & pertencente, & merece eſta honra, & eſtado de Rey. E por tanto,pois que he ſeruiço de Deos,& prol,& honra da Sãcta Igreja pera naõ ſermos deſtroidos denoſſos imigos, & ella vir em maõs de ſiſmaticos,cõ hũ amor, & prepoſito cõ onome de Deos,q̃ he Sãcta Trindade Padre Filho,e EſpiritoSãto,nomeamos e eſcolhemos,na milhor maneira,q̃ pode ſer,eſte Dõlohaõ filho

DelRey

DelRey Dom Pedro, por Rey, & ſenhor deſtes Reynos, & outorgamoslhe qüe ſe chame Rey, & mãde fazer no Regimento, & defenſaõ delles todalas couſas; que pertencem ao officio de Rey, ſegundo coſtumaraõ de o fazer aquelles, que o atéqui foraõ. E eſtonce falaraõ muytas rezoẽs, em que nos póderamos deter, que aquinaõ fazem mingoa, & porque o promoueſem à alta dignidade & eſtado de Rey, & que naõ conſentiſſé, q̃ nenhũ mais cõtra eſto falaſſe, & q̃ lho foſſẽ logo dizer.

CAP. 192. *Das rezoẽs, q̃ os fidalgos, & pouos ouueraõ com o Meſtre, & como foy alçado por Rey*

AVIDO tal acordo, como diſſemos, os Prelados, & fidalgos, & Procuradores dos Concelhos, todos jũtamẽte foraõ entaõ a elle, elhe pediraõ por merce, ereque reraõ. Que lhe prouguеſſe cõſentir em eſta eleiçaõ, que feita auiaõ, & quizeſſe aceitar, & tomar em ſy onome, & dignidade, & honra de Rey, tomãdo cargo de defẽder os Reynos, q̃ pera elle os tinha Deos guardados. E eſto aſſi ordẽnado, o Meſtre ouuindo ſuas rezoẽs, reſpondeo eſtonce, & diſſe Que elle daua a Deos muitas graças, & lhe era muito teudo lhe poer em coraçaõ, & vontade de o auerem de eleger pera taõ alto eſtado, & a elles agardecia muito o bom deſejo, q̃ contra elle moſtrauaõ, mas q̃ elles viaõ bẽ, & elle outto ſy ſentia em ſy, q̃ não era, nẽ podia ſer ſuficiente, pera receber, nem ſofrer em ſy tal honta, & dignidade, como era o Regimẽto Real: Mayormente q̃ elles eraõ certos q̃ auia taes embargos aſſi no defeito de ſua nacẽça, como na profiſſam, que á Ordem de Auis fizera, que nam auia poder de receber tal encargo, e hõta, como aquella, a que elles o hauiam elegido, & q̃ por tanto naõ podia conſentir em ello. Alem deſto dezia, que ſua vontade nam ſe outorgaua de oſer por outra rezam, dizendo que elle preſtes era por defenſam do Reyno trabalhar quanto podeſſe atá morte, de eſperar El Rey de Caſtella com todo ſeu poder, & pelejar com elle, & deſto não tiueſſem duuida, que vencendo elle ſendo caualeiro, aſſi como era, oque eſperaua em Deos que aſſi foſſe, cobraria grande honra, & elles iſſo meſmo. E quando ſe doutra guiſa acertaſſe o que Deos não quizeſſe, que

mayor mingoa lhe era, ſendo de Rey, & vencido, poſto que o foſſe ſendo caualeiro. E que porem ſobre os ajuntamentos das gentes, & a maneira, como ſe o Reyno poderia defender, & auer dinheiro pera elles, ſe trabalhaſſem de determinar, & ſobre outra couſa não foſſem deteudos. Então todolos fidalgos, & Prelados, & Procuradores dos Concelhos ouuerão grão nojo, & deſconforto de tal repoſta, como eſta, entendendo, que ſe o dito Dom Iohão não tomaſſe nome, & dignidade de Rey, que o encarrego da defenſaõ dos Reynos não tomaria com tanto amor, & diligencia, quanto a elles compridoiro era, por a qual rezão enfraquecerião os coraçoẽs dos pouos, não curando de ſe defenderem, nẽ aguardar ſeus contrairos, como fazia miſter, & que porèm os ditos Reynos eſtarião em gram perigo devir em mãos de ſeus imigos, maiormente ſciſmaticos, & reueis á Santa Igreja, aſſi que eſtando todos em ſeu firme prepoſito, não ſe entendendo de partir do que começado tinhão, tornarão a dizer ao Meſtre. Que per as muitas neceſſidades, em que erão poſtos, deſte ſó remedio querião a todos prouer em hauerem a elle por Rey, & ſenhor, por oqual remedio entendiaõ ſer feita prouiſam a todolos outros remedios, pera menos ſentirem os danos, & perigos, com que os ameaçaua El-Rey de Caſtella. Epois elles auiam vontade de ſedefender delle & de leuar a diante a honra do Sancto Padre Vrbano ſexto, verdadeiro Papa de Roma, que porem lhe pediam por merce, & rogauam aficadamente dizendo a altas vozes que os não quizeſſe deſemparar, nem poer em tamanho deſconforto, mas que lhe prouggueſſe tomar em ſy o nome, & dignidade, & honra de Rey, porq̃ bẽ via elle quãto era eſto neceſſario a elle, & ao Reyno, & quanto mal, & dano ſe ſeguiria, ſe a eſto naõ deſſe cõſentimẽto, & obra, prometendo de o ajudar com os corpos, & aueres, & manterem em eſtado, & honra de Rey pera leuar ſua honra adiante, & mais de enuiarem á Corte de Roma ſeus honrados embaxadores por hauerem delà quaeſquer deſpenſaçoẽs, & graças, aſſi pera ceſſarẽ os embargos deſua nacẽça, como porelle ſer filhado em aquelle eſtado de Rey, em q̃ o punhaõ. Equãdo o Meſtre vio ſeus aficados rogos & cõſirãdo as grãdes neceſſidades do Reyno, & ſuas bõas võtades, & offerecimentos

cimentos,entendeo que prazia a Deos de o ſer,pois ſe tanto a fica. uaõ a eſto, como quer que lhe foſ ſe graue de fazer, por as rezoẽs, que diſſera,ouue em ello de con ſentir,& diſſe que pois ſe de outra guiſa fazer nam podia, que elle aceitaua ſua eleiçam, & dignida de Real de Rey pera defender o Reyno, com aquelles offerecimentos, que lhe por elles eram feitos,em hõra, & reuerencia do Sancto Padre, & da Sé Apoſtolica de Roma.E eſto determinado de todo,& o dia, que oalçaſſem porRey,foy o prazer grande em todos,& dado cargo a Nuno Aluarez de mandar correger os Paços, onde ſe iſto auia de fazer & andando elle por hũa ſala,on de ElRey auia decomer cõ muitos, que o acompanhauaõ, com grande prazer, que ouue, poſto que muy temperado foſſe em falar,não ſe pode ter,& diſſe contra elles. *Deſta vez meu ſenhor o Meſtre ſerâ Rey a prazer de Deos, & a pezar de quem pezar.* E quando veyo â quinta feira ſeis dias daquelle mes de Abril da era já nomeada de 1423. ſendo entam o Meſtre de ſua noua, & flo recente idade de vinte,& ſeis annos,& onzemeſes,& vinte,& hũ dias, foy alçado por Rey, & feito ſeu officio aſſi Eccleſiaſtico, como ſecular,dandolhe aquelle poderoſo, & real eſtado,que elle bem merecia, com grande feſta, & prazer,aſſi de lançar a tauolado,como doutros jogos, ſegũdo uzança daquelle tempo, nam ſomente em a quelle lugar de Coimbra,mas nas outras Villas, & Cidades, que por elle eſtauaõ,& ſua voz mantinham.Eſpecialmẽte em Lisboa foy feyta huma muy honrada,& ſolene perciſſaõ que partio da Sé,& foy a Saõ Domingos com muito prazer,& alegria.Trouueram a bandeira pella Cidade apregoando, *Real Real por ElRey Dom IOHAM*, & alçaram entam na Rua noua hũ grãde,&alto maſto de cá da parte do mar, q̃ naõ tomaua a rua.

CAP 193. *& vltimo. Como Nuno Aluarez foy feito Condeſtabre, & de alguns modos de ſeu viuer.*

ENLEGIDO o Meſtre, & alçado aſſi por Rey, falouſe logo que fizeſſem Condeſtabre pera a guerra, emquer eraõ poſto ſeguado noüamente fizera ElRey Dom Fernando, quando em ſeu tempo os Ingreſes vieraõ & ordenou q̃ o foſſe o ſeu muy leal, & fiel ſeruidor Nunó Alua-

rez Pereira, auendo aquelle tempo vinte & quatro annos, & nouemezes,& doze dias, conhecendo delle, que era de honestos costumes,& muy auizado de caualaria. Assi que, vista sua prudente, & notauel diseriçam (que bem se podia dizer delle que posto que cega a fortuna em esta presente vida leixe alguns nus de galardaõ,que o bem merecesem) contra este, naõ sendo ingrata, o proueo estonce em alteza degrãde , & honroso officio nas guerras,& hostes do Reyno , do qual elle vzou de tal guisa , crecendo cada dia em caualeirosos feitos. & muitos, como depois ouuireis . espertou inuejosa grandeza, perque se esforteleçaõ em esforçado desejo de percalçar grandes cousas em soportamento de proueitoso trabalho. Este nam esperando noites, nem esquiuos dias naõ temia de se poer aquaesquer auenturas per auer vitoria dos imigos , naõ por desprezar com soberba afouteza a multidaõ delles,mas porque nenhum auizamento antigo podia estonce ser igual ás suas sagaçarias,de que este nouo guerreiro ,sendo sempre muito sem oufania , & leuantamento , em esses bemauenturados vencimentos , assi sagazmente ordenãua seus feitos, que nenhum outro podia entẽder o preposito de sua entençam,saluo com aquelles,de que custumaua falar Da ardideza , & bom regimento , em que está a principal cousa da guerra , era elle assi comedido , que quem fosse semelhante a elle assi lhe seria detrabalho. E porem se escreue delle que foy grande , & forte muro, & segundo braço da defensam do Reyno. Assi, que com grande vontade deziam delle depois os Pouos ; que nenhum podera ser elegido a semelhante honra , de que tantos proueitos viessem ao Reyno,& à Alteza Real, como este. Elle da menham foy luz clara em sua geração sendo de honesta vida , & honrosos feitos, no qual parecia que reluziam os auizados costumes dos antigos , grandes baroens seus geitos ,& defeza . Na guerra mostraua tal autoridade , que nenhum era ouzado , andando em sua companhia , de empécer mais a seus imigos , do que lhe por elle mandado era , deguisa , que cada hum se despunha a comprir todos seus feitos , nem lhe cõuinha de os quebrãtar por cousa, q̃ auir podesse.Noqual porẽ sẽpre moraua hũa discreta mã

sidam

fidão, que elle eſpecial hauia de bons coſtumes. Trazer molheres, nẽ jogos de dados, a nenhũ nam era conſentido, & muyto ſe trabalhaua, quando tal deſuairo antre alguns naſcia, porq̃ ſe começauão de ſe nam falar, de os concordar logo, & fazer amigos, de guiſa, que ſeu arrayal nam parecia hoſte de guerreiros, mas honeſta Religião de defenſores, em todalas couſas muy ſagazmente, por igual pena, & galardam, procedia contra quaeſquer, que ſua virtuoſa vontade podia chegar com execuçam, & quando ſe achaua contra algũas peſſoas cobrádo arroido, era ſeu caſtigo de guiſa, q̃ ao ſeu pezado aſſeſego mais auião os homens reuerencia, que temor. E elle em ſua noua mancebia deſuiado de ſeu humanalvzo começou de aſſentar em ſy todalas boas condiçoens, que em hum louuado barão nomeadas podeſſem ſer, como ſe o theſouro de toda enſinãça foſſe em elle encuberto. Aſſi que em cuidar virtuoſas couſas, & polas logo em obra, ocupaua em tanto o tempo, muyto mais daquello, que ſua tenra ida de requeria. E porque ſemelhantes bondades não eram vzadas antre os outros homens, eraõ em elle teudas em muy grande cõta; de guiſa, que onde tantas virtudes morauam, adur podia nenhum cuidar, que vieſſe, ou algum podeſſe ſer hoſpede, nem podia alguem em elle poer prazmo, que nam foſſe hauido por malicioſo: ca poſtoque elle trabalhaſſe por encobrir ſua muy louuada fama, ſeus virtuoſos feitos eram pregoeiros della. Nos grandes, & notaueis conſelhos, elle era ſempre o principal, & nenhũa pezada couſa ſe fazia sẽ ſeu acordo. Foy de alta, & prudente conuerſaçam, aonde compria, a boa, & amoroſa aos de mayor eſtado, & aos muito pequenos tam doce, como paruo. Auia compaixão dos pobres, & minguados, nam os leixando padecer injuria, & ſua larga maõ ſempre era preſtes a dar, onde quer, hora ao eſpiritual proueito conſeguia ſeu dom, & elle ordenaua aſſi ſua fazenda, leixadas as pouzadas vaidades, que muyto ſam de eſquiuar, que por nenhũ miſter de guerra, nem doutra neceſſidade, em ſuas terras deitou peita, nem ſeruiço, nem outra ajuda, & tinha taes Regedores de caſa, em que hauia pouca, ou nenhũa nodoa de erro na limpeza de ſua verdade. Nenhũa couſa encuberta, nẽ fingida hauia, ſua palaura nam era menos certa, q̃ ſe

ſe affirmaſſe com juramẽto. Nos eſpirituaes autos ſobre todalas couſas era elle aſſi lembrado dos diuinaes officios, q̃ por nenhũa guiſa os leixaua de comprir por chegada de nenhũa peſſoa, por grande, & poderoſa, que foſſe. Foy de limpa conciencia, que a paixão da ſanha, que em muitos parece ſandice, temperou de tal guiſa por ſaude de ſua alma, que nunqua a nenhum tolheo fala. poſtoque reza[illegible] tueſſe, a qual tirada dantre as [illegible]as he criado de mayor [illegible] com mordi[illegible] de deſuairadas toſpeitas, Elle foy o primeiro, que começou cada dia ouuir duas miſſas, dizendo, que aſſi como o Senhor tinha auantagem de mundanal excellencia ſobre o outro cõmũ pouo, aſſi naſeſpirituaes obras de uião ter grande milhoria Nas feſtas principaes do anno, em q̃ a Igreja coſtuma, que ſe faça per ciſſaõ, ordenaua elle de afazer pelo arrayal com candeas nas mãos, ſegundo o dia, em que era, ouuindo ſua prègação, & officio o mais honeſto, que ſe em taes logares fazer podia. E ſe contaõ em louuor dos Romanos, ſendo Gentios, que naõ era a elles ſegura couſa, leixadas as cerimonias, que ao Deos das batalhas viaõ fazer, entrar em peleja, nem mouer guerra, a que primeiramẽte faziaõ oraçoẽs aos Deoſes das terras, que cada hũ tinha em ſua guarda, grande louuor deuem de dar aeſte, o qual com boa ardideza, & firme eſperãça, que no muy Alto Deos, ſempre ouue, feita primeiro ſua deuota oraçam a aquelle Senhor, em cujo poder he todo o vencimento, ledo, & ſem nenhũ receo pelejaua ſempre com elles. Eſte nam ſomente dos naturaes doens da graça com taõ grandes, & eſpeciaes joyas, que atá aſeu tempo, des o começo do Reyno, naõ ſeleo de nenhũ ſemelhãte. Epoſto q̃ algũs digaõ q̃ o bẽ acoſtumado mancebo raramẽte percalça duraueis louuores, & eſte por o cõtrairo aſſi no tẽporal, como no eſpiritual viueo, q̃ depois da morte ſẽpre foy hauido em grãde reuerencia de todo o pouo como ao diãte ouireis.

# FIM

## DA PRIMEIRA PARTE.

IN-

# INDEZ DOS CAPITVLOS, QVE SE CONTEM neſta primeira parte da Cronica DelRey Dom IOAM o Primeiro de boa memoria de Portugal.




CAP. 1. Rezoens em Prologo do Autor deſta obra, anteque fale dos feitos do Meſtre, fol. 1.

Cap. 2. Como o Cõde ouuera de ſer morto por vezes, & nenhũa ouue azo de ſe acabar. f. 3.

Cap. 3. como algũs ordenarão de o Cõde ſer morto, & porq̃ azo ſe naõ fez. f 5.

Cap. 4 Como ElRey mandaua matar o Conde Iohão Fernandez, & porque ſe leixou de fazer. f. 6.

Cap. 5. Como o Conde Iohão Fernandez ouuera de ſer morto, & porque azo ſe deſuiou ſua morte. f. 8

Cap. 6. Como ſe àzou a morte do Conde Iohão Fernandez, & quem falou em ello primeiro. f. 10.

Cap. 7. Como Aluoro Paez falou com o Meſtre ſobre a morte do Conde Iohão Fernandez, & do acordo, em que ambos ficaram. f. 12.

Cap. 8. Como o Conde Iohão Fernandez veo ao ſaymento DelRey, & o Meſtre foy ordenado por fronteiro em riba de Odiana. f. 13

Cap. 9. Como foi ordenada a morte do Conde Iohão Fernandez, como o Meſtre partio de Lisboa ſem leuando entenção de o matar. f. 15.

Cap. 10. Como o Meſtre tornou a Lisboa, & de que guiſa matou ao Conde Iohão Fernandez. f. 17.

Cap. 11 Do que a Rainha diſſe por a morte do Cõde, & doutras couſas. 21

Cap. 12. Do aluoroço, q̃ foi na Cidade cuidando, que matauam o Meſtre, & como alaa foy Aluoro Paez, & muytas gentes com elle. f 22.

Cap 13. Como o Biſpo de Lisboa, & outros forão mortos, & lançados da torre da Sè afundo. f. 25.

Cap. 14. Como o Meſtre depois que comeo foy pedir perdam á Rainha, & das rezoens, que foram faladas. f 28

Cap. 15. Como os da Cidade quizeram roubar os Iudeus, & o Meſtre os defendeo, que lhe naõ foi feito. 31

Cap. 16. Que maneira tinha a Rainha Dona Lianor com o Meſtre, & alguns outros, a que nam tinha bom deſejo. f. 33.

Cap. 17. Como a Rainha partio de Liſboa pera Alanquer, & que maneira teue em ſua partida. f. 34.

Cap. 18. e 19. Como o Meſtre guiſaua pera ſe hir pera Ingraterra, & como pedio perdão a Vaſco Porcalho. f 35

Cap. 20. Por quaes rezoens os da Cidade diſſeram ao Meſtre, que ficaſſe no Reyno, & o tomarião por ſenhor. f. 37.

Cap. 21. Das rezoens, que os da Cidade deziam ao Meſtre, porque ſe nam deuia de partir. f. 38.

Ca. 22. Da maneira, que a Rainha ordenou pera matar o Meſtre quando ſoube, que queria partirſe pera Ingraterra. f. 40.

Cap. 23. Das rezoens, que Aluoro Vazquez ouue com o Meſtre ſobre ſua partida pera Ingraterra. f 41


Cap.

Cap. 24. Como Frey Iohão da Barroca veyo a Lisboa, & da maneira de seu viuer. f. 42.

Cap. 25 Como o Mestre falou cõ Frey Iohão da Barroca, & da repoſta, que lhe elle diſſe. f. 44.

Cap. 26. Como foy acordado de enuiar à Rainha cometer caſamento com o Meſtre, & ſegurança pera os da Cidade. f. 45

Cap. 27. Como o Meſtre outorgou de ficar por Regedor, & Defenſor do Reyno, & do que foy falado na Camara da Cidade ſobre ſua ficada delle. f. 47.

Cap. 28. Como o Meſtre tomou officia espera ſua caſa, & que ditado ordenou de ſe porem nas cartas. f. 50.

Cap 29. Como o Infante Dom Iohão ſoube, que o Meſtre ſeu Irmão ſe chamaua Regedor, & Defenſor do Reyno, & a maneira, q̃m ello teue f 53

Cap. 30. Do recado, que a Rainha mandou a Gonçalo Vazquez de Azeuedo, anteque partiſſe pera Santarem, & das rezoens, que diſſe aos do lugar. f 53.

Cap. 31. Como a Rainha partio de Alanquer pera Santarem, & das rezoens, que diſſe aos do lugar, anteque partiſſe. f 55.

Cap 32. Rezoens do Autor deſta obra, anteque fale de Nuno Aluarez. f 56.

Cap. 33. De que linhagem deſcendeo eſte Nuno Aluarez, & quem foy ſeu padre. f 58.

Cap. 34. Como Nuno Aluarez foy trazido à Corte Del Rey Dom Fernando, como tomou as primeiras armas da mão da Rainha D. Lianor. 59

Cap. 35. Como o Priol cometeo a ſeu filho, que quizeſſe caſar, & como emello conſentio, & caſou com Dona Lianor Daluim. f. 61

Cap. 36. Como Nuno Aluarez partio pera ſua caſa, & da maneira do ſeu viuer. f. 63.

Cap. 37 Como Nuno Aluarez ſoube que o Conde Iohão Fernandez era morto, & das rezoens, que ouue com ſeu Irmão ſobre ello. f. 64.

Cap. 38. Como Nuno Aluarez deſcobrio aos ſeus, que ſe queria ir a Liſboa, pera ſeruir o Meſtre. f. 66.

Cap. 39. Como Nuno Aluarez chegou a Lisboa, & das rezoens, que diſſe ao Meſtre. f. 68.

Cap, 40. Como ſua Madre de Nuno Aluarez vinha pera toruar ſeu filho do ſeruiço do Meſtre, & do que ſobre ello ouue. f 69.

Cap. 41. Como o Meſtre falou cõm os do ſeu Concelho ſobre ſua ficada, ou partida do Reyno. f. 70.

Cap. 42. Como o Meſtre quizera combater o Caſtello, & como o cobrou ſem combate. f. 71.

Cap. 43. Como foy tomado o Caſtello de Beia, & morto o Almirante Micé Lançarote. f. 75.

Cap. 44. Como o Caſtello de Portalegre, & Eſtremoz, foram tomados. 78

Cap. 45. Como o Alcayde de Euora quizera ter voz por a Rainha, & foi tomado o Caſtello pelos da Cidade. 79

Cap. 46. Como os da Cidade ſe leuantarão contra a Abbadeſſa, & do geito, que tiuerão em a tomar. f. 81.

Cap.

Cap. 47. Como foi lançado voz pelo Meſtre, na Cidade do Porto, & da maneira, que o pouo em ello teue. f. 83.
Cap. 48. Porque rezoens enuiou o Meſtre embaixadores a Ingraterra, & da repoſta, que lhe de là veyo; f. 85
Cap. 49. Como a Cidade de Lisboa deu hum ſeruiço ao Meſtre, pera ajuda de fazer moeda. f. 89.
Cap. 50. Como o Meſtre ordenou de fazer moeda, & de que liga, & talho foi feita. f. 90.
Cap. 51. Como o Meſtre deu lugar a alguns, que lauraſſem moeda, & poz mãtimento a muitas peſſoas. f. 92.
Cap. 52. Como os da Villa de Almada tomarão voz pelo Meſtre, & como foi ſobre Alanquer. f. 93.
Cap. 53. Como El Rey de Caſtella mandou prender o Conde Dom Affonſo ſeu irmão. f. 95
Cap. 54. Como El Rey de Caſtella mandou preuder o Infante Dom Iohão de Portugal. f. 95.
Cap. 55. Como El Rey fez em Toledo exequias por El Rey Dom Fernando & da maneira que em ellas teue. 97
Cap 56. Do q̃ aconteceo quãdo alçarão pendão por El Rey de Caſtella. f. 98.
Cap. 57. Como El Rey teue conſelho ſe era bem entrar em Portugal, & como determinou de o fazer. f. 99
Cap. 58. Como o Biſpo da Cuarda diſſe a El Rey, q̃ lhe daria a Cidade, & como El Rey determinou em toda guiſa de entrar no Reyno. f 101.
Cap. 59 Como El Rey de Caſtella entrou em Portugal, & de alguns fidalgos, que ſe vierão pera elle. f. 103.
Cap. 60. Das rezoens, que Breatiz Cõçaluez diſſe a ſeu filho, por nam dar os caſtellos, que tinha, a El Rey. f. 104
Cap. 61. Do recado, que mandou a Rainha Dona Lianor a alguns Concelhos depois da morte do Conde Iohão Fernandez. f. 106.
Cap. 62. Como a Rainha eſcreueo a El Rey de Caſtella, que entraſſe no Reyno, & a tenção porque o fez. f. 107.
Cap. 63. Como El Rey de Caſtella ſeguio ſeu caminho, & chegou a Sãctarẽ. 108
Cap. 64. Como ſe o Meſtre tornou de Alanquer pera Lisboa. f. 110.
Cap. 65. Como El Rey falou â Rainha, & a leuou conſigo ao Moesteiro, onde pouſaua. f. 110.
Cap. 66. Como El Rey ordenou de ſe vir pera a Villa, & da maneira, como entrou no lugar. f. 112
Cap. 67. Da maneira, que El Rey teue com os Dezembargadores da juſtiça, & como miſturou ſuas armas com as de Portugal. f. 114.
Cap. 68. Dos fidalgos, & caualeiros, q̃ eſtauam com El Rey em Sanctarem, & do q̃ aueo a Conçalo Vazquez cõ o ſoldo, q̃ mãdou pagar aos ſeus. 116
Cap. 69. Dos lugares, que tomaram voz por Caſtella em todalas Comarcas do Reyno.. f. 119.
Cap. 70. Como foram filhados os nauios de peſcado, q̃ vinhão de Calliza. 121
Cap. 71. Como o Conde de Mayorca mãdou deſafiar o Meſtre, & como Nuno Aluarez reſpondeo a ello. f. 123.
Cap. 72. Como Nuno Aluarez foi atrauez de Cintra âforragẽ, & algũs Capitães de Caſtella chegarão ao Lumiar. f. 125

Cap.

Cap. 73. Como o Meſtre teue ordenado de hir a Santarem peleijar com ElRey de Caſtella, & porque azo ſe não fez. f 126.

Cap. 74. Como a Rainha eſcreueo ao Cõde Dom Gonçalo ſeu irmão, que deſſe Coimbra a ElRey de Caſtella. 127

Carta da Rainha Dona Lianor a ſeu irmão Dom Gonçalo f 128.

Cap. 75. Do que aueyo a alguns da Cidade, que ſahirão fora a peleijar com os Caſtellaõs. f. 129.

Cap. 76. Das rezoens, que Nuno Aluarez diſſe ao Conde Dom Aluoro Pirez de Caſtro, & a ſeu filho, & como o Meſtre ordenou de hir a peleijar com os Capitaens de Caſtella, que eſtauão no Lumear. f. 130.

Cap. 77. Porque ſe gèrou o deſprazimento entre a Rainha Dona Lianor com ElRey de Caſtella. f. 132.

Cap. 78. Como ElRey partio de Santarem caminho de Coimbra com intenção de a cobrar. f 133.

Cap. 79. Como ElRey chegou a Coimbra, & dalgũas couſas, que lhe aconteceram. f 134.

Cap. 80. Das rezoens, q̃ Dona Briatiz de Caſtro falou com Affonſo Anriquez, & do q̃ elle reſpondeo. f. 136.

Cap. 81. Das rezoens, que a Rainha ouue com o Conde dom Gonçalo ſeu irmão. f. 137.

Cap. 82. Das falas, que ſe tratauão entre o Conde Dom Gonçalo irmão da Rainha, & o Conde D. Pedro. f 139

Cap. 83 Como foy ſabido, o que o Conde Dom Pedro queria fazer, & como ſogio, & ſe foi pera o Porto. 141.

Cap. 84. Das rezoens, que ElRey, & a Rainha Dona Briatiz ouueram ſobre eſte feito. f. 143.

Cap. 85. Como a Rainha Dona Lianor foy leuada pera Caſtella. f. 145

Cap. 86 Do recado, que os de Alãquer enuiaram ao Meſtre, & da reposta, que ſobre ello deu, f. 146

Cap. 87. Como ElRey partio de Santarem, & do conſelho, q̃ ouue ſe cercaria Lisboa. f. 147.

Cap. 88. Como o Meſtre ordenou por Fronteiro dantre Tejo, & Odiana Nuno Aluarez Pereira. f. 149.

Cap. 89. Da bandeira, que Nuno Aluarez mandou fazer, & do poder, q̃ lhe o Meſtre deu. f. 149

Cap. 90. Das rezoens, que o Meſtre diſſe a Nuno Aluarez, & como ſe eſpedio delle. f. 150.

Cap. 91. De hũa ſacaria, que Nuno Aluarez fez pera prouar os ſeus, de que eſforço eram. f. 151.

Cap. 92. De que guiſa Nuno Aluarez eſcolheo dos ſeus os que tomou pera ſeu conſelho. f. 153

Cap. 93. Como Nuno Aluarez mandou chamar algũas gentes, & das rezoẽs, que propoz a todos. f. 156.

Cap. 94. Da reposta, que a Nuno Aluarez foy dada, como todos outergarão de ſer com elle na batalha. f. 158

Cap. 95. Das rezoens, que Nuno Aluarez ouue cõ Ruy Gonçalues. f. 160

Cap. 96 Como Nuno Aluarez poz batalha aos Caſtellaõs, & os vẽceo. 162

Cap. 97 Como Nuno Aluarez cobrou Arrõches & Alegrete. f 166.

Cap 98. De hũa entrada, que os Portu-

gue-

gueſes fizerão por Caſtella, & do rou bo, que tomaram. f. 168
Cap. 99. Como Vaſco Porcalho foy lançado de Villa Viçoſa por ſoſpeita, que delle tomaram. f. 169.
Cap. 100. Como o Meſtre mandou entregar a Vaſco Porcalho o Caſtello como dantes tinha. f. 171.
Cap. 101. Como Vaſco Porcalho prendeo Aluoro Conçaluez por arte. f 172.
Cap. 102. Como os Portugueſes pelejarão & os vẽçerão, & desbaratarão. 174
Cap. 103. Como foi liure Aluoro Conçaluez Coutado da prizão, & desbaratados os Caſtellãos, que o leuarão f. 178
Cap. 104. Como Pero Rodriguez foi acorrer Aluoro Coitado que onam prendeſem os Caſtellãos f. 181
Cap. 105. Como Vaſco Porçalho foi correr ao Alandroal, & da preza que tomou f. 183
Cap. 106. Como Pero Rodriguez da Fonſeca lançou huma ſilada aos do Alandroal, & do que lhes aueio. f. 184
Cap. 107. Como Paio Rodriguez Marinho prẽdeo Gil Fernãdez de Eluas. f. 186
Cap. 108. Como Gil Fernandez foi pellejar a Caſtella, & do q̃ lhe aueyo 187
Cap. 109. Como Gil Fernandez pelejou com Payo Rodriguez Marinho, & foy desbaratado, & morto f. 188
Cap. 110. Dalgũas naos de Genoua que o Meſtre cobrou a ſeu poder, & como combateo Alanquer, & não foi tomado. f. 190
Cap. 111. Como ô Meſtre mãdou armar certas galés em Lisboa. f. 192.
Cap. 112 Como foy entregue o Eſtandarte a Conçalo odriguez, & partio a froto pera o Porto. f. 193.
Cap. 113. Como eſcaramuçarão os Caſtellãos com os Portugueſes, & foy hi preſo Iohão Ramires de Arelhanho. f. 195.
Cap. 114. Como El Rey chegou ſobre a Cidade, & do cõbate, q̃ lhe deu. f. 196
Cap. 115 Como El Rey de Caſtella chegou ſobre Lisboa, & como aſſentou ſeu arrayal ſobre ella. f. 199.
Cap. 116. Porque guiſa eſtaua a Cidade corregida, pera ſe defender quando El Rey de Caſtella poz cerco ſobre ella f. 202.
Cap. 117 Como foi tomado Ourem, & preſo Diogo Lopez Pacheco, & dado por elle Iohão Ramires. f. 206
Cap. 118. Dos Capitaens, que entraram com o Arcebiſpo a correr em Portugal, & como foi preſo Fernando Affonſo de Coimbra. f. 208
Cap. 119. Do conſelho, que o Arcebiſpo ouue com os ſeus, & como foi cercar o Porto. f. 210.
Cap. 120. Como os do Porto ſahiram fora pera pelejarẽ cõ os Gallegos. 211
Cap. 121. Como as galés de Lisboa chegarão ao Porto, & ſe ajuntaram as gentes dellas com as da Villa, pera peleijar com os Gallegos. f 212.
Cap. 122. Como os Portugueſes eſcaramuçaram com os Gallegos, & ſe foy o Arcebiſpo. f 214.
Cap. 123. Como Ruy Pereira diſſe ſua menſagem aos do Porto, & a reposta que lhe deram. f 215.
Cap. 124. Do recado. que os do Porto enuiaram ao Conde D. Conçalo, & da reposta, que a ello deu. f 217

Cap.

Cap. 125 Como as galès foraõ correr a coſta de Galliza, & do que lhe aueyo em ſua viagem f. 220

Cap. 126. Como Nuno Aluarez ouuera de hir na frota, & porque rezaõ nam entrou nella f. 223.

Cap. 127. Como Nuno Aluarez ordenou de partir de Coimbra, & do que lhe aſsi aueio f. 224.

Cap. 128. Como a Nuno Aluarez lhe aueio com Dom Dauid Algaduxe ſobre dinheiros, q̃ lhe quizera dar. 225

Cap. 129. Como Nuno Aluarez pelejou com algũs Caſtellãos, & os deſbaratou. f 226.

Cap. 130. Do conſelho que ElRey de Caſtella ouue com os ſeus, em q̃ guiſa pelejaria com a frota de Portugal. f. 228

Cap. 131. Das rezoẽs que Pero Fernandez de Valhaſco diſſe, porque não era bem, q̃ a ſua frota pelejaſſe com a de Portugal, & do que ElRey reſpõdeo ſobre ello. f. 231

Cap. 131. Como a frota do Porto chegou a Caſcaes, & da maneira, que o Meſtre lhe mandou q̃ tiueſſem. f 233.

Cap. 132. Como foi ſabido por a Cidade que a frota vinha, & do que as gentes por ello faziaõ. f. 235

Cap. 133. Como algũas naos pelejaram com as de Caſtella, & foram tomadas tres dos Portugueſes. f 236

Cap. 134. Como trouueram a ElRey hũ dos eſcudeiros, que foram prezos, & das rezoens, q̃ ouue em ello. f. 240

Cap. 135. Como nam peleijou mais a frota com a de Caſtella, & como ElRey mandou combater Almada. f. 241.

Cap. 136. Das couſas, que paſſauam os de Almada por mingoa dagoa. 244.

Cap. 137. Como os de Almada deraõ a Villa a ElRey de Caſtella. f. 246.

Cap. 138. Como foi deſcuberto ao Meſtre, o q̃ Dõ Pedro tinha ordenado, & da maneira, q̃ em ello teue. f. 247

Cap. 139. Como as galès de Caſtella quizeram tomar as de Portugal, & do q̃ ſobre ello aconteceo. f. 251.

Cap. 140. De algũas couſas, q̃ aconteceram aos da Cidade com os do arrayal jazendo cercados. f. 259.

Cap. 141. Como ElRey enuiou cometer auença ao Meſtre, & das rezoens, que ſobre ello paſſaram. f 258.

Cap. 142. Como o Meſtre determinou com os do ſeu Conſelho de pelejar com ElRey de Caſtella. f. 262.

Cap. 143. Como Nuno Aluarez determinou de tomar a Monçaraz por arte; & de que guiſa foi filhado. f. 265.

Cap. 144. Do recado, que Iohão Rodriguez de Caſtanheda mãdou a Nuno Aluarez, & do q̃ ſobre ello aueyo. 267.

Cap. 145. Como Nuno Aluarez ouue recado, que gentes ſe ajuntaram pera o hir buſcar; & da maneira, que em ello teue. f. 268.

Cap. 146. Como Nuno Aluarez pozbatalha a Pero Xarmento, & outros Capitaens, & que nam quizeram pelejar com elle. f. 269.

Cap. 147. Como Nuno Aluarez ordenou de hir a Almada ſobre Pero Xarmẽto, & do q̃ ſobre ello acõteceo. 273.

Cap. 148. Das tribulaçoens, q̃ Lisboa paſſou por mingoa de mãtimẽtos. 278

Cap. 149. Da peſtelença, que andaua entre os Caſtellãos, & de alguns Capitaens,

taens, que em ella morrerão f.282
Cap.150. Das rezões, que Dom Carlos disse a ElRey de Castella, & como ElRey leuantou seu arrayal, & descercou á Cidade. f 285
Cap.151. Como os da Cidade ordenaram perciſſam por darem graças a Deos, & da pregação, que fez hũ frade nella. f.288.
Cap.152. Como Nuno Aluarez passou a Lisboa por falar com o Meſtre. 293
Cap. 153 Como Nuno Aluarez falou ao Meſtre, & das rezoens, que ambos ouueram. f.295.
Cap.154. Como os fidalgos, & pouos fizerão menagens ao Meſtre, & dos priuilegios, que deu a Cidade. f.297
Cap.155 Como ElRey de Castella chegou a Sanctarem, & ordenou Alcaides, em alguns Lugares. f.301
Cap 156 Como ElRey de Castella partio pera seu Reyno, & da maneira como hiam. f.304
Cap.157. Como Nuno Aluarez cobrou a Villa de Portel por azo dalgũs, que dentro morauão. f.306
Cap.158. Como entregarão o Castello a Nuno Aluarez, & se foy Fernão Cõcaluez pera Castella. f.309.
Cap.159. Dos nomes de alguãs pessoas, q̃ ajudaram ao Meſtre a defender o Reyno. f.311.
Cap.160. Dos nomes de Algũs fidalgos Portugueſes, como Castellaos f.314.
Cap.161. De algũs fidalgos, & Cidadãos, que ajudaram ao Meſtre a defender o Reyno. f.317.
Cap.162. Dos nomes de alguns Lugares, q̃ tiueram voz por Portugal. 339
Cap.163 Da ſeptima idade. que começou no tempo do Meſtre. f.340
Cap.164. Como o Meſtre foy por cobrar Cintra, e nam pode chegar por azo da muita chuua. f 342
Cap. 165. Como o Meſtre foy a Almada, & cobrou o lugar por vontade dos moradores da Villa. f.344.
Cap.166. Como o Meſtre partio de Almada, & foy ſobre Alanquer. f.346.
Cap.167. Do combate, que deram os do arrayal aos da Villa, em que foy morto Affonſo Anriquez, & outros. f.349.
Cap 168. Como o Meſtre preiteiou com Vaſco Pirez de Camões, & ſe alçou de ſobre o lugar. f.350
Cap. 169 Como o Meſtre partio de Alãquer, & foy cerquar Torres Vedras. f 351.
Cap. 170. Como o Meſtre de Chriſtus foy vencido, & leuado a Sanctarem prezo f.352.
Cop. 171. Como Nuno Aluarez foy a Eluas, & lançou fora alguns do Lugar. f.353
Cap.172 Como Nuno Aluarez foy por cobrar Villa Vicoſa, & foy morto ſeu Irmão, & acercou, & nam pode tomar. f.355.
Cap. 173 De como o Meſtre partio de Torres Vedras, & foy a Leiria. & deſhi a Coimbra. f 357.
Cap.174. Como o Meſtre chegou a Coimbra, e foy bẽ recebido de todolos da Cidade. f.360.
Cap. 175. Das rezões, que ſe falaram anteque entraſſem às Cortes, & nomes dalguns, q̃ a ellas eſtiuerão 362

Cap.

Cap. 176. Como o Doutor Iohão das Regras propoz em Cortes, moſtrando que auia quatro herdeiros do Reyno. f 363.

Cap. 177 Rezoens, daquelle Doutor porque a Rainha Dona Briatiz nam podia herdar eſtes Reynos. f. 365.

Cap. 178. Outras rezoens deſſe meſmo Doutor, porque ElRey, nem ſua molher não deuem ſer tomados por ſenhores. f 369.

Cap. 179. Como o Doutor moſtrou claramente, que nunca foi certo, que Dona Ines foſſe molher DelRey Dom Pedro. f. 372.

Cap. 180. Como os do Porto tomaram o Caſtello de Gaya, e o derribarão. 377.

Cap. 181. Como o Meſtre combateo a Villa com as cauas; que feitas tinha, & a não pode tomar. f 378

Cap. 182. Que peſſoas eram aquellas, q̃ ao Meſtre não erão fieis vaſſallos 380

Cap. 183. Porq̃ modo tinhão ordenado de matar ao Meſtre, & deſcobriram ſeus ſegredos. f. 383.

Cap. 184. Como foi deſcuberta a treição, que ao Meſtre tinhão ordenado, & queimado Garcia Gõçaluez. 386.

Cap. 185. Como o Meſtre deu os bens dos que erão culpados cõtra elle 388

Cap, 186. Como Vaſco Pirez tomou voz outra vez por ElRey de Caſtella. 391

Cap. 187. Dos impedimento, q̃ o Doutor diſſe, porque Dona Ines não podia ſer molher DelRey D. Pedro. 393.

Cap. 188 Da diſcordança, que os fidalgos, & pouos auião antre ſy ſobre a eleição, que querião fazer. f. 396.

Cap. 189. Do recado, que ElRey Dom Affonſo enuiou â Corte de Roma, por o Infante ſeu filho non caſar com Dona Ines. f 399.

Cap. 190. Do recado, que ElRey Dom Pedro enuiou ao Papa, & da reposta, que lhe de lá veyo. f 401.

Cap. 191. Como acordarão todolos fidalgos, & pouo, que alçaſſem o Meſtre de Auis por Rey. f. 405.

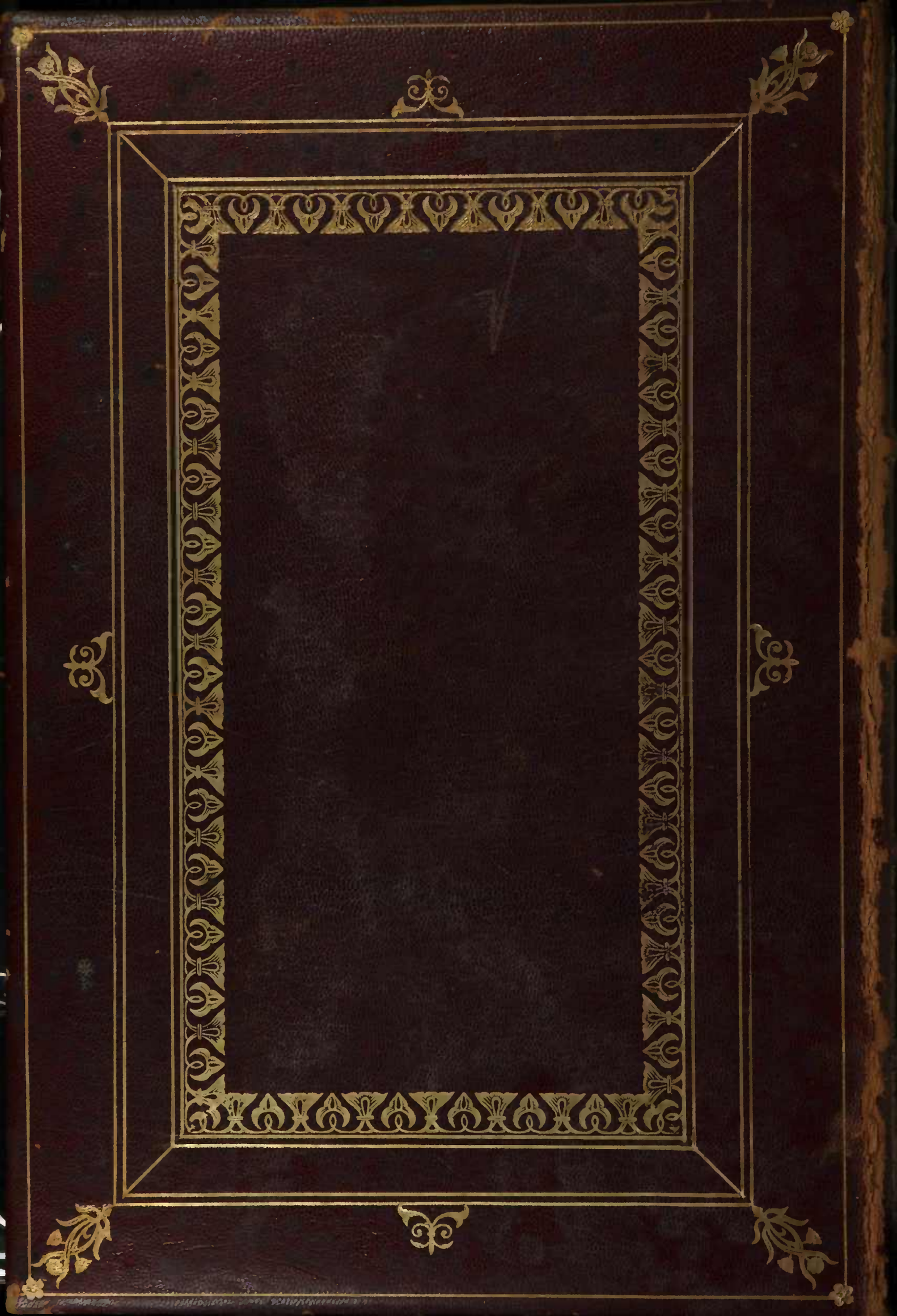
Cap. 192. Das rezoens, que os fidalgos, & pouos ouueram com o Meſtre, & como foy alçado por Rey f 407.

Cap. 193 & vltimo. Como Nuno Aluarez foy feito Condeſtabre, & de alguns modos de ſeu viuer. f. 409.

FIM.

Com todas as licenças nẽceſſarias.

Foy impreſſa eſta primeira parte da Cronica DelRey Dom IOAM o Primeiro. Em Lisboa, por Antonio Aluarez Impreſſor DelRey noſſo Senhor. Anno de 1644.



Brasiliana USP

BRASILIANA DIGITAL

## ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliana@usp.br).